

**CAMINHEIRO
SEM RUMO**

ILZE ALVES DE SOUZA

CAMINHEIRO SEM RUMO

R o m a n c e

Salvador – Bahia – Brasil
2011



*Círculo de Estudo,
Pensamento e Ação*



Círculo de Estudo,
Pensamento e Ação

Editoração CEPA

Rua Souto Dalva, 98 – Barbalho
Salvador-BA, Brasil, 40.300-060
Telefax 71.3242.0502 – E-mail: movcepa@bol.com.br

Prefácio:

Saulo Carreira de Menezes

Comentário:

Tânia Paixão Santos

Capa:

Tânia Paixão Santos

Revisão:

Zélia Chequer
Redacta Consultoria Educacional
E-mail: redacta@redactaconsultoria.com.br

Editoração eletrônica e produção gráfica:

Couto Coelho
E-mail: coutovsk@yahoo.com.br

©Copyright by Ilze Alves de Souza
®Todos os direitos reservados
Salvador, Bahia, 2011.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária: Juliana Braga CRB-5 1396

S729c Souza, Ilze Alves de.
Caminheiro sem rumo./ Ilze Alves Souza. – Salvador:
Cepa, 2011.
516p.; 21cm

ISBN: 978-85-7239-033-0

1. Romance Brasileiro 2. Literatura Brasileira I. Título
CDD – B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura Brasileira B869.3



Ao Senhor Deus

.....
PARA VOCÊ – MINHA FLOR



À MINHA ESPOSA

*Obrigado a você Sônia
namorada.*

*Obrigado a você Sônia
noiva.*

*Obrigado a você Sônia
esposa.*

*Obrigado a você Sônia
companheira.*

*Obrigado a você Sônia
mãe de meus filhos.*

*Obrigado a você Sônia
avó de meus netos.*

Ilze



AGRADECIMENTOS:

PARA VOCÊS

Filhões queridos

Washington, Litza e Carolina

Netos queridos

*Rodrigo, Rafael, Gabriel, Luiz Guilherme,
Thaís e Nathalie*

À memória dos filhos

SONILZE e ROBSON



AGRADECIMENTOS:

AOS ESCRITORES

Saulo Menezes e Newton Bastos

AOS POETAS

Ilton Alves de Souza – Terezinha de Jesus

Tânia P. Santos – Poema

Sumário



| | |
|----------------------------------|-----|
| Prefácio | 15 |
| <i>Saulo Carreira de Menezes</i> | |
| Leitor | 17 |
| I Parte | 19 |
| I | 21 |
| II | 37 |
| III | 55 |
| IV | 67 |
| V | 85 |
| VI | 103 |
| VII | 137 |
| VIII | 157 |
| IX | 181 |
| X | 203 |
| II Parte | 227 |
| I | 229 |
| II | 255 |
| III | 273 |
| IV | 285 |

| | |
|------------|-----|
| V | 309 |
| VI | 331 |
| VII | 363 |
| VIII | 375 |
| IX | 397 |
| X | 423 |
| XI | 443 |
| XII | 449 |
| XIII | 459 |
| XIV | 481 |
| XV | 497 |
| XVI | 501 |

Prefácio



Saulo Carreira de Menezes

Ilze Alves de Souza, emérito professor de biologia, homem de grande poder de observação da vida, esqueceu um pouco a ciência, para nos presentear com sua vivência, calcada na história de um menino matuto, com seus recalques, desejos, devaneios e força de autossugestão tamanha, a ponto de revitalizar, por meio de lendas ouvidas dos mais velhos, seu motivo de viver.

Nascido pras bandas do nordeste baiano, nosso escritor prova que não é a profissão que faz o homem. Não foi a biologia que fez o escritor, mas a sensibilidade, o poder de observação, a qualidade de saber transmitir para o leitor, a natureza de seus vibrantes personagens, cuja vontade própria de cada um nos faz acreditar que não é o Ilze quem esta falando, nas linhas diretas, ou no desenrolar do tema, mas eles próprios. Seus personagens têm presença marcante, viva, em todo o desenrolar do drama, compondo, assim, uma obra densa, abrangente. Basta dizer que concluí a leitura de **Caminheiro sem Rumo**, no último sábado e, de lá para cá, fui envolvido por muitos afazeres, fim de semana cheio de lazer, as preocupações normais do dia a dia, e, o que mais me impressiona, é o fato de, nesta semana toda, ter lido vários outros textos, mas, nem mesmo assim, apagaram-se, de minha visão, os ambientes vividos por seus personagens.

Tila e D. Zilma montaram o par de esteio da estrutura da obra, ajuntando-se a Terezinha versus Menina do Rio, para completar o terceiro apoio, onde o Professor instalou seu plano de ação para dar vida a Zilmário. Disto, este se aproveitou e viveu em nossa imaginação, a despeito de todos os seus complexos infantis.

O palco onde se desenrola o enredo, embora se estenda para Salvador, não podia ser nenhuma outra, senão a cidade natal do escritor, Entre Rios. Ah! Entre Rios! Que bom ter vivido ali. Seu povo, como o de qualquer pequena cidade nordestina, aparece simples, de forma nua, trazendo, para nós que vivemos em terras semelhantes, saudades, além do espelho de uma comunidade que não tem maiores projetos, exceto o de viver, apenas viver.

Mas o professor Ilze não fica por aí. Às vezes deixa de ser um contador de história e passeia magistralmente nas plagas da poesia. São trechos em quadras bonitas, pequenas estrofes regionalistas, que enfeitam o escopo do livro. São trechos de imagens literárias onde o autor parece agitar-se alegremente, com muito primor, de forma tão tocante, que me vejo obrigado a transcrever, pelo menos uma pequena parte: “Comparou-a a um pé-de-vento que dá seu passeio pela cidade; desses ventos amalucados que remoinham pelas ruas, levantam poeira, obrigam os papéis vagabundos a entrarem numa dança endiabrada... levantam as saias das mulheres e, satisfeitos com suas próprias diabru-ras, vão-se...”

Somente as pessoas que viram um desses pé-de-vento é que podem sentir a força de expressão do autor. Muitos são os comentários que gostaria de tecer sobre “CAMINHEIRO SEM RUMO”. Fico por aqui, entretanto, na espera de poder, mais e sempre, ler as boas letras do ilustre biólogo.

I Parte



I

Passageiros conversavam alegremente sobre assuntos variados e próprios da camada social que viajava na primeira classe do moderno trem, carinhosamente apelidado Trem de Alumínio. Destacavam-se os noticiários sobre o desfile realizado pela Força Expedicionária Brasileira, no Rio de Janeiro, antes de embarcar para a Itália, onde participaria da guerra, e as atitudes políticas do Sr. Getúlio Vargas com o objetivo de incentivar o desenvolvimento da cultura do café.

Indiferente às conversas, o chefe do trem passava entre os passageiros, impondo sua voz sobre as demais.

– Próxima Estação: Entre Rios! Próxima Estação: Entre Rios...

As pessoas sentiam-se atraídas pela voz. Mesmo os modorrentos se empertigavam diante da seriedade do homem.

A mensagem repetida a intervalos regulares alcançou um jovem que se mantivera com a cabeça encostada ao vidro da janela desde o aparecimento dos primeiros raios solares. No rosto contraído, notavam-se sinais de sofrimento. O contorno geral, apesar de delicado, era viril. Voltou-se para a classe. Gostava de olhar o chefe do trem. Agradava-lhe sua elegância, a roupa engomada, os botões dourados, o chapéu raso que cobria parte dos cabelos.

Após a saída do homem fardado, o rapaz manteve-se absorto. Percebendo olhares curiosos em sua di-

reção, retornou à admiração da paisagem. Resolutamente suspendeu a guilhotina de vidro, permitindo a entrada do vento fresco da manhã.

Espichando a cabeça mais um pouco para fora da classe, pôde ver a máquina soltando fumaça. Pareceu-lhe sentir, misturando-se ao odor da fumaça, o aroma do alecrim. O mesmo cheiro que dele se despedira, quando, quatro anos atrás, fora levado para o ginásio na capital. Agora, o alecrim dava-lhe as boas-vindas.

O coração do jovem bateu mais forte. Ondas de calor subiram-lhe aos olhos. Misturavam-se os sentimentos: tristeza, alegria, partida, regresso. Precisava conter-se, ou, então, a primeira colina reconhecida ou a visão de um cajueiro, tão natural da região, fatalmente o fariam chorar. Seria vergonhoso. Um homem chorando como criança? Não! Chorar, não! Não posso deixar isto acontecer. Quando viajei para a Bahia, não chorei! Não pude chorar. Senti vergonha de meus pais. Mesmo dominado pela tristeza, por deixar Tila, minha terra, parte de minha vida, não pude chorar. Nem queria ir me internar no colégio. Fui obrigado! Ouviu, minha terra? Eu fui obrigado!

O ruído da locomotiva encobriu as palavras dirigidas à terra. Precisava vencer a vontade de chorar. A saudade contida nos quatro anos de ausência forçava as lágrimas. Vários fatos vividos retornavam, atropelando-se na mente. Uma Igreja, o Rio Subaúma, um prato de canjica... o pau de sebo. Quantas recordações! E, agora, tudo morrerá de uma só vez...

O monólogo foi interrompido. A imagem de um menino, a lembrança de seu nome – Tonho – quebrou o encantamento. Ele fazia parte de tristes recordações.

A paisagem modificava-se. Apareciam os primeiros sinais de roças e fazendas. Concentrou-se neles a fim de ocupar o cérebro e evitar as recordações. Contudo, uma força interna, fortemente enraizada, transpor-

tava-o à infância. Era uma criança à procura do pai, querendo saber se o pênis era diferente do de outros meninos.

A resposta fria, de que ele era igual aos outros meninos, fê-lo retornar ao quarto com a cabeça baixa, envergonhado. O pai mentira. Era diferente dos outros meninos. Percebera isto, desde o dia que passou a ser o marco em sua vida. Durante o café da manhã, ouviu o pai dizer que o trem iria trazer algumas mercadorias para o armazém. Mandaria um carro de boi à Estação para o transporte.

Terminada a refeição, o menino permaneceu calado.

– Está sentindo alguma coisa, Zil?

– Hem? Não, mãe!

– Você não me engana!

– É que... é...

– Diga, meu filho! Sua mãe faz tudo o que você deseja!

A conquista foi rápida. Zilmário ficou admirado. Não fosse a cadeira um móvel pesado, tê-la-ia jogado ao chão, tal a precipitação em dirigir-se à cozinha.

– Tila! Tancinha!

As mulheres ouviram a narrativa do garoto. Tancinha exultou. Pela primeira vez, o companheiro de brinquedos iria a um passeio sem a vigilância de dona Zilma ou de Tila.

O tempo moroso da manhã irritava o menino, deixando-o temeroso de que sua mãe se arrependesse e o passeio fosse desfeito. Pouco se interessou pelas folhas ao lado de Tancinha. Preferia se refugiar em Tila. Ela era forte o bastante para impedir que lhe tirassem a alegria de ir passear de carro de boi.

– Ela deixa mesmo, Tila?

– Oxente, Zir, intonce sua mãe num tem palavra? Onde já se viu tamanha discunfiança?

– Já pensou, Tila, ajudar seu Porfiro a guiar o carro? Como é mesmo o nome dos bois?

– Ah! Isso num sê... É uns nome insquisito inventado pur aquele nego: vorta braba, mandacaru... num sê. Tenha paciência, ocê vai vê!

– Tila, ele ainda demora muito pra chegar?

– Oia, pra demorá meno, ocê vai brincá lá fora no quintá, e eu aperparo o almoço. Quano tivé tudo pronto, aí intonce, tá perto do passeio, viu? Vai, vai...

Zilmário nunca perdera tanto no jogo de capitão quanto naquela manhã. Sentada à sua frente, Tancinha ria alto ao ganhar uma partida. Quando estava assim, alegre, ficava ainda mais bonita.

Ele, ao contrário, mostrava-se inquieto. Além da expectativa do passeio, perturbava-o a cena criada por Tancinha. A saia formava entre as pernas um saco, onde a menina ia colocando as pedras conquistadas. A cada movimento, o vestido dobrava-se mais, possibilitando ver-lhe as coxas e a calcinha.

– Não quero jogar mais!

– Por quê, Zil? Tô robando? Eu sei o que é! Está arranjando outros amigos e não vai mais brincar comigo, não é? Pode deixar, não me incomodo...

– Boba! Não é nada disto! Eu estou cansado desta posição. Vou chupar uma manga.

– Quer que eu apanhe uma pra você? Vamos tirar do pé? Vamos?

– Subir na mangueira? Não! Nada disto! Apanhe uma na fruteira.

– Tá bem! Tá bem! Vamos pegar na cozinha.

Vendo os meninos pegar as frutas, Tila reclamou:

– Ocês vão perdê o pitite!

– Apetite, Tila!

– Vem, muleque, vem me afrontá! Vem pra cima de eu cum nuvidade! Já se insqueceu quem mudou suas frardas? Pera aí, muleque, tenho umas parmadas pro'cês!

As crianças fugiram para o quintal, fingindo estar com medo de Tila. Ali era o refúgio perfeito. Além de servir às brincadeiras, havia árvores frutíferas de vários tipos.

– Olha, Zil, a goiabeira tá carregadinha! Vamos ver se tem madura?

Zilmário ficou encabulado. Rapidamente a menina subiu na árvore. A saia amarrada na cintura expunha as coxas brancas e grossas. Os olhos se fixavam, teimosamente, num ponto mais destacado entre as pernas da companheira. As pernas tremeram. Forte calor subiu-lhe ao rosto. Se os vissem assim, por certo perderia o passeio.

– Tancinha, vou entrar.

– Não quer goiaba?

– Não! Desça logo daí. Você pode cair.

Pelo resto da manhã, Zilmário evitou a amiga. A sensação esquisita persistia presa à lembrança da menina trepada na goiabeira. Que menina maluca, nem tem medo de cair! Faz cada uma... Se mãe nos pega... nem sei!

Chegara a hora do almoço. Esquecido dos acontecimentos anteriores, comeu gulosamente. Queria pedir mais um pouco de compota de goiaba, quando Tancinha aproximou-se da mesa, informando a chegada do carreiro.

– Tá bem, Tancinha, diga ao Porfiro pra entrar e fazer uma boquinha. Zilmário vai com ele e necessita descansar o almoço para não fazer algum mal.

– Vamos, meu filho, vamos até o quarto. Terá de vestir alguma coisa própria à ocasião. Dê-nos licença, Mário.

O homem assentiu com leve sinal de cabeça. Entendia a mulher. Desejava ficar a sós com o filho para lhe transmitir os conselhos finais. Era exagerada na proteção do menino. Tanta mimação não podia ser

bom à educação do homem, porém não tinha coragem de contrariá-la. Tila é quem estava com razão ao dizer: Quando a gente quer pegar galinha, não diz xô galinha, e sim, ti-ti-ti! Ah, mulher danada de sabida! Vou seguir seus conselhos... Tudo tem tempo certo, ela ainda vai gemer sob meu peso; gemido de prazer!

Mário permaneceu à mesa. Não era preciso estar no quarto para saber da conversa, ou melhor, do monólogo da esposa mandando Zilmário tomar cuidado. Não ficasse perto da canga dos bois, não desobedecesse ao Porfiro e, quando estivesse na Estação, não andasse sobre os trilhos nem chegasse perto da máquina. Procurasse ter cuidado com o tratamento aos filhos do empregado. Eles também eram gente, filhos de Deus, mas não lhes desse intimidade exagerada. Se tudo corresse bem, seria provável fazer outros passeios.

– Coitado! Parece que estou vendo Zil balançando a cabeça, consentindo com tudo. Por minha vontade, ele devia ser mais rebelde... Já chega de tanta lenga-lenga. Vou lá! Daqui pra Areias, de carro de boi, demora muito...

A saída de Zilmário foi acompanhada por seus pais e Tila. Somente quando o carro se afastou, o menino suspirou aliviado. Zilma manteve a mão acenando como se quisesse lembrar-lhe todos os ensinamentos. O pai gritava a Porfiro que tomasse conta dele.

O sobrado saiu do campo de visão. Os filhos do carreiro tomaram a iniciativa da conversa. De nada adiantaram as reclamações do homem para os meninos deixarem seu Zil em paz. Eles não acreditavam que o filho do patrão, menino como eles, fosse diferente, não gostasse das mesmas coisas, das quais gostam todos os meninos.

– Não é bão passia de carro de boi, Zil?

– Zil o quê, discarado... seu Zilmário! Tu não se compreende?

– Meu nome é Zil, seu Porfiro.

– Esse seu Zil... dá intê vontade de dá uma gargaiada! Entonces não se incomoda? Essa não era pr'agora... Oia, entonces, meu nome é Porfiro... Mas, tem uma coisa, é só aqui no carro.

– Ê todo mundo: Porfiro, Zil, Tico e Toinho.

Num carro de boi, gemedor dos bons, na cadência indolente dos animais, na cantiga do carreiro, no cheiro doce do alecrim, os corações se igualam, dissipam-se os sentimentos vis. Ficam todos iguais na alegria do viver simples e humilde. Até os animais participam da fantasia, sacudindo suas caudas, indiferentes aos gritos da meninada.

Zilmário sentia-se extasiado. De vez em quando, a lembrança de Tila, seus conselhos, seus provérbios: Ovido de minino é brocado, Zir, As cunversa entra prum lado e sai pru outro. Minino é como passarinho, Zir, quano ganho de liberdade, nem s'alembra de mais nada. Qué mermo é proveitá o tempo.

– Oia lá, mininos, chegamo! Vou falá cum seu Aristides. Vancês podem vadiá por aí. Com cuidado! S'alembre das palavra de seu pai, Zil: cuidado com a máquina quando o trem chegá.

As últimas ordens de Porfiro foram ditas aos gritos. Os meninos corriam em direção aos trilhos, à busca de aventuras. Zilmário ouvira dizer que, se colocasse o ouvido sobre o trilho, saberia a distância em que o trem se encontrava. Era uma boa oportunidade de experimentar.

Tico foi o último a encostar a cabeça no ferro. Um silvo prolongado fê-lo levantar apavorado.

– Corre, cambada! Corre, Zil! Lá vem o bicho! Vamo saí daqui. Depressa!

– Sebo nas canela, Toinho.

O apito do trem chamou a atenção de Porfiro. Vendo os meninos subirem na plataforma, esbaforidos pela

corrida, reclamou seriamente. Se fizessem outra estripulia assim, ficariam de castigo. Queriam morrer? Seu Maro confiou nele pra tomá conta do fio. Não foram avisados pra não ir perto do trilho? Se acontece alguma coisa ao menino, como vô dizer a seu Maro?

– Nós fica quieto, né Zil?

A resposta de Zilmário perdeu-se em meio ao ruído do trem que chegava. Vários vagões compunham o comboio. Alguns carros transportavam bois, outros, com enormes portas de correr, estavam apinhados de mercadorias diversas.

– Puxa! Como é grande, não é, Zil? Veja os boi, cada bitelo...

Zilmário ainda não tivera oportunidade de ver bois como aqueles tão de perto. Sua vista foi atraída pelos testículos enormes entre as pernas dos touros.

– Vamo, Zil? Vamo ver o resto do trem! O que tem do outro lado? Vamo ver?

– Vamos! Nunca vi um trem pelo outro lado. Não tem perigo? Seu pai disse pra gente não se aproximar da máquina nem dos trilhos.

O trem estava parado. Que risco poderia haver? Se fossem bem depressa, nem dariam por falta deles. Olhariam ligeiro e pronto. Passariam por trás dos vagões. Assim, a máquina ficaria bem distante.

– Está bem! Mas, vamos depressa, a gente olha e volta logo.

Os três garotos respiraram forte ao se aproximarem da máquina.

– Viu? Não disse que não tem perigo? O trem tá parado.

– Será que o maquinista se incomoda se chegarmos mais perto da máquina? Um instantinho só, Tico?

– Acho que não! Toinho fica aqui. Ele é muito pequeno.

– Num fico, nada! Eu vai tombém, porque, senão, digo a pai!

Os argumentos do menor convenceram os outros. Já estavam errados de qualquer forma. Se Toinho contasse a Porfiro, adeus novos passeios.

Cautelosamente, aproximaram-se da máquina. O calor provocado pelo vapor aumentava, seus corações batiam mais forte. Que beleza! A máquina chiava e soltava fumaça. Tanto ferro: alavancas, rodas, eixos brilhantes. Todos seriam maquinistas quando crescessem. Muito melhor do que conduzir os lerdos bois atrelados ao carro.

– Veja, ela tá mijano! Vamo mijá nela tombém?

Os pequenos corpos espicharam a cintura para frente, tentando impulsionar o jato mais distante.

– Zil, sua rola é diferente! Veja a minha, abre toda... a sua, não!

– É mesmo, Tico! Vou perguntar a pai quando a gente chegar em casa.

A observação de Tico passou a fazer parte do mundo de Zilmário, ocupando um lugar no seu cérebro. A princípio, não lhe deu muita importância; o carro já estava carregado, e Porfiro os chamava.

O trem deu partida. Acabara-se o sonho alegre. Agora só restava retornar a Entre Rios, à vida enfadonha. Desejou a presença de Tila e da mãe. A noite começava a se aproximar, e ele não gostava dela. Temia seus sons agourentos, as figuras de sombra a andar pelas paredes.

– Tá chorando, Zil?

– Eu não! Já viu homem chorar? Foi um cisco...

– Zil não tem costume de andá na puera, né pai?

O resto do trajeto foi em silêncio. Mesmo quando chegaram à casa de Zilmário, falaram pouco.

Zilma recebeu o filho efusivamente. Também Tila e Tancinha vieram vê-lo. Ouviram, atentas, a narração sobre o passeio. Quando ele gaguejava, Tila fazia-lhe caretas, indicando-lhe que não estava acreditando. Ele estava omitindo muita coisa.

O jantar saiu mais cedo. O menino precisava descansar. Na cama, porém, não pôde dormir. O sono fora espantado pelas palavras de Tico, se intercalando com as perguntas feitas por ele mesmo. Por que era diferente dos outros? O cantar do galo fê-lo esquecer o passeio. Galo quando canta fora de hora, Zir, é pra anunciá qui tem moça robada dano o fora.

O trem levava e trazia as recordações. Desde aquela noite, nunca mais conseguira dormir tranquilo. Logo no início do sono, repetia-se o mesmo pesadelo. Via-se no meio de um campo, ao lado de duas pessoas, uma mulher e um homem, a lhe esticarem os braços cada uma para um lado. A mulher vestia-se de branco, e o homem de preto. Os rostos se apresentavam enfumacados. O homem poderia ser o padre José, e a mulher? Não aparece com muita clareza. Será mãe? Coitada, ela sofre muito... sempre me defendendo. É... é uma pena, ela vai ter um grande desgosto!

Árvores passavam velozmente, forçando-o a movimentar a cabeça. Cada uma devolvia-lhe punhados do passado. Devolvessem! Pouco importava agora: lembrar e esquecer. Em breve, haveria uma fusão nuclear, transformando-o numa bomba!

À frente do trem, os trilhos pareciam se tocar. Sorriu ao recordar o professor de matemática afirmando que as paralelas se encontram no infinito. Era outro infeliz! Melhor seria morrer... Padre Dilermando, o feio padre Dilermando, tão magro e desajeitado... Os alunos o apelidaram de Batina Ambulante. Dava mesmo a impressão, quando ele vinha ao longe, de que a batina e o chapéu andavam sozinhos.

Zilmário fechou os olhos, tentando manter a imagem do padre. Gostava muito do mestre. Durante os anos no colégio, talvez tenha sido seu único amigo. Apiedara-se da tristeza estampada no seu rosto ao vê-lo pela primeira vez. A camaradagem sincera servia de

amparo mútuo quando necessitavam de conforto espiritual. Grande amigo! Se o padre Dilermando estivesse aqui ao meu lado, teríamos muitos assuntos para discutir: este das linhas do trem que parecem estar se tocando; aquele, que gerou uma discussão danada na sala de aula, quando perguntei o que aconteceria a um objeto se fosse lançado para cima, por uma pessoa dentro de um veículo em movimento. Foi uma discussão da pega. Alguns alunos afirmavam: o objeto cairá para trás; outros, na vertical... Foi uma gota! Acabou a aula, e a questão não foi solucionada. Pobre padre Dilermando, se eu soubesse que daria tanta confusão, não teria feito a pergunta. Ficou tão encabulado. No outro dia, apareceu com um bando de teorias para explicar o caso. O diabo é que algum aluno sempre tinha como rebater.

Um riso saudoso perdurou nos lábios. Nesses momentos, o presente se tornava irreal, servindo apenas para ligar-se às recordações.

Passando por um corte de morro, observou o barro vermelho bem característico da região. Estavam chegando. Finalmente iria rever a terra, pisar o solo que, dentro de pouco tempo, o receberia para a morada eterna. Quanta riqueza perdida dentro do barro! O barro vermelho é rico em ferro. Idiotas! É rico em tudo! Esta é minha terra! Ah, se fosse possível viver aqui, desfrutar a felicidade, conversar com a turma, jogar bola e, à noite, como todo rapaz, ir à casa de uma mulher-dama. Oh, Deus, Deus, se me fosse possível! Mas... não é! Não consigo ser um só! Tenho medo de mim mesmo, de desonrar minha mãe, de ser infiel a ela. Não tenho nem certeza de minha personalidade. Droga, como posso ter medo até de pensar? Sou anormal! Esta é a grande verdade! Meu pai me enganou! Mentiu! Não sou igual aos outros meninos. Já vi a rola de outros rapazes, e é diferente da minha. O pior é que nunca mais tive

coragem de perguntar a alguém. Depois daquele dia com meu pai, nem mesmo ao padre Dilermando tive coragem de perguntar. Um dia, todos vão descobrir. Aí, cairei no ridículo, além de magoar minha mãe. Um filho homem que não é homem! Não! Tenho de seguir em frente. A mentira sempre me acompanhou: quando mentiam para mim, quando eu mentia para os outros.

Os cabelos esvoaçando ao vento eram negros e brilhantes. A pele, de um moreno claro, mostrava-se avermelhada em consequência do sol da manhã. Deveria entrar, mas o sol estava tão bom! Talvez até o ajudasse a curá-lo da gripe. Estudara muito para alcançar excelente colocação nos exames de fim de ano. Seria o presente para os pais e Tila. Dedicando-se aos estudos, porém, negligenciara com a própria alimentação, provocando o aparecimento das dores nas costas e no peito, além de uma febrezinha persistente. E daí? Estava prestes a dar fim à própria vida... era até uma besteira preocupar-se com uma gripe tola.

Modificava-se a paisagem. Sinais de atividade humana eram mais constantes. Um filete de fumaça elevava-se ao longe; um cercado; pequenas casas de palha; um mugido e, finalmente, um ser humano – um caboclo montado num cavalo de pequeno porte. Ao avistar o trem, postou-se à beira da estrada. Saldou os passageiros, sacudindo o chapéu de couro.

Zilmário alegrou-se. Era sua gente, que o cumprimentava. Aquele homem representava o povo da terra. Cumprimentava-o como se sentisse felicidade pelo seu regresso.

– Quem vai saltar em Entre Rios? Quem vai saltar em Entre Rios? Preparar o desembarque!

Em obediência à fala do chefe, formou-se pequena agitação entre os passageiros.

- O senhor vai saltar aqui?
- É comigo?

– Sim... não tenho muita lembrança do senhor e, olhe, conheço todos na cidade. É filho de alguém conhecido? Eu vinha lhe observando, mas não consigo lembrar!

Zilmário não sabia como agir ao encarar a mulher. Ela também lhe parecia vagamente conhecida. Forte pontada no peito fê-lo tossir. Se fosse reconhecido, estaria perdido. Quando a mulher encontrasse as pessoas da cidade, todos saberiam de sua chegada. Droga! Droga! Se eu vir mãe e pai, não terei coragem de levar minha missão a cabo.

– Não, senhora, eu não sou daqui. Vim passar as férias com amigos.

– Hum! Se o senhor quiser, pode ir comigo para a cidade. Vem um carro me buscar. Parece um cabriolezinho, mas tem lugar suficiente.

– Obrigado! Meu amigo deve estar me esperando!

– Então, desculpe a indiscrição. O senhor pode me ajudar a descer a bagagem? Não repare não, viu? Afinal, tenho idade de ser sua mãe... É uma maletinha, não pesa quase nada. Quando viajo de trem, fico com o corpo dormente e não tenho muita força!

– Não, senhora! Pelo amor de Deus, terei muito prazer em ajudar!

Pretextando despedir-se de um companheiro que viajava em outra classe, Zilmário pediu licença por alguns momentos. Necessitava articular uma saída para saltar sozinho. A desgraçada tinha de aparecer justamente próximo da hora do trem parar? Poderia ficar escondido no sanitário até o início do desembarque. Não, isso despertaria mais suspeitas!

Ao passar de um vagão ao outro, olhou para trás. A mulher segurava uma maleta sobre o colo. Entrou no sanitário. Ficaria lá dentro até o trem começar a parar.

O local despertou-lhe vontade de urinar. Ao ver o pênis, desdenhou de seu formato. Quase completamente fechado. E o pai ainda tivera coragem de dar desculpas, dizendo que era igual ao dos outros meninos.

Disposto a enfrentar a mulher, retornou.

– Ah, o senhor voltou? Já estava começando a me preocupar! Estamos parando, vê? Estamos parando... Encontrou seu amigo?

– Sim, senhora, ele está bem! Estou pronto! É melhor nos apressarmos!

– Só tem esta maleta?

– O resto da bagagem já veio desde alguns dias. Aqui tem somente o indispensável para a viagem de Salvador até aqui.

– Ah, então é de Salvador, da capital? É estudante lá?

A pressão dos freios causou desequilíbrio em alguns passageiros.

– Esta é a pior parte da viagem para mim. Quando o trem está parando, fico como se fosse um bêbado... Posso segurar no seu braço, quando estiver descendo?

– Pode.

– Obrigada, espero que não faça mau juízo de mim. Dizem que não é próprio a uma senhora viajar sozinha... e, além do mais, conversar com um cavalheiro como o senhor, sem conhecer... A língua do povo, o senhor sabe, é fogo!

– É verdade!

– Mas, eu vim de perto. Fui visitar minha nora. Ela deu à luz. Eles me botam no trem numa Estação e me tiram na outra. Vê algum mal nisso?

Durante a descida, não se falaram.

– Olhe, ali está nosso transporte. Não quer mesmo ir comigo?

– Obrigado, a senhora é muito gentil, mas não quero me desencontrar do meu amigo!

– O senhor tem muitos amigos... Espero ver sua pessoa qualquer dia na cidade. Gostei muito do senhor. É muito educado. Não estranharia se fosse filho de família de princípio... Digamos... de dona Zilma, por exemplo. O filho dela está estudando na Bahia. Deve ser assim como o senhor.

– Bom, agora, a senhora me dê licença.

Quase a correr, o rapaz afastou-se do local. Fora reconhecido.

II

locomotiva afastou-se da Estação. Zilmário acompanhou seu distanciamento, enquanto se refazia do susto que levava com a mulher. Comparou-se à máquina. Ela não aceitou de boa vontade a ordem para voltar a puxar os vagões. Parecia cansada, necessitando de repouso. Queria ficar ali mais um pouco saboreando o olor trazido da mata pelo vento fresco, mas um apito autoritário ordenou-lhe a partida. Também era assim, obrigado a cumprir ordens, mesmo contra a própria vontade. Covarde. Pura covardia! Nunca tivera coragem de se rebelar como fizera a máquina, resfolegando, emitindo ruídos ensurdecedores.

Um silvo longo, melancólico, ecoou de longe se perdendo pelo céu azul. Era o adeus do trem.

Na plataforma, a agitação continuava. Afastou-se. Os pés, ainda dormentes, pisando o chão como se andasse sobre areia fofa, levaram-no ao quintal da casa onde morava o chefe da Estação. Depois de alguns minutos sob um pé de jenipapo e refeito do susto, falou alto, como se estivesse ao lado de outra pessoa.

– Parece que foi ontem que estive aqui, hem? Parece tudo da mesma forma: o mesmo céu, as pedras soltas ao lado dos trilhos, a borboleta dourada girando para frente e para trás. Você é muito mais bonita do que a Estação da Calçada, lá em Salvador...

A imaginação soltou-se, levando-o a galope por trilhas já percorridas. De olhos fechados, para melhor

saborear os momentos felizes do passado, sorria, livre da ideia fixa do suicídio. Eram momentos curtos. A felicidade sempre ocupara pouco tempo em sua vida. A inquietude, ao contrário, reinava soberana sobre todas as outras emoções, obrigando-o a atos desarticulados, a vagar a ermo pelo espaço real ou irreal. O vivido, o vivente e o viver alternavam-se e, às vezes, nem mesmo ele sabia em qual fase do tempo se encontrava.

– Zilmário, você vai para Esplanada?

– Vou com o pai, ele vai fazer compras para o armazém.

– Vai dormir aqui hoje, não é? O trem de Esplanada passa amanhã cedinho.

– Por isso vamos dormir aqui.

– Ser menino é melhor. Você vai para onde quer. Você lembra quando estive aqui, no ano passado? Tava com os filhos de seu Porfiro. Eu fiquei olhando vocês pelo vidro da janela. Aí, quando foram pro outro lado da máquina, eu fui lá detrás daquelas pedras e vi...

– Você viu a gente?

– Vi, sim! Vi tudinho... tudinho mesmo... Vi quando vocês urinaram...

Envergonhado, o menino ruborizou. Ela vira o seu membro defeituoso. Sabia como era diferente.

– Veja, eu também posso fazer aquilo...

Zilmário correu em direção à casa. A garota colocara um graveto entre as pernas, empinando-se para frente, como se estivesse urinando.

O medo de ser visto ao lado da menina parecia estar acontecendo novamente. Retornou ao presente. Garota maluca! Provavelmente ainda mora aqui. Deus me livre dela me descobrir. Mas, que era descaradinha, era! Fazer uma coisa daquelas... Não deve ter sido por maldade. Foi inveja de mim. Dizia que ser homem é melhor. Coitada, se soubesse como soffro! Ser homem e não saber ao certo se é... Tenho vergonha! Quando

souberem... Nesta terra, tudo o que se faz chega logo ao conhecimento de toda a população. Teria o pai dela descoberto e falado com minha mãe? Quem sabe, teria sido este o motivo de terem me mandado para Salvador? E eu tive alguma culpa? Saí logo do lugar, antes de sermos descobertos. E se ela disse que a chamei?

Atemorizado, voltou para a frente da Estação. Alguém da casa poderia vê-lo observar o quintal e reconhecê-lo.

O lugarejo era composto pela Estação, algumas casas, a escola e a Igreja. Poucas vezes estivera ali. De cada uma delas, ficaram fatos fortemente gravados na memória: o odor tão desagradável da água velha nas tulipas, onde as beatas colocavam flores para enfeitar a Igreja, as velas ardendo, o entrançado da porta do confessionário, os variados sóis entrando pelos vidros coloridos... Se a Igreja estivesse aberta, poderia pedir ajuda a Deus. Ah, se Ele o ouvisse!

O batente do Cruzeiro, em frente à Igreja, serviu de banco enquanto o rapaz revia cenas do passado. Um dia divertira-se com as crianças da escola, cantando o Hino à Bandeira, vendo suas brincadeiras de maria-escombonda, cabrioladas na relva rasteira.

Duas badaladas romperam o devaneio. O relógio da Estação lembrava-lhe o tempo passar. Já era hora de pensar em subir. A mulher do trem não deveria ter falado sobre ele. Se o tivesse reconhecido, teria contado aos seus pais, e eles não ficariam tanto tempo sem ir à Estação.

Outro adeus. Agora, em forma de prece, dirigida à pequena Igreja de Areia.

Desabituaado a andanças a céu aberto, muito cedo sentiu cansaço. As pedras soltas na ladeira dificultavam os movimentos. A respiração forçada aumentou a dor no peito, obrigando-o a parar. Refugou a vontade de se sentar sob a copa de alguma árvore e tirar uma sone-

ca. Havia necessidade de alcançar Entre Rios por volta das quinze horas, quando, provavelmente, o pai estaria no armazém, e a mãe, se bem a conhecia, na Igreja, ultimando os preparativos para a missa em ação de graças, por seu retorno. A Igreja teria de ficar toda enfeitada. Toda enfeitada para quem não merece! Ah, mãe, mandei avisar que chegaria amanhã, pois sabia que a senhora viria me esperar, e, aí, meu plano iria por água abaixo. Vindo um dia antes, posso levar meu plano a cabo. Foi tudo premeditado, tudo bem estudado, até os horários dos trens. Quero ter a certeza de poder agir livremente... O sol está uma fogueira! É bom não puxar o passo, poderei não aguentar o rojão. Vamos lá...

Alguns passos adiante, um cajueiro carregado convidou-o ao descanso. Parou à contemplação dos frutos vermelhos; folhas modificadas, como dizia o professor de botânica. Demorou-se na admiração da árvore até ser despertado pelo cantar de um carro de boi.

As emoções não mais puderam ser contidas. Brotaram as lágrimas. O carro de boi foi o princípio ativo para a exteriorização das reações antagônicas que o dominavam. Quem seria o carreiro? Porfiro? Não! Ele deve estar muito velho. Ah! Vai parar...

– Boas-tarde! O senhor tá perdido pur aqui? É novo na região?

– Boas! Não, senhor! Não estou perdido! Estava indo para Entre Rios. O calor me pegou! O sol está muito quente, não é? Parei um pouco para tomar fôlego...

– Inté parece que o sinhô não é das redondeza! Se quisé, pode assubir no carro também. Tô indo pra lá...

– Não vai ser incômodo? Não vai tirar o senhor de seu itinerário? Depois que eu descansar um pouco, posso ir andando!

– Qui nada! É meu caminho! Inda qui tivesse de andá mais um pouco... Deus ajuda quem faz o bem!

– Então, aceite! Muito obrigado! É melhor do que andar isso tudo!

– Tem de quê. Vamo, vamo! Eia mimoso! Toca, funçadô! Leva, leva... Tá achano graça do nome de funçadô? É pruque ele tem viço de funça o pé da cerca pru mode de fugi.

– Não, não, senhor! Estou rindo é de tudo! Eu adoro esta terra! Gostaria de viver aqui e aqui terminar os meus dias...

– Gente! O senhor é ainda muito novo pra pensá em terminá os dia. Agora... de ficá aqui... é só querê... ninguém impede! A cidade é grande, e a gente é boa. Pode ficá sossegado quanto as muié. Aqui não dá muié discarada. Uma qui foi infié ao marido, ele cortô ela cum inxada, na vista dos pai dela...

– Cortou de enxada?

– Sim! Ora se foi! E os pai dela ainda dero razão ao marido!

– Foi verdade, mesmo?

O carreiro não respondeu. Lançou um olhar enviesado ao rapaz, indicando-lhe que acabara de cometer uma indelicadeza.

Zilmário entendeu a recriminação. Gostaria de continuar a conversa, mas conhecia sua gente. Tentar remediar a gafe seria, no momento, o menos indicado. Sem outra alternativa, decidiu-se esperar, aguardando o amuo do companheiro passar, distraindo-se com o nome dos animais. Pena! Aquele homem humilde era o tipo de pessoa com quem teria grande prazer em conversar. Logo o companheiro voltaria ao diálogo. O povo humilde de sua terra sentia orgulho em servir, principalmente, às pessoas de certo conceito na sociedade. Fazia parte do seu status gozar de algumas intimidades com os patrões. Um bom-dia ou um simples aceno de mão eram suficientes para se conquistar um amigo fiel. Amanhã, quando o povo da cidade ficar sabendo

do ocorrido, será uma recompensa para ele. Na sexta-feira, após a matança dos bois, reunido com os amigos na assada, acorrido ante o bule, olhando a carne sobre a brasa, contará aos companheiros que estivera com o infeliz: era um moço educado, isto eu digo... pur causa das roupa, o modo de falá, vi logo qui era gente boa... Gente muito boa, o fio de dona Zirna, qui Deus o prenda lá! Foi inté instudá na Bahia...

– Oia, lá está a cidade. Tamo chegando! Se aperci-zá de arguma coisa na cidade, é só percurá por Chico Carretero... todo mundo me conhece. O causo da muié foi verdade mermo!

– Muito bem feito!

A afirmativa encerrou a conversa e serviu como prova de confiança e respeito.

– Vê logo qui o sinhô é gente fina.

– O senhor também é pessoa muito boa! Muito obrigado! Pode parar o carro um pouco? Eu vou ficar aqui mesmo. Tenho um amigo que mora mais adiante, vou visitá-lo.

– Intão, inté outro dia!

– Até!

Por alguns instantes, permaneceu parado olhando o carro se distanciar. Sabia que o companheiro acenaria antes da primeira curva.

Perdendo o carro de vista, chorou. Talvez fosse a última visão de um carro de boi. Resolveu afastar-se do local.

Ao cruzar com as pessoas, era olhado ligeiramente por alguns, enquanto outros acenavam a cabeça sem dar demonstração de conhecê-lo. Assim, pôde diminuir o passo, apreciando moradias, casas comerciais, árvores. As lojas iniciavam a ornamentação para os festejos do Natal. As barracas da quermesse estavam sendo montadas. Até o ar ficava mais festivo na pracinha agradável, onde todos se conheciam.

Latidos de cães vadios, frequentadores da praça, assustaram-no. Os animais passavam o dia em brincadeiras, ou dormindo nas calçadas dos armazéns. Normalmente não atacavam pessoas, exceto quando algum estranho passava pelo local, então, corriam em bando atrás do infeliz. Sabendo disso, Zilmário se apressou. Corria também o risco de encontrar algum dos meninos que estudara com ele na escola primária ou, até mesmo, To...

Antes de completar o nome, acelerou o passo, como se a pessoa lembrada pudesse fazer-lhe algum mal. Momentaneamente sem saber qual destino tomar, parou ofegante a se perguntar por que tamanho medo do passado. O mal já estava feito. Não podia fazer mais nada para remediá-lo. O coitado... Coitado uma ova! Este sentimento estranho terá de ser expurgado de dentro de mim. A morte se incumbirá disto. Coitado! Antes não o tivesse conhecido. Ainda bem que, na carta a meus pais, deixei-lhe lembranças. Não quero despertar suspeitas, nem mesmo nele, que nunca soube de como tenho sofrido... Coitado! Não teve culpa! Que culpa eu tenho dele ser assim? Olha, meu Deus, quem eu estou vendo? O Leno Barbeirinho! Continua a mesma coisa, não mudou nada! Lembro dele perfeitamente... Desgraçado! Uma vez me cortou o cabelo todo! Fiquei apenas com um topete na testa. Também, mãe passou-lhe uma descompostura de fazer pena. O pobre gaguejava de uma forma... Des... des... cul... pe... do... do... na Zilma! Quase meia hora para dizer: o cabelo do menino é difícil... fui cortando... fui cortando e, quando dei conta de mim... Nem terminou a conversa, e mãe já lhe apontava a porta da rua. A cara de pai também foi gozada. Ele ia chegando na hora, parecendo já saber da história. Foi entrando e dizendo: ora, seu Barbeirinho, que coisa... Isso lá é atitude? Vamos, tenha a bondade, depois falo com você! Ah, pai... pai... Ele mesmo criou a

confusão. Me deixou na barbearia e mandou Leno cortar bem curto. Neste tempo meus cabelos eram grandes e cheios de cachos. Depois me levasse em casa... Na porta da cozinha, Tila se pipocava de tanto rir.

Envolvido pelos pensamentos, não percebeu o homem de aparência desalinhada a segui-lo. Assustou-se ao ser puxado pela manga da camisa.

– Ei, moço! Dá um tostão pra Vavá? Pra tomá um trago? Vavá leva sua mala e você dá um tostão...

– O quê?

– Ei, Vavá já viu você! Descurpe... O senhor...

– Tome o dinheiro! Você nunca me viu! Eu não sou daqui! Você nunca me viu, entendeu? Deve estar me confundindo com outra pessoa. Aqui está! Pode ir tomar seu trago.

– Oplas! Dá pra uma garrafa inteira. O senhor é... é... o minino... o mini... Um cruzeiro... um cruzeiro! Vavá tá rico!

O amalucado batia na cabeça, na tentativa de lembrar-se do nome do homem que lhe dera o dinheiro. Torcia o indicador como se aparafusasse a própria testa. Fazia careta, retorcia-se todo, mas não conseguiu lembrar. Saiu aos pulos, em direção ao armazém.

– Desgraçado, este Vavá! Nem me lembrava mais deste maluco... Uma vez me deu um carreirão! Queira Deus que não se lembre de mim.

Sem parar mais em qualquer lugar para evitar novos imprevistos, conseguiu chegar à sua casa. A dor no peito aumentara muito. Ofegante, não pôde falar. As têmporas latejavam dolorosamente. Gostaria de abraçar a casa, envolvê-la entre os braços como se fosse um brinquedo e, assim aconchegados, pedir-lhe-ia que o perdoasse e guardasse escondidas as recordações, as traquinices, os pesadelos. Não se entristecesse muito com a breve despedida. Um dia estariam juntos definitivamente, quando ambos virassem pó.

Novamente as lágrimas. Refugiou-se em um beco situado ao lado. Precisava secar, despir-se de todos os sentimentos. Na hora final, deveria ser apenas carne.

O beco bolorento acelerou o processo da tosse, obrigando-o a sair. O tempo fora suficiente para a recuperação emocional. Admirou-se com o brilho do sol nas portas recém-pintadas. O passeio fora restaurado. O pai continuava sendo um gastador. Não havia necessidade de jogar tanto dinheiro fora. Grande importância, tenho eu... Ele não sabe que a situação anda perigosa? Mas, deixa para lá! Dentro de pouco tempo, todas estas preocupações desaparecerão. Agora, o que quero mesmo é dizer bem alto: Minha casa! Minha querida casa!

Decidido, o rapaz acionou a aldrava, uma mãozinha de cobre finamente trabalhada. Ruído de passos dentro da casa. Alguém vinha atender. Perceberiam que andara chorando?

– Boas! Zir? É meu fio, mermo? É Zir? É meu minino qui tá aqui? Santos meu, tá um baita de home! Um home de verdade, de barba e tudo! Quem podia dizê! O minino qui carreguei no colo... Quanta mijada tu deu em eu. Veja só, o pinto... o pinto que eu dizia que ia virá muiezinha, quando chorava cum medo de sombra! Me dê um abraço apertado, meu fio! Dexe esta preta véia matá a sardade...

Zilmário ficou atônito, mesmo esperando uma recepção assim, o falatório desenfreado assustou-o. A muito custo, conseguiu interrompê-la!

– Olhe, dona...

– Dona? Muito bem! O hominho qué sê respeitado, hem? O instudo subiu na tua cabeça minino? Quar... este mundo tá perdido mermo. Onde já se viu um bezerrinho fedendo a mijo, quereno sê toro... Quar... me chame de dona Tila, e lhe dô, agora mermo, umas parmada nos cueros, tá ovino?

O rapaz foi obrigado a afastar-se, a fim de evitar a palmada simbólica ameaçada por Tila.

O gesto de defesa anulou os anos passados fora do lar. A transformação foi imediata. Voltava a ser o mesmo Zil menino, no colo da negra, ouvindo-lhe as histórias da carochinha e algumas outras, mais marotas, com a promessa de não falar aos seus pais.

– Ah! Agora, tá rino, não é?

– É! Você sabe... foram tantos anos fora daqui... muita disciplina...

– Tem nada disto! O minino num vinha amanhã?

– Resolvi antecipar a viagem.

– Xi! Oia, gente, já tá falano difici mermo que a mãe... Cruz-credo!

– Bem, vai me deixar falar?

– Fala currupaco!

– Como dizia, resolvi antecipar a viagem. Queria fazer uma surpresa a pai, a mãe e a você. Eles estão em casa? E Tancinha, como vai?

O moço sentia-se leve, os pés mal tocavam o chão. Tila era muito forte e o enlaçara pela cintura, conduzindo-o à cozinha.

– Carma, carma! Seu Maro tá no armazém. Zirminha, tu já sabe, tá na Igreja cum o padre, nos aperparo da missa.

Como a mulher demorou-se em falar de Tancinha, voltou a perguntar. Antes mesmo da resposta, percebeu, pelo cenho de Tila, que houvera alguma anormalidade com a amiga de infância.

– Tu sabe, né! Adispois de tua ida pra Bahia, ela ficô sem muito seuviço pru aqui e Zirminha mandô ela pra casa dos pai. Isto é tudo qui sei...

Percebendo que não conseguiria mais informações de Tila, Zilmário entregou-se à sua naturalidade.

– E você, como vai?

– Tua mãe já sabe qui tá na terra? Ah, vem cá. Vem tomá um suco, tava acabano de espremê uns caju.

Quem num dexa de vim aqui é aquele teu amigo, Tonho. Ocê tá dano dois dele! Verdade! E cum ocê? Tá tudo bem? Esta histora de guerra... da nossa gente tá ino pru estranja num me agrada. Já pensô se te pegam?

O rosto do jovem contraiu-se. Ela falara de Tonho querendo estudar suas reações, ou porque não sabia o que se passava com ele?

– Tá rino de quê? Eu disse alguma bestera ingracada?

– Por nada! Estou rindo é de você. Continua bonita como sempre foi!

– Assanhado!

A desculpa não convenceu Tila, que lhe dirigiu um olhar matreiro. Não ligou. Ao contrário, experimentou certa alegria em ter ouvido falar de Tonho e saber que estava dando dois do amigo.

– Prepare outro suco, Tila! Vou mudar a roupa e desço para beber mais desse manjar. Isto só existe aqui.

– Vou avisá tua mãe?

– Não... Por favor! Quero ter este prazer. Senhora, deixe de tanta conversa e me prepare o suco.

– Já chega de chorá, né?

– Tila!

– Ah, chegô uns pacote da Bahia pra ocê. Ninguém buliu nele. Tá tudo cuma veio. Ficaró cum medo. Estas coisa de instudante. Pudia tê papé importante...

– E tem mesmo! Gramática em latim, cálculos matemáticos, rascunhos, enfim...

– Tá me xingano? Todo mundo vê qui andô chorano! Vai virá uma muiezinha?

– Onde está a chave do quarto? Fizeram muito bem em não pegar em nada.

– Ficou zangadinho? Em riba do criado mudo, no quarto de tua mãe. Ocê agora é home, num pode andá bestano cum choradera!

Zilmário sorriu. Mesmo tendo falado em coisas muito desagradáveis, não podia ficar zangado com ela

nos últimos momentos que passariam juntos. Deixou a sala.

Ao entrar no quarto, sentiu o aroma gostoso de asseio. Entregou-se ao colchão de macela. Seria bom se pudesse morrer em seu próprio quarto, ao lado dos conhecidos móveis, olhando a imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. A Santa que tanto o ajudara nas difíceis provas de latim, fora o arrimo nas horas tristes. Mas, agora não tinha coragem de lhe pedir para ajudá-lo a enfrentar a vergonha, quando soubessem que não era um menino normal.

Temendo nova onda de choro, dedicou-se à mala. Desatando os laços de couro, abriu a fechadura, levantou a tampa. Um envelope azul destacou-se. Leu o manuscrito em voz alta: “A meus pais”. Com o envelope na mão, olhou pelo quarto à procura de um lugar para colocá-lo, onde fosse achado com facilidade. Não chorou. Apenas o coração, reagindo ao impacto, batia forte, transmitindo pulsações ao resto do corpo, fazendo as palavras saírem compassadas.

– Adeus tudo! Se me for permitido, se algum dia eu for perdoado deste pecado, voltarei para ficar aqui. Vai ser duro! Se realmente um dia no fogo do inferno equivaler a mil anos na terra, como diz o padre José, tão cedo não voltarei. Os diabinhos vão ter muito trabalho para cobrar minha pena. Padre José disse que suicídio é um dos pecados mais sérios. A penitência tem de ser muito dura e prolongada, por muito tempo!

– Ei, minino, num vai decê? Tã tudo pronto cuma pidiu.

– Um momento só.

Introduzindo a mão entre os objetos arrumados dentro da mala, encontrou um frasco acomodado bem no fundo. Segurando o vidro, teve a impressão de que estava vivo, palpitando entre os dedos.

– Já vinha buscá ocê! Onde já se viu dexá o suco amargano! Toma... num demora mais!

– Está uma delícia! Tila, você gosta mesmo muito de mim?

– Ora, meu fio! É inté pecado o quanto gosto de ocê! Uma preta discarada quereno tê um fio branco e bonito como tu!

– Bobagem, Tila! É uma grande honra para mim ter sido criado por você como um verdadeiro filho.

– Intonce, diga logo qui andô fazeno de errado! Ou é mar de coração, pur alguma sirigaita da capitá?

– Quem de tudo quer saber... Deixa pra lá! É apenas um capricho! É muito importante para mim saber disto. Se eu morresse hoje, sabendo quanto você gosta de mim, eu iria tranquilo, pois, mesmo do outro lado, teria você para me proteger dos demônios...

– Cruz-credo, qui cunversa mais tola! Oxente, num disse qui ia mudá a roupa?

– Eu desisti. Vou dar umas voltas, primeiro. Necessito ver um amigo. Um grande amigo que me ouve sem reclamar, me entende em tudo!

– Mermo antes de vê seus pai? Quar, esta juventude! Tá mermo um bando de coisa errada. Onde já se viu? Chega sem avisá, esquece dos pai e sai percurano um amigo. É Tonho?

– Não, Tila! Não é Tonho, não senhora! E deixe de ser enxerida. Tá plantando verde pra colher maduro?

– Mas, meu fio... teus pai..

– Eu sei. Você está com razão. Mas, preciso fazer algo. É a coisa mais importante de minha vida, e só posso fazer com a ajuda desse amigo.

– Queira Deus num seja nenhuma bestera!

– Não é nenhuma besteira. É uma coisa muito séria. Muito importante, mesmo!

– Vortô home, mas vortô insquizito...

– Adeus, Tila! Posso lhe dar um abraço e um beijo?

– Ora essa... Ocê ta me dexano incabulada. Eu adoro ocê, meu fio!

– Vê? Agora é você quem está chorando. Adeus!

– Adeus o que minino? Inté logo. Eta juízo aguniado... Daqui pouquinho teus pai tão pur aqui. Eu num quero dá descurpa a Zirminha! Teja aqui antes deles! Vô acendê uma vela pra qui tudo dê certo e Deus Nosso Sinhô traga ocê logo pra casa.

Chegando à rua, respirou profundamente. A parte pior fora vencida. Despedir-se de Tila, tinha certeza, seria a mais dolorosa. Fora necessária muita força de vontade para não sucumbir ao desejo de deitar em seu colo, contar as mágoas contidas dentro do coração oprimido e adormecer sob alguma canção africana cujas palavras não entendia. Ah, como seria bom! Seria muito bom! Tila... Perdão... Perdão! Querida Tila, como gostaria que você estivesse com razão, e eu pudesse voltar logo. Em vez de dizer adeus, dizer até logo, ir e voltar ao convívio das pessoas amadas. A partida sempre é triste. O regresso, não, deveria ser cheio de alegria. Isto para as pessoas normais, mas, no meu caso...

E se fosse ver os pais? De longe, ao menos. Seria mais uma alegria a acompanhá-lo ao túmulo. Daria um pulo furtivo ao armazém, outro à Igreja e daí rumaria direto para o rio. Ora, se nem mesmo o maluco do Vavá o reconheceria! Maluco sou eu. Depois de ver minha mãe, não terei mais coragem de sair de perto dela. É melhor acabar logo com esta lenga-lenga. Pena! Eu gostaria de vê-la, mesmo que não pudesse lhe falar. Sua imagem também iria comigo. Quando os diabinhos viessem me atormentar, ela os enxotaria, da mesma maneira como fez com o Leno Barbeirinho... Não, não devo meter minha mãe nesta embrulhada. O problema é meu, e tenho de resolver sozinho.

A praça estava à vista. Mais alguns passos e estaria próximo dos pais.

Andando como um fugitivo, avançava cautelosamente, escondendo-se nas sombras das árvores, até

alcançar a estrada do Rio dos Home. Após recuperar o fôlego ficou algum tempo a observar o local à sua volta. A estrada era natural, sinuosa e irregular. Ladeavam-na árvores típicas da região: cajueiros, candeias, carapichos de ovelha, cambuis. Voltou a andar.

Avançava na estrada. O ar tornava-se mais úmido. O rio estava próximo. O aroma da vegetação aquática alcançou os pulmões congestionados. Invadido por imensa alegria, disparou pela várzea em direção ao lugar reservado ao banho dos homens. Molhou os pés nos charcos, levantando água fria até a altura do rosto. Saboreou os pingos. Ofegante, parou em uma clareira; o corpo molhado. Do passado, brotou uma cena alegre, um passeio ao rio. Havia muitas pessoas, porém Tila foi a única a permanecer na lembrança. Era ainda muito menino, e a dor de barriga foi inesperada. Segredou a Tila. Ah, Tila querida! Dava jeito em tudo. Avisou que tinha uma coisa a fazer com o menino. Logo iria ter com os outros. Vamo, Zir! Vamo ali no mato. Estas coisa num pode esperá... pió é fazê o seuviço nas carça. Se abaxe aí... eu fico espiano pra vê se vem arguém...

Zilmário sorria encantado como se realmente estivesse presenciando a cena vivida. Lá estava o menino, de cócoras, a fazer o serviço, como dizia Tila. De repente, alguma coisa passou sob suas pernas, obrigando-o a levantar-se apavorado em direção à mulher. Num corre não, Zir, é um cueio... Diz pra ele vortá. Grita assim:

a cirola do cueio ficô!
a cirola do cueio ficô!

A cena apagou-se. Sorriu convulsivamente. Gente boa! Quanta ingenuidade havia em suas vidas. Acreditar que o animal voltaria para recuperar a ceroula. Bobos! Meu povo bobo! Parecem crianças... E eu, também

não sou tão bobo quanto eles? O que estou fazendo em pé, dentro de um charco, lembrando tolices de um passado triste? Engraçado, o calor do corpo passou. Tuberculose é assim... dá arrepios de frio. Seria engraçado se eu morresse tuberculoso. Quando os vermes comessem minha carne, ficariam tuberculosos...

O homem e a natureza conversavam. Um diálogo descontraído, sem assunto certo. Ela, velha mãe, observando as peraltices do filho a falar em voz alta, correr, sorrir, pular troncos caídos; nem mais parecia o turbilhão de tormentos e contradições.

Com o peito arfando, o rapaz encontra o rio. Fechou os olhos. Correu desprotegido. Um tropeço. A areia fina das margens do Rio Subaúma. As águas escuras. Por quanto tempo ficara deitado sobre o solo úmido, extasiado de felicidade? Minutos, dias, anos? Foi tudo uma ilusão? Eu não existo! Nunca existiu colégio, padre Dilermando, Tonho, nada, nada... Apenas eu e você! Eu e você, meu amigo... Meu querido Subaúma! Ouçam todos:

*É este o meu amigo. Meu amigo Subaúma!
É o rio poeta, que passa entre as pedras,
Ciciando coisas de amor.
Que atrai as flores marginais, fazendo-as
dobrar sobre ele e, em carícias leves,
despejar recados de amor.
É o rio macho, atrevido,
que molha o sexo das mulheres,
e que as conduz ao prazer lascivo...
É o rio que conduz o cheiro feminino
para os rapazes, mais adiante.
Que goza com eles, recebendo satisfeito,
o sêmen, produto de masturbação coletiva.
É o rio que ouve meus queixumes!
Que me canta cantigas de ninar.
É o meu amigo Subaúma!*

Quedou-se aguardando a resposta do amigo. Sentado sobre as próprias pernas, o olhar preso nas águas que passavam, à espera da resposta. Acabara de se declarar. Era um apaixonado esperando a resposta, cheio de temores. O rio o amava, não o abandonaria. Daria uma prova de que estava do seu lado e o ajudaria. Era o último refúgio. Se até mesmo ele lhe faltasse, aí, então, entregar-se-ia à vergonha total e não mais lutaria pela honra. O suicídio seria uma prova de que, pelo menos da morte, não tivera medo.

– Oh, meu amigo, por que se mantém calado? Não vê que necessito de sua ajuda? Veja, sinto como meu corpo está quente, parece consumir-se no braseiro de uma fogueira! Estou com febre, estou com muito medo! Por favor, diga alguma coisa! Não me deixe voltar atrás, não quero ser o motivo de desgosto para minha mãe, não quero entregar-me a... a... Por favor, por favor!

Parou de chorar. A voz que saía do rio provocou um arrepio por todo o corpo, escondendo a dor no peito e a febre. Dos juncos abundantes, emanava doce canto de voz feminina. Não teve medo. Relaxou agradecido pela resposta do rio.

– Muito obrigado, meu amigo.

III



Nos cabelos sempre presos, negros, sem brilho, ressaltavam-se os grampos de ouro. Os lábios finos, nariz levemente arrebitado, seios firmes e as coxas bem feitas, assim era Tila na meia idade, plena de saúde e beleza, atraindo os olhares furtivos dos homens, quando, excepcionalmente, andava pelas ruas da cidade.

Sem poder esconder a emoção, dominando os pensamentos, desde a chegada de Zilmário, tentou distrair a mente, dedicando-se aos afazeres domésticos.

– Jaquim! Oh, Jaquim, vem cá depressa! Traz aí um coco dos grande... sem demora, viu?

– Já tô indo, dona Tila.

O jantar estava pronto. A carne de porco assada seria servida em fatias. O aipim, a abóbora e a batata-doce já estavam descascados, prontos para irem ao fogo. Com a chegada de Zilmário, queria acrescentar novos pratos. Faria as comidas mais apreciadas por ele: bolo de aipim, cuscuz de milho e pão de ló. Precisava estar preparada. Provavelmente apareceriam alguns convidados.

Gostava de trabalhar. Cuidava de todos os detalhes da casa com o mesmo carinho. A lenha, trazida da fazenda, era de boa qualidade para não fumaçar muito. A água de gasto vinha de uma pequena nascente no fundo do quintal. A de beber, chegava em barris de madeira, da fonte do Estevão. Ela mesma efetuava o

tratamento da água. Quando a talha grande ficava cheia, retirava do fogão um tição em brasa e o introduzia na talha, repetindo a operação algumas vezes, pra matá as imundice. Maro, Zirna e Zir num podia corrê pirigo de pegá duença!

Administradora exigente, desde o tempo da construção da casa, ela se envolvera com os detalhes. As dimensões da copa foram em obediência à sua orientação. Na cozinha, foi construído um fogão com várias bocas e um forno. As paredes eram cegas até o meio, daí para cima, faltavam alguns adobes para servir de ventilação.

– Cuma é Jaquim, já relô o coco? É a priguiça em pessoa! Nunca vi um minino mais mole...

– Já relei, dona Tila, já relei.

– Intonces traz pra cá, num trapaia os seuviço. Tu só seuve pra me atrapaiá. Quarqué dia desse tu anda pra fora desta casa... Num tem mais respeito?

– Tá zangada, dona Tila? Quem era o moço que tava aqui indagorinha?

– Né de sua conta nem de seu ruzaro, nego atrivido! Faz o qui mandei... Diabos de juízo, num para de matutá... Tumara qui teje enganada. Se acuntecê argo mardoso pra meu minino, nem sei!

– Tá falano sozinha, dona Tila? Num faz mar falá sozinha? É pirigoso! Vi dona Fifa dizê qui falá sozinha é doidice de doido!

– Sai daqui, capeta! Vai atazaná otra. Sai... sai... teu doce tá cuzinhanho!

Apesar dos carões, a mulher gostava do garoto, tratava-o com certa frieza, para não dar intimidades.

Tila sempre acompanhou a família de Zilma. Fora criada pelos Dias, família cristã, governada por dona Cândida, que, ao tomar conhecimento do movimento abolicionista, escolheu alguns escravos e deu-lhes a liberdade. Entre eles encontrava-se a mãe de Tila. Seu

gesto foi discutido pelos outros membros da família, todavia ninguém ousou desafiar sua decisão. Entre os negros, era considerada uma santa protetora. Nas orações, sempre pedia por ela aos deuses africanos.

Dona Cândida acompanhava pessoalmente o crescimento de Tila. Contava-lhe casos sobre Camila, a escrava que lhe dera à luz. A menina ouvia com os olhos irradiando felicidade. Pedia à protetora para repetir as estripulias mais interessantes. A beleza da escrava fora motivo para muitas encrencas. Quando aparecia na casa grande trazendo na cabeça um pote com água, deixava a água molhar o corpo, ressaltando os seios fartos, cujos mamilos empinavam a roupa. Sorria da aflição dos homens. Em outras ocasiões, por algum motivo desconhecido, resolvia cantar. A voz meiga tomava conta do terreiro, enternecendo os escravos. Conhecedora de ervas medicinais, nunca engravidou. Quando a regra atrasava, tomava uns chás de folha de tiririca-de-babado e, dois ou três dias depois, o incômodo aparecia.

A dona da fazenda protegia a negra com afeto. Era sua confidente. Em algumas oportunidades, socorrera-se em seus chás e rezas. Numa noite de lua cheia, quando a família chupava cana à porta da casa, a senhora resolveu averiguar os motivos que estavam alterando a maneira de ser da escrava. Ela andava com ares de preocupação. Pediu-lhe que a acompanhasse até a cozinha.

A intenção da patroa fora percebida por Camila. Chegara o momento de contar o motivo da mudança. Iria ter uma filha. Sua missão na terra chegava ao fim; terminaria com a maternidade. Teria uma menina. Chamar-se-ia Tila e seria uma boa ajudante para dona Cândida. Poderia confiar nela em qualquer necessidade.

Camila era ouvida com desconfiança. Onde já se viu alguém saber o futuro? Só besta, para acreditar em

tais maluquices. Camila pensa que sou boba e acredito quando ela diz saber prever o futuro. Isso só pode ser fogo consumindo a carne. Está cansada de dar o tabaco e agora vem com histórias. Quem não sabe que ela anda consolando os meninos e mais alguém que apareça? Pra mim, é até bom. Assim eles conhecem mulher antes de casar. Nenhuma sirigaita de cabaço furado enganará meus meninos.

– Que disparate é este, Camila? Quem foi o safado? Diga quem foi, e eu obrigo ele a casar com você!

– Num posso dizê, dona Cândida! Adispois, ele num teve culpa. Foi tudo pranejado pur mim. Cuma dixei, tenho de cumprir minha missão. Num tem jeito.

– Você tem certeza? Está grávida?

– Sim, Inhá, sim. Vosmecê vai vê... vai tê muita aligria cum minha fia!

– Você já sabe que está grávida, vai ter uma filha e tudo o mais...

– É assim mermo, Inhá!

– E os chás, não surtiram efeito?

– Dessa vez num vai tê chá, Inhá... tenho de pari esta minina!

Antes de sair da cozinha, Camila fora liberada de muitas atribuições. Apesar de ainda ter desconfiança da conversa da escrava, dona Cândida não queria vê-la perder a criança, caso estivesse realmente grávida.

Tila nasceu num dia importante para a História do Brasil. No 15 de novembro do ano de 1894, tomava posse o primeiro presidente civil do país – Prudente José de Moraes Barros. Ao fim da tarde, Camila mandou chamar dona Cândida. Estava sentindo dores desde o início da manhã. Chegara o momento.

– Acho... acho que agora a coisa vai, dona Cândida... já tá muito dilatada. Inté a bolsa já furou!

– Como ela está, Miúda? Alguma complicação?

– Oxente, dona Cândida, e nessa profissão tem

nuvidade pra eu? Muié nenhuma nunca morreu em minha mão. Nossa Senhora do Parto vai dá uma boa hora pr'ela.

– E então, Camila, chegou a hora mesmo, hem? Agora eu quero ver sua valentia. Muita mulher valente grita mesmo que bezerro desmamado, né Miúda?

– Num vô chorá não, Sinhá. Tá tudo bão... cuma devia sê... da merma manera cuma dixê a vosmecê naquela noite, s'alembra?

– Bobagem! Você ainda vai parir muitos filhos. Fogosa come é, né Miúda?

– Intonces, Sinhá!

– Vosmecê é uma santa... Chamei a Sinhá pru mode de pedi um favô...

– Diga, minha filha. Pode pedir o que quiser! Sabe que gosto muito de você!

– Quero... quero que vosmecê tome conta... de minha fia. Vai sê uma minina... intê já vi ela no sonho... Num dexê ela se afastá das coisa de nossa terra...

Fora do barraco, o céu estava sem lua ou estrelas. As pessoas que aguardavam à porta não precisaram perguntar à dona Cândida sobre Camila. A tristeza estampada na face foi suficiente.

Os primeiros dias após a morte de Camila foram pesarosos. A melancolia estampada nos rostos dos homens não passou despercebida à dona da fazenda. Até mesmo o coronel Dias andava cabisbaixo. Teria o velho safado papado também o xibiu da negra?

Dona Cândida assumiu a criação. Batizou-a e deu-lhe o próprio sobrenome – Tila Dias.

Por qualquer motivo, a criança recebia valiosos presentes. No primeiro aniversário, ganhou um pedaço de terreno anexado à fazenda onde iria morar quando se casasse.

A alegria infantil de Tila conquistava negros e brancos. Inteligente, aprendia com facilidade. À me-

dida que crescia, destacavam-se algumas características físicas que a tornavam diferente dos negros. O nariz era afilado, e as canelas, grossas. A patroa olhava-a admirada, procurando descobrir semelhanças com algum homem da fazenda.

Aos onze anos, foi chamada para ver uma criança recém-nascida, a neta de dona Cândida. Sobre o berço da menina, foi obrigada a jurar dedicar sua vida aos cuidados de Zilma. Desde esse dia, passou a viver em função daquela menina de pele branca. Anos depois, dividiu seu amor com Zilmário, a quem amava como filho. O filho que acabara de chegar e já lhe criava problemas, obrigando-a a ficar tão preocupada a ponto de deixar cair as coisas que tinha nas mãos, quando ouviu alguém chamando por ela.

– Dona Tila, dona Tila, o cuscuz tá cherano...

Envergonhada por ter sido descoberta distraída, levantou-se atabalhoadamente em direção ao fogão.

– Mardito muleque dos diabo! Tá pensano qui tô drumino? Nunca dexê uma cumida queimá... Só tô ino vê pra mode verificá se o fogo apagô! Ai de tu se num tivê lenha no quarto do fugão! Ai de tu!

– Adescurpe, dona Tila.

– Adescurpe, coisa arguma! Vem cá pru mode de ti dá um puxão de zoreia. Aí, intonce tu vai vê o qui é bão pra peixe. Vem mermo, num tô brincano.

– Ai, dona Tila! Tava quereno ajudá. Vi a senhora aí, sentada cuma morta e fiquei cum medo de dexá o cuscuz queimá. Eu gosto tanto de cuscuz...

– Agora vai ponhá mais água de banho. Hoje tem mais gente pru banho, o Zir. Vai, vai! Sai de minha vista, ante que tome otro puxavão de zoreia. Presepero, um grito desse pur um puxãozim!

– Pruque num foi na sinhora! Um puxãozim...

– Discarado! Inda fica resmungano?

O cuscuz ainda não estava pronto. Verificou dando umas palmadas sobre a massa.

– Diacho de juízo! Ave-Maria... Ave-Maria... num permita, mãe Santíssima, qui acunteça argo ruim pro meu fio. Dona Cândida, pida a Nossa Senhora pra ajudá qui tudo teje bem, qui num tenha acunticido nada de ruim... Ele dixê... adeus, Tila! E, pru que um abraço tão pertado? Só pra vê um amigo? Ele tava cum febre? Ai, meu Deus... deve de sê isso... Tava duente e num quis dizê... Será qui foi vê o home da farmaça? Quar! O capeta tá metido nisso, ele tá arreliano cum minha famia!

Inquieta, prenunciava maus acontecimentos. Recordou a figura de dona Cândida contando histórias sobre Camila, a negra que adivinhava o futuro. Teria herdado da mãe o dom de prever o futuro? Por que sabia antecipadamente quando algo ruim estava para acontecer? Ah, diacho, eu tô é neuvosa... Se dona Cândida estivesse viva, ajeitava as coisa. Nenhuma arma vivente tinha corage de disfazê dela. Bastava um oiá e tudo ia prus eixo. Eu puxei a mãe. Eu sinto... argo ruim vai acuntecê. Zir tá em arguma dificurdade. Donde tá meu teuço?

Tendo sido criada no seio de uma família religiosa, não dispensava recitar o terço todos os dias, às seis horas ou a qualquer momento quando algum pensamento mau a perturbava. Do mesmo modo, nunca faltava uma vela acesa diante de suas imagens preferidas. Em suas orações, pedia pela alma das pessoas conhecidas, para Mário e Zilma, porque andavam em desarmonia, e para o filho Zilmário.

A hora das orações era sagrada. Nesses momentos, não gostava de ser interrompida. Quem entrasse no seu quarto a veria de olhos fechados, com o rosto iluminado pela chama da vela, acompanhada apenas pela sombra gigante projetada na parede. Dirigia-se aos deuses pagãos? Sorria quando Zilmário perguntava-lhe como era sua reza. Gostaria de aprender as orações do povo africano.

– Ave-Maria, cheia de graça... num dexa nada de ruim acuntecê pru meu fio... O Sinhô é cunvosco. Bendita... ele é um moço muito bão, mas tem umas insquiritice... entre as muieres. Bendito é o fruto... Quem tá bateno na porta assim? Adescurpa, Santa Maria, num se pode nem rezá em paz nesta casa. Dexa vê ante qui bote a porta pra dentro. Já vou!

As batidas insistentes aumentavam o nervosismo da mulher. Ao passar pela sala de jantar, arrumou uma cadeira e a toalha da mesa que se encontravam fora de lugar. O menino já estava desarrumando a casa.

– Já vai! Já vai! Tenha carma! Tá quereno arrombá a porta? Pronto... Quem? Ocê? Qui... ora, ora, pra qui tanta fobação?

– Quede o moço? Eu sei quem é ele, Vavá sabe! Ê o filho dela. Vavá s'alembrou de tudo. Botô o parafuso no lugá e lembrou. Ele é o moço que foi estudá na Bahia. Ê o filho de dona Zilma... Vavá sabe! Vavá não é bobo! Não adianta querê me enganá.

– Qui tá falano, Vavá? Fala cum carma, home! Tá mais maluco qui nunca! Quar!

– Ele também é maluco! Disse a Vavá que não era da cidade e que Vavá nunca tinha visto ele. Inté deu dinheiro a Vavá, pra Vavá beber um trago. Adespois... Vavá lembrou! Agora tá um home feito, mas Vavá sabe! Sabe, sim! Ê o filho dela... é...

– Carma, Vavá! Carma! Entra! Venha tomá um copo d'água pra mode de se acarmá. Quero sabê esta história, tim-tim por tim-tim!

A presença do amalucado era mais uma prova de que Zilmário estava precisando dela.

– Fala agora! Divagá, entendeu?

– Vavá fala! Vavá entende... Quede ele? Veio pra casa? Tá aqui?

– Zir? Tá não... Ele, ele foi pra rua. Dixe qui ia vê um amigo!

– Tá vendo? Tá maluco! Tá maluco! Vavá disse... Chegou e saiu... Vavá também é assim... nunca sabe se quer ficá ou se quer ir embora... Quando vai, anda, anda... e não chega o lugar. Aí, Vavá vorta de novo... Vavá não sabe...

– Já sei de tua histora. Tu conta isso pra inganá os bobo. Tu vai é se afogá nas nega dos mato, safado! Aí, pru vigaro num discunfiá, conta essa maluquice. Isso num me interessa. Quero sabê o qui tu veio fazê aqui, no meio da tarde.

A cada palavra de Vavá, Tila via aumentar sua preocupação. Era evidente, o filho estava com algum problema. Precisava falar com Zilma, urgente.

– Oia, Vavá, toma esse pedaço de lombo. Faz uma boquinha. Perciso vê no quarto de Zir. Vorto logo, viu?

A saia comprida deslizava ligeira sobre o tabuado. Ao alcançar o quarto do filho, sentia fortes pancadas no coração. Logo ao entrar, percebeu um envelope azul colocado sobre a penteadeira. Uma carta? Carta de Zir? Isso é mau! Essa carta nunca teve aqui... Meu Deus! Ave-Maria! Ave-Maria! Dona Cândida, ajude... Perciso vê Zirminha, temo de tomá providença mode de ajudá o meu minino...

Voltou à copa com o envelope na mão. Sua aparência alterada levou Vavá a emitir um grito de espanto.

– Dona Tila! Tá doente? Tá sentindo doença? Tá amarela!

– Me dá um copo d'água, Vavá! Ligerio, pelo amô de Deus! Faça essa caridade! Tô qui nem vara verde, me tremeno toda... Tu sabe lê escrito de carta?

– Oxente, gente! Não sabe o quê? Pois não sabe que padre José ensina tudo a Vavá? Ele diz que Vavá é sabido, aprende tudo que se ensina a ele. Vavá não gosta é de suletrá o cê a cá... acaba dizendo nome feio, cai no riso e o padre reclama...

– Qui tá inscrito nesse invelope?

– Dexa eu ver!

Depois de algumas tentativas, as palavras escritas no envelope foram decifradas.

– É... é isto, dona Tila! Tá escrito aí: A meus pai! Vavá sabe... Por que, dona Tila? O menino dela tá maluco... Vavá já viu gente maluca...

– A meus pai! A meus pai! Num sei, Vavá, num sei... Será carta de dispidida? Mai, dispidida de quem? É isso! Minha Mãe Santíssima! É uma carta de dispidida! Tá se dispidindo dos pai. De mim, veio aqui. Dos pai, dexô a carta... Santo Deus, deve de tá alucinado pur algum motivo munto sero!

– Carta do minino, né?

– Oia, Vavá, se dissé alguma coisa a arguém... se dissé qui viu essa carta... faço uma reza pr'ocê, qui drome home e acorda capado!

– Cruz-Credo, dona Tila! Vavá não diz nada, não senhora! Eu peço de juelho, não faz uma desgraça dessa, não! Juro, dona Tila, não digo nada pra ninguém... e pru padre José? Ele não gosta que Vavá esconda nada dele, sabe?

– A ninguém, ouviu? A ninguém! Intonce... pego esse amuleto e...

Vavá segurou o braço da mulher impedindo-a de pegar o amuleto. Melhor seria enfrentar o padre. Seus castigos eram mais amenos. Ficar capado? E as coisas gostosas que as nega do mato sabiam fazer?

– Muito bão! Tamo intendido. Agora, vamo vê dona Zirna. P'era um pouco! Jaquim, vem cá, nego safado... Oia, vô saí. Toma conta da casa. Vorto logo. Num bole em nada, hem? Lembre dos puxão de zoreia... Já apaguei o fogo do cuscuz.

Vavá mantinha-se alguns passos à frente. A excitação não lhe permitia andar devagar. Quando se via muito distante, parava, inquieto, esperando a companheira. Espichava o pescoço, balançava as pernas para os lados, apitava como a máquina do trem.

– P'era aí maluco! Tu sabe qui num gosto de andá sozinha pela rua.

– Tô perando, dona Tila! Tô perando! Olhe, foi aqui mesmo onde vi o menino. Tava olhando as loja.

– Coitado de Zir! Gosta tanto do Natá, deve de tar cum o coração partido. É... desta vez, é negoço bem ruim!

– Tá chorano, dona Tila? Vavá não gosta de ver chorá. Vavá fica triste também... Ele é maluco, né?

– Num sei, Vavá! Deus é grande!

A natureza começava a se recolher. O cair da tarde até as seis horas era o tempo mais esperado por Tila. Ficava a olhar o vento ninando as folhas das árvores, imaginando-se também como se fosse uma árvore. Na rua, os urubus retornavam a seus lares. Lá longe, o sol escondia-se por trás da colina. Pouco mais de uma hora, e a noite chegaria.

Alcançaram a Igreja. A figura do padre José, com as mãos cruzadas sobre o peito, destacava-se em frente à porta; olhava as ovelhas do rebanho. Ainda moço, chegara a Entre Rios. Alto, branco como cera de vela. O falar embolado e os olhos muito azuis. Nos primeiros meses, ficou meio isolado. Depois, moças e senhoras passaram a procurar seus conselhos e a participar das atividades religiosas. Os rapazes faziam piadas com as donzelas sonhadoras dizendo: Reverendo vê com os olhos e come com a testa!

– Tila, minha filha, o que está fazendo na rua? Alguma novidade? E você Vavá, por que não apareceu para a lição de catecismo? Foi assim que lhe ensinei?

– Tava com dona Tila. Ela precisou de eu... de mim...

– É verdade, reverendo! E dona Zirma, pur acaso viu ela pur aí?

– Ah, ela estava conosco! Depois apareceu a senhora Maricota contando uma história de um rapaz

encontrado no trem. Dona Maricota ficou impressionada, pois julga conhecer o moço, que afirmava não ser daqui e disse ter vindo passar as férias com amigos etc. etc. Deus me perdoe, mas todos sabemos que dona Maricota gosta muito de conversar. Por falar nisto, aí vem ela e parece estar com pressa!

– Virge Santíssima! Padre, ela já sabe? Zirminha já sabe de tudo?

IV

~~~~~

**Z**ilma deixou a Igreja, preocupada com a descrição apresentada por Maricota. Se o moço fosse realmente seu filho, como poderia entender tal atitude? Além de antecipar a viagem, chegou à Estação de Areias pela manhã e, até o momento, quase cinco horas da tarde, ainda não fora em casa?

A preocupação da mãe de Zilmário não lhe permitia perceber as artimanhas de Maricota para se fazer notar ao seu lado. A oportunidade de mostrar ser íntima de uma mulher como a professora Zilma não podia ser desperdiçada. Andar lado a lado, como duas confidentes, seria a maior prova de suas afirmações. Suas amigas morreriam de inveja. Perguntar-lhe-iam sobre o que conversavam, e ela, a única pessoa na cidade capaz de dar as respostas, diria a verdade, nua e crua, como era seu hábito: a pobrezinha da Zilminha, minha amiga, recorre a mim quando está preocupada. Vocês sabem, não posso negar ajuda a uma amiga do peito, não é? Ela estava muito agastada com a chegada do filho e, precisando de conselhos, veio à minha casa... Quem diria, hem Maricota? A mulher mais prendada da cidade... Você bem poderia aproveitar um pouco essa amizade... Deus me livre de tal pensamento! Não quero nada de ninguém. Nossa amizade é desprovida de qualquer sentimento mesquinho. Sou uma simples costureira, mas sou honesta!

– Desculpe, Zilma! Agora me passou pela lembrança... talvez nem tenha importância, mas não quero esconder nada de você!

– Diga logo, Maricota!

– Sabe, ele... o rapaz, seu fi... disse que um amigo iria apanhar ele.

– Por favor, Maricota! Por favor! Seu falatório põe-me mais nervosa. Não gostaria de pedir-lhe que me deixasse sozinha. Seria indelicadeza de minha parte. O momento é de muita preocupação para mim...

A costureira calou-se. Zilma era educada, porém muito exigente e sincera. Seria capaz de cumprir a promessa, jogando por terra suas pretensões. Faria o possível a fim de evitar um desentendimento desastroso. De longe, as pessoas não perceberiam que Zilma estava zangada. Abrir e fechar a boca demonstraria estarem conversando.

– Parece que chegamos, não é, Zilma? Seu Mário saberá qual atitude tomar...

– É, dona Maricota. É isto mesmo, dona Maricota!

A maneira como Zilma pronunciava seu nome foi mais uma prova de descontentamento. O “Dona Maricota” exigia tratamento igual. Felizmente o armazém estava perto. Não haveria tempo para consequências mais graves.

O Sortido destacava-se no centro comercial. Tinha quatro portas divididas ao meio em sentido vertical, recentemente pintadas a óleo cinza. Na frente, espalhava-se a sombra das árvores onde os habituais fregueses se reuniam para jogar dominó e tomar cachaça.

Aproximando-se da casa comercial, observou quatro homens sentados em tamboretas, apoiando sobre os joelhos uma tábua, onde as pedras do dominó iam sendo arrumadas. Em pé, outros observavam, com o semblante fechado, como se analisassem algo muito importante. Eram reuniões desagradáveis aos olhos da

mulher. Demonstravam a falta de cultura do povo. Despreocupados, passavam as tardes jogando, enquanto as mulheres eram obrigadas a executar os serviços da casa e, às vezes, o cultivo de pequenas roças de onde tiravam o alimento diário. Impossível aceitar tal desajuste social, sem irritar-se. Mário havia ingressado na confraria, onde a cachaça iguala todos. Como posso permitir que Zilmário venha a fazer parte desse ambiente tão feio? Por isso faço tudo para salvar meu filho. Ele será um cavalheiro. Não entendo como Mário suporta isto. Nem vejo a mínima necessidade de manter o armazém, metendo-se em negócios... Passa o tempo todo rodeado por gêneros alimentícios e conversando com bêbados. Ultimamente, por algumas vezes, tem chegado em casa apresentando sinais de embriaguez, num péssimo exemplo para o filho.

Mário e os companheiros só perceberam as mulheres quando estavam bem próximas.

- Aquela não é dona Zilma que está vino pra cá?
- Como?

As pedras caíram das mãos de Mário sobre o tabuleiro. A tarde estava sendo desfavorável para sua dupla. Perdera todas as partidas. Por pouco não toma um chico rumelo. Confirmando a presença da esposa, pediu licença para deixar o jogo.

- Vou ter de sair. Câncio, tome meu lugar. Vamos ver se sangue novo acaba com este azar, né, Véio?

O nervosismo do homem foi percebido pelos amigos. O respeito à esposa era muito especial. Procurava atender seus desejos com presteza. Nunca lhe permitiu tomar conhecimento das estripulias amorosas fora de casa. As mulheres de Entre Rios, apesar de algumas lhe despertarem o interesse depois de casado, nenhuma delas provou de seu amor. Os desejos reprimidos eram saciados em outras cidades, principalmente em Salvador, onde mantinha uma amante.

– Que houve, Zilma? Algum problema? Está doente?

– É, precisamos conversar. Boa-tarde, cavalheiros! Desculpem-me interrompê-los na diversão.

Os homens limitaram-se a balançar respeitosa-mente a cabeça.

– Dona Maricota, queira fazer o obséquo de, por alguns momentos, fazer companhia aos senhores, enquanto falo com o senhor Mário, sim?

Maricota não gostou da atitude de Zilma. Mesmo assim, pediu desculpas aos homens. Ela estava muito nervosa com a chegada do filho que viera consigo no mesmo trem. A pobrezinha estava tão angustiada... É a vida! É a vida! Nem sei como ela chegaria até aqui se eu não estivesse do lado dela. O trem chegou à Estação de Areias, por volta das onze horas e, até agora, ele nem apareceu...

O olhar de admiração dos presentes foi muito gratificante para a costureira. Zilma se afastava, portanto não havia perigo de ouvi-la falar.

– Que houve, Zilma? Tila está doente? Algum problema na fazenda? Você está tão abatida!

– Onde poderemos conversar a sós?

– Vamos lá para o reservado... Espere! Oh, Gentil, vai lá em cima ver se o reservado tá limpo. Deixe tudo em ordem de dona Zilma subir. Não demore!

Enquanto aguardava o retorno do empregado, Mário preocupava-se em tentar descobrir o motivo de uma visita tão inesperada.

– Tudo em orde, seu Mário. Alimpei tudo como o senhor mandou.

– Vamos, Mário! Há certa urgência em resolvermos um assunto.

– Vamos! Lá em cima podemos conversar com tranquilidade. Gentil, tome conta da casa. Cuidado com o troco. Se algum dos rapazes quiser alguma coisa, pode servir...

Enquanto subia a escada, Zilma sentia-se invadida pelos aromas exalados por diversas mercadorias, repugnando-lhe o estômago. Respirava a mistura de odor de cachaça com fubá, cebola, alho, granulados e rato. Por que Mário gostava de um lugar assim? E ela, poderia amar um homem com tal bodum? A inhaca impregnava-se de tal forma que nem mesmo os aromáticos adicionados à água de seu banho, as roupas fervidas com folha de mamão e capim cheiroso, a nafalina deixada dentro do guarda-roupa eliminavam a presença do armazém, provocando-lhe enjoos, tirando-lhe os desejos. Não fosse isso, possivelmente a intimidade conjugal entre eles já teria se normalizado.

– Ah, aqui dentro está melhor. Pode fechar a porta?

– Você está doente? Deve ter sido o sol da rua. Quer um copo de água? Um cálice de vinho?

As atenções naturais do marido, espontâneas e delicadas, amenizavam os outros problemas, surgidos após a desastrosa noite da lua de mel.

– Aconteceu alguma coisa ruim. Diga! Alguém faltou com o respeito pra você?

A resposta foi com a cabeça. Aquela era uma situação rara em suas vidas. Ela e o marido, apenas os dois, viam-se à frente de um problema de real importância.

– Zilma, se alguém...

A mulher assustou-se com a mudança ocorrida na fisionomia do esposo. Em lugar do sorriso acolhedor, havia forte contração muscular, tão intensa como se estivesse mastigando algo muito duro. Lembrava-se muito bem de uma festa de Natal. Dois rapazes dirigiram-se a ela fazendo gracinhas espalhafatosas. Mário os agrediu a murros e pontapés. Assim era o marido. Incapaz de expulsar os bêbados da porta do armazém, mas, quando enraivecido, tornava-se brutal e violento.

Os soluços romperam a barreira da resistência, não pôde falar. A necessidade de amparo fê-la abraçar o esposo.

– Calma! Calma! Pode chorar à vontade, isso vai fazer bem a você. Conte o motivo de tanta preocupação. Tenha a certeza, seja o que for, eu resolvo! Confie em mim!

– É Zil!

– Zilmário? Que fizeram com ele? Teve outra briga na escola?

– Ainda não sei, Mário. Não sei o que lhe fizeram... nem sei quem foi... Talvez tenhamos sido nós mesmos...

– Ora, Zilma, fizemos o que nós achávamos que era o melhor pra ele. Não vamos voltar a esta discussão. Você mesma dizia que ele não podia continuar neste fim de mundo, se criando sem instrução. De analfabeto na família, já basta eu. Perdi toda a juventude correndo atrás de cavalos e me metendo em briga. Nosso filho será educado e culto. Você terá um filho doutor, se Deus quiser!

– Eu sei. Mas, será que ele também pensava assim? Será que nestes anos de ausência, afastado de nosso convívio, não teria sido para ele como um castigo, como se nós o achássemos um estorvo e quiséssemos nos livrar da vergonha de vê-lo descobrir nosso desajuste, como se tivesse sido ele o culpado?

– Nada disto, Zilma! Se ele não tivesse gostando de estudar na Bahia, pedia pra voltar. De qualquer forma, amanhã se sabe de tudo. Caso não tenha vontade de voltar pra Bahia, ficará aqui com a gente. Tã bem assim? Agora diga qual o motivo de fazer você vim aqui tão agastada. Quando me disseram que estava vindo para cá...

– É uma conversa sem pé nem cabeça! Você sabe... dona Maricota contou-me uma história muito preocupante. Disse-me haver encontrado no trem um rapaz

parecido com nosso filho... educado, atencioso. Não sei, Mário, estou sentindo um peso no coração... um mau pressentimento...

– Calma, Zilma! Essa Maricota não é flor que se cheire. Bem pode ter inventado isso tudo para lhe chamar a atenção. Não duvido nada se isso não foi uma artimanha para você andar com ela pela rua. Eta mulherzinha danada, é capaz de tudo! Percebeu ela enchendo a cabeça dos homens, enquanto Gentil limpava o reservado? É uma cascavel!

– Eu sei, Mário! Ela é uma pobre coitada, carente de afirmação. Contudo, há um detalhe preocupante em sua narração. Disse-me não poder afirmar realmente se o rapaz era Zilmário, por causa de uma cicatriz em sua testa, no lado esquerdo...

– A cicatriz?

– Sim! E somente nós sabemos disto, lembra-se?

– Hum!

– Mário, que vamos fazer? Temos de tomar alguma providência. Meu Deus, por que Zilmário fez isto? Por quê?

– Quem sabe não foi para fazer surpresa pra nós? É! É isso, Zilma! Sabendo como você é preocupada, a fim de livrar a mãezinha querida de trabalhos excessivos, resolveu antecipar a viagem.

– Ora, Mário! Não brinque numa hora dessas. Você é, do mesmo modo, um pai muito querido. E é justamente por isto minha preocupação. Se nós somos pais queridos, por que ainda não está ao nosso lado? Se ele tivesse ido para casa, Tila mandaria nos avisar.

– Foi no “onze horas?”

– Foi, Mário! Que vamos fazer? Oh, meu Deus! Se algo lhe acontecer, nunca mais me perdoarei!

– Paciência, Zilma! Não precisa se exasperar tanto. Olhe, fique aqui! Vou mandar uma pessoa à Estação verificar se teve alguma novidade por lá. Volto logo.

Mário se sentia radiante e ao mesmo tempo preocupado. Dividia-se entre a esposa e o filho. Há quanto tempo não tinham momentos tão íntimos... Houve dias, em suas vidas, que nem mesmo se olhavam. No amor, Zilma se entregava sem prazer, pelo simples fato de cumprir obrigações de mulher casada. Os conselhos que ouvira de sua mãe serviam de paradigma: minha filha, a mulher casada deve fechar os olhos para o mundo e abrir para seu marido. O sacrifício enaltece a mulher, mais ainda perante a família.

Quantas noites acordara, ávido pelo contacto da mulher, vibrando como um garanhão ao aspirar no ar o cio da fêmea? Sem coragem para exigir seu amor, um pouco de afeto, entregava-se, então, ao prazer solitário. Para ele, a felicidade resumia-se em ter a mulher num abandono total, entregando-se com volúpia e prazer, espontaneamente, sem reservas. O que fez na noite de núpcias fora em consequência da bebida, da juventude e do fogo contido, por ter ficado muito tempo sem ter mulher quando já estava próximo o casamento.

Mário exultava com a esperança de, finalmente, ser perdoado pela esposa. Aquela necessidade de se jogar em seus braços seria o princípio? Figa! Figa! Teria de ser! Foi muito bom! Muito bom! Por alguns instantes, ela foi a mulher que sempre desejei ter ao meu lado.

– Vocês viram Vavá?

– Faz um tempão, seu Maro. Ele teve no buteco de Sinhô, tava tomando pinga. Deve de tá bebo nesta hora!

– Argum problema, seu Maro? Pudemo ajudá em argo? Sabe qui pode contá cum a gente, num é pessoá?

– É isso mermo, Véio!

– Bem, não chega a ser um problema grande. Está surgindo uma conversa sem pé nem cabeça, e eu preciso tirar tudo em prato limpo. Espero que esteja enganado.

- Se foi argum desafeto...
- Não, nada disto! Estas coisas a gente resolve no facão. É assunto mais delicado. Preciso mandar alguém na Estação de Areia.
- Eu aperfiro a pexera. Não se aveche, se aperci-sá...
- Eu sei, amigo!
- Eu vou, seu Maro. Zeca entra em meu lugá. Tô com o cavalo apiado, logo ali. É um alazão bão da pega, uma beleza... mermo que águia. Quando meno esperá, tô de vorta.
- Não queria incomodar, Câncio.
- Incômodo nenhum! Mais qui isso o sinhô faz por nós, nos momento de aperto, quando a barriga dos mi-ninos tá roncando de fome... Valha-nos, Deus Nosso Sinhô, se não fosse seu adjutoro, né Véio?
- Lá vem você com lenga-lenga.
- Ele tem razão, Maro.
- Não se meta também, seu Véio Broxado! E não pense que, somente porque me viu de fraldas, pode se meter nisso. Vocês são meus amigos! Amigo não faz fa-vor, faz é obrigação! Tenho certeza de que qualquer um de vocês fazia o mesmo por mim.
- Brigado, seu Maro. Mais vamo ao assunto qui o tempo tá passano!
- Olhem, vou contar um negócio a vocês, dentro da confiança que une nossa amizade. Esperem... venham pra dentro. O jogo não vai atrasar muito, o que tenho a dizer é ligeiro.

Câncio e Véio Broxado seguiram o dono do arma-zém. Os outros homens continuaram sentados segurando a tábua do jogo. O convite não fora para todos. Mari-cota também não os acompanhou. Limitou-se a aguçar os ouvidos, esperando pegar alguma piaba da conversa.

Certificando-se de que a mulher ficara do lado de fora, Mário falou aos amigos: dona Zilma se acha muito

nervosa... essas coisas de mulher. Ora vejam vocês, ela andou dando ouvido a essa mixiriqueira aí fora, que andou metendo coisa na cabeça de minha mulher. Agora está acreditando que nosso filho Zilmário chegou no “onze horas” e, por algum motivo, ainda não chegou em casa.

– Você não disse que ele ia chegá amanhã?

– Por isso mesmo, Véio! Já disse pra ela que isso só pode ser invenção. É nisso que dá ficá assuntando conversa de gente como esta aí!

As referências a Maricota eram bem acentuadas. Ele sabia que a costureira encompridava o ouvido. Assim, aproveitava a oportunidade para demonstrar como a antipatizava. Mulher chata, vivia azucrinando o juízo de Zilma, acoloiada com o padre! Dupla de cobras! Se o padre fosse mais novo, nem sei... Já tinha papado aquele xibiu magro.

– Intendi, seu Maro. Vô lá, assuntá alguma coisa ocorrida. Vorto num piscá de olho! Fique assussegado. Pode inté cuspi no chão. Ante do cuspe secá, tô de vorta!

A pedido de Mário, o jogo continuou. Não carecia interromper a brincadeira. Zeca entraria no lugar de Câncio. Para festejar, por conta da casa, uma rodada de milome.

Zeca estivera observando a maneira de jogar do Véio Broxado: a forma de arrumar as pedras nas mãos, a tática para chamar a batida e a marcação do adversário. Vencer Rozendo e Loló era muito difícil. Toda a cidade conhecia a fama da dupla dona de vários apelidos: os Reló, os Calados, os Madeira...

Depois da rodada do milome e das tradicionais cusparadas a distância, Zeca virou a posição do banco, deu-lhe três pancadas para espantar o azar. Com três pedras nas mãos, arriou um terno e quina chamando uma sena. Fez duas senas e bateu de bucha.

– Eta, o macho chegou arretrisco, Véio! Tá cá gota! Desta vez a gente tira a diferença!

– Tumara, Maro!

– Agora vou lá para cima. Quero ver como dona Zilma está...

Mergulhada no silêncio do reservado, Zilma tranquilizara-se mais. A simplicidade do ambiente bem representava o gosto do marido. Presa à parede do fundo, uma folhinha em seu último mês. Acima dos números, envolvida por uma paisagem bucólica, um rosto de feições angelicais. Os olhos da figura atraíam os seus. Não fosse um simples retrato, houvesse sido bento pelo padre, ajoelhar-se-ia ali mesmo e pediria proteção para o filho. São José, o protetor da família, livraria Zilmário dos perigos e daria entendimento ao marido. Aí, sim, poderia se sentir feliz. Ver Zil formado em medicina, casado com uma moça educada, Mário mais carinhoso, afastado do armazém... Não sou insensível aos sofrimentos dos necessitados, tenho pena deles também. São José, perdoe-me essas fantasias... Que estará Mário pensando de mim, uma mulher decente atirando-se aos braços do homem, em ocasiões impróprias! Ah, se ele fosse mais compreensivo, tivesse mais cultura, não fosse tão rude em nossa lua de mel... Que estou falando, meu Deus? Meu filho em perigo, e eu a pensar em prazeres da carne!

Absorta nos pensamentos, não percebeu a entrada do marido. Temendo tirá-la do devaneio, Mário colocou uma garrafa de vinho sobre o armário, postando-se em silêncio a admirar a esposa, sem ligar para o tempo. Se tivesse coragem para declarar todo o afeto contido no peito, pedir-lhe-ia que o instruisse, ensinasse como agir com mulher tão meiga assim; soltasse os cabelos e lhe permitisse aspirar o aroma emanado deles; deixasse beijar suas orelhas sempre rosadas; vibrasse com o roçar dos seus lábios no colo desnudado.

- Seu Mário! Seu Mário! Cância voltou da Estação! O sonho foi interrompido.
- Você já estava aí?
- Sim! Vi você assim, tão quieta, tão bonita... Continua chorando?
- Quem bateu à porta?
- É o gentil! Veio dizer que Cância já voltou da Estação...
- Vá logo, Mário, por favor! Vá saber se há alguma novidade!
- Você está bem?
- Sim! Vá logo, por favor!
- Tá bem! Fique tranquila!
- Cância tá lá embaixo, seu Mário. O senhor precisa vê, o home tá com as venta mesmo que as do cavalo. Foi uma boa carreira, puxa!

A escada de madeira repetia os passos apressados de Mário. Dentro do seu peito, temor e expectativa. Quisesse Deus, Cância não estivesse trazendo más notícias. Começava a pressentir momentos tristes se aproximando de sua família.

- Então, Cância...
- Nada, seu Maro. Tive com seu Aristide, ele não viu nada... ninguém viu nada... Só viro um rapaz bem vestido, perambulano pela redondeza. Não falô com ninguém... ficava oiando as coisa durante um tempo... adespôs saía do lugá e ia pra otro lugá...
- Tá bem, Cância! Se acalme! Olhe, venha tomar uma pra limpar a goela. Vamos também, Vêio. Gentil, prepara aí uns rabo de galo pra todo mundo...

Um fio de luz ainda lutava contra as trevas na mente do homem. Cância estava afobado. Poderia estar dizendo coisas desencontradas; esquecera algum detalhe importante. O rapaz visto pela Maricota não foi Zilmário, tinha de ser outra pessoa. E se fosse Zil, mesmo? Impossível! Ele não fazia tal coisa. Não pode!

Tá danado! Se foi mesmo o menino, coisa boa, não é! Agora... se isso tudo é uma grande fuxicada de Maricota... Ah, desta vez eu perco a estribeira! Ela me paga! Arranjo uns cabra disarmado e mando abaixar o fogo dessa égua com falta de macho!

– Tá melhor, Câncio? Agora fale com calma, bem explicadinho.

– É cuma disse, seu Maro! Não soube nada de anormã. Nada pra agarranti que o rapaz é o minino Zilmário.

– Ninguém conversou com ele, nem sabem dizer se veio sozinho ou com alguém?

– Pelas pessoa de lá, além do carro que dona Maricota veio, quem passô por lá foi o Chico Carrero. Vinha em direção da cidade, mas não viro se o minino tava com ele.

– Que horas Chico passou?

– Isso não perguntei, num sinhô! Ah, seu Maro, outra coisa. O sinhô sabe, não tive culpa. Quando fui chegano, quase botano os bofe pela goela, ela foi logo preguntano, e eu, sem querer, contei o que fui assuntá na Estação. Adespôs ela saiu correndo prá banda da Igreja.

– Tem importância não, Câncio! Já esperava isso dela. É até bom! Tenho certeza que foi se agarrá na batina do padre. Talvez ele possa ajudá um pouco, se a pança cheia de vinho deixar.

– Seu Mário, sei onde mora Chico Carrero, é logo depois do fim da Rua da Palha. Se quisé, eu vô chamá ele!

– Boa ideia, Gentil. Quem sabe ele viu alguém pela estrada, ou mesmo trouxe o rapaz? É... vá! Diga pra ele vim aqui. Não vá conversar nada com ninguém pelo caminho, entendeu? Não quero que esta história se espalhe.

– Juro por Deus, seu Mário.

– Tá bem! Vocês fiquem por aqui, tomando conta da casa. Enquanto espero Chico, vou ter com dona Zilma.

Poucas vezes Mário rezou. No dia do pedido de noivado, no dia do casamento e agora, na expectativa de estar acontecendo algo muito ruim com o filho. Dirigiu-se ao senhor da maneira mais devota possível: Deus, não deixe meu filho se meter em alguma peleja difícil. Ele é um menino bom e sua mãe também. Eu não presto... Eles dois, não! Zilma faz tanta caridade, ajuda o padre... Ela é muita boa, Deus! Tenho certeza que Você vai ajudar.

A porta do reservado estava aberta. Zilma esperava ansiosa.

– Sim?

– Nada, Zilma. Câncio não soube de nada. As pessoas viram um rapaz perambulando pela região, mas não puderam informar nada. Ele ficava olhando as coisas com interesse, como se admirasse um quadro. Ficou um tempão no quintal da Estação, mas não falou com ninguém...

– Oh, Mário! Minha Mãe Santíssima!

O homem teve de usar de agilidade para amparar a esposa antes de cair. Levantando-a nos braços, deitou-a sobre a mesa. Leves pancadas no rosto restituíram a cor aos seus lábios. Beijou-os.

No recobrar da consciência, Zilma retribuiu o beijo com ardor.

– Oh, Mário, desculpe-me!

– Desculpar você? Por quê? O errado é eu. Eu me aproveitei de seu desmaio para...

– Oh, queri... E agora, o que vamos fazer? Não tenho mais qualquer dúvida; nosso filho está aqui!

Mário recriminou-se por estar alegre, enquanto o filho poderia estar em perigo. Todavia, o momento que acabara de viver fora muito gratificante. A mulher beijara-o com amor e o chamara de querido.

– Ainda resta uma esperança, Zilma. Talvez o Chico Carrero tenha visto o rapaz. Ele passou pela Estação no horário que o pessoal viu o moço perambulando. Já mandei chamar ele. Se confirmar as suspeita, então, tomaremos outra providência. Olhe, Maricota ficou bisbilhotando com Cância, quando ele chegou da Estação. Depois foi arengar ao padre.

– Você sempre implicando com a coitada! Queira Deus, padre José venha até nós. Poderá nos dar algum conforto...

Refreando o desejo de abraçar a mulher, desceu. Alcançando a escada, Gentil apareceu; o carreiro e mais outras pessoas estavam do lado de fora.

Antes de terminar o recado, Gentil foi interrompido por Tila. Atrás dela, vinham o padre, Vavá e Maricota.

– Minha fia, Maricota dixe qui ocê tá pra ficá maluca! Tenha carma, fia! Tenha fê em Deus Nosso Sinhô! Vai dá tudo certo... tô aqui pra ajudá ocê!

Maricota sentiu o olhar enraivecido de Mário ao pedir que descessem. Bastava ficar o padre e Tila. Dona Zilma necessitava de ar.

O choro de Zilma tornava-se convulsivo. A preocupação de Tila era mais uma prova. Algo estranho estava acontecendo.

– Tadinha de minha fia! Pru que tá acunteceno esta coisa?

– Acontecendo, o quê, Tila? Até você, querendo aumentar o sofrimento de Zilma?

– Num sei, seu Maro, num sei o qui foi. Só sei é qui Zir tá carenciano da gente. O maluco do Vavá tombém maginô isso... Zir foi em casa, se dispidiu de mim tão triste, dixe qui ia vê um amigo...

– Isso é maluquice de Vavá e desta... Que perigo Zilmário pode está passando?

– Né maluquice de Vavá, não! Oia, ele inté deu di-nhero a Vavá pra mode de num dizer a ninguém que viu ele. Chame Vavá!

– Vavá tá aqui! Ele não foi embora. Vavá sabia que iam chamá ele. O filho dela não é certo. É como Vavá! É, sim! Vavá não mente, não é padre?

– Tenha calma, meu filho! Lembre-se dos ensinamentos que lhe ministrei.

– Viu? Vavá sabe, Vavá sabe onde o menino tá.

– Está! Nada de tá. Eu sei onde o menino está...

– Perdão, padre, deixe ele falar como quiser. Continue, Vavá! Onde tá o menino?

Vavá se sentiu orgulhoso. Gostava mais de seu Mário. O padre somente lhe dava orações e penitências. Nunca lhe dera um copo de cachaça, nem um charuto.

– Diga, Vavá! Diga logo, intonce eu faço a reza, ocê sabe...

– Tá... tá... Vavá diz, dona Tila! Vavá diz! Vavá sabe... é um lugá bonito... eu já vi... um lugá... bonito! Eu já tive lá!

– Que lugar é este, homem?

– É... É... Não sabe, seu Maro... Vavá não sabe direito... Não s'alembra! Lembra, Vavá! Lembra! Vavá já teve lá!

A tensão era forte. O amalucado tinha sobre si os olhares das outras pessoas, observando suas macaquices, na tentativa de lembrar. Em momentos assim, qualquer observação tornava-se inoportuna. Vavá ficava amuado e, somente no outro dia, voltaria a falar.

– Adescurpe, seu Maro. O parafuso tá sorto dentro da cabeça de Vavá. Tem um parafuso sorto, né padre?

– Tá bem, amigo! Vamos sair daqui. Vamos lá pra baixo! Tenho um remédio pra lhe aclarar a mente e botá o parafuso no lugar. Vamos!

Padre José bem sabia qual seria o remédio. Naquela terra, a cachaça servia de cura para todos os males. Já estava cansado de tentar, através dos sermões, ensinar ao povo os riscos do álcool. No entanto, se era

para fazer o bem, fosse feita a vontade de Deus. A cachaça só podia ser tentação do demônio. O vinho, não. O vinho era usado pela Igreja Católica. Por isso não se sentia tentado pelo capeta por estar olhando para a garrafa sobre o armário. Estava lendo o rótulo da garrafa por livre vontade. Afinal, diante de tanta expectativa e nervosismo, a bebida serviria como relaxante.

– Não aceita um cálice de vinho, filha? Poderá servir de calmante!

– Não, padre, agradeço sua atenção. Por favor, sirva-se à vontade!

As mulheres choravam mais consoladas, lançando, vez em quando, olhares suplicantes ao reverendo, que, atendendo à sua obrigação, entre um gole e outro, acenava-lhes conrito.

Fora do reservado, ouvia-se a ordem de Mário para Vavá tomar outra dose de cachaça.

– Bebe, Vavá! Olhe, se você lembrar do lugar onde meu filho está, eu lhe dou muita cachaça, muita mesmo!

– Vavá vai alembrá... ele sabe o lugá... tem árvore e areia... Otro gole, otro gole!

– Enche o copo, Gentil!

– Oplas! Eta cachaça da gota serena! S'alembrei, seu Maro, s'alembrei! Vavá é sabido! Vavá já sabe onde tá seu filho! Não disse que Vavá s'alembra?

– Onde é, Vavá?

– Ê na bera do rio! Vavá viu ele lá, antes de viajar pra Bahia. Tava cunversando com o rio, como se fosse gente... Vavá tava escondido... Tava ele... Minó... Tonho!

– Antes de viajar pra Bahia? Ora...

– Pera, seu Maro! Otro gole! Ah, é verdade! Tava conversando com o rio... Os outro menino tomava banho... ele, não! Aí, Vavá foi chegano por trás das moita... ele chamou o rio de amigo... agora, tá lá... conversando com o rio...

– No rio? Meu Deus! Para, para de beber, Vavá! Temos de ir lá!

– Vamo, seu Maro! Vavá também vai!!

– Seu Mário, Chico Carreiro chegou! Tá esperando lá fora!

– Chame ele. E aí, Véio, como vamos fazer?

– Chico t´aí, ele pode levá a gente!

– É possível, Chico?

Chico Carreiro desculpou-se pela demora. Assim que recebera o recado viera logo. Nem desatrelara os animais. Caso fosse necessário, poderia levá-los até o rio.

– Tá bem, Chico. Aguarde aqui... tome um trago com os outros!

Voltou ao local onde a esposa e Tila se encontravam, avisando-as que precisava sair um pouco. Vavá desejava sair e refrescar a memória. Pediu ao padre que levasse a esposa e Tila para casa.

O amor paterno sobrepujou os outros sentimentos. Despediu-se da esposa. Embaixo, traçou alguns planos com Véio Broxado e Cânciao. Iria na frente, no cavalo de Cânciao. Eles dois iriam pegar o carro de boi e, de lá mesmo, tomariam a direção do rio.



está borbulhando dentro dos vasos. Sinto-me confuso. Não tenho certeza se estou falando alto ou pensando... Sou um alambique... Você é um alambique, Zilmário... Sou um alambique... Você é um alambique, Zilmário! Sou um alambique, professor? Parece-me estar ouvindo a voz do professor! Você é um alambique, esquentando os líquidos dentro de seu corpo e depois destila pelos poros... E o vapor que está saindo de dentro de mim, quando encontra o vento frio, do lado de fora, se cond... cond... droga! Não quero lembrar destas coisas... Estou precisando beber água... Será que posso beber a água deste rio? Ela deve estar cheia de vermes e parasitas... Bobagem! Todos aqui bebem dela e ainda não morreram! Ao contrário, estão aí, muito fortes! Depois, se eu morrer, tanto faz... Poderia beber outra coisa... o conteúdo do frasco. É isto mesmo! O frasco! Já estava até começando a me esquecer dele! É isto mesmo! Vou beber tudo... É um ácido forte. Lembro-me de ter ouvido o professor de ciências dizer: cuidado com este frasco, Zilmário. É um ácido muito forte, até seus vapores são perigosos.... Foi até fácil rou... pegar o frasco... Passei o ano inteiro esperando o último dia de aula no laboratório para pegá-lo. Só vão descobrir sua falta no próximo ano... Ácido mais base forma sal e água... Idiotas, dizem estas besteiras para engabelar os trouxas! Eles não sabem de nada! Pera aí, se não sabem nada, é porque sabem tudo... Estou ficando maluco, mesmo! Queria ver um deles beber este ácido e depois tomar soda cáustica por cima, para ver se vomitava sal e água. Com um ácido forte, eles iam vomitar era as tripas...

Agitou-se, envolvido pelo calor do próprio corpo. Despiu-se. Cansado pelo esforço para respirar, deitou-se. Olhou o céu. Os raios solares começavam a esfriar. Levantou-se bruscamente, reclinando-se por estar retardando sem necessidade o momento decisivo. O que estava esperando? Alguém aparecer e impedir-lhe

de tomar o ácido no último momento? Tonho o salvaria? Para quê? Para continuar se enganando, fugindo mais uma vez da realidade?

– Não, não desta vez! Não desistirei depois de ter chegado até aqui. Não desistirei, amigo Subaúma. Tila já deve estar fazendo um grande vexame com minha mãe, não posso deixá-las esperando por um filho que julgam normal. Não, não vou desistir. Nem mesmo esta música, nem Tila com suas histórias engraçadas, nem mãe, nem pai... Não vou fugir!

O blusão onde se encontrava o frasco fora atirado próximo a uma pedra. Olhou-o por alguns instantes. Forças antagônicas decidiam sobre os momentos seguintes. Se o vidro estivesse quebrado, como daria continuidade ao curso do destino? Indeciso, remexeu a roupa. Retirou o recipiente do bolso; estava intacto. Elogiou a resistência do vidro de cor âmbar. Olhou-o demoradamente. O professor de ciências estava dentro dele, envolvido pelo vapor, todo negro em sua batina, explicando que reagentes químicos devem ser guardados em frascos escuros: a luz pode alterar a qualidade da substância e as reações apresentarem resultados anormais. Influência da luz! Idiotas! Estão todos errados! Até mesmo o padre Dilermando, com suas paralelas que só vão se amar no infinito. De todo mundo, quem está mais certa é Tila. Sabe mais do que todos eles. Religião, história, reprodução, tudo! Ela conhece a história da Menina do Rio e, se Tila disse que esta moça existe, é porque existe mesmo. O que estou ouvindo agora não é imaginação. É a voz da Menina do Rio. Ela está querendo me dizer alguma coisa... Coitada, morreu afogada! Sofreu muito! Eu vou morrer mais depressa. Tão logo beba o ácido, estico as canelas. Aí estarei livre de tudo isso.

A figura do professor desapareceu. Dentro do frasco havia, apenas, um líquido atraente e, ao mesmo

tempo, asqueroso. Ao retirar a tampa, algumas gotas lhe caíram sobre a pele causando queimaduras. O grito misturou-se à voz da mulher; foi absorvido num abraço carinhoso, assim como Tila fazia com ele quando, depois de uma traquinagem, corria para proteger-se em seu colo. Quantas vezes um beijo, num local dolorido, fora o suficiente para curá-lo! Eram tempos bons. Fingia continuar sentindo dor, somente para ser embalado pela negra. Gostava de encostar-se aos seios mornos, ouvir canções de ninar.

Tampou o vidro novamente, invocando a voz da mãe de criação. Aquietou-se para ouvi-la: oia, Zir, era uma vez, uma minina índia munto, munto bunita! Munto bela, sabe? Era fia do cacique, um homão grande... Um dia, uma turma chefiado pru um purtuga marvado tirô ela do lado do pai. Intonce, troxe ela pra cidade... Océ tá inscuitano? Intonce... troxe ela pra cidade. A bichinha só vevia chorano pelo canto, pru mode dos martrato do branco marvado. Um dia, assunte só, ele levô ela pru rio, dano discurpa qui ia insiná ela a lavá ropa. De treta, cuma se a lavadera da casa num subesse fazê isso... Lá o marvado abusô dela...

– Abusou dela? O que é abusou?

– Tu sabe, sem-vergonha, tu tá é quereno qui eu diga sem-vergonhice. Esta cosa qui tô lhe contano é munto sera, num se brinca, num sinhô! O qui uma pessoa sente aqui dentro deve sê respeitada pru todo mundo. Mai, cuma dizia... onde é qui tava mermo?

– Abusou dela...

– Ah, agora s'alembro: intonce, o marvado abusô dela. Usô a coitadinha de todo jeito. Adespôs troxe ela pra casa, já tarde da noite pru mode dos vizinho num vê o estado da minina. Daí pra diante, ocê sabe... o purtuga era um homão bunito, tinha barba e bigodão, inté parecia um santo de retrato... foi ingabelano ela, dano presente barato, uma coisa, otra... aí ficou

apaixonada pru ele. Os tempo fora passano e, um dia, quano meno se espera, oia qui o home chega em casa cum uma rapariga branca, feia qui nem uma lambisgoia, lá das banda da terra dele... feia qui nem uma peste... o chulé da minina índia cherava mais qui ela. Intonce, foi logo chamano a minina e dixeu qui aquela muié era a patroa. Daquela data pra diante, a índia era a escrava. Já pensô, Zir? A coitadinha... minina ainda, berano aí os dizesseis ano, juízo fraco, ficô cum tanto ódio da outra – e quem num ficava, hem, Zir? – qui um dia sumiu na inscuridão da noite, pelo fundo do quintá. No otro dia, incontraro o corpo dela boiano no rio. Queriam matá o marvado, mai o padre num dexô! O pissoá levaro ela pra cidade, pra o interro no sumitero... Tu apercisava vê qui interrão! Todo povo de Entre Rios tava lá. Inté alejado foi de muleta. Naquela hora de aflição, o povo fez tanta reza contra o portugua que, desse dia pra diante, o home deu pru lado da bebedera... pra insquecê... Oia, Zir, todo santo dia ia pru sumitero... dava inté pena! O pissoá deu pra vê ele, quano de lua cheia, indo pru sumitero, mermo qui na noite qui ela se afogô. E ficava assentado na cova, cunversano cum a difunta. Adespôs ia tomá cachaça na budegua de Freguês. Só dizia essa palavra, cantano cum voz de sepucro, vô cantá procê:

*monstro tirano,  
pra qui vem agora,  
lembrá das mágua,  
qui pru ti, passei!*

Oia, Zir, o home foi difinhano... difinhano... inté qui morreu. Ante, porém, a muié... a feia qui nem a peste... deu corno nele, inté cum os mulero qui vinha de Seugipe. No dia do interro dele, as poca pessoa bondosa, arma de caridade qui levaro o corpo pra interrá

viro, pra cima da cova da índia, um pássaro todo branco. O padre fez uma benzedura e o passarinho vuô prurio e se atirô nas água. Todo mundo qui sofre de mar de amores, quano a lua tá no arto, vai no rio e conta as mágua. Se ovi a voz da Menina do Rio, pode vortá satisfeto, sem munta demora o caso se arresolve.

– Coitadinha! Este português pagou pelo mal que fez, não foi?

– É, Zir, os home são mau prás muieres...

– E esta menina ajuda mesmo?

– Juda sim! Intonce, tua mãe véia ia contá mintira pra ocê?

– Quando eu estiver sofrendo de mal de amor, vou pedir ajuda à Menina do Rio...

Zilmário sorria. Sorria do menino Zil que acabara de ouvir a história contada por Tila, do menino que se prometera vir um dia pedir ajuda a uma lenda inventada por Tila. Sorria da adversidade da situação, na qual, em vez de ter vindo pedir ajuda, viera seguir os passos da Menina do Rio. Quem sabe, suas almas se encontrariam e se completariam?

A voz continuava cada vez mais próxima. Irritou-se consigo mesmo por ter perdido tempo ouvindo histórias da carochinha. Eram mentiras inventadas por Tila. Na sua sabedoria, inventava aquelas lendas para enganá-lo. Apesar de tudo, gostaria que fosse verdade e houvesse alguém no mundo, mesmo uma personagem de uma lenda, capaz de ouvi-lo e ajudá-lo. Infelizmente, eram mentiras. Mais mentiras. Sempre mentiram para mim! Você é um menino igual aos outros, Zil. Você vai para a escola e será um doutor! A Menina do Rio ajuda, Zir! Mentira! Mentira! Mentira! Olhe, Menina do Rio, escute, vou gritar bem alto para você ouvir: Vou beber este ácido agora, imediatamente! Sofro de mal de amores! Sou anormal! Não poderei amar como todos os outros rapazes... Se você existe mesmo, por favor, vê,

estou chorando, sou fraco, ajude-me! Se você ajuda as pessoas, diga alguma coisa para mim, prove ao menos que você não é uma mentira!

O jovem voltou-se assustado. O corpo arrepiado pela forte impressão de que alguém, às suas costas, falava com ele.

– Zilmário, traga este frasco com ácido clorídrico!

– Este aqui, professor?

– Não, o outro! Este aí com capacidade para 250 mililitros.

Atônito, apertou a cabeça com as mãos. Estava ficando maluco. Finalmente descobrira a causa de ser tão diferente dos outros? Maluco! Doido varrido! É verdade, agora percebo. É loucura mesmo! Ouvi perfeitamente a voz do professor. Nunca deveria ter saído de Entre Rios. Deveria ter ficado aqui e enfrentado tudo. Até o medo de fitar Tonho, de deixar que percebessem minha afeição por ele. Uma afeição ainda indefinida.

O frasco retido na mão parecia pulsar como se tivesse coração. A voz do rio aumentava; a febre não cedia. Uma parte do próprio ser começava a querer libertar-se, como se o corpo fosse um invólucro apertado e desagradável. Sentiu medo. Mais uma vez o medo dominava-o diante da necessidade de tomar uma atitude. Acuado, acompanhou uma discussão entre a voz do rio e o conteúdo do frasco. A voz, chamando-o para substituir o amor perdido da mulher; o frasco escuro, oferecendo-lhe a liberdade eterna. Qual lado escolheria? Quando estivera entre a mulher e o homem vestido de negro não soube escolher; sempre se encontrava numa encruzilhada sem saber qual o rumo a tomar. E agora? A voz da Menina do Rio ou o frasco? Um ano inteiro imaginando como conseguir o meio para livrar-se da vergonha, ou uma voz trazida de uma lenda criada por Tila? O ácido quer me libertar dos sofrimentos para sempre; a voz quer que eu fique vivo para fazer meus

pais e Tila sofrerem quando descobrirem meu defeito... Ei, por que tanta gente ao meu lado? De onde vocês saíram? Foi você quem trouxe toda esta gente, Menina do Rio? Já sei, eu já estou morto! Nem senti o ácido me queimando... Tila! Pai! mãe! Tonho, você também está aqui? Ajude-me, Tonho, como você fez da outra vez, naquele dia, quando um moleque de rua queria me bater. Tonho... forte como um touro! Beleza rude de peito sardento... Eu não quero pensar em Tonho, ele não existe além de minha imaginação. Estive todos esses anos me preocupando com uma imaginação criada por minha mente doente. Nada existe além de minha imaginação. Nada, nada, nem a Menina do Rio! O que realmente existe é o frasco; este é material, é palpável! Na realidade, meu único amigo. Ele sabe que não terei força para ingerir o ácido, por isso está esquentando tanto, para me mostrar que devo agir logo, senão vai sair e, sozinho, penetrará em meu corpo. Vocês todos fiquem calados! Tenho de ficar ao lado do ácido! Ele me libertará de vocês, meus pais; vocês me tiraram daqui... O veículo que nos levou ao colégio cortou uma cidade muito grande, durante muito tempo, mostrou-me o mar pela primeira vez... E eu já não tinha visto o mar, antes? Ah, meu amigo Subaúma, como é lindo o mar. Não, não sinta ciúme, você também anda a procura dele, não? Você não se atira em seus braços? Mas, você é muito mais bonito! Gosto mais de você. Para o mar, nunca fiz uma poesia. Você é meu amigo, conversa comigo; o carro nem uma vez perguntou-me se queria ir com ele; se eu estava satisfeito. Foi até bom! Eu não teria respostas para dar. Naquele momento, livrar-me dos olhares acusadores de meus pais já era o suficiente. Eu teria de sofrer para pagar por meu pecado de não ter pedido para nascer anormal. Por isso cheguei a pensar que o colégio seria minha salvação. Lá não havia esta voz cantando a mesma canção, aumentando sempre

e sempre. Lá só havia a voz do sino avisando todas as horas... sem se cansar... lembrando alguma tarefa a cumprir: acordar, tomar banho, ir à missa, café, aula...

O vento frio do fim da tarde provocava calafrios. A febre se mantinha alta. Agitado, esfregava as mãos pelo corpo enquanto falava alto, dirigindo-se ao rio.

– Devo consumir logo. Consumar? Esta é palavra de Deus! Devo tirar o nome de Deus deste negócio. Ah, se pudesse deixar de pensar no passado... mas não consigo! Fecho os olhos e me vejo comparado a outros rapazes e moças. Sou diferente de ambos: nem sou rapaz nem sou moça... Serei uma árvore? Não, se fosse uma árvore teria raízes. Onde estão minhas raízes? Posso ser um pássaro. Onde estão minhas asas? Que sou, então? Por que existo? Alguém pode responder? Vocês todos podem me dizer? Ninguém liga para mim... Oh, meu Deus, ninguém se preocupa comigo, estou sozinho nesta marinete indo para o colégio. Meus pais foram sentar em outro banco para não serem vistos comigo. Quando chegamos ao colégio, despediram-se com pressa. Minha mãe chegou a virar o rosto para não me ver. Quis soltar-me daquela mão enorme que segurava a minha e me arrastava para dentro... não tive coragem. A partir daquele momento, dirigiram-me em todos os meus atos, fiscalizaram-me sutilmente, por certo obedecendo às ordens de meus pais. Tivessem cuidado comigo, eu era diferente e poderia estragar os outros meninos internos. Faço deveres, tomo banho, rezo, choro... Saudades de mãe, de pai, de Tila, de Tonho... Dele, não! Vontade de morrer!

Impelido por uma força súbita, levantou-se como se saído de um pesadelo, do mesmo pesadelo que o acompanhava havia muito tempo. Procurou a cama, as paredes do quarto, o crucifixo pendurado. Nada! Não era pesadelo, nem estava no colégio. Estava à beira do Rio Subaúma. Atônito, olhou em volta procurando

explicações, o coração a bater forte, as lágrimas a escorrer. Quedou-se meditativo, sentado sobre as próprias pernas. Sentiu-se triste, desolado, por estar afetando, até mesmo, a harmonia do ambiente. Doía a mão. Afrouxou os dedos lentamente, deixando cair na relva o frasco muito tempo retido. As lágrimas secaram. O calor do corpo começava a diminuir. Olhou as águas, as flores resistindo ao assédio amoroso do rio, os bobós voluntariosos nadando contra a correnteza, tão pequenos a enfrentar o poder do rio. Olhou o passado, lembranças e visões libertadas da mente cansada: criança, jovem, escola, amor... suicídio...

O odor característico do rio contribuía para fazê-lo sentir-se melhor, ser mais uma vez a criança protegida no colo materno. Em lugar do desalento no rosto, um riso suave começou a se formar. Voltou-se para os peixinhos, falou-lhes com afeto. Falar com animais? Qual, não faltava mais nada... já não havia mais qualquer dúvida... doidice mesmo: quem fala cum bicho, fica maluco, Zir! Era a voz de Tila dominando os outros sons. Contara-lhe, em sua maneira engraçada de falar, que, certa vez, Nico carpinteiro perguntou ao cachorro dele se o animal queria água. Sabe o qui acunteceu, Zir? O animá dixeu qui quiria! T'aí! o home morreu na hora, ali mermo! Oiça o qui digo: num fale cum bicho, tu pode ficá doido!

Que ficasse maluco, gritou para o passado. Falaria com os animais e queria ver se ficava maluco. Tila não sabe nada! Olha, peixinho, eu quero ficar maluco! Pouco me importa... Dentro de pouco tempo meu universo se dissolverá em outro maior, muito melhor que esta minha vida chata. Será repleto de paz e de amor eterno. Quero falar com vocês todos. Falo com você também, meu querido Subaúma, você é o mais importante. Finalmente me livrarei da vida, de toda trabalhadeira que tive para libertar-me desta tara. Posso

dar aos pais tamanho desgosto? Um filho afeminado seria a pior desgraça para eles. É como mãe diz: antes uma boa morte, à desonra!

Recordando os pais, perdeu o sorriso dos lábios. Chegara o momento final, nada mais prolongaria a agonia. Faria uma despedida ao mundo, simples e sem palavras melodramáticas. Diria adeus a tudo, a todos os problemas: às aulas, aos pais, a Tila, a Tonho... simplesmente, adeus!

Reprimiu as lágrimas. Sentia-se tranquilo e sóbrio. A realidade do momento que se aproximava fê-lo raciocinar com clareza. Recolheu o frasco. Retirou a tampa com segurança, libertando certa quantidade de fumaça. O odor desagradável se fez sentir, penetrou pelo nariz, agrediu a vista. Afastou o rosto da fumaça, protegendo os olhos com a mão. Para que tanto cuidado? Se o ácido lhe queimasse os olhos, seria muito bom, seria a venda negra que o carrasco coloca nos condenados. Apesar de não ter a coragem dos heróis, rejeitando a venda, era uma excelente oportunidade para tomar uma atitude de homem. Abriu os olhos e encarou a fumaça.

Entre os juncos, um bulício mais acentuado. A voz agora era nítida. Dentre a vegetação, destacou-se uma mulher vestida apenas com a água a lhe escorrer pelo corpo. Calou-se ante a presença do rapaz, escondendo-se pudicamente com as próprias mãos, cobrindo os seios e o sexo. O ato foi instintivo a qualquer fêmea. Depois, lentamente, baixou os braços, pondo-se inteira à vista. Sorriu infantilmente ao sacudir a cabeça para libertar a água dos cabelos.

Zilmário sentiu-se desfalecer. Os sentidos recusaram-se a obedecer-lhe. Não conseguia respirar. Os olhos atraídos pela beleza do corpo feminino isolaram a mulher das outras imagens. Era uma visão demasiadamente forte para um homem que ainda não tivesse visto uma mulher nua.

O sol invadindo as folhagens tingia o corpo feminino de dourado. Os seios pequenos, de virgem ainda adolescente. O moreno claro mudava de tonalidade, à medida que se aproximava dos mamilos, para o marrom rosado nos bicos rijos. A língua rosada saboreava a água espalhada pelos lábios. Gotas escorriam pelo rosto, detinham-se nos mamilos, prendiam-se na penugem preta destacada no ventre.

Extasiado, Zilmário esforçava-se para retirar os olhos da mulher.

– Até que enfim você voltou! Já estava começando a perder a esperança!

– Quem... quem é você?

– Estava te esperando.

– Esperando-me? Como sabia que eu viria aqui?

– Eu sei, sei tudo sobre você.

– Eu não disse a ninguém que viria para cá... Você é Tancinha, por acaso? Ou a Menina do Rio?

– Quem sabe? Importa alguma coisa se eu for uma ou outra? Posso sentar ao seu lado?

Emoções diferentes, antes nunca sentidas, invadiam o jovem. A mulher aproximava-se. Tremulavam as coxas a cada passo; balançavam os seios delicadamente.

– Como é? posso sentar?

– Acho... acho que pode... pode sentar... por favor!

– Quer conversar um pouco antes?

– Antes? Antes de quê? Em que está pensando? É a Sereia que vai me levar para as rochas?

– Rochas? Nada disto! Só desejo conversar um pouco. Esperei tanto tempo por esse momento!

A luta pelo autocontrole tornava-se mais difícil. O convite foi aceito.

– E isto em sua mão?

– Hem? É um frasco... com a... água... Estava brincando com ele...

– Vai ficar assim, de cabeça baixa, sem olhar para mim? Sou tão feia assim? Nem mereço um olhar? Não gostou de mim? Você é muito forte, sabia?

O Zilmário ao lado da moça não pôde falar. O outro, distante, pedia ao real para dizer-lhe que não eram fortes, ao contrário, eram muito fracos. Muito fracos! Covardes! Covardes! Diga a ela, diga! Fale! Não tenha medo! Não desta vez. A situação agora é diferente, nada mais temos a temer. Você nem consegue falar? Mas, por quê? Nada lhe impede! Temos de falar! Afinal, será de qualquer forma a última vez!

– Você deve vestir a roupa... está toda molhada... pode se resfriar!

– Ah, até que enfim! Depois eu visto, já estou acostumada! Você é muito forte. Que foi isto no rosto, briga por alguma mulher?

– Briga por mulher? Qual, foi uma briga na escola. Um menino me chamou de mulherzinha. Ele era maior do que eu, sabe? Eu fiquei com tanto ódio... Enfrentei o moleque com todo o ódio guardado dentro de mim. Não foi só pelo fato de me chamar de mulherzinha, não, foi mais pelo ódio acumulado dentro de mim por vários anos. A briga foi violenta. Houve até necessidade da intervenção do chefe da disciplina, o padre Gervásio, para nos separar.

– Padre? Você estuda para padre? Foi isto que fizeram com você, quando lhe levaram para a Bahia?

– Que nada! No Colégio... deixa pra lá!

– E quem ganhou a briga? Com certeza foi você!

O orgulho atizado libertou as palavras. Começava a se sentir à vontade ao lado da moça. Contou em detalhes toda a peleja: dera um soco no rosto do outro menino tirando-lhe dois dentes. Como numa briga os dois lados perdem, fiquei com este corte na testa. Depois, à noite, sozinho no quarto, chorei até sentir doer os olhos. A dor não era pela briga. Até que foi bom,

serviu como um desabafo retido no peito. O pior, o que doía mais era a pecha de mulherzinha... mulherzinha! Eles repetiam esta palavra toda vez que eu não aceitava entrar em suas brincadeiras de mau gosto. E o pior é... eu tinha dúvida de...

Finalmente, o desabafo. A chuva que lava as árvores; as lágrimas reprimidas. Julgando que a mulher era uma alucinação motivada pela febre, falou sem preocupação. Até mesmo a amizade por Tonho, a curiosidade em olhar os calções molhados dos outros meninos quando seus órgãos genitais ficavam mais detalhados.

– Até que enfim você está sorrindo...

– É de alegria, mesmo! Porque quero, sem precisar sorrir para agradar a ninguém. Isto que lhe contei estava guardado dentro de mim, me sufocando. Agora pouco importa, dentro de mais alguns minutos estarei livre de todos. É engraçado... a gente tem medo de uma coisa, durante toda a vida e, num dia qualquer, descobre que poderia ter-se livrado dela há muito tempo.

– Isto é bom! Temos de enfrentar os problemas! Não devemos fugir deles! Você devia ter feito isso desde que ficou com esta dúvida. Desde quando seus pais obrigaram você a fazer tudo como eles queriam. Não lhe deram chance nem de escolher as pessoas para brincar.

A mulher continuava incentivando-o a desabafar. Induziu-o a falar mais sobre os amigos, a moça chamada Tancinha. Ela era bonita? Carinhosa? Tão bonita que, mesmo estando ao lado de outra mulher, ainda pensava nela? Comparasse as duas, olhasse para ela e dissesse quem era mais bonita.

Zilmário cedeu à mão, puxando-lhe o rosto, até ficarem muito próximos. Nos olhos da moça, viu sua própria imagem. Estava calma. Parecia satisfeita com a prisão. Sorriu para ele, convidando-o a mergulhar no lago tranquilo onde estava e, com ela, participar de

tanta paz. Lentamente a imagem se aproximava mais... mais... até desaparecer, levando com ela o corpo embriagado, num voo imaginário. Apenas os lábios se prendiam à realidade. O resto do homem balançava ao vento, solto como a pluma desprendendo-se da ave e se deslocando ao sabor da brisa. A vida, a morte, o passado e o presente fundiram-se em uma forma de energia indefinida. Difícil distinguir o estado em que se encontrava. Estaria morto, ou começando a nascer? Nascer é tão agradável? É, sim! É isto! Estou nascendo... é este o milagre da origem. Estou no ventre de minha mãe. Sinto-me forte e poderoso. Sinto que ela vai acumulando dentro de mim força e energia para me manter vivo depois que eu sair desta proteção... Engraçado! Onde estão minhas mãos? Não as tenho! Não tenho mãos para me tocar... mas me sinto vivo! Estou sentindo uma sensação muito agradável penetrar em meu corpo, obrigando meu coração a entrar em funcionamento... Meu cérebro! Viva! Já tenho cérebro! Agora posso distinguir esta sensação agradável... é muito bonito! Deus, como é bonito! É amor! Meus pais me amam! Eles me amam! Eles se amam! Serei feliz! Fui gerado por amor... todos me amam... preocupam-se comigo! Quero ficar aqui dentro deste lago no seio de minha mãe... Por que estão me puxando? Eu quero ficar aqui! Deixem-me ficar neste lago eternamente! Quem está me puxando? Ah, é o vento. Ele está querendo me distanciar. Preciso voltar, não posso permitir que o vento me leve para longe. Tenho de voltar e apagar as imagens desagradáveis que me atormentaram toda a vida. Meus pais me amam. Não terei mais esta tristeza, eles me deixarão fazer o que quiser, me deixarão brincar com Tancinha. Tancinha, diga ao vento para me deixar voltar... Eu quero ficar... meus lábios ficaram com você...

O corpo sem vontade entregava-se ao beijo da

moça. Retribuiu o abraço enlaçando-a com força. A mulher sabia: enquanto os lábios estivessem unidos, ela dominaria a vontade do homem. Colocou-o de costas sobre a relva, deitando-se sobre ele.

A frieza do solo tirou o rapaz do torpor. A respiração estava arfante, o corpo vibrava, o sangue concentrava-se no órgão genital. Doía a glândula, presa entre as coxas da companheira. O erotismo contido em dezesseis anos explodiu num jato único. O corpo feminino vibrou de prazer, exultou com a vitória. O líquido morno, caindo-lhe sobre as nádegas, incitava-a a movimentos ritmados sobre o membro masculino, mantendo-o aquecido e ereto. Ergueu-se um pouco, oferecendo-lhe os seios. Gemeu com a sucção nos mamilos enfartados pelo prazer. Prestes ao gozo, mudou a posição, pondo-se sob o amante. Queria sentir-se conquistada pelo macho. Excitava-se a cada movimento do parceiro entregue ao amor. Sentiu-o estremecer, quando procurava orientá-lo à penetração. Passou a ser apenas uma mulher entregando-se ao comando do macho. O homem despertava dentro do adolescente, dominava a mulher. Abraçaram-se forte na dor aguda da quebra da virgindade, no beijo carnal, nos movimentos de liberdade sexual, na beleza infinita representada por um homem e uma mulher que se amam.

Curto é o presente. Um momento, apenas, separando o passado do futuro. Um momento de prazer, para limpar os corações, fortalecer os espíritos. Momentos tão rápidos, mas dignos de serem eternizados.

Dormiu embalado pela respiração da moça. Despertou sozinho. Fora Tancinha? Ou um sonho? Alucinação? Tancinha é a Menina do Rio. Veio me ajudar. Por que teria me acontecido isto? Só pode ser por causa da febre. Esta febre está me matando... Nem sei mais o que está havendo! Eu sei. Agora desejo viver. Você perdeu a batalha, frasco! Eu vou viver!

Levantando-se impetuosamente, gritou à natureza uma prece de agradecimento. Se alegrassem todos, contassem ao mundo o que acabaram de assistir. Ele era um homem. Fora amado e elevara uma mulher aos momentos máximos de prazer. Agora poderia vir ao rio com a turma e ficar despido na vista deles, sem medo nem vergonha de ser descoberto a olhar seus membros, à procura de encontrar algum igual ao seu. Agora iria participar das brincadeiras de luta sem constrangimento. Era igual a todos eles. Um homem... homem como eles. Ah, meu amigo Tonho, você nunca teve culpa de nada. Sairemos juntos, toparemos brigas juntos. Não necessito mais de sua proteção, e, sim, de sua amizade. Somos iguais, sabia? Também sou um homem, um homem! Você também, meu amigo Subaúma!

Fixou a vista nas águas do rio. Faltava somente uma vitória. Um abraço no amigo que acabara de lhe mostrar como estivera errado. Um abraço de machos. A realização de um desejo à vista dos colegas saídos da imaginação, para tomar parte na comemoração do renascimento. Convidou-os para perto de si. Viessem ver de perto. Seria sua vez de pular da pedra grande. Um... dois... três!

Na escuridão das águas, mergulharam as últimas imagens. O sol fugindo da mata, um frasco caído, um corpo de mulher no leito verde, o rosto de Tila a lembrar que a Menina do Rio ajudava quem sofresse de mal de amores. O temor da morte foi sendo substituído pelo sentimento de paz, tão desejado. O corpo esvaecia, tornava-se leve. Vozes distantes chamavam-no. O pai, sempre ausente, aparecia para demonstrar afeto. Por que o pai chamava-o assim? Fizera alguma coisa errada? Nem mesmo lhe fizera perguntas! Eram pai e filho? Às vezes agiam como amigos. Até o levava para cortar os cabelos. Você já sabia que iriam me chamar de mulherzinha, hem, pai? Por isso mandou Barbeirinho

cortar meus cabelos. Fui tão orgulhoso em direção à barbearia... Foram momentos alegres, logo transformados em tristeza, quando cheguei em casa. Você mentiu, pai! Mentiu para minha mãe. Disse que a culpa foi de Barbeirinho. Senti vergonha... Mãe disse que homem não mente. Meu pai é homem de fato? Por que pai é assim? Em frente de mãe, mostra-se um covarde! Eu também era covarde... Não tive coragem de enfrentar os moleques... Tonho, sim, sempre agiu como homem! Nunca teve medo de nada! Ele é meu amigo! Eu o admiro... quero ser igual a ele: bonito e valente! Agora reconheço a maneira como gosto dele. Assim mesmo deveria gostar de pai, mas ele é fraco. Nunca disse não a minha mãe... Na mesa, nem fala nada. A comida sempre está boa, nunca reclama... Como poderia saber se é melhor ser homem ou mulher? Homem é covarde e mau, só serve para maltratar as mulheres. Tila e mãe sempre dizem isto. Coitada de minha mãe, casou com um covarde. Coitado de meu pai, nunca vi fazer nada de mal a ninguém. Mãe reclama, e ele fica calado. Por que, então, ela diz que pai a maltrata? Será que ele abusou dela, como o português com a índia? Não! Não! Ele não pode ser mau assim... Vou responder, ele está me procurando... quero voltar para casa com ele! Pai, pai, eu quero ir pra casa com você! Eu estou aqui, não está me vendo? Espere, pai, não vá embora! Eu estou muito leve... o rio não me deixa falar... é o lago nos olhos da mulher, da Menina do Rio... Estou aqui dentro do rio, venha me buscar... Você não é covarde nem mau. Eu gosto de você também... Por favor, venha... me buscar! Estou ficando... cada vez mais leve... Vou lhe ensinar a cui... dar da mãe... vou lhe ensinar a cuidar dela... para... alegrar... Viu como foi comigo e a Menina do Rio? Eu lhe ensino... como é... eu ensino... eu... quero ser... amigo, pai!

## VI

Novamente era o menino montado em pelo, à maneira dos filhos dos peões. Na cintura, o badoque feito com forquilha de goiabeira e a mochila de couro cheia de pedras da estrada.

O vento forte batendo no rosto fora o responsável pela transformação. Já não mais ouvia as reclamações de Zilma pela vida sedentária que passara a viver. Sentia-se livre, como um animal no meio da floresta, percorrendo a mesma estrada do Rio Subaúma, sentindo o mesmo olor do brejo, vendo as mesmas árvores, o mesmo céu.

Recordar fazia bem, tangia para adiante as preocupações. Foram bons os tempos de menino livre pelos arredores de Entre Rios. Seu pai, o senhor Mário Alves Dantas, conhecido por “Seu Galego”, homem de terras, respeitado e temido, impunha segurança à família. Com o único filho, que levava o mesmo nome, os cuidados eram especiais. Tinha de ser macho, digno representante da família. Gostava de vê-lo em lutas corporais, mesmo com resultados desfavoráveis. Não se aborrecia. Era bom para o menino. Contudo, se um cabra feito bulisse com o filho, nesta hora, até o diabo, como diziam os conterrâneos, saía da rua, porque seu Galego endoidava e só se acalmava quando via o caso resolvido.

Muitos feitos do menino Mário foram contados nas esquinas e bares da cidade. O mais destacado foi quando

ocorreu sua transformação para homem. Após o almoço, uma brisa fresca convidou-o a um passeio até o rio. Mataria dois coelhos com uma só paulada: fazer o quilo e outras necessidades.

Estava abaixado por trás de uma árvore, quando percebeu um homem que o espreitava. Sem hesitar, usou o badogue fazendo o curioso fugir em direção à cidade.

Sem esperar perseguição, o homem bebia calmamente num boteco onde Mário o abordou, chamando-o para o meio da rua, pois tinham um assunto sério a resolver.

O desafio deixou perplexos os homens próximos do bar. O menino Mário estaria maluco? Enfrentar um homem como aquele mulato seria uma grande maluquice! Seu Galego iria virar na gota serena. A fim de evitar uma desgraça, seguraram o rapaz até seu pai chegar.

– Que foi, meu filho?

– Este filho da puta necessita de uma sova, pai! Ficou me espiando quando fui cagá no mato!

– E vosmecê dá conta do recado? Não necessita de meu d'jutoro?

Enquanto falava, seu Galego picotava fumo de corda, com uma peixeira de lâmina reluzente.

Vendo o ajuntamento de pessoas, o mulato saiu e ficou aguardando a resposta de Mário. Não a ouviu, contudo. Subitamente encontrou-se no chão, sangrando pela boca.

– Ah, bixiguento da peste! C' a gota serena! Tu me paga! Nunca home nenhum tirô sangue desta cara daqui, sem pagá cum a vida! Se aperpare pra morrê, mermo que adespois teu pai mande os jagunço me matá!

Novamente os espectadores intervieram na briga. A peixeira brilhava na mão do mulato. Os olhos apertavam-se de ódio. A vingança seria fatal para o jovem.

– Não se metam! Ninguém se mete! Vocês não viram meu filho dizê que dá conta do recado? Ou eu

aperciso de ajuda pra capar um corno, filho da puta como este? O menino sabe o que tá fazendo! Um macho Dantas, quando toma um boi na unha, tá garrado mermo!

– Mas, seu Galego, o otro é um home feito e tá armado...

– Este bixiguento é covarde! Dixa o minino cum ele! Hoje vocês vão vê um macho de verdade, mesmo!

– Venha, xibungo, vou lhe cortá cum sua faca mesmo. Nunca mais vai espiá um home fazê suas necessidade. Vô lhe cortá os ovo!

A voz decidida do adversário arrefeceu o mulato. Em vez de atacá-lo impetuosamente, pôs-se a cortar o ar com a faca, procurando uma brecha para ferir o rapaz. O gosto de sangue ainda permanecia na boca. Precisava tomar uma decisão. Agachou-se, à maneira de uma fera antes do bote. Mário permaneceu firme, punhos cerrados à altura do rosto.

Temia-se pela vida do rapaz. Seu Galego, entretanto, exultava com a valentia do filho sendo mostrada a todos na cidade.

– Vamo xibungo! Corno de mulero! Vem cum sua faca! Vou lhe castrá cum ela mermo!

A cada palavra de escárnio de Mário, o homem apertava a faca com mais força. Algumas pessoas punham a mão sobre a própria barriga. Vários gritos ecoaram quando o mulato, inesperadamente, surpreendeu a todos com a agilidade do salto. Pulando de lado, disparou a correr, pedindo proteção contra o diabo que invadira o corpo do menino. Não seria possível, a não ser possuído pelo demônio, um menino vencê-lo numa briga.

Atendendo a um discreto sinal do senhor Galego, dois empregados da fazenda que sempre o acompanhavam saíram atrás do mulato. Nunca mais se ouviria falar do infeliz.

Mário agora era homem. Abraçado pelo pai, foi levado ao armazém onde se daria a comemoração. Os preparativos foram solenes. Um copo com cachaça foi colocado no chão. A primeira bebida de um homem com os mais velhos tinha de obedecer a determinado ritual de respeito. Era obrigado a abaixar-se perante os outros e pegar o copo. Depois, seria levado à casa de uma mulher-dama. Naquela noite, o velho diria à mulher: o menino hoje não vem pra casa.

No mundo da imaginação, Mário viu-se ao lado de Zilmário; dois meninos montados no mesmo cavalo. Zil, mais calmo, aproximava-se mais do temperamento da mãe. Não possuía o sangue quente dos Dantas, sorria do procedimento do outro, tentando moldá-lo ao gênio irascível e briguento. Dizia-lhe que homem tinha de ser valente e brabo, nada havia a temer, nem precisava pensar antes de dar um murro na cara de qualquer safado. Agora, desse primeiro... É toma lá, dá cá! Escreveu não leu... pau comeu! Olha, olha lá, lá vai uma rola, toma o badogue, atire nela! Na bera do rio, a gente come ela assada. Ainda quero ver você tirá sangue da cara de um cabra safado! Sei que não é medroso. Eu soube da briga que teve na escola, mas... aqui ninguém soube... Zilma proibiu de eu dizer... Eu queria contar, ver o povo todo orgulhoso de você dizendo por aí: é igual ao avô e ao pai, valente e macho! Só não vô é dexá você se casar com mulher que não gosta de trepá com o marido. Tome o badogue, mire assim, bem no peito!

O desejo de ter vivido ao lado do filho e que lhe fora proibido resumiu-se num suspiro. Falou ao vento:

– Zil está em perigo! Eu sinto isto! Nunca devia ter deixado ele ir pra capital. O capricho de Zilma pra ele ficar quatro anos internado foi absurdo. Afastou o menino de nós. Ela é orgulhosa... odeia o povo daqui – os pinguços, como ela chama. Sente vergonha de mim, por eu ser quase analfabeto. Sempre desejava que nosso

filho fosse um dotô. Nem mesmo nas férias permitia Zil voltá pra cá. Ela preferia ir passá uns dia na Bahia. Me convencia, dizendo que era pro bem dele mesmo. Se convivesse com os meninos da terra, era capaz de não querer voltar pro colégio... Chego até pensar que nem mesmo comigo ela queria que o filho andasse. Quando mandei cortar o cabelo dele pra ficar mais parecido com homem, ela me olhou com ódio, o mesmo olhar da nossa noite de núpcias, quando tirei ela de casa de uma vez só. Como ia imaginar que ela era diferente das outras mulheres, que tinha o xibiu mais delicado? Todas as outra gemeram de prazer, quando eu tirava o cabaço. Ela não... teve ódio! Gemeu foi de dor. Ficou com medo... com medo de mim, como se eu fosse animal! Também, depois do que eu bebi na cerimônia... Como ia imaginar que aquela droga de camisola era tão fraca, rasgava com tanta facilidade? Só dei um puxão, e ela rasgou toda! Droga! Rasgou porque era de pano fraco... Tanto escândalo por causa de uma camisola! Além do mais, pra que ia servir depois de ficar manchada de sangue?

Entardecia rapidamente. O animal instintivamente diminuía o passo. Mário pensava acompanhando o trote do cavalo. Temeu ficar sozinho, caso houvesse acontecido algo ruim ao filho. Confiava nos amigos, todavia ninguém estava livre de um acidente; o carro de boi poderia quebrar na estrada. Incitou a montaria a acelerar o passo.

Aproximando-se do rio, a respiração tornava-se mais forte. Arrependeu-se dos últimos pensamentos sobre os amigos. Não o abandonariam numa hora assim. Já deveriam estar bem perto.

Mário estava com razão. Os amigos preocupavam-se com ele.

– Vamo, Chico, toca esse carro pra frente! Inté parece qui ocê tá feito Véio. Se tivesse mais cavalo, nós tinha chegado mais depressa.

– Tô fazeno o qui posso, Câncio! Mas, já tá ficano inscuro.

– Oia aqui, seu Câncio, num é hora de brincadera! Véio é a... cunfio em você, Chico! Eu socufio em você!

– No teu rabo!

– Vavá também socunfio em você, Chico! Eu também soco o fio em você! Ah! Ah! Ah!

– No rabo da... Oia!

– Acho bão pará a discussão. Olhe como o maluco do Vavá tá! O safado bebeu tanta cachaça qui tá bebo bebo... Se isso foi uma incenação dele, seu Maro, desta vez, manda capá esse ordinaro! Eu tenho certeza, né Véio?

– Chico, será qui era mermo o filho dele o moço qui teve cum dona Tila? Vai vê, até, qui nesta hora, ele já tá em casa! Você quando vortô pra casa, cheio de cana, podia imaginá... Quem sabe num era outra pessoa?

– Quar, Véio, eu nunca me ingano cum gente. Era ele, o fio de dona Zirma! Vavá tombém num viu?

– Pessoa, dexa de cunversa mole e toca este carro pra frente. Seu Maro deve de tar avexado cum a demora. Já deve tá lá na bera do rio. Sozinho, num vai pudê fazer muita coisa.

Encerraram a conversa. Na cabeça de cada um, cenas desagradáveis tomavam forma. Prepararam-se para esperar acontecimentos muito desagradáveis. Era um povo acostumado à espera: desde as chuvas de trovoada, o plantio, a colheita, a ajuda de Deus para que a praga não estragasse tudo. Por isso, quando nada se podia fazer, somente restava esperar.

Chico manteve-se em atividade, guiando o carro, a voz melosa acalmando os animais inquietados pela mudança de sons ocorrida no ambiente. Alguns pios mais agourentos já se faziam ouvir com a chegada da noite.

Ouvidos atentos permitiram ao carreiro distinguir os sons diferentes. Era voz de homem. Chamou a aten-

ção dos outros acompanhantes. Escutassem! Era Mário gritando pelo filho.

– Vamo lá, pessoá! Corda, Vavá, tá na hora da gente ajudá ele!

– Capa Vavá, não, viu, seu Maro? Capa, não! Seu Maro? Seu Maro? Vavá chegô, eu vim ajudá a encontrá o minino!

– Ah, desgraçado! Tu tava acordado?

– Vejam! Ali tá ele! Nós tá aqui, seu Maro! Qui acunteceu?

– Graças a Deus vocês chegaram! Já estava ficando preocupado! A noite tá chegando, e a escuridão não permite ver bem...

Vavá começou a gritar alto o nome do rapaz, despertando os outros.

Em vão. As vozes perdiam-se entre os ruídos naturais. Câncio propôs outra atitude. Seria inútil continuarem gritando assim. O melhor seria separarem-se em grupos para a procura. Quem encontrasse alguma coisa chamaria pelos outros.

Mário ouviu o plano com profundo pesar. Era o esquema empregado na procura de pessoas desaparecidas. Nas outras ocasiões, ninguém fora achado com vida. Mais recentemente, houve o caso da filha de um caseiro de sua fazenda. A coitadinha fora encontrada dois dias depois, completamente mutilada por uma onça. Agora entendia como uma pessoa podia sofrer tanto como o pai da garotinha. Se perdesse o filho, se Zilmário morresse, sofreria mais do que o caseiro, pelo resto da vida. Havia outras histórias de pessoas perdidas na mata. Tila dizia que fora a caipora quem as levou. A caipora levou Zil? Por que ele não ouviu os conselhos de Tila? Ela não lhe dissera sempre que, quando uma pessoa está perdida, se ouvir a voz do mato chamando, deve gritar com bem força: Meu nome está em Roma... meu nome está em Roma? É assim que a

pessoa deve responder à caipora... Se vosmecê num aquerdita, peça a Deus Nosso Sinhô perdão pelos pecado pra qui nunca seja perdido. Ave-Maria, Ave-Maria!

– Aqui! Acudam aqui! Achei alguma coisa! Corram! Vavá num dixeu qui encontrava? Vavá é sabido!

Os gritos vinham de trás de uma elevação, do lugar onde os meninos costumavam tomar banho. Mário foi o último a chegar. Andava devagar, aguardando ouvir notícias esperançosas. Esperava ouvir que o filho fora encontrado e estava bem. Não precisava ter tido tanta preocupação, ele estava simplesmente adormecido. Sim, foi isto mesmo! Eu também já ferrei no sono uma vez aqui mesmo, na beira do rio. Quando acordei, já era noite alta. A cidade toda veio me procurar. Eta surra danada... Em Zil, não vou bater, não. Ele não merece... se fez isso foi sem querer. Estava desacostumado com esta tranquilidade da beira do rio e garrou no sono... Foi isto!

– Já tô indo pessoal, já tô indo... Deus do céu!

– Vejam, é ropa de home. Parece da merma pessoa que veio comigo no carro derne a Estação.

– É mermo! Vavá também viu! Ele tá por aqui... Nós tem de achá ele antes da caipora!

– Deus ajude que não tenha acontecido nada de mal com meu filho!

– Ele há de ajudá, Maro... Ele ajuda as pessoa boa como você!

– Tomara, Véio! Tomara que você esteja com razão.

Mário estava desesperado. Desolado, encostou-se a um arvoredor. Correndo a vista pelo local, observou um brilho estranho, aproximou-se; era um frasco escuro. Percebeu um cheiro forte e desagradável. Imediatamente ocorreu-lhe a ideia de ser algum veneno.

Novamente foi obrigado a amparar-se nas árvores. O filho estava morto... tomara veneno... O rio levara o corpo... nunca mais... nunca mais o veria vivo.

As lágrimas chegadas aos olhos foram reprimidas. Não deveria chorar. Demonstrando fraqueza, tiraria o ânimo dos amigos. Se o filho estivesse morto, não deixaria o corpo para se transformar em comida de peixes. Teria de achá-lo e lhe dar um enterro digno.

– Vejam! Vejam! Lá tem uma coisa! Olhem lá! Tá preso no junco! Parece um home... é... é seu fio, seu Maro!

– Maluco desgraçado, é assim que se dá uma notícia dessa? Não vê que o home tá prostado de dô?

– Mas, é ele mesmo, Canço! É o Zil, tá lá preso... deve de ter morrido afogado!

Não houve mais reação contra Vavá. O receio de pegar no corpo, sentir o gelo da morte, dominou os homens. Véio olhou o amigo desolado. Temeu por sua resistência. Aproximou-se, falando bem próximo de seu ouvido. Ele precisava ser forte para dar sustança à dona Zilma e a Tila. Era a vontade de Deus. Quando quisesse, poderiam ir apanhar o corpo.

Antes da resposta de Mário, foram tomados de surpresa ao ouvirem o ruído da água quando Vavá se atirou nadando em direção ao local onde o rapaz se encontrava. Na cabeça de Cância, formou-se uma praga: maluco desgraçado não temia nem um jacaré.

A vergonha atingiu o grupo. Homens fortes não tiveram coragem de entrar no rio. Esconderam-se atrás de desculpas, evitando o frio das águas e da morte. Só mesmo um maluco, para fazer uma coisa assim.

Vavá alcançou a pedra onde Zilmário se apoiava. A metade do corpo encontrava-se presa entre os juncos. Apenas os braços e a cabeça permaneciam fora da água. Arquejando, pelo esforço, gritava aos demais que era o filho de seu Mário. Estava preso entre a vegetação aquática.

Mário e os outros se atiraram no rio. Chegando mais perto, podiam ouvir Vavá com mais nitidez. As

informações aumentavam o sofrimento do pai. A prece era dita em voz baixa, tremida pelo frio.

– Seu Maro, seu Maro, parece... que ele... inda tá vivo!

– Deus seja louvado! Vocês ouviram? Ele ainda está vivo! Meu filho tá vivo... Graças a Deus! Graças a Deus!

Não houve respostas por parte dos outros homens. Bem conheciam Vavá. O que ele dizia não se podia considerar. Seria bom se o rapaz estivesse vivo, o amigo bem o merecia, porém o quadro estampado em suas mentes era bem diferente.

Mário não pôde evitar o grito de dor ao tocar o filho. Sua cabeça estava desgovernada sobre a pedra. A voz do pai soava forte, tentando alcançar o outro pai, muito mais bondoso. Por que Ele permitira aquilo? Fosse misericordioso, levasse-o em lugar do filho. O menino era bom, não merecia morrer tão novo ainda.

– Cruz-Credo, Maro, não diga isso! Deus sabe o que faz... Ele não vai desampará você, não! Vamo levá o rapaz pra terra. Quem sabe ainda dá tempo? Vavá não disse que ele tá vivo?

– Tá vivo, sim, Véio! Vavá sabe, já viu gente morta de afogamento. O bucho não fica assim... Ele tá vivo, tá vivo, sim senhor! Eu levo ele pra lá!

Quando Vavá dizia que ia fazer uma coisa era porque já estava fazendo. Descendo da pedra, abraçou-se a Zilmário. O rio não era muito fundo, porém a correnteza dificultava a locomoção. Mário segurou o braço do filho, mantendo sua cabeça fora d'água. Os demais seguiram à frente indicando o melhor trajeto. Alcançando a margem, Vavá respirava com força. Ao contrário, o afogado quase não respirava.

– Bota ele de cabeça pra baixo, seu Maro! Foi assim que fizeram com o fio de seu Juvenso! Vavá tava lá e viu...

Não fosse o raciocínio pouco desenvolvido do amalucado, o grupo, perplexo com os acontecimentos, teria permanecido inerte diante do corpo deitado sobre a relva.

Imediatamente o moço foi erguido pelos pés. Mário massageava-lhe o estômago, enquanto Vavá dava-lhe fortes palmadas nas costas, obrigando-o a expelir a água retida. Não havendo mais água nos pulmões, deitaram-no novamente. Desolados, verificaram que a operação não tivera muita valia. O rapaz não recuperava os sentidos, a temperatura do corpo estava muito fria.

Mário começava a acreditar que nada mais poderia salvá-lo. No cérebro já se articulavam as palavras que diria à mulher e a Tila.

Os outros homens preocupavam-se mais com o amigo do que mesmo com o corpo jovem estendido no chão. Foi quando a voz de Cância tornou-se mais alta.

– Vavá, desgraçado, o qui tu tá fazeno? Maluco dos diabo! Vou...

– Não bate em Vavá! Não bate em Vavá! Dixa não, seu Maro! Dixa eu mijá em riba dele... tem de fazê isso, é pra esquentá ele!

– Desgraçado! Fio da mulesta! Isso é demais! Num respeita a dô dos otro? Suas maluquice termina hoje!

Chamado à razão pelo gesto inoportuno de Vavá, Mário impediu a agressão de Cância. Vavá tinha razão, o filho precisava de calor. Pediu panos secos. Precisavam aquecê-lo, enquanto voltavam à cidade.

– Toma, seu Maro! São as ropa do minino. Vavá não é ruim, ia dexá pra visti no Natal. Dá pra ele. Cância é mau, queria batê em Vavá! Vô dizer tudo ao padre, ele vai excumungar você, viu Cância?

O trajeto de retorno foi mais lento. A noite dificultava os movimentos dos animais. Mário abraçava o filho. Tirara as próprias roupas molhadas para impedir a umidade abaixar mais ainda a temperatura. Rezando

baixinho prometia a Deus pagar qualquer promessa. Daria mais esmolos à Igreja do padre José, deixaria de implicar com Maricota e nunca mais deixaria Zilmário sozinho.

A temperatura já não estava tão fria. O gelo da morte desaparecia. O pai agradecia a Deus. Momentos passados lhe povoavam o cérebro. Poucas vezes carregara o menino quando era ainda bebê. Tila ficava perto com os braços estendidos, temendo que o deixasse cair. Fizeram um verdadeiro escândalo ao ver Zil se equilibrando em minha mão. Não tinha um pingo de medo. Dava gargalhada dobrada. Quando me viram andando pela sala segurando ele com uma mão apenas, quase morrem de susto. Zilma tampou a cara com a mão, caindo sentada na cadeira. Tila foi quem conseguiu pegá-lo. Lembra, Zil? Ela partiu para mim, parecendo uma vaca parida em defesa do bezerro, gritando: Isso é doidice, seu Maro! Isso é doidice! Os osso da criança ainda num suporta tar traquejo! Vai ficá cangáia... um home cum defeito... Ah, mulheres assanhadas, onde já se viu um Dantas ficar cangalha? Depois arranjaram sebo de carneiro preto, unguentos da farmácia, benzeduras, um bando de coisas passaram em suas pernas. Você nem se preocupava. Ficou rindo da cara delas o tempo todo. Quando me via, estirava os bracinhos para eu carregar de novo. Levou um tempão para eu carregar você de novo. Agora você tá assim, quase morto. Nem tive oportunidade de lhe ensinar coisas que um homem deve saber. Separei você dos amigos em obediência a Zilma. Olhe, filho, não foi somente porque ela queria, não! Eu também achei que era melhor se você fosse criado longe dela. A criação das duas podia ter transformado você num maricas. Quantas vezes fui obrigado a ser rude com você para que perdesse o medo de tudo! Incutido pelas duas, você sempre foi medroso. Até da forma de sua rola, tinha medo de ser diferente

da dos outros meninos. Nunca pude lhe dizer que não precisava ter tanto medo. O filho de um Dantas, neto do velho Galego Dantas, não tinha de ter medo de nada. Você é tão macho quanto os outros de sua raça. Essas maluquice que andaram lhe ensinando na Bahia não valem de nada. O importante é a vida do campo. Montá os cavalo brabo, guiar os bois, brigar por causa de uma mulher...

O pai apertava o rapaz com força. Erguera-o mais ao encontro do próprio peito. Ordenava-lhe que ficasse bom, que lutasse contra a morte e ficasse bom. Ele emprestaria a metade de sua vida para ajudá-lo. Seu coração bateria pelos dois. O ar ingerido serviria para manter a vida deles. Vamos, Zil, vamos! Respire! Respire comigo! Bem fundo pra voltá a vida, pelo amor de Deus, meu filho!

– Seu Maro, o menino tá respirano mió... Veja, tá se bulino...

– É mermo, Maro! Deus ouviu minha prece. Tá vivo! Num vai morrê!

– Minha prece tombém, né Véio?

– Deus seja louvado, meus amigos! Ele ouviu as preces de todos nós. Sei que todos estavam rezando por ele, Chico e, até mesmo, você, né Vavá?

Vavá jogou-se sobre o corpo de Zilmário, chorando convulsivamente. Até Chico abandonou a direção do carro, enternecido com a simplicidade de Vavá. Um solavanco mais forte assustou-os.

– Cuidado, Chico! Agora que meu filho está salvo não quero ver este carro virá! Câncio, pegue o cavalo, vá lá em casa e diga a dona Zilma para mandar chamar o farmacêutico. Diga a ela que o menino está bem; apenas está precisando de remédios de farmácia. Melhor, vá você mesmo na farmácia. Diga a Laurentino o ocorrido. Ele saberá tomar as providências, enquanto chegamos em casa. Arranje um jeito de dizer a Zilma e

a Tila sem preocupar elas. O menino levou um tombo, mas não é nada de grave. Não tem nada quebrado... Ah, mande prepará muita água quente e uma sopa bem forte. Se encontrá o barriga de vinho, Deus me perdoe, o padre, peça pra ele dá a notícia. Não! Não! Não quero home de saia em minha casa.

Mesmo com a respiração mais forte, Zilmário não estava bem. Agora a temperatura subia assustadoramente. Os minutos seguintes seriam muito importantes para a sua salvação.

Não houve necessidade de parar o carro para Câncio montar no cavalo, amarrado ao varão traseiro. Tinha uma missão importante a cumprir, chegara a oportunidade de retribuir os favores que seu Mário lhe fizera. Envergonhava-se de viver dos favores do amigo. Tudo que fizesse por ele ainda seria pouco. Com a ajuda de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro haveria de chegar à casa do farmacêutico são e salvo.

O cavalo avançava instigado pelas esporas. Atravessou a praça em disparada, chamando a atenção das pessoas. Somente em casos de muita urgência, uma pessoa cavalgava daquela maneira pelo centro da cidade. Acorreram em direção a Câncio que já apeava em frente à casa de Laurentino.

– Seu Laurentino, seu Laurentino, abra a porta em nome de Deus! Tem gente precisano de vosmecê!

– Que é isto, Câncio? Quer arrombar a porta? Já estava vindo.

– Adescurpe, seu Laurentino. Mas é caso de urgência... é caso muito grave!

– Que foi que houve? A patroa vai parir?

Em meio à crise de asfixia, Câncio relatou o ocorrido na beira do rio. Esquecera completamente as outras pessoas. Dentro em breve toda a cidade tomaria conhecimento da situação.

Laurentino coçava o queixo. Enquanto ouvia a narração, começava a traçar o plano de atendimento

ao paciente. Mesmo sem ser médico, conhecia todas as doenças que afligiam o povo da região. Em suas histórias, havia casos interessantes de curas de febre braba, quiteriça, nó nas tripa e outras tantas. Homem de pouca falação, chegara em Entre Rios com algum dinheiro e decidido a abrir uma farmácia. Possuía certo conhecimento de medicina, em consequência de um emprego de prático de enfermeiro em um dos hospitais da capital. Sonhara estudar medicina até saber da morte de uma pessoa, por negligência médica, e nenhuma providência ser tomada contra o criminoso. Revoltado, demitiu-se, instalando-se no interior onde poderia ajudar pessoas realmente necessitadas e onde não seria obrigado a obedecer a tal ética médica. Em sua bagagem, quando chegou à cidade, tinha apenas uma muda de roupa; o resto eram livros e alguns equipamentos.

– Acalme-se, Câncio! Faremos o necessário. O resto fica nas mãos de Deus. Entre aqui, vamos apanhar alguns medicamentos. Você sabe se ele tem febre, se está tossindo, botando sangue... teve hemorragia?

– Num sei nada disto, não sinhô! Só sei o que já contei. Se seu Maro mandô chamá o sinhô é porque tá percisano mermo.

– Está bem! Agora já temos o necessário. Vamos lá!

– Do lado de fora, as pessoas aguardavam a saída de Câncio. Queriam saber mais detalhes sobre o que estava ocorrendo. Laurentino não permitiu que o mensageiro falasse, eles estavam com pressa.

– Vamos, Câncio! Leve-me na garupa.

As ruas principais tinham alguma iluminação. Assim, de longe, puderam perceber um grupo de pessoas em frente à casa de Mário. Novas perguntas lhes foram feitas enquanto esperavam a porta abrir.

Não houve necessidade de falarem do que ocorrera a Zilmário. Tila olhou-os penalizada. Mandou-os entrar enquanto iria chamar Zilma.

Os homens não esperaram muito.

– Boa-noite, senhor Câncio, alguma novidade? Oh, desculpe-me, senhor Laurentino, com a minha aflição, estou muito preocupada, passou-me despercebido. O que o traz aqui? O senhor vai bem?

– Estou bem. Obrigado, dona Zilma! Fui solicitado pelo senhor Mário. Ele mandou-me um recado... é qualquer coisa com o filho.

– É, dona Zilma! Seu Maro mandô chamá seu Laurentino pro caso dele vim a apercisá. Achamo o menino...

– Acharam Zilmário? Por amor de Deus, senhor Câncio, conte-me o que aconteceu! Ele está bem? Por que Mário pediu ajuda ao senhor também? Diga-me, senhor Laurentino! Meu filho está mor...

– Carma, minha fia! D'agora indiante ocê carece de muita carma. Deus, nosso Sinhô, será nosso adjutor. O piô já passô!

– É, dona Zilma, eles... nós encontramos o minino. Ele levô um toambo... mas não quebrô nada, não sinhora... Pode se adespreocupá, agora!

– Pode contá tudo, Canço! Ela tá aperparada. Vai aguentá o choque. Qui temo de fazê, ante qui ele chegue?

– Seu Maro mandô dizê qui é pra arranjá muita água quente e fazê uma sopa bem forte. Eu, se fosse a sinhora, fazia um mingau de cachorro... pra levantá as força, não tem nada mió... Mandô chamá seu Laurentino pro mode dele percisá de remédio de farmaça. Não aconteceu nada de grave, não sinhora, pode ficá dispreocupada!

– Venha, mia fia, vamo cuidá dos quifazê. Os home venha pra sala. Eu trago uma bebida. Canço bem qui tá apercisano.

– Não é perciso se incomodá não, dona Tila.

– Incômodo nenhum, Cânço! Incômodo nenhum, ora essa!

– Tila, diga-me, Tila, você sabe de mais alguma coisa que eu ainda não sei? Pelo amor de Deus, por tudo que lhe é mais sagrado, diga o que está acontecendo ao meu filho!

– Minha fia, tenha paciência! Maro já tá trazendo ele... nós vai cuidá dele. Santo Antônio e Deus Nosso Sinhô não desampara a gente. Vamo pro quarto, vô aperpará um chá de fôia de laranja. Canço e seu Laurentim dá licença pra nós duas... fique à vontade. Jaquim, tu já tava aí xeretano, hem? Vai trazê as bebida. Vamo, Zirna, venha discança.

Os homens não aceitaram a bebida. Preferiram água de pote. O dono da casa estava ausente, seria uma falta de respeito beberem em sua casa.

Joaquim não entendeu tal atitude. Um licor tão saboroso, como ele bem o sabia, ser recusado. Enfim... iria pegar água.

Voltava com a salva de prata com dois copos com água, quando ouviu ruídos na porta da rua.

– Pode dexá, Jaquim! Eu vô abri. Pode vortá lá pra dentro. Num se esqueça de sua obrigação. Onde já se viu tamanha osadia, um muleque assanhado quereno recebê o pessoá na porta! Já vai, já vai, pera um poco! Oia, bota mais duas panela de água no fogo. Vai... vai... pede licença aos cavalhero...

– Boas, Tila!

– Ah, dona Maricota, inté qui foi bão a sinhora vim aqui. Vamo entrano... A sinhora faz o favô de ficá com dona Zirna, inquanto cuido das cousas e boto o muleque pra trabaiá? Ela tá no quarto, tirano um discanso... se tivê drumino, dexe ela cuchilá... é bão, né?

A costureira irritou-se com a frieza do tratamento de Tila. Ao passar pela sala, observou a presença de Câncio e Laurentino. Queria ficar com eles, obter informações, no entanto a maneira como a negra segurava-lhe o braço tirou-lhe toda a resistência. Apenas um

boas-noites foi o que conseguiu. Antes de entrarem no quarto, foi obrigada a prometer, acenando com a cabeça, fazer silêncio.

Zilma encontrava-se recostada nos travesseiros, dedilhando um terço. Sem abrir os olhos, percebeu que Tila já houvera controlado a situação. Maricota não conversaria com os homens e, imaginando-a rezando, a deixaria em paz, livrando-a das tagarelices.

De um fato, porém, nem Tila nem Zilma se aperceberam. Estando impedida de conversar, Maricota aproveitaria para bisbilhotar a casa. Um dia tiraria proveito daquela situação. Haveria de descobrir alguma coisa para difamar a vida dos ricos. Seria invejada pelas outras mulheres, quando contasse as falhas da orgulhosa Zilma. Precisavam ter visto, o lençol da cama parecia que estava há mais de um mês sem mudar. Nem em minha casa, minha filha! Nem em casa de pobre, isto acontece. Eu não queria ser rica assim. Se o lençol da cama fica deste jeito, imaginem os panos de baixo!

Algumas pessoas que aguardavam o carro à entrada da cidade passaram a acompanhá-lo. As notícias transmitidas por Cêncio espalharam-se rapidamente. Os Dantas eram respeitados em toda a cidade. Moradores mais velhos lhes rendiam homenagens em respeito à memória do velho Galego. Os mais novos seguiam o arrojo e a bondade de Mário. Alguns chegavam a lhe propor candidatar-se a intendente.

– Chegamo, seu Maro! Cuma vamo fazê agora?

– Bata na porta, Chico! Me ajudem aqui. Vamos botar o rapaz lá dentro! Depois, você e Véio vão pra casa tirá estas roupas molhadas! E se eu ainda merecer mais um obséquio, voltem pra cá!

Antes de Chico bater na porta, ela se abriu. Tila, aflita, precipitou-se em direção ao filho.

– A cosa tá feia mermo, né seu Maro? Coitado de meu finho... cuma foi fazê uma coisa dessa?

– Vamos entrar, Tila! E Zilma, como está? Ela deve estar desesperada!

– Coitadinha da Zirminha. Nunca pensô passá tanta dô em sua vida...

– Deu alguma coisa pra ela beber? Um chá calmante?

– Já. Canço e Laurentim tão aí dentro... Ah! Maricota também... Mai, eu já dei um jeito dela não azucriná a vida de Zirma.

– Maricota! Essa... Deus me perdoe! Laurentino, Câncio, ajudem aqui!

Antes de chegarem ao quarto de Zilmário, sua mãe percebeu os movimentos no corredor. Do alto da escada, ao ver o filho carregado, inclinou-se perigosamente para frente. A interferência de Laurentino, que subia a escada correndo, e de Maricota impediram a queda.

– Câncio, traga minha maleta! Depressa...

O amoniaco próximo ao nariz fez retornar os sentidos da mulher.

– A senhora desmaiou, dona Zilma. Mas, não foi nada grave.

– E... meu filho? Como está?

– Vamos ver, logo logo!

– Ela melhorou, Laurentino?

– Sim, senhor Mário! Já voltou a si. O choque foi muito forte. Agora vamos ver o garoto. É melhor a senhora sentar-se também, dona Maricota! Venha comigo... vamos ver que estripulia o jovem andou fazendo. Se precisarem de mim, podem chamar.

– Vendo Mário apenas de ceroula, Maricota saiu do quarto.

– Mário?

– Coitada de minha mulher! Hoje sofreu muito. Agora Deus vai ajudar! Tila vai cuidar de você!

– Abraçada pelo marido, Zilma libertou o choro reprimido.

– Oh, Mário, nosso filho vai morrer, vai morrer! Não deixe, Mário! Faça alguma coisa para ele viver. Por que isto foi acontecer? Ah, meu Deus, se eu soubesse disso, não o teria deixado na cidade sem mim. Eu não entendo sua atitude! Chegar em Entre Rios e nem ao menos nos procurar?

– Calma, Zilma! Ele não fez nada de mal, não senhora! Chegou aqui, não vendo a gente em casa, resolveu ir tomar um banho no rio. Estava suado... desacostumado com a vida do campo, apanhou febre dentro d'água. Desmaiou... é... foi isto mesmo!

– Eu quero vê-lo... leve-me até lá... E você? Está bem?

Depois de trocar de roupa, Mário acompanhou a esposa ao quarto do filho. A porta estava encostada. Entraram em silêncio. Tila e Laurentino não os perceberam. Zilma observava, atentamente, o farmacêutico durante a avaliação. Vendo-o balançar a cabeça, em sinal negativo, temia mais ainda a presença da morte.

– Pobrezinho de meu filho!

– Ah, os senhores estavam aí?

– Como está ele, Tila?

– Vai ficá bão, fia! Vai ficá bão! Tenha fé em Deus qui tudo vai dá certo, né seu Laurentim?

– Isto mesmo, Tila! Com a ajuda de Deus, Laurentino vai ajudar, não é mesmo?

– Vamos fazer o possível! O senhor desconfia se ele bebeu ou comeu alguma coisa ruim?

– Acho que não.

Antes de emitir um diagnóstico, Laurentino demorava-se, cuidadosamente, em meditações, evitando cometer erros e pôr em risco a vida do paciente.

– Senhor Mário, bem...

– Pode falar em minha presença, senhor Laurentino. Eu saberei suportar... Tila já disse que ele vai ficar bom, e eu acredito nela!

– Queira Deus! Queira Deus, dona Zilma! Tomara que ela esteja certa. Afinal, estamos todos nós com a mesma intenção. Todavia, parece-me estar diante de um caso realmente sério. Todo cuidado será necessário... O rapaz está com pneumonia dupla!

– Pneu... pneumonia dupla?... Pneumonia dupla?... Virgem Mãe Santíssima.

– É isto mesmo, minha senhora! Vamos ministrar alguns medicamentos com finalidade de controlar a febre e melhorar a respiração. Contudo, aqui em Entre Rios, não temos muitos recursos. O moço está necessitando, urgentemente, de um hospital bom. Temos de removê-lo para a capital. Neste momento ele está semi-consciente.

– Você disse urgente?

– Sim, senhor Mário! Ainda hoje, se for possível.

Que vamos fazer Mário? Oh, meu Deus! Tila, vamos preparar um banho!

– Já vô ino, mia fia! Vô trazê a água cá pra riba. Nós dá um banho nele aqui em riba mermo. Né mió assim, seu Laurentim? Bem qui ele podia tomá outra coisa, mai nessa murdenage de hoje num aquerdita em mai nada, só remédio de dotô é qui resorve... bem qui eu podia... ninguém vai sabê.

Laurentino longe estava de ser um homem subservente e bajulador, contudo, diante do sofrimento de outras pessoas, envolvia-se com elas e dava tudo de si para confortá-las. Desdobrava-se em atenções aos pais do moço. O caso era muito sério; disto tinha certeza. No entanto, o rapaz era forte. As chances de recuperação total eram muito boas.

– No hospital será melhor, seu Laurentino, porém o problema é como vamos levar ele pra lá... Esperem, o trem! O trem que ele chegou hoje subiu pra Sergipe, mas volta de lá amanhã... teria muito problema esperar até amanhã?

– O caso é sério, como já disse, mas pode-se esperar até amanhã. Continuaremos controlando a febre, as dores e a respiração. Só há risco de vida se ele ficar sem o hospital.

– Oia, gente, chegô a água quente! Seu Maro e seu Laurentim vão lá pra baixo cumê alguma coisa. Dixa o minino qui eu cuido de tudo.

– É aconselhável mudar toda a roupa de cama e... me desculpem... não se aproximem muito da respiração do enfermo. Esta doença é muito contagiosa.

– Pode deixá, seu Laurentim! É bão ir andano pra mode da água num esfriá... eu também sei tomá conta de meu minino. Afiná quem cuidô dele derne em que nasceu, num foi a preta vêia aqui?

– Vamos, Laurentino, elas sabem cuidar do minino!

Notando certa antipatia de Tila, Mário apressou-se em sair do quarto.

– Precisa trancar o quarto?

– Percisa, Zirma, percisa! Veja, eu fiz um sumo de mastruço pra ele. Isto é qui vai sará nosso fio... ajude aqui! Tenha medo, não! Num pega em nós. Quar, nunca vi falá nessa tar de pe... pneu... sei o quê lá!

Enquanto as mulheres cuidavam do moço, Laurentino procurava diminuir a preocupação de Mário, falando da eficiência da penicilina. Era uma droga nova, descoberta por Alexander Fleming. Durante quase vinte anos, este remédio tão importante esteve desacreditado. Agora em nossos dias está sendo utilizado e fazendo verdadeiros milagres contra quase todos os tipos de bactérias. E veja o senhor, foi descoberta, podemos dizer, por acaso. Por volta de 1929, quando o cientista, procurando estudar variedade de bactérias, especialmente uma chamada Estafilococos, colocou algumas placas com cultura sobre o peitoril da janela do laboratório e, quando algum tempo depois,

foi examiná-las, descobriu que uma delas apresentava uma área esverdeada com tendência ao azul claro. Esta placa estava envolvida por uma região mais clara e, nesta, ele encontrou bactérias mortas. Descobriu-se o antibiótico. É um homem como este, senhor Mário, a quem a humanidade será eternamente grata. Daqui em diante, muitas vidas serão retiradas das garras da morte. Estamos vivendo uma nova era, com muitas esperanças de curar várias enfermidades.

Laurentino regozijava-se consigo mesmo por ter recebido recentemente umas revistas sobre medicina. Uma delas trazia um artigo completo sobre o assunto.

– Veja, Laurentino, os home chegaram. Bons amigos... São homens como estes que eu serei eternamente grato... Veja, Cânciao nem foi em casa, ficou aqui que nem cachorro de guarda... Com muito custo, aceitou vestir uma calça e uma camisa minha, se livrando da roupa molhada.

Chegando à sala de visitas, Mário saudou os amigos, falando bem alto.

– E aí pessoal! Já cearam? E Vavá? Não veio? Por onde anda?

– E ninguém pensa em cumida, numa hora dessa, Maro! Vavá ficou lá no carro drumindo. Cubrimo ele cum uma manta, pro mode do frio. Daqui a pouco ele acorda e vai embora.

– É isso mermo, Véio. Cuma vai o moço, ta mió?

– Tá indo, Chico, tá indo! Laurentino acha melhor mandar ele pra capital, se interná no hospital. Pensamos viajar no trem que desce de Sergipe amanhã.

– Boa ideia, seu Maro! Já avisô seu Aristides? Se não avisô, dexa cum a gente, né pessoá?

A proposta de Chico foi imediatamente aceita por Cânciao e por Véio Broxado. Logo uma discussão formou-se entre os três. O velho não deveria acompanhá-los, seria muito cansativo ir a Areias a pé. A noite

estava escura, só havia um cavalo disponível e, mesmo assim, o animal estava cansado.

Mário deixou os amigos resolverem o problema. Depois de algum tempo, ficou acertado: iriam os três.

– Agora tem uma coisa: só aceito o favor se aceitarem cear antes. Comeremos todos aqui em casa. Aceita também, Laurentino?

– Aceito, senhor Mário, com muito prazer!

A aquiescência de Laurentino amenizou a inibição dos outros homens.

– Ótimo! Se não quisessem comer, eu não ia aceitar o favor. Joaquim, venha aqui!

– Diga, seu Marô!

– Quando Tila descer, avise a ela que tem cinco homens pra comer.

Enquanto aguardava o jantar, levou os amigos para tomar um aperitivo e aliviar a tensão. Estavam muito presos aos acontecimentos. O jantar, apesar de muito saboroso, transcorreu num clima apreensivo. Mordicaram o suficiente para matar a fome. Havia urgência em ir a Areias falar com o chefe da Estação.

– Bão, acho mió ir andano, né pessoá?

– Ê, Canço! A noite tá escura qui nem breu. Parece inté que vai dá trovoada. Não pudemo desenvolvê o passo... Vamo, Chico?

– Desculpem não poder levá vocês até a porta. Tem muita gente lá fora. Digam que o rapaz está fora de perigo, e eu agradeço a todos.

– Nós diz! Pode ficá discansado. Vêio fala cum eles praque eu fico meio sem jeito.

– Eu falo, Cãnço. Agora vamo ino! Antes do galo cantá meia-noite, nós tamo aqui de vorta. Jesus Cristo fique cum todos!

Laurentino também se prontificou a passar a noite com o enfermo. Controlaria a febre do rapaz e administraria alguns medicamentos. Se fosse possível, gostaria

de ter, vez em quando, um cafezinho para espantar o sono.

– Eu agradeço, Laurentino. Com você aqui, fico mais sossegado. Agora vamos deixar de bestera e não me chame mais de senhor. Quero que me chame de você. Quanto ao café, teremos a noite toda. Tila enche um bule, e a gente mesmo se serve. Não precisa ela ficar acordada, não é Laurentino? Tá vendo, Tila? Ele me deu razão.

– Quem vai drumi? Quem? Eu? Ah, essa qui não! Dexá mia fia e Zir sozinho? Home quar, eu vô é levá uma coisinha pra mia fia cumê!

Mário sorriu timidamente. Assim era Tila: mandona e autoritária. Nem mesmo ele discutia suas decisões.

De volta ao quarto, encontrou Zilma mais conformada. Laurentino derivou a conversa para a política. Vibrava com a participação do Brasil na guerra contra os alemães. Tinha bastante fé nos pracinhas brasileiros. Tão logo eles entrassem no entrevero, a guerra acabaria. Desejava estar ao lado deles, nas linhas de frente, lutando contra aquele flagelo que os nazistas queriam impor à humanidade. Maior orgulho um homem não poderia sentir do que morrer pela pátria.

A conversa transformava-se num monólogo. Os assuntos da preferência de Laurentino pouco interessavam ao companheiro de vigília. Se ele ainda falasse de cavalos, bois ou dominó, o papo poderia ser mais agradável. Guerra e remédios eram assuntos ruins. Ficava envergonhado quando era obrigado a mentir, afirmando já ter lido sobre esse ou aquele assunto referente às atividades do comandante alemão.

– Laurentino, acha bom dar uma espiada no menino? Vê se a febre já baixou?

– O senhor... você tem razão. Não devemos descuidar!

Mário sentiu-se aliviado pela trégua. No entanto, tão logo o farmacêutico se via livre dos cuidados a Zilmário, voltava à carga, em longas falações, incentivado pelo interesse de Zilma em ouvi-lo falar.

– Ele está piorando, senhor Laurentino?

– Não, não se preocupem! Este é o quadro pneumônico. É exatamente assim. Durante algum tempo, o próprio organismo reage ao germe. Se estas resistências terminarem, a guerra será vencida pelo micróbio. Por isso, se usam os antibióticos. São drogas aliadas, como os nossos pracinhas, dos glóbulos brancos de nosso corpo. Também os quimioterápicos, como os que estamos administrando, podem ajudar. Todavia, acredito, a penicilina é muito mais eficaz e oferece uma cura mais rápida.

Zilma começava a confiar no farmacêutico. Uma pessoa tão culta e lida deveria saber cuidar de Zilmário.

– O senhor deveria ter-se formado em medicina. Veja bem, quero dizer, apenas para oficializar a profissão, pois não acredito que fique devendo algo, em matéria de conhecimento, aos médicos formados.

– Obrigado, madame! Todavia, justamente esta oficialização foi que me desiludiu da formatura. Vi algumas coisas lá no hospital que não combinavam com minha maneira de olhar os seres humanos.

– O senhor falava sobre antibióticos. Confesso ter pouquíssimo conhecimento sobre esta área ligada à biologia. Tem certeza de que fará meu filho sarar?

– Absoluta, absoluta, madame! A penicilina, tenho certeza, vai curá-lo radicalmente. Digo-lhe mais, tivéssemos aqui um pequeno hospital, ou mesmo um ambulatório, onde pudéssemos ter oxigênio, certa aparelhagem e, evidentemente, a droga, não haveria necessidade de transportar os pacientes portadores de pneumonia e outras infecções similares para a capital.

– Poder-se-ia pensar nisto, não, Mário?

A pergunta perdeu-se no ar. Zilma não esperou a resposta do marido. Agradava-lhe ouvir Laurentino falando das possibilidades de Zilmário ficar bom rapidamente. Nem percebeu o esposo roendo-se em ciúmes, envergonhado por não poder participar da conversa. Era como se a mulher, finalmente, houvesse encontrado alguém à altura de dialogar com ela. Desejou que nada daquilo estivesse acontecendo. Outro homem despertando o interesse de sua mulher, bem à sua frente, e ele sem poder tomar qualquer atitude. Até mesmo Tila já havia observado. Bem feito, por não ter estudado.

Batidas na porta principal despertaram a atenção dos presentes.

– Deve ser os home...

– Tila, pode dexá! Eu mesmo vou abri a porta, fique aqui com o pessoal. Prefiro conversar com eles lá em baixo mesmo, pra não incomodá o doente. Depois eu subo pra dizê o que foi acertado. Você está bem, Zilma?

– Estou. Pode descer tranquilo. Ficaremos conversando sobre o tratamento de Zilmário. O assunto sobre os antibióticos me interessa bastante.

Mário e Tila entreolharam-se. Não fosse a necessidade de cuidar do filho, botaria uma vassoura encostada atrás da porta com as palhas para cima e sal grosso no fogão, para o intruso ir logo embora daquela casa.

– Como foi tudo, Véio?

– Tá tudo certo, Maro! O trem vorta amanhã. Vai chegá na Estação de Areia por vorta de seis e meia. Seu Aristides mandô dizê que tá muito agastado com os acontecimento. Pediu descurpa por não podê vim também.

– Aristides é um bom homem. O trem chega às seis e meia... É, não vai ser moleza!

– O jeito é ir de carro de boi, né Chico? Nós inté vinha cunversano disso. Pode ajeitá uma cama em riba do carro.

– É isso mermo! Pode dexá. Vou indagurinha aperpará o carro. Agora... é bão a gente começá logo a arrumá as coisa, temos de ir andano.

– Mas, já é quase meia-noite! Vocês estão cansado, andaram a pé muito tempo. É muito sacrificio...

– Qui sacrificio, qui nada! E a gente tem nada disso? Eu sou mais véio e não tô cansado, que dirá Canço mais Chico!

– Home, vamo dexá de muita cunversa, Véio. Vamo lá! Chico inda vai ajuntá os animá, né Chico?

– Um dia eu ainda pagarei a vocês todos por essas finezas que estão me fazendo e ao meu filho. Alixande Flemim... A vocês é que eu serei grato!

– Lexandre? Quem é este home, Maro?

– Não liguem, não! Eu estava pensando em voz alta. Deixem um bom lugar no carro, onde vamos botá a cama. Aqui tem uma cama de lona, é até boa pra carregar o menino.

– Intonces, inté logo! Deus fique com todos por aqui. Por vorta das quatro hora tamo aqui de novo, né Véio?

Mário emocionava-se com o apoio da gente a quem a humanidade nunca renderia homenagens. Não os esqueceria. Caso o filho se salvasse, realizaria os desejos da esposa, indo morar na capital, mas nunca os abandonaria.

O vento frio da noite tocava o rosto de Mário, enquanto observava os amigos se distanciando, como uma carícia de mulher ao se despedir do homem. Na sua imaginação, a rua não estava deserta nem mergulhada no silêncio. Viu-se a correr, com o peito descoberto, atrás das tanajuras. Enfiava-lhes um palito no abdômen para fazê-las voar, tentando se libertarem.

Como eram bons e alegres aqueles tempos! Zil, coitado, nunca fez nada disso! Hoje, tão novinho ainda, teve à beira da morte e nunca fez estas estripulia. Zilma não deixava. Dizia que era pecado maltratá os animais... Pobre filho, nunca foi menino como os outros!

Os vultos perderam-se na escuridão. Entrou. Muitos afazeres ainda restavam antes da viagem: arrumar as malas, procurar documentos, dinheiro, tomar decisões, pegar os endereços com Laurentino e, pior do que tudo, decidir sobre o armazém. Fechar simplesmente seria prejudicar os coitados que se mantinham comprando fiado. Não sabia quantos dias passaria fora. Era necessário arranjar alguém em condições de tomar conta da casa, que soubesse lidar com duplicatas, caixeiro-viajante, enfim, um bando de coisa. Mas, aonde vou arranjá esta pessoa a uma hora destas? Laurentino? Pode ser. É um homem honrado, muito honrado. Sem sombra de dúvidas, com a ajuda de Cância, do Véio Broxado, sem falar em Gentil, que é esperto, ele podia tomá conta dos negócios. É, acho que encontrei a pessoa certa! Agora é só falar com ele.

Antecipando a resposta de Laurentino, ensaiou as palavras e até mesmo o semblante que poria no próprio rosto, quando lhe falasse. E Tila, como receberia a notícia? Seria melhor deixar Cância encarregado de prover a despesa da casa. Rabugenta como era, seria capaz de ficar em falta de alguma coisa, só pra não pedir no armazém. Tem nada, não! Digo a ela que a escolha foi uma maneira de pagar os favor que ele tá fazendo a nosso filho. Com o nome de Zilmário na frente, é bem capaz dela se acalmar.

– Arguma nuvidade? Vi tanta demora dês qui os home se foro, qui vim sabê se acunteceu mais arguma coisa.

– Tila, temos muito trabalho até a hora da viagem! Vamos embarcar amanhã cedinho; o trem parte às seis

e meia. Temos de preparar as mala com tudo necessário para uma viagem como essa.

– Vô chamá Zirma pra mode de ajudá! Acho qui Laurentim pode ficá sozinho com Zir. De vez em quano um de nós vai lá em riba dá uma espiadinha.

– Muito bem pensado. E Joaquim? Acorda ele também pra ajudá. Olhe, mande ele limpar a cama de lona que tá no quarto dos fundo.

– Tá bão! Adespois de falá cum Zirma, acordo aquele nego safado.

– Também tenho de subir. Vou falar com Laurentino. Sabe, Tila, andei pensando... pensando... e não tive alternativa. Vou ter de pedi a ele pra tomá conta do armazém, enquanto estiver fora...

– Cuma?

– É, mas Cânciao e o Véio Broxado, além de Gentil, vão ajudar. Eles vão ficar no balcão. Cânciao vem aqui todo dia trazer as mercadoria que você necessitar.

A mulher calou-se, limitando-se a lançar um olhar vago. Aquilo não era de sua conta, nada tinha a dizer. O armazém era dele, a mulher era dele, o filho era dele, portanto...

Até chegarem à porta do quarto, Tila permaneceu calada. Uma atitude do farmacêutico chamou-lhe a atenção. Laurentino estava do lado de fora, numa demonstração de respeito.

– Então, já sabemos a hora exata do embarque?

– Já, já sabemos. E o menino, como vai? Alguma melhora?

– Bem, o estado é estacionário. A febre está sendo controlada. Não há por que se assustar.

– O trem sai amanhã, ou melhor, hoje bem cedo. Vamos ter de sair com a madrugada. Vamos arrumar as coisas. Antes, aproveitando a presença de dona Zilma, vamos tratar de um assunto de muita importância...

– Mais problemas, Mário?

– Não, Zilma! Bem... há... Mas, não se trata de nosso filho, não!

– Então!

– Trata-se do armazém.

– Do armazém? O que pode haver, num momento destes, um assunto com o armazém?

– Laurentino, o que quero dizer é o seguinte: como vamos ficar muitos dias na capital, nem sei quantos, eu escolhi você para tomar conta do armazém durante minha ausência. Câncio e Vêio tomam conta das vendas. Tem também o Gentil. Ele já sabe de muitas coisa. Você toma conta dos atendimentos aos caixeiro-viajante, as duplicata, as cobrança... Bem, é claro que será uma participação como se fosse sócio. Pode tirar seu pagamento a qualquer momento. Então, que acha?

Percebendo uma ruga de contrariedade no rosto do farmacêutico, Zilma não se surpreendeu com a resposta, breve e segura. Infelizmente não poderia aceitar o convite. Suas atividades estavam ligadas, exclusivamente, ao auxílio aos necessitados. O dinheiro não era o principal objetivo de sua vida, e, sim, a própria natureza do ser humano.

Zilma manteve-se calada. Um homem culto assim não iria misturar-se com pinguços ao pé de um balcão de armazém. Observou a perplexidade do marido. Os músculos da face contraíam-se repetidamente. Em qualquer outra ocasião, teria desabafado em impropérios. Contudo, a situação desfavorável fê-lo perceber estar diante de um homem de caráter forte. Deixou o quarto acompanhando Tila, sem encarar as outras pessoas.

A madrugada encontrou-os cansados. Após ter verificado todos os detalhes, Mário pensou em dormir um pouco. Pancadas na porta o impediram.

– Deve ser o pessoal! Puxa vida, já é tão tarde, ou melhor, tão cedo? Deixe, Tila, eu mesmo vou abrir a porta.

O corpo pesava nas pernas dormentes ao se deslocar em direção à sala. Sorriu aos amigos parados na calçada. O vento frio reanimou-o. Por alguns instantes, esquecido de tudo, voltou a ser um menino, ao lado do pai, nos preparativos para uma saída antes do sol nascer. Eram a mesma noite, o mesmo vento, as mesmas estrelas, o mesmo céu. Ele, no entanto, era outro. Morrera o menino alegre e forte, fora substituído por um homem atacado pela dor de ter o filho em perigo de vida e ser obrigado a ficar de braços cruzados diante de uma tal de bactéria que nem podia ver.

– Bom-dia, Maro, alguma nuvidade? O menino miorô? Já tamo cum tudo arrumado.

– Bom-dia, pessoal! Ê, Véio, tudo no mesmo... Estamos prontos também. Ê só arrumá a bagage no carro. Vamos entrando, lá dentro tem um cafezinho com cuscuz pra nós.

O convite foi aceito. Estavam cansados e com fome. Ainda havia muito trabalho. Precisavam abastecer o estômago.

Um enorme cuscuz exalava aroma agradável. Tila serviu-os fartamente. Molhava as talhadas com leite de coco ralado, matizando o fubá com o bagaço do coco. A todos desejava bom apetite. Desculpassem se a massa não estivesse boa, ela não tivera muito tempo para fazer melhor.

A gulodice estampada no rosto de Câncio estimulou Mário a comer um pouco. Acompanhou os amigos nos elogios à iguaria.

– Tila, Zilma já tomou alguma coisa?

– Pra ela aperparei uma gemada. A coitadinha tá muito abatida, apercisa de fortaleza, apercisa de sustança!

– Bem, então, vamos andando. A cama está limpa?

– Tá! Oh, Jaquim, traz a cama, muleque!

– Dixa o resto com a gente, Tila. Agora pode ir cuidar dos outros.

– Tô sabeno! Já pronteí tudo!

A mulher afastou-se levando uma bandeja onde colocara o copo com a gemada e a refeição de Laurentino. Andava firme, sem demonstrar cansaço.

– Oia a cama aqui, seu Maro. Tá bem limpinha.

A cama estava perfeita. Constava de uma lona apoiada sobre duas tábuas compridas, formando as laterais, e que se prendiam às cabeceiras formadas por duas tábuas presas em forma de X, permitindo fechá-la. Ligando o centro dos dois X havia um eixo que servia de equilíbrio.

– Como é melhor: botamo o menino na cama, ou levamo a cama pro carro e depois deitamo ele, hem, Véio?

– Nós acha melhó levá logo cum tudo. Dois home é suficiente. Os otro recebe ele no carro. A cama não é segura?

– Tô com o Véio! Eu e Chico levamo ele pro carro.

– Não, Câncio, eu levo meu filho com você. Vamos lá! Descer a escada vai ser o pior... Vamos!

– Tem nada, não! Cum a ajuda de Deus, nós faz quarqué coisa...

– Deus seja louvado, meus amigos!

Laurentino demonstrava haver esquecido o pequeno incidente da noite anterior. Delicadamente, acomodou o rapaz na cama, indicando como acomodá-lo corretamente. Orientou Mário e Zilma sobre alguns procedimentos durante a viagem, como ministrar os remédios e testar a temperatura. Desculpou-se, mais uma vez, por não ter aceitado o convite de Mário. Depois lhes entregou uma folha de papel com anotações sobre o quadro clínico do moço e uma carta de recomendação ao diretor do hospital onde trabalhara. Não iria com eles à Estação. Pouco adiantaria sua presença. Na cidade, outras pessoas poderiam precisar dele. Tinha duas mulheres em adiantado estado de gravidez.

Os preparativos finais transcorreram sem incidentes. Ao lado da cama, foram colocadas duas cadeiras destinadas aos pais do jovem. Os outros homens acomodaram-se como foi possível.

Os primeiros raios de sol apareciam ao longe; brilharam nos olhos de Tila, que observava o carro afastar-se. Era um bom sinal, o Pai Eterno dava mostra de estar atento aos acontecimentos. Ele ajudaria o menino. Ela nunca tivera filhos biológicos; Zilmário era um verdadeiro filho, como se tivesse saído de suas próprias entranhas. Por isso não quis ir até a Estação. Julgavam-na forte, mas estavam enganados. Temia a hora da separação, o apito melancólico do trem, as mãos acenando, o adeus. Seria muito doloroso; não suportaria e choraria... coisa ruim... Chorá nesta hora chama coisa ruim! Zirna já tá muito triste. Foi mió assim, Zir. Ê pra teu bem. Deus Nosso Sinhô toma conta de ocê, viu? Traz ocê de vorta pra mim. Nossa Senhora do Perpeto Socorro, Mãe Santíssima, pelas dores que passô ao vê seu fio Jisus Cristo crucificado, tome conta de Zir! Leve eu, minha vida em troca da dele. Qui vale uma nega véia qui nem pariu? Mas ele é home, um home de verdade, num pode morrê! Pur favô, minha Mãe do Céu, sarve a vida dele! Prometo qui daqui indiante acendo mais uma vela e rezo uma oração todo dia...

– Inté logo, meu fio, inté logo!

## VII

Reclinada em uma poltrona no quarto do hospital, Zilma sentia-se dopada pelo sofrimento. A lembrança do marido, todo molhado e desfeito, carregando Zilmário nos braços, mantinha-se no cérebro provocando dores de cabeça. A angústia perdurou durante a viagem, aumentando durante os primeiros exames no filho feitos pelo médico. Como sofrera, quando, após a avaliação, ele afirmou estar diante de um quadro grave de infecção pulmonar. Sem dúvida, tratava-se de pneumonia dupla. Apesar de tudo, mesmo sem esconder a gravidade da doença, podia assegurar reais chances de recuperação. Os primeiros socorros foram providenciais. O tratamento tivera início com os remédios administrados na noite do acidente. Os antitérmicos, os broncodilatadores, a sulfá e outras drogas, não especificadas pelo senhor Laurentino, atacaram os primeiros sintomas da pneumonia, permitindo ao organismo dar o primeiro combate aos germes.

Vendo o peito do filho subir e descer, sofria como se ela mesma estivesse respirando com tanta dificuldade. Os pensamentos vagavam pelo tempo, levando-a a recordações desagradáveis. Brincava com Tila no terceiro da casa, quando fora chamada por dona Cândida. Havia poucos dias regressara do colégio em gozo das férias de fim de ano. Concluía o primeiro ano Normal. Mais dois anos e estaria definitivamente em casa.

– Espere um pouco, vovó! Estamos terminando de arrumar um cozinhado. Vamos fazer o batizado da boneca de Ritinha.

– Nada disto! Venha logo! Depois vocês brincam!

– Está bem, vovó! Não se pode nem mais brincar nesta casa! Não sei para que tirar férias... Chego de férias e nem posso brincar de nada.

Ao entrar na sala, surpreendeu-se. Duas botas enormes destacaram-se. Levantando a vista, reconheceu o homem que as vestia, o senhor Dantas, acompanhado por sua esposa, dona Marta, que esboçava tímido sorriso. Também estava presente o próprio pai. Dona Cândida tinha o ar sério e nem piscou ao vê-la. O pai da jovem recomendou-lhe salvar as visitas.

– Boa... boa-tarde, senhor Dantas! Desculpe-me... Dona Marta, como vai a senhora? O senhor queria me falar, papai?

– Sim. Bem, todos nós queremos falar com você, né mesmo, Dantas? E tem mais gente, só que não está aqui no momento, doido pra lhe falar!

– É isto mesmo, Tenório!

– Houve alguma coisa, vovó? Alguma notícia ruim?

– Tenha paciência minha filha! Tenha paciência! Seu pai explica tudo direitinho! Hoje é um dia muito importante pra todos nós. É um dia especial para nossas famílias. Venha sentar aqui do meu lado. Vai ser uma boa coisa. Tenho certeza que você vai compreender.

Dona Cândida nem os outros esperavam a reação da moça, que os deixou pasmos. Tomando conhecimento da decisão das duas famílias em casá-la com o filho do senhor Dantas, saiu correndo da sala, sem atender aos chamados. O pedido oficial seria no fim do curso, quando voltasse formada. Teriam dois anos de noivado e a preparação do enxoval. Era tempo suficiente.

O cozinhado foi esquecido. Ao ver a moça passar correndo em direção ao quarto, Tila a seguiu. As lágrimas

começaram a brotar. Nem era preciso lhe dizerem o assunto da conversa, um dia iriam casá-la com o filho de algum fazendeiro da região.

Durante o jantar, os comentários sobre o casamento e a atitude de Zilma foram evitados. Dona Cândida recomendou que a deixassem absorver o impacto primeiro. Com o passar do tempo, tudo se ajustaria. O casamento estava decidido. A palavra de um Dias havia sido empenhada; somente a morte poderia evitar o enlace. Portanto, não deveriam agoniar o juízo da menina! Estas coisas quem resolve são os adultos. Não vamos fazer ela ficar muito triste, senão Tila pode se meter, e essa negra é capaz de qualquer coisa...

A qualquer gemido mais forte do filho, a mulher voltava à realidade.

– Tila, Tila, minha boa Tila, como gostaria que estivesse comigo agora, nestas horas de tanta dor! Nosso filho está sofrendo muito, posso sentir. Está precisando de você! Reze por ele, Tila, reze muito por nosso filho! Estou tão abatida. Tenho necessidade de chorar e não consigo; as lágrimas recusam-se a sair. Até para chorar, eu preciso de você. Se não tivesse você, teria morrido naquele dia. Confesso-lhe, Tila, ao tomar conhecimento do casamento, odiei a todos, até vovó... Deus me perdoe! Sentimento triste é o ódio, até então, não conhecia o seu significado. Como desejei morrer... Nós, as mulheres, fomos e sempre seremos joguetes nas mãos dos homens. Por isso procurei educar nosso filho com mais amor, respeito e compreensão pelas mulheres. Ao menos, quem casar com ele, terá amor e respeito.

Envolvida pelos pensamentos, assustou-se com a entrada do marido.

– Pronto, Zilma, cheguei! Que foi? Você está com uma cara!

– Mário, Graças a Deus você chegou.

- Zilmário piorou?
- Não! É... estou com tanta vontade de chorar...
- Ei, que é isto? Por que tá chorando?
- ...
- Tá bem! Chore à vontade! Pode desabafar! Você tem sido muito forte! Pode chorar, eu estou aqui. Vou proteger você e nosso filho... Coitada, como tem sofrido...

Mais uma vez, nas últimas horas, Mário tinha a esposa nos braços. Esperou pacientemente, antes de contar as novidades. Telegrafou para Entre Rios, dando notícias; andou pensando em alugar uma casa, pois não sabia quantos dias ficariam na capital. Mesmo que o filho saísse logo, seria melhor ficar mais algum tempo, até a recuperação total. Em Nazaré tinha casas muito boas, sólidas, grandes... Muito boas mesmo! Se for de seu agrado e de Zilmário, podemos comprar e ficar morando aqui na capital, você acha bom?

A presença do marido devolveu-lhe a confiança. Comprar uma casa seria um bom negócio. Jantaram no quarto. Por insistência de Mário, ela conseguiu tomar um prato de sopa.

- Com licença? Jantaram bem? A comida daqui é nutritiva! Ah, sou a enfermeira deste lindo jovem, durante a noite toda. Bem, bem! Vamos ver como está a febre? Não parece muito quente, o termômetro é quem vai dizer... Enquanto isto, vamos tomar uma injeção. Jovem de sorte, podem crer! Devagar... não vai doer nadinha. É de sorte mesmo! Podem crer em mim e em Deus! Hoje em dia a medicina cura pneumonia num abrir e fechar de olhos. Ele levou uma pancada na cabeça também, não foi? Dr. Néilson já tem conhecimento, hum... Ah, a febre está abaixando um pouquinho! Olhem, se precisarem de mim, a qualquer hora da noite, podem chamar, basta apertar este botão aqui, estão vendo? Este aqui! A qualquer hora da noite! Agora

vamos passar o algodão no lugar da picada, não quero fazer hematoma. A senhora pode continuar passando o algodão? Ótimo! Está muito bom! Até logo!

Estupefata, Zilma acompanhou a saída da moça de branco. Comparou-a com um pé de vento ao passear pela cidade; desses ventos amalucados que remoinham pelas ruas, levantam poeira, obrigam os papéis vagabundos a entrarem numa dança endiabrada, fecham ou abrem janelas, balançam as cortinas, levantam a saia das mulheres e, satisfeitos com as próprias diabruras, vão-se, deixando as pessoas atônitas a esfregarem os olhos. Sua passagem fica marcada pelos danos causados, pelo bem praticado.

– Viu isto, Mário? É esta sirigaita quem vai tomar conta de nosso filho? Qual! Esta é completamente alienada. Eu sou quem não vai deixá-la sozinha com ele, você concorda Mário? Oh, coitado, dormiu! Mais tarde eu o acordarei. Dormindo na poltrona, não descansará perfeitamente.

Por várias vezes, tentou iniciar uma oração. No meio da prece, o pensamento divagava. Sentia-se cansada. No pré-sono, revivia os últimos acontecimentos. Por que Zilmário fizera tal ato? Quem o levou ao rio? E as drogas que o Dr. Néelson afirmara terem sido ministradas ao filho em Entre Rios? Não foram somente antitérmicos, broncodilatadores e sulfa? Laurentino mesmo afirmou isto... Então, donde surgiram estas drogas? Teria sido Tila? Já sei, o chá... O que ela teria colocado no chá? Foi sumo de mastruço puro, ou ela colocou mais alguma coisa? Ah, Tila, sempre você. Algumas horas fico com a impressão de ser sua filha de verdade. Há momentos em minha vida que não consigo esquecer. Lembra-se do dia do noivado? Ainda hoje, depois de tanto tempo, parece-me ouvi-la falando...

– Ocê vai sê a noiva mais bunita do mundo, Zirma. Ora se vai! Inda num tá formada adereito e já tá linda

assim. Qui dirá quano tomá corpo de muié mermo. Teu marido vai indoidá quano tivé cum ocê!

– Lá vem você com estas conversas de ousadia. Agora é você e vovó! De vez em quando tocam neste assunto desagradável! Não têm outro assunto para conversar, não?

– Qué me dizê qui num tá cum vontade de casá, de proveitá a doçura da lua de mé?

– Não é de sua conta nem de seu rosário...

O final da quadrinha foi dito por ambas, ao mesmo tempo: Não lhe dou um, porque é muito caro!

As risadas misturaram-se às palavras.

– E você, Tila, não tem vontade de se casar, ter sua própria família, sua casa, filhos?

– Cala essa boca, minina! Tá dizeno blasfema? Tu acha qui vô sê doida de tê outra fia fora de ocê? Onde já se viu! Adispois de tê uma fia linda como ocê! Minha casa é tua casa! Minha fia é ocê e o minino qui vai nascê do teu casamento cum Maro, vai sê um macho forte e bunito.

– Lá vem você com suas maluquices. Já sabe tudo: vou ter um filho homem, vai ser forte e bonito. Só falta mesmo saber como ele vai se chamar... Ora, não acredito nestas coisas de adivinhações!

– Bão, bão, a fessora da capitá num aquerdita em coisa do povo... povo é inguinorante! Apôs fique sabeno qui minha mãe, a Nega Camila, aduvinhava as coisa. E eu puxei a ela, sinto quando vai acuntecê alguma coisa pra ocê. Assunte o qui digo! Ocê vai casá, vai tê um fio home... teu noivo é um home forte e bunito, vai fazê fio também forte e bunito.

– Será mesmo, Tila? Será que terei um filho, e ele será forte e bonito?

– Vai sê um minino... E quanto ao nome já escuí mermo! Isso se a fessora, dona Zirna, dexá uma fia de escravo escuíê o nome do fio dos patrão.

– Comece, viu? Comece com estas conversas de escravo, de filha de escravo... Lembre-se bem: da outra vez que você apareceu com estas conversas de escravo, eu fiquei de mal um dia inteiro; fomos dormir sem nos falar. Lembra? Tive pesadelos e chorei a noite inteira!

– Tô brincano, mia fia! Sei qui ocê gosta de mim de verdade. Pur isso eu juro, juro pur essa luz qui nos alumeia. Tudo qui disse é verdade... Eu intê já vi o minino. O nome dele vai sê Zirmaro.

– Zirmaro?

– Zirmaro, não! Zirmaro, de Zirma e Maro. Num é um bunito nome?

– Ah, já sei: Zilmário! Ê, é um bonito nome, soa bem... Doutor Zilmário Santana Dantas, médico!

– E quano as inxirida aparecê, eu digo: Dotô Zirmaro tá discansano, num pode atendê agora!

Novamente as gargalhadas saíram do quarto indo alcançar dona Cândida. As duas estavam tramando alguma traquinagem. Estas gargalhadas são um sinal. Pode ser coisa boa, ou ruim. Essa Tila, quanto mais velha fica, o juízo fica mais mole. Junta com Zilma, como se fosse duas pariceras. Vamos lá, vamos ver o que estão fazendo.

– Posso saber o que estas duas malucas estão tagarelando? Vocês tão maluca ou doida? Hai que ser maluquice, só pode ser maluquice! Tudo atrasado, e uma tagarelíce deste tamanho, qual!

– Ê Zilmário, vó!

– Ê sinhá, é Dotô Zirmaro!

– Zilmário... Zirmaro... Quem pode entender nada desta conversa, com vocês rindo desse jeito? Parem de dar risada! Até eu já estou ficando com vontade de rir também. Parem!

– Vó, é o nome...

– Ê sinhá!

– Sem dúvida alguma, tão malucas, mesmo! Desta vez perderam o juízo de uma vez. Eu já temia por isso.

É bom andar depressa pra quando os convidados chegar não ter demora. Zirmaro! Zirmaro! Você sabe, teu pai não gosta de demora. Hoje é um dia de grande importância. O dia que uma moça é pedida é uma ocasião importante, fica pra sempre na recordação. Inda que mal pergunte, que história de Zirmaro é essa? Alguma coisa lá da capital?

– É nada não, vó! Maluquices, como a senhora mesma disse.

Deixando o quarto, desmanchou a fisionomia fechada, sorrindo satisfeita. Era muito bom ter Zilma e Tila em estado de alegria. Ela sabia que a negra lhe obedecia, mas, se a neta tivesse alguma ideia maluca com referência ao casamento, teria o apoio mais perigoso.

Com a saída da avó, Zilma ficou taciturna. Além da brincadeira, havia a realidade. Depois do pedido de noivado, o casamento podia ser realizado a qualquer momento. Na verdade ficara-lhe certa satisfação em saber que teria um filho. Todavia, a possibilidade de uma pessoa estranha interpor-se entre ela e Tila embotava o sonho. Seria bom, se depois que lhes desse o menino, Mário se afastasse delas.

– Vamo, Zirma, nada de choro! Ocê tem de ficá feliz. Ocê já tá gostano dele. Tarvez, inté, goste mais dele do qui de eu...

– Gostando mais dele que de você? Não tem jeito mesmo! Ciumenta! Nem sei, Tila. Não é pelo fato de gostar dele ou de outra pessoa qualquer. Na realidade nunca pensei nestas coisas de casamento. Tenho medo! Já pensou se ele for como os homens que maltratam as mulheres, como muitos por aí?

– Bobage, mia fia! Ele vai fazê isto o quê! Ele sabe qui tá casano cum uma moça fina, de famia boa. Num vai martratá ocê, não. Cruz-credo, num gosto nem de pensá em vê arguém martratano ocê. Fala bestera, não!

Vamo, fia, vamo tomá banho. Ocê tem de ficá bem bunita! Os pai dele vem pra o pedido. Já tá tudo passado. O vistido num ficô uma lindeza? Um primô!

– Tem horas que fico pensando... Se você se casasse, quem cuidaria de mim?

– Bobage, minina! Dona Cândida sempre cuidô muito bem de ocê e de eu tombém. Quando a Nega Camila se foi pros braço de Nosso Sinhô Jisus Cristo e me dexô novinha ainda, num foi ela qui cuidô de eu?

– Ê, eu sei! Vovó é muito boazinha, mas não é a mesma coisa... como você. Olhe, não vá ficar vaidosa! Sabe quem era a pessoa de quem mais me lembrava, quando estava no colégio? Era de você. Agora vá sair por aí dizendo a Deus e ao mundo! Vá fazer vó ficar triste, viu?

– E eu sô alguma arenguera? Quero vê Sinhá Cândida triste?

– Estou brincando, Tila! Vovó não entende de muitas coisas como você. Com ela, nem posso falar algumas coisas... Com você, é diferente. Às vezes, nem é preciso falar, e logo você me entende. Com ela posso falar das coisas que vivem me angustiando?

– Cuma? Intonces tem probrema inscudido nesta cabecinha? E inda num contô? Quar, tá tudo errado! Pra cima de tudo sô tua amiga e mãe! Num deve inscondê nada de eu. Dexa qui Tila se avexa com os probrema. Tila arresorve tudo. Diga, quar o segredo? Otro namorado, lá pras banda da Bahia?

– Tila, você está doida? Eu seria capaz de fazer uma leviandade dessas?

– Sei lá! Vai me dizê qui nunca achô ninguém qui se interessasse pur uma moça bunita qui nem tu e qui num se declarasse?

– Bem, que houve, houve... Mas, nunca me interessei...

– Intonce, diga logo! Qui segredo é esse qui ocê vem guardano?

– É desagradável até de pensar. Olhe, é melhor deixar esta conversa para outro dia. Vovó está voltando, vem nos fiscalizar.

Dona Cândida preocupava-se com o desinteresse da neta pelo casamento. Temia uma atitude desastrosa, semelhante àquela quando fora informada sobre o desejo da família Dantas em tê-la como nora. Por isso, todo cuidado devia ser tomado no intuito de evitar um rompimento sério. O casamento deveria ser realizado com muita festa.

Mesmo contra protestos, a senhora resolveu permanecer ao lado delas, observando o andamento dos trabalhos. Gostaria de aproveitar o tempo, enquanto a neta estivesse no banho, e verificar alguns detalhes do vestido. Os Dantas iriam sentir orgulho de ter uma mulher tão bonita na sua família.

Zilma demorou-se no banho, deixando dona Cândida impaciente. Ao vê-la de calcinha e sutiã, elogiou a beleza do corpo da neta.

– Mário é um felizardo...

– Olhe lá, vovó, vamos acabar com estas brincadeiras! Bem sabe que não gosto...

– Bobagem, menina! Você é uma moça formada na capital. Dentro de alguns dias será mulher, uma formosa mulher, boa dona de casa. Com sua idade, eu já tinha parido!

– Dentro de alguns dias?

– Meses. Eu quis dizer, dentro de alguns meses. Bem, já é hora de saber algumas coisas sobre o casamento, isto é, se ainda não sabe... Desconfio destes colégios de cidade grande. Essas modernagens de hoje! Ganham nosso dinheiro pra ensinar às nossas filhas o que não deve. Nem esperam as mães ensinar.

– Sinhá, vosmecê num acha qui o porta-seio tá muito pertado? Quando ela vesti a blusa pode aparecê a marca do corpo onde tá pertano... num tem razão?

– Tu tá querendo é mudar de assunto, nega ladina... É melhor folgar um pouco.

Os preparativos chegavam à parte final. As três mulheres, sentindo o peso da responsabilidade, caíram em silêncio, dando espaço aos pensamentos. Dona Cândida, preocupada com uma possível bobagem da neta em frente aos convidados, Tila, morrendo de curiosidade, querendo saber qual o segredo de Zilma, e esta, presa aos preconceitos acumulados sobre casamento.

Os pensamentos de Zilma foram interrompidos por alguém que entrava no quarto.

– Olá! Como vão as coisas por aqui? Ninguém me chamou, então resolvi ver como estamos passando!

– Hem!

– A senhora pode descansar um pouco. Eu cuido do moço, pode ficar tranquila!

– Não há necessidade! Eu estou bem!

– Ótimo! Vamos dar um antitérmico, está na hora exata. Não podemos permitir a febre subir. Mais tarde o Dr. Néelson virá dar uma olhadela. Está muito cansada, não? Posso tentar lhe arranjar uma cama de reserva! Talvez consiga com a arrumadeira. As freiras não gostam muito não, mas a gente dá um jeito... Hum! A febre continua estacionária... Mais logo eu volto. Vamos ver se consigo a cama.

Não houve tempo de recusar a oferta, a enfermeira deixou o quarto. Mário também acordou assustado.

– Desculpe, Zilma, o sono me pegou brabo. Tava mesmo com o danado atrasado. Como vai ele, alguma novidade?

– Nem sei...

– Tá preocupada? O dotô mesmo afirmou que tá tudo bem! Ah, dormi mesmo como uma besta... Que horas são? Tava sonhando...

– Sonhando? Com quê? Coisa boa ou ruim? Se foi algo ruim, deve contar. Tila sempre diz: um sonho

ruim, se não for contado pode acontecer. Pobre Tila, deve estar morrendo de preocupação.

Mário inventou uma história qualquer. Como lhe contar o pesadelo que o assaltava quando havia algum desentendimento entre eles? Via-se saindo do altar, após o casamento. Sozinhos no quarto, ele se transformava em um lobisomem e dilacerava a noiva, fazendo-a sangrar até a morte.

A noite transcorreu sem novidades no estado do enfermo. A respiração continuava ofegante, com um chiado irritante aos ouvidos dos pais aflitos. Várias vezes a enfermeira viera administrar os medicamentos e tomar a temperatura.

Por volta da meia-noite, Dr. Nélson apareceu. Demorou-se com eles, confortando-os. Explicou-lhes o que estava ocorrendo no organismo do rapaz, agora auxiliado pelo antibiótico, na luta contra as bactérias da pneumonia. O próprio homem tinha poder de se curar, entretanto, em casos mais graves, quando suas resistências orgânicas diminuían, a penicilina fazia sua parte. Aproximava-se dos germens, levada pela corrente sanguínea. Mostrava-se como um apetitoso prato de comida. Era então devorada pelas células bacterianas. Dentro do citoplasma, dirigia-se ao centro de reprodução da bactéria e inibia a sua multiplicação, mantendo estacionário o número de indivíduos. Neste momento, entram na guerra os glóbulos brancos do enfermo e devoram muitos inimigos. A cada batalha, a febre tende a aumentar. Fiquem tranquilos, vai dar tudo certo! Quanto ao estado de semiconsciência, está ligado, além do quadro infeccioso, a uma pancada na cabeça, provavelmente ao cair no rio. Realmente, foi muito perigoso. Ele poderia ter morrido afogado. Com a regressão da pneumonia, haverá conseqüentemente melhoria do estado geral e, pouco a pouco, ele voltará ao normal.

Mário olhava atônito o médico e a esposa. Recri-minava-se por ser tão ignorante a ponto de não entender a doença do filho. Lembrou-se de Laurentino, ele também falava da mesma maneira. Sorriu timidamente quando Dr. Néelson lhes recomendou descansar. O hospital tinha pessoal competente. Ficassem tranquilos. Eles cuidariam de Zilmário. Passaram maus momentos, necessitavam recuperar as energias perdidas. Caso contrário, em vez de um doente, haveria três. Mandaria um pouco de café quente; ajudava a passar a noite.

Após a saída do médico, Mário permaneceu calado; sabia que a mulher ficara com pena dele. No silêncio do quarto, ouvia-se, tão somente, o piado no peito de Zilmário.

Pela madrugada, ruído de chuva forte penetrou no quarto, despertando Mário. Aproximou-se da cama do filho. Tocou-lhe a testa; continuava quente. Deveria ser a peleja entre os bicho de nome engraçado inventado por doutor Néelson e Laurentino. Se fosse ele que estivesse brigando contra as tais bac... bac... pno... uma desgraça dessas qualquer, elas não tinha a menor chance! Caía em cima da doença de cacete... era uma só. Diabos de invenção. Esses dotô sabem lá de nada! Querem me engabelá com bicho que a gente não vê? Qual! O menino tá mesmo é com fome. Quando sair desta, meu filho, vamos ter uma conversa. Mesmo contrariando Zilma, vou fazer de você um Dantas de fato; um macho!

A chuva continuava muito forte. O homem começava a se inquietar dando leves pancadas no vidro.

– Mário?

– Tô aqui, Zilma! Não queria incomodá você.

– Ele está melhor?

– E não é pra estar? Ainda tá deitado é por causa de ficá acostumado com a preguiça daqui da capital. Se estivesse em Entre Rios, ficava bom, logo, logo. Botava

ele em rib... em cima de uma égua boa de brida, soltava os dois no campo e você ia ver...

– Oh, Mário, não diga isto de nosso filho! Zilmário está doente de verdade, não tem nada de preguiça!

– Tô brincando, Zilma! Olhe, comprei escova nova e dentifrício. Como a gente faz pra pedir café nesta droga de hospital? Nós fica aqui dentro deste quarto que nem preso na cadeia!

– Vamos esperar a enfermeira aparecer, não devemos causar incômodos à administração.

– Nem as horas eu sei! Posso abrir a janela um pouco pra olhar a rua?

– Só a cortina! Zil ainda está com febre. Não deve tomar golpe de ar.

– Veja, tá chovendo pra valer! E já é tarde! Droga de lugar diferente! A gente fica dentro de casa e nem sabe como tá lá fora. Eu vou embora! Tenho muito assunto pra resolver. Não posso ficar esperando a boa vontade daquela maluca aparecer. Tenho de comprar uma merenda pra você não morrer de fome...

– Não se preocupe, logo eles mandarão o café.

– ... procurar uma casa pra alugar... enfim! Um bando de coisa, e esta chuva... vai atrapalhá tudo...

Mãe e filho ficaram sós no quarto. O tempo passando lento, sem aliviar a dor. A mulher restava clamar a Deus.

Logo no início da oração, foi interrompida por uma moça fardada de azul portando material de limpeza. Solicitou permissão para fazer o asseio do quarto. Parou ao lado da cama de Zilmário. Pareciam ter a mesma idade. O olhar, ainda inexperiente com a dor, penalizou-se. Esquecida da orientação da superiora, proibindo-a de falar com os parentes dos doentes, dirigiu-se à senhora perguntando-lhe sobre o jovem.

A simpatia da moça conquistou Zilma. Contou-lhe, dentro do possível, os acontecimentos ocorridos em Entre Rios até chegarem ao hospital.

– Coitadinho! Tão moço... Mas, Deus vai ajudar! Ele vai ficar bom! Aqui é um hospital muito bom! Só falta fazer milagre. Bem, tenho de fazer o serviço, se me atrasar, a freira me mata... a senhora sabe!

Novamente Zilma entregou-se às preocupações. Tentando ocupar-se, dedicou-se a arrumar a mala. A bolsa estava aberta. Remexeu os objetos. Um retrato foi pegado entre os dedos, olhou-o com ternura. À frente do Colégio Salesiano, Zilmário tentava sorrir, apesar de estar muito triste. A cena bucólica fê-la lembrar outro retrato. Neste, havia uma moça no primeiro dia de aula, do curso complementar da Escola Nossa Senhora de Lourdes.

Bem diferente da saudosa Escola Coronel Osório, em Entre Rios, era o prédio da Escola na capital. Da mesma forma, eram diferentes os alunos. Muito acanhada no primeiro dia de aula, comparou-se às novas colegas. Todas se apresentavam bem vestidas. A blusa de seda cor da palha, as meias compridas, tão finas que se confundiam com a pele, saia de casimira azul, boina e sapatos pretos.

Apesar da saudade, não podia esconder o orgulho de poder participar de tanto requinte. Perfiladas, assistiam ao hasteamento da bandeira enquanto cantavam o Hino Nacional Brasileiro. Só lhe faltava estar ao lado da avó e de Tila.

Com o passar dos dias, participando das discussões durante as aulas, as alunas se tornavam mais conhecidas. Nos fins de semana, a direção preparava atividades recreativas. Logo cedo, tanto no sábado como no domingo, iam à missa na Igreja de Nossa Senhora de Nazaré. Depois, participavam ou assistiam a competições esportivas. O almoço era livre e sem protocolo. Demoravam-se à mesa em conversas, faziam novas amizades. Num domingo, após o almoço, quando se retirava do refeitório, Zilma foi convidada a comparecer

à Secretaria. Havia uma encomenda para ela. A notícia provocou reboliço entre as moças. Era a primeira a receber encomenda de casa.

Antes de se dirigir à Secretaria, despediu-se das colegas mais íntimas: Auxiliadora e Maria Angélica, prometendo-lhes contar as novidades.

A curiosidade das moças, enquanto Zilma abria o pacote, foi substituída por largos sorrisos, quando viram o conteúdo. Pequenos frascos se apresentaram cheios de guloseimas. Experimentaram as compotas. O doce de leite, além do sabor, serviu de lenitivo, amenizando as saudades dos pais e, de certa forma, dando-lhes a impressão de estarem mais próximas da terra natal e dos amigos.

Maria Auxiliadora e Angélica passaram a conhecer Tila pelos elogios de Zilma. Era uma mulher maravilhosa, diferente dessas medrosas que andam por aí. Desde o meu nascimento, estive sob a proteção dela. Ela me criou – sabem ? – desde pequena! Mas, não foi como uma mãe comum, não senhora! Estas mães que ralham, dão castigo, proíbem-nos de fazer as melhores coisas? Não! Ela é diferente, é mais amiga, conhece de tudo, sabe até o que vai acontecer no futuro. Bem... ela é filha de uma escrava da fazenda. Mas, tem ares de gente branca... o cabelo é liso e o rosto delicado. É muito bonita, sabem? Queria que vocês a vissem. Ela sabe cada história de príncipe encantado, minha filha!

– Zilma, por falar em príncipe encantado, você deixou algum príncipe encantado lá em Entre Rios?

– Ligue não, Zilma! Auxiliadora é muito assanhada, só pensa em casar. Se ela pudesse trocaria a escola pelo casamento.

– E você, sua sonsa, não pensa em casar? Você acha que ela é esta santinha toda, Zilma?

– Ora, Dora, ela também não falou por mal! Lembrem de nosso lema! Em nossa amizade, não pode

haver nenhum ressentimento nem brigas. Não deixei príncipe encantado nenhum... Os rapazes de minha terra, eu nem sei como classificar, só pensam em brigas, cavalos, bois, caçada; essas coisas...

– Imaginem! Os de Alagoinhas são a mesmíssima coisa! Os daqui serão diferentes?

– E eu sei? Nem quero saber, tenho raiva de quem sabe e quer me dizer! Tila me recomendou tomar cuidado com estas situações: pra mode de não trapaiá os istudo. Home mexe cum o coração, tira a razão...

– Ela fala engraçado...

– Olhe, Zilma, é bom tomar cuidado porque tem um moço que só fica olhando você, quando estamos na missa.

– Vê você, Zilma, como volta e meia ela fala em namoro e casamento?

– Ele pode tirar o cavalinho da chuva. Daqui, eu quero apenas o diploma de professora. Acho mesmo que não vou casar nunca. É tanto caso ruim por aí!

– Os homens de Entre Rios são ruins? Eles batem nas mulheres, chegam bêbados em casa, arranjam raparigas, não deixam as esposas fazerem nada? Lá em Alagoinhas, também, de vez em quando estoura um caso triste!

– Sei lá, Dora! Eu não quero arriscar!

Com a proximidade do fim do ano letivo, no período das provas finais, o grupo de Zilma sempre se destacava. Quando se aproximavam as provas, outras colegas as procuravam para tirar dúvidas e, quando saíam os resultados, Zilma e as companheiras de quarto tinham conquistado as melhores colocações.

– Olhe, Zilma, somos as primeiras da lista!

– Eu não lhe dizia? Quem estuda, Deus ajuda!

– Oh, coitada da Dolores! Perdeu português e matemática... Vejam! Perpétua também perdeu matemática...

Os livros foram guardados. Os dias seguintes foram agitados pela expectativa da viagem de regresso. Nos olhos das moças, sinais de choro. Choravam de alegria, por terem sido aprovadas e pela satisfação de rever os amigos do interior; de tristeza, por serem obrigadas a se afastar das novas amizades. As despedidas foram tristes e melancólicas.

Durante a viagem, Zilma pouco falava com o pai, um homem de aparência triste. Poucas vezes sorria depois que a esposa morreu, alguns meses após o nascimento de Zilma. Filho de fazendeiro pernambucano, voltou a conviver com os familiares, mantendo visitas periódicas à filha. Em ocasiões especiais, fazia questão de estar presente. Bem diferente, no entanto, foi a reação em casa. Depois de um longo abraço, Tila aspirou-lhe o perfume para verificar se houvera ocorrido alguma modificação na filha, à maneira de uma vaca cheirando o bezerrinho. Dona Cândida chorava; os braços estendidos em sua direção.

- Deixa um pouco de minha neta pra mim também, Tila! Não esqueça que ela é minha também!

- Oh, vovó, quantas saudades de vocês todos!

- Adescurpe, sinhá! Ela tá uma moçona! Vô aperpará um banho quente pra ela!

Após o jantar, dona Cândida e Tila não se cansavam de ouvir as vitórias de Zilma na escola. Admiravam-se da maneira de falar explicado, das palavras desconhecidas. Para elas, a moça já estava formada em professora.

No outro dia, as visitas começaram a aparecer no casarão. Algumas com pretexto de pedir informações, um pouco de sal emprestado, como fazer curar doença de animal. A finalidade, no entanto, era ver a moça, saber como fora na escola da capital. Até mesmo o senhor Dantas viera uma noite, acompanhado pelo filho Mário, visitar a futura professora.

No ano seguinte, o período de férias sofreu radicais modificações. As brincadeiras infantis na companhia de Tila aos poucos foram substituídas por atitudes adultas relacionadas ao pedido de noivado. A despedida, no dia de retornar ao colégio, foi mais dolorosa. Agora havia o peso dos preparativos para o casamento.

Terceiro ano. Ano de formatura. A responsabilidade da profissão modificara as atitudes das moças. Agora, eram normalistas. Terminado o período letivo, seriam professoras. Teriam a sagrada incumbência de educar crianças e jovens para a vida futura.

Diante da escola, parou olhando a fachada, demoradamente. Despediu-se do pai, dirigindo-se diretamente ao quarto. Sentia saudades do cheiro mofado dos livros, das camas sempre arrumadas e, principalmente, das companheiras. Antecipadamente sentiu-se abraçada por Auxiliadora e Angélica. Maria Auxiliadora, com certeza, faria uma pirraça, quando soubesse do noivado. A vida dera uma reviravolta de trezentos e sessenta graus. Mudou muito! Eu dizia não querer me casar e estou prestes a ficar noiva. E Maria Angélica, coitada, é capaz de ficar decepcionada comigo. Estou doida para saber as novidades. Vou ao quarto dela verificar se já retornou.

– Zilma, oh, Zilma, você veio... Temi que não voltasse mais... Estava me sentindo tão só!

– Ora, sua boba! Não me diga que vai chorar... E Angélica, ainda não retornou?

Auxiliadora levou as mãos ao rosto. Entre soluços, contou por que Angélica não retornara. Vê você, Zilma? Ela andava dizendo que eu era assanhada, só pensava em casamento... como foi fazer uma coisa dessas com a gente? Você sempre nos lembrava os conselhos de Tila, mandando tomar cuidado com homem... A coitadinha deu um passo em falso... Minha mãe me disse que foi

isso! Obrigaram-na a casar. Precisava ver como a pobrezinha chorava no dia do casamento... mais parecia enterro... Quando fui me despedir dela, ela agarrou-se a mim, sendo necessário sua mãe retirá-la à força... Mandou-lhe muitas lembranças... Gostaria que você visse o filho dela, quando nascer...

Zilma já não ouvia a narrativa de Auxiliadora. Acometida por profunda tristeza, desmaiou.

Voltando a si, estava rodeada de pessoas. A própria diretora mantinha sua cabeça no colo.

– Está melhor, minha filha? Você nos pregou um grande susto. Sua amiga gritava pelo corredor, julgando-a morta. Até parecia uma desmiolada!

– Dora!

– Estou aqui, Zilma! Quando você desmaiou, eu chamei o pessoal o mais rápido que pude... Você está bem? Desculpe!

– É tudo brincadeira, não é Auxiliadora? É uma brincadeira, não é?

– É verdade, minha filha! É verdade, a pura verdade! Ela vai ter um filho. Isto deve servir de lição a vocês todas. A pobrezinha da Angélica foi atingida por uma atroz maldade. Vocês deveriam escrever-lhe. Seria uma maneira de amenizar-lhes os sofrimentos.

– Ela vai ter um filho! Ela vai ter um filho! Meu Deus, oh, meu Deus!

Naquele dia Zilma não imaginava que, em alguma ocasião, passaria por uma dor bem maior, acompanhando o sofrimento do filho que lutava contra a morte num leito de hospital. Apesar do Dr. Néelson afirmar que ele estava fora de perigo, não se sentia tranquila. Beijou o retrato antes de guardá-lo. Depois, roçou os lábios pela testa do rapaz. A temperatura continuava muito alta.

## VIII

~~~~~

Já não chovia tão forte. Mário atravessou a rua, correndo em direção ao ponto do bonde, onde várias pessoas abrigavam-se sob a copa de uma árvore. Um homem lia em voz alta notícias sobre a Segunda Guerra Mundial. Os pracinhas brasileiros enfrentaram sérias dificuldades contra os alemães, ao tentar tomar o Monte Castelo, nos dias 29 de novembro e 12 de dezembro, onde os inimigos estavam fortificados. Pediam desculpas por não terem, ainda, conseguido a vitória. Lembrassem as tentativas feitas pelos americanos, no dia 28 de novembro, a vitória dos alemães foi arrasadora fazendo, nas linhas americanas, pesadas baixas. Tivessem fé os patriotas brasileiros; nossos pracinhas saberiam colher a vitória. Deus estava de nosso lado.

Mais adiante, na mesma página, algumas notícias e comentários sobre a situação de Getúlio Vargas. Várias manifestações populares, espalhadas pelo país, mostravam o descontentamento do povo.

Mário ouvia atentamente. As notícias sobre a guerra tinham o poder de atizar-lhe a ira. Era um grande desaforo! Diziam-lhe os parentes mais velhos, quando o viam impando de raiva: esse aí é bofe de Tico e coração de Gregoro. E é verdade, se estivesse metido nesta maldita guerra, já tinha acabado com tudo. Filhos da puta! Esses gringo dos inferno arrumaram esta guerra pra estragá a vida dos mais. Ah, se eu tivesse lá, pegava

os dois xibungo que inventaram a história e dizia pra eles: Olhe aqui, vocês querem brigá? Pois toma aqui duas pexera, brigue os dois. Dexem quem não quer a guerra do lado de fora... Se esta peste demorar muito, sou capaz de me alistá. Tô vendo a hora de chamarem meu filho e mandarem ele pra linha de frente... Que seria de Zilmário entre tanta peleja? Ele não é chegado a briga! Se ainda fosse comigo! Ai, sim, era diferente! Cortava a garganta daqueles desgraçados um por um. Tô doido pra encontrá um gringo pela frente! Vou lhe cuspi na cara pra ver sua reação. Eles se cuidem! Minha luta vai ser na pexera! Corto os ovos e boto os bofe pra fora, deles todos.

– T'escunjuro! O senhor não acha que estes gringo já passaram dos limite? Já tão merecendo uma boa lição pra se alembraem até o resto da vida.

As palavras soaram alto. Sem esperar respostas, Mário continuou falando sobre o inimigo.

– Esses gringo não merece nenhuma consideração de ninguém! Devem ser todos morto e queimado. Não entendo como ainda tem gente protegendo eles!

– O senhor tem razão! Mais dias menos dias, e eles terão o castigo merecido. É só esperar. Dizem que nem mesmo o povo deles está satisfeito.

– Queria estar nessa danada de guerra! Ou, então, queria que ela fosse lá em minha terra! Ai ia vê se eles são estes macho todos que andam se gabando. O negócio lá se resolve é na hora, não tava assim demorando tanto tempo. Lhe agaranto que já tinha acabado, né d'hoje, oh... morria quem tivesse de morrer e pronto!

– O senhor é do interior? Como está a situação por lá? Deve ser muito desagradável sair de uma terrinha onde se vive em paz, ir a países diferentes e entrar na guerra...

– Tudo em paz! Sou de Entre Rios. Já ouviu falar? Meu filho está internado ali no hospital. Teve uma tal

de pneumonia. É caso grave, mais o dotô disse que já está fora de perigo. Agora o senhor veja! Eu fui criado no mato, tomando banho de rio, comendo caça pelas matas e nunca tive nada disso. Ele foi criado com todo mimo, estudou aqui, na Bahia. A mãe, minha patroa, é professora. Estudou na Bahia, também, na Escola Nossa Senhora de Lourdes. Mas, como estava dizendo, na minha opinião, o menino estudou muito, ficou fraco e teve esta doença, Ave-Maria, Ave-Maria... pneumonia!

– É... mas não se preocupe muito! Deus há de ajudar! Ele vai ficar bom! A medicina hoje em dia tem muitos recursos pra curar tais doenças. Este hospital é um pouco caro, mas é muito bom. O rapaz está em boas mãos. Pode acreditar!

– Brigado! Este bonde vem hoje? Droga! Tenho tanta coisa pra fazer... Não fosse a chuva já tinha ido a pé. Mas não carece, né? Chuva de trovoada é danada pra dá defluxo. Se eu ficá doente agora, a coisa piora.

A chegada de novas pessoas aumentava o desgosto do homem. Como se não bastasse o nervosismo pela demora do bonde, ainda tinha de enfrentar e aceitar calado os empurrões e respingos dos recém-chegados. Peitou um afoito, fazendo-o retornar à chuva. Esperou o revide, disposto a fazê-lo respeitar um homem. Com o aparecimento do bonde, o incidente foi amenizado. As pessoas alvoroçadas interpuseram-se entre os dois. Sentiu alívio. Seria muito ruim arrumar uma briga em terra estranha e, além do mais, tão perto de onde Zilma se encontrava.

O bonde aproximava-se com lentidão, espalhando água. Antes de parar, algumas pessoas, em luta pelos melhores lugares, pongaram no veículo agarrando-se aos corrimãos.

Mário comparava o ruído das rodas do bonde sobre os trilhos com o trem. Entretanto, eram muito diferentes. O bonde não tinha o chiado da máquina a vapor.

Era um veículo simples formado por um só vagão. A energia vinha dos fios elétricos da rua, através de um arco de metal colocado em cima do carro. O motoneiro trabalhava com duas alavancas, uma menor servindo de acelerador e outra maior, de freio.

Por causa da chuva, pouca visão se podia ter do exterior. Apesar de não ser totalmente fechado, o bonde possuía persianas de lona, enroladas próximas ao teto, que podiam ser abaixadas para proteger os passageiros do sol ou da chuva. Por isso, aproveitava pequenas frestas, esticando a cortina, a fim de respirar melhor e observar os prédios que pareciam estar em movimento. Impressionavam-no os casarões da Avenida 7 de Setembro, com ares de aristocracia. Frondosas árvores, ao longo da calçada, emoldurando a beleza arquitetônica, cobrindo as pedras portuguesas e as fachadas dos prédios, como a protegê-las do tempo.

Enquanto o bonde se deslocava, os passageiros se mantinham calmos. O entrerriense, contudo, sentia-se constrangido. Habitado a ser o centro das atenções, a agir livremente sem ter de dar satisfações, via-se rodeado de pessoas indiferentes à sua presença, sem ao menos lhe dar um bom-dia, a mínima atenção, nem uma pergunta sobre o estado de seu filho. E o pior de tudo era respirar o bodum.

Irritado, colocou a cabeça para fora do carro, recebendo a chuva diretamente no rosto. Depois de inspirar longamente o ar frio, retrocedeu como impelido por algum fato muito significativo. Um outro dia, chuvoso assim, foi recordado juntamente com o nome de uma mulher – Creusa. Visitá-la era uma das tarefas do dia. Na outra ocasião, passara por situação semelhante. Sorriam muito ao chegarem em casa, completamente molhados.

Levado pelos pensamentos, Mário passou a viver o passado. Estava numa sala particular, onde pratos

postos exalavam agradável odor de comida caseira e dois amantes riam das menores tolices. Muitos anos de felicidades foram vividos no pequeno abrigo, apelidado Recanto. Fora construído por ele mesmo, nos fundos da pensão de dona Célia, permitindo-lhes conforto e privacidade. Poucos dias passavam juntos, dois a três em alguns meses, durante as viagens à capital, a pretexto de resolver negócios quando, na realidade, era a necessidade de se sentir macho, ver a fêmea vibrar de prazer e exigir mais até se sentirem extenuados. No outro dia, era acordado com leves dentadas nas partes eróticas. Fingia dormir, esperando receber mais carinhos. Ela roçava o bico dos seios em seus lábios, introduzia-lhe a ponta da língua no ouvido, chamando-o pelo nome. A mão dentro da cueca alisava o membro até senti-lo aumentando de volume. Enlaçava-o, então, pela cintura, deitando-se sobre ele; o corpo fresco recém-saído do banho roçando sobre o pênis ereto. De repente, pulava da cama, pois não era hora de tais arroubos. Se ele quisesse mais, voltasse cedo.

Creusa fazia parte da outra vida de Mário. Em Entre Rios, era desprezado pela esposa. Em Salvador, nos braços de Creusa, sentia-se amado freneticamente, entregando-se ao amor sem reservas. Com ela aprendera novas maneiras de fazer sexo. Algumas coisas que acabaram fazendo, sentia vergonha de contar até mesmo ao amigo Garcia... Se ele soubesse... Ah, Garcia, velho de guerra! Foi muita sorte minha encontrar uma pessoa como você, safado! Quando me recomendou a pensão de dona Célia, já foi imaginando que eu ia me acertar com a menina. Quando lhe perguntei se a pensão era direita, me respondeu com aquela voz fanhosa: Ora, amigo, e io ia recomendar se não fosse digna de usted? Dona Célia es una mulher direita... Depois, fica bem no centro da cidade. Para usted que não gosta de comida de restaurante, é o local ideal. E tem mais, hai

una cosita do outro mundo, mocinha ainda, mas é capaz de receber sorindo lo que muita gente não aguenta chorando... Safado! Ah, Garcia, tenho minhas dúvidas se não andou com a velha direita, no intuito de arranjar favor, quando queria cumê alguma moça incubada. Dona Célia nem me fez muitas perguntas. Até parecia que estava me esperando... Foi mandado por seu Garcia, era bastante!

Somente à noite, Mário pôde conhecer a filha da proprietária. Voltara muito tarde de uma farra com o amigo. Ao bater à porta, esperava ver o rosto de dona Célia, porém, surpreendentemente, foi Creusa quem o recebeu. Imediatamente, verificou: estava acima da descrição feita por Garcia. Era realmente muito bonita!

– Boa-noite! É o senhor Mário?

– Sim, e você é daqui da pensão também?

– Meu nome é Creusa. Sou filha da dona. Ela estava muito cansada e, como eu tinha mesmo de estudar, fiquei esperando para abrir a porta aos hóspedes. Vamos entrando...

– Não estou desejando o cansaço de dona Célia, mas foi até muita sorte minha você está acordada, assim não vou receber reclamação por ter chegado tão tarde.

– Ora, nem se preocupe! Nós sabemos disto, é nossa obrigação. O pessoal pode chegar a qualquer hora. O senhor aceita alguma merenda... um cafezinho?

– Muito obrigado! Vai dá trabalho! Assim vou atrapalhá os estudo. Puxa, está com muitos livros pra ler! Depois, já é muito tarde...

– Tem importância não! Estava mesmo me preparando, vou fazer uma merenda; até já tinha botado a água do café para ferver. Espere um minuto só! Olhe, ali tem umas revistas, se quiser dar uma olhada... Tem também o jornal de hoje...

Mário folheava as revistas com indiferença. Pela porta da cozinha, observava a moça. Ao vê-la dirigir-se

à sala, balbuciou algumas palavras, fingindo ler em voz alta. Era um desperdício perder tempo lendo bobagens, quando se podia estar vendo uma peça viva tão interessante.

O aroma do café despertou o apetite do homem. Aceitou um pedaço de bolo de milho, alguns biscoitos e um pedaço de queijo. Enquanto comia, perguntou à companheira sobre os estudos, a vida na pensão, o pai, que ainda não tivera oportunidade de conhecer, os amores, por certo muitos... Pela sua beleza, podia-se presumir que deveria ter muitos pretendentes.

Creusa respondia às perguntas com franqueza. Eram apenas ela e a mãe. O pai as abandonara havia muito tempo. Fora para a Paraíba, quando soube das brigas em seu estado, em razão das divergências com Getúlio Vargas. Pouco se lembrava dele. Provavelmente morrera. A mãe sofreu o diabo. Hoje, as coisas estão diferentes, melhoraram bastante. Quanto a amores... ai de mim, nem tenho tempo para pensar nisto! Basta sofrer apenas uma vez. Quando chego do colégio, tenho de ajudar mãe. Ela já está ficando velha e não aguenta mais tanto repuxo.

– Não leve a mal minhas perguntas! Acho que vou me dar muito bem por aqui. Quero ficar freguês certo da pensão. Toda vez que vier pra Bahia, vou me hospedar com vocês. Tudo que sua mãe fez para lhe criar foi muito bem feito!

– O senhor é de outro estado? Vem de onde? Do interior da Bahia?

– Nota logo, né?

– É... sua maneira de falar é diferente. Pareceu-me ser sergipano!

– Eu sou filho de uma cidadezinha muito bonita e boa de se morá. O nome dela é Entre Rios. Fica perto de Sergipe, por isso muitas coisas são igual. Se você for lá algum dia, tenho certeza que vai gostar!

– Quem sabe? O mundo é pequeno!

Mário olhava a jovem com desvelo. Sentia-se conquistado, tão natural e simplesmente, que nenhum sentimento, a não ser os paternais, passou por sua mente. Falou com satisfação da própria vida. Contou-lhe sobre o filho e, como não era de seu feitio mentir, tinha algumas posses, umas cabecinhas de gado... Sentia muito não ter estudado. Não passara do primário, mesmo assim incompleto. Havia vários casos pitorescos em sua vida, mas, pelo adiantado da hora, era melhor deixar para outro dia.

– Ora, não senhor! Agora estou curiosa... se não contar fico ofendida...

– Tá bem! Você sabe... a gente no interior não quer saber de estudá. Brincá nos mato, armá arapuca, pescar no Subaúma, andar de carro de boi é só o que a gente gosta. Os pai fica obrigando a ir pra escola. A fessôra... lá é fessôra mesmo... ficava me arrelhando querendo saber todas as letra do ABC. Pois bem, veja só como acontece as coisa... Não tem dia que você tá danada da vida, não tem? Pois é, num dia deste, eu tinha perdido um canário, aí ela se estrepou. Meu pai e todo mundo foi pra praia do Conde, um dos lugá mais bonito do mundo e eu tive de ir pra escola. Aí ela veio com as mesmas pergunta. Que letra é esta?... e esta?... como se assuletra esta palavra? Ora, me encheu tanto que mandei ela perguntar ao seu Dondô, o dono do armazém, foi ele quem fez o ABC!

– Vo... o senhor disse isto?

– Pode me chamá de você mesmo. Aí é que aconteceu o piô. Tomei meia dúzia de bolo de palmatória... Mas... me vinguei! Com meu badogue quebrei a talha de água dela!

– Oh, coitadinho! Pelo visto, o senhor...

– Ah!

– Você era bem traquinas, hem? Bem, se não quiser mais nada, vou me deitar. Amanhã tenho de acordar cedo. Vou fazer uma prova de arrasar!

Mário foi se deitar com a imagem da moça presa nos olhos. Lábios cheios, nariz arrebitado, rosto redondo e os seios bem firmes. Aos poucos, os sentimentos paternais foram sendo substituídos por desejos de abraçá-la com força, passear as mãos pelos cabelos curtos. Dormiu excitado; o coração batendo forte.

A noite foi repleta de imagens. Acordou resmungando. Na melhor parte do sonho, quando estava perto de beijar Creusa, uma buzina o acordou. Levantou apressado, na esperança de tomar o café da manhã ao lado da moça.

– Bom-dia, seu Mário! Como passou a noite? Dormiu bem? O ruído lá fora lhe acordou? Está cada dia pior. O Largo 2 de Julho está um inferno!

– Bom-dia, dona Célia! Olá, Creusa, como passou a noite? Ainda estudou muito? Eu tinha de acordar cedo mesmo! Até gostei, tenho tanto assunto pra resolver! Espero que Garcia possa me ajudá.

– Ué, vocês já se conhecem?

– É! Ela abriu a porta, ontem de noite, quando cheguei. Garcia me prendeu e vim muito tarde, espero não ter causado aperreação!

– Eu ainda estava estudando, mãe! Bom, me deem licença... Opa, já estou atrasada!

– Deus te acompanhe, minha filha! Ah, essa gente de hoje, né seu Mário? No meu tempo uma moça não andava sozinha daqui pr'ali! Ela é uma boa filha, obediente, estudiosa... um pouco geniosa, é, mas ninguém é perfeita, não é? Se o senhor soubesse os sacrifícios que passei para educar ela! Deus é mais...

– É isto mesmo, dona Célia! Agora me dê licença, tenho de ir.

Durante o dia, o tempo corria morosamente. Garcia foi obrigado a dizer as horas várias vezes, a pedido de Mário.

Almoçaram juntos. As lembranças de Creusa sempre presentes. Depois de insistentes pedidos do amigo, resolveu aceitar o convite para outra farra. No entanto, o desejo era voltar à pensão. Raciocinou, porém. Se chegasse mais tarde, talvez a moça estivesse esperando. Gostaria de continuar a conversa, explorar novos campos e, quem sabe...

Depois do jantar, após algumas cervejas, foram ao cinema. Mário libertou-se um pouco dos pensamentos dirigidos a Creusa. Terminado o filme, nenhum dos dois pôde precisar qual deles dormira mais durante a sessão. Daí foram aos castelos conhecidos. Não se agradou das mulheres.

Pela primeira vez, sentiu-se alegre em se livrar de Garcia. Voltou à pensão, a pé. Precisava pensar. Ao seu lado, a imagem da moça satisfeita em estar com ele, querendo conquistá-lo. Mário... Mário, conheceu num dia e já pensa em conquistá no outro? E por que não? Debaixo desse angu, tem carne. Será que desde ontem ela estava querendo continuá a conversa? Aquela diabinha estava interessada, e eu dei mancada? Por que escondeu da mãe a nossa conversa? Ficar estudando até aquelas horas? Neste buraco tem coelho, e eu vou meter a mão... Ah, aí está a pensão. Agora vamos ver!

Bateu levemente na porta. Não houve resposta. Após algumas tentativas, o silêncio continuava. Sobressaltou-se com a demora. E se estivessem dormindo? No mínimo teria de ir dormir com Garcia.

Revivendo os momentos de sobressalto em frente à pensão, foi colhido por um movimento brusco, que o chocou com a régua do bonde – uma tira de madeira, que servia de proteção aos passageiros sentados do lado esquerdo do veículo. Quando o bonde chegava ao

fim da linha e retornava, a régua era colocada do outro lado – fora uma curva mais fechada. Procurou ignorar a cara de mangação de alguns viajantes. Ele deveria estar realmente muito engraçado, com o rosto molhado e os cabelos desfeitos. A chuva era a maior culpada por impedir os homens de viajarem do lado de fora sobre os estribos e obrigando as pessoas a se espremerem no espaço interno.

A cada parada, entrava mais gente. Mesmo assim, preferia andar de bonde a entrar nas marinetes malucas, trafegando em excesso de velocidade.

Voltou a admirar as casas. Comparava Salvador com sua Entre Rios, tão pequena e acolhedora. Nem a Rua da Palha era tão grande assim. A Avenida 7 de Setembro poderia se chamar Avenida Mil. Passa um dia inteiro, e uma pessoa não anda de uma ponta a outra. Cada casa pai d'égua que dá pra morar todo o povo da Rua da Palha. Só mesmo por Zilma e meu filho eu posso morar aqui. Isto lá é terra de se viver? Ninguém conhece ninguém! Tô aqui rodeado de um bando de xibungo e nem um bom-dia, um como vai... Não fosse Garcia e até era capaz de eu não ter arranjado ninguém pra uma sem-vergonhice. Já cumi muita mulher nesta terra, mas mulher de home nenhum botá defeito é Creusa! Zilma tá fora dessa conversa, ela é diferente... ela é minha esposa! Mas, por sua culpa estou nesta embrulhada. Se não fosse tão fria, eu não teria arranjado mulher certa, fora de casa. Como pode um homem dormi ao lado de uma mulher que não sente desejo na carne? Agora vamos morá aqui e vou ter de me separá de Creusa ... Coitada de Creusa! Sei que vai sofrê. É verdade que nunca lhe prometi futuro. Nunca escondi nada de minha situação, mas, de qualquer forma, ela passou estes anos todos presa a mim, não arranjou ninguém. Quanto a dinheiro, não está em situação ruim, não senhor! A pensão agora está arrumada e,

depois da morte de dona Célia – que Deus a prenda lá –, ela é dona de tudo. Além do mais, já se formou e pode até montá uma escola ou, até, se casar... É taca! Saber que outro homem vai mergulhá nela! Puxa, tô chegando! Vou saltar no outro ponto, e a danada desta chuva voltou a aumentá!

O Largo da Piedade estava vazio de pessoas. Sob uma marquise, Mário irritava-se. Com aquele temporal, estava difícil chegar à casa de Creusa. Teria de comprar um guarda-chuva.

Atravessou a rua correndo, em frente a uma loja especializada em vender artigos pessoais. Entrou. Uma sombrinha vistosa chamou-lhe a atenção; mandou embrulhar em papel de presente. A esposa se agradaria dela.

Com dificuldade, atrapalhado pelo guarda-chuva, alcançou o Largo 2 de Julho. Entrou pelo Areal de Cima, parando em frente a uma casa de janelas altas. O letreiro novo ressaltava o imóvel dos demais. PENSÃO DOIS DE JULHO – FAMILIAR. Muitas recordações teria daquele lugar. A noite em que conheceu Creusa como mulher, era uma delas.

Chegara à pensão cheio de expectativas de encontrá-la acordada. Após várias tentativas batendo na porta, começando a perder as esperanças, ouviu passos e a voz da moça.

– Quem é?

A fogueira reacendeu. Sentiu-se vibrando como na primeira vez que foi à casa de uma mulher-dama. Estava excitado devido à briga com o mulato. Enfrentar o homem armado com peixeira foi mais fácil do que se despir em frente da mulher, completamente nua sobre a cama, com as pernas separadas.

– Sou eu... Mário!

– Ah, já vou abrir! Um momentinho!

– Boa-noite! Desculpe se acordei você! Não esperava chegá tão tarde. Garcia me levou no cinema. Depois

ficamos andando por aí, tomando uns cafezinho pra matá o tempo. Nem reparei já ser esta hora. Cheguei a pensá em ir dormi em outro lugar. Ele até me chamou pra casa dele.

– Não precisa dar tantas desculpas. Já lhe disse: é nossa obrigação! Eu estava acordada mesmo... Neste tempo de provas, o dia não é suficiente para estudar tanto assunto; temos de fazer serão. Quero terminar o curso sem perder nenhum ano. Por isso, você me encontrou acordada. Normalmente durmo muito cedo, a não ser quando preciso estudar mais. Demorei de atender porque estava preparando um cafezinho... ele me ajuda a ficar acordada. Quer uma xícara?

Sem esperar a resposta, a moça dirigiu-se à sala de jantar. Vestia um robe cor de rosa sobre a camisola de dormir. A delicadeza dos tecidos permitia ver a forma das nádegas e dos seios. Andava com naturalidade, sem provocações insinuantes.

– Prontinho! Veja, está tudo pronto! Deixe eu botar o café em sua xícara, a asa do bule está muito quente, você pode se queimar. Eu já estou acostumada.

Uma mecha do cabelo perfumado roçou pelo rosto de Mário. Ousou um olhar furtivo ao decote do robe; a visão foi maravilhosa. Grande parte dos seios estava à mostra. Desviou a vista. Precisava ter cuidado para não cometer nenhum erro que prejudicasse suas intenções. Evitando o vapor exalado pela xícara, inclinou um pouco o rosto. O gesto involuntário serviu para definir a situação que poderia se prolongar por muito tempo. Sentiu na face os mamilos duros. A moça afastou-se, a mão tremia quando colocou o bule sobre a mesa. Ao passar os biscoitos, teve a mão retida pelo homem. Não objetou ao beijo nos dedos.

O desencadeamento das emoções foi inevitável. Perdidos numa imensidão de prazer e luxúria, isolados no universo, pouco se incomodaram com a possibilidade de serem descobertos.

As carícias do homem eram correspondias com gestos de abandono de fêmea sentindo-se possuída com paixão. Foi necessário tapar-lhe a boca com prolongados beijos, impedindo seus frêmitos serem ouvidos por outras pessoas, quando os dois corpos fundiram-se em uma só unidade. Correu o tempo.

– Oh, Mário... que houve conosco? Como pude entregar-me assim? Que irá pensar de mim? Não julgue que sou leviana... por este gesto nem pelo fato de ter descoberto que eu não era mais virgem. Espero que minha mãe nunca venha a saber disto!

Mário nunca se negaria a assumir as responsabilidades se ela fosse virgem, no entanto a confissão de Creusa foi recebida com alívio. Assim, estaria livre de se sentir culpado, se a tivesse deflorado, e obrigado a se casar com ela.

A paixão dominou o casal, transformando-se num sentimento forte com o decorrer dos anos. Creusa nunca lhe pediu nada. Ele, porém, estava prestes a lhe dar um desgosto tão profundo. Ao contrário da noite na qual se descobriram, agora sentia frio; dentro e fora do corpo. Era inevitável romper o elo com o passado. A felicidade da esposa e do filho estava acima de qualquer sacrifício. Entrou na pensão, dirigindo-se ao quarto da mulher.

– Amor? Meu amor, que alegria... Estava pensando em você agora mesmo. Ando saudosa de seus abraços... Então, não me dá um beijo? Nossa! Mas, que tem você? Está todo molhado! Está sentindo alguma coisa? O que aconteceu, Mário?

– Nada, Creusa ! Não estou doente! É esta chuva que me irrita... Veja, nem o guarda-chuva resolve.

– Ora, meu bem, como se não o conhecesse... Sei que algo está acontecendo. Que foi? Conte-me logo, você não trouxe a mala? Não vai ficar aqui?

– Creusa, tenho uma notícia muito ruim pra lhe dar!

– Diga logo, Mário! Sabe muito bem como sou preocupada! Não me faça ficar com dor de cabeça. Vamos... diga logo!

– Minha mulher e meu filho vão morá aqui na capital.

De cabeça baixa, narrou os últimos acontecimentos em todos os detalhes, finalizando com a decisão de que deveriam se separar. Após a confissão, encarou a companheira, decidido a suportar a tristeza da separação.

Creusa estava parada, os olhos fixos no teto, a mão sobre o peito, o rosto amarelado.

– Creusa, você está passando mal? Meu Deus, você está branca!

A mulher recusou o abraço. Não chorou nem emitiu qualquer sinal de desespero. Começou a falar, murmurando as palavras. Recompôs-se. Já esperava uma notícia dessas a qualquer dia, estava preparada e resignada. Estava tudo bem. Bastava-lhe saber que ele a amara algum dia.

– Eu trouxe um presente, uma sombrinha...

– Desculpe, Mário! Permita recusar... Ele me lembraria este momento de tristeza em nossas vidas, e eu quero esquecer este momento. Não é assim que desejo me lembrar de nós dois. Quero guardar as horas de felicidade, e não de tanta dor. Se você quiser me dar um presente, eu posso escolher?

– Pode Creusa, o que você desejá! Qualquer coisa!

– Eu vou ficar no quarto, assim como estou. Você sai. Depois de sair da pensão, bata na porta como se estivesse pedindo para entrar... Depois de algum tempo, vá embora. Eu irei abrir a porta e você não estará lá... Então, ficarei pensando que tudo foi um sonho, ou melhor, um terrível pesadelo. Esta despedida foi um pesadelo... Ficarei sempre aguardando, como se tudo continuasse como antes. Só quero que faça isto por mim... Adeus!

Mário não entendeu muito bem o desejo de Creusa. De sua parte, eles deveriam se amar como nunca o fizeram.

Chuva e frio misturavam-se com as lágrimas. Fizeira como a mulher lhe pedira. Depois que ela lhe dera as costas e ficara como uma estátua, deixou a pensão. Estava sofrendo muito. Contudo, os motivos que o levaram a tal atitude eram mais importantes do que sua própria felicidade. O corpo do filho estendido sobre a cama do hospital fê-lo arrepender-se dos pensamentos com relação à despedida planejada.

A roupa encharcada colava-se ao corpo. A ladeira íngreme e escorregadia obrigava-o a andar cambaleando como bêbado. O calçamento feito com pedras antigas, chamadas cabeça de negro, tornava-se muito perigoso. Ao pisar em um buraco, projetou-se ao solo. A sombrinha foi atirada longe. O guarda-chuva entortou, ficando imprestável. Antes de alcançar o largo da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, levou outra queda. Felizmente estava perto do armazém do amigo.

Garcia ficou espantado ao vê-lo com as roupas completamente molhadas e sujas.

– Que se passa, homem? Foi atropelado ou coisa assim? Tá doido, rapaz! Quer pegar uma doença? Anda, vamos arriba, vamos dar um jeito nesta situação. Só puede estar loco!

Mário foi obrigado a retirar toda a roupa e secar-se com toalha felpuda, ficando enrolado, enquanto suas vestes secavam sobre um fogão de querosene. Por imposição do amigo, tomou alguns goles de conhaque. Outros goles foram tomados, enquanto as notícias eram comentadas.

– Coitadinha, deve estar sofrendo muito! Ela gosta mui de usted, sabe? Nunca quis nada com otro homem, depois que lhe conheceu. Una vez, conversando comigo, disse que temia por isto algum dia. Sabia que

non tinha direito sobre usted e non gostaria de ser descoberta por su mujer. Non queria ser impecílio na felicidade entre usted e su familia.

– Você se lembra quando me mandô hospedá na pensão da mãe dela?

– Até parece que ela estava esperando usted todo lo tiempo. Yo mesmo andei dando unas trelas. Nunca me deu atencion. Brincava, dizendo que tinha idade de ser minha filha. Nuestros filhos me chamariam de padre ou avô? Ê, la vida tem dessas cosas... Bueno, agora lo mais importante é la saúde de su hijo. Quem sabe, depois dele recuperar la saúde, dona Zilma non resolve voltar para lo interior?

– Qual, Garcia! Ela quer ficá aqui mesmo, sempre quis e, pra falá a verdade, também quero! Agora entendo... assim é melhor. Zilmário deve continuar os estudos pra não ficar burro como o pai, um inguinorante que só sabe fazê mal às pessoa que gostam dele... Que será dela agora? Olhe, Garcia, vai me fazer um baita obséquio: se souber de alguma dificuldade dela, quero tomá conhecimento. Mesmo sem podê ver ela, quero saber como tá passando e, se precisá de mim, juro por Deus, eu não vou desampará ela. Juro, meu amigo!

– Bueno, Bueno, pode ficar descansado! Non precisa nem dizer, eu já sabia que usted não deixaria ela desamparada. De vez em quando eu passo por lá. Arranjo una desculpa, una maneira de perguntar sem despertar suspeita. Pode ficar tranquilo, meu amigo. Eu me sinto responsable también...

– Você é um amigo mesmo! Quero está a altura de tanta confiança depositada em mim, quando estiver morando aqui. Quero ter sua companhia em minha casa; ela é sua também... Preciso de sua orientação em tudo por tudo, para me estabelecer nesta terra... Estou pra alugá ou comprá uma casa. Desde ontem venho matutando sobre o assunto. Creusa já tinha me falado

de uma casa em Nazaré. Ontem dei uma passada rápida por lá e marquei um encontro, hoje de tarde, com o proprietário. Escondi de Zilma pra fazê uma surpresa, mesmo porque ainda tô em dúvida. Acho que vou comprá... Que acha?

– Acho mui bueno! Mas agora, bamos a otro assunto! Usted ainda está sem tomar café. Deve estar com muita fome. Bamos tomar outra dose de conhaque enquanto mando um caixeiro apanhar uns ovos estrelados e pão. Vá botando nos copos, eu volto logo. Precisamos conversar direitinho esta história de comprar uma caça. Non é um negócio tan simples!

– Caça o quê, homem, casa... Mesmo morando na Bahia há tanto tempo ainda fala errado? Eta espanha!

– Ah, se tu entendes non es lo bastante para la conversa?

Garcia voltou logo. Estava interessado na conversa do amigo. Gostaria de ver o imóvel, fazer uma avaliação cuidadosa. Os tempos estavam ótimos para compra, dinheiro andava curto. Quem possuísse algum trocado comprava tudo barato e depois poderia revender mais caro, quando a guerra terminasse e a situação voltasse a se estabilizar. Se fosse Mário, venderia o armazém do interior e compraria uma casa comercial perto da sua. Sabia de alguns vizinhos com a corda no pescoço. Seu tino comercial lhe dizia, logo os negócios iriam melhorar.

O entusiasmo de Garcia contagiou-o, libertando-o, em parte, do trauma sofrido com o rompimento. Ele estava com razão. Montaria um negócio, mas nunca venderia o Sortido. Teria de ajeitar as duas alternativas. Bom mesmo seria se Laurentino quisesse fazer uma sociedade. Era o homem indicado para tomar conta dos negócios em Entre Rios: honesto, letrado... Da fazenda também não vou me desfazê. Quando estivé pra morrer, vou pra lá, ficar ao lado de pai. Se Laurentino recusar de novo, é muito burro, pió do que eu mesmo.

– O perigo é eles roubá...

– Roubá? Não diga isto, home! Você não conhece minha gente! Se der uma coisa pra alguém guardá e não autorizar ele meter a mão, o coitado pode até morrer de fome, mas não pega nada! São amigos mesmo, assim como você! Tenho confiança neles. Um dia você vai conhecer eles e vai vê como é gente boa.

– Bueno, vamos ver como estão las roupas... Hum... gracias, está quase enxuta. Esses fogões quebram um galho! Só o fato de não ter de comprar carvão... Mira, chegou lo rango... Depois vamos ver la caça!

– Será que já compraram? Agora que estou interessado...

– Non lo creo! Como disse, dinheiro anda curto. É capaz de ninguém ter se apresentado. Veja bem, se amarre em lo precio que lhe falei. O dono vai espernear um poco. És natural. Depois a gente chega mais um poco, e ele aceita. Non se olvide!

– É melhor a gente ir logo. Basta uma pessoa se interessar em comprar uma coisa e logo aparece um bando de urubu... tá chovendo... tem a dificuldade de arranjá condução... Depois, também quero voltá logo pro hospital. Zilma tá lá sozinha com nosso filho. Ela fica muito preocupada. Minha mulher está sofrendo muito com esta doença de Zilmário. Eu também estou preocupado, nunca vi ninguém com esta tal de penomonia... Até o nome é feio.

– Ora, hombre, ninguém morre de pneumonia aqui em Salvador, inda mais num hospital grande como o Português. Mira, tive um cunhado... vá comendo os ovos antes de esfriar... tive um cunhado tísico. Ficou magro, assim... Depois do tratamento, tomou tanto remédio, virou um bichão de gordo. Ninguém diz que esteve tan perto de la muerte, precisava ver! Quando usted chegar lá, lo menino já vai estar melhor.

– Deus lhe ouça! Aquele menino tá me preocupando... Não sei como foi a vida dele aqui, estudando preso numa escola de padre.

– Venga morar aqui! Logo, logo, nosotros damos um jeito. Levamos o macho numas farrinhas lá na Gamleira. Nininha acerta los ponteiros com ele.

– E eu sou doido de fazer farra com meu filho? Tu tá doido? Se Zilma sabe disso, me abandona de vez. Se por acaso tivê de fazê essas safadezas, tem de ser uma maneira que ela nem venha a sonhá... tá doido?

– Então, deixa ele comigo! Tenho uma nega boa pra tirá a virgindade dele em dois tempos. Se é que ainda non tirou.

– Com tanto padre fiscalizando? Estes homens de saia são fogo! Parece advinhá os pensamento da gente.

– Se fosse usted que estudasse em um convento interno, non tinha dado um jeitinho, não? La cocinera, la lavadeira...

– Você não tem nada na cabeça, além de mulhé... tem não! Vamos embora! Mande arranjà um carro de praça enquanto me visto. As ropas já tão boa... Olhe, alugue o carro pro dia todo!

– Exagero. Aqui tem muito carro de praça!

O conforto do alimento, a maciez do banco do carro levaram Mário a adormecer. O amigo olhava-o paternalmente. Deixou-o dormindo até quando chegaram ao bairro de Nazaré.

A casa procurada estava fechada. Presa à porta, uma nota: “As chaves se encontram na casa em frente.”

– Hum, já não gostei disso... Devia ter uma pessoa esperando pra mostrá...

– Bamos lá!

Acompanhados por um menino, voltaram à casa. A todo momento, Mário solicitava a opinião do amigo. Gostara da vizinha que dera as chaves? Gente boa, não? Zilma vai gostar de se dá com ela. Reparou como

fala? É igualzinho a Zilma. Parece que já estou ouvindo as duas conversando. Ninguém vai entendê nada... Esses lustres estão bom? Acho bom mandá fazê uma reforma... Vamos vê o quintal? Se não tiver um pedacinho de terra pra Tila, nem sei...

– Mira, homem! Lo terreno é mui grande! Tem um pé de fruta-pão. Sou doido por fruta-pão! Homem, isto dá um vatapá! Mira, me enche la boca de água. T'ái, vou ser freguês... vou roubar uma, logo!

– Você fala como se o negócio já estivesse fechado. Tem uma coisinha que não gostei, não por minha causa, mas por Tila: a cozinha é muito pequena. Comparada com a dela lá em casa... Se ela impombá... nada feito!

– Isto se dá um jeito. É só mandar aumentar a los fundo. Terreno tem bastante. Non será problema.

Garcia falava com cuidado para não ser escutado pelo menino. Em se tratando de negócio, não se devia demonstrar muito interesse.

A análise chegava ao fim. O quintal passara a ser o único empecilho. Mediram a área onde fariam a expansão da cozinha. A princípio pareceu insuficiente para a construção sugerida por Garcia. Depois de várias descidas e subidas pela escada que levava à parte inferior do imóvel, verificaram que o declive do terreno seria até muito útil. Sob a cozinha fariam o quarto de guardar bagunças. Retornando, encontraram o proprietário.

Devidamente apresentados, houve uma rápida discussão sobre o preço, e o negócio foi concretizado. Aceitando a palavra de Mário, o dono da casa entregou-lhe as chaves, prometendo iniciar imediatamente o processo da venda, junto ao cartório.

– O senhor vai me dar as chave, sem me conhecer?

– Eu conheço gente honesta pelo falar. Faço questão de lhe dar as chaves, e pode começar a fazer qualquer alteração do seu agrado!

– Pode ficar tranquilo! Hoje mesmo vou telegrafar para Entre Rios. O dinheiro está em suas mãos, no mais tardá, dentro de oito dias. Eu agradeço a confiança e aceito ficar com as chave. Tem mesmo algumas mudança pra fazer, né Garcia? Tenho de trazê minha patroa pra ver. Estamos com nosso filho internado. Veja o senhor, o menino caiu no rio! Amanhã ou depois ele sai.

Mário exultava com a compra, enquanto Creusa começava a fazer parte do passado. Em sua mente, apenas Zilma e o filho. Aconselhado pelo amigo, aceitou almoçar antes de retornar ao hospital. Já passava do meio-dia, se voltasse àquela hora, ficaria sem almoço. Sugeriu-lhe, também, levar alguns livros para dona Zilma se distrair.

Durante o almoço, os homens falavam alto. Garcia prometeu começar a pesquisar um ponto comercial onde Mário abriria um negócio. Precisavam, também, arranjar um lugar discreto para os amores.

– Veja, hombre, estamos sozinhos no restaurante. Já saiu todo mundo... Puxa, quase três horas! Tenho de ir ver como andam las coisas. Se non estivesse chovendo tanto, poderia descer a Ladeira da Conceição. Servia para hacer la digeston. Usted quer ir assi mesmo?

– Não posso, amigo! Vou seguir seu conselho e comprá algumas coisa pra Zilma. Vou aproveitá e dá uma passada na Rua Chile ou Praça da Sé! Ah, e comprar outro danado de guarda-chuva pra mim e uma sombrinha pra ela! Droga de chuva!

– É bom mesmo! Bueno! Quero notícias do menino e de como foi aceita la noticia de la casa, ok?

Parados à porta do restaurante, imaginavam como seguirem em frente. Mário se impacientava. Depois de muito tempo, um carro parou. Resolveram pegá-lo. Mário ficaria na Praça da Sé enquanto o amigo desceria para o Comércio. Quando o veículo começava a parar, Garcia lembrou.

– Não se olvide, quero notícias...

Mário não pôde responder. Saindo do carro, disparou a correr em direção a uma loja com marquise. Apesar da chuva, muitas pessoas andavam pelas calçadas carregando pacotes embrulhados com papel enfeitado com árvores, sinos e rosto de anjo. Entrou numa livraria. Parou em frente a uma estante onde havia diversos cartões de Natal disputados por rapazes e moças; misturou-se a eles. Também já comprara um cartão para Creusa, lembrava-se bem, tinha o retrato de uma mulher dando mama ao filho. As bordas douradas, enfeitadas com sininhos, protegiam uma frase jamais esquecida:

*“No Natal, as mulheres ficam mais bonitas,
as crianças mais sadias, os corações mais
abertos, o amor mais ardente.”*

O amor fica mais ardente? Foi a pergunta de Creusa, antes de se abrir num choro demorado.

– O senhor deseja comprar alguns cartões de Natal?

– Não, já estou velho pra isso! Quero é um livro pra minha mulher. Você trabalha aqui? Pode me mostrar livro bom pra gosto de mulher letrada? Ela é professora e só gosta de coisa fina! É cada livro grosso...

– Temos livros excelentes: José de Alencar, Machado de Assis, poesias de Castro Alves e outros. Eu lhe recomendaria Machado de Assis ou Alencar. Vou pegar alguns para o senhor! Vejamos... esse... esse... Veja: O Guarani, A Viuvinha, A Pata da Gazela e Senhora são de José de Alencar. De Machado de Assis, temos A Mão e a Luva, Helena, Quincas Borba... estes são de contos! Agora, poesias... Ela gosta de poesias? Veja as minhas preferidas: Castro Alves...

– Você deve ganhar muito bem, para dar tanta atenção ao freguês!

– Hum... depende! Ganhamos por comissão... depende do que vendermos. Se vender muito, ganha muito; se vender pouco, aí, eles dão apenas um tantinho... mal dá para o transporte.

O coração generoso do homem encheu-se de ternura pela moça de olhar alegre. Uma menina ainda; os seios pouco desenvolvidos. Enxotou os pensamentos eróticos. Era uma criança. Não bastara Creusa?

– Enrole todos!

– Todos? O senhor vai levar todos esses livros?

– Só estes que você tirô da prateleira. Diga quanto é! Olhe, ainda tenho de fazê outra compra: uma sombrinha e um guarda-chuva. Tem loja deste artigo por aqui?

– Sim, aí ao lado!

– Vá enrolando e fazendo a conta. Vô comprá o resto e volto, tá bem? Já estou muito atrasado. Parece que o tempo voa, nesta terra. Parece de noite... Que horas são? Puxa, cinco e meia? Meu Deus!

– Tá... Está bem! Vou tirar a nota.

A vendedora sorria quando ele voltou. Em um só dia, vendera por uma semana.

– Agora, me faça um favô! Guarde tudo isto. Vô ficar na porta pra arranjá um carro de praça. Pode ficar com o troco. Hoje tudo está demorando muito!

Os pacotes pesavam na mão do homem. Arrepenheu-se de ter comprado tanto. Não sabia como uma pessoa podia gostar tanto de um traste tão pesado.

Entrou no hospital, andando desengonçado pelo peso dos embrulhos. Foi direto para o quarto onde o filho se encontrava.

– Zilma, veja quanta coisa trouxe pra você... O que foi?

– Oh, Mário, nosso filho piorou... Ouvi Dr. Nêlson dizer que talvez houvesse necessidade de fazer uma traqueotomia. Levaram-no a outra sala... Já estão lá há muito tempo!

IX

~~~~~

**L**ábios em prece seguindo o balançar da cadeira; olhos perdidos no horizonte da imaginação. As horas passando, os dedos ágeis girando as contas do terço. Na casa, somente Tila ouvindo os gemidos dos cômodos. Grande era o sofrimento guardado no peito desde quando vira o filho de criação entrar carregado. As entranhas estavam paralisadas. Não tinha vontade de comer, andar, ir ao quartinho. Apenas o café quente mantinha o cérebro funcionando, pensando na atitude de Zilmário, orando e chorando. Invocava as almas amigas, as protetoras que se foram, mas deixaram um elo com o qual se comunicavam com ela: a Nega Camila, sua mãe, dona Cândida, seus antepassados africanos.

O pio de uma coruja cortou o silêncio. Sons agourentos, prenúncio de desgraça e morte. Cruz-credo, Nosso Sinhô, vai pra longe agora, dexa esta casa em paz, ela tá na proteção de Nosso Sinhô Jisus Cristo! Vai dizê à muiê da foice que desta veis ela num leva ninguém dos meu! Em nome de Deus, vai pras profundezas dos inferno, bem longe daqui! Tô aqui sozinha, mai num tem medo de aluitá cuntigo! Minha arma tu num vence. Este teuço é bento! Foi a finada dona Cândida qui me deu. Ela tá no céu, ao lado de Nossa Senhora do Perpeto Socorro, vendo tudo. Ela tá me protegeno. Protegeno também o meu fio Zir, minha fia Zirma e o marido dela, Maro. A Nega Camila, minha mãe, já me

avisô qui tu tá rondano os meu, mas eu num perciso tê medo. Só dexô tu levá ela praque quis... eu tombém num vô dexá tu me levá ante de vê os meu protegido, quano vê Zir dotô e casado cum uma muié boa.

Pela janela da cozinha, montadas na brisa fria, entravam as horas lentamente. O ambiente impregnava-se do odor dos jasmims e angélicas, lembrando o mesmo cheiro de casas onde havia defuntos. Tudo parecia conspirar para atanzar a mulher, trazendo-lhe recordações tristes; momentos de sua própria vida, acompanhados pela morte. Seu nascimento fora o primeiro, interrompera a vida de Camila. Não se achava culpada por isso, a Nega Camila cumprira sua missão na terra. Ela sabia que morreria ao conceber e dar à luz uma filha. Por isso viveu intensamente, enquanto aguardava o momento. Conheceu muitos homens, todos escravos de seus encantamentos. Negros e brancos disputavam sua companhia. Camila num me odiava pur eu sê o mutivo de sua morte. Dona Cândida dixeu que inté ela gostou, dixeu qui eu fui a porta qui abriu pra ela entrá no céu. Morreu filiz. Num deu trabaio nenhum. Inda hoje sua cova tá lá dibaxo do cajuêro. Aquele cajuêro nunca vai morrê... vai ficá vivo pra sempre, pra lembrá a todo mundo a existência da nega qui enfeitô os branco. Foi querida pur todo o pessoá da fazenda e me deu orige. Nunca dixeu pra ninguém quem foi meu pai, só dona Cândida discunfiava, mas num tinha certeza. Nega Camila, minha mãe, era muito sabida. Tinha reza forte, era capaz de passá na frente dum cristão e num sê vista. Era forte cuma um toro, nunca teve duença alguma. A vez qui foi pra riba de uma cama foi pra me pari. Ela queria pari eu... num quereno, tomava chá das foia qui sabia fazê muié pari ante do tempo. As moça incubada andava presa na saia dela... Ah, Véio Firmo é qui contava suas instripulia. Elas ia chegado, cum cara de quem num qué nada, sonsa qui só elas,

percurano Camila. Adispois saía cum as foia debaxo da anágua... arguma inscundia no califom. Ninguém pagava nada, ela si ofendia. Ajudava praque queria, nada de pagamento... Oia lá, Nega Camila, vosmecê tá veno a marvadeza qui a muié da foice qué fazê cum o mini-no Zir. Pede ao deus dos preto, tombém, pra livrá esta casa do mar. A marvada da muié da foice tá rondano pur aqui! Percura dona Cândida – viu? – e pede ajuda dela. Oia, ajunta os deus todo pra adevorvê a saúde de meu fio! Se eu tivesse lá já tinha dado um jeito nas coisa. Dava mais sumo de mastruço aperparado e leite. A sarvação dele é qui, onte, dei um copo cheinho de sumo de mastruço mais pó bento e leite, inscundido de Laurentim.

O vento aumentava de intensidade, bulia nas folhas embalando-as; era um recado da chuva. Ao lado de Tila, o bule vazio.

A cadeira rangeu forte ao livrar-se do peso da mulher. Ficou a balançar-se sozinha. Tila obrigou-a a parar. O movimento de vai e vem, perturbava-lhe os pensamentos.

Junto ao fogão, ativou o fogo com o abano de palha trançada. Novos pedaços de madeira foram colocados. A chaleira abafou as labaredas que tentavam fugir pela boca do fogão. A água demoraria algum tempo para ferver. Aproveitaria para ir ao quintal à procura das estrelas que representavam seus amigos desaparecidos. Lá estava dona Cândida – luz forte que chegava à terra sem alterar sua intensidade – destacando-se das demais pela tranquilidade que transmitia na vastidão do céu. Mais adiante estava a Nega Camila, irrequieta, a piscar sem parar; menor em tamanho, porém mais ativa, caracterizando bem a mulher quando viva. Sorriu-lhes. Sabia estar sendo observada. Não ficaria sozinha na luta para salvar a vida de Zilmário. Voltou ao quarto. Precisava acender mais uma vela. Quanto

mais luz houvesse, mais fácil seria a caminhada das fadas protetoras até onde se encontrava o filho doente. Ajoelhou-se diante da imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, rezando uma Salve Rainha, transpirando toda a devoção e fê pela Santa. Oh, Virgem Mãe de Deus, pelas dores que sofreste ao vê vosso fio Jesus Cristo, carregando a cruz, sendo crucificado pelos marvado, eu lhe peço, tenha dó de Zir, ele é um moço tão bão, tão novinho ainda... num dexe ele morrê!

As lágrimas corriam pelo rosto triste. Iluminadas pela luz das velas, brilhavam como gemas. Entre as frases da oração, outras visões se formavam: um envelope ainda guardado no bolso da saia. Mostrou à Santa, repetindo em voz alta as palavras escritas pelo filho: “A meus pais.” Ele fez carta pros pai. Virge Santa, oia o qui tá inscrito aí dentro. Eu já sei de tudo, num perciso sabê soletrá a carta do ABC pra sabê o qui ele inscreveu. Tenho certeza qui é despida.

Tila continuava em suas conjecturas. O filho se jogara no rio pensando em se matar? Depois de ajuntados todos os acontecimentos, só mesmo cego não percebia que algo muito estranho acontecera. Ela nunca se enganou nestas coisas. Há muito tempo a harmonia da família andava perigando. Evitou dizer a Zilma que não era bom mandar o menino estudar na capital, longe delas. Vendo-se desprotegido foi se acabrunhando... acabrunhando... inté qui chegô a tudo isto. Zirna mais Maro num percebero praque num sabe o qui é banzo. Eles num sabe, mai branco tombém pode morrê de banzo; duença de nego africano, quando era escravidado. Aqui chama de otro nome... mai é banzo. Foi isto qui acunteceu cum meu fio, coitadinho! Ele tava de banzo. Cuma deve de tê sofrido, noite e mais noite, sem vê sua terra, seus ente quirido... Escravo do desejo de otra pessoa, sem o colo da sua nega véia pra consolá e discansá o juízo, escuitá as istora qui tanto gosta... Vô dá um fim nesta carta!

O chiado da água fervendo chamou a atenção de Tila. O fogo apagar-se-ia se a água continuasse a cair sobre os tijões. Resmungou contra a interrupção.

O odor do café invadiu o ambiente. Encheu um caneco.

De volta à cadeira de balanço, enquanto a vela queimava, a mulher confortava-se com o café quente e a conversa espiritual com os santos. Lá fora, o ruído de um objeto caindo. O vento, que se tornara mais forte para traquinar nos objetos, derrubou a gamela. Precisava guardá-la.

Antes de sair, lembrou de um conselho de dona Cândida: Não saia no vento depois de tomar café quente, senão pode ficar de cara torta. Enrolou o xale sobre a boca. Olhou o céu. Precisava contar às amigas a conversa com Nossa Senhora.

Mais uma tristeza. Grandes nuvens negras tomaram conta do céu, encobriram Camila e dona Cândida.

Como em outras ocasiões, sendo obrigada a tomar decisões, ergueu resolutamente o rosto para o alto. Teria de tomar uma atitude. Os médicos sabiam curar doenças de branco, mas o banzo somente os negros sabiam como tratar. Enquanto Zilmário não a sentisse ao seu lado, continuaria à mercê da muié da foice. Quem foi que sempre curou suas doenças? A caxumba, a bixiga braba... num foi eu? E o sarampo? Meus chá cura quarqué duença... aduvido qui sumo de mastruço num faça ele ficá bão. Eu vô lá! Vô levá pra ele os remédio bão... Cum a ajuda de Deus Nosso Sinhô eu chego lá... E já sei quem vai me ajudá... Cum a fé de Deus, o coração dele vai se abri pra me ajudá. Se fosse Vavá, bastava dizê qui ia fazê reza... mai o otro num é besta. Perciso acordá Jaquim.

– Oh, Jaquim, corda... corda... s’alevanta priguíço-  
sol! Perciso de ocê, nego da bixiga... Tá fazeno qui tá dru-  
mino, nê? Pera aí qui lhe jogo água fria pra tu estopora.

– Cruz-credo, dona Tila! Já manheceu? Eu nem ouvi o galo fofoso cantá, raiano o dia! Oia, veja, tá tudo inscuro, inda é noite arta!

– Eu sei, nego safado! Mai, tenho de saí, e ocê tem qui ficá tomano conta da casa, inquanto vou arresorvê um assunto na rua.

– Na rua? Uma hora dessa? Vosmecê num tem medo de mula de pade e de lubisome, não? Onde vai uma hora dessa? O pissoá já vortô?

– Num é de sua conta nem do seu rosaro! Vô onde quisé. Vamo, levanta logo dessa cama! Acorda de uma vez, sinão jogo água fria em tu!

– E se eu morrê?

– Quem vai se incomodá cum nego safado cuma tu? Vô me aperpará! Inscuite bem, caso teja drumino quando eu vortá, dô uma esfrega neste teu rabo no-jento que adespois vai carecê de água de sar! Veja lá, hem?

– Tá certo, eu acordo... nem se pode mais drumi!

Sorriu consigo mesma dos resmungos de Joaquim. No fundo gostava do menino, mas não devia dar intimidades. Àquela gente, davam-se os pés e logo queria as mãos e quem sabe mais o quê!

O vento forte jogava poeira nos olhos de Tila. À sua passagem, uma janela fechou-se bruscamente. Seria boatos no outro dia: fora a mula de padre passeando à caça de incautos. Ah, povo bobo! Eu é qui num aquerdito nessas maluquice. Onde já se viu, quem anda cum Deus tê medo de nada! Mula de pade, quar! São uns covarde, isso sim! Num posso me insquecê da maluquice de Vavá qui acordô todo mundo daqui da Rua da Paia, gritano qui a mula tava correno atrás dele... Tombém, quem mandô ele fazê posta pra ir no cimitero apanhá cavera, pra trocá pru uma garrafa de cachaça? Os home, qui num são bobo, mandô um se inrolá num lençó branco pra mode de esperá o maluco no

cimitero, fingino sê arma do otro mundo. O azá é qui o home tombém tava morreno de medo. Se tremeno todo, inganchô o lençó no gaio da goiabera e, cuma era otro covardão, abriu a sulapa no mundo... Foi um carreção danado... Vavá na frente, e ele atrás. Quanto mais gritava, mais Vavá curria cum a cavera na mão gritano que era a mula de pade. Maluco desgraçado, num largava a cavera... Ah, se eu tivesse lá! Foi tanta gente correno cum a visão... Teve gente qui quase rasga a tripa gaitera de tanto gargaiá quano tudo ficô expricado. Pade José, quano sobe, quaje excumunga ele. Foi preciso uma procissão pra interrá a cavera de novo... Tudo cum muita cachaça e fuguete. Ah, Vavá, tu num tem jeito mermo! Inda ficô brabo pruque num dero a garrafa de cachaça pra ele. Tu é maluco mermo... É, mais é mió do que muita gente daqui! Bem qui gostava qui tivesse cumigo agora! Se o home num quisé ajudá, nós bem qui podia dá uma sova de cipô-caboco nele, hem?

Gotas de chuva obrigaram-na a apressar o passo. Bem conhecia a chuva de dezembro, ainda mais em período de lua nova. Acomodou-se melhor no xale, passando-o pela cabeça. Mesmo sabendo ser insuficiente para evitar se molhar, caso a chuva aumentasse rapidamente. Apressou o passo, não estava longe da farmácia. Mais alguns metros e ficaria protegida sob a marquise, enquanto batia na porta.

Laurentino não demorou a atender ao chamado. Habitado a ser solicitado durante a noite, já dormia no sentido de acordar a qualquer momento.

– Dona Tila, que está fazendo na rua a uma hora destas? Houve alguma novidade com dona Zilma e o rapaz? Vamos, entre, entre logo, antes que pegue um resfriado... Está frio aqui fora. Vamos, vou lhe dar uma xícara de café com leite, bem quente!

– Seu Laurentim, tô aqui pra pedi um grande favô a vosmecê! Num pense qui sô maluca, não, vino uma

hora dessa incomodá seu sono... O café tá bão! Vosmecê mermo é qui faz? Cuma tava dizeno, sinto qui o minino Zir tá percisano de mim...

– Precisando como, dona Tila? Ele está bem no hospital. Lá tem todas as condições para curá-lo, muito mais do que nós aqui.

– Oia, seu Laurentim, meu minino foi mandado pra capitá contra minha vontade, a conseio de vosmecê. Sei que vosmecê num vai ficá satisfeito se Zir morrê. Eu vô ficá muito triste e vô ficá pensano qui se ele tivesse ficado de meu lado num murria... Oia, eu já tive umas conversa cum uns pissoá lá de riba. Sabe o qui eles me dissero? Qui perciso tá perto de meu fio. Vosmecê sabe qui tenho quem me informe das coisa, num sabe? Pois é, pur isso vim falá cum vosmecê. Seu coração é bão e num vai me anegá esse favô!

Os lábios da mulher mal se moviam ao emitirem as palavras em sons abafados, quase sussurrantes.

O farmacêutico olhava a visita com admiração. Não acreditava em suas superstições, mas era admirável a ousadia como apresentava o problema. Não foram poucas as notícias ouvidas sobre suas proezas. Havia uma áurea supersticiosa envolvendo-a, levando os moradores da cidade a ter dúvidas e, até mesmo, temor de seus poderes extrassensoriais. Convenceu-se de que se, por acaso, resolvesse ajudá-la não seria por medo ou superstição, e, sim, em atendimento ao seu generoso e fiel coração. Por outro lado a presença da mãe de criação poderia ser benéfica ao restabelecimento do rapaz. Além disso, daria conforto a dona Zilma nas horas tristes que estava vivendo no hospital.

Depois de alguns instantes coçando o queixo, explicou que o hospital era um lugar especial onde havia muita disciplina. Ela não poderia fazer determinadas coisas a que estava acostumada. Procurasse entender e não tentasse interferir nos trabalhos médicos.

– Intonces!

Laurentino calou-se, impressionado como cedera tão facilmente aos desejos de Tila.

– Vamos...

– Brigada, seu Laurentim! Tinha certeza qui ia me ajudá. No príncipe, lá em casa, achei qui vosmecê era orgulioso. Adespois, os home me dissero qui num era não... Vosmecê é uma pessoa bondosa. Deus vai ajudá vosmecê também. Nas minha oração vô alembirá dessa hora...

Os detalhes da viagem foram estudados em minúcias. Iriam para a Estação tão logo amanhecesse. Com a ajuda de Deus, estariam na Bahia lá pelo fim da tarde.

Tila levantou-se, teria de retornar logo. Necessitava preparar as coisas que haveria de levar ao hospital. Muito sumo de mastruço, leite fervido, dentes de alho para o mingau de cachorro. Se o filho tomasse um mingau de cachorro, levantaria as forças de uma noite para o dia. É isso, o mingau é muito bão. Já curou inté aguadera braba dos pião da fazenda, quando comem carne de boi doente. Besta é Laurentim, acreditá qui vô dexá de fazê o qui quisé. Eles vão vê cum quem tão tratano. Tá pra existi arma vivente pra impedi Tila, fia da Nega Camila e protegida pru dona Cândida, fazê alguma coisa.

– Pelo menos leve meu guarda-chuva, vai chover muito!

– Num sinhô, num carece! Dexe pra vosmecê me buscá manhazinha.... Se demorá, vô adiantano a andança pra Estação. Espero lá!

– Dona Tila, a senhora vai me esperar em casa. Em casa, está ouvindo? Agora somos amigos, e amigos fazem tudo de comum acordo, está bem? Em casa!

Tila sorriu. Gostou de ser chamada assim. Era mais um branco a tornar-se amigo de um negro. Ao sair, sob a chuva, prometeu esperar em casa com tudo arrumado.

A imagem da mulher desapareceu na escuridão da noite. Laurentino balançava a cabeça numa recriminação a si mesmo. Mulher teimosa. Bem sabia que ela não aceitaria o guarda-chuva, nem se prenderia por causa da chuva. Vencê-la seria muito difícil.

Sozinho, o farmacêutico voltou a raciocinar com mais frieza, analisando as consequências que poderiam advir na sua ausência. E se o rapaz morresse? O caso não era muito simples. Além da pneumonia, havia a pancada na cabeça. Poder-se-ia estar preocupado com a infecção dos pulmões e o mal mais grave estar na comoção cerebral. Ê, é melhor ela ir mesmo. Além do mais, estou precisando ir à capital. Preciso comprar alguns livros, adquirir novos equipamentos... Roxinha e Naná são boas parteiras. Se alguma mulher for parir, elas saberão o que fazer.

A fumaça do cigarro, misturando-se com a luz da placa, trazia recordações ao homem. Reviu-se na roupa branca, deslocando-se apressadamente pelos corredores do hospital. Já não havia visitas, somente os profissionais e o silêncio. Acabara de completar um plantão. Estava muito cansado, como se não tivesse forças nem para um banho antes de deixar a casa. Sentou-se um pouco, enquanto aguardava o substituto. A enfermeira chefe apareceu dizendo-lhe que teria de continuar no serviço, o outro rapaz estava impossibilitado de vir. Não houve recusa. O corpo poderia esperar, a disciplina e a necessidade dos doentes eram superiores ao cansaço. Apenas um pouco de tristeza por não poder estudar. O dia do vestibular se aproximava e, se quisesse ingressar na Faculdade de Medicina, teria de estudar muito.

Os olhos sorriam às recordações dos momentos vividos no Hospital. Aguçava a memória à procura de detalhes: o ruído do bisturi cortando a carne, o sangue empurrando o êmbolo da seringa quando a agulha

perfurava a veia, o odor agradável de limpeza, os elevadores morosos, choro de criança, uma sala de reunião. Palavras ouvidas sem esperar, a desilusão, o desengano. Acabava-se um sonho, morria a ilusão do sacerdote pela medicina, desaparecia o bisturi, a máscara.

Chocado pelas recordações desagradáveis, dedicou-se aos preparativos da viagem. O sangue corria com mais força. A perspectiva de rever o hospital, os amigos, os médicos, os alôs apressados pelos corredores animavam-no a ausentar-se de Entre Rios. Seria a maneira de retornar à casa de saúde sem dar o braço a torcer. Prometera nunca mais voltar, porém o dever colocava-se acima do orgulho. Os motivos pessoais seriam eliminados pela obrigação de ajuda ao próximo. E se não fosse bem recebido, ou cometesse falhas nas respostas que teria de dar? Pneumonia era conhecida. No entanto, problemas cerebrais... sei lá! Dr. Nélon ainda deve estar por lá. Ele tinha muita consideração por mim, sempre elogiou meu trabalho. Vou ver se acho algum artigo sobre comoção cerebral.

Raios solares anunciavam o nascer de um novo dia. Tila sentia-se ansiosa. Acabara de preparar dois frascos grandes de sumo de mastruz, fervera leite suficiente para as primeiras doses do remédio, arrumara uma mala com alguns pertences indispensáveis. Não podia se apartar das imagens protetores, das velas bentas, do pó bento, das folhas para reza de mau-olhado e roupas íntimas. Um sorriso malicioso andava-lhe pelos lábios ao recordar de Joaquim. Nego safado! Tombém quaje tiro o coro dele. Catô mastruço, discascou impim, batata e ainda fez café novo. Insturrô qui nem bode véio!

- Tá tudo na mesa, dona Tila!
- Tá bão, já tô ino! Se o café tivé ruim, tu vai vê!
- E eu lá sou muié pra sabê fazê café bão?
- Inda tá resmungano?

Durante a refeição, Tila instruiu o menino. Não deveria abrir a porta a nenhum desconhecido. Havia

tudo em casa. Podia comer do que bem entendesse. Em hipótese alguma, deveria entrar no quarto dela. Se ele desobedecesse, iria se arrepender pelo resto de sua vida.

– Oia, desastrado, o qui tem lá dentro vai fazê ocê ficá maluco de corrê. Vai sai pur aí, mata adentro, se arranhano nas urtiga, inté morrê!

– Vixe...

– Pode arregalá os zoio inté rasgá, viu? Agora vai na casa de Laurentim, diga a ele qui já tô pronta! Num vai demorá, hem? Essa noite vi zuada de casco da mula de pade pela carçada. Ela inda pode andá pur aí zanzando!

– Cruz-credo, dona Tila! Não diz esta cunversa, não! Vô num sopro só, Deus me alivre.

Os olhos do menino dançavam nas órbitas à procura de sinais de assombração. A desabalada carreira somente teve fim ao chegar à farmácia. A respiração ofegante parecia estar vindo de outra direção. A praga de Tila era de estarrecer. Coitado do cristão que caísse nas garras da mula de padre. Santa Virge, protege eu! Ainda sou muito novinho... não quero morrer... Tuma-ra qui o home não demore pra abri a porta. Se eu vortá são e sarvo, nunca mais vô me inscondê pra mode de num fazê os quifazê da casa. Ah, cheguei! Graças a Deus, nosso sinhô!

– Abre, seu Laurentim, pelo amor de Deus! Abre esta porta, num quero ser pegado pela marvada!

As batidas violentas assustaram o farmacêutico. Livros e revistas caíram da mesa quando se levantou bruscamente e correu em direção à porta.

– Desculpe, dona Ti... ué, é você?

– Oia o sinhô qui me adescurpe, viu? Ela... ela dixeu pra num demorá... A mula de pade... Ela tá esperano o sinhô, dixeu pra num demorá! Tenho de vortá logo!

– Puxa vida, deixei-me levar pela leitura... Diga a ela que estou indo. Diga que me espere em casa!

A arrumação foi rápida. Duas mudas de roupa, um par de sapatos e algum dinheiro. Iria de botas até a Estação. Lá, trocaria pelo sapato.

Antes de chegar à casa de Tila, encontrou-a na esquina da Rua da Palha.

– Bons-dias! Tava adiantano a viaje. Sabia qui vosmecê ia passá pur aqui e vim logo pra num atrasá muito, num foi mió?

O homem não respondeu. Vendo-a cheia de apetrechos, tomou-lhe a mala. Convidou-a a participar do guarda-chuva, mas a confusão por causa dos pacotes fê-la desistir.

Descendo a ladeira, o farmacêutico escorregou. Não fosse a intervenção de Tila, teria caído na lama.

– Tem nada, não! Os home de instrução são assim mermo. Sabe tanta coisa na cabeça, mais num tem sustança nas perna...

Ferido no orgulho, Laurentino pensou em brigar com a companheira, porém, ao ver-lhe o sorriso infantil, a maneira direta como falava, sorriu-lhe também.

– Oia, seu Laurentim, já tamo chegano!

– É bom! Já estava ficando cansado!

Após a narrativa dos visitantes, o senhor Aristides informou que naquele dia só teria um cargueiro. Se não houvesse atraso, estaria em Areias às nove horas. Não seria uma viagem confortável, contudo, pelas circunstâncias, era a única possibilidade. Falaria com o chefe do trem para acomodá-los da melhor maneira.

– Ora, seu Ristide, num precisa se incomodá tanto... A gente chega lá, cum a ajuda de Deus, num é mermo seu Laurentim?

– É! Nós daremos um jeito de chegar sãos e salvos...

Efetuada a limpeza em um vagão vazio, os amigos se acomodaram. A mala serviu de banco. Alguns embrulhos, Tila fez questão de levar no colo.

Durante a viagem, Laurentino preocupava-se com o conforto da mulher por causa dos tombos, quando o trem entrava numa curva. Percebendo que se habituara aos solavancos e não mais carecia de cuidados, abandonou a prudência, caindo no sono.

A mulher não conseguia dormir. A expectativa de rever Zilma e Zilmário impedia o relaxamento. Havia também o medo de se esquecerem deles dentro do vagão, quando chegassem à Bahia. Com Laurentino dormindo daquela maneira, tudo podia acontecer.

Os pensamentos vagavam lentos, quando percebeu que o trem parava. A seguir, a porta foi aberta. Assustada, gritou pelo companheiro. Teriam chegado? O rosto vermelho do chefe do trem apareceu, quase ao nível do soalho do carro. Fariam uma parada rápida. Se quisessem estirar as pernas, ou ir à latrina da Estação...

Sorriu forçadamente. No íntimo estava xingando o atrevido. Era uma grande falta de pudor fazer uma proposta assim a uma senhora. Em outra situação, ter-lhe-ia dito umas verdades. Ele não perdia por esperar, um dia teria o troco. Contudo, resolveu aceitar a sugestão. Precisava andar e tirar a dormência das pernas.

Laurentino assustou-se ao ouvir o silvo dando partida ao trem. Tila ainda não voltara. Espichou-se para chamá-la, quando o veículo começava a deslocar-se. Teria de saltar. Não podia deixá-la sozinha numa cidade desconhecida.

– Pera... pera eu, cambada de maluco... pera pro eu!

– Dona Tila? Valha-me, Deus! Corra depressa, pegue minha mão, segure com força... Jogue os pacotes para dentro! Agora, força, mais um pouco! Isso... assim!

– Disgraçado! Queria... queria... dexá eu? Num sei onde tô qui num vô lá na máquina dá um sopapo nele! Quaje boto os bofe pra fora!

– Isso é coisa que a senhora faça? Não sabia o que fazer, se continuava a viagem ou se saltava para procurá-la... Onde esteve?

– Tava ali, na igreja. Tava fazendo uma reza pur ocê, pelo favô qui tá me fazendo... também pur Zir, Zirma, Maro... tava tão intertida qui nem uvi o apito. Tá tudo em orde?

– É...

– Vamo fazê uma boquinha? Eu trouxe uns pedaço de lombo cum farofa. Vosmecê se incomoda de cumê de mão? É cumida de gente humirde. Se num quisé num fico ofendida. A chuva miorô, né?

– Qual, dona Tila, as coisas que me contaram da senhora não chegam à metade do que fez hoje. Depois do susto que passei, vem me oferecer lombo com farofa? Tomara que esteja bom, porque se não estiver, aí sim, vou ficar zangado de verdade. Vamos lá! Quero ver a cara deste lombo... trouxe pimenta?

– Oxente, intonce eu ia cumê sem pimenta?

Laurentino encantava-se com Tila. Perguntava-se onde ela arranjava tanta graça, a ponto de fazê-lo se acalmar. Entre eles já havia uma intimidade de velhos amigos. Sorriu, engasgando-se com a farinha seca, ao ver o rosto da amiga. Estava parecendo Papai Noel, com a boca branca... Manga... manga de eu... vai nascê cacunda em tu!

– Ah, me chamou de tu? Agora, sim, agora somos amigos de verdade, né Tila?

Quando o trem parou na Estação da Calçada, em Salvador, Laurentino ofereceu uma pequena quantia ao chefe em recompensa pela viagem.

No Largo, fora da Estação, percebeu o receio da mulher ao ver tantas pessoas e veículos. Ela agarrava-se ao braço do amigo com força. Confessou ter medo de entrar na marinete, parecendo ser um enorme monstro a engolir as pessoas. Foram muitas as explicações, até

convencê-la a entrar no transporte. Seria muito difícil irem andando até o hospital. Mesmo assim, só chegariam lá tarde da noite.

– Oia Laurentim, num fosse pur Zir, eu vortava daqui mermo! Tu m’agarante qui num tem pirigo?

– Fique tranquila, eu garanto!

Durante o trajeto, Tila passou por vários sustos. Toda vez que cruzavam com outro carro, ela segurava-se ao companheiro, temendo haver um choque. Nas curvas, forçava o corpo no sentido contrário, tentando impedir que o veículo tombasse. Quando saltaram, em frente ao Elevador Lacerda, voltou a apoiar-se em Laurentino. Forte formigamento nas pernas a impedia de andar.

– Pera, Laurentim, as perna tá bamba qui nem vara verde!

Tila seguia amparada pelo braço do homem. Olhando para o alto, assustou-se. Pareceu-lhe que os prédios iam cair em sua cabeça. Os saveiros ancorados ao largo, na Rampa do Mercado Modelo, fizeram-na recordar alguns passeios à praia do Conde. Foi a primeira cena agradável. As luzes dos barcos mergulhavam nas águas, criando outros em sentido contrário. Absorta com a visão, não se apercebeu acompanhando enorme fila que entrava numa porta larga do Elevador Lacerda.

Os saveiros desapareceram. Restou apenas gente. Pessoas molhadas a se esfregarem umas às outras. Comparou-as com os bois a caminho do matadouro. Fechou os olhos. Não queria ver a cara das pessoas. Começava a respirar com dificuldade. Esquecera a chuva. Agora sentia calor; transpirava. Desejou sair, lá fora estava mais agradável. O coração batia forte. Não havia vontade em suas pernas, elas eram impelidas a andar ou parar pelos empurrões dos outros passageiros. Teve ímpetos de sair correndo para o ar livre, mas não podia. Tinha de continuar, Zilmário esperava por ela.

Depois de algumas paradas dentro do corredor, sentiu-se afrouxada. Já não havia aquela forte pressão de outros corpos. Estavam num salão onde fora permitida a entrada de poucas pessoas. Um homem fardado segurava uma corrente, limitando o número de passageiros. À sua frente uma grade dourada brilhava, soltando faíscas de luz.

– Aqui tá mió, né Laurentim? Qui é que nós faz agora? É aqui o hospitar?

O farmacêutico limitou-se a balançar a cabeça. Havia muito estava observando o seu comportamento. Ela estava aparentemente calma, todavia, a qualquer momento, um acontecimento desagradável poderia ocorrer. A pior parte do trajeto estava por vir. Não podia imaginar como agiria ao ver-se trancada dentro da cabina. Por enquanto, admirava-se com a grade reluzente, com a luz verde acesa acima da porta. O elevador estava descendo, mais alguns instantes e saberia como iria se portar.

O primeiro impacto foi o brusco recuo ao ver a grade abrir-se.

– Olhe, Tila, agora você vai ver que coisa gostosa é o elevador. Nem precisamos fazer força, e ele sobe conosco uma ladeira maior do que a da Estação. É um piscar de olhos, quando menos se espera, já estamos lá em cima!

– Em riba? Donde?

– Lá em cima... na Cidade Alta! O hospital fica na Cidade Alta...

– Cidade Arta?

– É... Agora o ascensorista vai fechar a porta e vamos subir...

– Tá apertado, né?

– Ah, mas é por pouco tempo. Lá de cima vamos ver uma paisagem maravilhosa. Vai gostar de ver a Baía de Todos os Santos, a Ilha de Itaparica. É uma terra muito bonita!

As palavras eram ditas em tom baixo. Quase sussurradas ao ouvido da mulher, na tentativa de acalmá-la e desviar sua atenção do tombo inicial, quando o elevador começa a subir e desequilibra alguns passageiros desacostumados.

– Laurentim...

A última sílaba do nome do homem foi prolongada, enquanto a mulher era jogada ao piso da cabina, provocando tumulto entre os presentes.

– Valha-me Deus, nosso Sinhô! Oê dixeu qui isto é... coisa gostosa?

– Tila, Tila, o que houve? Você caiu? Vamos, levante-se! Já passou tudo!

Os passageiros esperaram apenas a mulher se levantar para soltarem gargalhadas. O ruído forte abafava os improperios da mulher, nem se incomodaram com sua demonstração de que iria agredi-los. A situação começava a se normalizar, quando atingiram a parte alta. Nova queda.

Por pouco não se criou um tumulto generalizado. A confusão formada pelas pessoas ao saírem do cubículo, algumas tentando sair pela porta de entrada, os rostos contorcidos de tanto rir assustaram os passageiros que esperavam do lado de fora. Alguns saíram correndo, pulando a corrente da antessala em frente à grade e empurrando quem se encontrava na fila.

Restabelecida a ordem, Laurentino retardou o passo e parou ao lado de uma das janelas do corredor antes de alcançarem a Praça Municipal, em frente ao prédio do elevador. Mostrou-lhe por que havia Cidade Alta e Cidade Baixa. Destacou a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, famosa em muitos países do mundo.

– Viu? Nós estávamos lá embaixo!

– Nós tava lá imbaixo? E já tamo cá em riba? Viuge!

– Isto mesmo! Subimos pelo elevador!

– Coisa boa é aluvador, né Laurentim? A gente nem sente nada e já tá em riba da cidade. Só dá uma

gastura no pé da barriga... E agora, vô vê Zirma? Já é quaje de noite e num fiz nada.

– Vamos pegar um carro de praça. Assim chegaremos mais depressa. Venha, ali tem alguns parados.

– Aquele troço anda sem boi prá puxá? Cuma é qui pode?

– Você vai ver! Desta vez não precisa se preocupar com nada. É só fechar os olhos, se quiser, e o motorista nos leva aonde quisermos.

A viagem transcorria sem incidentes. Sentada no banco traseiro, mal respirando, temendo que o próprio peso fizesse o carro virar, Tila observava os letreiros luminosos, as fachadas dos casarões. Imaginou Zilma enfrentando tanta maluquice sem ela por perto. Agora entendia por que Zilmário ficara doente, uma terra cheia de doidices assim... é prá fazê quarqué vivente ficá de juízo perdido.

O odor de gasolina, até então desconhecido, invadia o interior do veículo provocando nojo e vontade de vomitar. O cheiro parecia com o de pavio de bibiano quando molhava na água. Não achando onde cuspir, fê-lo sobre o piso. Caso a viagem demorasse muito, seria capaz de fazer coisa feia ali mesmo.

– Veja, chegamos!

Mais uma etapa fora vencida. Laurentino respirou aliviado ao ver os portões do hospital. Ajudou-a a descer e pagou a corrida, satisfeito por não ter ocorrido nada anormal.

– Laurentim, quaje faço arremesso lá dentro, tive tanta vontade...

– Tila, não me diga que você... não!

– Carma, home, num fiz nada de mar, num sinhô! O chero tava fazeno gastura... Num fiz nada errado, só dei umas cusparada!

– Ai, meu Deus! Se o motorista descobre...

O farmacêutico passou a fazer revisão dos últimos acontecimentos. Só faltava o porteiro querer impedir

a entrada. Aí, então, poderia esperar confusão. Nem mesmo ele conseguiria deter a mulher. Por isso procurou acalmar-se, colocando no rosto um sorriso amigável, na tentativa de obter do funcionário permissão para entrar.

– Deus seja louvado, este não é seu Laurentino?

– Olá, Crispim, ainda está trabalhando? Como vão as coisas por aqui?

– Ainda, meu irmão. Tenho de trabalhar! Aqui vai tudo na santa paz do Senhor! Mas, que novidade é esta? O senhor por aqui? Não me diga... Esta é... vai parir?

– Não, Crispim, tá maluco? Esta é minha amiga! Estamos chegando do interior. Entrou aqui, ontem, um rapaz acompanhado pelos pais, vindo de Entre Rios. Esta senhora é sua mãe de criação. Você não vai se importar, se eu pedir para fazer uma visita ao enfermo, não?

– Ora, seu Laurentino, a casa é sua! Pode entrar à vontade...

– Obrigado.

O homem agora tinha outro problema. Obter permissão na portaria. Sabia estar transgredindo as regras do hospital, mas a ocasião obrigava-o a sair da disciplina.

Mais uma vez a sorte estava do lado dos visitantes. Mesmo sendo desconhecida, a moça cedeu à solicitação, quando soube que ele era ex-enfermeiro da casa.

Satisfeito, segurando o braço da acompanhante, dirigia-se ao elevador. Lembrando-se do ocorrido no Elevador Lacerda, preferiu subir pelas escadas. Mentalmente se recriava pelas mentiras. A fim de conseguir a permissão, apresentara Tila como sendo empregada da família, designada a passar a noite com o doente. Evitando encará-la, subia na frente. Pela pri-

meira vez, passou-lhe pela mente que, realmente, ela tivesse poderes extrassensoriais.

– Eta mundão de casa, hem, Laurentim?

– Isto é um hospital, Tila! Lembre-se disto! Veja bem, veja lá o que vai aprontar! Não vá fazer nenhuma estripulia! Lembre-se, eu trabalhei aqui e não quero que pensem estar me aproveitando desse fato para infringir as normas. Você prometeu seguir a minha orientação, não foi?

– Pode ficá descansado! Oxente, num vô fazê nada pra prejudicá ocê! Se tivê vergonha de mim, pode dizê qui sô empregada do moço... Agora quero vê meu fio. Pobezinha de minha fia Zirma, cuma deve de tá sofrendo!

– Olhe, aqui é o quarto onde eles estão!

A luz tênue fugia pela porta. Entraram. No quarto, uma mulher descansava a cabeça sobre os braços. Ao ouvir alguém chamar por ela, voltou-se aturdida.

– Zirma, minha fia! Cuma tá Zir? E Maro?

– Tila? Graças a Deus! Graças a Deus você está aqui. Não pode imaginar como tenho sofrido. Ajude-nos, Tila, estamos precisando de suas orações.

– Como vai o rapaz, dona Zilma, alguma melhora?

– Ele... Ele... acho que está piorando! Vejam vocês mesmo. Fica o tempo todo, assim, delirando, dizendo coisas sem nexos... eu não entendo... Ah, Meu Deus, e Mário ainda não voltou! Saiu ainda cedo, tinha problemas a resolver!

– Ai meu Jisus Cristo! Fale cumigo, Zir! Fale cum sua mãe preta! Vô lhe dá um chá aperparado!





que o transportavam a uma vida paralela, rica de paz e felicidade. A formação religiosa exteriorizou-se a Deus.

Durante a oração, foi dominado por dúvidas angustiantes, para as quais não encontrava respostas. Como tinha conhecimento do nome da música? Como sabia o que ia dizer ao senhor, mesmo antes de pensar? Sentia-se vivendo momentos passados. Teria atravessado a porta da loucura? O que seria Senhor? Senhor, Senhor, estarás também se afastando de mim? Não, meu Deus, fique comigo! Bem sei quais foram os motivos que levaram meus pais a me abandonarem num lugar estranho onde ninguém conhece meu problema, num lugar onde não lhes podem lançar na cara. Cara? Não, meus pais têm rosto... A vergonha de ter um filho como eu... Oh, meu Deus! Eu não tenho culpa de ser assim... não posso evitar de ter amizade por Tonho. Quando estava perto dele, sentia-me protegido como se ele fosse meu pai. Eu não queria, juro! Não queria gostar tanto dele... Eu queria tratá-lo como os outros meninos da cidade, mas ele é diferente, não parece ser um menino, e, sim, um homem, tem fibra e coragem. Nunca o vi ter medo de nada: nem de cobra nem de cavalo brabo. Os outros meninos respeitam ele. Ninguém quer brigar com ele. Por isso gosto tanto de Tonho... Nem sei explicar que sentimento é este, tão diferente... Espere, nem sei, ou nem sabia? Eu queria ter sardas como ele tem no peito. Ai, que dor! Queria ser bonito e forte como ele... Meu Deus, não permita que eu seja... Não quero dar este desgosto aos meus pais e Tila... Mate-me se quiser! Ajude-me, Senhor! Permita... como dói... que, nestes anos, isolado aqui no colégio, esqueça esta fraqueza e me transforme em um homem normal. Castigue-me, faça-me sofrer mais ainda do que estou sofrendo agora, longe de meus pais, de Tila e de Tonho. Sinto a saudade deles rasgando meu peito e minhas costas, de um lado ao outro, doendo esta dor insuportável. Preciso falar com o padre Dilermando.

A lembrança do padre fez o rapaz interromper a oração. Quem seria este padre Dilermando? Como poderia saber de tal nome se estava acabando de chegar ao colégio? Padre Dilermando? Quem será este padre? Já ouvi este nome. Como posso conhecê-lo? É, devo ter lido na relação de professores, lá na portaria.

Satisfeito com a explicação, tentou retornar à conversa com Deus. A música havia acabado. Apenas as cigarras continuavam cantando. A concentração diminuiu. A dor aumentava, irradiando-se pelas costas. Seria melhor deitar-se um pouco. Após uma noite de repouso, estaria em condições de enfrentar o futuro que lhe fora reservado. Desculpou-se a si mesmo por não fazer as preces obrigatórias antes de se deitar. Estava se sentindo tão mal... Deus o perdoaria.

Esperando o sono, o corpo foi perdendo o peso, os sentidos e a força. Viu-se dependurado por um tênue fio, cada vez mais fino, como se fosse uma aranha. Antes, porém, do fio se romper, voltava a segurar-se. Desejou ser diferente da aranha. Já nem podia respirar. Colocaram uma cinta de ferro em volta do tórax e, vagarosamente, apertavam uns parafusos, dificultando a entrada de ar nos pulmões. Em vão esforçava-se, tentando romper o fio e libertar-se definitivamente da vida. Não lhe permitiam, alguém chamava por ele, mandando-o acordar, voltar a si. Repetiu com a voz: Zilmário, Zilmário, não se vá! Acorde, Zilmário. Abra a porta! Está na hora da janta!

– Hem? Já vou! Quem está aí?

– É o padre encarregado.

– Já vou! Estava descansando... parece... parece-me ter adormecido... foi o cansaço da viagem. Me desculpe, não quero jantar.

– Olhe, filho, nesta casa as pessoas aprendem, além de cultura, disciplina do corpo e do espírito. Esta é uma ótima oportunidade para começar o aprendizado.

Vamos conhecer os outros colegas... Você vai necessitar de amigos, conversar, brincar... Você vai se acostumar com os outros rapazes, são todos ótimos meninos. Vamos lá, depois de uma sopa vai se sentir melhor!

– Padre Dilermando vai?

– Você conhece padre Dilermando? De onde se conhecem? Ele nunca viveu no interior. Sempre foi daqui do Salesiano. É estranho...

– Não sei! Só sei que me lembrei do nome dele. Devo ter lido na portaria.

– Na portaria?

Zilmário acompanhou o padre até a sala de jantar. Muitos estudantes o aguardavam para lhe dar as boas-vindas. Após uma prece rápida, a ceia teve início. Apesar do aroma agradável que exalava dos pratos, o amargor da boca e a dificuldade de respirar impediram-no de comer. Ninguém lhe disse qualquer palavra incentivando-o a alimentar-se. Finalmente, foi permitido aos alunos se recolherem.

De volta ao quarto, deitado na cama, manteve durante algum tempo os olhos fixos no teto. Repentinamente foi assaltado pelo pavor de ficar sozinho quando apagassem as luzes. Temia os fantasmas criados por Tila e suas histórias de assombração.

Em substituição aos fantasmas, desfilaram os rapazes recentemente conhecidos. Eram todos bobocas, nenhum possuía o tipo de Tonho, o amigo que o defendia de tudo. Mas, o amigo não estava ali para impedir que alguém quisesse maltratá-lo. Sozinho! Nem Tonho, nem Tila, nem meus pais. Quem irá me defender aqui? Estou com medo, Tila! Quero voltar, sinto saudade de minha casa... A senhora, mãe, deixou-me sozinho no colégio... Eu gosto tanto da senhora! Por que fizeram isto comigo? Meu Deus, que dor no peito! Por que menino nenhum de Entre Rios sofre assim como eu? Até os filhos do carreiro têm a rola

perfeita. Somente a minha é diferente... Tive vergonha de lhe perguntar, Tila, por isso perguntei a pai, e ele não quis me responder! Por favor, me deem um remédio... esta dor me mata! Como desejei perguntar de novo... Tive medo! Oh, pai, eu sempre tive medo de tudo, agora estou com medo de morrer! Pai, você nunca me ajudou em nada! Por que não gosta de mim? Ah, desculpe, o senhor está me ouvindo, mas não pode me ajudar agora! Veja a dor que estou sentindo... Ah, se eu ficasse leve... muito leve... poderia sair dela... Não posso? Você diz que eu não posso. Tila, ah se você estivesse comigo agora! Você está aí? Por que não consigo vê-la? Fique comigo, Tila, estão querendo cortar o fio de minha vida...

O sono agitado prolongava-se. Os lençóis pesavam sobre o corpo febril. Esforçava-se para se livrar deles, em vão, fortes mãos o impediam. Tentou gritar. A voz tornou-se quente e dolorosa. Pedia ajuda ao pai, à mãe e a Tila. Não, não queria ser diferente. Ajudem, façam alguma coisa, por favor... me livrem deste mal... Ai, ai, meu Deus! Faça uma reza, Tila, quero ter a rola igual à dos outros meninos. Tirem estes lençóis de cima de mim, estão me sufocando! Me botaram dentro de um frasco grande. Por que fizeram isto? Agora estão jogando areia pela boca, querem me sufocar. Será areia ou o lençol se desfazendo? E esta voz me chamando? Por que não me deixam em paz? Se for você que estiver me chamando, eu atendo, Tila.

– Zilmário, Zilmário, acorde! Está na hora do banho. Os outros alunos já estão terminando. Vamos, filho, lembro-lhe novamente. Esta é uma casa de disciplina. Nós já lhe demos algumas concessões, deixando-o dormir mais um pouco. Você tem de se educar! Tem de aprender a cumprir as leis. Isto será muito bom, quando você for um homem adulto. Tudo aqui é de conformidade com as normas. Lembra-se do que lhe

disse no primeiro dia? Não está mais fácil agora? Somos amigos e lhe queremos bem! Vamos, estamos esperando.

– Já é de manhã? A noite já passou? Já se passaram vários anos? Graças a Deus! O senhor tem razão. Já estou mais acostumado. Quando eu sair do colégio, se ainda viver muito tempo, toda vez que ouvir uma sirene vou ouvir sua voz também. Sabe, no primeiro dia, quando me obrigaram a tomar banho frio, com o corpo quente do sono, temi estuporar.

O rapaz ainda se deteve algum tempo na cama, após a saída do padre, tentando descobrir as causas do calor diferente do corpo, das dores no peito e nas costas. Nem mesmo o padre Dilermando soubera dizer nada sobre o mal que o afligia. Transcorreram anos e ainda não conseguira livrar-se da vontade de deixar o corpo, como se nele estivesse preso. Apenas um fato novo fora acrescentado à rotina da vida. Iniciara um estudo: furtar um frasco de veneno.

Temendo ser castigado, dirigiu-se ao banheiro. A água fria o livraria dos maus pensamentos, dos fatos escondidos do padre Dilermando. Nunca lhe falara sobre Tonho. Vivia em constante pecado mortal. Mesmo no confessionário, escondia os pensamentos desagradáveis do passado. Somente consigo mesmo tinha coragem de dizer o nome do amigo de Entre Rios: Tonho! Até mesmo você começa a se dissipar na minha lembrança. Já não lhe vejo o peito cheio de sardas. Não tenho mais certeza da cor de seus olhos nem dos cabelos. Agora, outros problemas começam a me agoniar. Os colegas começam a estranhar meu comportamento, sempre dando desculpas, evitando tomar banho junto com eles, fugindo das brincadeiras de guerrô. E tem um amarelo seboso, o pior de todos. Ao pensar nele, sinto até uma dor na testa, como se estivesse partida. Nas aulas de educação física, é um verdadeiro suplício.

Qualquer dia destes, não poderei usar mais as mesmas desculpas: muitos deveres, necessidade de ir à biblioteca, dor de cabeça...

Até mesmo ao padre procurava enganar, apesar dos insistentes pedidos para fazê-lo participar das peladas. *Mens sana in corpore sano*. De nada adianta ter um cérebro privilegiado, se o corpo for incapaz de atender ao seu comando. Os músculos de um jovem precisam se desenvolver, permitindo-lhe, na idade adulta, tornar-se um homem forte. Caso contrário, eles poderão se atrofiar. Pobre padre Dilermando! Ele não sabe, da missa, a metade. Já tenho um órgão atrofiado! Brincadeiras e correrias vão resolver este problema? Até meu próprio pai tentou se livrar de mim! Me deixou aqui com esta dor me atormentando dia e noite. Até já me acostumei com ela. Ah, Tila, se você estivesse comigo, já teria dito a eles para me deixarem em paz. Queria que você visse o moleque, tão abusado... Tem o apelido de Cebola Branca, é um peste! Também nunca vi um apelido tão bem empregado. Ah, menino chato! Ele abusa de todo mundo: puxa os cabelos de um, dá tapa na cabeça de outro, empurra, xinga, toma a merenda dos meninos menores... Eu não gosto dele! Deus me perdoe, mas não gosto dele! Tenho medo de que um dia queira me bater também. Eu queria ser forte como Tonho, para não ter medo de ninguém. Não quero ser como meu pai, que tem medo de mãe. Ele me fez fraco, como posso ter confiança nele?

As negativas do rapaz continuavam vencendo os pedidos dos padres, temerosos de vê-lo ficar doente em consequência da vida sedentária. Mesmo aos domingos, depois da missa, dedicava-se à leitura ou a longas conversas, com o padre Dilermando, sobre filosofia ou psicologia. À tarde, antes do jantar, davam um passeio pelos corredores, aproveitando os últimos raios do sol.

Num domingo, durante a missa, enquanto os outros rezavam, ele se prometia, repetindo a mesma frase: assim que a missa terminar vou procurar padre Dilermando. Está um dia muito quente. Logo estarão com a mesma lenga-lenga, falando de esporte. Coitado do padre Dilermando! Cebola apelidou-o de Batina Ambulante. Pobre amigo, deve estar sofrendo mil humilhações... É mais um motivo para eu ter raiva daquele moleque. Se eu fosse mais forte, poderia dar uma surra nele. Deus me perdoe, dentro da Igreja, pensando em vingança, mas este chato merece uma sova. Se fosse em Entre Rios, Tonho daria uma lição nele. Aí, sim, saberia se ele é tão valentão como diz a todos. Quando visse Tonho, sairia correndo de medo.

Com gestos amplos, o sacerdote abençoou os fiéis, finalizando os trabalhos com as palavras ansiosamente esperadas pela meninada: *Ite missa est*. Era o momento de se livrarem das forçadas fisionomias angelicais. A partir daí, estariam entregues às brincadeiras. Do lado de fora da Igreja, o sol os aguardava calorosamente.

Despreocupado com o assanhamento dos colegas, Zilmário foi pegado de surpresa quando a claridade o cegou momentaneamente. Por alguns instantes não pôde ver de onde vinham os gracejos. Eram muitas vozes chefiadas por Cebola Branca. Eles haviam observado a careta que fizera ao ser atingido pela luz e gritaram alto: o minininho está fazendo caretinha? O filhinho da mamãe tá dodói? Não pode tomar sol? Tadinho do neném, é uma mulherzinha, mulherzinha, mulherzinha!

À vista acomodada, destacou-se uma figura desalinhada liderando a turma. Olhou-os com raiva. O peito doeu mais forte, aumentou o calor do corpo. O sangue dos Dantas esquentou. Lutando contra a covardia, adiantou-se em direção aos garotos. A fisionomia enraivecida levou alguns meninos a se esconderem atrás do chefe. Já perto, vendo a incredulidade do rosto de

alguns, sentiu diminuir a pressão do sangue e, com ela, a vontade de brigar. Mudou de direção; a cabeça baixa, evitando ouvir os chistes. Levou a mão à testa, como se houvera sido atingido no local. Olhou os dedos temendo vê-los sujos de sangue. Deteve-se mais adiante, voltou-se em direção à turma. Cebola segurava os órgãos genitais. Fugiu acompanhado pelas zombarias: mulherzinha, mulherzinha!

– Ninguém apareceu... ninguém veio me salvar! Ninguém me ajudou a enfrentar estes moleques!

Aturdido, acelerou os passos. Quase correndo, chocou-se com alguém. Era o padre Dilermando que ia procurá-lo. Zilmário pôde ver-lhe os olhos úmidos, de pálpebras caídas, arregalarem-se com o susto. Eram ambos muito tristes. O padre não tinha família nem amigos. A si mesmo definia como uma alma penada. Destacava-se dos demais pela feiúra ímpar do rosto e das mãos, com aparência cadavérica. Os lábios muito finos mal se contraíam quando libertavam as palavras; ao sorrir, espichavam-se desgraciosamente, provocando afundamento nas bochechas.

– Zilmário, aconteceu alguma coisa? Você está transtornado! Não está passando bem?

– Bom-dia, padre! Não foi nada.

– Não tente me enganar! Você está com os olhos vermelhos!

– São estes meninos, padre! Ficam arreliando! Não gosto de suas brincadeiras... não gosto.

– Meu filho, vou lhe fazer uma pergunta: você realmente gosta e tem fé em Deus? Pode me falar francamente. Esqueça que somos padre e aluno. Neste momento, somos apenas dois amigos conversando num lugar qualquer. Já percebi que você é diferente dos outros. É educado, gentil e inteligente!

O suor escorria pelo rosto do rapaz. As palavras do padre atingiram-no com força. Temeu que o amigo já conhecesse o seu problema.

- ...por isso mesmo você deveria entendê-los e perdoá-los. Tem obrigação de participar das brincadeiras. As arrelias, como diz, são uma espécie de revolta e inveja por você não participar das brincadeiras. Julgam-no orgulhoso e se sentem inferiorizados, quando recusa suas companhias.

- Padre, tem certas horas que gostaria de ter muito mais fé em Deus! Se uma pessoa pensar em suicídio, pode um dia ter o perdão de Deus?

- Você, meu filho!

- Perdoe-me, padre! Falei sem pensar, mas confesso: tem certas horas, quando me sinto com febre, o corpo todo doendo, uma tristeza infinita me domina e me prostra, penso se não seria melhor morrer! Acordo à noite molhado de suor, temo pela loucura. Se não me controlar, vou sair porta afora gritando como maluco. Ajude-me, padre! Ah, se Tila estivesse comigo...

- Tila é uma mulher muito importante, acredito em você. Mas, ela não pode lhe ajudar. Precisa vencer esta fase por si mesmo. Acredite-me, a juventude produz muita energia, você precisa de atividades físicas para diluí-las. É como um forno. Se lhe dermos maior quantidade de calor do que ele suporta, fará a fusão de suas próprias paredes. Necessitamos, então, eliminar o excesso de calor.

- Eu já estou perdendo as esperanças! Estou perdendo a fé em tudo. Deus se esqueceu de mim.

- Olhe, Zilmário, Deus é dono de todo o conhecimento do universo. Somente Ele pode saber por que e quando as coisas devem acontecer. Em nossa vida de sacerdote, somos constantemente tentados a desvirtuar nossa fé quando somos questionados por pessoas descrentes tentando desmoralizar a obra de Deus. É comum perguntarem-nos por que Ele permite uma pessoa matar outra, cometer crimes hediondos contra a sociedade e a pátria. Dizem estas pessoas, na tentativa

de confundir os crentes, que, se Deus sabe de tudo e é quem faz tudo, quando permite isso, está cometendo injustiça contra o próprio malfeitor que será desprezado pelos semelhantes. Esquecem estas pessoas que Deus faz o homem, dá-lhe um destino e vontade. No destino, existem variáveis à disposição das pessoas, elas podem escolher o caminho. Ele fica à nossa disposição esperando nos ajudar na escolha, se O procurarmos, oferecendo inúmeros exemplos, sendo o maior, o sacrifício do próprio Filho, Jesus. Você tem suas variáveis, Zilmário, tem exemplos. Saiba segui-los! Quando tiver dúvida sobre qual caminho seguir, quando a escolha estiver fora de seus conhecimentos, entregue o problema a Deus e deixe o seu coração receber a orientação Dele. Tenha certeza, meu amigo, Deus o ajudará em qualquer luta se você convocá-lo. Nunca se entregue sem luta! Agora, vá lá fora, dê aos outros rapazes um exemplo, mostre-lhes humildade e perdão. Faça isto agora, sem vacilar! Deus estará lhe acompanhando. Vai ver que, depois de tudo, eles vão lhe tratar com respeito e admiração. Dentro de você existe muita inteligência, muito amor e compreensão. Estas qualidades, temos de dividir com nossos irmãos. Portanto, dê-lhas!

– Mas, padre, eu não tenho coragem de lutar. Tenho mais problemas do que imagina. Está me mandando ir lá e procurar os outros? Entrar nas brincadeiras? E se eles não me aceitarem? Se me recusarem por que sou molenga e sem jeito? Minha vida ficará pior. Não poderei voltar à minha casa nem ficar aqui. Como saberei se eles querem algo de mim?

– Quando tiver dúvida sobre qual o caminho a seguir, entregue o problema a Deus, permita que Ele o oriente.

O jovem foi dominado por grande nervosismo. Nunca lhe deram tanta responsabilidade; seria a primeira decisão de sua vida sem ajuda de outros. Dirigiu-se ao

campo de futebol. Gotas de suor escorriam pela face. Havia muito tempo não suava tanto. Mesmo com a temperatura do corpo muito alta, não transpirava, apesar de ouvir algumas vozes dizendo que seria bom se ele suasse. As dores diminuía de intensidade. Forças exteriores penetravam-lhe, dando vitalidade, fazendo o coração bater mais forte. Alguém estava obrigando-o a beber um líquido conhecido, transmitindo-lhe força e coragem.

A decisão de Zilmário causou espanto às pessoas presentes. Olhavam admirados, vendo-o descer a escada e alcançar a cerca do campo, onde uma partida de futebol estava sendo organizada.

– Ei, minininho, estamos escolhendo os times, quer entrar? A mocinha tem coragem? Talvez vire um homem!

– Quero, entro no outro time! Vou jogar com eles... Minha testa está doendo e não sei por quê. Passo a mão e não sinto galo... por que será que dói tanto?

Cebola Branca ouviu apenas a primeira resposta de Zilmário. As outras palavras foram sussurradas.

– Ah, a mulherzinha resolveu virar homem! A neném joga de quê?

– Jogo na defesa, jogo na defesa! Sei que você joga no ataque. Vou procurar ser leal nas jogadas...

– Vai ser leal, a mocinha vai ser leal nas jogadas? Veja pessoal, estou tremendo de medo com esta feral! Ai, ai, vamos dar logo a saída! Chega de conversa mole! Amarre a saia nas pernas, nega, vou meter a bola por dentro das pernas da mulherzinha!

– Vamos ver!

Os dois times afastaram-se, ocupando lados opostos do campo. Na equipe de Zilmário, havia descontentamento por terem um companheiro perna de pau.

Não fora bem aceito. Olhou a plateia, a presença do padre Dilermando entre os espectadores fê-lo perder

a vontade de fuga. As pernas tremiam, bagas de suor brotavam da testa, penetravam nos olhos, tornando mais difícil a visão.

Durante os preparativos finais antes do início do jogo, o ambiente foi dominado pelo silêncio. Ao contrário de outras ocasiões quando a torcida dos dois times vibrava, havia agora expectativa de acontecimentos anormais. Alguns padres, tão logo tomaram conhecimento da decisão de Zilmário, acorreram ao local, desejosos de presenciar o enquadramento do aluno entre os outros colegas. Quase todos eles tentaram fazê-lo acreditar na necessidade de participar de brincadeiras esportivas, fora da obrigatoriedade das aulas de educação física. Por isso, sentiam-se orgulhosos de vê-lo ao lado dos colegas, de livre vontade.

A presença de Zilmário era facilmente destacada. Em lugar de calção, arregaçou as calças até a altura dos joelhos. Não usava chuteiras nem vestia camisa colorida. Ardia o corpo nu, pelo forte calor.

A testa enrugada era um sinal de irritação contra o padre que o induzira a tal atitude. Acabara de escolher um caminho. Só restava entregar a Deus. Sua tranquilidade e a do amigo dependiam de como atuasse no jogo. Resistiria ao máximo! Padre Dilermando merecia isto! Lutaria, mesmo passando tão mal!

O clamor da gurizada trouxe Zilmário à realidade. Começara a disputa. O corpo desacostumado ao sol começava a apresentar sinais de irritação. No meio do campo, os jogadores movimentavam-se à caça da bola. Aproximaram-se do ponto onde estava parado. Distinguiu a figura de Cebola vindo em sua direção. Temeu a presença do adversário. Ele era um verdadeiro líder entre os companheiros. Dava ordens, corria, xingava. Passava pelos oponentes sem se incomodar com as pancadas recebidas. Isolou-se no campo. À vista de Zilmário, havia somente ele e o atacante. Firmou-se em frente da

bola pensando em rebater. Quando tentava atingi-la, sua perna chutou o vento. Sentindo o contacto com o chão, imaginou o que acontecera. Fora driblado. Gritos provenientes da assistência incentivaram-no a se levantar. Ergueu-se resoluto em direção de Cebola que o aguardava, fazendo sinais com os dedos e chamando-o de mulherzinha.

– Aqui mulherzinha, vem... vem minha nega!

– Vou tomar a bola, vou tomar a bola! Nunca mais me chama de mulherzinha! Ah, se Tonho estivesse ao meu lado, daria uma lição neste idiota, mas eu estou sozinho! Vou sair correndo, vou me esconder em meu quarto! Não, padre, eu não posso continuar! Você acha que posso? Mesmo? Você também, pai? Está bem, vou continuar lutando, como se fosse por minha própria vida!

Desejando vencer, perdeu a paciência. Novamente a bola passou entre suas pernas. Percebeu o riso de satisfação no rosto de Cebola Branca, preparando-se para seguir em direção ao gol. O momento de devaneio gozando o adversário fora fatal, a bola lhe escapara dos pés. Outro jogador do time contrário já se distanciava conduzindo a bola na direção de sua meta. O primeiro gol foi marcado.

O grito da torcida foi vibrante. Até mesmo padre Dilermando gritava satisfeito. Geralmente o time vencedor era o de Cebola, ver outra equipe derrotá-lo era a oportunidade de vingança de todos aqueles que sofriram com suas impertinências.

Depois da marcação do gol, o artilheiro foi agradecer a Zilmário. Sua coragem, partindo para a luta quando foi driblado, foi a chance para o gol. Portara-se muito bem. Todos sabiam que Cebola era um bom jogador, o melhor. Marcá-lo era uma tarefa muito difícil.

As palavras serviram de alento. Pela primeira vez, o elogiavam por um ato de masculinidade. Esqueceu

as vaias iniciais. Reafirmou o desejo de continuar na peleja. Agora, tinha mais uma obrigação, possibilitar aos companheiros a vitória.

No meio do gramado, o líder acalmava os colegas. Bufando de raiva, prometia uma goleada. Agora estava danado, iriam ver um homem com raiva. Recebendo o passe da saída, partiu em direção à meta adversária. Novamente deparou com Zilmário. Chegara a hora. Gingando com o corpo, conseguiu driblá-lo novamente. Pressentindo que estava sendo perseguido, voltou-se rapidamente, na tentativa de fazer o defensor perder o equilíbrio. Foram movimentos rápidos. Sentindo a areia entrar-lhe pela boca, reconheceu que fora derubado. Sorriu satisfeito com a oportunidade para começar uma briga. Em outra ocasião semelhante, dera umas tapas em outro menino, obrigando-o a sair correndo do campo, indo se esconder entre os padres. Cuspiu a areia nos pés de Zilmário lançando o desafio. A mulherzinha iria apanhar. Ninguém poderia salvar-lhe a pele.

Os dois corpos rolaram pela terra. Outros jogadores fizeram um círculo improvisando um ringue. As costas nuas de Zilmário apresentavam manchas vermelhas. Da testa escorria um filete de sangue. Levantaram-se ainda abraçados. Cebola empurrou-o com violência. Queria ver o medo estampado na cara manchada de sangue, porém o rosto do adversário estava contraído sem qualquer sinal de medo. Zilmário encarava-o com determinação, sem temor. A indecisão foi fatal. Um forte calor libertou-se de sua própria face. Recebera violento soco acendendo mais ainda o ódio. Preparava-se para a revanche quando foi obrigado a curvar-se, ao sentir o estômago se fechando e o ar sendo impedido de entrar nos pulmões. O chão moveu-se em sua direção. Com os braços cruzados sobre o diafragma, inclinou o corpo. Sem ação de defesa, percebeu o punho

de Zilmário crescendo em sua direção atingindo-lhe a boca. A cavidade bucal ficou cheia de sangue. Dois dentes deslocaram-se da mandíbula; cuspiu apavorado. Tentou gritar mais não pôde, a saraivada de murros impedia qualquer reação. Dobraram-se as pernas, desapareceram as dores, desmaiou.

Sentindo-se preso, Zilmário esforçava-se, tentando se libertar. Um rosto amigo destacou-se entre os outros, demonstrando ares de alegria.

– Acalme-se, filho! Já chega! Venha comigo, vamos à enfermaria. Tragam o outro menino também!

– Ele... ele está muito ferido? Ele está bem?

– Está! Ele está bem! Um pouco ferido e tonto, mas está bem. São coisas de homens!

As palavras fizeram bem a Zilmário. Permaneceram vivas na recordação, mesmo depois da água lavar o sangue e a solução de iodo queimar os cortes. O ferimento na testa fora tamponado. Era exatamente no local onde sempre sentia doer antes da briga.

Deixando a enfermaria, foi olhado com admiração pelos colegas. Alguns chegaram a lhe dar tapinhas nas costas.

As pernas de Zilmário tremiam dificultando os passos. Estava nervoso. Sabia haver cometido falta grave. Teria de enfrentar o castigo, talvez, até, ser expulso da escola. Imaginou a fisionomia da mãe, quebrada pela tristeza, ao saber que ele fora capaz de tal atitude. Ele, que tanto pensara em ser diferente, se prometera fazer jus ao orgulho da mãe, estava prestes a ser eliminado do colégio. Agora, mais do que nunca, precisava morrer. Somente assim poderia evitar a humilhação.

– Perdoe, mãe, perdoe, mas eu estava ficando maluco com aqueles moleques me chamando de mulherzinha. Estou começando a ter ódio de muita gente... quero odiar Tonho! Ele não estava aqui... não veio me ajudar... Nunca tive quem me defendesse dos maus

pensamentos. Meu pai nem quis responder a minha pergunta... Agora estou com medo dele... coitado! Será que ali tem micróbios? E se ele morrer? Vou ser preso, vou morrer na cadeia. Você vai me visitar, Tonho? Não, mãe, não quero que ele vá me visitar na cadeia. Quero me livrar de sua amizade. E você, Tila, ainda está aí? Até você que sempre me ajudou nem liga para mim... por quê? Ai, a dor no peito está pior, esta dor vai me matar... Eu não aguento mais, não aguento mais!

Dominado pelo sono, o corpo cansado relaxou. Em sonhos, foi levado por caminhos já percorridos. Era um túnel que parecia infundável. Depois de muito andar, uma luz surgia mostrando as paredes conhecidas do quarto. Quanto tempo andara dormindo? A testa estava curada. A cicatriz estava limpa. Na parede em frente, a folhinha marcava o dia de domingo. Lentamente se encontrou no tempo.

Assim despertava. Sempre em dúvida se estava no passado ou no presente. Desta vez estava no presente, no último ano fora da casa em Entre Rios. Certificando-se de estar vivo, repetiu a ladainha diária: era Zilmário, interno em um colégio na Cidade de Salvador.

Agora, no colégio, era respeitado. Sua vida mudara muito depois da briga com Cebola Branca. Os outros alunos o admiravam e disputavam sua companhia para as peladas. Tolos, como são tolos! Invejam uma incógnita de problema sem solução... eu sou uma incógnita, ou melhor, um número imaginário. Em algumas horas, fico até com dúvida se existo realmente ou se sou uma brisa sem direção própria, um "caminheiro sem rumo". Por onde andarão Cebola? Quando ele apareceu na sala, sem os dois dentes da frente o pessoal começou a chamá-lo de Cebola-boca-de-trave. Ele mereceu a lição, mas não posso deixar de sentir pena do coitado. Terá se internado em outra escola? Ficou muito arrependido, chorando na frente do padre

diretor. Todos os meninos disseram ter sido ele o culpado, tanto de nossa briga como de outras. Sempre arranjava motivos para fazer dois colegas brigarem. Tirava alguns fios de cabelo da cabeça de um e colocava na de outro, depois ficava dizendo que, se o primeiro não fosse buscar os cabelos, era covarde e afeminado. Outras vezes, escrevia o nome da mãe de alguém no chão e mandava um brigão pisar em cima; novamente provocava brigas. Nunca mais ele me chamou de mulherzinha, nem a mim nem a ninguém nem mesmo voltou a chamar o padre Dilermando de Batina Ambulante. Também o diretor foi inflexível, sendo por várias vezes advertido por se meter em brigas, ele foi expulso do colégio... Meu Deus, tenha pena dele! Tenha pena de mim, também. Perdoe-me pelo que vou fazer. Droga, só faltam dois meses. Logo estarei de férias, e eu ainda não adquiri coragem suficiente.

Depois das orações, dirigiu-se à Igreja. Naquela manhã, a missa seria ministrada por padre Dilermando. Queria pegar um bom lugar, próximo ao altar. Seria bom que ele visse rostos amigos apoiando-o. Um bom padre, um bom amigo... Tão humilde, sincero... Vibrou quando derrotei o infame, até parecia que estava com vontade de surrar o moleque. Se você tivesse visto, Tonho, ia gostar de me ver durante a briga... Tonho, sempre Tonho! Não sei por que demoro tanto a me esquecer dele. Tudo que faço me lembra dele. Ainda lembro mais dele do que de pai.

O rapaz comparou a imagem do amigo de infância com o próprio pai. Culpava-o por ter sido frio e incompreensível, quando lhe perguntou sobre o defeito do pênis. Por sua culpa, estava sofrendo tanto.

Os meses passando e a dor nas costas e no peito castigando. E o pior, ainda continuava sem explicação. Até quando continuaria arranizando desculpas para não tirar a roupa na frente de outros colegas? Quanta

vergonha! Se Cebola tivesse descoberto este meu defeito, teria me matado logo. Por que o senhor me fez assim, pai? Por que o senhor evitou me ajudar? Bastava me ouvir... Você só sabe é fazer mãe chorar, por isso ela vivia me perguntando, quando estava com Tila me dando banho, de quem eu gostava mais, se de você ou dela. Me fez prometer que nunca maltrataria as mulheres. Preferia que eu tivesse nascido uma menina, sabe? Eu lhe faria companhia quando estivesse se sentindo abandonada. Eu queria ser menina... ajudaria minha mãe quando você fizesse ela chorar... Me desculpe, pai, eu estar chamando-o de você... eu chorava com ela. Ser mulher é muito mais importante do que ser homem, não é mãe? Pai gosta da senhora. Meu pai, estou sentindo tanta dor, pode me ajudar agora? Por favor, meu peito está prestes a estourar. Olhe, mãe, pai me disse, quando eu ainda era muito pequeno, talvez pensando que eu não estava entendendo: Queria que a senhora gostasse dele como uma mulher que gosta do marido. Goste dele, mãe, por mim, eu lhe peço. Olhe, quando eu morrer, trate dele melhor. Não vê como fica com vergonha por não saber ler direito? Eu já o perdoei, mãe, peça perdão a ele, por mim. Gostaria de ajudá-lo. Ah, se me fosse possível! É um bom homem, precisa da senhora e de Tila. Eu, ao contrário, nem sei quem sou. Sou... sou... Minha mãe queria ter uma filha. Sou homem ou sou mulher? A senhora sabe? Os outros rapazes, quando voltam das férias, contam estripulias com as empregadas de suas casas ou com outras meninas. Falam de coisas feias, sabe? Alguns dizem fazer imoralidade no banheiro... Odeio estas conversas. Finjo estar gostando, e eles me deixam em paz. Isto é pecado, é indecente. Se a senhora soubesse que andei fazendo estas maluquices, por certo iria morrer de vergonha... eu... era melhor se eu fos... Ai, a dor está piorando, talvez nem possa ir à missa do padre Dilermando! Estão

me estrepando pelas costas. Por favor, não façam isto! Talvez eu esteja morto e continue pensando estar vivo! Eu morri afogado... É isto. Agora percebo... morri afogado... estou morto... morri afogado! Só preciso cortar o fio... agora sei onde vou arranjar coragem... É no Rio Subaúma! O rio vai me ajudar. Ele ouve atentamente meus pesares... Vou lá sozinho, bebo o veneno, depois me joga nas águas. Ninguém me achará... serei despejado no mar... Deus me perdoe por estes pensamentos... Preciso confessar... vou ver se ainda dá tempo de falar com o padre Dilermando.

Não encontrando o padre, arrependeu-se de ter perdido tempo com pensamentos tolos, já deveria estar na Igreja. A missa já havia começado, não havia mais lugares vazios perto do altar. Sendo obrigado a ficar distante do amigo, rezou com mais contrição.

Pensamentos e orações misturavam-se. Figuras demoníacas se inseriam entre os anjos, povoavam a mente com imagens grotescas, mostrando-lhe o sexo. Teria de falar com o padre. A confissão lhe restituiria o raciocínio lógico.

Terminado o culto, Zilmário foi assediado pelos colegas que exigiam sua presença no jogo de futebol. Os dois times disputavam sua presença. Depois que passara a praticar esportes, a constituição física se desenvolveu, transformando-o em um moço forte. Aceitou.

Depois do jogo e do banho, sentiu-se sem vontade de ir até o quarto do amigo. Arrependeu-se por não tê-lo procurado antes. Agora estava tão cansado... As dores pioraram, a temperatura voltou a subir tirando-lhe qualquer vontade de lutar contra os inimigos que queriam cortar o fio de sua vida. Precisava tanto falar com padre Dilermando... não me deixaram... não tive coragem de falar com ele e me confessar... Os pensamentos ficaram martelando, martelando... Depois, esqueci tudo! Hoje é tarde demais. Tenho de ir ao laboratório pegar o frasco... Tenho de ir em frente... tenho de

pegar o frasco com veneno... ele já está escondido na prateleira... Está tudo preparado! Fiz a carta a meus pais... Quero chegar em Entre Rios sem ninguém saber... preciso de tempo para ir ao Subaúma... Vou tentar uma hora depois do almoço, tem poucas pessoas pelos corredores da escola... O professor disse que é um ácido muito forte, quem beber terá morte certa! Vou ver se já posso sair!

Zilmário dirigiu-se ao salão onde funcionava o laboratório de química. As dores aumentavam num crescendo interminável, castigavam o peito dificultando a respiração. As pernas trêmulas recusavam-se a levá-lo. Suava muito quando conseguiu abrir a porta. A escuridão da sala fê-lo jogar uma cadeira contra a mesa do professor. O coração batia disparado. Se fosse descoberto, seria expulso. Procurou acalmar-se. Depois de verificar estar em segurança, retirou alguns frascos da prateleira até encontrar o que escondera. Desejou-se sorte. Precisava retornar ao quarto sem ser visto.

Apesar da febre, o rapaz sentia muito frio. Enrolou-se com os lençóis inclusive a cabeça. Sem poder largar o frasco, ficou apavorado com a possibilidade dele se abrir e o conteúdo derramar sobre a cama. Depois de tanto sacrifício, teria de evitar tal desastre. Fora tudo perfeito, bem planejado. Padre Dilermando nem desconfiava. Tolo! Meu Deus, a dor da morte será pior do que esta? Ninguém me viu, Tonho! Saí escondido... ninguém me viu! Já guardei na mala que tem chave. Será mesmo certo este procedimento? Tenho a impressão de que tudo isto já foi feito em algum outro dia. Da outra vez, fiz uma carta ao padre Dilermando? Fiz sim, imitando a letra de mãe, autorizando-me a antecipar a viagem. Como são tolos, acham que já sou homem e posso viajar sozinho. No princípio, o diretor ficou meio desconfiado, mas a letra estava tão parecida! Felizmente tudo já estava pago. Ah, meu pai, se eu tivesse

encontrado você e mãe, lá em Entre Rios, não teria feito tal bobagem... Espere aí! O que fiz, ou o que vou fazer? Sei lá! Eu vi Tila! Como foi bom vê-la, Tila! Você está aí me escutando? Ficou desconfiada, hem? Chegar assim, sem aviso... Agora queria estar com você aqui. Você me ajudaria a ficar bom desta dor, me daria um remédio. Se alguém estiver me ouvindo, mande chamar ela, por favor! Por que até ela me abandonou, me deixou sozinho o tempo todo? A Menina do Rio me salvou, Tila, disse que sou homem, me beijou e se entregou a mim. A princípio eu estava dentro dela, dentro de seus olhos! Foi uma coisa tão boa... Depois peguei no sono, não sei quanto tempo dormi. Quando acordei, ela tinha ido embora. Então eu queria viver, era um homem de verdade. Eu me joguei no rio porque estava alegre, pai. Até a dor havia melhorado, não sentia dor. Queria tomar um banho com os outros meninos que foram me fazer companhia. Você está aí, pai? Tila, estou sentindo sua presença, você veio me ajudar? O remédio que me deu é muito bom, mas... Estou me sentindo cada vez mais leve. Meu pai me carregou nos braços – viu, mãe? – quando me tiraram do rio Ele também me salvou! Obrigado, pai! Quero ficar com você, mãe e Tila! Esperem, eles estão querendo me levar daqui! Não deixe, Tila, não deixe! A água do rio está fria, pai! Venha me buscar logo! Gosto muito de você, gosto de vocês todos... Agora sei como gosto de Tonho. Pai e mãe vão viver juntos, não é Tila? Não deixe eles se separarem... não. Não deixe isto acontecer!

– É, meu fio, agora eles vão vivê mió! Parece qui aprendero a lição. Todo mundo vai vivê mió. Tu tá me inscuitano, Zir? Preste atenção na minha voz, meu fio!

– Sua voz está longe... estou feliz... tão feliz e leve...

– Zir, fale cumigo! Fale mai, num dexe de falá... fale cum sua Tila...

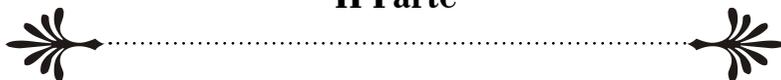
Não se ouvia mais a respiração ruidosa do rapaz. Ficou inerte. A cabeça pendeu. Laurentino saiu corren-

do à procura do médico. Ao retornar, o quadro era deprimente e de desconsolo. Afastou Tila e Zilma possibilitando ao médico examinar o enfermo.

Não havia choro nos olhos das mulheres. Os sofrimentos das últimas horas foram superiores.



## II Parte







Pouco a pouco, a alegria afastou-se de sua face. O incidente com o cão fizera-a esquecer, momentaneamente, a casa fechada. Estariam mortos lá dentro? Ideia boba, isto lá são pensamentos num dia destes? Se ouço ruídos, não estão mortos. Além do mais, a polícia já teria descoberto. Deus me livre de ver tantos caixões saindo de uma só vez. Eu tenho pavor de enterro, de defunto, nem gosto de falar! Hoje não é dia de pensar nisso. Hoje é alegria, é esperança de vida nova! Isto sim! É melhor rezar uma Ave-Maria e espantar este agouro.

Cumprida a obrigação, tranquilizada pela eliminação dos pensamentos maus, tentou associar os novos vizinhos a cenas mais agradáveis. Se entre eles houvesse uma moça poderiam ser amigas. Na rua só havia gente velha, pais por todos os lados. Conselhos, conselhos, sempre a mesma lenga-lenga. Débora, minha única amiga, é outra prisioneira como eu. Não vai a lugar nenhum sem companhia de um velho. Até parece que as ruas estão cheias de bicho-papão ou do lobo de Chapeuzinho Vermelho. É muito exagero!

Uma névoa de desilusão envolveu o rosto da jovem. Ansiava por companhia de pessoas de sua idade. Durante as férias era mais desagradável ainda; sem brincadeiras, fuxicos, nada! Antes das provas, ficamos doidas esperando entrar de férias. Depois... chega a irritar, tanta monotonia. Se ao menos Débora morasse mais perto, poderíamos nos ver mais. O Barbalho é tão longe! A única oportunidade que temos de conversar coisas de moças é durante a matinê aos domingos. Mesmo assim, se tiver alguém nos acompanhando. Depois, é a pirraça durante a semana. Qualquer coisa que a gente faz, a mãe vem logo dizendo: É melhor se lembrar do domingo... o filme é muito bom, e seria uma pena perdê-lo. Se não fosse encontrar com Débora, poderíamos matar a saudade, conversar um pouco, eu até já tinha desistido de ir ao cinema.

Arrependeu-se dos pensamentos. Sabia-se amada pelos pais, por isso eram rígidos com sua educação, chegando a se tornarem inflexíveis quando ela necessitava de uma correção. Como Débora também sofreria as consequências se deixasse de ir ao cinema, sentia-se obrigada a suportar todas as exigências. Esperaria... nada como um dia atrás do outro! Um dia vai ser diferente! Ah, vai! Como Débora é boba! Quando lhe falei da nova família morando na rua e disse que gostaria de haver uma moça, quase chora! Como é ciumenta, boboca! Como se nossa amizade fosse fraca! Gosto dela igual a uma irmã. Nunca vou trocar sua amizade por a de outra colega. A gente tem umas briguinhas, mas passa logo. Porém ela esquece uma coisa: lá tem outras moças, e eu? Aqui em casa não tem ninguém, minha mãe não me permite conversar de certas coisas. Na escola, as meninas só falam de namoro e rapazes. Fico com uma vergonha quando elas me perguntam se já tive namorado, se já fui beijada! Nem parece serem moças de família. A única diferente é Débora, ela não fala como uma qualquer. Ela também vai gostar da moça e seremos todas amigas. Tomara que seja gente boa. Ah, se forem pessoas sem princípio ou sem educação, meus pais não vão dar nem um bom-dia. Eu nem terei coragem de conversar com ela. E se a menina da casa quiser conversar comigo? Coitada, vai ver que é tão presa quanto Débora e eu... Só quero ver se, no próximo ano, quando eu fizer meus quinze anos, ainda vou ficar assim, sem direito a nada, sem poder fazer nada do que as moças de minha idade já fazem.

Comparando-se a outras moças, Carlinda perguntava se todas as mães eram como a sua própria, a todo o momento lembrando: Quem com porcos anda, farelos come. Ela deveria guardar este conselho na lembrança e repeti-lo todos os dias. No futuro, agradeceria. A boa educação seria o maior bem. Uma chatice. Estão

preparando meu futuro. Tudo é o futuro, tudo! Verdade que algumas coisas ela provou estar com razão, mas também não é tanto assim! Comer farelos é exagero! Como será o nome dela? Maria... Se for do interior deve se chamar Maria, ou Sônia, Sílvia, ou quem sabe, Tereza? Talvez um nome diferente: Ambrozina, Astrogilda, Pifânia... é capaz de mãe já saber e estar me escondendo até verificar a qualidade dos nossos vizinhos. Uma coisa eu sei, a coitada deve estar sofrendo muito. Pelo Natal não fizeram nada em sua casa. Hoje, véspera de Ano-Bom, a casa continua fechada. Por que não ir visitá-los, desejar-lhes as boas-vindas, um próspero Ano-Novo? Podem estar com vergonha de sair à rua... Seria uma boa oportunidade de travarmos relações e deixá-los à vontade.

O arrebatamento da juventude fê-la sair à procura da mãe. Ela teria de aceitar a sugestão. Nada de mais, num dia daqueles, oferecer amizade a um semelhante. Não era o lema “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade” uma verdade? Então?

Da cozinha, dona Haydée ouviu o chamado da filha. Acostumada às solicitações ruidosas, não se alterou.

– Algum problema, Linda? Você viu algum fantasma? Tomei um tremendo susto quando ouvi você me chamando aos berros. Pensei que tivesse lhe acontecido algo! Algo errado?

– Não, não senhora! Não tem nada errado! Eu estava pensando... Ah, deixe pra lá! Eu, eu queria saber se a senhora está precisando de ajuda!

A mãe sorriu, agradecendo o oferecimento. Mesmo sabendo que a filha iria conversar mais do que trabalhar, não podia perder a oportunidade de pôr em prática a terapia ocupacional aprendida com os mais velhos e da qual Carlinda estava tão necessitada. Somente assim se libertaria das meditações impostas a si mesma desde o café da manhã.

– Ah, muito bem! Temos muita coisa para fazer, não é Margô?

– É, sim, dona Haydée! Com a ajuda dela vai ser muito mais fácil a gente acabar mais cedo. Já tava com medo de não dar conta do recado! Quando me lembro de que tenho quatro coco pra ralar, chego a esfriar!

Carlinda sentiu-se recompensada pela maneira acolhedora demonstrada pelas outras mulheres.

Dedicando-se ao trabalho, esqueceu a vergonha pela criancice cometida ainda há pouco.

Dona Haydée sorriu ao ver a filha passar a mão pela testa enxugando o suor. Dera poucas voltas na manivela da máquina de moer carne e já estava cansada.

– Linda, quer um suco? É bom, ajuda a refrescar neste calor, não é Margô?

– É, sim, senhora.

– De que é?

– É de caju! Margô acabou de fazer. Olhe, até parece que ela estava adivinhando. Tem uma jarra cheia na geladeira.

– Vou experimentar! Hum, tá bom mesmo! Está precisando um pouco de açúcar... Mãe?

– Sim? O que está acontecendo minha filha? Desde cedo tenho a impressão de que você está querendo me dizer alguma coisa...

Carlinda teve vontade de falar dos novos moradores da rua. Preocupava-se vendo-os trancados dentro de casa no último dia do ano, da mesma forma como passaram o Natal.

– Me parece tão esquisita! Ah, já sei, como sou boba... Quer saber qual vai ser o presente, não é? Gostou do que recebeu no Natal e agora está curiosa querendo saber qual vai ser o de fim de ano! A abelhuda da Margô andou dando com a língua nos dentes?

– Deus me livre, dona Haydée! Eu não disse nada pra ela, não senhora. Só sei que é um presentão!

– Ora, mãe, não sou mais criança! Acha que só penso em presentes e em outras infantilidades? A senhora nunca vai aceitar? Eu já sou uma moça!

– Olha, como ficou brava! Olha a malcriação! Será que existem ideias novas nesta cabecinha, e a pobre mãe, velha e ignorante, desconhece? Ai, ai, ai! Quero saber o que está lhe preocupando! E eu, julgando-me ser a melhor amiga de minha filhinha... Sinto-me muito triste! Minha própria filha me entristece nas vésperas do Ano-Novo!

– Ora, mãe, até a senhora?

O rosto da moça enrubesceu. Envergonhada, foi ao quarto do piano. Ali encontraria quem lhe desse atenção.

Os sons de uma sonatina começaram a sair do instrumento. Felizes, saltitavam pelo ar, formavam ondas, espalhavam-se pela casa.

Dona Haydée sorria deliciada. Às vezes até gostava quando a filha ficava zangada, assim, ela tocava sem ninguém pedir. Durante algum tempo acompanhou a melodia. Súbito, os sons foram interrompidos. Pensou: Carlinda está inquieta. Seus órgãos coordenadores estão se desentendendo. São os quinze anos...

– Idade difícil, hem, Margô?

– Se é, dona Haydée! Sabe que eu queria ser uma princesa? Verdade! Juro! Eu me via linda! Até me desculpe o que vou dizer. Era assim, bonita como a menina Carlinda. O rostinho dela é lindo, não é?

– Não é o quê, menina! Foi assim comigo, está sendo com ela e será com todas as mulheres. Ah, idadezinha difícil! É uma sensação desagradável de que ninguém nos entende... Sentimos desejos de agir como adultos e ficamos pensando que não nos permitem, por simples pirraça. Ela é linda mesmo! Toda ela é linda, vê seu corpinho de bailarina? Ela é linda no nome e na graça. Adoro aquela penugem que ela tem no rosto. O

que o pai mais admira nela são as duas covinhas nas faces, quando ela sorri. Eu adoro tudo! Ela é perfeita! Nem sei se é mais bonita de frente ou de perfil. Eu não vou deixar qualquer malandro tirar ela de mim. Você não acha?

– A senhora tem toda razão. Tadinha de Linda! Nesta idade a gente pensa que sofre!

– Hoje entendo melhor meus pais quando criticavam tudo, censuravam qualquer gesto que lhes parecia atitudes ousadas. É isso mesmo!

– Logo vai passar.

A música recomeçou. “Coração que Sente” de Ernesto Nazaré substituiu a sonatina. A melodia representava melhor os sentimentos melancólicos que atormentavam a jovem. Através da música chorava os sentimentos.

A mãe balançou a cabeça. Estava tudo em ordem. As coisas com a filha seguiam os rumos predeterminados. O tempo se incumbiria de arrumar as peças, colocando-as nos devidos lugares. Quando ela completasse quinze anos, teriam conversas mais sérias. Já estava no tempo de pensar no pretendente, aprender a escolher e não se casar com um pé-rapado qualquer. Os sacrifícios para lhe dar uma boa educação não podiam ser, de repente, desperdiçados com um casamento sem futuro. É necessário estar preparada e não cair na rede de algum aventureiro, como esses moleques pé de tamanco tão comuns em nossos dias! Minha filha é muito ingênua, acredita em todo mundo. Como nunca passou necessidades, pensa que a vida é um mar de rosas. Se eu tivesse casado, como andei influente, com Luciano, só Deus sabe como teria sido minha vida! Agora, então, com a guerra, seria fogo! Hoje com o tempo vivido, tenho certeza. O verdadeiro amor, sempre senti, foi por meu marido. Desde rapaz sempre foi mais seguro, mais adulto. Enquanto outros rapazes andavam pela maganagem,

ele estudava e se destacava nos estudos. Hoje, t'áí... um grande advogado, respeitado e até mesmo um pouco rico. Não tenho a mínima queixa nem arrependimento da minha escolha. Carlinda ainda não pode entender, mas, no futuro, quando ficar mais adulta, entenderá. Agora ela vive a fantasia do príncipe encantado, montado num cavalo branco.

Enquanto a mãe se preocupava com o futuro, Carlinda liberava o pensamento alcançando o espaço livre. Tão sem cerimônia como chegavam, os momentos de desilusão se dissipavam. A juventude já se libertara da angústia e do tédio. Sentia-se feliz, alegre por estar viva, por ter pais adoráveis, por estudar em uma boa escola e estar às vésperas de um ano importante que lhe marcaria o início de uma nova existência.

Novamente a música foi interrompida. Dona Haydée esperou o beijo da filha e o pedido de desculpas.

– Está melhor?

– Ah, posso arrumar as bandejas com as frutas? Prometo que não vou encher a barriga antes do almoço!

Todos os anos, a ornamentação da mesa gerava discussão entre os pais de Carlinda. Dr. Néelson, mais prático, opinava pelas frutas naturais: abacaxi, umbus, manga, laranjas. A mulher preferia as castanhas secas, os figos, enfim a obediência às normas da tradição. Não admitia a hipótese de não haver o tradicional peru assado que, dois meses antes, chegava do interior. Precisavam engordá-lo e dar tempo de esfriar o sangue, como recomendava Margô. Durante esse período, Carlinda se encantava com suas danças engraçadas, com a mudança brusca da coloração do pescoço da ave, quando lhe incitava o gorjeio. Era uma maneira de fazê-la um pouco feliz antes do trágico destino. Penalizava-se por ela não ter a mínima ideia do seu futuro: um copo de cachaça que a levava ao devaneio

final, assistido por Margô, a impiedosa algoz, gargalhando dos passos trôpegos pela cozinha. Depois do cutelo, uma panela cheia de temperos e, finalmente, os elogios quando estavam sendo degustados. Um fato obscuro para Carlinda era a maneira de sacrificar o animal. Nunca lhe permitiram ver.

– É melhor preparar as bandejas antes de pai chegar. Pelo dia de hoje, devemos evitar discussões. As frutas já estão lavadas?

– Todo ano esta idiotice! Umbu e manga numa mesa de Ano-Novo. Só mesmo na cabeça dele. A sala fica cheia de mosquitos... até dá nojo!

– Que é isto, mãe, que tanto mosquito a senhora está vendo, assim? Dois ou três mosquitinhos abandonados no mundo, desejando um pouco de conforto no fim de ano. A senhora tem de aceitar que é bem melhor a gente ir passando pela mesa, ter vontade de chupar uma fruta lavadinha e fresca, botar na boca e saboreá-la simplesmente, do que uma dessas coisas complicadas que precisam de quebra-nozes. O pior é que se não usarmos o tal quebra-nozes, é capaz dela quebrar a nós. Não é gozado, em vez da gente quebrar a noz, ela é quem quebra nós! Esta, pai vai aprender!

– Engraçadinha! tão espirituosa, tão engraçadinha!

– Escute aqui, dona Haydée, é uma honra termos sobrevoando sobre nossa humilde mesa estes insetos, minha senhora, teimosamente apelidados de mosquitos. Eles são muito importantes à história da genética humana. Como é mesmo o nome deles, Carlinda? Deixe ver... deixe ver... melongas, melano, como é mesmo? Ah, *Drosophila melanogaster*! Quer saber mais?

– Ah, é? Pois não sei nem quero saber! Para mim, mosquito é mosquito! Eles merecem uma boa bombada de detefon!

– Ela tá xingando a gente, dona Haydée? Que nome mais feio!

– Sei lá, Margô! Ela e o pai são da mesma laia! É um xeretando o outro: minha filha é uma grande pianista, vocês precisam ver quando ela está tocando! E a outra: meu pai é o maior advogado da cidade; sabe tudo sobre criminologia! Eu, coitada... burra ao quadrado, mal sabendo assinar o nome, não tenho importância alguma... Nesta casa ninguém gosta de mim, não me dão qualquer valor!

– Eu gosto da senhora, dona Haydée.

– Dê corda, viu dona Margarida? Ela já gosta de se fazer de vítima!

– É isto mesmo! Aqui só tem importância, você e ele, os dois sabichões.

– Ela fala como se não fosse a professora que tirou o primeiro lugar no concurso, não é Margô?

– Ah, isso aí é briga de branco!

A mãe ciumenta gostava de atçar os sentimentos da filha. Assumia o papel de rejeitada, visando ganhar carinhos. Sabia quanto era querida e, na intenção de aproximar pai e filha, lembrava-lhe, sutilmente, as excelentes qualidades do próprio marido. Os trabalhos no escritório criavam grandes espaços entre os dois. Temendo que Carlinda perdesse o afeto pelo genitor, ressaltava-lhe as vitórias. Da mesma forma, aumentava os elogios que ele fazia sobre os dons artísticos da filha, as notas boas que tirava na escola, sua beleza.

– Bem, já chega de agrado e tapeação. Ainda temos muito que fazer. Daqui a pouco ele chega. Se o almoço não estiver pronto... Nem no dia de hoje pôde deixar de ir ao escritório. Até parece que os clientes são mais importantes do que a família... e não me venha falar sobre a responsabilidade profissional! Vamos trabalhar... mas, assim, é demais!

– Você não tem pena de quem não pode comemorar o dia de Ano-Bom?

– Que conversa sem pé nem cabeça é esta agora? Já está com as mesmas manias do papai? Sempre houve ricos e pobres, não temos culpa disso. Deus quis que fôssemos mais abastados do que outras pessoas. É claro! Sinto pena dos pobres, principalmente das crianças, mas o que posso fazer? Posso consertar o mundo todo, ou fazer todos felizes? Você acha que não tenho pena dos necessitados? Vamos lá na sala, vou dizer onde devem ficar as bandejas.

– Não, mãe, não estou falando dos pobretões, não! Estou falando de quem pode e passa a Festa de Natal sem fazer nada e no fim do ano é a mesma coisa. Não posso compreender como isso é possível!

– E quem são estes infelizes, que têm feito minha filhinha ficar tão transtornada?

– A senhora ainda não sabe?

– Eu deveria saber? É gente de nosso relacionamento? Alguma colega sua, o pai ficou em situação difícil?

Carlinda não pôde responder. Margarida gritava perguntando se deveria fazer a salada de tomates ou de alface.

A moça acompanhou a mãe que se afastava em direção à cozinha. Uma simples salada era mais importante do que saber quem eram os infelizes emparedados dentro de uma casa, talvez precisando de alguma ajuda. Para ela, os seres humanos não tinham valor; pelo menos os pobres. Gostaria de ficar doente, só assim ela se preocuparia comigo. Uma doença grave, não! Deus me livre... uma dorzinha de barriga. Vou comer de tudo, hoje, e amanhã acordar com dor de barriga. Por isso desejo conhecer outra moça. Se lá tiver uma de minha idade... Que bom se Débora estivesse aqui agora, poderia desabafar. Ela também pensa igual a mim. Nesta casa até parece que poderia ficar muda... Que interessa poder falar se não acho com quem?

Terminada a arrumação das bandejas, escolheu alguns umbus maduros colocando-os em um copo. Ela possuía duas fugas: o piano e o diário apelidado “O confidente”.

Entrando no quarto, foi recebida pela fragrância da alfazema retida nas roupas de cama. Aspirou o ar, prendendo-o nos pulmões por algum tempo. Ao menos ali teria momentos de paz na companhia do diário.

Antes de começar a escrever, demorou-se admirando o caderno aberto numa folha vazia. A caneta-tinteiro, presa entre os dedos, descansava sobre o papel, enquanto o cérebro organizava os pensamentos.

*Meu querido Confidente.*

*Inicialmente, quero lhe desejar um feliz Ano-Novo. Neste ano prestes a nascer dentro de mais algumas horas, que você não tenha de ouvir tanta lenga-lenga minha. Bem, agora vamos à última deste ano.*

*Não sei como pode haver pessoas tão insensíveis assim. Como é possível não se ter pena de outros seres que passam um dia de Natal sem fazer nada em casa, sem ao menos abrir as janelas? Você acha que seria algo de mal se nós fôssemos lá e perguntássemos se eles estão necessitando de ajuda? A moça deve estar muito triste... morando numa rua onde todos são desconhecidos. Deve estar sofrendo tanto quanto eu e Débora. Antes eu casasse logo para ter minha própria casa, ir aonde quisesse!*

*Acha que sou muito nova para casar? Minha vó casou com apenas treze anos; eu já vou fazer quinze... Estou é ficando maluca, nunca tive namorado e já estou falando em casamento. Quer saber de um segredo? Eu*

*tenho um medo danado de ficar sozinha com um rapaz. Júlio, então, quando quis me dar uma caneta de presente, fiquei sem saber onde botar a cara de tanta vergonha. Já pensou o que ia dizer em casa, quando chegasse com uma caneta nova dada por um rapaz?*

*Será que ela está presa assim é porque teve um namorado escondido... quando os pais descobriram... Sempre os pais! Em tudo eles se metem, nunca querem o que nós queremos. Até parece que nunca foram jovens como a gente, nunca está certo o que queremos fazer, sempre é pecado, é feio... Moça de família não faz tais coisas etc. etc. etc....*

*Os pais dela devem ser daqueles chatos de galocha, uns quadrados perfeitos, dois velhos rabugentos. Até cachimbo o velho deve fumar... De vez em quando dá umas cusparadas pelas paredes! Já vi um homem dando uma cusparada dessas, me deu um nojo! Felizmente meu pai não é de cometer tal falta de educação.*

*Confidente, não seria bom se ela viesse jantar conosco, hoje? Poderíamos conversar à vontade de tudo o que quiséssemos, sem pressa, sem correrias, sem ter de dar satisfação a ninguém. Me desculpe, meu amigo, mas tem coisas que nem mesmo a você posso dizer. São assuntos que somente podem ser conversados com outra moça. São as chamadas conversas de mulher para mulher. Você me perdoa?*

*Olhe, Confidente, não vá pensar que não gosto de meus pais. Eu gosto e muito! Quando falo de que eles não gostam disto ou daquilo, estou me referindo a todos os pais. Acho os*

*meus bacanas, mas... são tão autoritários! Suas ideias são totalmente diferentes das minhas. Eles não sabem de nada! Nada das coisas de uma moça. Não estou falando de conhecimentos de escola, isto eles sabem muito. Estou falando é de... bem, você sabe! Acham que viver é somente ter casa bonita, mobílias, comida, escola, livros e algum dinheiro guardado. Por mim, ser pobre ou rica é a mesma coisa. Tem gente por aí que vive muito melhor sendo pobre, são mais felizes. Você não acha?*

*Será que terei namorado, algum dia? Fico pensando... rapazes são espertos, quando ele quiser me...*

A caneta foi suspensa, a mão apresentava leve tremor. Novamente sentia necessidade de coordenar as ideias. Pelo espelho observou a cama convidativa. Deitou-se de costas, as mãos sob os cabelos.

Os olhos fechados permitiram à imaginação sair à procura de motivação. Aos poucos os músculos do rosto foram se distendendo, transmitindo ao resto do corpo suave relaxamento.

Ficou assim por alguns minutos. Depois voltou ao diário, relendo o escrito. A folha estava enfeitada com uma flor desenhada por ela mesma. Admirou-se com a beleza do desenho e com as letras simetricamente arredondadas. Colocou alguns acentos e vírgulas, afofou o Confidente com ternura, guardando-o numa gaveta com chave. Alguma bisbilhoteira poderia entrar no quarto e ler suas confidências, os segredos mais importantes de sua vida.

O desabafo afastou o tédio. Verificou as horas. Puxa, quase meio-dia! Tenho de ir logo tomar banho e lavar os cabelos, antes de pai chegar. Vamos ver se a mandona tem alguma coisa a reclamar!

– Olá, resolveu sair da toca? Os amigos mandaram você sair do mundo da fantasia? Ou o tapete voador desfiou-se no espaço? Nós, vis mortais, nos honramos com o nobre regresso ao nosso mundo da realidade, ao último dia deste ano de 1944.

– Deixe de brincadeiras, mãe! Eu estava arrumando o quarto um pouco, estava uma bagunça. Desde o término das aulas, ainda não tive coragem de fazer a arrumação. Tinha livro e caderno espalhados por todo lado.

– Ainda bem! Pelo menos os livros podem botar alguma realidade em sua cabecinha sonhadora... de artista, como diz seu pai!

– Tá fazendo um calor danado! Posso tomar banho frio, antes de pai chegar?

– Você não está com nenhum sintoma de gripe, não?

– Gripe? Não, senhora!

– E a garganta não está coçando? Ontem ouvi você dando uns espirros...

– A garganta não está coçando, ontem só dei um espirro... Me sinto perfeitamente bem!

– E a regra, já foi?

– Fale baixo, mãe! Quer que toda a vizinhança fique sabendo disto? Já foi embora, sim, senhora! Desde ontem... Então, posso, ou não, tomar banho frio?

– Está bem! Mas seja rápida. Nada de ficar se resfriando, hem? Não quero vê-la doente no último dia do ano. Tudo que se faz no último dia do ano, no outro, aquilo se repete.

– Eta, crendice! Obrigada!

– Agora vai molhar os cabelos, quero ver se vai dar tempo de secar e botar os papelotes. Talvez Néelson traga alguns convidados para romper o ano conosco. Eu avisei! Deveria ter lavado a cabeça ontem, mas não me ouve! É teimosa...

A jovem afastou-se com mais uma insatisfação. Aquela conversa mole servia, apenas, de confirmação. Teriam convidados. Poderia jurar e até dizer o nome de todos: o senhor Clóvis Guedes, candidato a deputado, a esposa e a filha conversadora.

Enquanto se despia, resignou-se com a ideia de ter de acompanhar os convidados. Assim, não seria obrigada a passar a noite esperando o ano romper, ouvindo Noite Feliz e Gingle Bell, tendo o pai numa poltrona a cochilar e a mãe, a toda hora, indo verificar o peru e o champanhe. O pior de tudo era lutar contra o sono até a meia-noite. Pelo menos, com mais gente em casa seria menos triste; mesmo tendo de ouvir tantas besteiras. É isto mesmo, um monte de besteiras! Agora, como são ricos... Os pobres, presos dentro da própria casa, numa rua estranha, sem amigos nem parentes, que fiquem sós... Passem um fim de ano cheio de amarguras e tristezas. Que importa se estão sofrendo, necessitando de alguma coisa? Estarão precisando de algo? Pobres não são! Se fossem, não teriam comprada aquela casa, uma das melhores da rua.

Desatenta, abriu o chuveiro em demasia. A água escapou com força, salpicando-lhe o corpo. Olhou os pingos assustada. Pareciam vivos, pela maneira como se esforçavam tentando atingi-la. Pôs a ponta do pé no jorro. Arrependeu-se de haver pensado em banho frio. Seria melhor desistir. Mas, só de pensar nas gozações de Margarida e de dona Haydée, resolveu se fazer de valente e enfrentar a água.

– Ui! Ui! Ah! Tá fria, tá fria mesmo! Puxa, tá fria mesmo!

Tentando vencer o frio, esfregava as mãos vigorosamente pelo corpo. O bloqueio mental provocado pela água desapareceu. Novamente a casa fechada voltou a ocupar lugar de destaque em seus pensamentos. Algum dia iria saber.

A espuma branca espalhou-se pelas mãos. Cuidadosamente ensaboou o rosto, o colo e os seios. As reflexões, acompanhando o banho, alcançaram juntamente com as mãos os órgãos genitais, provocando leve frene-si pelo corpo. E se não fosse uma moça que morasse na casa? Se fosse um rapaz?

A nova hipótese sobressaltou-a. Instintivamente os olhos procuraram a porta do banheiro. Ouvira falar de moças que faziam coisa feia. Se a mãe entrasse no banheiro àquela hora e a visse assim poderia pensar que ela também fazia tais obscenidades. Resolveu apressar o banho.

Ao enxugar-se, evitou demorar nas partes íntimas. Precisava sair logo do banheiro, deixar de pensar em tantas bobagens. Acabara de sentir uma sensação muito estranha. Até as roupas pareciam estar quentes. Sentia mais calor depois do banho; um calor diferente, irritante. Da mesma maneira se sentia ao ver o artista dar um beijo na mocinha. Era um calor concentrado obrigando-a a descruzar as pernas, evitando encostar uma na outra. Discretamente introduzia a saia entre as coxas.

Gotas de água ainda pingavam das pontas dos cabelos. O movimento com a toalha, tentando enxugar as mechas maiores, piorava o desconforto, aumentando o calor e, com ele, a desagradável sensação de mal-estar. Atribuiu à calcinha apertada. Poderia trocá-la, se isso não fosse despertar a curiosidade da mãe.

Novamente teria de recorrer a quem a ajudasse na fuga do redemoinho de pensamentos importunos. Tudo por culpa da casa fechada. Só podia ser, ou então, estava doente.

Dona Haydée sorriu ao ouvir a melodia. Transportava-se para a filha tão intensamente, como se ela própria precisasse libertar-se dos sentimentos, através da música. Balançou a cabeça, as coisas estavam em obediência com a normalidade.

Os primeiros acordes foram inseguros. Os dedos lutavam contra a dormência provocada pelo banho frio. Pouco a pouco, a agilidade voltava, e eles percorriam o teclado com graça.

– Bravo! Bravo! Dou cinco mil réis pelos pensamentos... Gostaria de saber o motivo de tanta inspiração. Bach, lá do túmulo, deve estar orgulhoso de ter uma intérprete tão sensível. Os compositores interpretados por uma pianista assim devem agradecer por toda eternidade.

– A senhora estava aí?

– Não quis incomodar nem perturbá-la. Estou achando você muito diferente hoje.

– É impressão...

– E esta ruga na testa? E este olhar tão distante, como se não estivesse vendo o mundo perto de você?

– Não sei, mãe, deve ser por causa do fim do ano. De qualquer forma, sua morte me entristece.

– Julga ser mais sabida do que a mãe, não é? Eu já vivi mais, garota. Passei por esta fase e posso imaginar, ou melhor, saber como está tensa! Qual! Isto é muito ruim!

– Oh, mãe...

Dona Haydée recebeu a filha nos braços. Abraçou-a com força, tentando acomodá-la novamente dentro de si mesma. Seria esta a melhor forma de protegê-la das angústias naturais aos quinze anos. Incentivou o choro acariciando-lhe os cabelos.

– Assim... assim... filhinha, chore à vontade! Isto vai lhe fazer bem, você verá! Não se preocupe com nada, desabafe com a mamãe. Diga-me, está preocupada? Juntas, arranharemos uma solução. Seja o que for, lembre-se, eu te amo...

– Não sei, mãe! Realmente, não sei... Nem mesmo sei se quero chorar. Desculpe, estou sendo tão ridícula, não é? Nem pareço uma moça prestes a fazer quinze anos.

– Você nunca será uma moça, viu minha filhinha? Sempre será minha criancinha, o neném que acalentei e dei mama. A mesma coisa você vai sentir quando tiver sua própria filha.

– A senhora chorava assim, como uma boba, quando tinha a minha idade?

– Hum, nem queira saber! No meu tempo ainda era pior. Tinha de chorar escondida de meu pai e de minha mãe. Principalmente de pai. Se ele soubesse que andei chorando, eu ou uma de minhas irmãs, perguntava logo se estávamos de barriga vazia, se faltava alguma coisa dentro de casa. É, ele era um homem bom, mas não entendia que pudesse existir qualquer importância maior do que a dispensa cheia de víveres e o corpo coberto. Ele não entendia nada dos problemas de minha idade. Você nunca achou que nós não entendemos as pessoas de sua geração?

As últimas palavras fizeram Carlinda se afastar. Suas lágrimas foram enxugadas com carinho. Os corpos se aconchegaram. Sorriram.

– Bem, agora já chega, denngo tem hora! Ele está por chegar.

– Ah, estava tão bom!

A alegria retornou. Ela mesma pôs a mesa. Ouvindo a campainha da porta, foi receber o pai dando-lhe um beijo na testa e desejando-lhe Feliz Ano- Novo.

– Muito bem! A princesinha está feliz! Assim, todos os seus súditos ficarão felizes também. E a mãe? Alguma novidade por aqui? Está com os olhos brilhando... felicidade ou andou chorando?

– Assuntos de mulheres os homens não perguntam, senão passam por indiscretos. Venha, tenho uma surpresa... Tan... tan... tan! Veja, adivinhe quem fez isto?

Uma bandeja de prata, bem trabalhada, descansava sobre uma peça lateral da sala de jantar. Em uma

extremidade havia um abacaxi; à sua frente, uma fileira de mangas-espada; circundando, cajus vermelhos e umbus espalhados entre as frutas maiores. Algumas maçãs, maracujás e, do outro lado, uma penca de bananas prata ladeada por duas mangas-rosa.

– Está uma beleza! Não precisa dizer quem fez tal obra de arte; só pode ter sido a mão de uma artista. E ela, ficou muito brava? Reclamou muito?

– Nem tanto! Foi ela mesma quem lembrou...

– Mentirosa!

Durante o almoço, Carlinda resolveu aceitar o papel de filha feliz. Contou ao pai o trocadilho que fizera com o quebra-nozes. Apesar de não haver entre eles a mesma intimidade que desfrutava com dona Haydée, amava-o e respeitava-o muito. As colegas do colégio a invejavam quando liam nos jornais notícias sobre o Dr. Néilson. Era o advogado mais solicitado da cidade. Gostava de beijá-lo quando se despediam na porta da escola, sentindo os olhares invejosos dirigidos a ela. Outras moças também eram levadas pelos genitores, porém nenhuma delas tinha um pai tão bonito quanto o seu. Respondia com orgulho, quando lhe perguntava a que horas deveria mandar o motorista apanhá-la.

Apesar de ser um dia festivo, havia alguns princípios inalteráveis na família. A sesta após o almoço era um deles; até mesmo Margarida tinha este direito. Muitas vezes Carlinda não conseguia dormir. Neste dia, acordou indisposta. Lembrou-se de momentos vividos durante a manhã, estivera feliz e ao mesmo tempo melancólica. Dois sentimentos antagônicos coabitavam dentro dela. Depois do sono, a situação definira-se, agora predominava o desânimo, obrigando-a a pensar na família fechada dentro de casa.

Irritada com os pensamentos, resolveu ir à cozinha tomar água. Passando pelo quarto dos pais, aproximou-se da cama do casal. Dona Haydée dormia de

lado; o pai, vestido apenas com as calças de pijama, roncava salutarmente. Estavam tranquilos como se nada de anormal estivesse ocorrendo do lado de fora, como se todas as pessoas estivessem tão felizes quanto eles.

Deixou o quarto zangada. Transferira aos genitores a culpa da humilhação imposta aos mais pobres. Coitados, meus pais são bons! Nunca vi uma pessoa pobre pedir ajuda a pai, e ele negar. A culpa é desta guerra. Está prejudicando a vida de todo mundo, como dos novos vizinhos. Quem sabe se eles não perderam tudo e vieram tentar a vida, aqui na capital? Não, isso é impossível! Aquela casa é grande e seu Francisco sempre disse que só venderia caro. Devem ter vindo do interior... Só pode ser isso. Estão com vergonha do pessoal da cidade. É capaz de ser isso! São gente boa. E eu sou uma boba, me preocupando por nada. Coitados, eles estão com vergonha!

Carlinda procurou desviar os pensamentos. Se continuasse preocupada, poderia estragar a festa da família. Resolveu aceitar a própria hipótese formulada sobre os novos vizinhos ou, fatalmente, tornar-se-ia uma péssima companhia. Encerraria o assunto, fazendo uma prece e entregando o problema a Deus.

Terminada a oração, descobriu-se com vontade de ser feliz, de gritar de alegria. Apenas um senão ainda empanava a felicidade. As visitas para o jantar. Seria obrigada a enfrentar as futilidades de Vera, as solicitações para tocar, ouvir comentários sobre a melodia atribuída a Chopin, quando a peça era de Bach ou Mozart e o pior era ter de suportar o ruído de quebra-nozes enquanto estivesse tocando.

Depois do descanso, Dr. Néelson não saiu. A família dedicou-se aos arranjos da ceia de Natal. Foi ele o primeiro a se aprontar. Vestiu-se a rigor, como se fosse a uma solenidade.

Quando mãe e filha saíram do quarto, foram recebidas com alegria. Estavam muito bonitas, pareciam duas irmãs. Em meio aos elogios, a campainha tocou.

– São eles, Haydée.

– Vá com Linda, recebê-los! Vou verificar se está tudo em ordem.

Abraços, apertos de mãos, felicitações.

As conversas giravam em torno da guerra, política e filhos. O futuro deputado desejou ouvir Carlinda tocar. Os elogios de Nélson sobre o seu progresso no piano deixaram-no entusiasmado, tendo sido este um dos motivos que o levaram a aceitar o convite.

Carlinda aceitou. Anunciou um noturno de Chopin. Nem mesmo Dr. Nélson percebeu a traquinagem. Somente dona Haydée endereçou-lhe um olhar malicioso.

Saciados os anseios pela música erudita, foi conversar com Vera. A amiga apresentava-se discretamente vestida; o penteado alto, realçando o pescoço ornado com um colar de pérolas. Carlinda dispensava-lhe atenções especiais, cumprindo o prometido à mãe. Reconhecia, contudo, a mudança sofrida por Vera. Não falava alto nem com espalhafato. Em lugar do andar de menina, deslocava-se com graça e elegância.

– Você está tocando muito bem, Linda! Eu pouco entendo de música clássica, mas gostei muito.

– Bondade sua...

– É verdade! Ah, se eu tocasse assim como você... Gostaria de aprender. Você me ensina? Toca cada música linda!

– Eu, lhe ensinar? Quem me dera... Coitada de mim. Nem sei para meu gasto!

– Modéstia!

– É mesmo! Olhe, se quiser mesmo aprender, mande sua mãe falar com minha professora. Ela, sim, é quem sabe ensinar. Toca cada música, minha filha...

– Vou ver se minha mãe quer... Vi luzes lá na casa da frente, ela foi vendida? Tem gente interessante na rua?

– É, até agora não vi ninguém. Não acha estranho uma família se mudar para uma casa nova no fim do ano, com tantas festas, e ficar dentro da casa, sem ao menos abrir uma janela? Parece que não saem nem para comprar comida.

– Não abrem hora nenhuma?

– Necas! Pelo menos eu, ainda não vi. Fico pensando... se houver uma moça, deve estar sofrendo muito, não acha?

– Por que não foi lá? Poderia saber...

– Hum, está maluca! Só se fosse para mãe me esfolar viva. Fui tocar no assunto com ela, nem me deu a mínima...

– Esses pais são todos iguais. E na escola, algum rapaz interessado em você?

– E em você?

– Ah, eu perguntei primeiro, assim não vale! Diga primeiro, depois eu falo.

O riso fácil das jovens espalhou-se pela sala.

– A vida de quem, estas duas estão cortando? Essas meninas de hoje, Haydée, são todas iguais. Irrelevantes e marotas. Devem estar mangando da gente. Já viu como estou ficando gorda? Faço um regime danado e continuo engordando!

Ouvindo os comentários das senhoras, as moças trataram de apresentar desculpas. Estavam rindo de nada, de nada mesmo, hem, Vera?

– É mesmo, dona Haydée, de nadinha mesmo!

– Você acredita nisto Haydée?

– É a idade, não é mesmo, Marly? De tudo elas acham graça. Vai ver que no fundo, no fundo, foi de nada mesmo. E nós, quantas vezes ríamos de nada?

O grupo se completou com o retorno das jovens. Os homens falavam de um assunto nada interessante,

todavia, mesmo sem entender, sentiam-se obrigadas a demonstrar atenção.

Doutor Nélson ouvia atentamente a dissertação do visitante sobre as complicações da guerra na economia mundial. No entanto, depois de tanta desgraça sobre a terra em razão do conflito, esperava dias melhores. O comércio achava-se enfraquecido pela balança mundial. A política nacional apresentava perspectivas incertas. Muito incertas. Um futuro preocupante. Falava-se à boca rota de eleições diretas no próximo ano para a presidência da República e para as Câmaras voltarem a funcionar. Comenta-se também, e você já deve ter ouvido falar, a situação da imprensa. Os falantes têm de ser liberados. O povo precisa saber da situação econômica do país. Tem de tomar conhecimento do aumento assustador da dívida externa. O governo de Getúlio Vargas já não agrada à maioria da população, chegando-se a temer por represálias do povo, pela força. Veja, seu doutor, pela força bruta!

– Está certo, Guedes! Este ano foi muito importante. Só esta guerra... a história o transformou num marco entre o passado e o futuro. Creio firmemente, amigo, o próximo ano será mais tranquilo e promissor. O brasileiro é inteligente, está aprendendo fácil a tecnologia estrangeira. Em breve teremos nossa própria indústria. Aí, sim, com o país industrializado, nosso povo terá mais oportunidade de crescer!

– Nosso povo é inteligente, e temos de aproveitar esta inteligência e nos livrar, inicialmente, do jugo de alguns corruptos. Olhe, se não tomarmos uma providência concreta, seremos todos escravizados novamente.

– Bem, há um pouco de exagero nisto tudo!

– Não há dinheiro, amigo! A vida está pela hora da morte!

– Pelo menos alguns devem estar se dando bem. Agora mesmo, Francisco conseguiu vender a casa por

um preço muito bom. E tem mais, o comprador nem pestanejou e ainda pagou à vista.

– São uns poucos que conseguiram fazer fortuna à custa do trabalho escravo, meu nobre advogado.

– O amigo está muito pessimista. Eu tenho muitas esperanças no petróleo. Depois daquela ideia maluca, quando o gringo tentou implantar o uso do álcool como combustível de automóveis, a descoberta do petróleo de Lobato foi excelente para nosso estado. Seremos, num futuro bem próximo, um dos maiores estados do Brasil!

– Parabéns! Para um advogado, você tem umas teorias muito interessantes. Não gostaria de entrar na política e disputar ao meu lado as próximas eleições? Então, dona Haydée? Gostaria de ter o esposo no plenário, a defender o povo?

– *Est modus in rebus...*

Carlinda ficara interessada na conversa do pai, na esperança de ouvir mais informações sobre a família novata, mas teve a atenção desviada pelas palavras da mãe.

Se alguém pensou em perguntar ou fazer qualquer comentário sobre a frase em latim, a tentativa morreu no espocar dos foguetes que anunciavam o Novo Ano.

Contagiadas com o foguetório, as pessoas levantaram-se em reposta a um impulso interno cujo sinal de partida foram os estrondos. Abraçaram-se, repetindo ao mesmo tempo as tradicionais palavras: Feliz Ano-  
-Novo!

Enquanto a dona da casa dirigia-se à cozinha, a fim de pegar o champanhe, ouvia-se, de um rádio, o discurso do locutor, tendo como fundo musical a Valsa da Despedida. Dava-se adeus ao ano velho, às suas tristezas, às dores lançadas no seio da família brasileira. Nascia outro ano cheio de esperanças. Carlinda poderá gozar as vantagens dos quinze anos: os sapatos

de salto alto, os bailes e, quem sabe, até um namorado. Um ano importante para os diversos povos do mundo, pois terão oportunidade de tirar proveito da lição aprendida com a Segunda Guerra Mundial. Uma lição deixada às futuras gerações. Os homens darão mais importância à paz e ao amor.

Houve um instante de silêncio na fala do locutor. Carlinda, enlevada pela melodia, voltava-se à casa de número vinte e seis. Brotaram-lhe as lágrimas. Já estivesse com quinze anos e iria lá desejar-lhes um Feliz Ano-Novo.

Aproveitando um momento propício, a moça se dirigiu à sala da frente, donde poderia ver a casa fechada. Desejou ardentemente ver algum sinal de vida.

– Carlinda, minha filha, você deixou nossos amigos sozinhos? Que falta é esta?

– Desculpe, mãe! Olhe, eles acenderam mais luzes!

– É mesmo! Bem, agora vamos, seu pai pode dar por nossa falta.

Os convidados se retiraram, Carlinda pôde observar entristecida que as janelas da casa estavam escuras. Olhou para o céu; estava repleto de estrelas. Pediu aos astros para iluminar outras pessoas necessitadas de alegria e paz. Pediu a Deus pelas moças de sua idade que, naquele momento, estivessem sofrendo.



Eu vou ficá de olho naquele muleque sem-vergonha. Te juro, Teca, ele não vai ficá impune. Se aparecer por esta banda, vai levar o castigo merecido. É como te digo, Deus do Céu há de castigar ele de uma forma ou de outra! Vai, sim!

– Ninguém acredita em mim! Só a senhora e Antônio são os únicos. Dona Dolores quer ver o diabo, mas não quer me ver. A senhora mesma viu dos nomes que ela me chamou... Fiquei com tanta vergonha, como se tivesse culpa mesmo. Me xingou na vista de todo mundo. Minhas primas olhavam para mim como se eu fosse um animal. Ah, dona Dina, tive tanta vergonha!

– Se avexe não, viu Teca? Olhe, trouxe um presente pra ti, vai gostar, tenho certeza. Toma, abra logo!

– O que é isto? É uma Santa? Ah, eu sei quem é ela! Minha mãe deu meu nome por causa dela.

– É, é a imagem de Santa Terezinha! Ela vai ser tua madrinha. Nunca se aparte dela, viu? Ela te dará proteção em qualquer lugar. Quando tiver em aflição, reze uma prece pra Ela, e tu vai ver que tudo se aclara pra tua vida. Se acalme, minha filha! Estas coisas acontecem com qualquer pessoa. São as tentação do demônio. Mas, se a gente tiver com Deus no coração, vence tudo nesta vida...

– Dona Dina, eu gostei muito! A senhora gastou seu dinheiro comigo sem necessidade. Este ano eu já recebi muitos presentes... eu gostei do seu, mas...

– Qual foi o presente que tu recebeu? Eu nem vi!

– Meus irmãos ainda não trouxeram, eles vêm trazer um dia desses.

– Tá bem, tu pode receber os presente todos, mas eu quis dá a Santa e o dinheiro não tem importância!

– A Santa custou muito caro? Eu tenho uns trocados. Meus irmãos me davam, e eu guardei. Se a senhora precisar, pode me falar. Comprou ela por quanto?

– Cruz-credo! Tá cometendo uma heresia? Comprou o quê? Santo não se compra, não senhora! A

gente troca. Nunca lhe ensinaram a não cometer tal pecado?

– Troca?

– Sim, senhora! Não pode dizer que comprou, não! É pecado mortal! A gente troca e depois leva pro padre benzer. Ela é benta. Hoje mesmo eu dei um pulo na Igreja de Nossa Senhora da Vitória e pedi ao padre pra benzer. Eu disse que ia dar a você. Ele ficou contente.

– A senhora contou a ele sobre mim? Até aquilo que aconteceu com o... o...

– Contei tudo, em confissão! Ele não vai dizer a ninguém. Pode ficar descansada, o dito na confissão ninguém pode saber. Por falar nisso, você já fez a primeira comunhão?

– Já! Quando minha mãe estava viva. Foi na Igreja da Lapinha... foi bonita!

– Ainda bem! Assim, Santa Terezinha vai ouvir suas oração. Gente pagão não é muito querido pelos santos, você sabia? De qualquer forma, você agora tem uma madrinha.

– Santa Terezinha, minha madrinha!

– Isto, minha filha! Ore pra Ela, e Ela te ajuda em tudo!

– Tomara!

– Olhe, agora quero te pedir um favor. Você me faz?

– O que a senhora pedir...

– Jura? Jura?

– Por Santa Terezinha!

– Bem, desde de manhã tu não come nada. Trouxe uns pedaço de peru, um taco de pão e um copo de leite. Tu vai comer, não vai? Veja lá, quem jura e não cumpre, depois vira corcunda!

– Está bem, vou comer tudo! Estava mesmo com fome...

Na saída do quarto, Dina ainda fazia sinal para a moça, lembrando-lhe o juramento. Encurvou-se para

frente imitando um aleijado. Terezinha fingia estar com medo levando as mãos ao rosto.

Enquanto bebia o leite, relembrava a reação de Dina perante os patrões, quando eles souberam o ocorrido. Não entendia como se podia maltratar tanto uma pobre criança abandonada. Era gente sem coração. Só vinha pra nossa terra procurando riquezas, trazendo apenas a barriga e os dentes. O coração eles deixavam por lá; a alma, sabe Deus onde. Daquele dia em diante, teria mais cuidado com todos daquela casa, menos com o menino Antônio. Eles faz assim com um parente, com ela, então, que não era nem aderente fariam muito pior! Mas Deus estava vendo tudo. Um dia a coitadinha seria muito feliz. Santa Terezinha guiaria seus passos. Uma menina tão bonita que nem uma pérola! Se tivesse sido entregue a ela, a teria criado como se fosse uma filha de verdade.

As palavras foram ditas em voz alta, propositadamente para a moça ouvir do seu quarto, onde se mantivera desde a agressão. Fora a maneira de demonstrar o amor que lhe dedicava. Tempos atrás, ouvira, também, as mesmas palavras de alguém se comprometendo a criá-la como uma filha. Lembrava-se exatamente. Seu pai, abalado pela dor, agradecia a dona Dolores, sua irmã.

– Muito obrigado, Dolores!

– Fica descansado, Joaquim! Acredite em mim, meu irmão. Tenha confiança! Apesar dos pesares, vamos criá-la como se fosse uma de nossas filhas. Não vai ter nenhuma diferença entre ela e as meninas lá de casa.

– Não sei como lhe agradecer... Com a morte de minha mulher, eu não sei como posso tomar conta dela... uma moça sozinha numa casa com três homens xucros. Os meninos é diferente, a gente se ajeita de qualquer forma, ela... ela, eu não sei... não sei, não!

– Calma, mano! Deus sabe o que faz! Se Ele quis assim, foi sua vontade levar a coitadinha... deve ter seus motivos. Lembre-se, Ele escreve certo em linhas tortas. Pode ficar descansado, já falei com Estevam e ele concordou. Ficou até feliz. Desta forma ela vai sair desse bairro pobre onde moram, sem chance de arranjar um bom casamento.

– Ela era... era tão boa... cuidava da gente com tanto desvelo. Nunca se soube nesta casa o que foi uma camisa sem botão, uma calça suja ou comida ruim... Eu estou desesperado, Dolores! Minha vida está acabada... Veja como ela chora ao pé do caixão da mãe...

– Eu vou retirar ela dali! Ainda é muito novinha para suportar tanta dor!

Fogos de artifício iluminaram o céu e o quarto, retirando-a do passado. Acostumada a viver ao lado do sofrimento, procurava manter vivas as lembranças de quando vivia com os pais. Recordou o rosto arredondado da mãe. Estavam tão bem, preparando o jantar para o pai e os irmãos, quando a ouviu gemendo, com a mão sobre o lado esquerdo do peito, o rosto pálido e suarento. Em vão usaram os chás caseiros, a dor não cedia. Nem mesmo o dente de alho conseguia melhorar a respiração. Correu à casa vizinha procurando socorro. Ao retornar, encontrou o corpo sem vida debruçado sobre a mesa. Depois, viu-se rodeada de pessoas tentando fazê-la entender o significado da morte.

Poucas pessoas retornaram do enterro: o pai, os irmãos e os tios.

Cheiro de vela queimando nunca mais se dissociaria de caixão mortuário; um corpo perdendo a cor, enrijecendo os músculos, uma menina tentando retirar a vela para não queimar a mão sem vida.

A viagem demorada até o bairro da Vitória fê-la adormecer. Acordou ouvindo os tios falando a seu respeito.

- Vistes o que Joaquim foi nos arranjar?
- Fale baixo, Dolores! Ela pode acordar!
- Deixe acordar! Ela vai ter de saber do passo errado do pai, casando com “uma qualquer”.
- Foi realmente uma bobagem. Se ele vivesse amigado, tá certo, mas casar? A mulher nem mesmo conhecia o pai. A menina não tem culpa de nada. Poderemos aproveitar ela. Não vai ser preciso ninguém saber quem foi sua mãe... Reparastes como é bonitinha? Não comparando mal, até parece com nossa caçula...
- Cala essa boca, homem! Está ficando maluco, Estevam? Isto lá é comparação? Ela tem uma diferença muito grande, da água para o vinho! No entanto podemos lhe dar uma oportunidade de ser alguém na vida. No princípio, vai ter de aprender muito. No futuro, talvez, poderá acompanhar as meninas.
- É mesmo! Se Deus ajudar, poderá arranjar um bom casamento!
- Você tocou num assunto importante. Já estou temendo alguma desgraça com um dos meninos. Vocês homens não merecem confiança.

A desgraça aguçou a inteligência da menina. Os tios se referiam à sua mãe. Uma conversa ouvida durante o almoço, na oportunidade parecendo de pouca importância, agora era encarada de outro modo. Tancredo, o irmão mais velho, disse estar namorando uma mulata de fechar o comércio. Não houve briga nem discussão. Simplesmente o pai mandou-o calar a boca e continuar o almoço. A mãe levantou-se sem terminar a refeição. Os parentes do marido lhe dariam o mesmo tratamento distante. Dona Dolores e seu esposo não gostavam de gente escura. Por isto o pai de Terezinha era o mais pobre da família. Quando souberam do casamento dele com uma mulata, foi isolado. Teve de trabalhar sozinho no pequeno armazém, na Rua da Central, sem qualquer ajuda.

Terezinha chorava baixinho. O encontro com a morte foi o ponto final na existência da vida infantil. Da criança, restou-lhe apenas a lembrança dos dias felizes na casa paterna; do riso aberto da mãe mostrando os dentes bonitos; do seu peito morno fazendo desaparecer a dor, quando ela ou os irmãos eram castigados. Acalentava-os. O pai estava certo. O castigo serviria para ensiná-los a viver.

O céu continuava ornamentado de estrelas à espera do aparecimento do novo dia. A moça esforçava-se para se manter acordada, temendo dormir e sonhar com os últimos acontecimentos. Vencida pelo cansaço, deitou-se.

O sono não demorou. Tão logo adormeceu, apresentaram-se os personagens do drama da própria vida. O primeiro a aparecer foi o filho do motorista da casa. Era um rapaz de aparência afeminada, dono de grande dose de falsidade. Andava paparicando a patroa, fazendo seus mandados com cara de anjo, no intuito de ganhar sua simpatia. Chegou ao palco trajando bata de cetim escarlate, brilhando sob a luz de uma fogueira armada atrás de si. Dos olhos, saíam faíscas. Depois aparece Antônio Marcos, filho do meio entre os homens da família. Era o único que não se aproveitava da prima. Nem a tratava com carinho nem como empregada. Os outros lhe pediam para engraxar os sapatos, passar suas camisas, servir-lhes água à mesa.

Durante os dois primeiros anos, o personagem mais evidente era o filho do motorista. Fazia macaquices, presenteava-a com queimados, contava-lhe histórias engraçadas, falava mal das filhas da patroa; qualquer coisa, intentando adquirir sua amizade. Tratava-a com intimidade, igualando-a aos outros empregados da casa.

As primas sempre estavam sem tempo para conversar. Quando eram obrigadas a lhe dirigir a palavra, elogiavam sua condição de não ser forçada a ir à esco-

la. Veria, quando chegasse o dia de frequentar aulas, como era enfadonho. Os rapazes raramente apareciam em cena, viviam sob a vigilância de dona Dolores, que repreendia qualquer gesto afetuoso para com Terezinha.

Os diálogos com a tia se referiam ao futuro. Ela não seria desamparada, pelo menos enquanto fizesse por merecer. Bastava evitar cometer tolices... Estava pensando em pedir uma matrícula para ela numa escola pública. Isso de escola particular era uma besteira, todas ensinavam a mesma coisa.

Dona Dolores se destacava entre os outros personagens. O marido, ao contrário, mal olhava a menina, temendo represálias da esposa.

De todos os participantes, havia apenas uma figura simpática a Terezinha. Dina, a cozinheira. Fora ela quem primeiro percebeu as alterações no corpo adolescente. Nasciam os seios, em breve seria moça.

A transformação também foi observada por dona Dolores. Precisava ficar mais atenta.

Poucos meses depois, os moradores da casa perceberam que Terezinha não era mais uma criança. José, o bajulador, procurava aproximar-se mais ainda.

Alertada por Dina, Terezinha passou a observar o olhar malicioso do rapaz em seu corpo. Mirava-a descaradamente, demorando-se nos seios. Sorria ao vê-la encabulada. Um incidente obrigou-a a tomar atitude mais enérgica contra o moço. Recolhia pedaços de vidro de um copo, quando deparou com o olhar de José em suas pernas. Enraivecida, prometeu contar à tia se ele persistisse em tais atitudes. Porém, desculparia o atrevimento se ele cumprisse a promessa de se emendar.

– Eu prometo!

Vendo Terezinha mais calma, disse que ela também era culpada, por ser tão bonita e ter as pernas mais bem feitas do mundo. As outras mulheres da casa

andariam sorrindo pelos cantos da boca, se fossem tão bonitas quanto ela. Usavam tanto engana marido na cara e de nada adiantava, mais pareciam gatas pintadas em noite de lua cheia. Por isso ele cometera tamanho erro, fora por tanta beleza. Para encerrar o assunto, rogou-lhe aceitar uns queimados. Desde a manhã, esperava oportunidade para presenteá-la.

Dona Dolores estava constantemente em cena fiscalizando o desenvolvimento da sobrinha, vendo-a tomar corpo de moça. A situação carecia de cuidados. Em breve teria menstruação. Chegara a hora de lhe abrir os olhos, ensinar-lhe a ter cuidados durante o período menstrual. Não podia chupar limão verde, abacaxi, comer comida carregada, nada de banho frio e evitar cair para não prejudicar o útero.

Terezinha já era moça. O ciclo menstrual era fiscalizada por dona Dolores. Novos conselhos eram apresentados. Havendo atraso, deveria comunicar imediatamente.

A dona da casa tornava-se mais sisuda. A natureza estava disposta a aumentar-lhe as preocupações. Terezinha crescia e a cada dia se tornava mais bela. Os lábios ligeiramente grossos eram rosados como se estivessem com batom. Ao sorrirem, libertavam a ponta da língua apoiada sobre o lábio inferior. Os olhos, imitando a cor do mar, verde indefinido. Os cílios se encurvavam para cima. De nada adiantavam os tamancos rudes, o deslocar do corpo obedecia a um gingado dengoso, rico em movimentos harmônicos.

Nesta personagem, residia a preocupação de dona Dolores. A honra de uma moça, ainda mais sendo uma parenta, era coisa muito importante. Ah, se arrependimento valesse! Não teria assumido tal compromisso. Ela mesma procurara tal problema. A menina a cada dia se tornava mais bonita, sem ficar devendo nada às primas. Felizmente desconhecia o próprio valor. Se ao

menos não fosse filha do Joaquim, poderia mandá-la embora e me livraria desta complicação. Tanta preocupação com ela está me fazendo ficar mais velha. Seu pai nem a procura... ele que se preocupe e cuide dos três vinténs da filha... Quem pariu Mateus que embalance. Estou ficando de cabelos brancos. Meus filhos já estão criados. As meninas não são bobas, se alguma delas resolver dar o negócio, tenho certeza, será a quem possa arcar com a responsabilidade. Depois, se isso acontecer, nós daremos um jeito. E essa infeliz, que será de seu futuro se lhe acontecer uma desgraça dessas? Não sei que diabo existe nessas mulatas. Só cego não vê, quando ela está na mesa, os olhares de desejo dos safados dos meninos. Descarados! Nem mesmo sendo prima deles! Deus me perdoe, mas até Estevam fica olhando pelo rabo do olho. O Joaquim, coitado, depois da morte da infeliz, entregou-se à bebida, é uma lástima! Talvez esteja precisando de uma mulher para pôr ordem nas coisas... Terezinha já é uma moça, está preparada, seria a solução deles! Ela é uma moça bem formada... está preparada para tomar conta de uma casa! Eu estava certa botando ela para aprender a cuidar de uma casa. E, agora, não estava com razão? Pelo menos ela já pode cuidar de si mesma!

Terezinha pouco sabia sobre o resto de sua família. A tia nunca lhe falava sobre as desgraças ocorridas ao seu pai. Os irmãos, por ela recomendados, escondiam a verdade. Nas raras visitas, desculpavam a ausência do pai alegando que o armazém estava crescendo muito, funcionava todos os dias, não podia ficar nas mãos dos rapazes. Quando ela retornasse, teria uma agradável surpresa.

– Tancredo, diga a pai que eu desejo ver ele. Ele me culpa pela morte de mãe?

– Ora, mana, ele está é preocupado com você, vivendo longe da gente. Trabalha como um touro para

assegurar seu futuro. Você pensa que ele está satisfeito com você nas casa dos outros, longe de nós? Tem muito trabalho na casa e no armazém... Eles não estão tratando você bem?

– Xi, fale baixo para não ouvirem a gente!

– Estão maltratando você?

– Não, me tratam muito bem! Todos gostam de mim. Dona Dolores prometeu me botar na escola. Ela se preocupa muito comigo! Olhe, não digam ao pai para ele não ficar preocupado, mas... eu dei um trabalho pra tia! É verdade! Ela disse que, com minha chegada, alterou todo o orçamento... um negócio aí, da família!

– Foi?

– É sim! Eles não fazem nada sem mim...

– Bem, agora temos de ir embora. Isto aqui é um fim de mundo. Pra gente voltar temos de tomar dois bondes. É quase duas horas de viagem até lá em casa.

No período das férias escolares, a casa se tornava mais alegre com toda a família a zanzar pelos cômodos, discutindo entre si, cantando músicas alegres, jogando cartas. As moças, esperando com expectativa um passeio à praia da Pituba. Dona Dolores recebera convite de uma família amiga para passarem um dia à beira-mar. Logo de início, decidiram ir todos: Gracinha, Júlia, os rapazes, ela e o marido. Infelizmente, Terezinha não podia ir porque o automóvel estava completo. No próximo, ela também iria.

A moça sorriu demonstrando entendimento. Os reais motivos estavam ligados aos seus antecedentes. De um fato, no entanto, não sabiam: ela não tinha a mínima vontade de ir. Certamente seria usada como empregada das primas. Em casa, sozinha com Dina, passaria um dia tranquilo.

Na véspera do passeio, o jantar foi mais alegre. Toda conversa girou em torno do banho de mar.

– Não sei qual o motivo de Antônio Marcos não querer ir conosco!

– Já expliquei, mãe! Prometi passar o dia de amanhã com Pedro. A senhora mesma mandava-me fazer amigos! Agora eu quero ir atender a um convite, e a senhora fica reclamando...

– E eu estou reclamando, meu filho? Estou é com pena de você, vai perder a oportunidade de passar um dia agradável. Você ia gostar de estarmos todos juntos...

– Ele está é interessado na irmã de Pedro!

– E que tem isso demais? Ela é rica, meu filho? Se for, você está fazendo muito bem. Homem hoje é artigo de luxo. Ainda mais agora, com esta guerra infernal, tem morrido muitos homens. Acabou-se o tempo de andar implorando o amor de uma mulher. Se fosse solteiro hoje, só me casava com uma mulher rica... Isto é, casava outra vez com sua mãe!

– Pai, se algum dia quiser casar, com todo o respeito por vocês, será com a mulher de meu agrado, a escolha será minha! Ela poderá ser pobre ou rica, velha ou nova, branca ou... ninguém vai se intrometer!

Conhecendo o gênio do filho, dona Dolores procurou mudar de assunto, evitando estragar o passeio.

– Terezinha, amanhã a casa vai ficar entregue a você! Só faço isso porque você é parenta e de toda confiança. Se não estivesse aqui, eu preferia deixar tudo fechado. Olhe, para evitar maiores preocupações, vou trancar meu quarto e o dos meninos. Assim é melhor!

– Tá certo, tia! É melhor mesmo. Eu até ia pedir isto à senhora.

– Você é tão boazinha! Estas preguiçosas deveriam imitar seu exemplo. Não sabem mudar nem um lençol. Nem a cama onde dormem, fazem, quando acordam.

– Começou o sermão! Antônio diz as maluquices dele e depois a senhora vira contra nós...

– Elas têm pouco tempo, tia! Têm muito estudo. Nem sei como conseguem decorar tantos livros.

– Estão vendo? Ainda defende vocês!

Dona Dolores foi a última a sair da copa, no intuito de reafirmar os conselhos à sobrinha.

– Olhe lá, hem? Terezinha, se lembre bem, confio em você, não vá me decepcionar. Olhe lá, hem? Vai ficar sozinha em casa! Quando eu voltar não quero saber de novidades. Na hora do almoço, preste muita atenção a Dina e a José. Essa gente gosta de aproveitar a ausência dos donos da casa para esbanjar.

– Pode ficar descansada!

No outro dia, bem cedo, o carro desapareceu levando as mãos acenando pelas janelas.

– Hoje vai ser um dia tranquilo, né Teca? Esses mininos fazem uma balbúrdia!

– É... parece. Tomara!

– Essa mininada faz um barulho! Você fez bem em não querer ir. É muito melhor ficar em casa descansando... Se arriscar em água do mar. Eu vou cuidar da cozinha, quer alguma coisa?

– Não, senhora, eu me arranjo... sobrou muita comida do café. Depois, eu vou arrumar as salas.

O silêncio reinante amedrontava a moça. Nas salas grandes, ecoavam os passos. Descalçou os tamancos para diminuir os baques contra o tabuado. Antes de entrar nos cômodos ficava parada, escutando com atenção. Se houvesse uma alma do outro mundo, morreria de medo. Felizmente os quartos estavam trancados. Se tivesse de entrar sozinha no quarto onde morreu o irmão do tio Estevam... Arrepiada, voltou à cozinha.

– Dona Dina, vamos comer uma comida diferente hoje?

– Cumida diferente?

– Uma manjuba! Minha mãe fazia pra gente tomar com café de noite... É gostosa!

– Teca, eu cuzinho desde que me entendo e nunca ouvi falar nessa cumida. Como se faz esta manjuba?

– Bem, a gente bate ovos, somente a clara. Depois mistura com as gemas. Bota também carne moída e um pouco de farinha!

– Mas, isto é omelete!

– Espera, senhora! Deixa eu acabar. Bota carne moída, já disse, né? Um pouco de farinha para engrossar, duas ou três pimentas raladas com sal, espalhadas sobre o ovo batido já com farinha e tudo. Pera, antes disso tudo, frita toicinho para fritar a manjuba. Quando ela tiver fritando, bota os torresmos e algumas rodela de cebola branca... Ah, bota também tomate em rodela, se tiver. A senhora vai ver como é gostosa, a gente lambe os beiços. Já estou com água na boca só de pensar!

– Taí! Vou fazer a manjuba. Agora, se não ficar boa, a gente fica com fome, não quero ouvir reclamação da patroa dizendo que gastei muito tempero. Ela sabe de tudo da cozinha, conta todas as coisas, minha filha!

– Oba, vou terminar logo de limpar a sala pra ajudar!

O temor de entrar nos cômodos silenciosos desapareceu. Terezinha estava alegre, como se estivesse se preparando para ir ver a mãe. A comida mataria muitas saudades. Deixou-se levar ao passado. Ao reencontrar-se, estava sentada numa cadeira luxuosa. As palavras da tia ecoaram pela sala. Levantou-se assustada. Era tudo tão diferente da casa onde morava no Bairro da Liberdade. Apesar de humilde, tinha cheiro de saúde, o sol entrava satisfeito. Os colchões, semanalmente, eram colocados no pátio para ser arejados e perder a inhaca. Aqui, não! Uma casa tão grande assim, e deixam tudo fechado. Fica com cheiro de bolor... até entope o nariz da gente. Me dá vontade de abrir todas as janelas e portas para o sol entrar... Deus me livre, se tia Dolores descobre... coitada de mim! Ela ia ficar uma fúria. Tem um medo danado de estragar os móveis caros.

Com medo de ser vencida pelo impulso, a moça deixou a sala. Melhor aquietar-se. Ficava triste por não poder arrumar os móveis como gostaria, mas tinha de obedecer à dona da casa. Comparou-se com a mãe. Ela também gostava de tudo limpinho, cheirando a alegria. Quando tivesse sua casa, não se cansaria de arrumar todos os dias para alegrar o marido. O homem tem direito de mexer nas coisas. Vou deixar meu marido bulir onde quiser. Não vai ser como o pobre tio Estevam, coitado, não pode fazer nada. Nem mesmo o cachimbo pode fumar descansado. A mulher e as filhas vivem reclamando para não deixar cair cinza no tapete. Como pode se sentir feliz assim? Pai fazia tudo, e mãe não reclamava. Nem mesmo quando ele quebrou um jarro de estimação, ela se zangou. Chorou escondida para ele não perceber. De noite, pai trouxe para ela outro igualzinho, cheio de flores. Eu era tão feliz lá!

O bolo amarelo ornado com rodela de cebola e tomate já se encontrava assado na frigideira. Pequenos furos semelhantes a umbigos abrigavam pedaços de toucinho frito.

– Botou as pimentas?

– Botei duas só, fiquei com medo da gente não aguentar comer. Quer provar um pedaço?

– Deixe ver! Hum... delicioso! Tá como a minha mãe fazia... Muito obrigada, dona Dina. A senhora merece um beijo!

– Oxente, menina, quer me encabular?

– Hoje vou comer aqui com a senhora! Se importa se eu comer de mão? Minha mãe deixava, escondido de pai. Posso? Mas... não diga a tia, tá bem?

– Por mim ela nunca vai saber! Até eu como de mão... A cumida fica mais gostosa, né?

Na mesa da cozinha, sem toalha, foram colocados os pratos e a manjuba. Iniciavam a refeição quando José aproximou-se alegando estar morrendo de fome.

– Veja, Zê, é uma comida inventada por Teca. Tu quer um pedaço? Hoje só tem isto, se não quiser vá comer na rua. Se quiser comer aqui, tem manduba, né Teca?

– Manjuba, dona Dina, manjuba! Você vai gostar, Zê. Experimente! Tome, coma um pedacinho. Se gostar...

O rapaz sentou-se ao lado das mulheres, elogiando alegremente a ideia de Terezinha de fazer uma comida tão gostosa. Feliz do homem que casasse com ela. Além de ter uma linda esposa, teria também uma excelente cozinheira. Não dizia tais coisas por mal. Realmente sentia profundamente dentro de si mesmo.

– Ah, há muito tempo não comia comida tão gostosa! Dina sabe que horas meu pai vai chegar do passeio?

– Não sei de nada! Não é de minha conta a vida dos patrão. Na hora certa eles chega!

– Puxa, também não posso dizer nada... Não quero me meter em nada, não senhora! Estou pensando em dar um passeio no Farol da Barra e não quero chegar muito tarde. Tenho de ajudá na limpeza do automóvel. Preciso tapiar o velho pra ele me ensinar a guiar. Tô até com vontade de falá com dona Dolores... dois chofê é melhor do que um só, você não acha?

– Eu não acho nada! E se já acabou, pode ir saindo. Preciso arrumar a cozinha.

– Já vou. Bem, até logo, então! Se ele chegar antes de mim, pode deixá o carro, eu limpo quando voltá.

– Até logo, Zê!

– Até logo pra vocês!

– Não sei, Teca, esse menino não merece minha confiança! Ele é bem diferente de seu pai! Não gosto dele!

– Ora, dona Dina, esses tempos ele está bem melhor. Nunca mais...

– Nunca mais o quê? Ele já andou arriando as asa pra teu lado? Tome cuidado, Teca! Esse aí não presta. Veja bem, minha filha, aquilo é uma cobra venenosa. Tome muito cuidado. Bem, agora vou lavar os prato.

– Eu ajudo a senhora. Depois vou dormir um pouco.

– Eu também! É bom dá um cochilo de tarde, né?

– É, sim!

– Tá tudo fechado?

– Tá, pode ficar descansada.

Terezinha sentia-se feliz. Poucas vezes tivera oportunidade de dormir após o almoço. O sono chegou rápido. Atendendo ao conselho da amiga fechou a porta, passando a chave. Como seu quarto ficava sobre as dependências dos empregados deixou a janela aberta. Gostava de adormecer olhando o céu.

No fundo do quintal um vulto observava os movimentos das mulheres. Escondido entre as bananeiras, José esperava. Mentira dizendo que iria ao Farol da Barra passear. A oportunidade tão esperada finalmente havia chegado. A escada já se encontrava escondida ao lado do quarto de Terezinha.

O rapaz subia os degraus com cuidado. As pernas tremiam. Alcançando a janela do quarto, parou, observando se havia algum perigo. A moça dormia à vontade; a saia embolada acima dos joelhos.

Extasiado, José permaneceu admirando a beleza do corpo feminino. Entrou. Respirando com dificuldade, levantou a saia mais um pouco. Arregalou os olhos ao ver a calcinha branca, fixou a vista numa região mais escura; alguns pelos perfuravam o tecido. A moça se agitou. Mudando de posição, encolheu a perna esquerda mostrando as nádegas. Foi a faísca que acendeu a fogueira, desencadeando emoções animais. Jogou-se sobre a adormecida.

Brutalmente presa, o horror tomou conta da moça. Os primeiros movimentos de libertação foram inúteis.

A mão do homem sobre sua boca a impedia de gritar. Fechava e abria os olhos, esperando estar vivendo um pesadelo. Colocada de costas para a cama, percebeu estar sem a saia. Forte pressão sobre sua vagina fê-la lutar para retirar a mão do agressor. Instintivamente cruzou as pernas, protegendo-se. O atacante, mais forte, ganhava terreno; rasgara-lhe a blusa libertando os seios. Apertou-os, manteve o mamilo entre os dedos.

Passado o primeiro impacto, reconheceu José. O ódio instalou-se em seu cérebro, transformou-se em forças.

Os corpos molhavam-se de suor. A resistência da fêmea diminuía, estava a ponto de desmaiar, dos pulmões saía ar quente. Com muito esforço, o último talvez, conseguiu livrar-se da mão que lhe tapava a boca; respirou melhor. Tentou gritar. Da garganta, não saía qualquer som. Novamente teve a boca tapada. José sugava-lhe os lábios como se deles quisesse extrair sangue. Ódio e nojo. Mordeu o atacante. Livre da pressão cuspiu-lhe na cara.

O medo crescia. Se a luta demorasse mais, seria vencida. Das vestes, restava somente a calcinha. Estava perdida. Lembrou-se de Dina e da própria mãe. Rogou a Deus para que elas viessem socorrê-la.

Os momentos pareciam intermináveis. Começou a ouvir o ruído de um sino, estava desmaiando.



– Vamos nós duas?  
– A senhora teria coragem? Mesmo?  
– E por que não? Nós não vamos lá e ela não vem aqui, quando queremos? Quantas vezes já fomos visitá-los? Zilma vai entender!

Haydée não escondia a esperança de ver a filha de namoro firme com Zilmário. O rapaz tinha todas as qualidades almeçadas para o marido da filha. Era educado, de família boa e, se não fosse milionário, também não era nenhum pé-rapado. Filho único, outra coisa muito boa! Único herdeiro das posses dos pais e da mãe de criação. Até ela tem posses. Anda com cada corrente de ouro... ouro maciço, ouro puro! Eu nunca pude ter um correntão deste... Deus me perdoe, a coitada diz cada heresia... ignorante!

– Como é, desistiu?

– Eu não! Estou esperando! Eta, para que tanto esmero, para uma simples visita? Ah, desculpe! Esqueci, você vai à casa da sogra... tem de ir arrumada...

– Se a senhora começar com estas conversas, eu desisto de ir e pronto!

– Pronto, não está mais aqui quem falou! Vou ficar calada. Apenas quero que fique alerta. Depois, uma sabida pega o peixe, e você perde um excelente partido como é Zilmário! Você mesma me conta como suas colegas fazem para agarrar um rapaz. Abra o olho, minha filha, senão, tanto você como Débora vão ficar para titia!

– Se Zil tiver de ser meu...

– Zil? Já está nesta intimidade?

– Não tem intimidade nenhuma! Todos chamam ele de Zil, e eu me acostumei também. Se ele tiver de ser meu, será, caso contrário, se o destino não quiser, azar! Se não tiver de ser casada, não serei. Basta-me a música. Casamento é secundário.

– Vai me dizer que não pensa em se casar com um rapagão daqueles? A mim...

– Bem...

A discussão continuou até a porta da casa de Zilma que, ao vê-las, abriu-se num sorriso simpático.

– Haydée... Carlinda! Que prazer em vê-las! Estava de saída para ir à sua casa. Sabem da novidade?

– Zilmário passou no vestibular? Por isso estamos aqui! Alguém do meu lado estava impaciente para lhe dar os parabéns.

– Que felicidade, amigas! Não vejo a hora dele voltar para dar-lhe um abraço e um beijo. Mas... entrem! Hoje é dia de festa, vamos esperar sua volta para festejarmos juntos. Ele vai se sentir muito feliz em vê-la, Carlinda! Não acha, Haydée?

Encabulada, a moça acompanhava o sorriso das duas mulheres. Sentia-se idiota em meio a tantas insinuações. Estava claro, tanto sua mãe como a de Zilmário pensavam da mesma maneira com relação ao namoro. Chegava a se sentir culpada por ainda não estarem definitivamente comprometidos. O Confidente estava cheio com o nome do rapaz, escrito de várias maneiras.

– Dona Tila já soube?

– Ora, se... Agora mesmo está em seu quarto com mais de uma dúzia de velas acesas, uma para cada santo de sua devoção, agradecendo a graça. Ah, houve uma coisa engraçada... Eu já dei tanta risada comigo mesma! Escutem: ela tem mania de guardar dinheiro novo. Quando recebe os pagamentos de alguma coisa dela vendida por lá, na fazenda, só aceita se for em cédulas novinhas em folha... Não posso me lembrar sem sorrir... qual!

Enquanto Zilma se controlava, as visitantes ficavam em suspense, curiosas para saber qual a novidade.

– ... ela acendeu as velas... na alegria, não reparou... imaginem... acendeu as velas no baú de madeira onde guarda o dinheiro... queimou tudo! Quando

me contou, chorando de alegria, disse-me que era um sinal de felicidade futura. Ele seria desprendido das coisas materiais e, verdadeiramente, mais apaixonado pelas coisas espirituais.

– Queimou todo o dinheiro dela?

– Não queimou tudo, minha filha, porque a maior parte Mário guarda no cofre. Não fosse isso, teria se consumido tudo nas chamas. Ela não liga para nada. Nem sabe quanto tem guardado. Tudo dela, quem administra é Mário e um amigo nosso lá de Entre Rios, o senhor Laurentino.

– Esta Tila! Eu posso ir lá no quarto dela, dona Zilma?

– Olhe, filha, ela é um pouco cismada quando está rezando, mas, em se tratando de você, por certo não se incomodará. Diga-lhe que contei o caso do dinheiro queimado.

A jovem gostava de conversar com Tila. Sua maneira de falar era tão agradável e diferente... Seus objetos de estimação eram muito interessantes. Cada um deles representava uma história. Para aqueles que conheceram seu quarto, em Entre Rios, ficava a ideia de que fora inteiramente transportado para Salvador. O oratório apresentava pinturas a ouro, por dentro e por fora. Na parte do fundo, havia a figura de um sol dourado, cujos raios espalhavam-se em várias direções. No centro, duas imagens maiores: a de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e a de São José. Presos às laterais, quadros de outros santos: São Cosme e São Damião, Santo Antônio com seu Deus Menino nos braços e São Benedito. Cada um deles tinha uma missão específica. Quando o caso era mais sério, ela fazia uma mesa redonda com os protetores para solicitar-lhes ajuda coletiva. Essas reuniões eram promovidas, também, para agradecimentos importantes. O filho passara no vestibular e quase todos os seus sonhos estavam se realizando. Faltava, apenas,

vê-lo casado. Depois, poderia unir-se a Nega Camila e a dona Cândida, impacientes por sua chegada.

– Minha Nossa Senhora do Perpeto Socorro! Vosmecê é muito boa pra eu, num sei o que esta preta véia fez, nesse mundo de Deus, pra merecê tanta bondade sua. Minha fia Zirma anda tão filiz cum seu marido... inté parece dois namorado, tar a manera dele tratá dela... Hum, bem sei o qui é esta satisfação...

Encostada no portal, Carlinda observava Tila em sua meditação, ajoelhada diante do oratório, o rosto inclinado para cima, as mãos apoiando o queixo. Não entendia as palavras dirigidas às imagens; eram sons guturais quase imperceptíveis.

Na sala de visitas, as mães continuavam o colóquio. Zilma, com a vista presa à rua, esperançosa de ver o filho chegando.

– Você deve estar muito feliz, hem, Zilma? Já tem o filho encaminhado na vida.... Dentro de alguns anos, será doutor. Pena é criarmos os filhos com tanto carinho e depois vê-los casados, irem-se embora para longe de nossa vista, com suas mulheres ou maridos, cada um deles sujeitos à própria sorte. Como dizem os mais velhos, casamento é um bilhete de loteria. Seria bom se pudéssemos casá-los e mantê-los ao nosso lado...

– Eu também penso nisto. É minha maior preocupação. Veja Carlinda, por exemplo, uma moça prenda-da, uma excelente pianista, criada com todo mimo e, Deus a livre e guarde, quando menos se espera, dá-se para o lado de alguém sem valor...

– É, é isto mesmo! Mas, o jeito é esperar. Deus tenha pena deles e lhes dê juízo suficiente para saberem escolher, quando chegar à hora de assumirem família.

– Lá em minha terra, no meu tempo, nossos pais tomavam a si a definição de escolher com quem os filhos deveriam se casar. Mesmo se não gostassem um do outro. Às vezes, até, nem se conheciam. Quando

resolveram me casar, eu ainda nem tinha pensado em namoro. Estudava aqui em Salvador, na Escola Nossa Senhora de Lourdes...

– Aqui em Nazaré? Veja como o mundo é pequeno!

– Sim, na minha ausência acertaram meu casamento com Mário. Durante as férias, antes do último ano, soube que teria de casar com Mário, tão logo retornasse formada.

– Eu estudei no Instituto Normal. Ah, tenho tanta saudade. Quando me recordo dos problemas que julgávamos serem insolúveis... Lembro-me de uma nota baixa em matemática. Quase não tive pernas para chegar em casa! Hoje, sim, nós temos problemas verdadeiros. Se nós pudéssemos saber antecipadamente com quem os meninos iriam se casar, talvez fosse possível livrá-los, de alguma forma, de uma vida arruinada. Todo dia peço a Deus para guiar os passos de Linda na sua escolha. Tenho esperança de vê-la casada com rapaz que tenha as qualidades de Zilmário. Só assim eu me sentirei tranquila. Ela tem muito bem condições de sobreviver dignamente, quando nós formos para a outra, porém, se arranjar um malandro que jogue tudo fora, como ela irá passar o resto de sua vida?

– Seu problema é um malandro estragando a vida dela, o meu, é uma aventureira. Você sabe, meu filho nunca foi de muita farra, não tem muita experiência com moças casamenteiras... Sabemos das artimanhas que uma mulher experiente pode utilizar para prender um homem. A vida dele, nestes últimos anos, foi dividida entre o colégio, o CPOR e a preparação para o vestibular. Para ir a uma praia ou a um cinema, era obrigado pelo pai. Você conhece um amigo nosso que vem aqui de vez em quando, o senhor Garcia? Ele é quem tirava Zil dos livros e o levava, quase o arrastando, para ver o futebol no Campo da Graça. É um fanático torcedor do Bahia e, a todo custo, tenta influenciar Zil a torcer pelo mesmo time.

Depois de breve silêncio, como se estivessem à procura de uma solução para um problema...

– Você não acha?

– Sobre os dois?

– Sim!

– Isto seria ótimo! Carlinda para mim seria como uma filha. Quando nós duas estivéssemos velhas, brigariamos pela posse deles, cada uma querendo retê-los mais tempo perto de si!

– Eles passariam uns tempos com você e outros comigo... Ou, então, poderiam nos dar os netos! Oh, nem é bom alimentar esses pensamentos e esperanças.

– É bom, sim! Ter novamente nos braços um neném, sangue de nosso sangue. Ah, Haydée, seria felicidade demais! Chego a ter medo de morrer antes de ver tanta alegria.

– Não sei o que há com estes dois. Mais parecem dois irmãos. Você sabe, quando se mudaram para cá, Linda ficava me azucrinando o juízo para eu saber se vocês estavam precisando de alguma coisa, se tinham algum problema etc. etc. etc. Na noite de Ano-Novo de 1944, quase estraga a festa, preocupada porque sua casa permanecia fechada com as luzes apagadas.

– Foram momentos difíceis, muito difíceis!

– O sonho dela era que vocês tivessem uma moça na família para serem amigas. Quem sabe, talvez, por isso, eles sejam assim. Só querem ser amigos... Mas, espere! Uma novidade! Zilmário prometeu-lhe dizer uma notícia importante tão logo soubesse do resultado do vestibular.

– Será?

– Se for, vamos ao Bonfim para agradecer esta graça?

Enquanto as mães continuavam as conjecturas sobre o futuro dos filhos, em seu quarto, Tila interrompia a prece para dar atenção a Carlinda. Seu interesse

pelo restabelecimento da saúde de Zilmário serviu para enraizar o sentimento de amizade nascido antes delas. Mais uma vez seus braços se abriam para abrigar outro amigo. Depois de Laurentino, Carlinda era a nova inquilina.

– Ah, intonce é vosmecê? Já sobe da nuvidade? Zir passô no tar de s'tibulá... sistib... sei lá, minha fia! É um troço qui vai fazê dele doto. Seu dia tombém vai chegá. Mudernage, minha fia... mudernage! Em meu tempo, muié boa era qui tinha prenda, sabia fazê cumida boa, remendá, fazê ropa, essas coisa. Hoje ela tem de alisá banco de escola pra ser dona de casa... Num sê pra quê! Quano bota ela na frente de um fugão, num sabe nem acendê o fogo. E tu, tá neste ró tombém? Vai sê ginhera cuma Zir? A muié qui casá cum ele tem de sabê fazê boa comida pra ele. Se ocê quisé, eu insino. Mermo qui num seja pra casá cum meo fio Zir, vai sê boa muié pro home qui tivé de sê seu marido...

– A senhora se importaria, se Zil quisesse casar comigo?

– A cumida qui ele mai gosta é cuzido cum pirão, bem forte! Quano ele tava duente, eu dava pra ele pirão de ovo cum tomate pequeno. Adespois batia batata-doce no leite. Pur isso qui ele ficô bão logo da tar de – Ave-Maria, Ave-Maria – pnomonia. Os dotô dizia que ela ia levá um bando de tempo pra curá... Doido! Nenhum deles sabe cuma Laurentim. Aquele, sim, inté me pede a manera de cuma fazê chá de erva... Abaixo de Deus, ele é um santo! Se ocê tivesse visto cuma Zir chegô nos braço do pai, cuma eu vi cum esses oio qui a terra vai cumê um dia, dizia qui tava morto. Quano Laurentim chegô, foi logo dizeno que dava um jeito. Deu uns remédio ao minino... num fosse isso, nem mermo meu sumo de mastrução tinha sarvado ele adespois do acidente! É ele na terra e Deus Nosso Sinhô no céu!

– Como foi este acidente, dona Tila? Ele caiu do cavalo?

– Oia, Linda, eu gosto muito de ocê, gosto mermo! Eu gosto muito de ocê! Oia, num repare não, mai, derne muito tempo, qui tenho guardado um presentim pra ocê. Tome, num vá repará, hem?

– Dona Tila, é lindo! Oh, dona Tila, eu também gosto muito da senhora, sabe? De dona Zilma, de seu Mário e de Zil... Como foi mesmo o acidente? Por que ele teve de ficar tanto tempo em recuperação? A senhora não pode imaginar minha preocupação, vendo a casa toda fechada, tanto no Natal como no Ano-Novo. Cheguei a temer que todos aqui estivessem mortos.

– No príncipe foi munto difice. Dava dó vê o menino deitado em riba da cama, proibido de alevantá. Oia, aqui pra nós dua, num diga a ninguém, mai eu alevantava ele inscundido. Se Zirma sobé, vai daná... O dotô vinha cá todo santo dia. Dia, dava esperança, dia fazia uma cara de preocupação, qui dexava Zirma mermo qui maluca. Ele teve uma duença muito braba. Graças a Deus qui o pai dele tinha posse pra mandá buscá os remedo no estranja. Seu Gaucia tombém deu munto digitoro. Adespois pergunte a Zirma o nome dos remédio. Eu num sei dizê esse nome difici. Laurentim é qui diz, tão bunitinho... tibio... tibótico... é uma coisa assim! Pergunte a Zirma, ela tombém é letrada, qui nem sua mãe. Ela sabe dizê direitinho. Ocê tombém vai aprendê logo, tá seguino o mermo caminho de tua mãe e dela!

– Eu já ouvi falar de um remédio que dizem está curando até defunto. Depois eu pergunto a dona Zilma.

– Pois é, minha fia, ele quaje é difunto. Mai Deus Nosso Sinhô amparô essa preta véia e num dexô ele morrê... Era minha morte tombém... Quano truxero ele pra cá, qui Laurentim mandô, eu tive de ficá lá. Aí me

deu uma coisa cá pru dentro. Te juro pru essa luz qui nos alumeia, quano fui na casa dele pra pedi qui me truxesse pra cá, tava disposta intê a carregá ele apusso. Ele foi tão bonzinho! Foi a sarvação de Zir. Se eu num venho, os maluco dos dotô tinha dexado meu fio morrê! No remédio de Laurentim, eu querdito mai, nas bolinha veumeia qui davam pru minino, eu tenho minha dúvida. O qui sarvô ele, adespois dos remédio qui tomô lá em casa, foi o sumo de mastruço e o pô bento qui troxe inscundido dentro da saia pro hospitar. Foi isso qui sarvô ele: Deus, em premero lugá, os remedo de Laurentim e meu sumo de mastruço...

– A senhora fez o quê?

– Troxe sumo de mastruço em dois frasco inscundido debaxo da saia! Mai, ninguém viu nada. E na hora de dá pra ele bebê? Aí era qui tinha coisa! Um dia uma enfermera viu e preguntô do qui se tratava, se era remédio do dotô. Vixe Maria! Oia, eu dixei qui num era da conta dela e, se ela desse cum a língua nos dente, eu tinha um troco pra dá a ela. Fui dizeno isso e meteno a mão no califom pra tirá esse bentinho... Oia, veja ocê mermo! Só tem a image de Nossa Senhora e de São José. Fiz qui ia tirá alguma coisa de dentro... foi a conta! A muié ficô branca qui nem paia. Essa nunca mai veio pro quarto...

– Contando suas traquinices, ninguém vai acreditar. Ter coragem de fazer uma coisa destas dentro de um hospital!

– Era pra metê medo nela, menina! Esse pissoá tem medo de tudo, basta a gente qui é preta dizê qui vai fazê alguma coisa, e ficam logo se borrhano de medo. E a otra... qui num dexava eu alevantá ele?

– Teve outra vez?

– Tá, se teve! Ficava reclamano qui o dotô ia brigá, qui tava errado, qui ia cumunicá... Ah, minha fia! Essa eu já tava cum ela atravessada... danada da vida!

Peguei um punhado de pó de arrois de Zirma e soprei na cara dela, dixei qui se ela contasse ao dotô, aquela era a premera dose. Se ela me obrigasse a soprá de novo... Carma, minha fia, carma, ocê vai ficá cum dô de barriga mermo qui a enfermera.... Num ri tanto, cuidado! Oia a tripa gaitera!

– Eu não lhe aguento, dona Tila! Ela ficou com dor de barriga?

– Num sê de nada! Mai, no otro dia, a cunveussa no hospitar era qui a enfermera tava se borranho nas carça. Sabe de uma coisa? No otro dia ela veio pedi adescurpa e me pedi a bença! Quar!

– Esta foi demais!

– Já te contei do aluvadô?

– Bom, esta, realmente, eu não entendi! Aluvadô? Nunca ouvi falar. Não sei do que se trata. Tem alguma coisa a ver com o acidente sofrido por Zilmário?

– Num sê qui dianta sê tão letrada! Aluvadô é aluvadô! Aquela gaiola que sobe pra Cidade Arta e a gente num fai força. Eu e Laurentim tava lá em baxo e o aluvadô levô a gente lá pra riba! É uma coisa boa, o aluvadô!

– Ah, o elevador! A senhora tomou o Elevador Lacerda na Cidade Baixa. Então, gostou?

– Minha fia, foi uma desgraça no caminho da fera! Na hora qui o bicho arribou pra riba, te juro, me deu uma estranheza na pança qui quano dei fé de mim, já tava estribuchada no chão da gaiola!

– Dona Tila, meu Deus!

– Eles tombém surriro assim cuma tu! Aí, na otra veis, quano a gaiola parô em riba, eu tornei a me estribuchá. Mai, dessa veis me agarrei no palitô de Laurentim e no otro home gordo qui tava perto de mim e qui bem deu risada de eu! Gordo, qui é mole das perna, num aguentô meu peso e caiu tombém. Intonce, eu cai pru riba dele... aí caiu quaje todo mundo. Os imbruido

quaje se espatifa! Para, Linda, se acarme minha fia, para de surri!

– Santa mãe de Deus, a senhora arrumou uma tremenda para seu Laurentim. Fico imaginando a cara dele!

– Oxente, tá quereno falá errado qui nem eu? O nome do home não é Laurentim, não senhora, é Lau... ren... tim. Ren... tim!

Tila procurava distrair Carlinda da pergunta sobre o acidente com o filho, contando-lhe suas aventuras, forçando um pouco. Gostava de vê-la com os olhos vermelhos, as lágrimas a escorrer de tanto sorrir. Enquanto a moça se distraía, voltava os pensamentos para Zilmário. O filho estava demorando.

– Dona Tila, a senhora não me respondeu a pergunta: Se importaria se Zil quisesse casar comigo?

– Deus, Nosso Sinhô é qui sabe, Deus é qui sabe! Nosso Sinhô proteja ele agora. Deve de tá com os amigo.

## IV

Repleta de estudantes, a porta da Escola de Engenharia se transformava em um grande palco, como se ali fosse haver um evento artístico. Na rua, o tráfego se desenvolvia com dificuldade. Jovens, na maioria rapazes, agitavam-se ao longo do passeio. Atravessavam a rua zigzagueando entre os veículos, ao avistar algum conhecido. A festa agradava a população. Muitos pais já estavam misturados com os jovens, participando dos momentos de alegria, depois de tanto estudo e apreensões. Alguns, não convencidos com a própria vista, pedia a outro colega que relesse a lista para confirmar a presença de seu nome. Depois saía aos pulos dando urros e abraçando a pessoa mais próxima.

– Eu passei! Eu passei, Zilmário! Eu passei! Agora seremos doutores, os futuros engenheiros desta nação... Eu passei! Vamos construir um Brasil bem melhor!

– Parabéns, rapaz! Valeu a pena nosso sacrifício, tantos meses sem distração, uma farrinha, uma tela. Agora vai ser mais fácil.

A alegria dos colegas não conseguia contagiar Zilmário plenamente. Mesmo antes dos resultados serem fornecidos, ele já se sentia aprovado. Contudo, congratulava-se com eles, como se também estivesse dominado por tal felicidade.

– Ei, Zilmário, está triste? Deixa disto, cabra! Animação, vamos, alegre esta cara!

– Claro, claro! Estou muito feliz! É o dia mais feliz de minha vida! Pelo menos espero que seja!

Ninguém podia imaginar quais motivos preocupavam Zilmário. Prometera a Carlinda dizer-lhe uma coisa muito importante quando fosse aprovado no vestibular e, agora, sentia-se sem coragem. A ocasião obrigava-o a tomar uma decisão. Nestes momentos, num passe de mágica, via-se numa encruzilhada sem saber qual o caminho a seguir. Voltava a ser um caminheiro sem rumo. Várias condicionais tumultuavam-lhe o cérebro: se ela não o aceitasse como namorado? Se gostasse dele apenas como amigo? Se o considerasse um aproveitador? Se rompesse a amizade por causa disto? Uma carta... poderia escrever uma carta... seria uma boa solução. E se ela pensar que sou covarde? Passar no vestibular foi mais fácil, as questões foram resolvidas com facilidade, mas se declarar a Carlinda... Por quê? Diga, Zilmário, porque ela é a pessoa que eu gosto mais, depois de Tila, mãe e pai. Droga, não sei por que tenho de ficar nesta aflição! Qualquer rapaz de minha idade fala com uma moça sem o mínimo medo. Eu fico nesta agonia, sem saber como fazer. E o pior de tudo, aqui não tenho a Menina do Rio... Menina do Rio! Até hoje tenho dúvida, se ela existiu mesmo, se foi febre ou se, realmente, ela apareceu em minha frente e fizemos amor. O meu passado é como uma névoa distante que a gente não tem condições de pegar. A passagem pelo hospital apagou muitas lembranças em minha memória. Tenho tantas dúvidas! Estudei no colégio aqui em Salvador, isto me lembro perfeitamente. Se cheguei a pensar em me matar, é uma incógnita... Cheguei em Entre Rios e fui direto ao rio? Como fui bobo quanto a Tonho... Tudo porque me achava diferente dos outros meninos. Agora, uma coisa é certa, meu pênis era diferente, tinha uma pele cobrindo a cabeça e agora não tem mais, foi a Menina do Rio quem me tirou o cabresto. Imaginação ou verdade,

ela ajudou-me a me ver como um rapaz normal. Se não fosse ela, teria destruído minha vida por causa de uma bobagem... Deveria ter falado com o padre Dilermando, ele teria me explicado que aquilo não era nenhuma anormalidade... Bem, de alguma forma me livrei do problema e agora tenho outro! Sempre tenho problemas a resolver. Algum dia terei sossego e viverei mais tranquilo? Se eu falar de namoro com ela e tomar um fora? Onde vou botar a cara? Parece-me ouvir suas palavras: Que é isto, Zil! Até você? Nossa amizade é fraternal, você quer estragar tudo? Eu gosto de você como de um irmão... Pior será se ela estiver gostando de algum rapaz... Não, isto não! Ela não sai de casa e não vejo rapazes lá. Só se é na escola, escondido... Não creio! Ela teria me contado. Teria deixado escapar ao menos uma dica. Ela pode não gostar de mim, porém não tem namorado.

Os festejos pela aprovação no vestibular aumentavam de intensidade. Os colegas continuavam felicitando Zilmário sem perceber a frieza das respostas.

– Zilmário, ei, tá dormindo, rapaz?

– Acorda, homem! Olhe, a turma vai tomar umas cervejas no bar, você quer ir também?

– Eu? Fazer o quê?

– Vamos comemorar, velho! Você vai também... vamos carregar ele pessoal? Até parece que está dormindo! Nem eu que estive doente... Vamos! Ânimo!

– É, eu vou com vocês! No colégio, também eu fui jogar bola....

– Vixe endoidou de vez! Bola, velho? Nem bola nem bolinha! Vamos tomar cana!

– E o que estamos esperando? Talvez até me ajude! Só não posso demorar muito. Minha mãe e Tila estão me esperando.

– Ok! Ok! Você toma apenas uma, só pra fazer companhia ao pessoal. Vamos lá! Vamos, pessoal! Quem for brasileiro, engenheiro e briteiro siga-me...

Apesar do receio de estar cometendo alguma falta grave, Zilmário continuou bebendo com os colegas. Toda vez que se levantava, era agarrado insistentemente, sendo obrigado a continuar.

Alguém solicitou silêncio para fazer um discurso de agradecimento aos amigos, destacando as qualidades de alguns colegas

Outros discursos se sucederam.

– Deus do céu, já passa das duas horas da tarde! Minha mãe e Tila devem estar preocupadas. Tenho de ir embora. Tomara que ache um carro de aluguel. Pessoal, agora tenho de ir mesmo! Felicidades, felicidades! Depois vamos marcar um dia e fazer uma comemoração mais demorada, vocês topam?

– Eta, o bicho quase não consegue ficar de pé, tá mariadinho, mariadinho!

Quando o carro parou em frente da casa, Zilmário ainda estava tonto. As pernas continuavam dormentes, como se estivesse chegando à Estação de Areias. Passara do limite na cerveja. Recriminou-se por se ter deixado levar pela influência dos colegas. Sua mãe iria ficar triste ao vê-lo assim. O pai, nem era bom lembrar. Droga, droga! Em vez de melhorar a situação com Carlinda, agora piorou tudo! Se ela souber disto, vai julgar que ando fazendo farras em porta de botequim. É... Zilmário, hoje você tirou o pé da lama e meteu no atoleiro... Pior é se eles já saíram à minha procura... Mil drogas! Como fui fazer uma coisa destas?

O ruído do motor do carro chamou a atenção de Zilma e de Tila. Correram para abraçá-lo. Imediatamente perceberam o cheiro do álcool.

– Feis bem, meu fio, um home percisa dessa coisa, vez ou outra. Eu já tinha dito a Zirma qui tu tava demorano praque tava comemorano com os amigo. Adespois, a parti de hoje, tu já é um home intero. O dotô Zirmaro, fio de Zirma e Tila.

– De meu pai... também... né?

– Xi, Zirma, ele tá mermo qui piru em vespra de Natar. Seu Maro, vem vê quem chego. Vem vê!

Mais uma vez os temores de Zilmário ultrapassaram a realidade. Em lugar de recriminações, a bebedeira foi considerada um ato de bravura. Mário não se cabia de contentamento ao vê-lo puxando fogo. Convidou-o para tomarem mais uma, em comemoração ao futuro dotô da família Santana Dantas.

– E a senhora... mãe, t'ai sentada com a mão no queixo?

– Eu... eu estou. Ora, eu estou feliz meu filho, muito feliz...

Do outro lado da rua, Carlinda procurava passar perto da janela da sala, na esperança de descobrir alguma novidade na casa de Zilmário. Gostaria de ter ficado mais tempo, contudo dona Haydée resolveu voltar, alegando que já estava na hora do almoço, e elas deveriam deixar os amigos em paz. Depois que soube da conversa entre sua mãe e Zilma, aumentou mais ainda o desejo de estar ao lado do amigo. Não fosse a tal etiqueta social, teria voltado logo após o almoço. Os preconceitos obrigavam-na a deixar de seguir os instintos, em obediência às leis criadas pela sociedade. Queria entregar-se ao amor; a razão a impedia. Quantas ilusões foram perdidas depois do tão sonhado quinze anos. Quanto engano. Quinze anos resolve tudo, é a porta da libertação... Ah, se fosse! Ao certo, nada mudou! Continuo presa do mesmo jeito. Desejo estar lá, ao lado de Zil, no entanto sou obrigada a ficar assim, impaciente, sem saber onde ele esteve até agora. Dona Zilma e seu Mário ficaram preocupados com a demora. Fiz tudo para mãe ficar mais um pouco e ela, como sempre, foi do contra. Não tinha nada de mais esperarmos mais alguns minutos. Num dia destes, ninguém iria reparar. Talvez dona Tila tivesse terminado

de contar como ele saiu do hospital. Coitadinho, quase morre... Pneumonia é uma doença perigosa! Se ele tivesse morrido, eu teria gostado de outra pessoa? E eu aqui, feito boba, julgando ser uma moça... Débora deu uma risada ao saber que a moça era um rapaz... Ela até gostou, ficava mais tranquila; assim, não perderia minha amizade. É boba, Débora! Boba e ciumentata! Nunca vai ficar adulta, tem cada bobagem! Quando apresentei ela a Zilmário, ficou com uma cara... Ela foi a primeira pessoa a dizer que ele queria namorar comigo. Aí, reconheceu que seria melhor se fosse uma moça mesmo, pelo menos, eu continuaria falando com ela. Com Zil, a situação seria diferente, pois eu não ia deixá-la aproximar-se dele. Não, não tem jeito mesmo! É um caso perdido! Eu, ciumar de minha melhor amiga? Será que sou ciumentata? Eu fiquei preocupada com a demora dele, não foi por ciúmes, não! Mesmo que ele estivesse com alguma namorada, isso seria de minha conta? Ele é meu, por acaso? Minha mãe também diz que sou ciumentata, e, a toda hora, lembra da moça vinda do Rio de Janeiro. Ela foi fazer um teste para estudar com minha professora de piano. Menina danada, tinha uma agilidade nos dedos! Se dona Ana se desse de amores por ela, seria capaz de se desinteressar por mim. Isso é ciúme? Nada disto, foi defesa de meu horário. Depois, a professora com quem ela foi estudar, indicada por mim, é uma excelente professora. Ela ficou acreditando, quando eu disse que a minha era muito quadrada; a outra, não. Eu mesma desejava mudar de professora, mas minha mãe não deixava... Se a professora souber disto... Deus, por favor, me perdoe também por este pecado.

Carlinda passara a misturar a vida de sua família com a de Zilmário. Entre todos, uma figura se fazia mais notável. Tila, com suas conversas engraçadas, às vezes incompreensíveis; as roupas à moda antiga, as

histórias de coisas antigas, as lembranças dos antepassados, a saudosa dona Cândida, o orgulho de ter criado Zilma e Zilmário. Por algumas atitudes dela, referentes à mãe de Zilmário e até mesmo ao senhor Mário, o respeito e o carinho que lhe dedicavam, é muito diferente de uma empregada qualquer, parece ser realmente a mãe de todos. Não, ralmente empregada não é! Se ela é empregada, como pode receber dinheiro de negócios na cidade de Entre Rios? Onde já se viu uma empregada ter dinheiro guardado e possuir tantas joias bonitas? O colar que ela me deu de presente hoje, o cordãozinho, como ela chamou, é de ouro puro! Meu pai disse que deve valer muito! E não tinha este somente! Os grampos do cabelo são de ouro. No quarto, nem é bom lembrar... tem tanta coisa bonita!

A primeira visita da família de Zilmário à casa de Carlinda foi em sua festa de aniversário de quinze anos! Durante a semana que antecedeu à festa, dona Haydée não dissera, mas percebia-se, em suas insinuações, o receio pelas gafes que a família recém-chegada do interior pudesse cometer diante dos convidados. Diante de tantos receios da mãe, ela também ficara apreensiva quando eles confirmaram a presença.

Carlinda gostava de relembrar a chegada da família de Zilmário. Fora magnífica. Eles fizeram os presentes ficarem admirados, quando foram apresentados pelo mordomo contratado.

– Madame, acaba de chegar o senhor Mário e a senhora Zilma. Eles estão acompanhados do filho!

– Pode deixar, eu mesma vou recebê-los!

Os outros convidados tiveram as atenções atraídas para a porta de entrada, onde três pessoas aguardavam. O vestido de Zilma, um longo de seda importada de Paris, graças à influência de Garcia junto a amigos europeus, apresentava, nas pregas da saia, nuances das diversas tonalidades de verde. Os sapatos, à Luiz XV,

de cor prateada, faiscavam à luz do ambiente. Carlinda acompanhou-os nas apresentações e não pôde deixar de observar, nas amigas da mãe, olhares invejosos às joias que auxiliavam a ornamentação da mulher. Nos braços, usava várias pulseiras de ouro. O colo enfeitava-se com um colar único, de pérolas brancas, dividido ao meio por um pequeno crucifixo talhado em esmeralda. Os cabelos, presos por grampos trabalhados com pedras verdes, combinavam com o colar.

Durante as apresentações, Zilma esteve sempre la-deada pelo marido e pelo filho. Mário trajava uma roupa de casimira azul. O paletó jaquetão assentava-lhe bem, realçando o corpo atlético. Carlinda observava o assanhamento de algumas colegas, quando eram apresentadas a Zilmário. Um sentimento ainda desconhecido fê-la procurar um lugar afastado das gaiatas assanhadas. Levou-o, juntamente com Mário, apresentando-os ao futuro deputado Guedes e a outros amigos.

Mergulhada nas lembranças, reconheceu ter gostado dele desde aquele dia... Mas... ele nem percebeu! Me trata como uma irmã... O pior é que mãe ficava com umas conversas de namoro, e eu sem saber o que fazer. Tinha medo de perceberem quanto eu gostava dele. E depois, se ele não gostar de mim? Imagino as meninas assanhadas andando atrás dele. Muito mais bonitas, que sabem se arrumar, vão a salão várias vezes... Débora sabe que gosto dele. Ela está certa. Não devo alimentar muitas esperanças, posso cair do cavalo. Que terá de tão importante para me dizer? Vai se declarar? Ah, Deus, tomara que não seja para me falar de outra namorada. Talvez seja pecado, mas eu gostava mais do tempo que ele estava convalescente, pelo menos não havia possibilidade de ver outras moças e gostar de alguma. Hoje ele está um pão... Naqueles tempos, pálido como pano, queria ver se alguma delas iria gostar dele. Dona Zilma mesma, disse uma vez, que minhas

visitas foram tão importantes para a cura dele como os remédios do médico e os chás de Tila. Coitadinho, ficou tão acanhado nas primeiras vezes que fui lá! Nossa salvação foi o jogo de damas. Quando perguntei se ele gostaria de jogar uma partida, aceitou imediatamente. Até hoje, ainda tenho a impressão de estar ouvindo sua voz um pouco rouca.

– Você sabe jogar damas? Olhe que nestes últimos dias eu aprendi muito com Garcia. Não vou ser um adversário fácil!

– Bem, não sou professora, apenas arrumo as pedras. Quer sair? Se os dois fizerem dama, empata?

– Como você quiser! Pode sair. As damas primeiro. Estou falando de uma dama de verdade, e não a do tabuleiro.

– Está bem, vamos lá! Quero ver se é este bamba todo! Eu também jogo na escola durante os intervalos.

Com o passar dos dias, Zilmário recuperava energia, tornando-se mais forte. Esforçava-se tentando melhorar rapidamente. Tomava os remédios dos médicos e os chás de Tila. Envergonhava-se de parecer um inválido diante da moça. Enchendo-se de coragem, um dia, aceitou tomar banho de sol no quintal, acompanhado por Tila e Carlinda.

As duas sorriam vendo a felicidade do rapaz, ao sentir o vento e o sol no rosto, a alegria em ver o pé de fruta-pão que se apresentava cheio de frutos, a promessa de que, quando estivesse totalmente recuperado, trataria do quintal e das árvores...

Os sorrisos foram roubados por um acontecimento inesperado: a manhã, que começara tão bem, estava fadada a terminar, com sérias preocupações. O enfermo, desacostumado aos raios solares e ao esforço físico, apresentou um ligeiro desmaio que obrigou as mulheres a chamar o médico. Zilma não fez recriminações, mas demonstrava muita tristeza. Tila apressou-se em fazer um mingau de cachorro.

– Toma, Zir, toma!

– Se preocupe não, mãe! Desta eu não vou! Enquanto tiver Tila me dando esta droga de mingau, eu fico por aqui mesmo! Olhe, elas não tiveram culpa alguma, fui eu que insisti. Queria ver o quintal e o sol.

– Tu é, é ingrato! Em vez de mingau de cachorro, eu devia lhe dá uma parmada bem aqui!

– Que é isto, Tila? Você não está vendo, Carlinda?

– Coitadinho, ele não está merecendo palmadas não, dona Tila, está tão fraquinho. Se apanhar, vai é piorar!

– Agora tá todo mundo contra eu, né? Dixa cumigo, minina, dixa cumigo. Cá cumigo, eu sei o qui tô fazeno! Isto é muito dengo, isso sim! Pronto, o dotô chegou.

Depois do minucioso exame, o Dr. Nélson tranquilizou-os. Não havia necessidade de remédios adicionais. Ao sair, afirmou que, enquanto tivesse a colega Tila nos casos de emergência, não havia nada a temer e que, a qualquer dia, queria a receita da farmacologia que ela usava. Recomendou-lhes repetir o exercício nos dias seguintes, aumentando o tempo progressivamente.

Os jogos de dama continuaram. O resultado pouco interessava aos contendores. O tabuleiro colocado entre os dois transformava-se num tapete mágico, levando-os a um mundo diferente, onde bastava o olhar. Durante uma comida errada, feita pela companheira, Zilmário pegou-lhe na mão ensinando como deveria proceder. Neste momento, dona Haydée perguntou quem estava ganhando. Responderam, ao mesmo tempo: É ele, é ela! As mães sorriram compreensivamente. O abobamento estampado no rosto dos filhos, as respostas gaguejadas tornavam-nos engraçados.

– Você já viu um jogo desses, em que todos saem vencedores, Zilma?

Com o reinício das aulas, as visitas ficaram mais frequentes. O rapaz estava recuperado. A título de ensinar algum exercício de matemática ou ciências físicas a

Carlinda, estavam constantemente juntos. Dona Haydée participava do relacionamento, aceitando as desculpas sobre os trabalhos escolares. Ao marido, dizia que a filha sempre tivera dificuldades nestas matérias, porém, depois que começou a estudar com Zilmário, nunca mais tivera nota inferior a oito. O curso de piano também sofrera forte impulso, a ponto da professora, satisfeita com o progresso, afirmar que iria prepará-la para participar de um concurso. Dr. Néelson, por sua vez, não apresentava sinal de desaprovação à amizade entre os jovens.

Carlinda, que lembrava esses acontecimentos justificando o sentimento pelo amigo como sendo apenas amizade, cedeu a si mesma. Não havia mais dúvida. Todas as preocupações não passavam de ciúme. O batucum no coração, quando o viu fardado de oficial do Exército, era amor, e não amizade fraternal. Ele estava lindo, forte, parecia até os heróis dos retratos. Até Débora ficou com os olhos nadando de vontade de ser sua namorada, quando lhe mostrei o retrato que ele me deu. Que confusão para tomar das mãos das meninas... Deus me perdoe, Débora seria a última pessoa de quem eu deveria ter ciúmes. Ela é minha amiga e nunca faria uma coisa dessas comigo! Eu digo que ela é boba, mas a maior boba sou eu mesma. Ele nunca demonstrou qualquer sentimento diferente por mim, e eu fico alimentando ilusões. Só quero ver o que ele vai me dizer! Nem Tila diz nada, já me contou quase tudo sobre a vida dele, mas nunca falou o que ele pensa de mim. Não acredito que um homem fortão assim possa ser tímido.

Os pais de Carlinda também falavam sobre ela, apesar de ser o horário destinado ao descanso do almoço.

– Acredito que ela poderá ser muito feliz com Zilmário. Se você tivesse mais aproximação com os pais dele, veria que se trata de uma família de gente de bem. Existe uma certa diferença, do ponto de vista cultural, entre Zilma e o marido, fora isto, eles vivem muito bem!

– No início, era apenas Carlinda. Agora você também foi atacada pelo gérmen da simpatia pela família. Já houve alguma coisa entre eles dois? Ela já lhe confessou algo? Tome cuidado, as visitas estão cada vez mais intensas. Filho homem é uma coisa, mulher é outra! Minha velha mãe sempre dizia: Macho com fêmea juntos, nem cavalo com galinha!

– Eu não tenho o mínimo receio dele... é tal e qual você, quando tinha medo de se declarar a mim. Ele é um homem perfeito, com letra maiúscula! Será digno de entrar em qualquer família, ainda mais agora que passou no vestibular de engenharia. Olhe, eu e Zilma já tivemos uma conversa, e ela tem o mesmo pensamento meu. O que é estranho é que os dois continuam como se fossem irmãos!

– Duas alcoviteiras, isto sim, é o que vocês são.

– Nós estamos defendendo o futuro de nossos filhos, contra casamentos errados, que levam duas pessoas e, às vezes, mais, incluindo os filhos, a uma vida de desavença. Vocês homens só sabem se preocupar quando a desgraça já está feita. Minha mãe também dizia: Filhos criados, trabalho dobrado.

– Hum...

– Carlinda me disse que Zilmário vem prometendo lhe dizer uma coisa muito importante, quando souber o resultado do vestibular. Agora que ele foi aprovado, ela está esperando que seja hoje... Ouça, está ouvindo? Vê como ela está tocando? Não faz pena uma filha destas, vir amanhã ou depois, casar-se com um aventureiro? Eu lhe digo, Dr. Néilson, se ela casar com Zilmário, vai ser a felicidade total. Posso morrer depois, estarei descansada...

– Pelo que vejo a coisa é seria, hem?

– Você sabia que o pai dele mandou comprar, diretamente no estrangeiro, o antibiótico para curá-lo da pneumonia que teve?

– Pneumonia?

– É, Zilma me contou que ele estudava aqui em Salvador. Estudou interno quatro anos. Ao terminar o curso de ginásio, querendo fazer-lhes uma surpresa, viajou sozinho para Entre Rios. Quando chegou lá, resolveu ir ao rio onde tomava banho com os colegas. Sem saber, já estava doente, pelos esforços que fizera no fim do ano. Como vocês homens são todos malucos, queimando de febre, jogou-se ao rio para tomar banho, matar saudades! Foi a gota! Quando deram por falta dele e foram procurá-lo, já estava semimorto, tanto da pneumonia como por afogamento...

– Que coisa estranha! Coitado do rapaz. Ele é maluco? Olhe, esta história está muito mal contada!

– Não tem nada de mal contada! Quer que eu continue?

– Está bem!

– Vieram para o Hospital Português e o doutor... é um xará seu, Néelson, conseguiu salvá-lo da morte. Hoje vai ter uma comemoração na casa dele, coisa íntima, só para os parentes e nós. Você vai aceitar o convite do Sr. Mário, não vai?

– Veremos...

– Nada de veremos! Precisamos dar esta chance a Linda...

– Chance? Quem disse que considero o fato dele querer casar com ela, uma chance para minha filha? Ele que se dê por feliz, se ela o aceitar! Onde já se viu...

– Olha, veja só! Como o rei se ofende quando se diz alguma coisa contra a princesa! Vocês são dois sonhadores!

– Fique com suas brincadeiras, eu não vou e pronto!

Os pais de Carlinda começaram as comemorações a partir das vinte horas. Os de Zilmário, no entanto, estiveram em festa desde a hora em que ele retornou. Mário

era o mais entusiasmado com a perspectiva de ter um filho engenheiro. Fora sua primeira vitória contra Tila e Zilma, que desejavam medicina. Expusera sua vontade de vê-lo formado em engenharia, durante um almoço. Discutia-se o futuro do rapaz, e ele demonstrou que preferia um engenheiro a um médico. Zilma enaltecera as belezas de ser médico, todo vestido de branco levando esperança a pessoas sofredoras. Poucos dias antes do exame, souberam que iria estudar engenharia. Não houve discussões. Zilma e Tila aceitaram a resolução do filho. Sabendo que Mário ficaria feliz, resolveram fazer um jantar especial, quando lhe dariam a notícia.

– Já pensou, Zilma, um filho engenheiro? Ele vai construir metade dos prédios desta cidade velha. Vou acabá com o negócio de loja, para montar uma firma de construção: “Construtora Nova-Bahia de Dr. Zilmário Santana Dantas e Pai.”

Enquanto falava dos sonhos de montar a firma de construção, Mário cortava o ar com a mão, em gestos largos, representando o local onde seria colocado o letreiro. Seria uma casa grande, no centro da cidade, cheia de prateleiras para impressionar os fregueses. Zilmário tomaria conta da parte da construção, ele, da parte comercial. Talvez incluísse Garcia na sociedade. Com o crescimento dos negócios, mandaria buscar pessoas de sua confiança em Entre Rios.

– Matuto só tem confiança em outro matuto! Aqui não tem ninguém de confiança?

– Tem, filho! Mas... os de lá são meus amigos de verdade!

– Acho mió dexá de tanta cunversa mole e tratá dos aperparo pras visita qui vem de noite pra cá! A bebedera de ontem foi das boa, hem?

– Tem razão, Tila! Eu preciso descansar um pouco. Não quero estar com esta cara de enjojo na frente dos convidados... hoje vai ser...

– Vai ser o quê, meu filho?  
– Bem! Ficou curiosa, hem, dona Zilma?  
– Fale rapaz, desembuche!  
– Senhor Mário, meu pai! Digníssimas senhoras Tila e Zilma, minhas mães... Ih! Acho que está na hora de confessar uma coisa!

– Tu tá quereno namorá cum a fia do divogado, né?  
– Puxa, Tila, você advinha meus pensamentos? Há alguma objeção? E vocês que acham da ideia de eu e Carlinda mantermos um namoro mais sério? Ainda não falei nada com ela, nem mesmo sei se ela quer namorar comigo...

– Pode ficá discansado! Ela tá doidinha pur tu derne muito tempo!

– Hoje é um dia maravilhoso! Tenho tudo que sempre almejei. Vê-lo casado com uma moça do caráter de Carlinda é uma grande felicidade! Deixe-me beijá-lo!

– Eu também fico feliz, meu filho. Apesar de não ter muita intimidade com os pai dela, acho que são gente boa...

– E você, Tila, não diz nada?

– Deus Nosso Sinhô é qui sabe de tudo! Ele faiz o qui é certo. Num dianta nós maginá as coisa. Os home propõe, mai Deus dispõe. Casamento é coisa sera, não posso dizê nada antes de vê a decisão de Jisus Cristo! Agora é cuidá dos quifazê. Num vamo fazê feio com os cunvidado.

Zilmário e os pais se olharam espantados. As palavras de Tila não foram claras. Não deu sua opinião quanto à possibilidade de ver realizado o casamento. Ela gostava da moça, não havia dúvidas, dispensava-lhe tratamento carinhoso, bem próximo daquele que tinha pelo filho.

Vendo a mãe de criação afastando-se da sala, Zilma tratou de tranquilizar os outros. Aquilo era ciúme

de Tila, não queria perder Zilmário, temia que outra mulher pudesse dividir seu amor. Ficassem tranquilos, qualquer moça que dele se aproximasse falando em casamento seria olhada com antipatia. Depois ela aceitaria a ideia e seria a primeira a defender a união.

Tila passou o resto da tarde a resmungar palavras ininteligíveis. Quando se encontrava assim emburrada, o melhor que se podia fazer era deixá-la à vontade. Se alguém tentasse perguntar-lhe o porquê da zanga, ouviria a tradicional frase: Intonces uma pissoa vêia num pode mai nem pensá no qui qué nesta vida?

Mário e o filho continuaram na sala, falando de Carlinda.

Tila preparava-se para as orações da Ave-Maria. O terço de contas grandes ordenava as preces, que duravam o tempo relativo ao estado psicológico em que se encontrasse. Nesta tarde foi rápida.

– Já terminou de rezar?

– Inda tá fartano muita coisa pra fazê, né Zirma, minha fia?

– Eu também acho! Não sei por que teima em não arranjarmos uma empregada!

– Intonces eu num sirvo mai nem pra cuidá da casa? Oia minha fia, esta preta vêia, qui ocê tá vendo aqui, vai cuidá d'ocês pur um bandão de tempo ainda... tenho de vê os neto, fio de Zir!

– De Zil e Carlinda? Ela é uma boa moça, Tila! Melhor do que ela acho que não conhecemos. Pois eu lhe digo, sentir-me-ei muito feliz se puder vê-los casados.

– Deus Nosso Sinhô é qui sabe... Se ocê tem tanta vontade de arranjá uma impregada, pru que num manda buscá Jaquim ou um muleque quarqué? Tem hora qui sinto sardade daquele nego safado!

– Eu sei que você sente saudades de muitas coisas de Entre Rios, não é só de Joaquim, não senhora! É de muitas coisas... Mário disse que ele agora está um

homem, ajuda o pessoal do armazém e da farmácia do Sr. Laurentino. Por falar em Laurentino, me prometeu que vai trazer aquele amigo de Zilmário, Tonho, quando vier na próxima vez. Não diga a Zil, vai ser uma surpresa!

– Tonho... num sê praque, mai acho qui tem alguma coisa sobre ele no envelope azur...

– Que conversa é essa de envelope azul? Você está escondendo algo de mim?

– S'aqueta, minina! Quem tudo qué sabê minxirico qué fazê, sabe mia fia...

Dotada de grande poder de autocontrole, conseguia sair-se bem das situações mais embaraçosas. O envelope mantido guardado sob sete chaves, como ela dizia, angustiava-a; incitava-a a dizer a Zilma que fora achado no dia em que o filho voltou da cidade. Várias vezes tivera ímpetos de falar da carta, porém se o rapaz não se lembrasse dos acontecimentos daquela noite, sua palavra poderia reabrir feridas que talvez devessem permanecer fechadas. O Dr. Néilson, por várias vezes, afirmara que Zilmário esquecera alguns fatos de sua vida que poderiam ser recuperados a qualquer momento.

Zilma tentou desligar-se das palavras de Tila. Estava muito ocupada com os detalhes da recepção. A felicidade que estava sentindo não devia ser prejudicada por suas rabugices. A única preocupação, no momento, era a vida futura do Dr. Zilmário. Quisesse Deus que ele e Carlinda firmassem namoro e viessem a casar. Apenas um senão embotava a alegria, como um restinho de fumaça, teimando em permanecer no local do incêndio. Se tivesse escolhido medicina... É! Foi a vontade de Deus! Fico satisfeita assim mesmo... já tive muita sorte em tê-lo salvo da morte... Ah! Como fiquei feliz quando os vi de braços dados, na festa de quinze anos de Linda. Pareciam dois noivos a caminho do altar. Desde aquele momento fiquei com esperanças de que se casariam algum dia.

Antes da chegada dos convidados, Tila recebeu a visita do filho. Duas velas encontravam-se acesas para as preces que faziam juntos.

– Ocê demorô...

– Sabe que estou nervoso?

– Vamo s'ajuelha e rezá pra Nossa Senhora do Perpeto Socorro. Ela vai ajudá ocê ficá mai carmo. Inté parece qui vai pidi a moça em casamento...

– Você acha mesmo que ela vai me aceitar? É tão bonita! Temo que seus pais não permitam nosso namoro!

– Reza!

Quando a campainha tocou, Zilmário assustou-se, aumentando mais ainda o nervosismo. Deixou o quarto. Não sabia explicar a razão de tanta timidez. Só em pensar que ia falar de namoro... Que covardia... Nunca vou me livrar de tal fraqueza? Talvez, talvez, amigo... Um dia vai dar muitas risadas de tudo, da mesma maneira que fez com os pensamentos bobos do passado. Idiota, como fui idiota! Acreditar que não era homem... Puxa! Se alguém descobre que já pensei assim... Como será que Tonho está? Nunca mais soube notícias dele. Um dia desses vou lá, para ver como andam as coisas. A cidade vai ficar orgulhosa de ter um filho engenheiro... Talvez até pegue alguma obra por lá. O que ainda não consigo explicar, nem a mim mesmo, é a história da Menina do Rio. Tem fatos que não consigo lembrar. Dizem que me acharam nu, dentro do rio com um enorme galo na cabeça. Tila disse que olhou meu negoço e estava inchado, parecendo que eu tinha feito safadeza com alguma sirigaita. Ah! Tila, como me chateou! O muleque safado inda bem num chegô e já andô fazeno estripulia, é mermo qui o pai... Não sei como vai ser quando me casar com Carlinda, Tila terá de ir morar comigo... Ela não vai querer deixar mãe, nem eu... só se ficar morando todo mundo na mesma casa. Carlinda não vai se importar.

– Zilmário, os convidados chegaram! Vamos recebê-los! Não ouviu tocar a campainha, meu filho?

– Eu estava com Tila e não percebi... É hoje! Preferia enfrentar os acampamentos no meio do mato do que esta situação!

– Deixa de bobagem! Todo homem passa por uma situação destas. Mário, valentão, respeitado até por jagunços, contou-me que, no dia em que foi me pedir em casamento, tremia mesmo que vara verde! Fique tranquilo, vai dar tudo certo. Não há necessidade de afobamento ao falar com uma moça. Hoje não é nada, comparado com o dia do pedido. Nesse dia, você vai ver como aperta o nó da gravata.

– Vamos lá! Afinal eu sou homem ou sariguê?

– Isto! É assim mesmo! Agora está falando mesmo que um Dantas! Vamos recebê-los!

Encarando os olhos da moça, Zilmário perdeu a inibição. Havia neles uma expressão até então desconhecida. Ela estava diferente, evitando encará-lo. Não se adiantou ao cumprimento. Esperou pacientemente que falasse com os outros familiares. Ao segurar-lhe as mãos, notou que estavam frias e suarentas. Teria desconfiado sobre o assunto que iria lhe falar? Estava tão diferente! Bem que estava desconfiado... De nada adiantou me enganar... Ela só gosta de mim como irmã... Bem feito! É mais uma lição que aprendo. Agora ainda corro o risco de perder sua amizade. Será que era isto a dúvida de Tila? Não, ela disse que Carlinda também gosta de mim... só não disse de que maneira.

– Parabéns, Zil! Eu sabia que você passaria. Meu pai disse que é um dos vestibulares mais difíceis; tem muitos candidatos e a prova de matemática reprova muita gente.

– Obrigado, Carlinda! Vamos! Meu pai está preparando uns drinques. Espero que o Dr. Nelson goste.

Zilmário desdobrava-se em atenções aos convidados, evitando ser dominado pela angústia. Procurava

evitar olhar as pessoas de frente, temendo denotar o estado de abatimento, causado pela maneira fria de Carlinda.

Lutando consigo mesmo, começou a se sentir febril. De seus próprios olhos, saíam pontos luminosos que espocavam no ar, projetando manchas amareladas nas paredes. Momentos passados, aos poucos se tornavam definidos: uma classe de trem, um rapaz desolado, gente desconhecida misturando-se entre a conversa das pessoas presentes.

Não foi possível evitar a viagem ao passado. A situação desfavorável tenderia a levá-lo ao isolamento. Os flashback tornavam-se mais constantes, somente um fato mais forte poderia trazê-lo de volta ao presente.

– Agora, Zilma vai dizer algumas palavras.

– Ora, Haydée, que posso dizer? você me deixa encabulada perante os outros...

– Diga, dona Zilma! Estamos esperando!

– Está bem, afinal, não é todo dia que temos a oportunidade de sentir tanta felicidade, como no dia em que nossos filhos realizam nossos sonhos. Eu peço permissão para contar uma história!

– Veja lá o que vai contar, hem, mãe?

– Fique tranquilo, não será nada impublicável...

– Começa, dona Zilma! Estou ansiosa por ouvir esta história!

– É uma história longa, mas encurtarei começando de um ponto que marcou a vida de todos nós: Eu, Tila, Mário e Zil. Olhem! Desculpem-me o corujismo, mas minha família é, realmente, digna de uma mãe muito melhor do que eu...

– Ora, Zilma, você é a melhor esposa do mundo!

– Obrigada, Mário! Como dizia... Quando viemos morar aqui, nosso filho estava convalescente de uma enfermidade séria. Graças aos cuidados de Tila, de Dr. Nelson, de Carlinda, é isto mesmo, deste doce de

moça e... acima de tudo, de Deus, conseguimos salvá-lo. A Tila, não tenho como agradecer. O que ela faz por nós, nesta casa, não se paga. Quando ela chegou ao hospital, eu estava desesperada. Zilmário, vencido pela febre, delirava o tempo todo, mas eu não entendia o que estava dizendo. Tila deu-lhe um chá e ficou ali chamando o nome dele e tentando entendê-lo. Chegou um momento em que nos pareceu que ele havia morrido... Senhor Laurentino saiu à procura do médico... Quando Mário chegou, já tinham levado meu filho...

Emocionada, interrompeu as palavras.

– Beba um pouco de água, dona Zilma!

– Obrigada, Linda! Tenho um agradecimento especial a fazer a meu marido.

As palavras da esposa fizeram Mário ficar mais atento. Era a primeira vez que ela o tratava carinhosamente na presença de outras pessoas. Leve tremor passou-lhe pelo corpo. A mesma sensação que sentira na ocasião do noivado, que resultou no casamento com uma mulher que não gostava dele. Felizmente, ela mudara muito. No dia em que foram à Igreja do Senhor do Bonfim em agradecimento pela salvação da vida do filho, dera-lhe a maior felicidade até então experimentada. À noite, entregara-se com prazer, como ele sempre sonhara. Agora dava provas de que confiava nele e que se orgulhava de ser sua esposa.

– Mário foi um gigante na luta contra a fatalidade! Naquela noite, realmente, pensamos ter chegado a hora de nosso filho. Houve necessidade, até, de colocá-lo numa sala apropriada a problemas respiratórios. Como disse, pouco tempo antes havia chegado Tila e o senhor Laurentino... outro a quem devemos muito! Ele também deveria estar aqui ao nosso lado neste momento de alegria. Desculpem-me se fico repetindo os fatos. Quando Mário chegou da rua, onde fora resolver os problemas atinentes à compra desta casa, não encontrou

nosso filho no quarto. Ao saber do ocorrido, saiu, mesmo que louco, pelos corredores do hospital, à procura de Dr. Néilson – um santo. A este, além dos agradecimentos, devemos-lhe nossas desculpas, pois o que ouviu de meu marido não foram palavras agradáveis... O Sr. Laurentino contou-me que Mário pegou o médico pelo avental gritando-lhe que, se o filho morresse, todo hospital sentiria sua fúria... Não acredito que os médicos tivessem ficado com medo, todavia suas palavras fortes influenciaram, infundindo, em todos que cuidavam de meu filho, tanto desejo de salvá-lo que Deus permitiu livrarem-no das garras da morte... Talvez, para outras pessoas, isso não pareça importante, mas, para mim, começando a me entregar à fatalidade, foi o tônico revigorante que me ajudou a enfrentar a dor, ao vê-lo imóvel sobre a cama... a res...

As últimas palavras do discurso de Zilma foram proferidas entre soluços. Sua confissão emocionou os presentes. Terminando com a formalidade, Tila fez estourar a rolha de algumas garrafas de champanhe, ajudada por Garcia, visivelmente emocionado.

– Garcia, por que demorou tanto? Este é um amigo nosso! Um grande amigo. Foi o responsável direto pela compra desta casa.

– Ah! Estou lembrando de la senhora! Lembra quando fui pedir informaciones sobre la casa?

– Perfeitamente! Muito prazer! Um amigo de vocês é nosso amigo também. Este é meu esposo!

– Gracias!

A taça de champanhe crescia aos olhos de Zilmário, tomando proporções tão grandes que ele próprio se via à borda de um lago, espelhando-se na bebida. Passava a ser duas pessoas: uma ocupando o espaço físico na sala; outra mergulhando no líquido, deitando-se na relva úmida à beira de um rio. O Rio Subaúma refletia as nuvens que começavam a se dissipar, permitindo a

lembrança de fatos até então envolvidos pela fumaça do esquecimento. Lá estava a Menina do Rio. Em seu rosto havia alguns traços semelhantes aos de Carlinda, e outros, de alguma pessoa ainda desconhecida. A mulher atraindo-o, convidando-o ao amor. Depois, a água fria envolvendo o corpo nu. Atirara-se ao Subaúma. Queria vingar-se das manguações dos amigos de infância: Zilmário não sabe nadar, ele é medroso. Venha cabra... não tenha medo. A Menina do Rio fora a culpada, fizera-o acreditar ser igual aos outros meninos. Ela era malvada, queria que ele morresse para ficarem eternamente dentro da água. Teria morrido se um homem não o tivesse roubado da morte; esquentado-lhe corpo com o calor do peito forte. Reconheceu o pai.

O lapso de tempo mantido no esquecimento desaparecia. Todos os acontecimentos do passado se faziam presentes: Tonho, o colégio, padre Dilermando, o desejo de suicidar, um envelope azul, a carta de despedida.

– Deus do Céu, o envelope... Onde terá parado? Será que minha mãe e meu pai sabem dele?

– Zilmário, você está falando sozinho!

– Hem? Que disse?

– Você está falando umas bobagens! Será que o champanhe está subindo à cabeça?

Na sala, havia apenas ele e a moça.

– Estou todo tempo aqui, tentando conversar com você e... de vez em quando, me dá uma resposta que nada tem a ver com nossa conversa. Está com algum problema? Durante o jantar, pareceu-me que você estava longe...

– Desculpe, Linda! Quando termina o vestibular, a gente fica muito cansado, demora a se acostumar com a ideia de estarmos livres. Onde foram os outros?

– Você não viu quando eles foram correr a casa com meu pai? Você está se sentindo bem?

– Não! Realmente não estou me sentindo bem. Estou preocupado com você.

– Comigo? Que fiz de errado?

– Nada! Exatamente porque não fez nada... Quando entrou, hoje à noite, senti que havia algo errado com você. Notei seu olhar diferente... e eu tinha tanta coisa importante para lhe dizer! Desculpe, fui um idiota, espero que você compreenda e me perdoe!

– ...

– Vamos, Linda! Já está ficando tarde! Não sei o que vocês conversam tanto, não é Zilma? Parecem dois periquitos. Não esgotam o assunto nunca!

– É porque eles se entendem. Zilmário não se cansa de elogiar Carlinda. Para ele, a melhor pianista do mundo é Carlinda.

– Que exagero, dona Zilma! A senhora é muito bondosa!

– É mesmo, minha filha! É o tempo todo falando de você!

– Vamos indo? Espero sua visita a qualquer dia, Mário. Poderemos falar de negócios. Vamos, Linda?

– Até amanhã, dona Tila. Senhor Mário...

Os primeiros dias na casa do pai, Terezinha lutou contra a tristeza, diante das condições que o novo ambiente lhe impunha. As ilusões, as esperanças de encontrar a família para ajudá-la a esquecer os infelizes anos vividos com a tia e que culminaram com terríveis acontecimentos, fugiram ao atravessar a soleira da porta. No cérebro e no corpo, ainda se fazia presente o ataque sofrido. O ruído do sino jamais seria esquecido, nem por ela nem pelo filho do motorista. Depois de ter recobrado os sentidos, Dina contou-lhe o que acontecera. Fora salva pelo sino do portão, quando Antônio Marcos, que voltara mais cedo, o abriu.

Contornava a lateral da casa, pensando em entrar pela cozinha, quando percebeu um homem pulando do quarto da prima. Era José tentando se esconder no quintal; alcançou-o. Violento soco no rosto derrubou-o.

José se ajoelhou, implorando piedade. Não tivera culpa. Tivesse compaixão, foi sem querer, foi uma tentação de momento, não fizera nada de mal à moça. Fosse perguntar a ela, não estava mentindo.

– Cala a boca sacana! É isto que você merece! Vou lhe matar agora mesmo de porrada! Você não merece a confiança de minha mãe! filho de uma puta! Morre desgraçado!

– Perdão! Perdão, seu Antônio! Pelo amor de Deus, não me bata mais! Eu disse que ia sair... e ela... ficou me chamando pra ficá!

– Mentiroso! Desgraçado! Vai morrer assim como um verme, assim a pontapés! Morre infame!

– Socorro! Pelo amor de Deus, alguém me ajude! Ele vai me matá!

O rosto de José sangrava, quando Dina os alcançou.

– Santo Deus de misericórdia! Que é isto, seu Antônio? O senhor vai matá o desgraçado! Para! Para... pur teus pai, seu Antônio. O senhor vai desgraça sua vida cum esse traste infeliz! Que foi que aconteceu, pra ter essa tragédia?

– Este filho da puta estava fugindo do quarto de Terezinha! Quando entrei chamando por vocês, ele estava pulando a janela!

– Deus do céu! Coitadinha! Bem que avisei a ela pra contá a dona Dolores... E agora, seu Antônio, que vamo fazer?

Aproveitando-se da intervenção da mulher, José desvencilhou-se, fugindo pelos fundos do quintal.

– Deixa! Deixa esse infame! Nós precisa cuidar da coitadinha... Ai, minha filha! O senhor já esteve lá?

– Não!

– Sobe pela escada, seu Antônio.

Mesmo tendo sido avisado pela empregada que poderia ver uma cena desagradável, o rapaz cobriu o rosto ao ver a prima desmaiada sobre os travesseiros, a boca manchada de sangue. Arrependeu-se de ter deixado o infeliz fugir. Estarrecido, demorou a atender aos pedidos de Dina para ele abrir a porta.

– Saia, seu Antônio! Agora eu cuido das coisa! Tente esquecer o que viu aqui!

Dina agradeceu a Deus. Felizmente não fora desonrada. Ao menos poderia casar-se sem ter vergonha do esposo. Na sociedade atual ainda restavam preconceitos no homem, levando-o a rejeitar a mulher desvirginada antes do casamento. Para muitos, nesta circunstância, a mulher tornava-se sinônimo de prostituta. A tia de Terezinha encontrava-se entre eles.

Dona Dolores tomou atitudes drásticas. Terezinha iria viver com os parentes da Liberdade. Nada mais poderia fazer pela sobrinha. Daí em diante a responsabilidade seria do irmão Joaquim, mais uma vez pagando pelo erro de ter casado com uma mulher sem princípio. Ficaria em sua casa mais alguns dias, o tempo suficiente para comprar-lhe algumas roupas. Não queria ser taxada de unha de fome, devolvendo-a sem roupas e sem sapatos. No entanto, não desejava vê-la mais. Ficaria confinada dentro do quarto até o dia da partida. Não intencionava misturar as filhas com uma...

Rapidamente a cortina se fechou. Todos os personagens dessa etapa da vida de Terezinha desapareceram.

A sensação de ter alguém próximo de si mesma, no momento de deixar a casa da tia, levaram-na a crer tratar-se de seres odiosos, escondidos dentro da penumbra dos sonhos, esperando a oportunidade de feri-la, levando-a a chorar durante o dia e, à noite, como um algoz, obrigando-a a lembrar as mesmas palavras: Terezinha, seu pai está assim por sua culpa! Sua mãe morreu por sua causa... Terezinha, sua mãe está lhe chamando... Tudo foi por sua culpa! Você se lembra? Lembro, lembro! Ah! meu Deus! Quando poderei viver em paz? Nunca existirá esperança nem luz no meu futuro? Somente trevas me aguardam na vida? Eu quero esquecer tudo isto! Quero ser uma moça sã... Ajude-me, Senhor! Por favor! Ninguém gosta de mim? Veja, meu Deus, nem meu pai nem meus irmãos estavam me esperando. Nossa Senhora, Santa Terezinha, ao menos vocês, gostem de mim...

No dia do retorno, a decepção sofrida foi mais uma página virada na história da vida de Terezinha. Dissera-lhe Dina, tantas vezes, tentando alegrá-la que, se sua vida fosse escrita em um romance, ninguém acreditaria. A história era triste e cheia de sofrimentos, diferente de muitas outras com final feliz. A cada dia vivido, os

inimigos encontravam outra arma e seguiam na marcha de destruição.

Rivais ferozes, não respeitaram nem mesmo a sua imensa dor quando viu seu pai à beira da morte.

Ao contrário, aproximavam-se para ocupar-lhe os pensamentos, mostrando, em detalhes, os momentos seguintes, após a partida do carro, quando retornou à casa paterna.

A rua estava deserta. Pressentia pessoas escondidas atrás das janelas, observando-a parada diante da feiúra dominante. A porta encostada, sem proteção, cedía a cada toque.

Entrou temerosa. Começava a luta entre as recordações e a realidade. O odor de limpeza, que permaneceu vivo na memória, desaparecera, dando lugar ao desagradável cheiro de mofo. Ficou estarrecida diante da sala desarrumada. Lembrou-se da poesia recitada por uma das primas. Sentira-se como a ave retornando ao ninho antigo. Ouvindo os versos, imaginava-se uma ave alegre, impecavelmente branca, encontrando o ninho como o deixara. Contrário aos sentimentos despertados pela poesia, persistia a sensação de nojo devido à brutalidade de José.

Andou a ermo, sentindo-se dominada pela necessidade de amparo, do abraço materno há muito tempo afastado. Esquecida que a mãe já não mais podia ajudá-la, gritou-lhe o nome. Pediu-lhe ajuda, proteção. Precisava dela, precisava da mãe, somente ela poderia dizer-lhe por que estava tudo tão sujo. Por que, mãe? Por que tanta sujeira? Esta é a nossa casa? Meu Deus! Meu Deus! Ajude-me, por favor! Que vai ser de mim agora? Quem vai me ajudar? Como farei sem nenhum parente? Onde estão meus irmãos, meu pai?

No corpo da moça, dominavam o desânimo e o reconhecimento de que a derrota estava iminente. Deixou-se abandonar em consequência da profunda dor.

Com esforço, as pernas trêmulas, dirigiu-se ao quarto onde a mãe dormira. Tentou esconder o rosto entre as mãos. As paredes estavam enegrecidas, bolorentas.

De um colchão velho, nu, com um enorme buraco no meio, exalava horrível odor de vômito misturado a sarro de fumo. Sobre a penteadeira de verniz borrado, um quadro pequeno.

Apressou-se em pegá-lo. No peito, uma esperança indefinida. Deixou-o cair ao chão, o vidro estava quebrado. Via-se somente, um papelão sujo.

A noite começou a envolver a casa, muitos detalhes passavam despercebidos. Procurou acender as lâmpadas. Não havia luz. Do teto, pendiam fios onde as moscas aninhavam-se para dormir. Tudo perdido! Meu Deus, tudo perdido! Será que se pode aproveitar alguma coisa desta imundície toda?

Os pensamentos desapareceram da mente da moça, levados pelo desfalecimento mórbido. A resistência chegara ao limite da tolerância. Como lutar, sozinha, contra forças tão poderosas? Entregou-se à sanha da fatalidade, ao passar do tempo. Se ainda restava vida em seu corpo, ficara à mercê do destino. Viver ou morrer deixaram de ter importância.

O tempo seguia indiferente aos problemas pessoais. O mesmo minuto, o mesmo instante de tempo, ligando o passado ao futuro, apresentam significados diferentes. Enquanto Terezinha ficava entregue à sorte, seus irmãos voltavam do trabalho sem imaginar que iriam encontrá-la sentada a uma cadeira, os braços pensos, as mãos quase tocando o solo, os olhos arregalados e a boca entreaberta. Ao vê-la assim, assustados, gritaram-lhe pelo nome.

– Terezinha! Terezinha! Santo Deus! Acorde, mana! O que está fazendo aqui? Como chegou?

– Tancredo, será que ela está morta? Veja como os olhos estão arregalados, como se tivesse visto alguma visagem!

– Que nada! Ela tá viva! Tá maluco? Ela está quente... Acorde, Terezinha! Acorde, mana!

Depois de algumas tentativas, os rapazes conseguiram acordar a irmã.

– Vocês estão aqui? Não é outro pesadelo? Eu não quero mais ter pesadelo... Não me deixem só! Eu não quero ficar só! Pelo amor de Deus, não me deixem só!

– Calma! Calma, mana! Não vamos deixar você sozinha! Veja! Nós estamos aqui com você. Nunca mais vamos deixar você sozinha, né mesmo Tirson?

– É, mana! Não vamos deixar acontecer nada de mal a você. Agora diga, como veio parar aqui? Que foi que houve com você, deu um susto danado na gente!

– Me desculpem, eu fiquei muito triste, quando vi nossa casa deste jeito... tão suja e abandonada! Me deu uma saudade tão forte de mãe. Cheguei a desejar a morte... Queria morrer logo... ir pra perto dela... onde está pai?

– Ele tá be...

– Tirson? Ele está perto de chegar, mana. Por que não acendeu a luz para não ficar, assim, no escuro? Na cozinha ainda tem uma lâmpada.

– É... ele não conseguiu quebrar esta...

– Ele quem?

– Não ligue, mana! Não quer deitar um pouco? Você está com uma péssima aparência. Está doente?

– Não! Não precisa! Estou melhor! Foi apenas o medo de não ter mais ninguém neste mundo. Sinto-me bem agora, com vocês aqui.

– Então fique aí descansando, nós vamos arranjar alguma coisa pra comer. Está com muita fome, não? Já passa das oito horas.

– Eu ajudo vocês...

– Quer ajudar a gente? Ótimo! É muito bom! Vamos ver se sabe cozinhar alguma coisa. Eu trouxe um pedaço de surubim, lá do armazém. Sabe como se faz?

– Sabe nada, Tancredo! Ela foi criada por gente grã-fina, vai ver que nem conhece surubim...

– Como você está enganado! Eu sei preparar surubim e muito mais coisa ainda. Tem coco, para fazer uma moqueca? Pela aparência desta casa, vocês é que não sabem fazer nada... Pela bagunça... qualquer pessoa pode ver o que vocês são capazes de fazer.

– Hum! Já chegou reclamando!

– Deixa de conversa, rapaz! Vamos pegar o coco! Acho que embaixo da pia ainda tem uns dois.

– Tá bem! Tá bem! Agora sei que vai ser dois contra um. Se precisar de tempero verde, no quintal tem. Tem tomate também... Não precisa reclamar de novo, já vou ralar o coco!

– É bom mesmo! Eu vou pegar os temperos, ela fica tratando o peixe!

– Tancredo, preciso dizer uma...

– Espere, mana! Temos tempo... muito tempo para conversar sobre nossas vidas. Daqui pra diante vamos viver todos juntos. Temos muita coisa pra dizer a você também. Contamos muita mentira quando íamos lhe visitar. É o pai, espero que você consiga dar um jeito nele... está sempre embriagado, está se entregando à morte. Depois da morte de nossa mãe, ele não liga pra mais nada neste mundo.

Por algum tempo, o silêncio envolveu os jovens.

– É um cachaceiro!

– Cale esta boca, Tirson! Não fale assim de nosso pai! Gostando ou não, é nosso pai. Ele merece nosso respeito. Deve estar sofrendo muito com saudade dela. Talvez seja, de nós todos, quem mais sofreu. Desculpe, Terezinha, ele anda com ideias malucas na cabeça, parece mais uma criança.

Não se contendo, achando ser a oportunidade ideal para desabafar o desprezo que o invadia, ainda com a mão branca pelo bagaço do coco, Tirson aproximou-se

dos irmãos falando-lhes sobre o pai: ele fora o único culpado. Olhasse a irmã, onde estava a fisionomia alegre que ela possuía? Você mesmo viu o estado dela, quando chegamos, foi uma coisa bonita? Só Deus sabe o que a coitadinha sofreu lá, na casa daqueles desumanos. Malditos ricos! Quero que todos eles se pipoquem nas profundezas do inferno! Como se eu aceitasse esmola de ninguém. Desculpe, desculpe, mana. Não aceito esta vida que estamos vivendo por culpa dele. Olhe pra casa, mais parece um chiqueiro. Venha cá, minha irmã, me dê um abraço, bem apertado... Isto... me perdoe! Me perdoe! Coitadinha, como deve ter sofrido, uma moça tão bonita! Se mãe tivesse viva, você seria mais bonita do que todas elas juntas! Com uma daquelas, mesmo que fosse a última mulher do mundo, eu não casava. Olhe, mana, aconteça o que acontecer algum dia, lembre-se, ninguém neste mundo gosta de você como eu... Ninguém gosta mais de você do que eu... Sou maluco, sou criança, mas gosto de você, muito, muito mesmo! Ah, se mãe estivesse viva com a gente!

O desabafo do rapaz desceu sobre os irmãos, como se fosse a chuva benfazeja caindo sobre a sequidão da terra, permitindo o desenvolvimento de novas vidas. Confortaram-se.

Na sala de visitas, o ruído de uma cadeira caindo, impropérios e, finalmente, o baque constrangedor do corpo humano de encontro ao chão!

– É ele!

– Fiquem aqui! Eu vou ver o que se pode fazer. Não deixe ela vir atrás de mim. Vou avisar a chegada de Terezinha. Não deve estar em bom estado. É melhor preparar o espírito dele primeiro. O choque pode até matar nosso velho.

– Tenho minhas dúvidas!

Tancredo, mais comedido, procurava dominar os impulsos do irmão. Desculpava-o porque ainda era

muito pequeno quando a mãe morreu. Por isso, as lembranças do pai, um homem forte, trabalhador, valente, sempre disposto a realizar os desejos da família, eram-lhe mais nítidas.

Um homem de corpo volumoso encontrava-se estendido entre as cadeiras da sala de visitas. Tancredo ergueu-o com cuidado. A tarefa diária já o tornara prático. Levou-o até o quarto e o acomodou da melhor maneira possível.

– Vá... pro inferno! Não preciso de...

– Pai, ela voltou! Ela voltou, pai!

Tão próximos estavam os rostos que o hálito do velho, carregado de vapores alcoólicos, dificultava a respiração do rapaz. A afirmativa, contudo, provocou um afastamento repentino, fazendo-o balançar perigosamente na tentativa de aprumar-se. Levantou as pálpebras dormentes onde olhos úmidos se escondiam.

– Ela... ela voltou? Minha Nice voltou? Você foi buscar ela? Você é um filho bom, um filho muito bom... Deus lhe abençoe... onde está ela? preciso tomá um banho, não é Tancredo? Nice! Nice! Não posso deixar que ela me veja assim, não é? Foi o trabalho do armazém... me sujei todo, não foi Tancredo? Nice não me deixe aqui! Não me deixe mais, Nice! Não me deixe... me leve com você, Nice!

– Calma, pai! Não grite assim. Não foi ela. Mãe não voltou, não senhor! Sabe que Deus levou ela. Ela morreu!

– Ela morreu? Morreu, né meu filho? Ela morreu... e por que eu não morro também? Nice... Nice... eu quero um agrado seu... um...

As lamentações perturbaram o rapaz. Por mais esforço que fizesse, não podia controlar-se. Acreditava em Deus, aprendera com a mãe, mas, nesses momentos, ficava com raiva. Como entender tanta desgraça abatendo-se sobre a família? Ouvia os mais velhos

dizerem: Ele escreve certo em linhas tortas e Que tudo tem sua razão de ser. Mas, padecerem tanto? Eles que não faziam mal a ninguém? E a pobre Terezinha, o que poderá esperá-la no futuro? De todos quem vai sofrer mais é ela. O pai não vai durar muito, Tirson, em qualquer lugar se ajeita, e ela? E ela, meu Deus?

Na casa em frente, uma família de protestantes promovia um culto. Suas preces e os acordes da Aleluia, de Handel, alcançaram a família enlutada. Música de crente, como dizia Tirson.

As vozes vibrantes, contagiantes, fizeram Tancredo arrepender-se das blasfêmias. Sentiu vontade de atravessar a rua e juntar-se aos crentes. Jesus! Jesus! Não é possível que todas estas pessoas que creem em Vós estejam enganadas. Aumente minha fé em Vós, Senhor! Eu quero, ao menos, ter a esperança de que minha irmã será feliz. Mãe, já se foi; pai, não demora muito, eu... Tirson, Terezinha! Santo Deus, minha família está desaparecendo e não posso impedir... Tenha piedade Deus!

– Pai, quem voltou foi Terezinha!

– Terezinha? Terezinha... quem é?... eu não quero Terezinha... eu quero... eu quero... é minha mulher! Me leve pra junto dela!

– É sua...

A respiração do velho tornou-se ruidosa. Dormiu.

Antes de sair do quarto, observou o peito envelhecido respirando.

Na cozinha, os outros irmãos esperavam ansiosos.

– Falou com pai?

– Terezinha, ele mandou lhe dizer que preferia ver você amanhã. Não queria aparecer... Estava meio tonto...

– Embriagado, como sempre!

– Meio tonto, Tirson! Chegou a chorar de alegria quando soube que você estava aqui, minha irmã.

O olhar de Tirson, fixo no irmão, fizera-o envergonhar-se das mentiras.

– Eu não vou comer mais. E você, Terezinha?

– Também perdi a fome.

O sono dos irmãos foi inquieto. Terezinha ocupou o quarto dos rapazes. Comparou-o com o da casa da tia. Lá, quando estava sem sono, podia entregar-se ao deleite de olhar a Baía de Todos os Santos e ouvir o bater das ondas de encontro às pedras. Lá, chorava para o mar. Na própria casa, era obrigada a dar mais uma prova de fortaleza, dormindo num lugar com cheiro de mofo e suor velho.

Após uma noite de sono agitado, acordaram com os gritos do pai.

– Nice! Nice!

– Olhem! Já acordou fazendo escândalo. Vá logo antes que acorde toda a vizinhança com os gritos. É sempre assim. Eu morro de vergonha por causa dos vizinhos. Podem pensar que estamos maltratando ele. Não tenho mais cara para olhar ninguém da rua. Não sei por que ainda não fui embora de uma vez, desta casa!

– Não diga isso! O que pai faz está ligado a uma força extrema. Nenhum de nós é capaz de avaliar. Ele evita ficar lúcido temendo enfrentar a realidade de que a mulher realmente está morta. Enquanto está embriagado, ele se sente num mundo de ilusões onde ela está viva. Você não acha, Terezinha, uma pessoa destruir assim, a própria vida, como ele faz, precisa de muita coragem?

– Sempre defendendo os erros dele...

– Pai está precisando é de um pouco de vontade de viver. Fiquem aqui, vou levar uma xícara de café quente. Vai melhorar do efeito da bebida.

– Não, Terezinha! Não! Você não deve...

– Sim! Não pensem que ainda sou criança como a menina que viram sair daqui. Já sofri bastante, sei

tudo sobre sofrimento. Tenho mais experiência destas coisas. Eu vou lá no quarto dele e sozinha!

– Mana, prepare-se, é uma cena muito desagradável. O que você vai ver agora é muito pior do que pode imaginar. Deixe Tancredo ir com você. Eu não posso... eu não posso... Também gosto dele, acreditem... também gosto... mas, não posso ver!

– Nice! Nice!

Com firmeza no andar, a moça afastou-se.

A xícara apoiada sobre o pires mantinha-se equilibrada. Olhos temerosos acompanhavam-na, da mesma maneira que o faziam quando, ainda criança, ela começou a dar os primeiros passos.

– Se ele maltratar...

O tempo tornou-se moroso. Inquietos, os rapazes mantinham-se atentos. Nem xingamentos, nem gritos, nem choros saíam do quarto. Crescia a angústia nos corações.

– Eu vou lá, vem comigo?

Tirson assustou-se com o convite, não podia esconder a repugnância pelas condições anti-higiênicas do quarto. Somente uma situação como a do momento, a possibilidade da irmã estar precisando dele, fã-lo-ia superar a repulsa.

– Eu vou também!

De nada adiantou fechar os olhos, era como se pudesse ver pelos odores emanados. Aberto os olhos, via, exatamente, o quadro imaginado. As paredes, além de esburacadas, apresentavam manchas amarelas. Sobre a cama, Terezinha e o pai abraçados. A cabeça pobre de cabelos repousava no ombro da filha, o rosto opado de pregas penduradas. Os olhos estavam fechados, mas, assim mesmo, as lágrimas grossas saíam molhando a blusa da moça.

Não mais podendo reter a respiração, Tirson foi invadido pelo odor fétido. O estômago revoltado fê-lo

correr à procura de alívio. Desejava vomitar a vergonha por si mesmo. Fora necessário que uma pessoa, tão delicada como a irmã, abrisse-lhe os olhos, fazendo-o ver como orgulho e valentia ficavam insignificantes diante dos valorosos e dos fortes. Invejou a bondade de Tancredo, diariamente limpando tanta sujeira.

Como encarar o pai depois daquele dia? Não lhe merecia o perdão por haver sido tão bruto nem mesmo teria coragem de pedi-lo. Voltou ao quarto.

– Tirson? Onde você estava, menino? Nunca mais vi você! Tancredo disse... que foi você... que foi buscá ela!

– Ele disse isto?

– É minha filha! Ela não é bunita? Ela é minha filha, não é?

– É, pai, é sua filha, é nossa irmã!

– Tá bunita, mesmo que a finada! Por que vocês deixaram ela... ir embora? Eu... eu...

– Foi tia Dolores que levou ela, depois da...

– Ah! Já me lembro! Dolores... Ela nunca quis meu casamento com Nice. Agora minha filha vai ficar com a gente! Você deixa, Tancredo? Deixa ela ficar com a gente? Eu prometi a ela que não vou... beber mais. Não posso, né Tirson? Agora ela tá com a gente, não posso... beber mais. Agora a gente tem ela!

A conversa encerrou-se. O café começava a fazer efeito. O corpo cansado foi colocado nos travesseiros. Terezinha mandou-os saírem.

– Pai!

– Ele já está dormindo. Vejam como está suando, deu na fraqueza. Quando acordar estará melhor. Graças a Deus! Parece que, depois de tanto tempo, finalmente, vai deixar a bebida. Deus queira! Você foi muito forte! Sua vinda ajudou muito. Agora, para de tanto choro! Quer dar mau exemplo a uma menina?

– Terezinha, minha irmã, você é uma santa... como a que tem seu nome. Voltou como um raio de luz para mostrar que ainda podemos ser felizes... Vejam, como ele está feio, todo inchado, todo deformado pela bebida! Coitado, nem sabia que estive na mesma casa que ele todo o tempo... Estou sentindo tanta vergonha... até dá vontade de me envenenar.

– Tire essa ideia maluca da cabeça, rapaz! Agora nossa vida vai melhorar! Finalmente estamos juntos.

– Acabou a discussão? Agora, ao trabalho... Vamos! Tenho muita coisa a fazer por aqui. Esta casa está mesmo precisando de uma mulher! Tancredo tem razão, nossa vida vai melhorar. Vou cuidar de vocês como mãe fazia.

Depois de tomar café, os rapazes continuaram sentados à mesa. Terezinha foi enérgica: Vão! Vão saindo! Ele precisa descansar, e eu, começar logo o trabalho.

Em meio às emoções, uma cena jocosa. Os rapazes chocaram-se, ao se aproximarem para beijar a irmã. Abraçaram-na ao mesmo tempo, cada um beijando um lado do rosto.

O sol parecia mais quente naquele dia, com promessas de restabelecimento de paz à família. Tancredo e Tirson andavam com tranquilidade. O trajeto até o armazém sempre fora vencido apressadamente. Neste dia, porém, chegaram a desejar encontrar alguém, dizer que a esperança voltara e tudo seguiria um rumo novo.

Entre si, não conversavam, não era necessário. Pensavam, sentiam e viviam as mesmas sensações. Tancredo observava o rosto do irmão.

– Ei! Tancredo! Veja quanta gente na porta, será que aconteceu alguma coisa?

– Só faltava isso! Um ladrão ter destelhado a casa e roubado tudo!

As emoções matinais fizeram-nos atrasar o horário de abrir o armazém. Empolgados com a volta da irmã,

esqueceram de que a maioria das pessoas da redondeza comprava os ingredientes do café matinal repartidos em cem gramas de café, meio quilo de açúcar, quatro pães cacetinhos.

O almoço dos rapazes era simples. Na própria casa comercial, embebiavam um pedaço de carne do sertão em álcool e ateavam fogo. A gordura, aproveitavam para fazer farofa. Ouvindo as badaladas do meio-dia, tocadas por um velho relógio de parede, discutiram se não seria melhor voltarem mais cedo. Afinal era domingo e, normalmente, não trabalhavam à tarde. O velho poderia se tornar violento, caso resolvesse beber e ela não deixasse.

Ao contrário da ida pela manhã, o retorno foi mais acelerado e entrecortado de conversas.

Acostumados a encontrar a porta aberta, assustaram-se com a resistência. Não demorou a serem atendidos pela irmã. Terezinha estava com os cabelos envolvidos num lenço multicolorido, tornando-a mais parecida com a mãe. O indicador da mão direita em sentido vertical induzia-os a não fazer ruídos desnecessários. O pai dormira, depois de tomar uma sopa de verduras.

Na porta do quarto, Tirson parou, abismado com as transformações. A cama estava forrada, os móveis arrumados e a janela aberta arejando o ambiente. O pai, aseado, demonstrava sinais de tranquilidade, apesar da cor cadavérica assumindo o corpo.

– Está muito mal! Não pensei que estivesse assim. Deve sentir desprezo por mim... quase não ligava pra ele.

– Esqueça isto! Ele passou o tempo todo falando de vocês e do armazém. Na verdade ele acredita que só passou alguns meses desde o falecimento de nossa mãe.

– Deu muito trabalho?

Terezinha negou que fora obrigada a passar grande parte do tempo ajudando-o a sair das violentas crises de tosse e dos tremores que lhe impediam os movimentos coordenados. Quando melhorava a respiração, chegando a um estado de quase normalidade, aproveitava para fazer alguma coisa. Pediu desculpas por não ter arrumado a casa toda. Havia muita roupa espalhada pelos cômodos. Estavam úmidas e foi preciso colocá-las ao sol.

– Você trabalhou muito. Não está cansada?

– É uma verdadeira dona de casa. Feliz de quem se casar com você!

– Que nada! Não foi tanto trabalho assim. Lá na casa de...

– Os desgraçados maltratavam você, minha irmã?

As palavras foram cortadas. Arrependeu-se de tocar em assunto tão desagradável. Ainda não chegara a hora de falar sobre os anos vividos na casa dos tios. Estava resolvida a, primeiro, acomodar as coisas, depois, ter uma conversa esclarecedora com os irmãos. Habilmente evadiu-se das perguntas, ainda precisava de mais algum tempo, habituar-se ao trauma sofrido. Contaria tudo: tim-tim por tim-tim. No momento, o mais importante era aproveitarem os instantes de descanso do pai, para irem lavar as mãos e almoçar; pela aparência dos rostos, estavam precisando. Além da moqueca de surubim, fizera farofa e arroz.

Os dias transformaram-se em semanas e meses. Os personagens dos pesadelos de Terezinha deram-lhe alguma trégua, até ouvir o triste diagnóstico do médico chamado para atender o seu pai, atacado por forte crise de asfixia. Nada mais podia fazer. O álcool consumido durante tantos anos provocara gravíssimas lesões nos órgãos vitais. O fígado não suportaria muito tempo. Restava esperar a hora da morte. Se tivesse deixado de beber há mais tempo, talvez pudesse viver mais alguns anos.

Novamente via-se ao lado da morte. Não podendo lutar contra ela, restava-lhe, apenas, rezar.

A perspectiva de perder o genitor começou a intranquilizá-la. Não demorou muito e seus perseguidores voltaram. Incriminavam-na por ter chegado tão tarde. Viu, Terezinha! Você demorou muito! Seu pai vai morrer porque você demorou. Agora você está mais só... cada vez mais só... Restam os irmãos? Até quando?

– Eu sei... eu não sei! Eu tive culpa de ter demorado... eu vou cuidar deles!

Preocupados, os rapazes passaram a fechar o armazém mais cedo. Quando receberam o recado de Terezinha pedindo a presença deles, sabiam ter chegado a hora. Encontraram-na com os olhos injetados pelo choro, os ouvidos atentos às últimas palavras do moribundo. Era um agradecimento por tê-lo ajudado a se encontrar como gente de novo; por tê-lo tirado da sujeira onde estivera atolado tanto tempo e poder se apresentar limpo ante a querida Nice. Eles não precisavam ficar tristes. Sua vida só estava atrapalhando-os. Chegara a hora de rever a adorada Nice.

Tirson ainda tentou dizer alguma palavra, porém não foi ouvido.

A dor pela perda aumentou o afeto entre eles. Não fosse isto e Tirson se teria perdido no mar de remorsos. Na missa de trinta dias, já estava mais confortado.

Terezinha entregava-se ao trabalho com vigor, evitando lembrar o passado.

A casa voltava a apresentar a aparência dos dias de sua infância. Aproveitando as horas vagas, os irmãos pintaram as paredes, caíram o telhado, consertaram os lugares onde o cimento do piso estava estragado. Terezinha, por sua vez, improvisou cortinas de chita que serviam de porta aos cômodos abertos.

À noite, durante os jantares, trocavam ideias e discutiam os acontecimentos do dia. Faziam planos. Os

negócios começavam a melhorar. Mesmo assim, Tancredo demonstrava insatisfação pela vida cheia de dificuldades, por isso fizera um concurso na Petrobras. Não nascera para terminar os dias atrás de um balcão. Tirson, ao contrário, não se incomodaria de continuar no negócio. Todavia, pensava em mudar de rua, onde não houvesse tanta gente querendo comprar fiado. Questionavam com a irmã sobre os planos. Não seria melhor vender tudo e botar uma casa em local melhor? Estavam precisando ganhar mais dinheiro, fazer umas reformas na casa. A rua onde moravam chamava-se Rua do Ouro, no entanto a casa era de lata. Terezinha precisava de roupas melhores: breve, breve, teria gente rondando a casa.

A moça procurava apoiá-los, evitando dar opinião própria. Dizia-lhes não entender de negócios, aquilo era assunto de homens, porém, se a mãe estivesse viva, não ficaria satisfeita em se desfazer de uma coisa tão importante na vida da família.

– Eu sei, Terezinha! Mas, se eu passar no concurso, como vai ser? Vocês mesmo me incentivaram a fazer as provas. O ordenado inicial que vou ganhar num mês é quase o que ganho hoje em quatro ou cinco. Depois, já estou na hora de pensar em casar, estou noivo há uns cinco anos... Dia destes vou ter de pagar indenização ao sogro. Desistindo do emprego, como vou casar ganhando esta miséria?

– O ovo que dá pra três dá pra quatro também, não é Teca?

– Se eu for aprovado, se Deus ajudar que eu passe, o armazém fica com vocês dois somente. Isto vai melhorar um pouco!

– Está pensando mesmo em casar?

– Claro, que estou! Não tenho culpa se você quer ficar a vida toda, menino. Estou errado pensando em me casar, Terezinha? Acha que não vai dar certo? Não é do seu agrado, a minha escolha?

– Eu, não! Ao contrário! Você já está na idade de ter família. Sua noiva é uma moça de bem, vão ser muito felizes, tenho plena certeza disto!

– Eu é que não caso! Tão cedo, não me amarro! Enquanto a mana, aqui, quiser fazer estas comidas gostosas, eu não caso com sirigaita nenhuma... Olhe, não estou dizendo que sua noiva é sirigaita, ao contrário. Eu gosto muito dela.

– Ele está dizendo isto agora, né Tancredo? Quando achar uma moça boa como Maria, casa logo... A vida é assim mesmo. O homem precisa ter sua própria família...

Depois da conversa, os rapazes saíram para dar umas voltinhas. Antes, os costumeiros beijos, as batidas recomendações para dormir sossegada. Cada um já possuía chave da porta. Não havia necessidade de se preocupar com eles.

O dia no qual Tancredo iria saber o resultado do concurso encontrou-os nervosos. Tirson apresentando discreta diarreia apressou-se em ir ao trabalho. Estava agitado e não queria estragar o dia dos outros. Tomaria conta do armazém sozinho. O irmão poderia ficar em casa para não perder o horário. Tancredo não aceitou. Ficaria lá durante a manhã. Almoçaria em casa e rezaria em frente da imagem de Santa Terezinha, presenteadas por Dina e eleita padroeira da família. Seria bom ouvir os votos de felicidade da irmã.

O trabalho e o sal de frutas melhoraram o estado de Tirson. Ao despedir-se do irmão, não lhe sorriu. Apertou-lhe firmemente o braço, desejando que Deus o ajudasse a conseguir a aprovação.

Terezinha foi mais carinhosa com Tancredo. Prometeu-lhe ficar rezando durante toda tarde.

Tirson prolongava os trabalhos antes de fechar o armazém. Pensava no irmão. Momentos, desejava sua aprovação, outras vezes, achava ruim a separação.

Chegou em casa atrasado. Ao aproximar-se, estava decidido a aceitar o casamento do irmão, desejando-lhe, realmente, toda felicidade. Não bateu na porta, abriu-a devagarzinho prevendo fazer uma surpresa.

O grito alegre morreu no peito. As luzes estavam apagadas na sala e no corredor. Dirigiu-se à cozinha, orientado pelos ruídos. Terezinha trabalhava!

– Cadê o homem! Ainda não chegou?

– Oh! Meu irmão! Tomei um susto! Estava pensando exatamente nisto. Ele está demorando demais. Já estou começando a ficar preocupada. Quando saiu me disse que voltaria logo. Tancredo não é nenhuma criança, mas, se ele perder, vai ficar muito triste. É capaz de ficar por aí, com vergonha de voltar. Deseja tanto passar...

– Se preocupe não, mana. Deve estar preso em algum lugar, por estes malditos bondes. O transporte está cada vez pior. Quando engancha no Corredor da Lapinha, passa mais de uma hora parado. Não tenho paciência de ficar esperando, venho logo a pé. Não nasci trepado em bonde! As marinetes andam mais depressa, mas, com tanto buraco nas ruas, é até perigoso tomar uma. Quer apostar como daqui a pouco ele estaboca naquela porta?

– Deus lhe ouça!

– Oxente, mana, tá invocada? Ele sabe se cuidar... deixa de bobagem!

– É bobagem mesmo, mas, quando vocês demostram, eu fico muito preocupada!

– Por nós, pode ficar descansada, não somos de bebidas nem de arruaças. Nada acontece com a gente. Ouça! Tá ouvindo? Ele chegou!

Visivelmente entristecido Tancredo dirigiu-se à cozinha, enchendo um copo com água.

– Ei! rapaz! que cara é esta? Se você perdeu não tem importância, não! Eu até gostei... tomar conta daquele armazém sozinho é fogo!

- Eu passei!
- Ué! Passou? E fica com esta cara de mamãe-sacode? Não estava doido por isso?
- Depois que todos confirmaram seus nomes nas listas pregadas nas paredes, um engenheiro chamou os aprovados para ler a relação dos documentos que temos de levar, imediatamente. Também para dizer quem ia para este ou aquele lugar. Vou pro interior, morar lá!
- Interior? Ficar longe da gente, da mana e de mim? E sua noiva?
- Quem não quiser ir perde a vaga, entra outro no lugar...
- Se avexe não, meu irmão! Deus escreve certo em linhas tortas! Nós ficamos muito felizes. Pode ficar tranquilo. Tirson está brincando, ele também vai ficar feliz, sabendo que você está bem. É, ou não é?
- É! Eu fico muito feliz! Mas a ideia de separação me pegou desprevenido. Que vai ser dele sem você? Quando é a viagem?
- Daqui a dois meses. É só o tempo dagente fazer um curso de quarenta dias. Depois tenho uns quinze, para preparar tudo: casamento, mudança, tudo!
- E a noiva?
- Depois do jantar vou falar com os pais dela. Tenho de casar neste prazo, não penso em ir pra lá sozinho!
- Acho que você está certo! Agora vamos jantar. Fiz um ensopado de chupa-molho com batata, do jeito que você gosta, tá cozinhando desde ontem...
- Xereta!
- Você tem é muito ciúme, porque ela gosta mais de mim! Agora vai pegar o boi, vai ficar com ela sozinho!
- Grande coisa... uma irmã que só sabe fazer ensopado de chupa-molho...
- E isto aqui, para quem é?
- Fruta-pão cozida? Eta irmã boa!

Em algumas ocasiões, os irmãos voltavam a ser crianças, jogavam-se travesseiros, brigavam por um osso de tutano, terminavam embolados em um só abraço. Quando os homens estavam sozinhos, conversavam sobre a maturidade de Terezinha. Chegavam a se achar infantis diante dela. Não podiam entender como uma mocinha podia ser tão sensata. Poucos adultos sabiam resistir tanto às emoções como ela. Sempre havia em seus lábios palavras sensatas e de compreensão.

Os dias concedidos a Tancredo foram vividos com intensidade. Participaram de todos os detalhes do casamento; uma cerimônia simples para os parentes mais próximos. Quando o padre os declarou marido e mulher, havia tristeza nos olhos de Terezinha. Era mais uma separação. Tancredo iria viver uma vida independente. Restavam, somente, ela e Tirson, até o dia determinado por Deus.



tratava os visitantes. Ao vê-los afastarem-se em direção da sala de visitas, observou, com prazer, que o filho era bem mais desenvolvido fisicamente. À mãe orgulhosa pareceu possível que, se ele quisesse, teria levantado os dois no ar, sem o mínimo esforço. E como sabia mentir cinicamente, elogiando a robustez do amigo. Mentiroso! Tonho fora mais forte, proporcionalmente, é claro, quando ambos eram meninos. Hoje não, pouca evolução ocorrera em seu corpo. Zilmário, ao contrário, atingiu uma estatura invejável. Os exercícios físicos permitiram o desenvolvimento de massa muscular rígida, mesmo que Mário quando jovem. Mais uma prova de que eu tinha razão. Houvéssemos ficado por lá e meu filho estaria do mesmo modo, subdesenvolvido. Quase todos os meninos de Entre Rios sofrem esta influência. Comumente encontramos rapazes de vinte a vinte e cinco anos com a mesma aparência física de quinze ou dezesseis.

Zilmário estava radiante com as visitas, falava continuamente, quase atropelando as palavras.

– Tonho! Você não sabe a alegria que me dá vindo me visitar. Cheguei a pensar que tinha me esquecido. Sei, sou ingrato. Mas, você entende, os estudos não me dão tempo de folga para nada. A sobra é para pai, mãe, Tila – tenho duas mães, rapaz! – e para visitar a noiva. Além disto, a única distração é comer umas e outras no Cantinho da Tidinha, ou então, ir à Fonte Nova ver o Bahia ganhar.

– Cantinho da Tidinha? O que é isto? Fonte Nova é lugá de tomá banho?

– Vocês vão ficar quantos dias? Domingo vai ter o clássico do pote. É um jogão pra valer. A Fonte Nova é o estádio de futebol, o campo. Cantinho da Tidinha é um lugar de amor, meu chapa! Laurentino, meu amigo, se lembra da outra vez que esteve aqui? Deixa-me ver... foi logo depois que eu entrei para a Universidade, não

foi? Depois, o pessoal descobriu uma mulher! Ela tem uma casa, um castelo. Nego fica de boca aberta com tanta mulher boa. Negócio grã-fino, selecionado e seguro. Só vai gente boa, juro! Geralmente quando aparece algum novato, foi levado por algum frequentador da casa. Tidinha é muito cuidadosa. Agora, quando estou falando de gente bem, não estou me referindo a gente rica, não senhor! É gente de educação, que não gosta de confusão. Vocês topam uma chegadinha lá, hoje de noite? Terão de ser meus cúmplices. Digo à noiva que vou levá-los ao cinema, e damos uma chegada lá, tá certo? Olhem! Boca-de-siri! Pelo amor de Deus! Aqui, são todos xeretas de Carlinda, minha noiva. Se souberem disto, arranjam uma maneira de dizer a ela para eu não ir.

Reconhecendo estar falando demais, desculpou-se aos amigos e pediu que contassem as novidades da terra. Esperava visitá-los depois de formado. Tinha uma enorme saudade do Rio Subaúma, dos pés de goiaba branca, jaca mole, manga-espada, abóbora vermelha... o cantar do galo de manhãzinha... de tudo. É por isso que falo muito quando vejo alguém de lá. Gosto muito de minha terra. Quando encontro um conterrâneo, é como se ela mesma estivesse vindo a mim. Pronto! Já estou falando sozinho outra vez! Agora, falem vocês! E aí, Tonho?

– Bom! Não tem muita novidade, não. Terra de pobre é sempre a mesma coisa. A terra é a mesma. As pessoas muda um pouco quando nasce um menino, ou quando morre alguém. Você se lembra de Cância e do Véio Broxado? Continuam a mesma vidinha. Depois que vocês saíram de lá, eles acordam praticamente no armazém. Agora são caixeiros. Os fregueses morrem de rir com as discussão deles. Bons amigos! Não quiseram vim, com medo do trem!

– Cância, Cância! Lembro! Pai fala sempre dele. Sei quem são... Pai conta cada história deles... do Véio

Broxado, então! Ainda fica brabo quando o chamam assim? Isto é calúnia... Ficou broxa mesmo, quando ainda era rapaz?

– Isso é malvadeza do povo. Sabe bem o que é moleque! É como o povo diz: Dez capiau não dá a perna de um home. O safado do Vavá, que Deus te prenda lá!

– Que Deus te prenda lá? Ele morreu? Vavá morreu? Meu Deus do céu! É uma pena! Tem muito tempo? E eu não soube de nada... Entre Rios perdeu muito mais do que um filho; perdeu parte de sua história folclórica. Deveria haver uma lei que impedisse uma pessoa como aquela morrer, assim, tão jovem... Deveria ficar viva para sempre, para alegrar a vida dos que andam ao lado da tristeza... Como foi?

– Deixe terminá primeiro a história do Véio Broxado. Como dizia... Vavá contou que ia passando pela casa de uma mulhé dama, quando ouviu gritos de dentro da casa: levanta o pau, home! Até parece qui tu não é home! Você sabe, curioso como só ele, Vavá ficou esperando para ver quem ia sair da casa. Quando viu quem era, correu na direção da praça, gritando como se estivesse cantando: Ele tá broxado! Ele tá broxado! Foi a conta pra molecada começá a brincadeira. Hoje, até que ele não liga muito. Leva na esculhambação, pega no troçoio e diz a quem quiser ouvir: É broxado, é... quem tivé dúvida venha experimentá!

– Por isso eu digo: Uma pessoa como Vavá não deveria morrer. Quem está alegrando a terra agora?

– Tem outras pessoas querendo tomá o lugá dele, né seu Laurentino?

– Se tem!

– É. Hoje, vamos ter muita conversa. Tomam um aperitivo comigo? Uma cerveja? Fiquem aí, vou buscar uma bem gelada.

– Precisa tomar trabalho, não!

Zilmário afastou-se. Não precisa tomar trabalho era uma tradicional resposta, desconsiderada pelos

anfitriões. Fazia parte do ritual entre visitantes e visitados. Aproveitaria para trocar de roupa e saber se as mulheres estavam precisando de alguma coisa.

– Tá tudo bão! Pode vortá pras safadeza qui tão cunversano. Magino as desgracera qui num tá saino pru lá. Se aprontá arguma instripulia, Linda vai sabê!

– E quem vai dizer? As mães amadas pelo melhor filho do mundo? Vocês vão dizer? Minhas namoradas vão me trair? Me arranjem uma cerveja bem geladinha e três copos. Isso, sim! O pai vem almoçar em casa?

– Vem!

– Ótimo! Assim a conversa vai ser melhor...

– Hum! Vou tomar um banho, ainda precisa de alguma coisa, Tila?

– Sabem quem morreu? Vavá...

– Vavá?

– Vavá? Bem feito praquele safado! Coitado... Deus te dê um bão lugá! Pode tomá banho, Zirma. Se apronte pra esperá o maridinho... Você tombém pode saí... dô conta do recado. Onde já se viu percisá de ajuda pra uma cumidinha de nada! Quar...

– Cada vez mais rabugenta, meu filho!

Poucas situações podiam abater a resistência de Tila. Uma delas era a morte. Irritava-se com as pessoas que se entregavam à morte sem luta. Mesmo sendo inimiga poderosa, que usava armas fortes, Vavá seria considerado covarde se houvesse entregado a vida sem lutar. Se tivesse se acovardado, ela não rezaria nem uma Ave-Maria por ele. Um menino novo ainda e já estava morto. Precisava saber como ocorrera. Depois perguntaria ao filho. Coitado! Vavá era tão bom! Um homem com jeito de menino. Sempre maluco! Aqui em casa é qui a morte num entra. Inquanto eu fô viva, ela num entra! O trabaio qui me deu pra botá tudo no eixo, ela num vai estragá! Num vai! Hoje veve todo mundo na felicidade. Só temo é pelo casamento dos dois. Sinto

qui o capeta anda tramano arguma instrípulia contra eles. Mai ele tombém qui se cuide! Jisus Cristo é minha arma. Jisus Cristo, Nossa Senhora do Perpeto Socorro, os meu santo, dona Cândida e a Nega Camila, minha mãe... Bão home Laurentim, me troxe um bandão de coisa boa. O mé de abeia uruçu veio mermo a caiá. O meu minino tem instudado muito e tá percisano de boa cumida. Quano eu morrê vô dexá uma coisinha pra Laurentim. Isso é, tá ovino, ô Marvada? quano eu quisé morrê! Quano eu quisé! Num adianta vim ante do tempo qui num me intrego! Inda tem de vê meus neto, fio de Zir e Linda...

– Tila, mais uma cerveja! Meu pai chegou!

– Cumpletô o circo. Chegô o safado véio!

– Mais respeito com o doutor Zilmário, hem?

– Pera aí, corno! Pera aí, qui te dô umas parmada na bunda!

– Dê! Por mim! Sua mão é que vai doer...

– Pois tome lá! Meu fio! Tô tão filiz pur tu. Quano andava naquela tristeza eu sufria mai qui tu!

– Você está enganada! Se pudesse saber o que passei... Só de imaginar que alguém pudesse ler o conteúdo da carta contida naquele maldito envelope azul... Me diga, Tila, depois de conhecer a história toda, não acha que tive motivos bastantes para tanta preocupação?

– Mai, já passô! Chorei mermo qui uma besta. Vai! Vai levá a bebida de teu pai. O passado já morreu. Quano nós queimamo o envelope, morreu tudo. Tu gostô da visita, da vinda de Tonho?

– Eu vim pegar a cerveja foi para dar uma risada de mim mesmo. Se lembra das coisas escritas na carta? Acho que você já sabia, mesmo antes de ter lido... Tente me enganar com esta cara de santa! Se não soubesse, teria dado a carta a minha mãe... Por que eu era assim, hem Tila? Merecia ter morrido mesmo, pra deixar de ser tão burro!

– Cruz-credo, menino! Num diz bestera! Eu tombém fui curpada. De todo mundo, quem tava mai certo era teu pai. Quano ele levô tu pra cortá os cabelo, tava agino certo. Eu e Zirna tava errada. A escola tombém te fez bem, siuviu pra lhe livrá das bestera. Agora vai imbora, os cunvidado tão esperano. E qui isto siuva de lição. Acunteça o qui acuntecê, num vai ficá incafinfa-do cuma daquela vez. Quano m’alembro do envelope! Sua aflição feis sofrê tombém a pobre Linda.

– À minha noiva, também, serei eternamente grato. Prefiro fazer sofrer a mim mesmo do que a ela. Me disse que quase fica maluca, sem dormir, noites a fio, procurando descobrir a minha mudança tão radical. Dona Haydée fustigando-lhe o juízo, tentando saber o que eu tinha de tão importante para lhe dizer naquela noite da comemoração. Com certeza ela imaginava... Fiz um papelão enorme! Mas, dominado por tal dúvida, eu podia assumir um compromisso de tal importância?... Enquanto não me lembrava do envelope, era uma coisa. Depois, recordando todos os acontecimentos anteriores, fiquei numa situação desesperadora... É, minha mãe, eu já passei maus pedaços nesta vida. Tomara que o destino não tenha reservado para mim mais sofrimento.

– Esqueça isto, meu fio! Agora num tá tudo bem? Vai, vai... tá me trapaiano nos quifazê!

Zilmário agora podia entender o drama vivido na infância e adolescência, contudo esquecer nunca seria totalmente possível. Pensar em estragar sua própria vida e a de seus pais era motivo suficiente para obrigá-lo a manter as recordações vivas, como castigo pela fraqueza do passado. Como se perdoar, depois de ter causado tanto sofrimento às mães? Elas não tinham descanso, vigiando-o o tempo todo. Zilma chorava, implorava-lhe para sair do quarto, tentava de todas as maneiras fazê-lo abrir-se com ela, explicar os motivos

de tal atitude. Chorava quando ele se recusava a atender Carlinda. Quanto tempo? Foram longos dias, semanas ou mesmo meses, nem me lembro exatamente. Tila é quem foi novamente minha salvação, contando-me sobre os fatos que eu tinha esquecido, revelou-me ter guardado o maldito envelope. Durante muitos anos, ela manteve a carta escondida dos meus pais. Qual a razão? Nunca saberei! Tem coisas dela que nem mesmo eu consigo entender. Não gosto nem de pensar. Se minha mãe tivesse lido tantas bobagens... Elas duas tiveram muito trabalho para explicar à mãe de Carlinda o meu comportamento. Inventaram uma mentira deslavada! No fim, ainda saí como se estivesse com uma auréola de santo sobre a cabeça. Eu me convencera estar ficando doente novamente por causa dos estudos para o vestibular e temia contagiá-las. Por isso procurei me afastar, mesmo com muito sofrimento. Somente quando o Dr. Nelson fez vários exames, pudemos nos tranquilizar. Pobre Carlinda! Ela me ama muito. Ficou tão feliz... chorava de alegria. Quando peguei sua mão, estava trêmula. Não precisou declaração nem nada. A partir daí, ficamos namorando... Eu vou te fazer feliz, minha Linda! Você será a mais feliz das mulheres. Dedicarei minha vida à sua felicidade. Estas farrinhas que faço hoje é porque ainda estou solteiro. Depois de casarmos, será somente você! Deixa eu levar esta cerveja, senão o velho começa a reclamar.

– Pensei que esta cerveja não vinha mais! Tonho tá me contando as estripulias do finado Vavá. No fim, deu uma de herói de guerra e salvou muitas pessoas da morte. A gente estava esperando você pra ele contar.

– Como foi esta história?

– É melhor seu Laurentino contá! Eu fico sem jeito quando me lembro... Ele conta!

Fora uma tarde de calor, bem característica das tardes de verão em Entre Rios. A praça modornava em

seus habitantes. Sentia-se no ar uma radiação atribuída ao gemer do sino da Igreja queixando-se do mormaço. Os homens aguardavam a hora de ir ao matadouro acompanhar a boiada preste a chegar. Somente assim, a rotina semanal era quebrada pelos gritos da meninada atrás dos animais. Nessa noite, as atividades no matadouro mantinham os participantes acordados: a lavagem e repartição das vísceras, a fogueira, a carne assada, o molho de pimenta e sal, a farinha torrada, o café preto, o dia raiando, a grande feira de sábado.

Enquanto aguardavam, as crianças brincavam nas veredas estreitas formadas na relva da praça, jogando bolas de vidro.

Fazendo parte das brincadeiras, um menino bem maior do que os demais. Tinha a aparência de homem, mas as atitudes eram infantis. Vavá estava zangado. Restava-lhe apenas uma bola, a bola do jogo. Perdesse esta, teria de sair da disputa, coisa considerada como afronta. Serviria de mangações até a chegada da boiada.

Um suspiro mais forte de Laurentino interrompeu a narração.

– Que é isto, Laurentino?

– Eu também estava lá, Mário! Não tive coragem! Não pude fazer nada pelo infeliz. Esta é a verdade! Não tive coragem... Minhas pernas estavam presas ao solo. Que tragédia! Poucos instantes antes, Vavá estava brincando com outros meninos, de repente, vem a morte e o ceifa do convívio de todos nós! Vocês se lembram bem do jeito dele, não? O pessoal foi chamado a atenção pelo alarido da gurizada. Tentavam tomar as bolas de gude, por ele abafadas do triângulo. Descobrimo não ter mais bola para jogar, sendo obrigado a deixar o jogo, gritou que alguém estava roubando e atirou-se para as bolas, arrumadas dentro do triângulo. Não deu outra coisa! Os meninos acuaram-no contra uma árvore e caíram sobre ele tentando tirar-lhe as bolas... Pobre Vavá!

Nunca fez mal a criança nenhuma! Apenas protegia-se dos tabefes, enquanto segurava as bolas dentro do calção. Como sempre, foi vencido. Depois da derrota, todo sujo de areia e humilhado, o rosto avermelhado, ficou deitado de papo pro ar, chorando de vergonha. Um minuto depois já se havia esquecido de tudo e ficou conversando com os urubus sobrevoando alguma criança. Voltei-me então aos meus afazeres dentro da farmácia. De repente, novo alarido! Desta vez eram vozes de homens misturadas a tropel de animais... Qual! Não gosto nem de me lembrar! Ao olhar para fora, a praça já estava vazia. Ficaram apenas algumas crianças que não tiveram tempo de correr. Mais adiante, em disparada louca, um enorme touro desgarrado da manada invadiu a praça em direção aos meninos. Vinha de cabeça baixa, pronto para atingir qualquer coisa que se interpusesse à sua frente. Vocês não podem imaginar nossa aflição. Os coitadinhos, paralisados de medo, não tinham ação para correr. Todos nós olhávamos estarrecidos, sem coragem de tentar algo em defesa deles. Que tristeza! Meu Deus, que tristeza!

Laurentino não pôde conter o choro. Foi necessário esperar alguns minutos para que se recuperasse e prosseguisse com a narrativa.

– Quando menos se esperava, sem sabermos de onde saíra, Vavá interpôs-se entre a fera e as crianças, gritando e gesticulando, na tentativa de desviar a atenção do animal. Não... Não posso continuar!

– Laurentino, tome um copo de cerveja para se acalmá!

– A primeira chifrada varou-lhe os intestinos. Muitas pessoas viraram o rosto para não ver. Outras correram para dentro de casa, fechando portas e janelas. Eu não pude deixar de ficar olhando todo o desenrolar da cena. Vi suas vísceras serem expostas e caírem ao chão. Ele não gritou... nem um gemido sequer! Impres-

sionante a resistência contida naquele corpo. Conseguiu levantar e dar alguns passos em direção oposta ao lugar onde os meninos estavam. Novamente foi atingido. Por algum tempo ficou preso ao chifre da fera. Depois o vi sendo atirado a distância. O boi espumava como cão danado, investindo contra o corpo sem vida. Nesse momento outro homem de coragem apareceu. Câncio, aproveitando-se da fúria do animal despedaçando o corpo de Vavá, correu e pegou as crianças. Finalmente chegaram os vaqueiros e conseguiram abater o bicho a tiros de espingarda. Mesmo assim, antes de morrer, ainda feriu de morte um cavalo. Vavá morreu! Vavá morreu! É verdade. É a pura realidade! Ele não vive mais entre nós. Durante muito tempo ficamos sem coragem de chegar perto dele. Aí, outra figura atravessou a praça... a princípio correndo, pouco a pouco, porém, os passos foram se tornando cambaleantes. Padre José urrava de dor como se fosse um animal enjaulado. Foram necessários dois homens para arrancá-lo, à força, dos restos de Vavá! Foi duro... foi muito duro, minha gente! Depois desta, em todas as pessoas de Entre Rios, existem uma dívida e uma grande vergonha, diante da lembrança daquele homem com coração de menino! Tantos homens corajosos, deixar uma pobre criança, sim, porque ele nunca passou de uma grande criança, sacrificar-se pelos semelhantes! Quantas vezes o enxotamos como se fosse um cachorro. Eu não posso me perdoar!

S'avexe não, Laurentim! Eu ovi tudo... ocê num teve curpa alguma. Foi Deus, Nosso Sinhô Jisus Cristo qui impediu de ocê se atirá na frente do animá. Quem ia cuidá da gente se ocê morresse? Vavá merece minha prece... ele morreu, mai aluitô contra ela cum valentia! Pobre amalucado! Pobre amigo Vavá!

Percebendo o sofrimento de Tila, Zilmário correu em seu auxílio. Precisava confortá-la. Ela também queria muito a Vavá. Era ele quem a acompanhava em

suas incumbências perigosas. Era ela quem o protegia, quando fazia alguma arruaça mais séria e alguém desejava castigá-lo.

O assunto da morte de Vavá foi encerrado. Além do farmacêutico, Tila também se abatera. Zilmário forçou Tonho a contar as coisas engraçadas. Durante o almoço o fato melancólico fora esquecido. Pessoas como Vavá, que passavam a vida alegrando outras, não podiam, mesmo depois de mortas, servir de tristeza. Os comentários começaram a mudar. Voltaram a sorrir de suas aventuras.

– Agora tá parecendo que quem vai tomá o lugar dele é Zezito!

– Oxe, aquele mentiroso?

– Ele mesmo, né, seu Laurentino? Depois da morte de... Deus te prenda lá, Vavá, ele deu pra aparecer mais. Andou otros dias contando tanta prosa de como é bom pra pegá jacaré que os home armam uma caçada só pra levá ele. Quando chegaram na bera do rio, amarraram um bofé inteiro num arame forte e com um gancho. Aí, jogaram no rio. A cachaça corria sortá! Zezito lá, atento a qualquer movimento no arame pra dá o sinal... O senhor se lembra, não? Ele é meio tato, não diz a letra cê nem quê, nem guê. Em vez de casa, ele diz: ‘asa, ‘afê, ja’aré, aran’ejo... Aí, o tempo tá passando e ele lá, sem tirá os olho do arame. De repente, começou a gritar mesmo que maluco: ‘orre gente! Pe’amo o ja’aré! Trais os fa’ão, depressa pessoá!

– E era jacaré mesmo?

– Intonces! Dos grande! Um baita de jacaré. Parecia até crocodilo! Nunca vi igual!

– E aí?

– Cáiro em cima do bicho, de facão e foice, sem contá as paulada, até virar o bicho de papo pro ar. Zezito só faltava morrer de contentamento. Num disse ‘ue sabia p’ear ja’aré? Se não tivesse tanta gente, eu pe’ava

o bicho sozinho! Vejam só, seu Mário, o senhor sabe que jacaré é um bicho danado. Mesmo todo cortado, na panela cuzinando, a carne ainda tá bulindo. Assunte só! Aí, depois da peleja, começaram a tirá o coró do animal. Já tinha tirado a metade, quando Zezito resolveu abrir a boca do jacaré pra ver se era velho ou novo. Dizia ele: Pra sabê a idade do já'aré tem de vê nos dente. Hum! Num vacilo... nhaque! O bicho agarrou o braço dele e fechou a boca. Aí é que foi gritá! A'ode pessoá, a'ode 'ue o ja'aré me 'ome! Ai minha Santa Virge, se eu es'apá dessa, num minto mais! Seu Mário, a coisa tava feia mermo! Mesmo morto, o bicho ainda tinha uma força danada! Quem disse que os home conseguia abrir a boca do animal? Cada vez mais apertava os dente. Dois home segurando a boca dele, na tentativa de abrir... mais tava difícil... Uns rolava pela areia, segurando a barriga de tanto ri, pelos grito de Zezito. Só 'ero vê se cin'o home não abre a bo'a do ja'aré! Anda depressa, pessoá, o ja'aré tá me in'ulindo... força, minha gente! Vocês 'uerem me vê morto? Se demorá mais o ja'aré me 'ome!

A cadeira onde Mário estava sentado foi arremessada com violência contra a parede. De pé, levava a mão à boca, na tentativa de evitar lançar migalhas de comida sobre os outros. A tosse aumentava. Tila veio correndo da cozinha e viu Zilmário dando palmadas nas costas do pai, totalmente engasgado. Então, pegou um prato limpo, colocou-o sobre a cabeça do homem, girando-o num e noutro sentido. Um espirro alto acabou de limpar a garganta e o ar penetrou, aliviando o acesso de tosse.

– Desculpe! Puta qui pariu meu loro, quase morro engasgado! Qual! Perdoe, Zilma,...disse sem querer!

Normalizada a situação, Mário foi imitar Zezito, falando com a boca cheia de comida. Novo engasgo. Farinha e pedaços de carne voaram para todos os lados.

– Vixe, seu Mário, assim é bom tomá cuidado com a tripa gaitera!

– Esta... esta... eu tenho de contar a Garcia... Ele... ele vai morrer de rir!

Após vários acessos de tosse, Tonho pôde finalmente terminar a aventura de Zezito.

– Aí, seu Mário, a molecada tomou conta da coisa, e o pobre Zezito não tem mais sossego. Quem quiser ver ele virá uma cobra, fale em jacaré na vista dele. Agora, além de mentiroso dá onda de valentão.

– Não diga!

– É isto mesmo! Outro dia de tarde, tava um calor... Como sempre, os home tavam preguiçando pelos banco da praça, quando, de repente, Zezito passou correndo e se escondeu atrás de uma árvore, gritando pro pai dele...

– Esta foi boa! Até eu mesmo larguei a farmácia. Todos queríamos ver a surra que ele ia tomar: ‘uiá... uiá... Conta você, Tonho, não consigo remedar o homem!

– É! Aí! O pai gritava de longe: Piri, piri Zizito! Piri! O Véio, segurando a bainha do facão, pra dá a surra no malandro, tava danado mesmo! Ele escondia daqui, escondia dali e respondia: ‘uar pai, não tenho medo de fa’ão ‘ui dirá de ‘achimbu!

– Como é mesmo?

– Qual pai! Não tenho medo de facão qui dirá de cachimbu. Acho que é cacho de bambu!

Mário esgoelava-se de tanto rir. Zilma limitava-se a balançar a cabeça. Tila, parada em meio da sala com o prato na mão, pronta para qualquer emergência. Ela também tinha os olhos cheios de lágrimas. Gostava de ouvir alguém contar histórias de sua gente. Aquilo, sim, era gente boa: simples, honesta. Sempre tem alguma estora ingraçada pra contá. Essa gente de cá da capitá é toda fria, sem graça. Num se fala nada de argum feito desassombroso.

As façanhas do novo bobo da corte continuaram a ser decantadas. Depois, foram até a casa de Carlinda, levadas por Zilmário e, ao trabalho, por Mário e os amigos.

– Estou dizendo a verdade, Linda! Lá, é assim mesmo! Tem cada tipo interessante! Olhe, hoje vou levar os amigos a um cinema. Como já lhe contei, Tonho foi meu único amigo na infância. Laurentino, você já conhece, é o farmacêutico de lá.

– Cinema, hem? Você está é arranjando pretexto para não vir conversar comigo hoje de noite.

– Linda? Você tem coragem de dizer uma coisa destas?

– É isto mesmo! Você está querendo escapulir...

– Linda, meu bem! Você acha que pode existir alguma coisa neste mundo melhor do que estar com você? Quer saber a verdade? Nem estava com vontade de ir, amanhã tenho a prova do concurso! O problema, você sabe, pessoal do interior é muito invocado. Se não lhe damos toda a atenção, eles ficam todo cabrero. Além do mais, meu pai fica uma fera. Depois, vamos ser francos, devo alguns favores a Tonho, além da amizade, por isso me obrigo a fazer coisas, mesmo contra a vontade.

– É! Continue me enganando, mas não me toque! Pode ficar afastado mesmo...

– Tá bem! Tá bem! Olhe! Vamos jantar lá em casa, hoje? Assim fica conhecendo Tonho. Vai morrer de rir com as anedotas que ele conta. É um rapaz simples, de uma humildade tão grande... Cativa quantos o rodeiam. Quando eu voltar do cinema, deixo um bilheteinho no lugar de sempre, tá bem?

– Está bem!

– Bom! Se é pra ficar com esta cara, eu desisto! Mesmo que o pai se dane, eu desisto. Já não estou com muita vontade de ficar uma noite inteira sem conversar

com você e, ainda por cima, fazendo-a ficar triste. Prefiro não ir!

Quando o namoro foi oficializado, os pais de Carlinda passaram a ter alguns cuidados com os momentos de intimidade entre os dois. Pra mostrá farsa preocupação, qui ela num ia arranjá um partido mió qui tu, como dizia Tila. Com o passar dos meses, foram afrouxando a vigilância, permitindo-lhes alguma liberdade durante as despedidas mais demoradas e o namoro na porta da casa. Com o noivado, as facilidades aumentaram. Quando não chovia, sentavam-se em cadeiras colocadas na varanda. Entregavam-se a furtivos beijos, toda vez que a rua estava deserta. Era o casal da rua. As famílias vizinhas elogiavam o amor que os envolvia. Constantemente eram vistos juntos. Por qualquer motivo, procuravam-se.

Apesar dos não me toque, as rusgas acabavam em abraços. Não havia discussões que um beijo não eliminasse. Após a reconciliação, Zilmário olhava zombeteiramente, procurando ver se ainda estava envergonhada como ficara, quando pela vez primeira, ao ser abraçada como mulher, sentiu no ventre algo pulsando, transmitindo-lhe uma sensação até então desconhecida.

– Lembra da primeira vez?

Carlinda não respondeu. Ainda recordava detalhadamente os gestos bruscos, o abraço apertado do noivo. Os lábios foram comprimidos com força, os seios esmagavam-se de encontro ao peito do homem. Após breve relaxamento, vendo-a assustada, explicou-lhe. Era uma atitude natural de todo homem apaixonado por uma mulher, a maior prova de amor. A partir de então, ela mesma achegava-se mais ao noivo, à procura das provas do amor que lhe eram dedicadas. Quando, por algum motivo, não as sentia, perguntava preocupada se havia deixado de amá-la.

– Tudo bem agora? Já estamos desculpados? Já demos prova de quanto somos apaixonados? Ah, minha

Linda, se dependesse de minha vontade, casaria logo! Não sei por que esperar a formatura! A cada dia aumenta minha vontade de fugir com você, para onde ninguém possa nos encontrar. Ai, sim, minha querida, você ia ver o que é prova de amor. Nós íamos amá-la a toda hora!

– E se vocês se cansarem de mim? Se eu ficar feia e barriguda, vocês não vão arranjar outra?

– Isto nunca vai acontecer! Se você ficar feia, eu até gosto mais, assim nenhum homem olha minha noivinha querida!

– E as outras que vocês arranjam nos sábados?

– Isto você já sabe porque é... homem não é como mulher. Se não fizer isso, pode até ficar maluco. Se estivéssemos casados, não haveria necessidade de eu ir a lugar algum. Está vendo como nós ficamos? Bote a mão em meu peito! Veja como meu coração fica batendo forte... Está vendo? Não pode calcular como isto é perigoso! A gente, ficando assim durante muitos dias, vai acumulando... acumulando... dá uma dor! Ai temos de dar um jeito. Você quer que eu fique doente?

– Isto tudo é papo, querendo nos enrolar. Débora disse que o namorado dela diz a mesma coisa. São todos iguais. Todos os homens são iguais, só sabem enrolar as bobas das mulheres.

– Tá vendo? Não é seu noivinho somente! Fique sabendo que os homens noivos, que são apaixonados pela noiva, assim como eu por você, fazem isso sem o mínimo prazer. Por pura necessidade. Olhe, meu bem, um colega meu, lá da Universidade, ficou se prendendo e o resultado, qual foi? Ficou doente. O pai dele levou-o ao médico e sabe o que o doutor disse? Ele precisava levar a vida de um rapaz normal. Tinha de fazer isto várias vezes por semana!

– Várias vezes por semana, isto tudo?

– Ah! E você pensa que é uma por mês? Aguarde, seu dia vai chegar!

– Me respeite, ousado!

– Olhe a inocentinha!

– Chega dessa conversa! Você devia ter estudado era para embromologia. Está bem, vou ficar feliz por você levar o amigo ao cinema! Ci-ne-ma, hem?

– Estou dizendo que é cinema, porque é cinema. Não confia mais em seu noivo?

– Confiar em homem? Minha mãe diz que não devemos confiar em homem, nem morto. Você não sabe o caso do finado Valmiro? Depois de morto, descobriram que tinha outra mulher e dois filhos! Vou ficar acordada esperando! Quero ver a hora quando chegar. Vai sair com o carro do senhor Mário, não é? Pois bem, dê uma buzinação quando chegar. Quero ouvir!

– Para acordar os vizinhos? Podem me chamar de maluco ou mandam a polícia atrás de mim! Acho melhor deixar o bilhete.

– Assim não sei a hora, não é? Malandro! Mas, amanhã, não quero desculpas de estudo nem nada, vai ficar comigo o tempo todo. Quero um bocado de beijos bem gostosos. Vocês têm de dar provas de continuarem apaixonados por mim!

– Prometemos!

– Agora vá embora! Preciso estudar e me arrumar para o jantar.

– Tá vendo! É a prova! Ainda está zangada! Me botando pra fora deste jeito...

– Não quer que eu vá ao jantar? Então, fique, eu até gosto...

– Está bem! Seis horas venho apanhá-la... Outro beijo?

Enquanto Zilmário passava o resto da tarde colocando apontamentos em dia, os amigos e o pai foram visitar as lojas do comércio. Mário apresentava-os com grande satisfação aos amigos e conhecidos. Admirador da gente entrerriense, esbanjava elogios. Tonho recebeu

um enxoval completo como se fosse se casar. Laurentino, porém, não fazia parte de esbanjamentos. Era uma frustração. Gostaria de retribuir-lhe os favores, contudo o farmacêutico não aceitava pagamentos.

Após o jantar, Zilmário levou Carlinda em casa. Despediu-se calorosamente, ratificando as promessas com os dedos cruzados. A moça mostrava-se mais calma após ter conhecido Tonho. Encantara-se com sua maneira natural. Findo o café, já se tratavam por você. Fizera-o prometer vir assistir ao casamento no fim do próximo ano.

Laurentino não quis acompanhá-los. Desculpou-se alegando estar velho para ir ao cinema com dois meninos. Preferia ficar conversando com Mário.

Zilmário conduzia o cheba com perícia. Ao atingir o fim da rua, parou, acenando à noiva. Depois, entregou-se a satisfazer a curiosidade de Tonho. A cada interrogação do amigo, ao passar por algo interessante, estacionava ao lado do meio-fio para as explicações: Ali é a Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, eu e Carlinda vamos casar lá... Ali? É um Hospital; enorme não é? Se Deus ajudar vamos construir um em Entre Rios; Laurentino toma conta. Vamos até o Barbalho? De lá voltamos pelo Pelourinho, onde tem as casas mais velhas da cidade. O Pelourinho tem este nome devido a uma feira onde se vendia, entre outras coisas, animais. Um homem vendia papagaios, também chamados de louro. Aí as pessoas ficavam dizendo: dê cá o pé louro... dê cá o pé lourinho... Entendeu? Virou pelourinho.

– Me engane, com esta conversa!

– É brincadeira! O nome Pelourinho vem de um fato desagradável. Ali moravam muitos fazendeiros, na época da escravidão. Numa praça que você vai ver, havia um pedaço de madeira, onde os escravos eram amarrados e, geralmente, castigados com açoites, quando cometiam algum erro. Já foi o centro de

morada de fazendeiros ricos. Hoje não! Existe é muita mulher-dama, é o manguê. Lá só vai quem tem negócio! É briga, mulher doente, tudo! Você paga pouco, mas, depois, gasta dez vezes mais de remédio. Os colegas que já foram lá dizem que é melhor pendurar o dinheiro na parede do banheiro e cantar: é de cocó, é de conveniência, na punheta não gasto dinheiro, nem apanho doença! Laurentino levou você pelo Elevador Lacerda? Depois lhe conto uma de Tila. Melhor, peça a ela pra lhe contar as aventuras no elevador.

– Home, dá uma gastura na barriga da gente! Se o cabra não for macho mesmo, é capaz de fazer uma bestera.

– Peça a Tila! Ela vai lhe contar! Laurentino também sabe, ele estava com ela. Foi quando vieram me visitar no Hospital. Olhe! Estamos chegando ao Pelourinho. Viu? Não é como lhe disse? Olhe como as mulheres ficam pela rua. É cada tipa! Quer ver uma coisa? Vou parar o carro um minuto só!

Não demorou muito e o veículo foi cercado por algumas mulheres. Introduzindo os rostos pelas janelas, perguntavam-lhes se não queriam fazer um amorzinho. Tonho esquivou-se em consequência do hálito acre. Estranhou a voz áspera do amigo: Nada de amorzinho, eram da polícia e estavam dando uma batida, fossem para casa antes que as prendessem por vadiagem.

– Puxa! As cidadã se pirulitaram. Rapaz, são piores do que as puta de Entre Rios, lá na Rua da Linha. Inda que mal pergunte, você é da polícia mesmo? Esta carteira é de Polícia mesmo?

– A carteira é de estudante, mas eu fui oficial do Exército. Hoje sou da reserva.

– Oficial do Exército? Quando contar isso ao pessoal, vão ficar morrendo de inveja de mim. Puxa! Ser amigo de um oficial do Exército! Você tem espada e tudo? De verdade? Você me mostra? Não tem importância de me mostrar, não é? Vou lhe confessar uma

coisa, sempre admirei a maneira como você era quando menino. O melhor aluno da sala e da escola toda. Andava doido pra ser seu amigo, em casa só falava de você. Minha mãe danava de reclamar. Dizia que você era rico e não ia querer ser amigo de um pobretão que nem eu. Queria ser mesmo que você... Tonho, cidadão. Você é um cara importante... Amigo de um oficial do Exército! Puxa! Quando me disserem qualquer coisa lá em Entre Rios, vou logo dizendo: Olha lá, cabra, eu tenho amigo oficial do exército!

O sangue esquentou o rosto de Zilmário. A admiração demonstrada pelo amigo orgulhou-o sobremaneira. O gesto espontâneo acabava, definitivamente, os temores do passado.

– Eu também invejava você. Quando enfrentou uns moleques na rua, lembra? Quando se atirava no rio à maneira de um peixe... Lembra como eu era magro, feito macarrão? Ficava danado porque não sabia nadar... Rapaz! Devíamos ser irmãos... Quer ser meu irmão?

– Rapaz, você ainda se lembra daquela briga?

– Como se fosse hoje! Vamos ser irmãos?

– Vamos! A partir de hoje, além de amigos, somos irmãos. Meu irmão Zilmário!

– Meu irmão Tonho! Venha de lá um aperto de mão! Agora, vamos ver mulheres maravilhosas e comemorar nossa irmandade.

A recepção da proprietária do Cantinho da Tidinha foi efusiva. Raramente Zilmário ia ao recinto fora dos sábados, por isso sua presença foi recebida com entusiasmo pelo mulhierio. Foram levados a uma mesa mais isolada, onde se acomodaram. O olhar malicioso da proprietária envolvia Tonho. Ele poderia considerar-se benquisto na casa. Sendo amigo de Nilmário, era amigo dela também. Sentia estar naqueles dias e não poder, ela mesma, dar-lhe as boas-vindas. Ficasse descansado, porém, que lhe arranjaría uma coisinha chique.

Tonho falava pouco, o ambiente luxuoso tolhia a voz. Chamavam-lhe a atenção os lustres, as poltronas, a radiola tocando sem parar. Já tinha visto uma vitrola que davam corda antes de cada disco, mas assim... Aquela era diferente, não precisava de auxílio de ninguém.

Sentindo alguém tocar-lhe o ombro, Tonho virou-se. Perto dele, uma moça perguntou se podia sentar. Temeu que lhe estivessem preparando alguma brincadeira. Uma mulher tão bonita... não podia ser dama! Por pouco não a chamou de senhora. O chute de Zilmário, sob a mesa, fora providencial, lembrando-lhe onde estavam. Atônito, nem percebeu o piscar de olhos de Zilmário à mulher. Mais estranho ainda foi a iniciativa tomada pela moça, beijando-lhe o pescoço e sussurrando-lhe, perto do ouvido, que estava com muita vontade de fazer amor com ele. Ficaria muito ofendida se não a quisesse. Era um homem muito bonito. As outras mulheres estavam morrendo de inveja.

No trajeto de volta, Zilmário falou sozinho durante algum tempo. O amigo mantinha-se calado como se ainda estivesse vivendo em um sonho. De repente, após um longo suspiro, começou a falar. Aquilo é que era vida! Uma mulher daquelas dava a um homem nova vontade de viver. Que mulher! Que mulher! Seu moço... ela foi mesmo com minha cara. Você percebeu, enquanto a gente tava tomando cerveja ela botou a mão em minha rola... Você viu quando ela meteu a língua dentro de meu ouvido? Senti um arrepio pelo corpo! Até agora os cabelos da cabeça estão doendo. Tirou a roupa todinha... todinha mesmo, rapaz! Palavra... lhe juro! Minha perna tremia mesmo que vara verde. O negócio tava em tempo de explodir! Rapaz! Se ela quiser eu até casava. Nua em pelo, seu moço, tirou minha camisa, a calça, a cueca, alisou o pra te levo...

– Pra te levo, uma porra! Pra ela lá! Que é isto? Tá me estranhando?

– ... a primeira foi na mão dela, nem aguentei esperar. Depois foi mais bom, como mexia... como mexia!. Quando voltar aqui de novo, vou trazer um baita presente pra ela... Droga! Agora me lembrei...

– Que foi?

– Nem tomei o endereço dela pra escrever!

– Se preocupe não! De outra vez que você vier por aqui, já esqueceu dela...

– Oxente, cabra! Você acha que sou home de esquecer uma mulhé como ela?

– Veremos!

Depois de estacionar o carro na garagem, lembrando-se da promessa à noiva, pediu licença ao amigo. Precisava ir ligeirinho em frente à casa de Carlinda. Releu o bilhete: Minha promessa para você é a mesma feita a uma rainha! Mil vezes tivesse ficado com você. Aí, sim, a lua, as estrelas, a brisa, o aroma das flores têm, realmente, valor. Longe de seus braços, sinto-me como um insignificante pó, caindo na imensidão do cosmo. Um grande e apaixonado beijo de nós.

– Que foi fazer?

– Tapear a noiva!

– Uma hora dessas? Você não tem medo dela descobrir nossa safadeza de hoje?

– Você vai dizer a ela?

– Tá doido, home, sou algum xereta ou cagoete? Por mim, ela não vai saber nunca!

– Olhe! Pai e Laurentino ainda estão conversando. Hoje ninguém dorme nesta casa.

Zilmário estava com razão. Na sala de visitas, Mário conversava com Laurentino. Sobre uma mesinha, pratos com tira-gosto e algumas garrafas vazias de cerveja. A chegada dos dois exigia outra rodada. Pelos olhos de Mário, a conversa girava em torno das mulheres de Entre Rios. Muitas respeitadas ainda suspiravam quando ouviam o nome dele. Ouvira-o conversar com Garcia sobre a fidelidade à esposa, com relação às

mulheres da terra. Todavia, tratando-se de um galo de terreiro como era, sempre restavam algumas dúvidas. Garcia mesmo contara-lhe sobre a mulher mantida por ele, durante vários anos aqui na capital.

– Como foi o passeio, Tonho?

– Tá todo mundo dormindo?

Mário estava apaixonado pela maneira objetiva de falar do rapaz; qualquer coisa dita por ele tornava-se engraçada. Quase não conseguiu acompanhar a narrativa sobre a aventura no Cantinho. Dependesse dele, e o moço ficaria morando em sua casa e trabalharia na loja. Serviria também de companhia ao filho constantemente estudando, quase não se distraía. Seria, também, um elo mais forte com a gente do interior.

– Era bom, seu Mário, mas quem ia cuidar dos meus velhos? Algum dia, quando eles se forem, posso voltar, se Deus quiser!

– Ele é as mãos e os pés dos pais. Quando um fica doente, precisa ver o desvelo de Tonho. É Deus no céu e ele na terra.

– E agora, Tonho, tem mais alguma coisa interessante?

– Laurentino já contou dos revortosos? O senhor sabe, né... ainda corre buatos de revolta por todo lado. Um dia viram uns home fardado entrando na cidade. O alarme foi dado: os revortosos! Os revortosos tão tomano a cidade. Seu Mário, a coisa foi feia. Muita gente correu pra se escondê nos mato... Pra incurtá a conversa, o finado Nico levou tanta coisa na cabeça que um jegue não troxe de duas viagem. Até uma máquina de costura foi de rolo.

– Carregou tudo com medo?

A risada de Mário saiu ruidosa. O filho apressou-se em fechar a porta a fim de não acordar as mulheres.

Mais cervejas, mais tira-gostos. A conversa tornando-se cada vez mais picante. O álcool soltava a língua dos homens.

– Mas, afinal, quem eram os revoltosos? Tonho já está é bêbado!

– E não foram os mata-mosquito?

– Mata-mosquito?

A cara de espanto de Zilmário foi tão gozada, que seu pai quase cai da cadeira descontrolado pelas gargalhadas.

– Pessoal... vocês não podem imaginar como estão me fazendo bem vindo aqui me visitar... Eu gosto daqui também, mas... lá de casa, nem é bom falar! Você alcançou as Festas de Reis, Laurentino? Lembra da Marujada?

– Marujada, eu já ouvi falar. Meu pai já andou me contando umas partes. Ele também viu. Por que nunca mais fizeram?

– Não sei, Tonho! Era uma beleza! Zé Carpina fazia uma armação na praça, igualzinha a um navio... E olhem! Ele nunca viu um navio na vida dele. Depois de pronto, não tinha o que tirá nem pôr. A cidade toda participava, quem não era marujo era apreciante. Ainda me lembro como se fosse hoje. Tinha um comandante, um capitão-patrão e outro capitão. Era roupa de marinheiro mesmo, cada função com a sua tarefa diferente. Dixa ver! Vinte e dois marujos, um padre... padre... como é mesmo o nome? Zilmário, você foi militar... como é o nome do padre no quartel?

– Capelão!

– Isso mesmo! Padre capelão! Não era de batina, não! O piloto era um só. Tinha mais ainda: dois sargentos... dois calafatins e um guarda-marinha...

Durante a dissertação, Mário era obrigado a responder perguntas dos mais jovens pedindo explicações sobre detalhes, obrigando-o a fazer descrições das roupas e dos cargos. Ao ser perguntado sobre o guarda-marinha, alongou-se no falar. Pelo sorriso malicioso, os presentes logo perceberam: fora ele mesmo o personagem; um contrabandista escondido entre a marujada.

Ninguém desconfiava, mas ele trazia coisas de outro país para vender nos portos onde o navio aportava. Pera aí! Minto! Uma pessoa desconfiava.

– Mas, como é o começo da história mesmo? Armava-se um barco no meio da praça, as pessoas iam ver e, sem mais nem menos, descobria-se que o guarda-marinha era contrabandista?

– Querem ouvir a história toda, desde o princípio, tim-tim, por tim-tim?

– Vamos a ela! Agora, estou interessado em saber o resto. Espere aí! Vou buscar mais cerveja, de goela seca não dá!

Aproveitando a interrupção, o narrador procurou pôr em ordem as lembranças, perguntando a Laurentino algum fato esquecido, a confirmação de um detalhe sobre a roupa dos figurantes, nomes ou a ordem de entrada em cena.

– Chegou a cerveja! Agora vamos à famosa marujada de Entre Rios.

– A primeira que se conhece foi, realmente, em Entre Rios, não é mesmo Mário?

– Cala a boca, Laurentino! Eles não acreditam, mas nossa vida era mais divertida do que a deles hoje em dia. Você se lembra das brincadeiras de pintar jegue? Pintamos um jegue todinho com abóbora. Hoje se compra abóbora até em armazém...

– Vamos deixar a história da abóbora. Agora, eu e meu irmão Tonho queremos saber é da marujada.

– Bem! A representação começava como se um navio estivesse entrando em um porto. Minto! Antes, durante a viagem, o capitão... eu não me lembro bem, não tenho muita certeza se tinha um comandante e um capitão patrão ou se o comandante era o mesmo capitão patrão. A bem da verdade, o piloto andava desconfiado com a bagagem do guarda-marinha, bem maior do que a dos outros marujos. Não sei bem por quê, mas ele e

o capitão andavam sempre em discussão. Pra mim o capitão sabia das safadezas do guarda-marinha, mas não contava ao comandante.

– Neste negócio de safadeza, o senhor foi logo escolhido. Imagino sua cara ao se apresentar em público!

– É! Eles precisavam de alguém novo e forte... Fui escolhido por isso. Mas, a gente não sabia tudo do drama não, cada um sabia sua parte e pronto... Não atrapalhe! O capitão andava desconfiado do sargento...

– Eta! Seu Mário tá mudando a história... quem andou desconfiado do guarda-marinha foi o piloto. Tá ficando bebo?

– Bebo o quê? Vocês ficam atrapalhando! Ouçam a história toda, sem dizer nada. Estes moleques atrapalham, né Laurentino? O Capitão também descunfiava do Piloto.

Os presentes aquiesceram. Zilmário percebia o brilho nos olhos do pai. Era um momento de alegria muito grande, como se estivesse novamente em Entre Rios, ao lado da gente amada.

– A desconfiança chegou a ponto de ter um duelo entre o Capitão e o Piloto. Uma briga porreta! Parecia de verdade. As mulheres chegava a tapar o rosto. Quando o Capitão feriu o Piloto, o sangue jorrou longe. O piloto levava a mão ao peito como se tivesse ferido pela espada do outro, aí apertava uma bexiga cheia de tinta vermelha pra manchar a camisa. A marujada toda corria aflita. Aí aparece o Capitão Patrão e chama o Calafatim pra mandá pegar remédio pra curar o ferido. Depois ele é colocado dentro do barco. Mas, não pensem que isso tudo era andando, não senhor! Era tudo em bailado. Os marujos pulavam, fazendo de conta estarem preocupados com a briga, até tirarem o homem da cena. Aí apareciam os marujos limpando o convés, costurando as redes, as calças, as camisas, muitas coisas! Quando tudo se acalmava e a marujada chagava ao porto,

aparecia o Guarda-Marinha mostrando as coisas que tinha trazido de outro lugar.

Envergonhado, Mário pediu desculpas antecipadas por não ser bom cantor e a sequência da história teria de ser cantada. Ao representar a marujada, era jovem e tinha a voz bonita, agora estava fanhosa. Mesmo assim, faria o possível. Laurentino o ajudaria se fosse necessário. Mesmo sem ter participado, depois de ter ouvido contarem o drama tantas vezes, já conhecia todo o desenrolar. Se errasse, Laurentino podia interromper quando quisesse.

A promessa de apoio de Laurentino incentivou Mário a iniciar a cantoria:

*Trago fazendas bem finas  
para vender no lugar,  
Trago raminhos e flores  
Para dar a meus amores!*

– O capitão era um sabidão e estava interessado em ganhar também, tentou me intimidar. Pensando me meter medo disse, segurando a espada:

*Dou-te vinte e um mil cruzados  
Pelas fazendas que trazes  
Se não me queres vender,  
Ao Comandante dou parte!*

– O guarda-marinha nega. Ele é quem vai vender as coisas e ter o lucro sozinho. Então o capitão fala ao comandante:

*Saiba Vossa Senhoria,  
Oh! Senhor Comandante!  
Que o Guarda-Marinha,  
Está passando contrabando!*

– Rapaz, o comandante fez uma cara! Cheguei a ficar com medo na hora. Me olhou com tanta raiva... Aí ele falou:

*Dizei-me, oh! Guarda-Marinha!  
Dizei-me qual a razão  
Que tu trazes contrabando  
Dentro desta embarcação!*

– Foi um momento muito sério. Até os presentes ficaram aflitos quando me aproximei para prestar defesa. Ainda menino, eu era bem menor do que o comandante. Mesmo assim falei, olhando na cara dele:

*Saiba Vossa Senhoria!  
Oh! Senhor meu Comandante...  
Oh! Senhor meu Comandante...*

Laurentino não pôde ajudar o amigo. Ele também não se recordava da continuação do verso. Não havendo outra solução, pediu desculpas e continuou a narrativa com esforço, tentando lembrar algumas palavras. Praguejou! Logo a parte dele fora esquecida. Mesmo assim podia jurar que algumas mulheres até choraram quando o comandante chamou o primeiro e o segundo sargento e mandou me levarem pro porão. Então, amoleci o corpo pra dar a entender que estava sendo arrastado à força. Agora, confesso uma coisa, me deu vontade de dá um safanão nos dois fracotes e me mandá, mudando o drama. Ah! Isso me deu! Esse negócio de ser mandado feito um xibungo...

*Levem o Guarda-Marinha  
Preso pra prisão,  
Para saber se sou eu,  
Chefe dele ou não!*

– Fiquei na prisão um bando de tempo. Então mandei um recado pro piloto. Ele já estava melhor e podia me ajudá... Desgraçado! Negou! Pedi ao padre capelão também. Pedi pra ele falar com o comandante me livrá da prisão. O capitão nem dava trela pra meu pedido e respondia:

*Guarda-Marinha!  
Sofre tua dor,  
Pois ao nosso Comandante,  
Não vou pedir favor!*

– Mas eu não desisti. Depois de muito pedir, o comandante foi me visitar. Aí foi duro, um homem se rebaixá... pedi perdão... Depois do drama, quando a mulecada começou a querer se aproveitá pra fazer esculhambação, tive de arrancar muito dente de cabra safado. Quando o comandante mandou me buscar eu fui logo dizendo:

*Oh! Senhor Comandante!  
A quem pretendo rogar.  
De joelhos em seus pés,  
Me prosto já!*

– Humilhação! Por isso nunca mais quis fazer o papel de guarda-marinha. Se rebaixar a outro homem, não é de homem honrado. Isso mesmo era o desejo dele, parecer grande pros marujo. Com os olho sorrindo de satisfação, respondeu bem alto:

*Sem mais demora,  
Oh! meu Guarda-Marinha,  
Solto está,  
Hoje é dia de festejo,  
Não penso mais castigar!*

– Aí entra outras danças, festas, bebidas e a marujada acabava. Depois começavam outras festanças.

– Pai, o senhor podia ser artista de cinema!

– Tá tomando sopa comigo, capiau? Tá pensando que já é dotô e pode zombar dos mais velho? Tá vendo Laurentino? Tá vendo?

– Ele tem razão, Mário! Sua voz é muito bonita! Era uma festa muito bonita e organizada. Hoje em dia, não se vê mais alegria nos dias de festa popular. Nunca mais fizeram marujada! Depois de Entre Rios, outras cidades como Esplanada, por exemplo, quiseram fazer uma igual, mas nem se comparou!

– Pessoal, agora vou dormir. Ama... hoje, tenho de chegar cedo na Universidade. Vamos fazer um teste de seleção para ver quem vai ganhar um curso no Rio de Janeiro. Vai ser um curso muito bom! O felizardo terá mais chance de trabalho.

– Eu também vou... quero ver se sonho com aquela mulher!

Ao levantarem, houve um choque entre Laurentino e Mário. Os rapazes, tentando segurá-los, passaram a fazer parte de um bolo humano, esborrachando-se ao solo. Conseguindo levantar, cada um deles, com o dedo indicador atravessado em frente aos lábios, pedia silêncio aos demais. Tentando se equilibrar, encontraram os olhares de Tila e de Zilma, paradas à entrada da sala. Tonho foi o primeiro a falar. Elas desculpassem a tabaróisse do tabaréu. Não estava acostumado com bebida e deu uma fratura nos quarto... Vixe! Tô parecendo uma mula manca.

Desta vez as risadas foram generalizadas. Mesmo aparentando zanga, as mulheres não se puderam conter com a imitação de uma mula manca andando. Tila retirou-se ordenando voltarem a sentar e esperar. Ela e Zilma iriam fazer um café bem quente e sem açúcar. Enquanto aguardavam, deveriam se manter sentados e em silêncio, antes que acordassem toda a vizinhança.

– Vamo, Zirma!

– Ah! Tila, eu fico tão feliz! Mário é tão simples e bondoso. Eu sempre o amei e não sabia. Está lembrada do meu segredo? Como você riu de mim! Mas, como iria saber que o calor, quando ele se aproximava de mim, era amor?

– Tu era fingida. Dizia qui num quiria casá... Agora vamo levá o café e botá eles na cama...

Depois que todos foram dormir, o silêncio tomou conta da casa. Veio o sono. O nascer de um novo dia.

Zilmário foi o primeiro a acordar. Acostumado a cumprir horário, não se deixou dominar pelo sono. Tila esperava-o com o café pronto. Ao sair, deixou-lhe a incumbência de despedir-se dos amigos. Tentaria retornar antes da partida deles. Se não fosse possível, desejava-lhes boa viagem. Pediu-lhe também para dizer uma pequena mentira a Carlinda. Coisas como: chegaram cedo, Linda, ficaram em casa conversando a noite toda. Ou, então, o que achasse mais conveniente. Se a noiva não demonstrasse estar zangada, de noite, quando voltasse, ela ganharia um beijo do filho querido.

– Num vô me metê nisto não, safado!



idêntica à sua, nunca deveria se apaixonar. Este direito não lhes era permitido.

A dona do Cantinho mantinha o ritual de se lembrar dos dias que tinham servido de marco entre as duas grandes fases de sua vida, quando começou a enamorar-se por alguém. Não fosse um quase e teria sucumbido na rede envolvente do amor. Ao ver-se libertada, gerou em si mesma, saindo da personalidade escravizada, uma mulher não totalmente fria aos sentimentos humanos, mas desacreditada da sinceridade dos homens. Precisava deles, gostava de sua companhia, amava-os intensamente quando lhes tirava dinheiro e prazer, contudo, com nenhum deles, mantinha compromissos para o pós-cama. Pouco importava se a sociedade procurasse colocá-la em um lugar inferior. Um dia ficaria rica, teria casa grã-fina em rua de família. Um outro nome seria acrescido ao seu: “Dona.” Passaria a ser “Dona Matilde”. Soa muito bem! Não faltará quem queira me ajudar a apagar o passado, compartilhar comigo uma vida tranquila. É só bater os dedos, e pronto! Logo aparece um homem pra me dar o nome. Estava certíssima em não ter casado quando fui desonrada por um João-ninguém. Hoje estaria por aí, cheia de filhos, gorda feito uma porca prenha. Madame? Madame, uma joça! Elas têm é inveja porque ficam a vida toda servindo de colchão para um homem só. Todo dia a mesma coisa! Todo dia, uma vírgula! Uns só aguentam dar uma por mês, e, mesmo assim, com muito sacrifício...

Tidinha procurava ser objetiva, aproveitando ao máximo o tempo disponível. Parava nas lojas o suficiente, evitando conversas desnecessárias com os vendedores. Esquivava-se delicadamente dos galanteios.

Passando pela Praça Municipal, foi atraída pela sorveteria do Elevador Lacerda. Sorvete tinha o poder de transportá-la à infância, aos “abafa-banca” feitos

por dona Zinha. Tomou duas porções, uma para a Tidinha atual e outra pela Tidinha criança.

Satisfeita a vontade, voltou a andar. Por alguns momentos, sob o sabor da infância, esqueceu-se de manter o andar de mulher conquistadora. Nem se preocupou com a parada brusca, meio desengonçada, ao dobrar a esquina do prédio onde funcionava a Biblioteca Pública. Pouco à frente, uma figura feminina, bastante jovem, deslocava-se com dificuldade pelo peso de uma mala. Reviu-se na mesma situação. Aproximou-se. Pelo menos poderia ajudá-la a carregar a mala.

– Tá pesada esta mala, não?

– Tá, sim, senhora!

– Posso lhe ajudar, um pouco? Você é muito chinchinha para andar carregando tamanho peso... Se fosse minha filha, eu não permitiria. Não tem nem um parente? Onde já se viu uma garotinha como você, sofrendo tal malvadeza! Cadê seus parentes?

– Eles estão muito longe, não puderam me ajudar!

– Ei... ei... ei! Calma! Está chorando? Não quer parar um pouco, descansar? Podemos conversar? Vamos sentar ali, no Belvedere. Pra onde está indo? Está fugindo de casa, hem? Ah! Já sei! Brigou com o namorado! Tá com cara de fome... aceita tomar café na confeitaria?

Os modos delicados, a voz grave, a maneira brejeira do olhar de Tidinha conseguiram o consentimento da moça.

Poucas pessoas haviam no estabelecimento quando entraram: alguns homens interessados no crucial problema do futebol e estudantes orgulhosos do blusão cáqui com o escudo do Colégio Central da Bahia. Foram alvo de alguns comentários. Poucas mulheres decentes aventuravam-se a entrar, sem acompanhantes masculinos, em lugares como bares e lanchonetes.

Durante o lanche, Matilde foi obrigada a repelir um galã mais afoito, com veemência, arrefecendo o

fogo dos outros rapazes. A moça não percebeu o que se passava, apenas a mudança na tonalidade da voz da companheira tirou-lhe a vista do pão com manteiga e queijo. As palavras pareceram-lhe sem sentido.

Depois de ter recebido o troco, ouviu Tidinha falando bem alto. Iam sair porque duas senhoras não podiam frequentar um lugar repleto de mal-educados.

– A senhora é muito corajosa! Os homens podiam dizer liberdades. Eu tenho muito medo de brigas na rua, de gente sem educação!

– Diziam nada! Catende sabe em que pau bate a cabeça. Deixe eles pra lá! Você não me disse por que carrega esta mala. Não tem confiança em mim? Meu nome é Matilde, os amigos me chamam de Tidinha. Você também pode me chamar assim. Você é uma moça muito bonita, sabe? Bem, me desculpe a franqueza, está precisando de um retoque. Arrumar melhor os cabelos, trocar estas roupas antiquadas, pouca coisa... Mesmo assim, maltratada deste jeito, já está muito bonita! Não quer conversar, não é? Já sei, está com vergonha. Tá fugindo de casa por causa do namorado, não é? O papai não quis o namoro e resolveu fugir pra mostrar que já é uma mulher e pode se cuidar sozinha! Cuidado, menina! Muito cuidado, minha filha! Posso lhe chamar de minha filha, já tenho idade para isto. A vida é muito diferente, minha filha! Muito diferente! Quando estamos nesta idade, julgamos que os piores problemas de uma mulher são os que você está passando agora. Depois... depois verá problemas de verdade!

Desilusões amorosas passaram a ser especialidade de Tidinha, acompanhando a vida das meninas sob sua responsabilidade. Em todas, havia uma coisa em comum: homem. Sempre havia um homem funcionando como o centro gerador dos problemas, das situações desagradáveis e, até mesmo, por levá-las ao baixo

meretrício. Por isso, ficara tão impressionada com a figura desolada, simbolizando todas as infelizes participantes do teatro, cuja porta de entrada era a mesma. Precisava livrá-la de tal destino. Talvez continuando a conversa, conseguisse retirar as ideias maléficas de alguém com direito a um futuro melhor.

A decisão fora tomada. A partir de então, teria a missão de salvar a garota. Estava à frente não de uma moça desesperada, mas de todas as jovens necessitadas de orientação. Tinham de aprender como conquistar os homens e torná-los dignos companheiros, e não meros patrões. A vida permitia-lhes muitas conquistas materiais, no entanto todas guardavam um triste desconforto, do qual evitavam falar. A vergonha do nome como eram conhecidas: prostitutas, mulheres de vida livre, mundanas, rameiras. Lixo... lixo humano! Não servimos nem mesmo para despertar o ciúme das casadas. Nem mesmo eu sei tudo sobre os homens. O grande problema das mulheres não é conquistar um homem, e, sim, mantê-lo. Conheci muitos homens bons antes de se casarem. Após o casamento, modificaram-se em consequência de terem escolhido a companheira errada. Esta menina está a um passo de um infeliz destino. Poderá se salvar se encontrar alguém que lhe dê a mão, apoio, amizade e compreensão. E eu estou aqui! Se alguém quiser fazer mal a esta criança, terá de me enfrentar!

Outros rostos, jovens também, alguns ainda com sinais de inocência, foram aparecendo e tomando lugar ao lado da moça. Matilde sorriu-lhes. Acabava de transpor o umbral da porta separatista entre a realidade e a imaginação, encontrando-se ao lado de suas meninas, no Cantinho da Tidinha. Iniciava-se mais uma sessão de orientação sexual e de vida. Como em outras ocasiões, logo após o café-almoço, as participantes acomodavam-se de maneira descontraída, aproveitando o

tempo para pintar as unhas, depilar as sobrancelhas, apertar os papelotes dos cabelos. O tema da conversa era o de sempre, ou seja, homens.

– É como digo a vocês! O homem é um bicho fácil de ser domado. Só precisamos de jeito! Nenhum deles resiste a nosso choro, se pressentir ser verdadeiro. Todos eles gostam de fazer a gente sentir prazer, mesmo sendo fingimento. Porém é bom tomar cuidado, não exagerem. Quando descobrem que estão sendo tapeados, ficam mesmo que um menino ao ser enganado com promessas vãs. Saber fingir é uma arte. Nenhuma mulher deve desconhecer. Não é conveniente ser espalhafatosa. Um gemidinho no ouvido, um leve tremor no corpo como se estivesse sentindo frio e, depois, pra ele pensar que vocês ficaram satisfeitas, nada de pedir que saiam logo. Segurem sua cabeça sobre o seio e acariciem a cabeça deles. Lembrem-se bem que, mesmo estando com toda vontade do mundo de se livrarem, não demonstrem. Procurem fazer eles se julgarem importantes. O homem ainda não está acostumado com a mulher mandona, que toma a iniciativa e comanda o jogo. Eles gostam de dar ordens, de ser o comandante da operação. Quando fazemos alguma coisa querendo ser superior, os coitados se abatem e muitos ficam mole na hora. Se isto acontecer, vocês perdem tempo e dinheiro! E dinheiro, jovens, não pode ser desperdiçado.

– Isto já aconteceu comigo, uma vez! Fui dizer que, do jeito como ele estava, não ia dar pra nada... pensando em ajudar... qual! Estava enganada, não deu outra coisa. Parecia ter jogado uma panela de água gelada em cima do besta. Não teve jeito, meninas! Cansou de se esfregar em mim e não deu em nada... Mas, mesmo assim, ele me pagou. Não disse claramente, mas deu a entender, pra eu não dizer nada a ninguém.

– Tão vendo? Eu não estou dizendo? É muito importante isto! O homem deve ficar pensando ser superior. Nós vivemos deles, temos de ter muito cuidado

com palavras e atitudes. Qualquer coisa diferente, se despertar a atenção deles, pode fazer o negócio esfriar. Olhem! Muitos maridos me procuraram, dizendo não gostar mais das esposas por causa disto. Se algum dia, alguma de vocês se casar, não podem esquecer estas palavras! Ouviram?

– Ok!

– Deixem o homem à vontade, nada de querer exigir demais. A mulher casada se esquece que é mulher. Não tem a experiência nossa e, portanto, não sabem fingir direito. Aí a situação piora mais ainda. Eles percebem que ela está tentando enganar. Uns começam a sentir ciúme, pois pensam que a esposa não sente mais prazer com ele porque gosta de outro. Alguns perdem o interesse, muito bom... é mais um freguês pro nosso papo. Se elas soubessem prender o besta em casa, quem viria nos dar boa vida?... Estudantes pobres? Estes só servem para apagar nosso fogo quando está muito danado e o travesseiro não resolve... Olhem! Alguns homens gostam de perguntar se foi bom. Temos de ser cuidadosas. Não vão logo dizendo abestalhadamente: Foi a melhor de minha vida! Nunca gozei tanto! Eles desconfiam. Digam que gostariam de ir pra cama com ele outras vezes. Demonstrem estar satisfeitas. Se caírem na besteira de pedir outra vez logo, na mesma hora, podem pegar um de pau preguiçoso, e vocês vão perder muito tempo, às vezes, até, a noite toda.

– Puxa, Tidinha!

– Em nosso negócio, minha filha, tempo e juventude, peito duro e boceta apertada valem ouro. Além de perderem dinheiro, ainda ocupam o quarto tempo demais, e o prejuízo é da Tidinha aqui!

– Tidinha, como você sabe tanto assim sobre estas coisas?

– Anos, minha filha, anos! Muitos anos nesta vida dão experiência. Sempre procurei ser amiga dos meus

parceiros. Comigo eles se sentem bem, contam segredos, pedem ajuda, na certeza de que nunca serão descobertos. Como uma prostituta como Tidinha poderá algum dia conversar com respeitadas madamas? Eu digo isto pra eles.

– Você diz esta palavra sem a mínima vergonha!

– E nós somos alguma coisa diferente? Deixe de bobagem, menina. É uma profissão como outra qualquer! Se você lesse a história geral, veria quantas mulheres importantes foram, nada mais, nada menos, que prostitutas! O que é pior? Ser prostituta ou veada? Prostituta ou traidora do próprio homem que lhe dá casa, conforto e proteção? Você ainda cai da cama e chora, criança!

As recordações apagaram-se. A desconhecida continuava calada, extasiada com a beleza apresentada pelo ambiente. Do Belvedere, instalado na Praça da Sé, descortinava-se uma vista que alcançava desde a Península de Itapagipe até o Comércio, na Cidade Baixa.

Com paciência, Matilde esperava que a moça se tranquilizasse. Gostaria de saber o que a jovem tinha de tão especial, cativando-a e obrigando-a a deixar os afazeres e ficar sentada, esperando que resolvesse falar.

A curiosidade montava nas asas do instinto feminino, levando-a a imaginar o drama da menina. Aceitou que tivera um caso de amor e estava pagando pela fraqueza de alguns momentos de prazer. Se ainda fosse virgem, tentaria devolvê-la aos pais. Caso contrário... o que fazer? Irá para o Cantinho. É muito jeitosinha, se quiser trabalhar como as outras trabalha...

Impedida de penetrar nos pensamentos da moça, Tidinha continuava a passear pelo mundo das conjecturas, retornando ao Cantinho, às conversas com as companheiras.

– Meu maior desejo era me casar. Quando via as mulheres irem de braço dado com os maridos para a

Igreja... acho tão bonito um casal viver bem! Você tem razão quando nos ensina a não dever nos apaixonar por ninguém, mas que posso fazer se penso mesmo em ter outra vida? Um homem só, mesmo com todos os defeitos... Ah! Isso é bom! Poder andar livremente pelas ruas sem o medo de ser taxada de pros... disso! Arriscada a ser presa... Na minha opinião, vale a pena quaisquer maus-tratos do marido. Esse negócio de ser possuída a cada dia por alguém diferente chega a me dar nojo. Quando vou me limpar, me dá uma vontade de vomitar! E o pior é ter de fingir. Eu posso morrer hoje, mas levo comigo a esperança de me casar algum dia. Não é possível que nenhuma de nós não consiga! Mesmo para amiga, eu aceito. Vou ser tão boa que um dia ele se casa comigo.

– Cuidado, meu bem! Coração depois de atingido não pode mais recuar. Muita de nós alimenta a esperança de ser casada. Este pensamento é muito perigoso!

– Os homens são maus! Tidinha tem razão!

– Não diga isso! Como poderíamos viver sem eles? Vejam que tudo que falamos até agora foi no sentido de agradar a eles. Queira ou não, a mulher sempre será dependente do homem. Que seria de nós todas se eles não nos dessem o sustento? Quando falei na liberdade das mulheres, não foi me referindo a se livrar de ter homem, não! Foi de poder fazer o que quiser em relação a eles. Por que uma mulher não pode escolher um homem? Até numa festa, quem escolhe o parceiro? Aqui mesmo, não somos da vida? Mas, eles é quem escolhe esta ou aquela. As mulheres podiam dizer o que estão sentindo. Pra que coisa pior do que, quando a gente está com uma vontade danada, subindo nas paredes, ele se vai primeiro, sem esperar? E ter de fingir quando a vontade era dizer: Não foi bom! E exigir que cumpra a parte dele? Eles tão pagando, mas não podem deixar uma mulher na rua da amargura, queimando de desejo.

– A pior invenção contra as mulheres é a rola dos homens, minha filha!

– Você tem toda razão!

– Tudo depende dela, ou pros homens dar muito dinheiro ou pra gente sentir prazer. Quem pode dizer que poderia viver sem ela? Só as bichas; elas não gostam de homem. Por isso fico batendo, todo dia, na mesma tecla. Precisamos agradar eles e ter quem nos agrade. Agora, passar de agrado, já se torna perigosos! Tenham muito cuidado, muito cuidado com os homens delicados! Esses fazem coisas piores, mais do que bater nas mulheres. Eles, os educados, findam conseguindo tudo. Não existe nada pior do que uma mulher apaixonada de verdade. Vira uma verdadeira escrava. No medo de perder o homem, ela é capaz de fazer qualquer maluquice, até sustentar algum malandro. Quando estiver velha e não prestar pra mais nada, é abandonada. Conheci muitas mulheres de casa montada, minha filha, que, de repente se apaixonaram por um “estudantezinho” de meia tigela e perderam tudo, sustentando os caprichos dele. Depois, ficavam sabendo que o infame usava o dinheiro da idiota, no enxoval de uma moça com quem ia se casar. Eu posso gostar de alguém... porém, me apaixonar, nunca! E quem tiver juízo deve fazer o mesmo! Vocês precisam perder a esperança de virar madame algum dia! O máximo que poderemos conseguir, se souberem guardar o quinhão, é um lugar sossegado na velhice...

– Eu continuo a sonhar! Nem todos os homens são maus. Um homem como Nilmário não pode ser perigoso. Você viu como ele mandou flores, quando Carmô voltou da maternidade? Nós, que nem nos lembramos de nossas mães, fomos lembradas por ele. Vai me dizer que não achou bonito o gesto dele? Ele não será um bom marido?

– Foi um gesto muito bonito! Por isso mesmo é que digo! Homens do tipo dele são os mais perigosos, os

mais perigosos de todos! Aqui mesmo deve ter muitos corações balançando por ele. Tomem cuidado! Quem avisa amigo é! Que futuro pode ter uma de nós, gostando de um homem desses? Deve ser de família grã-fina... Vejam pelos presentes que dá! Os pais devem ser muito ricos. Até eu chorei, quando ele disse que ia viajar. Fiz um papelão do tamanho de um bonde! Agora, me digam, o que resultou do amor de Carmô? Um filho no bucho! Não pôde mais ficar aqui e só Deus sabe como está passando.

– Ainda não entendi como você foi capaz de fazer uma coisa dessas com a coitada! Botar ela pra fora daqui! Eu sinto tanta pena dela. Quando me lembro dela se despedindo da gente, me vem uma vontade de chorar!

– Não sinta pena dela, não! Aprenda a lição, não caia no mesmo erro, minha amiga! Para ela, ainda consegui emprego numa casa de família conhecida. Não sei se outra conseguirá a mesma coisa.

Na maioria das componentes do Cantinho da Tíndinha, habitava a esperança de vir a casar algum dia. Faltava-lhes era coragem de expressar os sentimentos, por isso as sessões, de maneira geral, terminavam num clima melancólico. O silêncio dominava o ambiente, e elas se dispersavam, cada qual procurando terminar os preparativos, para mais uma noite de alegria mentirosa. Tíndinha continuava por mais algum tempo, no mesmo lugar, observando-as com tristeza. Algumas a julgavam sem coração pelo acontecido com a colega. Dissera-lhes que Carmô estava trabalhando como empregada doméstica, quando, na realidade, fora colocada em uma pensão às suas custas, até que o filho crescesse e ela pudesse voltar ao trabalho. Mentira esperando livrar as meninas das ilusões, evitando que se deixassem levar por sentimentalismo bobo.

Dominada pela compaixão, a dona do Cantinho sentia-se na obrigação de cuidar e proteger as filhas.

A menina à sua frente era uma forte candidata a se tornar mais uma protegida. Uma mulher passando por um momento de aflição assim merecia amparo. Se não encontrasse alguma ajuda, afundaria, como tantas outras, no lamaçal da vida.

O tempo escoava-se rapidamente. O sol, já no alto, começava a incomodar. Mesmo estando em mês relativamente frio, Salvador tinha o privilégio de ter sol livre em todas as estações do ano. Os raios quentes tocavam a pele juvenil, tornando-a avermelhada. Penalizada, Matilde passou o lenço no rosto da moça. O perfume agradável despertou-a. Os olhos esverdeados encararam a outra mulher.

– Meu nome é Terezinha!

## VIII

ainda sob o impacto das inúmeras emoções da viagem, Zilmário deixava o tempo correr, enquanto desfazia as malas tentando diminuir a tensão que o dominara, tão logo o avião levantou voo em Salvador. Se fosse almoçar como estava, poderia ter indigestão. Era sua primeira experiência em viagem aérea e, mesmo estando prestes a formar-se em engenharia, ficara infantilmente alegre ao ver o aparelho elevar-se do solo, permitindo-lhe uma visão da terra abaixo dele bem diferente da habitual. Ganhando altura, o raio de visão aumentava, possibilitando a visão de regiões ainda desconhecidas. O mar separava-se da terra por extensa orla de areia, cortada pelos estuários dos rios. As estradas pareciam linhas atravessando um imenso pano verde. Mais adiante um filete de fumaça subia de um roçado, como se fosse um recado da saudosa Entre Rios. Nunca imaginara, quando menino, ao ver a fumaça desprendendo-se, vê-la assim, subir em linha reta e, bem acima, esfumar-se.

O descanso fez bem. Começava a sentir fome. As recordações apagaram-se, voltaram às nuvens, de onde foram arrancadas.

Deixando o hotel, andou pela Avenida Copacabana, procurando um restaurante onde pudesse jantar.

Os prédios agigantavam-se. Mentalmente, agradecia a si mesmo os anos vividos no internato e o serviço militar. Aprendera a libertar-se das manias relacionadas

com a alimentação. Tinha um intestino bom. Nenhum alimento era recusado, apesar de preferir as comidas feitas por Tila. Todavia, na falta dela, podia sobreviver em qualquer lugar. O corpo não era problema, temia pela alma. Ela sim, muito emotiva, seria capaz de tornar a estada no Rio de Janeiro bastante desagradável. Teria de se livrar das garras da saudade. Por isso, de imediato, teria de seguir os próprios conselhos de não se deixar levar por sentimentalismos. Não era mais nenhuma criança, era um homem, um futuro doutor.

Enquanto esperava a refeição, bebendo uma cerveja, traçava planos para se livrar do tédio. Teria de encher o tempo com atividades intelectuais e físicas, evitando ter insônia. Se isso ocorresse, fatalmente se entregaria aos pensamentos tristes. Durante o dia teria as aulas. À noite, porém, seria necessário arranjar atividades até a hora de ir dormir. Cinema, cuidados com as roupas, relações de presentes, leitura. Nada de escrever aos pais e à noiva, bastavam dois ou três telegramas dizendo como ia passando. Carta roubava muito tempo e só em escrever os seus nomes tornar-se-ia presa fácil da saudade. Quinze dias passam rápido. Não passei quatro anos longe de todos? Só não quero saber é de mulheres. Terra estranha, costumes diferentes e, o pior de tudo, a promessa a Carlinda. Faltam poucos meses para nosso casamento, não posso correr riscos de pegar alguma doença. No Cantinho de Tidinha, a coisa é diferente, ela não deixa nenhuma mulher trabalhar se estiver doente. Pego uma grinfa dessas daqui, arranjo uma camada de chato ou uma gonorreia e depois? Como vou explicar a Linda? Quinze dias somente eu aguento. Se a vontade apertar muito, sempre se dá um jeito...

O primeiro dia de aula transcorreu com naturalidade. Conheceu algumas pessoas interessantes, na maioria, rapazes de outros estados. Almoçou com um

grupo formado aleatoriamente. Ao terminar a refeição, acordaram em almoçar juntos todos os dias.

– Vocês estão gostando do curso? É o primeiro dia, mas já se tem alguma ideia, não? Você Baiano, que achou?

– É! Eu estou gostando. Esse professor de cálculo de resistência de material é um verdadeiro gênio. Quase um Rui Barbosa. Se continuar assim, vou gostar muito. O bicho tem uma segurança quando está falando, de admirar!

– Vamos ver pela tarde. Pena não ter nenhuma mulher...

A sala de aula fora arrumada num anfiteatro amplo, de janelas cobertas com papel preto, possibilitando melhor visão das projeções de pequenos filmes ou figuras de livro, através de epidiascópios. Zilmário observava que os professores procuravam utilizar esses aparelhos para atrair o interesse da turma ou demonstrar alta tecnologia em ensino.

Encerrado o turno, os assuntos ministrados nas aulas continuaram a ser discutidos até a saída do prédio, quando uma surpresa os aguardava. O clima havia sofrido profundas modificações. Em lugar do céu, de azul limpo, densas nuvens negras, dessas que Zilmário classificava como sendo representantes de coisas ruins, encobriam os morros adjacentes, a imagem do Cristo e o Pão de Açúcar. Dois rapazes do Ceará foram alvo de brincadeiras por parte dos sulistas, pelas queixas veementes que fizeram. Saíram pela manhã com o sol brilhante e à tarde estava fazendo aquele frio da molesta. Pouca importância deram às explicações dos cariocas: o Rio era assim mesmo, quando menos se esperava o tempo mudava. Precisavam estar prevenidos e trazer agasalhos.

Zilmário manteve-se em posição intermediária entre os colegas: nem mangou dos nortistas, nem fez

qualquer queixa. A temperatura baixa não lhe perturbava, a chuva, sim. Teria de permanecer preso dentro do hotel, modificando os planos traçados, sujeito às tramas da indolência. Evidentemente, não era boa aliada. Teria de conseguir novos reforços, tirar coelho da cartola.

Antes do táxi chegar em Copacabana, o aguaceiro desabou. Parecia um dilúvio caindo sobre a cidade. Eram pingos grossos, fazendo cantoria no teto do veículo.

O dia terminava muito mal. As recordações começaram a se fazer presentes. Ao fechar os olhos, mentalizava um avião no Aeroporto de Salvador. Depois a figura começou a aparecer mesmo estando com os olhos abertos. Era uma enorme aeronave. Viu-se, a si mesmo, subindo as escadas, parando à entrada do avião, olhando em direção ao outro lado da pista, onde pessoas amigas acenavam-lhe. Uma moça escondia o rosto no ombro de uma senhora. Carlinda recusara-se vê-lo partir.

O rapaz procurou interromper as recordações relacionadas com a noiva. Permitisse esses pensamentos alojarem-se dentro dele, estaria abrindo os portões do forte. Teria de terminar o curso, mesmo tendo se decepcionado com a primeira aula, achando-a muito fraca. Apoiou os comentários dos colegas apenas por delicadeza. Todos os assuntos abordados já eram conhecidos. Os professores da Politécnica nada ficavam a dever aos figurões do sul do país. Obrigava-se a ficar fora de Salvador em dever a si mesmo. Se retornasse antes do tempo, nunca mais teria coragem de participar de outros eventos semelhantes.

Depois de muito tempo preso no engarrafamento provocado pelo temporal, o táxi parou em frente ao hotel. Felizmente a porta de entrada dos hóspedes era protegida com um toldo.

Jantou dentro do quarto. A seguir verificou todas as tarefas a que se impusera. O sono andava por longe. Os pensamentos tomavam forma, ocupavam lugares em volta de uma mesa. Em lugar do avião, surgia um homem vestido de cáqui, cujo brilho dos botões dourados ofuscava os demais participantes da reunião. Iniciava-se outra viagem, bem diferente da que acabara de fazer. Naquela, um rapaz solitário voltava à cidade natal pensando em dar fim à própria vida. Ela representava um duplo retorno: do colégio onde passara quatro anos ao seio da terra de onde nunca deveria ter saído. No passado, não sabia quem era, havia dúvidas sobre ele próprio; no presente, ao contrário, já se conhecia. Necessitava, somente, resistir a quinze dias. Não podia perder a oportunidade de cumprir, talvez, a última parte do tratamento iniciado com a Menina do Rio.

A chuva continuava intermitente, já passavam das nove horas da noite e não dava sinal de melhorar. Resignado com a situação, resolveu descer até o hall do hotel tentando distrair-se enquanto o sono chegava.

Algumas pessoas transitavam pelo grande salão do hotel, aglomeravam-se próximo das portas de pequenas lojas com vitrines enfeitadas, onde os mostruários exibiam joias e outros apetrechos turísticos. Parou em frente de um balcão. Uma mocinha mostrava aos fregueses diversas marcas de cigarros importados. Atraído pela variedade de cores, aproximou-se.

– Deseja cigarros, senhor?

Fumar poderia ajudar? Pelo menos, enquanto estivesse aprendendo, deixaria de pensar em Carlinda e nos pais.

– Quero sim! Uma carteira do mais fraco. Estou com a garganta irritada e não quero fumar cigarros fortes. Deve ter sido um barrufo desta chuva. Dê-me também um isqueiro. Perdi o meu.

Temendo ser pilhado em alguma gafe de principiante, resolveu iniciar-se na nova atividade dentro

do quarto. Se fizesse bobagens, ninguém perceberia. A única experiência com fumo não fora muito agradável. Ainda podia lembrar-se do mal-estar quando despertou na cama, após ter-se trancado no banheiro e fumado um charuto. Foi preciso arrambar a porta. Tila quase morre de dar risada. Sempre achou graça das minhas traquinagens: ela e pai. É! Mas a situação agora é diferente. Cigarro é muito mais fraco. Também não sou mais criança. Se aparecer sinais de enjojo joga fora.

Aberta a carteira, os cilindros brancos apareceram. Sobre a mesinha, ao lado do maço, foram colocadas algumas páginas datilografadas, lápis, papel em branco, o isqueiro e um cigarro.

A primeira pitada foi com cautela. Num cinzeiro improvisado, colocou o cigarro. Da brasa, libertou-se um filete de fumaça cinza. Tragou pela primeira vez, soprando o fumo no espelho em frente. Após leve acesso de tosse, dedicou-se à matéria do curso. O assunto foi lido com atenção. Destacou trechos, fez algumas observações.

O lápis preto iniciou sua peregrinação pelas palavras duvidosas. Um cálculo, envolvendo equações exponenciais e logaritmos, foi revisto, na esperança de encontrar alguma coisa errada que lhe possibilitasse criticar o curso.

Entre as qualidades de Zilmário, havia uma que controlava as outras, fazendo-o arrepender-se de qualquer atitude menos honrosa. Não podia transferir ao evento as fraquezas pessoais. Mesmo que encontrasse erros, não iria estragar a alegria dos colegas denegrindo o evento. A apostila não tinha culpa de estar chovendo, nem fora ela quem o prendera no quarto. Se encontrasse algum erro, tomaria nota e, no outro dia, procuraria saber se não teria sido erro de redação. Nada de procurar esconderijos. A fuga sempre é a primeira opção. Calma, Zilmário! Não comece a recriminar quem não tem culpa de você ser assim. Se não souber

escapar dessa esparrela, o resto de sua permanência nesta cidade não vai ser nada agradável... É melhor olhar as coisas por outro prisma. Eles têm boa vontade em dar as aulas. Mesmo fazendo um pouco de propaganda exagerada das coisas daqui, procuram se interessar em tirar dúvidas. Não podem ser recriminados por você estar começando a se entregar à depressão... Muito cuidado! Ouça meu conselho, rapaz!

Do cigarro esquecido no cinzeiro, restava somente um toco lembrando as pontas que o maluco Zé Domingos andava catando pelas ruas, para mascar. Só mesmo na cabeça de um maluco. Um dia, se eu for um escritor, vou fazer um romance sobre a vida de um maluco. O sem juízo deve ser muito mais feliz do que qualquer pessoa dessas que se dizem normais e são mais malucas do que ele. Deve ser interessante saber o que um maluco pensa das outras pessoas. Nossos gestos devem ser bem mais esquisitos para eles. Eu, por exemplo, sair de minha terra maravilhosa, deixar parentes e amigos, viajar quilômetros e mais quilômetros, arriscando a vida durante algumas horas numa máquina de ferro, a não sei quantos metros de altitude, correndo o risco de se esborrachar no solo, ou cair em algum lugar cheio de índios e ser comido vivo... é coisa de são ou de maluco?

Os restos dos cigarros acumulavam-se no cinzeiro. A apostila fora lida atentamente e devidamente anotada. No bloco de rascunho, já havia algumas páginas cheias de cálculos. Terminado o estudo, começou a escrever algumas palavras em forma de acróstico com o nome de Carlinda.

*Cada minuto de minha vida,  
Ausente de ti...  
Rainha de meus sentimentos  
Lacaio, aos teus pés,  
Idolatro...  
N...*

A letra N foi escrita de várias formas, tentando criar uma palavra poética para dar continuidade ao acróstico. O escritor olhava o teto à procura de alguma inspiração. Ao baixar a vista, a luz que andou procurando no teto saiu de seus olhos em forma de pequenos vaga-lumes voando pelo quarto. As paredes começaram a rodar. A lâmpada, aliada aos insetos, apagava e acendia. O carrossel girava rapidamente, levando o atônito poeta a apertar o estômago.

A agonia prolongou-se por muito tempo. Numa das voltas de maior velocidade, foi atirado na cama. Depois, o movimento passou a ser em sentido contrário. Com o passar das horas, tornou-se lento. Acordou. O teto não ficava quieto. Apresentava barrigas enormes no reboco. As paredes deslocavam-se. Apertou os olhos com força. Finalmente os móveis ficaram parados. Pôde, então, tomar conhecimento de uma terrível situação: haviam-lhe amputado as pernas. Apavorado, recorreu a Deus.

À medida que se desanuviava a mente, o reencontro com as demais partes do corpo ia acontecendo. Não perdera as pernas, apenas, na noite anterior, quando se lançou sobre a cama, elas permaneceram penduradas, provocando dormência. Ordenou-lhes que se recuperassem, batendo os pés contra o chão, seguindo os ensinamentos de Tila: Pé, vamo pra missa... pé, vamo pra missa... até a circulação voltar ao normal.

O primeiro passo foi doloroso. O sangue acumulou-se sobre os pés provocando dores agudas. Os pensamentos voltaram-se à noite anterior. Ah, meu Deus, puxa vida, devo ter vomitado tudo por aqui! Hum! Minha boca parece estar cheia de fel... Tá um fedor dos diabos, tenho de lavar tudo isto, não posso deixar que a arrumadeira perceba a porcaria que fiz... Droga! Já são sete horas! Santo Deus, vou chegar atrasado ao curso. Tenho de me apressar! Maldita hora que resolvi fumar... agora piorou tudo. Tão cedo não vou me livrar

desta inhaca. Hum, o banheiro está uma imundície! Que vou fazer? Que vou fazer? Diabos! Mil diabos! Com que cara vou chegar ao curso? Se ainda estiver chovendo! Tudo para atrapalhar! O tráfego deve estar insuportável. Arranjar um táxi vai ser um verdadeiro inferno.

Após a limpeza do sanitário, dirigiu-se à porta do hotel esperando conseguir transporte. Depois de algumas tentativas lançando o braço à frente, aproximou-se um carro de praça. Deu o endereço ao motorista, pedindo-lhe pressa em troca de uma gorjeta.

Ao entrar no prédio, a cabeça latejava em consequência do esforço despendido. No salão, anterior à sala de aula, havia um movimento incomum que lhe chamou a atenção. Vários participantes acotovelavam-se em volta de uma mesa. Disputavam, como se não houvesse quantidade suficiente, novas apostilas referentes aos assuntos subsequentes.

– Anda depressa, Baiano, senão a turma pega tudo!

– A aula ainda não começou? Aconteceu alguma coisa?

– Tu não leu o programa? Hoje só começa às nove horas. De tarde acaba uma hora depois. Tá ficando maluco com o Rio?

– Banana! E nem tomei café!

– Ali! Olhe lá! Tem uma mesa com xícaras e café quente. Lhe aconselho pegar o material primeiro. Vai acabar!

Em agradecimento ao companheiro, meteu-se entre a turma e conseguiu pegar um livro e várias páginas presas com grampo. Precisava tomar uma xícara de café quente, urgente, para afastar o mal-estar.

Entre o alarido dos rapazes, a voz de Tila alertando-o: Precisava evitar adoecer às vésperas do casamento. Ele tinha de ficar forte para mostrar às moças da capital como um homem, macho de verdade, tirava uma

mulher de casa. Tila, maluca! Só pensa em maluquice! Como se eu fosse um animal. Fazer Carlinda sofrer? Nunca! Acabou-se este tempo. O homem de hoje não precisa deflorar a mulher de uma só vez como prova de masculinidade, sem pensar nas consequências desagradáveis, até mesmo estragando o casamento. Com Linda vai ser diferente, será com muito cuidado e carinho. Vai se lembrar de nossa noite de núpcias com alegria e não com pavor... Ainda bem que não cheguei atrasado. Nem sei como entraria na sala! O desgraçado do cigarro quase me vence, mas vai ver uma coisa! Hoje vou fumar de novo, com cuidado, apenas um cigarro, sem tragar. Tenho de me acostumar, ele não é mais forte do que eu! Não tem cabeça, nem braços, nem pernas... como poderá me vencer?

Terminado o expediente, à tarde, a chuva havia amainado. Soprava um vento frio pela avenida, obrigando, principalmente os nortistas, a agasalharem-se. As queixas se repetiam: os pés estavam úmidos e frios, os lábios ressecados. Preocupado com a saúde, Zilmário calçava um sapato tipo botina com solado de borracha para proteger-se da umidade. Uma recaída de pneumonia, em terra estranha... Nem pensar! Seria muito perigoso. Linda não merece um adiamento do casamento. Nos últimos meses tem se mostrado bastante ansiosa. Ela também deseja a liberdade de podermos nos entregar aos nossos desejos.

Aproveitando as oportunidades de se manter em atividade, procurava conversação com os motoristas dos táxis, contando-lhes coisas da Bahia, incentivando-os, ao mesmo tempo, a falarem de suas cidades. Quando o condutor do veículo era carioca, a conversa girava em torno das belezas naturais da Guanabara. A maioria deles, contudo, era oriunda do Norte e do Nordeste, assim, a conversa ficava mais coloquial. Terminada a viagem, agradecia-lhes com gratificações.

Dentro de sua carapaça, Zilmário não podia imaginar que outros rapazes também sofriam dos mesmos males.

Terminada a primeira semana de aulas, vários grupos haviam sido formados em função das afinidades que os rapazes descobriam entre si. Tratavam-se por apelidos apesar de, por cinco dias, terem sido obrigados a repetir os próprios nomes aos outros. Assim, eram: Baiano, Sergipe, Tchê, Pernambuco e até mesmo Portuga. Como o sol não conseguira vencer as nuvens que cobriam a cidade, e a perspectiva para o sábado seria a mesma, resolveram que no domingo iriam assistir a uma partida de futebol no Maracanã.

Zilmário aceitou acompanhar os colegas, mesmo sem estar com vontade. No domingo acordou muito tarde, ficando na dúvida se tomava café ou se almoçava logo. Resolveu por uma alimentação leve. Não era conveniente ir ao futebol com o estômago cheio, podia dar – Ave-Maria, Ave-Maria – congestão. Até lá se dedicou a arrumar alguns presentes adquiridos no dia anterior, entre eles um piano de brinquedo que tocava como se fosse de verdade.

A refeição foi acompanhada por suspiros. Encontrava-se totalmente entregue à melancolia, fora vencido. Nada mais poderia alegrá-lo nos dias seguintes. Os primeiros sinais, consequência da má alimentação que estava tendo, faziam-se notar nas calças frouxas na cintura. Até as lágrimas, desde muito iniciadas em sua maratona, conseguiram vencer a barreira das pálpebras, saindo vitoriosas. Recriminava-se por pensar mais em Carlinda do que em Tila, na mãe e no pai. O rosto da moça aparecia-lhe com os olhos vermelhos de tanto chorar. Dormia segurando seu retrato, na esperança de sonhar com ela.

Na saída do estádio, houve grande dificuldade em conseguir transporte. Somente às vinte e uma horas

conseguiu chegar ao hotel. A cabeça doía. Deitou-se sem jantar.

A segunda-feira amanheceu mais quente. O sol já se fazia notar através de alguns claros entre as nuvens. No rosto aflito do rapaz, alguns raios de satisfação. Tivera um sonho agradável em vez dos pesadelos constantes. Procuraria alimentá-lo enquanto fosse possível. Se pudesse manter as recordações agradáveis, os últimos dias fora de casa seriam menos tristes. Estava há mais de oito dias sem ter mulher e nem sentia. Lembrou-se disso porque Tidinha também fizera uma ponta no sonho.

O moço sorriu com a lembrança. A despedida mantinha-se viva em mínimos detalhes. Naquela noite, o Cantinho recebeu poucos estranhos. Todas as atenções estavam voltadas para ele. Terminou não indo para a cama com nenhuma das moças, tal o estado de embriaguez. Sabia-se querido entre o mulhério, mas não tinha noção do quanto. Coitadas! Qualquer coisa mais humano é capaz de cativá-las. O simples gesto de mandar rosas à Carmô, no dia das mães, fê-las sentirem-se tão agradecidas! Hoje em dia para aceitarem meu pagamento é à força. Tidinha também é muito boa. Tem uns achaques, é verdade, mas, no fundo no fundo, é muito boa. O que ela fez à Carmô, e que pouca gente sabe, é digno das pessoas mais honradas. É uma grande sentimental; em cada uma das moças do Cantinho, vê uma filha. Até os fregueses passam a ser uma pessoa de sua enorme família.

Enquanto esperava o táxi, um ônibus parou à sua frente. Seria uma nova experiência. Como era muito cedo, resolveu pegá-lo. Pela primeira vez andaria de coletivo no Rio de Janeiro. Ótima oportunidade para ver a cidade com mais vagar. Misturando pensamentos com as visões dos prédios, deixou-se levar, calmamente, pelas avenidas. Não tendo com quem conversar,

permitiu-se e alimentou as recordações. Deixaria que desfilassem como quisessem. Inicialmente, apareceram as mulheres do Cantinho. À meia-noite, a vitrola foi desligada. A dona do recinto pediu silêncio. Com voz trêmula solicitou permissão para dizer algumas palavras a um ente querido. Partiria deixando uma ferida aberta em cada coração dos que ficavam.

Uma freada mais forte interrompeu o devaneio. Mais um pouco e teria passado do ponto. Culpou as lembranças. Engraçado como uma despedida pode até parecer confortante. Aqueles instantes de melancolia me parecem tão amigos... Tomara que algum dia não venha a me arrepender de ter feito esta viagem maluca... Calma, Zilmário, tá mais perto do que antes! Mais quatro dias e vou embora pra minha terra! Se Deus quiser!

Findo o dia, mesmo estando o tempo a permitir um passeio, resolveu ficar no quarto. Escreveria aos pais e à noiva. Até aquele dia, mandara-lhes apenas um telegrama. Havia também alguns cartões para os amigos e um, bem especial, de mulher nua, para o Magro Didi.

Antes de dar início às cartas, observou o cigarro apagado por falta de uso, apenas uma vez fora sugado. As frases escritas em cada cartão tomaram muito tempo. Acendeu outro cigarro, enquanto escrevia aos pais. Cansado, deu alguns passos pelo quarto.

Pela vidraça pôde observar as pessoas de hábitos noturnos andando pela calçada. Releu alguns trechos. A carta estava boa. Não havia citado os vexames, evitando inquietá-los, principalmente as mães. Se Tila imaginasse que ele estava sofrendo, seria capaz de vir vê-lo. Por isso mentia. Tudo estava se passando às mil maravilhas. A comida era muito boa. No entanto, nem de longe se comparava à feita por ela, mas... dava pro gasto. O hotel oferecia um bom tratamento. Enfim... a viagem estava correndo bem. Quanto ao pai, podia

ficar tranquilo, o dinheiro era suficiente. Chovera uma semana inteira, não fora a lugar algum. Com referência ao outro assunto, ainda não pudera provar, em razão das tarefas cansativas do curso e das chuvas que atrapalhavam tudo. Se o tempo melhorasse, quem sabe, ainda poderia ter uma oportunidade. Do filho que muito os ama, Zilmário.

– É! Está boa. Só espero que Tila não perceba minha mentira. Ela advinha meus pensamentos! Parece saber todo o meu futuro. Ainda continua com o carancismo de que meu casamento com Linda vai ter problemas. Deve pensar que eu não gosto de Linda o bastante para ficar com ela a vida toda. Como você está enganada, minha Tila! Estes dias, ausente dela, me mostraram como a amo. Pelo menos nisto a viagem serviu. Ela me fará feliz. Quantas vezes eu paro na rua, pensando tê-la visto. Como gostaria de estar com você agora querida! Sei que não vai acreditar, quando lhe contar que nestes dias nós nem demos sinal de vida. Outro dia fui ao sanitário, estava fazendo tanto frio... tomei um susto, cheguei a pensar que ele havia desaparecido... Bobagens! Vamos à carta de Linda!

Fugindo à promessa de não fumar outro cigarro naquele dia, resolveu acender mais um. O organismo já começava a apresentar sinais de adaptação ao fumo, e a fumaça tinha o poder de libertar os pensamentos, fazendo-os flutuar em sua leveza e, depois, transportá-los em palavras, ao papel.

A Parker 51, bico dourado, passeava pela pauta com rapidez. Os pensamentos eram tantos que a mão não conseguia acompanhá-los. Ao terminar a carta, ficou a observar as piruetas da fumaça. Quando a brasa se extinguiu, deitou-se, relendo o escrito em voz alta.

*Querida Linda.*

*Um beijo do tamanho do universo.*

*Minha Linda! Ainda ouço, às doze horas da noite, ruído de tráfego lá fora na rua. Esta cidade parece que não dorme. A gente chega a pensar que ela não vai parar nunca. Você vê pessoas todo dia e tem a impressão que sempre são pessoas diferentes. Sinto-me tão triste sem sua presença, que resolvi escrever-lhe esta carta como se estivéssemos conversando, bem juntos. Tem horas que fico em tempo de perder o juízo. Vêm-me, à cabeça, umas ideias malucas de que você já me esqueceu... Depois desta separação, descobriu que não gosta de mim como homem, e sim como amigo... a velha ideia de sempre. Lembra-se que lhe disse isto um dia? Que foi este um dos motivos de ter calado naquela noite e que fez atrasar nosso namoro em tanto tempo? Pois é! Não consigo libertar-me dele. Só vou descansar quando estivermos casados, aí não haverá mais possibilidade de perdê-la. Sabe quantos meses faltam para nosso casamento? Eu sei, meu amor, é uma eternidade para nós! Vamos esperar que os meses passem rápido. Já não aguento mais tocar em você com restrições, sem ter o direito de tê-la totalmente.*

*Querida, vejo exatamente a cara que está fazendo ao ler estas palavras. Fique tranquila que ninguém vai pegar a carta e, se, por acaso, sua mãe pegar, tenho certeza de que não vai ignorar. Ela sabe, perfeitamente, os sentimentos que tenho por você. Desejo-te*

*com todas as energias que meu corpo é capaz de produzir; mas, além disso, tenho muito mais amor.*

*Será que você pensa em mim de noite, da maneira como penso em você? Quando nos casarmos, vamos fazer uma viagem igual a esta que estou fazendo agora. Você vai ver quanto eu sofri, aqui, sozinho, tantos dias sem vê-la. Vai ficar com tanta pena de mim que só em pensar nos agrados que vai me fazer nós ficamos de água na boca.*

*Linda, vou lhe levar um presente! Tenho certeza que você vai gostar. Não fique pensando em acertar o que é, duvido que consiga! É uma coisa que você nunca viu. Eu fiquei de boca aberta, quando vi.*

*Olhe, não fique muito preocupada com as besteiras que acabei de escrever, não! Não estou doente, nem passando fome, pelo menos fome de comida. O curso é uma droga. Já sabia tudo o que estão ensinando por aqui. Me desculpe a falta de modéstia, mas, para você, não posso mentir. Todavia, foi muito bom que eu viesse, o atestado é muito importante. Hoje já é terça-feira, exatamente, uma hora e dez minutos do ano de 1953 das Graças de Nosso Senhor Jesus Cristo. Falta a infinidade de, mais ou menos, cem horas para estarmos juntos e é, por este momento, por tudo que estou sentindo, pelas lágrimas que desejam sair, eu lhe juro, nunca deixarei de te amar, por nada deste mundo. Não há, no universo, riqueza, nem qualquer coisa suficientemente grande para destruir o amor que sinto por você.*

*O curso vai acabar sexta-feira, ao meio-dia. Vamos ter duas tardes livres para compras, quinta e sexta. Já sei onde tem uma loja especializada em enxovais. Estou pensando em ir lá. Sábado, se Deus quiser, eu volto. O avião deve chegar aí por volta das quatro horas da tarde. Quero ver todos me esperando. Fique perto de Tila e de mãe. Quero ver o rosto de vocês três em primeiro lugar. Olhe, diga ao pai para levar um carro de aluguel, porque tenho alguns pacotes. Diga a ele que, somente agora, me lembro deste recado e, como a carta dele já está fechada, mando o recado por você. Dê, também, um abraço na sogra e em doutor Néilson.*

*Bem! Agora vou dormir. Espero sonhar com nossa lua de mel. Me perdoe se disse muita besteira.*

*Do seu mais humilde escravo...*

*Zil.*

O desabafo fez bem. Nesta noite, dormiu tão logo se deitou. Ao despertar, sentiu-se disposto a continuar na luta por mais três dias.

O tempo melhorou. Também nas aulas não sentia o desconforto enfadonho dos primeiros dias. Participou de uma discussão e foi tão eficiente que o palestrante convidou-o a discorrer sobre o tema.

Somente ao ouvir a salva de palmas incentivando-o a levantar-se, percebeu onde sua empolgação o levava.

Tímido, começou a temer por um fiasco em frente à turma. O rosto estava quente ao começar a falar. Sabia que todos estavam à sua frente, mas não distinguia a fisionomia dos colegas mais chegados. Ao terminar, novamente ovacionado, agradeceu os elogios. No período da tarde, o feito do Baiano ainda era comentado.

Antes de ser encerrada a palestra de quinta-feira, os alunos foram convidados a responder a um questionário de avaliação final. No outro dia, após a palestra de encerramento, as colocações seriam divulgadas.

Zilmário não deu muita importância às tarefas do dia seguinte, o último longe dos parentes, da noiva e da Bahia. Aproveitou a tarde de folga para fazer compras.

Retornou ao hotel, várias vezes, carregado de pacotes. Orgulhava-se de si mesmo por ter conseguido vencer a batalha do medo e, dessa vez, sozinho, sem ajuda de ninguém. Foram muitas as orações, as promessas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, sua protetora. Acabara de dar mais uma prova de estar apto a tomar à sua responsabilidade a guarda de uma família, da família que construiria com Carlinda.

Depois do banho, antes de entrar no restaurante do hotel, admirou-se da beleza apresentada pela rua. Teriam ligado mais lâmpadas?

– O senhor hoje está com uma boa aparência, doutor Zilmário!

– É! Finalmente estamos chegando à reta final. O curso foi muito cansativo, muito estudo. Agora estou mais tranquilo. Traga-me uma cerveja, quero comemorar a liberdade.

– É pra já!

Vários dias sem tomar bebidas alcoólicas, aos primeiros goles sentiu leve torpor na vista. Comparou-se com as notas das melodias, quando a noiva tocava ao piano. Em dado momento, elas demonstravam a felicidade que o autor estava vivendo, depois vinham sons pesados, quase agressivos, saídos de uma parte onde não havia amor. Alguém já lhe explicara, pelas teorias de Freud, que uma pessoa pode se sentir doente do corpo, mas, realmente, estar doente do espírito. Estava começando a acreditar nestas teorias que não podiam ser explicadas através da matemática pura, pois

ele mesmo não podia explicar como passara a se sentir melhor, tão de repente, a ponto de ser percebido pelo garçom. Sorriu olhando para cima, sacudindo a cabeça em agradecimento a alguém. Obrigado aí, Freud ou Froide, seja lá como for seu nome, segura aí a barra por cima, até eu me ver longe daqui! Lhe prometo, amigo velho, vou ler seus livros todos!

– Vamos ter chuva no fim de semana novamente, né, senhor? Aqui, quando começa assim, é uma coisa louca. Quando vai chegando pela quarta-feira, o tempo começa a fechar. No fim de semana, ninguém tem direito de ir a uma praia nem ao futebol. Parece até pirraça!

– É! Mas tenho certeza que lá, em minha terra, está fazendo muito sol. Lá em Salvador nunca chove tantos dias seguidos como aqui. Você conhece a Bahia?

– Já estive lá uma vez, de férias. É realmente muito bonita, cada praia... Se morasse lá, seria um grande malandro. Não dá pena ficar trabalhando, enquanto o mar bate na areia? Queria ser marinheiro, mas meu pai não deixou! Agora o senhor me desculpe. O restaurante está cheio; tenho de ir ver outros fregueses. Desculpe por não poder continuar esta conversa. Se quiser mais alguma coisa, pode me chamar.

– Você fuma? Quer esta carteira de presente? Descubri que não dou para fumar.

– Ah! Muito obrigado!

Ao contrário de outras noites, Zilmário nem se preocupou em jantar sozinho. Tinha a cabeça cheia de cenas vividas durante as compras. Era necessário repassar tudo, para não incorrer no erro de esquecer algum detalhe. Queria, também, dormir cedo. No outro dia, depois de encerrado o curso, terminaria as compras.

Excitado pela perspectiva de rever os familiares e a noiva, via-se no aeroporto, esperando a hora de levantar voo. Amanhã! Graças a Deus! Amanhã acaba este

sofrimento. É um capítulo de minha vida que quero encerrar aqui mesmo. Agora vou me dedicar à minha noiva. Vou deixar de ir ao Cantinho... me resguardar. Talvez vá lá uma vez ou outra; duas exatamente: prometi a Tidinha festejar minha volta com uma grande farra. A despedida de solteiro, também, poderá ser com as meninas. Tidinha terá mais uma oportunidade de fazer outro discurso meloso. O casamento não vai demorar. Não posso me arriscar agora. Carlinda também terá de entender que não poderá continuar me pirraçando. Ficando sem ir em casa de mulher, posso fazer uma besteira com ela e isto eu não quero, não quero dar nenhum desgosto a seus pais nem aos meus. Nosso casamento será dentro dos conformes. Só tem uma coisa me preocupando. Não sei se vou permitir que ela continue na faculdade estudando música. Esse meio de artista é muito libertino. Cheguei a desejar que ela perdesse o vestibular.

– Algo mais, senhor?

– Não! Um cafezinho e a conta!

O garçom não demorou a apresentar um papel branco dobrado sobre um pires. Agradeceu a gorjeta. A casa estava à sua disposição, quando retornasse ao Rio. Se quisesse fazer um programa, poderia ajudar...

Zilmário agradeceu. Iria direto pra cama.

Nesta noite, nem cigarros nem revistas em quadrinhos. Deitado, deixou-se levar ao sabor dos pensamentos até o momento de dormir. Faltando apenas uma aula, começava a recordar o estágio com certa saudade.

Não houve atrasos na manhã de sexta-feira. Os rapazes conversavam em voz alta. Nem mesmo a entrada do professor conseguiu silêncio imediatamente. Somente após pigarrear algumas vezes, o coordenador pôde dar início à sessão. Na hora de ler a classificação, Zilmário estava tão distraído que precisou ser tocado pelo colega. Estava sendo elogiado e nem percebera. A

direção da casa fazia-lhe, de público, um convite para um curso de pós-graduação, às expensas da escola. O convite também se estendia a outros dois alunos.

As palmas, os gritos de viva eram dirigidos a ele, ao Tchê e ao Portuga, que balançou a cabeça jocosamente, transformando as palmas em gargalhadas.

A seguir, foram a um almoço fornecido pela Escola. Era a confraternização final. A cerveja despertou o euforismo. A alegria foi tanta que muitos externaram o desejo de fazer o estágio novamente. Só mesmo sendo muito idiota! Não eu! Vou me sentir melhor é em casa! Não vejo a hora de pegar aquele avião.

Sábado. Arrumar malas, fechar conta do hotel, adeuses: ao curso, ao hotel, ao restaurante e, finalmente, ao aeroporto, quando o avião começou a deixar a cidade do Rio de Janeiro.



## IX

Poros vidros coloridos da janela do quarto, a claridade aumentava de intensidade. Finalmente chegava o dia. Tão desejado fora, que Carlinda estivera há muito tempo acordada a esperá-lo. Era uma data de significativo valor, voltaria a reencontrar-se com a própria alma. Depois de tanta saudade, veria novamente o noivo querido. A ausência servira para aumentar o amor que a dominava como um senhor autoritário. Lembrava-se das palavras de Zilmário e dava-lhe razão: não fosse o respeito por seus pais, por certo, já se teriam entregado ao desejo carnal. Porém, perturbando a felicidade, à medida que se aproximava o dia do casamento, aumentavam os temores de que alguma coisa desagradável viesse impedir a realização do sonho. Quando assim estava, com os olhos vermelhos, testa franzida, dona Haydée consolava-a: todas as noivas sentiam a mesma preocupação. Ela não era a primeira nem seria a última a sofrer com a aproximação do casamento.

Antecipando a presença do noivo, sentiu correr pelo corpo o calor que a dominava quando estava em seus braços. Já não mais temia as carícias. No início, ainda lutou contra suas investidas, cada vez mais ousadas, à procura de maior aproximação carnal. Aos poucos, a resistência foi enfraquecendo e, lentamente, passou a conhecer emoções até então desconhecidas. Gostava das brincadeiras que permitiam determinados contatos,

quando ficavam a sós, envolvidos pelos encantamentos da natureza: o frio, o luar de agosto, as noites mornas de dezembro, as chuvas inesperadas que tornavam a rua deserta. Foi numa noite assim, quando a brisa fria chegou inesperadamente, fazendo-a tremer de frio, que teve o primeiro momento de libidinagem. Havia qualquer coisa de diferente nos lábios do rapaz durante o beijo. Ela usava uma blusa de malha por fora da saia, ele bem próximo dela, ansiavam por se tocarem. Em dado momento, sentiu uma espessa nuvem envolvendo-a e, ao mesmo tempo, levantando-a do solo. Ainda tentou esquivar-se quando percebeu a blusa sendo levantada, mas a pressão nos lábios, o calor tomando a respiração dissiparam a vontade. Tremeu de desejo quando sentiu os dedos fortes apalpando-lhe as costas, passeando pela coluna até atingir a nuca. Era ela, agora, quem se apertava contra a boca do noivo. A vontade de ser abraçada com força tornava-se incontrolável, fazendo-a aumentar a tensão dos braços em volta do pescoço do rapaz. Ele encostara-se à parede, com uma das pernas um pouco adiantada, permitindo-a abandonar-se, inteiramente, sobre ele. A mão havia contornado as costas, introduzira-se sob o sutiã, alcançou o mamilo, acariciou-o até atingir um clímax inebriante, levando-a a sentir de uma só vez toda a realidade de ser mulher. Depois, o beijo foi delicado. Entregou-se às carícias. O que acontecera? Fora um sonho erótico? Sim! Isto tudo é um adorável sonho de amor. Não quero acordar nunca! Ah! querido! Nunca mais terei coragem de me aproximar de outro homem qualquer se você não me quiser mais. Estas coisas que nós andamos fazendo, apesar de sempre termos tido a coragem de parar no limite fatal, não me permite casar com outro homem. Só de pensar nestas coisas, fico toda arrepiada. É tudo tão bom e bonito que deve ser somente de nós dois. Nunca farei nada disto com outra pessoa. Também não posso pôr a culpa em

você somente, tive minha parcela. Quando iniciamos as brincadeiras, já sabíamos aonde iria terminar, deveria ter evitado logo no início. Se tivesse me soltado quando senti sua mão dentro de minha blusa, aquilo não teria acontecido. Além de tudo, é doido varrido, escrever tais maluquices numa carta! Só mesmo quem não tem juízo perfeito. Não sei onde estava com a cabeça quando lhe dei minha calcinha; quase morri de vergonha quando entrei e deparei com pai. Se você tivesse falado dela na carta, eu teria morrido de vergonha. Já pensou se mãe pega ela! Acho que seria o fim. Felizmente eu estava atenta e vi quando o carteiro chegou e tomei logo, antes de mãe ver. Ela diz que não mexe em minhas coisas, porém tem horas que fico com dúvida, por isso não escrevo tudo no Confidente.

A jovem não cansava de reler na carta, grifado de vermelho, o horário que o avião deveria chegar a Salvador. Droga! Por volta de quatro horas da tarde e ainda não passa de seis da manhã! Estas horas não vão passar, nunca!

Mesmo sabendo que ainda faltava muito tempo, queria estar pronta desde cedo, para não ser pega de surpresa em qualquer situação que pudesse atrapalhar a ida ao aeroporto. Entre as tarefas a cumprir, havia uma bem difícil: convencer Tila a ir com os outros. Fora uma recomendação do noivo e, por nada deste mundo, queria desapontá-lo deixando de levá-la.

Enquanto esperava, Carlinda não achava posição confortável. A cama estava desagradável. Virou-se de lado para olhar o relógio sobre a mesinha, em sua marcha lenta de soluços. No momento, era o pior adversário a impedi-la de estar nos braços do homem amado. Seis horas e vinte minutos. Seis horas e vinte e um minutos... Há muito não passa disto, parece estar parado impedindo a marcha do tempo. Maldito! Se soubesse que você tem culpa do tempo andar tão devagar,

quebrava você todinho! O jeito é acordar mãe para a gente conversar um pouco... Não, isto é bobagem! Não sou mais nenhuma criança. Depois, ela pode perceber que estou nervosa e querer me dar algum calmante. Hoje não quero tomar calmante algum!

Os pensamentos tinham o poder de retirar, como se abrisse um velho baú, recordações agradáveis vividas pelos namorados. Eram imagens muito prazerosas. Fechava os olhos, enquanto o maxilar superior prendia o lábio inferior, soltando-o vagarosamente.

Os olhos abriam-se na tentativa de livrar o corpo das sensações provocadas pelos pensamentos. Em vão. A solidão do quarto agia como cúmplice da recordação e a impedia de evitar lembrar os momentos eróticos. Reconhecia que Zilmário era muito mais forte. Se tivesse pedido... não teria resistido ao convite. Era obrigada a agradecer-lhe o respeito que dedicava a dona Haydée e ao Dr. Nélon. Confiava nele a ponto de permitir as liberdades que tomaram. Após a primeira conquista, os desejos foram se tornando mais ousados. Todas as células do corpo solicitavam carícias. Até mesmo estando sozinha, já começava a sentir sensações semelhantes àquelas que a levavam ao gozo. Quando se despediam, eram necessários alguns minutos até voltar ao estado normal. Ao entrar, evitava encontrar-se com a mãe, temendo ser descoberta tão lânguida. Apresentando alguma desculpa, dirigia-se ao quarto, onde relembriaria os prazeres ofertados pelo noivo.

Nunca esquecer a comemoração do aniversário de quatro anos de noivado. Ele e ela viveram um dia inesquecível. Pela primeira vez tiveram oportunidade de serem acariciados sem estarem separados pelas vestimentas. O casal já podia ir ao cinema acompanhado por alguém. Geralmente convidavam Débora. Assim começou o festejo. Quando a sala mergulhou na escuridão, beijaram-se sob a proteção de Débora, que lhe

tocava a coxa ao pressentir a aproximação do lanterninha. À noite, inexplicavelmente, acharam-se sem assunto. Carlinda sentia sobre os ombros o peso do braço do noivo. Estavam sentados na varanda. Segurava uma das mãos do rapaz, descansando-a sobre o colo. Assustou-se com sua voz rouca pedindo-lhe que não o pirraçasse. A principio ela não entendeu o significado das palavras, somente quando lhe disse que se sentia nervoso tendo a mão tão perto dela, percebeu a insinuação. Se continuasse pirraçando-o, seria capaz de fazer alguma coisa impensada. Voltava o silêncio. Decorrido algum tempo, sentindo as cochas da noiva levemente abertas, repetia a observação: Não me pirrace! Não me pirrace! Ah, meu Zil, eu fui a culpada de termos feito aquilo, mas não me arrependo, não trocaria nossos momentos por nenhuma riqueza deste mundo! Seria bom se existisse alguma força capaz de paralisar o tempo, quando estivéssemos juntos. Tive tanta raiva de você quando abri os olhos e o vi a me olhar com um sorriso safado nos lábios! Não sei onde botei a cara quando vi minha mão dentro de sua calça segurando ele. Você é um pirata, nem senti abrir minha saia. Muito obrigada, Zil! Foi você que me ensinou como é bom ser mulher e ser amada. Muito obrigada! Por sua causa, passei a ver muito mais beleza nas coisas que me cercam.

Carlinda abandonou a tentativa de fazer o tempo andar mais depressa. Entregara-se a reviver os momentos felizes do noivado. Na ausência de Zilmário, confortava-se sonhando com ele, da mesma maneira que se desligava do ambiente quando tocava.

O tempo continuou sua marcha, alcançou outras pessoas da casa. Dona Haydée consultou o relógio. Verificou que passava das oito e a filha ainda não estava de pé. Dirigiu-se ao seu quarto.

– Ainda dormindo?

Carlinda assustou-se, como se tivesse sido pilhada nos atos que acabara de rememorar. A mãe já andava

fazendo observações referentes ao seu comportamento. Queixava-se de que ela não mais gostava de conversar!

– Como é! A noivinha não vai acordar? Se preparar e ficar bem bonita? Não venha me dizer que a regra chegou logo hoje! Se você não puder ir ao aeroporto, vai ser o fim. Era só o que faltava. Zilmário chegar e você não ir recebê-lo. Zilma e o senhor Mário vão ficar decepcionados.

– E dona Tila?

– Ela também! É um grude entre vocês duas, hem?

– Já é muito tarde? Não sei o que me aconteceu! Acordei cedo, ainda estava tudo escuro... Depois peguei no sono de novo. Não dormi quase nada esta noite! Será que Zil emagreceu muito?

– Não vejo a hora de ver as novidades que ele trouxe do Rio de Janeiro para o enxoval de vocês. Deve ter comprado coisas muito bonitas e interessantes. Este casamento tem de marcar época, vai ser lembrado por muito tempo. Você vai ser a noiva mais bonita e bem preparada desta velha cidade do São Salvador. Felizmente aceitaram mudar de Igreja. A Catedral é muito mais chique!

– Vamos botar pra quebrar!

– Botar pra o quê?

– Ah! Botar pra quebrar! É uma gíria de hoje. Quer dizer: fazer bem feito, fazer melhor, mais gostoso.

– Então é isso! Vamos botar pra quebrar! É isto... Botar pra quebrar! E então, vamos levantar? Precisamos fazer muitas coisas até a hora da saída. Ah! Carlinda, você esqueceu, novamente! Não me ouviu, hem! Não botou os papelotes como lhe disse. Droga! Só para me dar trabalho de arrumar um penteado!

– Está nervosa? Até parece que é a senhora quem está esperando o noivo... Quando meu pai viajava, a senhora ficava assim?

– Engraçadinha! É porque eu tenho vergonha de Zilma! É por isso! Você vai ver como ela estará arrumada esperando o filho. Vamos ficar parecendo a criadagem dela, lá no aeroporto, no meio de tanta gente grã-fina. Se não sabe, eu fico morta de vergonha dos outros! Zilma lá, de cabelo feito, toda elegante e nós, você, a noiva, parecendo uma desmiolada! Qual!

– Calma, mãe! Zilmário gosta de mim como eu sou! Para nós não importa beleza física, não senhora. Muito mais importante é a beleza interior. Os sentimentos valem mais na contagem de pontos do amor.

– Fique nesta! Fique! Continue pensando assim e se prepare para ser passada para trás. Homem, minha filha, se deixa levar por bobagens, principalmente, beleza, comida e cama! Não trate de ir aprendendo a botar pra quebrar, não, e depois vá se arrepender por não ter ouvido meus conselhos! Quando eles veem um rabo de saia mais bonito, vão logo atrás. A de casa é logo esquecida.

– Duvi-de-o-dó! Zil nunca me trocará por outra! A mamãe aqui é insubstituível! Tenho confiança total! Não existe outra mulher para ele neste mundo, tenho certeza disto! E se quiser saber, não estou incomodada, coisa alguma; o cabelo vai ficar bonito, e meu noivo vai adorar. Puxa! Já é tarde mesmo! Peguei no sono de verdade...

– Linda, por favor! Não deixe nada se interpor entre vocês dois, impedindo este casamento. Zilmário é o homem ideal. Ele vai lhe fazer feliz... Hoje, o noivinho querido merece uns agradinhos!

– Comece com estas conversas, e eu não vou lá! Será possível? Agradinhos só depois de casados!

– Oh! Meu Deus, minha filha é uma inocentinha! Agradinhos só depois de casados... É melhor me dar uma chupeta! Morda aqui pra ver se sai leite!

– A senhora tem certeza que vamos ser felizes, mãe? Tem horas que fico com tanto medo!

– Deixe o medo para a noite de núpcias!

Dona Haydée retirou-se do quarto sem esperar as reclamações da filha. Lá de fora, exigiu que ela se apressasse. O pai estava se aprontando, no firme propósito de ir ao clube, e não queria atrasar o café.

– Já vou! Já vou! Pai, está pronto? Não vou demorar!

Carlinda se alimentava sem interesse. Do rádio da sala, chegavam-lhe acordes de uma música de caráter sertanejo, falando de uma terra ardente, qual fogueira de São João. Eu perguntei, a Deus do Céu, ai!, praque tamanha judiação! Apesar de amante da música erudita, deixava-se enlevar pelas construções simples dos cancioneiros populares. Gostava de enaltecer os versos cantados com sentimento. É uma beleza, não é, mãe? É lindo: “Que braseiro, que fornalha, nem um pé de prantação.” Fornalha é a seca do sertão; judiação é a falta de ajuda por parte dos homens, que podem, que podem e deveriam lhes dar.

Respeitando as declarações sentimentais da filha, Dr. Néelson desculpou-se. Não poderia ir receber o genro. Havia compromissos inadiáveis com os amigos no clube. A família já estava muito bem representada.

As desculpas provocaram lamúrias nas mulheres. Nem mesmo a chegada de Zilmário era suficientemente forte para adiar os tais compromissos. Interiormente, gostaram de tê-lo longe de casa, assim poderiam cuidar dos preparativos, tranquilamente.

Imediatamente à saída do marido, dona Haydée perguntou se havia necessidade de fazer almoço grande, ou se comeriam alguma coisa mais leve, a fim de evitar enjoos durante a viagem ao aeroporto. Mesmo de automóvel, o percurso longo poderia causar algum mal-estar. Carlinda concordou em fazerem apenas uma refeição leve. Beijando a testa da mãe, dirigiu-se à sala do piano. Crescia dentro dela o desejo incontrolável de

tocar, vazar pela música os sentimentos reprimidos dentro do peito. Nos últimos dias, a vontade de tocar afastara-se. Como obrigação, fizera somente exercícios técnicos.

– Meu amigo! Sofremos muito nestes quinze dias. Hoje, porém, vamos matar nossas saudades!

Os anos passavam, mas a moça não perdia o hábito de falar em voz alta com o diário e o piano. Olhou demoradamente as teclas, procurando inspiração. As mãos pendidas tamborilavam as laterais do banco. Depois, baixaram sobre o teclado com suavidade, enchendo o ar com a sonoridade melódica de um prelúdio de Bach. Repetiu varias vezes sem tomar conhecimento do tempo. Depois, fez vibrar o ambiente com a presença espiritual de Chopin. Sua alma alcançou a do artista, deram-se as mãos a vagar pela imensidão aberta pela música, procurando se aproximarem de Deus. Lembrou-se das palavras da professora: Através de Chopin, podem-se atingir pontos onde nenhuma força humana é capaz de alcançar; sua música é a passagem para o belo; é o apagador de todas as dores e tensões; é a brisa levando-nos pelo ar etéreo, por cima de sentimentos impuros como o ódio, a inveja, a fadiga e o sofrimento; é a esperança, aos bons de coração, de que ela os ajudará a suportar as dores da vida. Seria ela quem a ajudaria, se algum dia perdesse o homem amado. Zil, não suportaria viver sem você! Graças a Deus, tenho o conforto da música. Enquanto eu tiver força e puder tocar, não me entregarei às adversidades. Se algum dia ela me for retirada, neste dia, então, terá chegado meu fim. Restará na morte a esperança de poder encontrar-me numa maravilhosa vida ao lado dos gênios musicais.

– Bach e Chopin?

– Mãe! A senhora não perde esta mania de ficar me escutando sem eu saber?

– Não me parecem músicas muito apropriadas a uma moça ansiosa, à espera do noivo ausente há mais de dez dias! Pensei que os artistas, quando estivessem felizes, procurassem dar vazão aos sentimentos tocando coisas alegres, e não estas músicas tristes, lembrando enterro. Pelo que entendo de alegria, estas músicas não se coadunam com um dia festivo. Tocar esta música, da Ave-Maria, pensando no noivo distante? Eu não entendo! Realmente, eu não entendo esta juventude de hoje! É diferente da minha! Estivesse eu, em minha plena juventude, a esperar por Nélson, depois de tanta saudade, estaria dando pulos de alegria, e não pensando em tristezas. Veja seus olhos! Estão prestes a chorar...

– É choro de felicidade, mãe! A música não tem tristezas, toda ela é alegria. A senhora acha que pode haver tristezas em se fazer uma coisa abençoada por Deus? Chopin foi um legítimo representante de pessoas felizes. O ser humano capaz de compor uma obra como esta não pode ser considerado infeliz! Suas obras poderiam ter sido criadas num estado de elevação tal que ele deveria estar em graça e pureza total. Me responda! Graça e pureza é tristeza? Veja como demonstra pelos andamentos desta valsa. Todos eles representam felicidade. Felicidades diferentes: felicidade ao sorrir, felicidade ao chorar, felicidade por amar, felicidade por ser amado. Sofrer também é felicidade... Qual a maior alegria desejada por um ser humano?

– É!

– É a felicidade de ver Deus, estar perto dele, sentir Sua envolvimento de paz e amor! Então! Esta não é a meta de todos nós? Livrar-nos de todo peso que acarreta o labor e a necessidade de vencer na vida, e fluir até Ele? Como poderemos fazer isto? Claro, dona Haydée, através da morte... Somente assim teremos a oportunidade de poder admirá-Lo eternamente. Ela é a

porta através da qual poderemos chegar a Deus! Portanto, até a morte pode ser um momento feliz. Artistas como Bach, este brasileiro que começa a despontar como um grande compositor, Ernesto Nazaré, que, diga-se de passagem, já toquei peças dele, e que muita gente entendida em música acreditou tratar-se de Chopin, é isto, mãe, Chopin, e outros permitem-nos fazer isto sem morrer, por meio da música por eles composta. Não existe música triste, e sim pessoas de alma triste a escutá-la. Olhe! Vou lhe dizer uma coisa... quero sua promessa de que vai acreditar em mim!

– Partindo de você, minha filha, nem é preciso promessas, eu acredito em tudo!

– Enquanto estava tocando, cheguei perto de Zil, quase consegui sentir-lhe o hálito. Estávamos tão felizes, de mãos dadas, passeando por um campo todo verdinho... A senhora foi quem me trouxe de volta!

Dona Haydée entregou-se à vontade de chorar. A filha continuava tocando enquanto falava. Fora arrancada de um sonho de amor pela ignorância de alguém de pouca sensibilidade.

– Oh! Minha filha! Me desculpe! Desculpe minha grosseria. Tão parva sou... Nem consigo entender a filha artista.

– Que é isto, mãe! Volte! Fique comigo, não quis magoá-la, não falei por mal, não senhora! Realmente, quando estou tocando, por vontade, como hoje, posso me transportar aonde quero. Ora... ora! Não vamos estragar nosso dia! Vou tocar uma só para a senhora! Não precisa nem dizer qual é. O seu preferido, Mozart... acertei?

Ao último acorde, os soluços de dona Haydée encheram o quarto. Choraram abraçadas. Ao ouvido da mãe, Carlinda perguntou se estava chorando de tristeza ou de felicidade.

– Eu lhe entendo, minha filha! É uma mistura: tristeza por saber que, mais dias menos dias, vou perdê-la; felicidade por ter uma filha tão doce como você.

Deus lhe pague! Deus lhe dê tudo que uma mulher deseja da vida, faça de Zilmário um marido carinhoso e atencioso. Neste momento, se sua felicidade dependesse de minha vida, eu a daria com todo o prazer.

– Eu só quero ver é uma coisa!

– O que é?

– Onde nós vamos chorar quando tivermos vontade. Eu lá em minha casa, a senhora na sua...

– Eu vou lá, ou você vem aqui... É o jeito!

Os soluços transformaram-se em risos. Dona Haydée foi a primeira a libertar-se do encantamento. Eram duas bobonas, chorando infantilmente, sem lembrar dos preparativos antes de irem receber Zilmário.

– Não é melhor ir à casa de Zilma ver como vão as coisas? Lembre que Tila ainda não confirmou se vai. Se ela resolver não ir, vai ser uma grande decepção. Quando Zilmário saltar do avião e não a vir entre nós...

– A senhora tem razão, eu vou lá! Estou bem assim, para sair à rua?

– Tá, tá muito bem! Não me diga! Somente para atravessar a rua está pensando em vestir longo e calçar sapato alto? É muita vaidade!

– Não quero ir mal-amanhada, não é mãe? Podem falar! Não vou demorar...

Dona Haydée permaneceu no quarto olhando o piano. Fascinava-a o contraste da brancura de algumas teclas com o ébano de outras. Arrependia-se da mentira, afirmando acreditar que uma pessoa pudesse ir aonde quisesse através da música. Ouvir música clássica é bom, mas algumas me dão até vontade de dormir. Dá um sono! É um esforço danado, quando ela está tocando, e me dá sono... Hum! Conversar com Chopin; passear com o noivo, ele lá e ela aqui! Tá muito danado! Acreditar nestas coisas, precisa-se de muita vontade. Enfim, esses artistas são todos iguais. Minha filha é uma boba. Fico feliz ao vê-la noiva de um rapaz

de bem, um verdadeiro homem. Graças ao bom Deus, pudemos lhe dar uma boa educação e garantir-lhe o futuro. Mesmo que se dê mal no casamento, poderá viver tranquilamente. Pior seria se casasse com um pé-rapado e perdesse tudo, quando eu e Néelson nos formos deste mundo. Se é verdade o que ela diz, que pode conversar com vocês, pela música, aí vai meu pedido!

Tocando notas soltas, a mulher solicitava proteção e um futuro seguro e feliz para a filha. Algumas folhas de um livro de música sobre o instrumento passaram rapidamente. Atemorizada, deixou o quarto.

Enquanto a mãe tinha sua experiência com o piano, Carlinda era recebida por Zilma, com certo espanto.

– Você ainda está assim, Linda? Ainda não começou a se aprontar? Minha filha, teremos de ir cedo ao aeroporto, ainda mais agora com a perspectiva de chuvas! Viu como o céu está carregado?

– Eu já estou quase pronta! Vim ver como andam as coisas para o lado de Tila, ela já disse se vai também?

– A bem da verdade, ainda não sei! Vá lá dentro falar com ela! Desde cedo está na cozinha fazendo comidas. Talvez você consiga tirar-lhe uma resposta convincente. Vá! Ela gosta muito de você!

Tila recebeu-a enxugando as mãos no avental. Estava fazendo umas comidinhas especiais, preferidas pelo filho. O coitadinho deveria estar faminto. Com certeza não se alimentara bem. Ele num gosta de cumida grã-fina, nem esta tar de cumida do estranja. Venha vê, mia fia, venha vê cuma tá a panela do escardado. A galinha assada tá pronta, só tá fartando mermo é o cuscuz de tapioca, qué prová? É bão ir se costumano com o tempero dele, pra quando tivé casada sabê mandá as impregada fazê! Essas nega de hoje, quar!, num tem uma qui seja boa de cuzinha, aquerdite em mim! Tô falano cum sabedoria. Elas aperferem andá trabaiano

pela rua, adetrás de barcão de venda cuma umas qui vi pur aí...

– Dona Tila, dona Tila, quando a senhora vai começar a se aprontar? De nada vai valer tanta comida, se Zilmário não vir a senhora no aeroporto!

– Bão...

– Nada de embromação! Se preciso for, eu mesma dou um bom banho na senhora!

– Oia, Linda, eu num sô muié pra esta coisa, muntá neste tar de astronove me dá tanto medo, só mermo quano num tem otro jeito!

– Medo de quê? Nós não estaremos lá também? Zil recomendou tanto! Me mandou levar a senhora junto com todas nós. O coitadinho vai ficar muito triste quando saltar do avião e não vir a mãe Tila esperando por ele. Vai me culpar e é capaz de ficar brabo comigo, logo hoje!

– Fica nada, sua boba! Ele hoje num vai se zangá cum nada qui tu fizé pra ele. Os home, no dia qui chega de viagem, chega muito carinhoso. É um dia de pirigo pra muié imprenhá. Quando teu marido viajá, no dia da vorta, num dexe tê coisa, hem? Arranje uma descurpa quarqué, inté mermo botá tuainha pra mode dizê qui tá de regra.

– Disto a senhora sabe falar! Preparar-se para não chegar atrasada não sabe... Quer dizer que não vai mesmo, não é? Está bem! Não falo mais no assunto. Se fosse Zilmário que estivesse pedindo, a senhora já teria cedido. Como não gosta de mim, nem um pingo, não vai! Tá certo! Por Zil, tomaria até o próprio avião. Agora, atender ao meu pedido de ir ao aeroporto...

– Não diga blasfema assim, mia fia! Eu gosto muito de ocê tombém, gosto muito mermo! Gosto de todo mundo de mia fãmia. Ocê já num é da fãmia? Intonce! Cuma pode dizê tar asnera? É qui fico cum medo de criá impasse na viagem. Quano ele chegá, eu exprico

tudo diritinho. Vá você e Zirma e traga logo ele pra eu dá um abraço bem apertado. Tô cum tanta sardade de meu fio!

Antes de sair, Carlinda beijou a testa da amiga. Já sabia que ela não se deixava influenciar por conversas. Quando tomava uma decisão, dificilmente voltava atrás. Era uma pena. Na chegada do noivo, não teria a companhia de uma pessoa tão querida. Zilmário poderia ficar triste.

– Como foi?

– Neca! Ela não quer ir mesmo! Nestas horas fico imaginando que ela não gosta de mim. É como se sentisse que Zilmário não vai ser feliz ao meu lado. E eu gosto tanto dela! Não sei o que posso fazer para provar-lhe que minha vida só tem valor se me casar com Zil. Dona Zilma, eu estava tão feliz hoje... Agora estou com medo dele ficar zangado porque não consegui levar Tila conosco.

– Não se preocupe com isso não, minha filha! Ela é acostumada a fazer destas. Zilmário a conhece bem. Tranquelize-se. Ele não ficará zangado com você. Vai zangar é com ela mesma, mas eles se entendem; depois estarão aos abraços e aos beijos. O melhor a fazermos é não nos intrometer entre eles dois. Vai ver! Tudo se ajeitará com o passar do tempo. Mesmo assim, ainda vou fazer uma tentativa. Tenho um argumento forte. Tenha esperança!

– Tomara que a senhora tenha razão, não quero ser motivo de zanga entre Zil e dona Tila. Ambos sofreriam muito. Bem! Vou indo. A senhora passa lá em casa, ou nós viremos para cá? Minha mãe também vai! Pai não pode ir. A senhora sabe, ele tem uns compromissos importantes, segundo ele, inadiáveis. Mandou pedir desculpa prometendo vir visitar o senhor Mário outro dia.

– Eu passo em sua casa. Daqui a pouco, Mário chega com o Garcia. Vão dois carros como ele pediu.

Deve ter trazido muita novidade lá do Rio de Janeiro! Estou ansiosa!

– Mãe também! Bom! Então, até logo! Estarei lá, aguardando a senhora e, se Deus quiser, dona Tila Também!

Sozinha, Zilma dirigiu-se à cozinha pensando em remover a ideia absurda de Tila, negando-se em ir ao aeroporto. Ela ouviria poucas e boas. Maltratar uma moça tão meiga como Carlinda merecia uma repreensão. Ela é teimosa, mas não é invencível. Tenho de tocar no ponto certo! Quanto mais velha fica, mais rebelde se torna! Nesta casa, ninguém, exceto Mário, algumas vezes, consegue demovê-la de uma ideia. Mas, hoje, ela vai ouvir! Carlinda estava realmente triste.

Passando pela porta do quarto do filho, a mãe saudosa resolveu dar uma entradinha e verificar se estava tudo em ordem. O lençol branco, cheirando a lavado, as fronhas, o pijama bem passado, os chinelos sob a cama.

O desejo ardente de revê-lo levou-a ao passado, quando estava amamentando-o. Ah! Se todos os filhos pudessem ter as sensações que as mães têm ao amamentar. Seriam muito mais respeitosos e reconhecidos. Ninguém me venha dizer que, nas primeiras vezes, quando a criança pega o peito é coisa agradável; estará mentindo. Dói e causa tremendo desconforto. Ficamos com o mamilo em carne viva até acostumar, cria calo, como dizia Tila. São tão engraçadinhos! Quando estão mamando, é como se ainda estivessem dentro de nosso útero, chegam a dormir de satisfação. Se dependesse da vontade deles, ficariam assim durante toda a vida, ligados ao nosso calor, protegidos pelo nosso seio. Depois de alguns dias, a amamentação passa a ser um divertimento sem par. Eu ficava doidinha para ele acordar e lhe dar o peito. Tila ralhava comigo! Tu vai é morrê de magreza de tanto dá de mamá ao minino. Morrer por

você, meu filho, seria até um prazer. Recordando-me de vê-lo desfalecido, sendo carregado por Mário... Graças a Deus, isto já passou! Agora vamos ser mais felizes. Breve estaremos paparicando o netinho. Já imagino a cara de Tila, vai ser uma briga dos pecados entre ela e Haydée. Carlinda se prepare para ser mandona e não deixar que elas lhe tomem o filho. Se for uma menina, nem quero pensar...

Envolvida nos pensamentos, a mulher não percebeu o esposo.

– Olha, Garcia, como a mãe coruja fica namorando o filho! A casa pode pegar fogo que ela não se incomoda. É, meu amigo, estou relegado a segundo plano! Nesta casa não tenho vez. Aqui só se fala em Carlinda e Zilmário. É um verdadeiro complô contra mim. Não posso dizer nada que elas saltam logo com duas pedras na mão dizendo que eu não entendo dessas coisas de casamento. Ela e Tila são lé com cré. Mandam eu me calá ou ir dá um passeio. Outro dia, só porque fui dizer que, no dia do casamento, a gente devia fazer uma feijoada com fato, com bem cachaça e pimenta, para nós, os homens, e para o noivo também, pois ele precisa de comida forte... Não! Fato de boi é nojentão! Você já comeu uma boa fatada? Sabe o que aconteceu? Quase me bota pra fora de casa. Se prepare, velho! Vamos comer é um tal de bufete. Uma comida ruim de uma droga de restaurante, desses xexelento por aí. Festa você ia ver é se este casamento fosse em Entre Rios! Mandava matá dois boi... aí você ia ver festa de verdade!

– Repare não, senhor Garcia. Meu marido é muito espirituoso! Ele é o melhor marido e pai do mundo. A ideia de fazer uma feijoada com vísceras, para servir num casamento... tenho certeza, também o senhor a desaprovava. Casa-se um filho único, somente uma vez na vida, temos de aproveitar a ocasião e fazermos uma festa digna. Este casamento será falado pelas

gerações. Feijoada com fato poderá ser em outra ocasião! No casamento, vamos receber os convidados com iguarias finas e bebidas estrangeiras.

– Olhe, dona Zilma, sinto desapontar la senhora, pero não é una ideia muito má, não senhora!

– Tá vendo Garcia? Ainda tem esta tal de iguarias!

– Já podemos almoçar? Vão tomar alguma coisa antes? Vou lá dentro ver como Tila está. Deem-me licença, por favor!

– Viu, Garcia?

Zilma deixou a sala irritada. Antes de chegar à cozinha, começou a falar alto.

– Tila! Eles já chegaram. Está tudo pronto? Você que não vai conosco pode comer à vontade; nós outros, que vamos viajar de automóvel, não é aconselhável estar muito cheios.

– Tra-lá-lá-lá... pode disisti da conversa!

– Não estou com conversa alguma, só tenho medo de acontecer alguma coisa, e eu não ter fé suficiente para pedir proteção a Deus. Por falar em conversa, sabe o que Mário estava dizendo ao senhor Garcia? Lembrou a maluquice de fazer feijoada com fato, no dia do casamento.

– É uma cumida muito boa! Se eu fizé uma feijoada de fato, osso de corrê e bem verdura, cuma fazia lá... vai fazê esses boboca daqui, qui num tão costumado a cumida boa, lambê os beicho de satisfação! Qui pra nós, tô cum sardade daquela cumida braba. Maro pode mandá buscá o fato no matadoro daqui, pru mode de eu merma preparará, arranjà uns osso de corrê e as verdura compra na fera.

– Tila, até você?

– Vô ponhá a mesa, dexe as panela quentano até a hora de levá pra mesa.

A íntima afinidade entre Tila e Zilma permitia-lhes saber quando uma conversa deveria ser encerrada.

Entrecortavam a fala com perguntas diferentes, demonstrando o desinteresse pelo assunto. Se Zilma, por insistência, tentasse continuar, era repreendida pela mãe de criação prometendo palmadas no traseiro. Aí era colocado o ponto final.

Os homens não reclamaram do almoço. À noite, no jantar com Zilmário, teriam desforra. Solicitaram um cafezinho na sala de visitas onde fumariam os havanas importados. Charutos era a nova mania de Mário. Achara bonito o fato de cortar a ponta com os dentes e resolveu aderir ao uso dos charutos em lugar de cigarros.

O tempo parecia estar mais apressado. A resolução de Tila, em ir também, dissipou a única névoa que poderia arrefecer-lhe a alegria de receber o noivo. Desde a saída de casa, agarrou-se ao braço da mãe adotiva de Zilmário, como se temesse nova mudança de atitude e ela resolvesse desistir, causando ciúmes à própria mãe.

Dona Haydée não pôde deixar de observar os cuidados dedicados à negra. Carlinda até parecia que era sua filha. Seria capaz, até, de levar as más línguas a falarem mal. Uma moça da qualidade dela, agarrada, assim, a uma empregada.

– Carlinda está muito satisfeita porque Tila vai também. Ela não é uma filha adorável, Zilma? Nem sei o que faria se Deus não tivesse dado ela a mim.

Arrependeu-se do comentário. Estava dando provas de ciúmes. Bobagem Haydée! Por que tanto esnobismo? Ela não sabe nem falar direito! Como alguém poderia pensar numa idiotice dessas? Este negócio de filho branco com mãe preta só mesmo na novela *O Direito de Nascer*. É melhor eu me comportar, antes que Linda descubra minha idiotice.

Carlinda exultava de felicidade vendo Tila dentro do carro, vestindo um costume que chamava de taié. Garcia, o autor do presente, exclamou que ela estava

muito bonita. O corpo cheio aceitava o vestido com elegância. O ouro dos brincos e dos grampos era realçado pela cor negra. As pulseiras aderiam aos pulsos; e as mãos, mesmo desgastadas pelos trabalhos de casa, adquiriam atitudes delicadas ao segurar algum objeto. Transitando pelo aeroporto, os presentes lançavam-lhe olhares, admirados com a beleza exótica.

O tempo voltou a passar morosamente, impacientando os parentes de Zilmário. As mulheres, quase sempre, estavam sozinhas. A todo o momento, Mário e Garcia procuravam o balcão solicitando informações sobre o atraso no horário de chegada.

– Olhe, dona Zilma, aí vem o senhor Mário!

– Vamos esperar um pouco! O avião está com uma hora de atraso, devido ao forte temporal que cai em São Paulo. No Rio também está chovendo muito. Lá não atrasou quase nada. Não há motivo para alarme, demora mais ou menos uma hora!

– Vige Mãe Santíssima!

– Já disse que não há nenhum motivo de preocupação. Vou comprar algumas revistas para vocês ir passando o tempo.

Zilma observou a ruga, sinal de preocupação, formando-se na testa de Tila. Imediatamente percebeu movimentos conhecidos no bolso do casaco. Sorriu. Estava tudo bem. Enquanto Tila estivesse rezando por sua família, nada de mal lhes aconteceria. Deixou-a em paz com os santos. Carlinda e a mãe conversavam sobre alguma coisa que deixava a moça encabulada. Dona Haydée relembrou a admiração que a filha fizera, pouco tempo atrás, ao adentrarem a área do aeroporto, sobre os bambus que ladeiam a orla da estrada e cujas copas fecham-se acima, formando uma abóbada natural. Zilma e Haydée sorriam de sua ingenuidade, traíra-se ao fazer o comentário sobre a estrada. A mesma estrada percorrida no dia do embarque de Zilmário.

Por certo foram as lágrimas que a impediram de ver as árvores, você não acha, Zilma? O amor faz coisas incríveis! Um dia, fecha as cortinas impedindo-nos de ver o que nos rodeia; no outro, abre o horizonte, mostrando-nos seu esplendor. Quem diria... a menininha sonsa, que nunca falou em namorado, estivesse tão apaixonada, hem?

A moça permaneceu calada. A espera angustiante modificou o ambiente. A conversa transformou-se em sussurros e suspiros. Agitou-se o coração aflito. Olhou as companheiras. Elas também sofriam com a demora.

– Dona Tila! Será que aconteceu alguma coisa?

– Deus Nosso Sinhô num dexa, mia fia! Fique despreocupada qui num vai cuntecê nada de mar. Bem fiz em vim tombém... tenho de pedi ajuda a meus Santo pra protegê Zir. Vamo ficá queta e tê pensamento em Deus, pra mode Ele ovi nossa prece!

Dentro da aeronave, Zilmário mantinha-se preso à janela procurando sinais conhecidos da cidade. A viagem de retorno não estava sendo muito agradável. O atraso se estendia por quase duas horas. Sentia-se em desconforto. O estômago estava quente devido ao mal-estar iniciado logo após a decolagem no Rio de Janeiro. Em parte fora o culpado, deixando-se levar pela curiosidade em resolver problemas de física. Não estava realmente necessitando ir ao sanitário, desejava apenas matar a curiosidade. Na passagem daria uma olhada na cabina do piloto. A oportunidade não poderia ser desperdiçada. Idiota, grandessíssimo idiota! Não perco esta mania. A mesma maluquice do objeto caindo dentro de um trem em movimento. Devia ter imaginado que não podia haver nenhum buraco ligado diretamente ao lado de fora do avião. Nem me lembrei da pressão externa... Foi uma zorra... quando o avião caiu num vácuo... meu estômago parecia querer sair pela boca. Bem! Pelo menos a experiência mostrou-me

porque o sanitário do avião é tão protegido e sem locais onde uma pessoa possa se furar ou se cortar. Tila terá vindo também? É capaz de ter sonhado que iria acontecer este atraso e veio para ficar rezando enquanto pousamos. Tila é um desafio à ciência mesmo com toda evolução alcançada. O homem consegue fazer avião, telefone, rádio; fala-se em viagem à lua, mas não consegue explicar o fenômeno Tila. Não tenho a mínima dúvida de que ela consegue prever coisas. É tanta história sobre ela e sua mãe, a Nega Camila, que fico sem ter uma posição exata quanto à sua personalidade. Ela consegue exercer uma influência tão forte sobre mim! Sou capaz de ficar curado de algum mal só em saber que ela está rezando por mim. Carlinda também já está se acostumando com ela. Ah, minha Linda, estou doído para me casar com você! Cheguei ao ponto definitivo. O amor das mulheres livres não me satisfazem mais. Sexo no Cantinho da Tidinha, ultimamente, me causa nojo! Se não fosse o Cantinho, há muito tempo já teria dado um jeito de casar. Sociedade idiota esta nossa! Na Suíça, se dois jovens querem viver juntos, não encontram nenhum empecilho. Ninguém se liga mais neste falso conceito, criado pela sociedade do nosso lado do mundo, acerca da virgindade feminina. Histórias absurdas devem ter acontecido em Entre Rios. Se tudo que me contaram é verdade, nunca vai haver homem corno, por lá. Aqui, a coisa ainda é um pouco diferente. A cidade é muito grande, permite nego ser corneado e nunca saber. Eu mesmo conheço duas ou três casadas, que, se eu der uma cordinha, tá no papo! Eu, hem! Me encrenar com mulher de ninguém? Não gostaria de ter um problema desses comigo. Se algum safado se meter de gaiato com Carlinda... Não faça aos outros o que não queres que te façam... Às vezes o cara não tem a mínima culpa, a mulher mesmo se entrega. Só faltam esfregar o chico em nossa cara. Mesmo

assim... casada, nem raspada! Mulher casada tem de ser como minha mãe. Teve muitos problemas com o velho no início do casamento, mas nunca disse a ninguém. Suportou com toda resignação! Tila já me contou. Hoje, é uma mulher feliz, vê-se isto em seus olhos. Estas, de hoje em dia, são fogo... Se a desgraçada não quer mais um homem, diga e pronto! Cada um vai cuidar da própria vida... Agora! O infeliz está crente de que é amado, respeitado e, pelas costas, está sendo traído! Não sei não...

– Senhores passageiros! Dentro de dez minutos estaremos aterrissando no Aeroporto 2 de Julho em Salvador... A temperatura ambiente...

– Graças a Deus!

O rapaz aguçou a vista na esperança de ver detalhes conhecidos da terra saudosa. Em vão! As nuvens não permitiam qualquer observação fora do aparelho. Possivelmente o comandante enganara-se e ainda faltava muito até chegarem. Súbito, as primeiras paisagens dos arredores da cidade!

– Minha terra, Tila, minha mãe, Carlinda, meu pai, escola, amigos, Cantinho, estou de volta!

As imagens tornavam-se cada vez mais definidas. O avião sobrevoava a cidade, balançando suavemente, tomando posição de pouso. O mal-estar no estômago aumentou, apertava a garganta impedindo a passagem do ar, provocando surdez. Mais alguns minutos e estaria em terra firme... Daí em diante seriam dias de pura felicidade: formatura, casamento, amor, beijos, carinho. Eu e Carlinda sozinhos com toda a vida pela frente para sermos felizes. Vamos dormir abraçados a noite toda. Vou lhe dar tantos beijos... Pai Nosso que estais no céu... proteja-nos, Senhor! Santificado seja o Vosso Nome... será que este piloto sabe mesmo descer?... Venha a nós o Vosso Reino...

A prece foi interrompida pelo baque das rodas na pista. O ruído dentro da nave aumentou, obrigando alguns passageiros a levar as mãos aos ouvidos. Segundos depois, a voz tranquila do comandante agradecia a preferência, esperando encontrá-los novamente em outra viagem.

Os primeiros sorrisos começaram a aparecer nos rostos das pessoas que aguardavam o aparecimento dos passageiros. Carlinda apertava com força o braço de Tila. Com a outra mão, acenou para o noivo, que começava a descer a escada. Gostaria de poder correr, abraçá-lo, sentir seus braços fortes em torno de sua cintura, apoiar-se neles e deixar o chão desaparecer sob os pés.

– Ele voltou!

– Parece mais bonito, não é Haydée?

– Cresceu mais?

– Coitado de Zir! Tadinho de meu fio! Passô um mau pedaço nesta viagem... Deve de tá cum muita fome! Oia cuma tá magro... isso foi uma marvadeza qui fizero cum ele. Sozinho nas terra dos otro, sem nada cunhecido pra lhe ajudá...

Durante alguns momentos, Zilmário ficou tentando lembrar-se onde sentira a mesma sensação de dormência nos pés, como se estivesse pisando um chão fofo. As pernas mal obedeciam à ordem de se deslocarem, arrastavam os pés pelo chão. Visualizou os parentes e amigos, sorriu-lhes. Voltou à oração interrompida durante a descida. Deus o perdoaria, fora a emoção de estar novamente em casa. Amém! Ah! Já me lembro... foi em Entre Rios, quando retornei. Eu pisava o chão como se fosse num colchão de crinas. Nunca vou me esquecer daquele dia!

A vontade de abraçar o recém-chegado gerou pequeno tumulto no portão de saída dos passageiros. Carlinda fora a primeira a alcançá-lo. As outras pessoas

olhavam-nos sorrindo. Resolveram, então, cingi-los, também, apertando-os mais, um contra o outro.

– Pai, temos muita bagagem! Eu tenho os tíquetes todos aqui no bolso do paletó.

– Dê aqui pra mim e Garcia! A gente arruma tudo, pode ficar descansado. Fica aí matando as saudades do mulherio. Tá até parecendo que é um Clarck Grable chegando... Chamou a atenção de todo mundo! Vamos, Garcia! Vamos cuidar da bagagem do artista!

O número de malas e pacotes ultrapassou a expectativa dos homens, dificultando a arrumação dos veículos e o início da viagem de retorno. Em um carro, Tila, no banco da frente ao lado de Garcia. Atrás, os noivos. Carlinda não conseguia falar, temendo estar sonhando e a fala viesse despertá-la. Zilmário respondia às perguntas de Garcia.

Os cabelos de Carlinda, levantados pelo vento, tocavam o rosto do noivo que aspirava o aroma aguçando os sentidos de macho. O sangue corria mais depressa levando a todas as partes do corpo as sensações despertadas pelo contato de uma mulher.

Zilmário perdia-se na admiração à noiva. A blusa justa permitia-lhe distinguir o formato dos seios. Como ela tinha os ombros encolhidos, a gola abria, aumentando o decote.

Acelerava-se o coração. Lá de dentro, agradável desfalecimento propagava-se pelo corpo. Tossiu com força, tentando espantar a energia sensual acumulada durante a ausência; não era hora nem local para se permitirem tais liberdades. Passou a fazer parte da conversa a fim de esquecer o próprio corpo. Falou-lhes do frio no Rio de Janeiro, do tráfego. Em detalhes, contou a partida de futebol assistida no Maracanã. Carlinda entendeu. Sorriu-lhe maliciosamente dizendo-lhe baixinho: Ele gostava mais de mim do que o resto do seu corpo.

– Acho bom não me pirraçar, agora!





futuro feliz. Como se isso fosse possível, ser feliz! Nem sei o que estas palavras significam. Olhe, você está pensando que pode esconder alguma coisa de mim? Está me julgando uma mal-agradecida? Deveria ser grata a estas pessoas que a ajudaram a chegar até aqui. Este sempre foi o teu destino, estava escrito. Desculpe, desculpe, Terezinha! Eu mesma sou a culpada. Tidinha não me obrigou a fazer nada disto que estamos pres-tes a fazer, ou melhor, que você vai fazer hoje à noite! Nesse momento, eu estarei longe de você, te permitirei sair do espelho e tomar meu lugar. Me responda, como aceitar a proposta dela de me dar comida sem ser nada minha, quando meus próprios parentes me abandonaram? Ela tem razão, preciso aproveitar agora, enquanto estou jovem, e preparar o futuro, senão, ao ficar velha e feia e os homens não me quiserem mais, passarei necessidade. Então? Você ainda tem coragem de dizer que faço isto porque quero? Veja! Não tem solução. A partir de hoje, assuma a direção do barco que nos leva pela vida... Saia daí de dentro. Eu tomarei seu lugar. Ah! Está bem! Sei que você também gostaria, mas não é o melhor para nós duas. Você é mais forte. Se me visse presa, poderia fazer coisas mais pecaminosas ainda. Vamos deixar as coisas como estão, assim estarei livre, poderei agir da melhor maneira possível.

Sem conseguir impedir as lágrimas, interrompeu o diálogo com a imagem, evitando ser dominada pelo medo. Andou pelo quarto para verificar os detalhes recomendados, passando a limpo os últimos apontamentos referentes às lições recebidas. Nessa noite faria a prova final. Foram exaustivas as tarefas antecedentes. As companheiras procuraram ensinar-lhe alguma coisa aprendida com a vida. Os conceitos sobre os homens, bem diferentes dos que ela mesma tinha, levaram-na a se conscientizar de ser um objeto. A professora fora cuidadosa e minuciosa nos ensinamentos,

preparando-a para o ingresso na profissão, tornando-a apta a retirar dos homens tudo que fosse possível, em troca dos favores que lhes seriam oferecidos.

Parou em frente ao relógio de cabeceira, outro objeto que tornava o quarto da dona do castelo digno de hospedar mulheres de gosto exigente. O mostrador era protegido por vidro esverdeado e os ponteiros, de ouro maciço, passeavam sobre os números escritos em romano. Bem no ápice, duas estatuetas de mármore num abraço frio desafiavam o passar do tempo. Num plano mais inferior, separados por uma pintura dominada pelo verde, de um lado cupido, com suas formas gorduchas, tendo à mostra as asinhas e o sexo, de outro, afrodite, envolvida pelas pétalas de uma flor e guardando na expressão a sensualidade de uma mulher apaixonada. Sustentando estas peças, a madeira negra formava um pedestal de três faces, sobre as quais havia paisagens que abrigavam casais de namorados. Na parte mais inferior, lia-se uma inscrição: França, século XVIII.

Terezinha não se cansava de admirar o relógio. Agradava-lhe a arte antiga. Quando folheava os livros do irmão, detinha-se com prazer na observação do mundo antigo. Sua vista ficava presa às figuras, perdendo-se com elas no passado. Viu-se chegando ao Cantinho, carregando a pesada mala com a ajuda da proprietária da casa. A apresentação fora simples e direta, as outras mulheres mal olharam para ela. Limitaram-se a olá e boas-vindas. Por toda parte, viam-se potes de cosméticos, pentes, escovas de cabelo.

– Bem, agora que você já conhece as companheiras, vamos lá dentro. Deve haver algum lugar onde possa se acomodar enquanto as coisas se ajustam. Quando se acostumar mais, verá que as coisas vão melhorar.

– Elas estão acordando agora?

– É!

– Mas, já passou do meio-dia, não é?

– Depois você entende isso. Haverá muito tempo...

Não se apresse em chegar ao pote. Lembre-se deste conselho: Nunca vá ao pote com muita sede! Nunca se esqueça destas palavras. Sempre dê tempo ao tempo, antes de acreditar ou desacreditar em alguma coisa.

– Tá bem! A senhora é quem sabe! As roupas estão todas espalhadas pela sala. Vestidos tão bonitos e assim jogados pelo chão... é uma pena! Não tem quem cuide das coisas por aqui? As roupas podem se estragar...

– Você não está seguindo meu conselho! Continua querendo entender tudo de uma só vez. As meninas são assim mesmo, muito desleixadas. Você quer fazer isso? Não se incomodaria de tomar conta e arrumar esta bagunça toda? É muito trabalho, elas são malucas! É brincadeira! Não precisa fazer essa cara de espanto. Não são malucas de verdade. Daqui a pouco você vai ver como brigam entre elas mesmas, quando procuram as coisas que sempre andam perdendo.

– Se a senhora quiser, eu tomo conta de tudo. Não me incomodo, não senhora! Estou acostumada a trabalhar. Já tomei conta de uma casa, desde os treze anos de idade. Aprendi muita coisa com mãe enquanto estava viva e com tia Dolores. Tia sempre me dizia que estava me ensinando as coisas, porque era pro meu bem. Um dia eu agradeceria a ela por isso. As filhas dela também eram assim. Deixavam tudo espalhado, eu guardava os livros, os sapatos, cuidava das fardas, de tudo!

– Hum! Já vi tudo! Você vai me dar trabalho até entender certas particularidades. Por acaso morou em convento? Ai, meu Deus! Caiu em minhas mãos uma aprendiz de freira? Bem! Veremos isso depois. Agora vamos tratar de arrumar um lugar onde possa dormir. Não é um cômodo grande. Será por pouco tempo, enquanto arrumamos um quarto mais decente.

– Se preocupe não! Aqui está muito bom, grande, arejado! A senhora vai ver, depois que eu arrumar tudo isto, ele vai ficar enorme. Eu tenho pouca coisa.

Nem mesmo terminara de falar e Terezinha já se punha a arrumar o quarto: uma dependência situada no fundo do andar onde se guardavam trastes sem serventia.

Mesmo sendo autorizada a empacotar e jogar fora a velharia, ficou com pena de se desfazer de tantos vestidos ainda em bom estado. Facilmente poderiam ser reconstituídos. Fez uma seleção dos melhores. Quando tivesse tempo, tentaria aproveitá-los.

Terezinha passou a ser a auxiliar das moças do Cantinho. Transcorridos alguns dias, as companheiras começaram a considerá-la como se fosse uma irmã mais nova. Ela sempre sabia onde estavam as pinturas e os vestidos. Separara um pequeno espaço do quarto para servir de almoxarifado.

As lágrimas interromperam a ligação com o passado. Precisavam ser retidas. A pintura necessitava de retoques. Retornou ao espelho. Passou pó de arroz na face, agindo como se ela fosse a imagem, e o corpo real estivesse preso ao vidro. Deveria ir embora, mas onde encontraria outro abrigo assim? Onde encontraria pessoas da bondade de Tidinha? Nem ela nem as meninas... ninguém me obrigou a fazer isto! Estou aqui é porque quero! Sou fraca e não pude resistir à minha própria vontade... Reconheceu que é por sua livre vontade? Que não é mais nenhuma criança e não tem ninguém para protegê-la? A quem pedir ajuda? Você não tem mãe nem pai nem irmãos... ninguém! Nunca terei alguém a quem possa dizer: Eu sou sua... É isto mesmo! Hipócrita! Agora você terá muita oportunidade de dizer isto... Você será de todos. Hoje, será de um homem desconhecido, amanhã de outro, depois de outro... outro... outro. Nunca terei alguém somente meu!

Oh! Meu Deus, onde estará minha mãe? Por que ela não vem me ajudar? Onde andarão meus irmãos? Tancredo nunca dá notícias. Tirson... coitado do meu irmãozinho! Não quis me ouvir os conselhos e acabou se metendo em encrencas. Coitado! Fugindo... fugindo... sem poder ficar em nenhum lugar muito tempo, parecendo um animal! Só Deus sabe por onde ele andar. Tirson! Você nem me deu tempo de lhe dizer como tudo aconteceu. Aquele infeliz foi o causador de tudo. Se você tivesse me ouvido, ainda poderíamos estar vivendo em nossa casa. Deve ter sido por isso que Tancredo nunca me procurou, deve ter ficado morto de vergonha quando soube.

Terezinha habituara-se a conviver com as recordações que, sem qualquer cerimônia, apresentavam-se para participar dos momentos tristes. Não se assustou ao ouvir a voz do irmão.

– Teca! Imagine onde fui? Nem queira saber do amigo que arranjei! Como é grã-fino! Fui na casa dele, puxa! Aquilo, sim, é uma casa! Até parece casa de cinema, é um luxo que chega a dar inveja. Qualquer dia desses, trago ele aqui pra você conhecer. Quem sabe, hem, Mana? Quem sabe gosta de você e lhe pede em casamento? Hem, malandrona, casar com um homem grã-fino e passar a ser madama da sociedade! Quando tiver nas altas, lembre do pobre irmão vez em quando. Dê a ele uma camisa que o marido não usar mais...

– Se tiver de ser casada, algum dia, será pela vontade de Deus. Não é importante a gente ser rica para ser feliz, basta não dar muita importância às coisas que não podemos ter. Se você der mais valor ao que já temos, poderá se considerar muito feliz e rico. Responda: quem possui a saúde de ferro como a sua, um armazém donde tiramos nosso sustento e uma irmã que o adora? Quantas pessoas não dariam a metade da vida para estar em nossa situação? Pense num

condenado, vivendo na prisão sem ter esperanças de sair algum dia. Ele não daria a metade da própria vida, para poder viver como a gente?

– Olhe, mana! Em parte tem razão. Mas eu ainda hei de ser rico na vida. Por que Hilário pode gastar tanto, sem a mínima preocupação, e eu não? Precisa ver quanto gasta em uma simples farra. Ontem de noite fomos numa festa, e ele pagou sozinho – veja bem! – toda a despesa. E eu... um pé-rapado, morrendo de vergonha. Ainda fiz uma forcinha, fingindo querer pagar ou dividir a despesa! Nem quero imaginar minha vergonha se ele aceitasse. Hoje, nem sei como faria se tivesse gastado o dinheiro destinado a pagar uma duplicata do charque que chegou para o armazém.

– Você nunca faria uma bobagem desta! Gastar o dinheiro de pagar a conta do armazém, não é?

– Bom! Já vou indo pro mesmo lugar de sempre: detrás de um balcão sujo e fedorento! Um dia, eu lhe juro, um dia ainda me livro disto tudo. Mando tudo se pipocar nas profundezas dos infa... Té logo...

– Deus te acompanhe! E dê juízo também. Quero ver quando vai chegar o dia de você tomar jeito de homem. Tem horas que parece ser uma criança mimada, desejando ter os brinquedos dos outros meninos. Deus te acompanhe!

Em cada ano vivido, o meio ambiente se incumbia de ministrar, à adolescente, conhecimentos que, desde cedo, a transformariam em adulta. Mais jovem do que o irmão era, no entanto, quem servia de bússola, guiando-o através dos caminhos impostos pelo destino. A todo momento dirigia-se à mãe e a Deus, pedindo proteção para livrá-lo dos perigos aos quais a insensatez poderia levá-lo. Tancredo escreveu algumas cartas e depois nunca mais deu notícia. Gostaria de saber se ele está bem com a mulher. Soube que tinha um filho, um menino. Deve ser uma gracinha! Não sei por que,

mas não gosto desses amigos de Tirso! Gente rica não gosta de pobre sem ter nada por trás. Tem algum interesse... Meu irmão é muito ingênuo e se deixa levar por qualquer um. Queira Deus não vá se meter em nenhuma embrulhada! Só de pensar em ficar sozinha, tremo de medo.

Após a morte do pai, Tirso procurou melhorar o aspecto da casa. Esforçava-se no intuito de agradar a irmã. Por vezes ficava irritado com as contas a pagar, todavia, tão logo acabava o pagamento de uma prestação, comprava outra peça de mobiliário. Os quartos de dormir foram melhorados, havendo no de Terezinha móveis novos com penteadeira, cama e guarda-roupa da marca Chipandele. No dia em que a mobília chegou, enquanto os homens montavam as peças, observava o irmão em sua tentativa de ajudar os trabalhadores, oferecendo-lhes alguma bebida, prometendo-lhes gratificação quando tudo estivesse terminado.

– Não tá uma beleza? Diga aí! Não tá uma beleza, mana? Agora, sim, está digno de ser usado por uma dama como a senhora. Por favor, madama! Sente em frente da penteadeira, vamos! Deixe de acanhamento! Me espere aí, tenho outra surpresa, aguarde um minuto só!

Terezinha olhava incrédula a mobília nova. Não merecia tanto luxo. Aquilo tudo deveria ter sido da mãe, ela, sim, merecia ter coisa boa. É um maluco, doido varrido... ainda bem não acabou de pagar uma dívida e já está comprando outra coisa. Esta mobília é muito bonita, isso ninguém pode negar. Nunca poderei agradecer tanta bondade. Ah! Se ela estivesse aqui, ficaria orgulhosa do filho.

– Chegou o vassalo da rainha! Tome, majestade! Abra e veja se lhe agrada o presente de tão humilde servidor!

– Tirson! Que é isto?

– É uma coisa que as mulheres chamam de maquiagem. É pra você ficar mais bonita ainda. Quero ver você ficar mais bonita do que aquelas grã-finas das nossas primas. Amarelas empapuçadas! Amarelo empapuçado, não pode subir ladeira, quando sobe é de vagar, quando desce é na carreira... Elas vão morrer de inveja. Depois, já está em idade de arranjar um namorado. Você quer ficar pra titia? Os homens de hoje, minha filha, gostam de ver mulheres bem pintadas e elegantes, tá ouvindo?

– Você não toma juízo nunca! Não tem jeito! É o maluco mais bondoso do mundo! Feliz da mulher que conseguir casar com você!

– Agora vou trabalhar. O velho armazém já está fechado há muito tempo...

– Eu vou terminar de arrumar a casa, começando pelo quarto de uma pessoa muito desorganizada!

No quarto do rapaz, reinava uma bagunça infernal. Todos os dias, Terezinha passava longo tempo arrumando os livros, guardando meias, camisas, separando a roupa suja que ele teimava em guardar junto com as lavadas. Entre os intervalos das tarefas, folheava os livros do irmão. Fascinava-a a História Universal, os ciclos políticos envolvendo personagens importantes, desde reis e rainhas até os representantes das religiões. À noite, durante o jantar, discutia sobre os assuntos lidos.

Após a compra da mobília, outros melhoramentos foram acrescentados à casa, até ficar em condições de receber o amigo importante, um rapaz de feições delicadas, lábios finos, voz cativante. Ao ser apresentado a Terezinha, beijou-lhe a mão carinhosamente. Disse-lhe estar encantado em conhecê-la. Gostaria de poder visitá-la outras vezes. Os elogios feitos por Tirson estavam muito aquém da harmoniosa beleza que ela possuía. Chamava-se Hilário e, a partir daquele momento, passava a ser mais um súdito a admirá-la.

Tirson sorria com a presença do rapaz em sua casa. Levou-o a correr as dependências, desculpando-se, com antecedência, porque era uma casa de pobres; uma choupana de gente humilde. Não reparasse na pobreza dos móveis. Mostrou o quarto da irmã, tendo o cuidado de dizer quanto custou a mobília. Era uma ninharia, comparada com o merecimento da irmã, todavia fora o que suas posses puderam conseguir.

Terezinha agradou-se das palavras proferidas pelo visitante. O passado triste vivido na casa da tia começava a se esfumar. Nem precisava compará-lo a José, um infame.

A presença de um rapaz tão delicado mexia com os sentimentos da mulher carente de amor. Aconselhou-se a ter prudência.

– Ah! Esqueci de dizer uma coisa. Minha irmã, além de uma excelente dona de casa, é uma cozinheira de mão cheia! Você vai ver pela merenda! Aguarde meu chapa, aguarde! Veja! Já viu cor de bolo de aipim mais bonita do que esta? Eu sou doido pelas comidas feitas por ela. Já estou pensando quando ela se casar, como vou me atar!

– Você é um carrasco! Uma pessoa delicada e bonita como a senhorita Terezinha não é para estar na cozinha. Se fosse minha irmã, não faria nada dessas coisas, teria muitas empregadas para atendê-la a tempo e a hora.

– O trabalho não diminui o valor das pessoas, seu Hilário! Sinto-me perfeitamente bem quando estou fazendo algo útil. Cuidar de meu irmão é um grande prazer para mim. Nós somos muito unidos, o que um faz pelo outro é com muita satisfação.

– A senhorita tem razão! Todavia, estou pensando no trabalho para fazer um bolo destes... No entanto, está tão bom que, se a senhorita permitir, gostaria de levar um pedaço para minha mãe. Ela só aprovará meu

casamento com uma moça que saiba cozinhar, sabe? Ainda guarda os tradicionalismos de sua época. Para ela, a mulher casada, mesmo que não vá à cozinha para fazer as comidas, deve saber orientar as empregadas. Eu penso ao contrário. Me desculpe a ousadia, mas achei-a tão frágil e delicada! Além da singular beleza que possui, diga-se de passagem, acho um crime obrigá-la a fazer trabalhos tão enfadonhos e pesados como os de uma dona de casa.

– Se ela quiser podemos arranjar uma empregada. Ela é muito teimosa. Quando falo que está trabalhando muito, sai correndo sem me dar atenção, fazendo muxoxo. Bem! Acho que já está na hora de acabar, logo de uma vez, com tanta cerimônia! É senhorita pra lá... senhor pra cá! Somos amigos e, portanto, podemos muito bem tratar todo mundo por você!

– Desculpe-me mais uma vez, Tirson! Mas, só admito chamá-la por você, o que para mim seria uma grande honra, se ela deixar o senhor de lado e passar a chamar-me apenas Hilário. Aceita, senhorita?

– Está bem, senhor...

– Oh! Oh!

– Está bem... Hilário!

Tirson exultava com o bom andamento das relações, mantinha viva a esperança de vê-los casados algum dia. Seria a tranquilidade total em relação à irmã. Ela estaria bem de vida ao lado de um homem rico. Não poderia haver melhor pessoa para ser seu esposo.

Os meses passavam. Aumentava o entusiasmo. Não se cansava de elogiar o amigo nem de demonstrar sua amizade e admiração. Terezinha começava a sentir simpatia pelo moço, permitindo-lhe a corte. Após as visitas, enquanto retirava a mesa, ouvia os sermões do irmão preocupado com a amizade dos dois. Ela precisava ser mais gentil, até parecia odiar o rapaz. Ainda não entendera? Só permitia a visita de Hilário porque

era uma pessoa de bem. Um homem honrado! E o bestão não para de falar em você! É Terezinha pra lá, Terezinha pra cá, chega a encher! Ele está doido por você, quer manter um compromisso mais sério, e você não lhe dá a mínima! Ele se queixou dizendo que, ao tentar lhe falar de namoro, teve a impressão que lhe ofendeu. Olhe, mana, um partido como esse não aparece todo dia não senhora! Vou lhe contar uma história que ainda não sabe. Não contei antes, porque estava morrendo de vergonha. Agora não! Posso falar sem medo. Já conheço Hilário a fundo, somos amigos mesmo que irmãos. Por isso vou lhe dizer.

– Hum! Uma história que ainda não sei? Não me venha com surpresas desagradáveis!

– Você se lembra quando comprei a mobília de quarto? Pois bem! Estava tudo certo para o pagamento. Aí me veio um desacerto no armazém... perdi mercadoria, tive de pagar muitos impostos atrasados, foi tanta coisa de uma vez... aí fui obrigado a atrasar as prestações da mobília. O dono da loja já tinha mandado não sei quantos recados e eu, dando desculpas: Pago amanhã... pago amanhã... e nada! Finalmente, ele me deu vinte e quatro horas: ou eu pagava, ou ele mandava buscar os móveis. A muito custo me deu três dias para pagar o atrasado. Você não imagina a minha aflição, quando pensava em ver sua cara de tristeza e vergonha! Olhe, mana, lhe confesso: Cheguei a pensar em roubar...

– Meu irmão! Creio em Deus Padre! Nunca mais diga uma heresia desta!

– Isto mesmo que você ouviu! Deus me perdoe, mana! Não posso negar, pensei mesmo! Você se lembra de andar me perguntando por que eu estava triste? Pois é! O Hilário também percebeu. Depois de muito perguntar, você sabe, conversa de homem pra homem, eu lhe contei tudo. Aí vi como ele é meu amigo de fato! Me pegou pelo braço, foi comigo ao banco...

– Santo Deus!

– ... Quando saímos, meteu o dinheiro em meu bolso e mandou eu pagar minhas dívidas. Se eu não aceitasse, seria a maior ofensa para ele. Ainda existe gente boa neste mundo, mana! Até hoje não aceitou o pagamento. Se falo em começar a pagar, ele me pergunta se eu já estou em condições. Manda me acalmar. Quando eu puder pagar, ele aceita...

– Meu irmão, como pôde fazer uma bobagem dessas? Se a gente não pudesse ficar com os móveis, não ficava! Entregava tudo e pronto! Não nascemos tendo nada dessas coisas. Se Deus quiser fazer a gente rica, não vai ter necessidade de tanto sacrifício. Meus Deus, você ainda não pagou o dinheiro?

– Não se preocupe, bobinha! Não estou dizendo? Ele é amigo mesmo! Não faz questão de bobagens! Dinheiro para ele não tem valor algum. O mais importante é nossa amizade.

– Continuo achando que você não devia ter feito isto. Já pensou se este rapaz precisar do dinheiro de uma hora para a outra? Como vai fazer para pagar? Você tem economizado para, quando chegar esta ocasião, estar prevenido?

– Isto nunca vai acontecer!

– E se ele quiser algum dia?

– Se ele quiser mesmo, dou um jeito!

– Por que não pediu emprestado a Tancredo?

– Ora! Tancredo! Tancredo! Como se ele ligasse pra gente! Quantas cartas já escreveu depois que ficou rico, ganhando uma nota na Petrobras? Quantos retratos da família já mandou pra gente conhecer seu filho?

– Às vezes não tem tempo...

– Você diz isto porque gosta mais dele do que de mim! Sempre foi assim. Todos sempre gostaram mais dele: mãe, pai, você, todo mundo! Olhe! Você nem liga para o meu esforço para lhe agradar e lhe dar uma

vida melhor! Se me ouvisse, ao menos uma vez, não era tão burra a ponto de estar jogando fora uma excelente oportunidade. Se você perder Hilário, vai se arrepender amargamente. O que eu devia fazer era o que o seu irmão do coração fez! Dar o fora, como ele deu! Ele não é tão bonzinho? Pois foi ele quem deu o fora! Quem ficou foi eu, e nem ao menos posso pensar em casar, enquanto você depender de mim! Até logo, vou dar umas voltas por aí, não me espere! Droga!

– Tirson!

Terezinha não conseguiu impedir o irmão de sair. A solidão serviu-lhe para aclarar a mente, mostrando-lhe a realidade. Ela não podia ficar a vida toda dependendo do irmão. Hilário poderia ser a solução, afinal, várias vezes, dera provas suficientes de querer manter namoro. Por outro lado, não podia negar que sentia uma forte atração por ele.

Chegara à hora de se decidir. Não continuaria recusando aceitar Hilário como namorado oficial. Até mesmo se lhe propusesse casamento, aceitaria. Não tinha receio de assumir o comando de uma casa, nisto já estava completamente formada. Só o fato dele ser tão rico e ela pobre deixava alguma dúvida. Sempre haveria diferença entre os parentes dele e os seus. Nunca a família dele a aceitaria totalmente. Corria o risco de sofrer. E daí? Seria mais um entre tantos. Sofrer! Não foi assim com minha mãe? Terminarei do mesmo jeito. Tia Dolores não queria o casamento porque minha mãe era mulata e pobre.

O sono chegou rápido. Nesta noite, não demorou a dormir nem mesmo estando preocupada com a ausência do irmão.

Outras noites foram dormidas com tranquilidade. Oficializado o namoro, Hilário não se cansava de agradá-la. Trazia-lhe presentes deliciosos, fazendo-a sentir-se muito feliz.

– Tirson, viu o ramo de flores que Hilário me trouxe?

– Vi!

– Está acontecendo alguma coisa com você, meu irmão? Tenho notado que anda preocupado e triste, não confia mais na irmã do coração? Alguma outra mulher é dona do seu coração e não quer me dizer? Deixa de bobagem, homem! Seja ela quem for, terá minha aprovação...

– Não tenho nada, não!

Apesar da negativa, ela percebeu haver algum fato que o preocupava. Os diálogos fraternais, tão comuns, tornavam-se escassos e ríspidos. Havia qualquer anormalidade. Novas dívidas? Mais dinheiro emprestado? Ele estava tão alegre por eu ter aceitado o namoro e, de uma hora pra outra, ficou deste jeito! Hoje vai ter de me dizer. Não vou permitir que entre em outra situação difícil.

Após ter ouvido a música da Ave-Maria e ter feito as habituais orações, Terezinha voltou-se às tarefas ligadas ao preparo do jantar. Terminava o banho quando a Aleluia de Handel, sempre presente, duas vezes por semana, prenunciando o sermão da casa da frente, lhe fez companhia.

Tirson demorava. Nunca houvera tanto atraso em seu retorno. Preocupou-se também, porque era dia de receber Hilário e o irmão não permitia que eles ficassem sozinhos, evitando, assim, falatórios da vizinhança. Resolveu ir até o armazém.

Arrumava o lenço nos cabelos, quando batidas na porta fizeram-na desistir da viagem. Agradeceu a Deus por ter trazido o irmão. O que faria se Hilário chegasse e ele não estivesse em casa?

– Puxa, Tirson! Você?

– Boa-noite Terezinha! Você está muito bonita, como sempre!

– Oh! É você?

– Qual o motivo de tanto espanto? Estava esperando outra pessoa?

– Tirson!

– Ah! Fique tranquila! Antes de vir para cá, passei no armazém. Ele vai chegar mais tarde. Acabaram de chegar algumas mercadorias e não podia sair antes de conferir tudo. Me ofereci para ajudá-lo, não aceitou. Se você quiser, vou embora. Se ainda não tem confiança em mim!

– Não! Não é isto! É...

– Então? Posso entrar? Ele não demora, sua bobal! Foi até bom ficarmos sozinhos, pois temos algumas coisas muito importantes para definir com respeito ao nosso casamento.

– Casamento?

– Você não quer casar comigo? Senhorita Tereziinha, neste momento solene, eu, Hilário, tenho a honra de, oficialmente, pedir-lhe a mão em casamento. Aqui está o anel de noivado e a aliança. Hoje é um dia importante em nossas vidas. A partir desta data, já me considero um homem direito, isto é, de responsabilidade. Agora, a outra surpresa! Veja, trouxe salgadinhos e uma garrafa de champanhe para comemorarmos. Se afaste um pouco, futura senhora Hilário, vamos abrir a garrafa. Vamos fazer uma pequena comemoração nesta data tão importante de nossas vidas.

– Não é melhor esperar ele chegar?

– Olhe! A partir de hoje você é minha noiva e está sob minha responsabilidade! Eu, seu noivo apaixonado, sabe o que é melhor para você, minha rainha. Se eu acho certo comemorarmos nosso futuro casamento com uma taça de champanhe, é porque isto é o certo. Aliás, você não respondeu à minha pergunta! Venha cá, dê-me um abraço e responda se quer ser minha esposa. Faça questão que me dê a resposta abraçada comigo, porque, assim, tenho esperança de ser aceito.

Os pensamentos tumultuavam-se no cérebro da moça. Antes da chegada do rapaz, estava disposta a aceitar o pedido; em seus braços, no entanto, via-se cheia de dúvidas e medo. Sentia os lábios do noivo pressionando os seus, roçando pelo rosto para demorar-se sobre o pescoço. Não houve necessidade dela forçar a separação. Hilário era muito delicado e procurava deixá-la à vontade para evitar uma situação constrangedora. Prolongava o contato sem demonstrar muita excitação.

O segundo beijo foi para selar e agradecer a resposta da moça, por ter aceitado o pedido de casamento. Correspondeu às carícias que sua língua executava durante o prolongado beijo. As imagens continuavam em luta para permanecer no cérebro agitado, incluindo, até mesmo, a figura hedionda de José. Em vão tentara destruir o momento romântico. Estava nos braços de um homem, deixara de sentir medo e repugnância.

– Meu amor, responda-me, novamente... Aceita ser minha esposa para o resto de nossas vidas?

– Sim! Aceito!

– Ah! Meu amor! Estou tão feliz! Prometo-lhe ser o mais fiel dos maridos. Esperava apenas sua resposta para lhe dar uma taça de champanhe. Já tenho tudo pronto. Nosso casamento será dentro de, no máximo, dois meses, o tempo necessário para os papéis e, então, estaremos casados. Agora vamos ao champanhe...

Terezinha relutava em tomar a bebida na ausência do irmão. Hilário não insistiu, colocou a taça sobre a mesa, enquanto lhe dizia quão maravilhosa seria a vida que levariam juntos. Ela conheceria lugares belíssimos. Nunca mais faria comida ou qualquer trabalho caseiro. Seria dona e patroa de uma casa bonita. Móveis luxuosos, radiola, roupas elegantes, festas, amigos, um carro com motorista, tudo! Tudo o que puder imaginar terá aos seus pés. Eu farei parte disto como um humilde servo. Minha mãe está doida para vê-la.

Na próxima semana, vocês irão conhecê-la. Tenho certeza que vão se dar muito bem. Ah! Como estou feliz... Minha felicidade só não está completa por causa dessa sua desconfiança por mim. Uma mulher noiva de um homem, a dois meses do casamento, não aceitar tomar uma taça de champanhe com o noivo, só pode ser porque não confia nele ou, pior ainda, porque não gosta dele! Eu não me incomodo, um dia aprenderá a confiar em mim.

Libertando-se do reino da fantasia onde estivera mergulhada recordando as emoções ao lado de Hilário, voltou ao espelho. Lá estava a outra Terezinha, a moça que acreditou num homem, aceitando beber o champanhe, quando não lhe restava mais nenhuma dúvida sobre suas intenções, que se entregou em troca de promessas, julgando-as sinceras, e, agora, estava prestes a entregar-se a outro homem sem ao menos conhecê-lo. Então, Terezinha? Da outra vez, você foi enganada. E hoje? Qual o motivo desta vez? Será pelo quarto e comida ofertados por Tidinha, ou pelos seus próprios desejos? Não é por nada disto, é por vingança contra mim mesma! Não sei, meu Deus, realmente, não sei! Aos poucos, vão tirando tudo de mim: primeiro foi minha mãe, depois meu pai. Mesmo a casa da tia Dolores, que não era nenhum céu, mas, pelo menos, tinha onde dormir e estava ao lado de parentes, me tiraram. O infeliz do José foi o responsável, perdoe-o Senhor! Tancredo, Tirson, finalmente minha honra! Grande idiota eu fui acreditando em Hilário, julgando-o digno de minha confiança... Boba! Idiota! Nunca aprende as lições da vida... Desde o princípio, ele nunca quis nada sério com você, estava bem claro! Um homem rico querer alguma coisa honesta com uma pobretona sem princípios como eu... Fui muito ingênua! Coitado do meu irmão! Por onde andarás a estas horas? Fui a única culpada por esta minha idiotice! Meu irmão queria

a todo custo me proteger. Talvez tenha sido isto que andava preocupando ele. Hilário começava a pressionar, exigindo mais liberdade comigo. Ele também acreditou naquele infame. Depois de me desgraçar, além de nunca mais me visitar, ainda exigiu o pagamento do dinheiro emprestado. Como meu irmão não tinha, ele deu queixa na polícia, acusando-o de ladrão e por agressão pela surra que Tirson lhe deu. Deste dia em diante, o coitado anda pelo mundo, foragido, sem ao menos poder dar notícia. O advogado mandou penhorar o armazém. Então me vi obrigada a deixar a casa e sair pelo mundo. Felizmente me deram Tidinha, minha última esperança. Ela realmente gosta de mim.

Absorta nas recordações, não percebeu, à entrada da porta do quarto, Tidinha, ao lado de um rapaz. Ao vê-los pelo espelho, voltou-se lentamente para enfrentar a situação para a qual fora preparada.

– Terezinha, este é o rapaz de quem lhe falei!



## XI

Apesar dos insistentes pedidos da turma, Zilmário não aceitou o convite para ir ao Cantinho da Tíndinha participar da sabatada em sua homenagem. Prometeu-lhes ir, tão logo as coisas se acalmassem em casa e com a noiva. Seria difícil convencer Carlinda, no primeiro fim de semana que passariam juntos, depois da viagem, deixá-la para ir fazer farra. Durante a semana, poucos momentos tiveram a sós. Como se o dia não bastasse, Zilma acompanhava-o à casa de Haydée para discutirem detalhes do casamento. Não deixavam Carlinda em paz, chamando-a a toda hora para pedir opiniões. Quando a filha reclamava estar cansada de tanto levantar, entrar e sair, ela dizia, jocosamente, haver muito tempo para conversarem e arrematava com palavras que, antecipadamente, sabia irritá-la: Como se fosse somente conversa, hem, Zilma?

Esperando ficarem livres das mães no fim de semana, fizeram planos de ofertas carinhosas, cada um querendo agradar mais ao outro. Zilmário não podia dizer aos amigos, todavia, mesmo sendo infantil, não trocava os carinhos da noiva pelos ais eróticos das meninas do Cantinho. Na tentativa de aumentar mais ainda as horas de prazer, deixou, propositadamente, o presente especial referido na carta para uma ocasião, como a daquela noite. Assim, poderiam extravasar toda a ternura existente entre eles.

Penteando os cabelos, Zilmário sorria satisfeito por não ter entregado o presente antes. Tiraria grande proveito da situação ganhando inúmeros beijos. Satisfeito com a própria aparência, despediu-se das mães e da sogra, felizmente reunidas em sua casa.

– Isto em suas mãos é outro presente para Carlin-da? Ficou este tempo todo sem nos mostrar?

– Zilma, precisamos aconselhar estes dois! Zilmário gasta muito dinheiro com presentes! Vai nos mostrar antes?

– Este presente é especial. Depois a senhora me dirá se não estou certo. Ela vai ficar doidinha... Até logo, Tila!

Chegando à casa da noiva com as mãos acintosamente postas às costas, assobiando Fascination, não demorou a ser assediado com perguntas e tentativas de ver o que trazia escondido. Esquivou-se algumas vezes até ser acuado contra a parede. Tendo-a bastante perto, passou velozmente os braços em volta de sua cintura, atraindo-a com força, enquanto procurava sua boca para beijá-la.

– Se não disser o que tem escondido aí atrás, não ganha nenhum beijo... não tem pirraça... nem nada. Você está fazendo malvadeza comigo! Não sei como tem coragem de esconder alguma coisa de mim! O que é que você tem aí escondido? Diga logo, Zil!

– O que é que eu ganho? Até agora ainda não vi nada! Se quiser venha a nós... terá de fazer jus!

– Um beijo!

– Um só?... Por isso que tenho aqui? Sinto muito, senhorita, mas tem que aumentar a proposta. Acho melhor pensar em termos altos.

– Dois beijos e uma pirraçada!

– Pelo presente especial? Muito pouco!

– Muito pouco, Zil? Você não está pensando em nenhuma maluquice, não é?

– Maluquice? Que maluquice?

– Tá bom! Se o que você tem aí é mais importante do que eu, pode ficar que não quero mais saber! Me solte! Não me toque!

– Não me toque! Não me toque!

As pessoas que vissem o casal naquele momento, cada um para um lado, totalmente indiferentes, pensariam tratar-se de uma briga de namorados. Nunca poderiam imaginar tratar-se de táticas de uma guerra onde todos saem vencedores.

– Vá, Zil, diga logo... você é bonzinho, não acredito que deseje ver sua noivinha chorar! Diga pelo menos uma dica!

– Já disse uma, é o presente que falei na carta!

– O presente que falou na carta e esperou tanto tempo sem me dar? Você não merece mais nada de mim! Só pode ser um malvado para fazer tanta perversidade com uma pessoa que o ama e só pensa em você! Isto é para eu me convencer como são os homens! Minha mãe bem que tem razão! Não me toque! Quando eu ficava chorando, feito uma boba, sem comer dias e dias...

– Coitada... até morreu de fome!

– ... enquanto você estava fazendo farras no Rio de Janeiro. Depois, vem com fingimento querendo me enganar que não fez nada demais... não me toque!

– Não adianta fazer chantagem. Só dou o presente se der uma voltinha, para começar!

– Uma voltinha? Ficou louco de vez... como posso dar uma voltinha aqui fora?

– É tão fácil! Sua mãe está lá em casa. Seu pai está dormindo. Você faz que vai pegar alguma coisa lá dentro, entra no quarto de música e dá uma voltinha...

– Doido! Tomara que minha mãe resolva voltar de repente e nos pegue fazendo esta maluquice!

– Se ela voltar, vai me encontrar sozinho do lado de fora. Se eu soubesse que ela não viria logo, eu entrava aí.

– Como? Se você fizer isto, eu grito e faço um escândalo... olhe lá, hem!

– Você faz o escândalo, acorda seu pai. Ele me obrigava a casar logo e é isto mesmo que eu quero! OK?

– É ligeiro, hem!

– Tá bem!

Quando Carlinda preparava-se para levantar a saia e dar um giro sobre si mesma, permitindo que o noivo lhe admirasse as coxas os quadris e a calcinha, ouviu o ranger do portão. Recompôs-se, repentinamente, correndo ao piano para tocar uma música qualquer, iniciando do meio da melodia.

– Uê! O noivinho foi abandonado?

– Não... não senhora... é que eu estava pirraçando Carlinda. Só entregarei o presente se ela tocar uma música para mim. Ela toca para todo mundo, menos para mim, sempre tem uma desculpa...

– Esses noivos de hoje, hem, Zilma?

– A vida deles está ganha! Vamos cuidar da nossa. Quando esse casamento for realizado, acredito que estaremos uns dez anos, mais velhas!

– Diga a ela que pode vir, agora eu dou o presente.

– Já chega, Linda! Disse que agora dá o presente...

– Oh, dona Zilma, a senhora também está aqui? Viu como seu filho é perverso? Trouxe um presente para mim, já vai fazer oito dias e somente hoje falou no assunto. Agora está me pirraçando. Já tentei de todas as maneiras, mas ele não me dá...

– Todas, Linda?

– Ora, mãe...

– Viu, Zilma? Veja se ganhamos tantos presentes assim!

A presença das senhoras frustrou o casal. Quebrou o encantamento, esfriou os ânimos. Zilmário entregou o pacote à noiva, admirando seu sorriso. Era o sorriso espontâneo da mulher que ama e se sente amada.

– Zil, que beleza!  
– Gostou?  
– Oh! Zil, você merece o maior beijo do mundo...  
– Agora!  
– Que beleza! Um pianinho... de calda... como é que abre?

– Do mesmo jeito que o seu grande, com a chave!  
– Zil, é uma belezinha! Tem até os sustenidos! Olhe as teclas como são pequenininhas, quase não posso tocar, somente com a ponta do dedo... Toca, toca de verdade! Nem posso acreditar... Você tinha razão, meu amor! Estou realmente abismada! Nunca podia imaginar que pudesse existir uma coisa assim...

– Tente tocar alguma música... vamos!

Os dedos delicados tatearam as teclas. Primeiro uma escala para ver se havia afinação, alguns acordes; o início de uma valsa.

– Agora gire a chave algumas vezes para a direita, como se estivesse dando corda em um relógio.

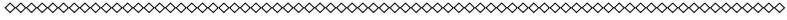
– Zil! Ele está tocando sozinho! Está repetindo o que toquei... não é possível... Zil, como é que pode?

– Bem! Pela explicação que o homem da loja me deu, ele consta de um cilindro cheio de pinos. Quando você toca as teclas, elas libertam os pinos. Depois, quando dá corda, os pinos vão girando com o cilindro e tocam por dentro, nas notas ou nas teclas, não sei bem, reproduzindo a melodia. Quando a corda acaba, os pinos retornam para dentro do cilindro.

– Oh, meu bem, você merecia uma voltinha bem demorada, mas não posso dar. Só posso um beijo. Aceita?



## XII



**A**vistando o Cantinho da Tidinha, Zilmário foi envolvido por forte sentimento de culpa. Estava errado em deixar a noiva para ir encontrar-se com mulheres de vida livre.

Somente no segundo sábado, após o regresso, resolveu acompanhar os amigos. Poucos meses o separavam do matrimônio. Os prazeres propiciados pela vida livre apagavam-se ante o crescente desejo de ter Carlinda como mulher. As mulheres do Cantinho perdiam o encanto, tornavam-se vulgares. Nem mesmo Tidinha apresentava-se tão rica de alegria como outrora. Chegou ao limite. Agora é uma nova vida. Não vou mais deixar minha noiva sozinha em casa... não vou mais no Cantinho. Acho que, finalmente, atingi o ponto máximo de espera. Não adiarei o casamento por nada deste mundo. Hoje será minha última vez aqui. Vou ver se aguento passar os meses que faltam pro casamento sem ter mulher na rua. Carlinda também já não está muito satisfeita com estas farras. Fica intranquila sabendo que ando por lugares assim. Tenho de arranjar desculpas esfarrapadas e cometer as piores mentiras para enganá-la. Por outro lado, se a turma sentir que estou afrouxando, correndo do pau, é capaz de cair em cima de mim daquele jeito. O desgraçado do Didi não me deixou desistir. Ficou esperando no princípio da rua e fez questão de vir comigo. Mulherengo, até o último fio do cabelo, vai ficar me pirraçando. Por mim! Pirraça

boa, somente de Linda. Tem horas que ele me lembra o Cebola, coitado! Foi vítima de minha ira. Ataqueei-o como se estivesse agredindo o mundo inteiro; todas as pessoas más; a humanidade com sua mesquinhez. Até hoje não consigo tirar da cabeça as maluquices que andava pensando.

– Ânimo, rapaz! Até parece que você está em outro mundo! Não diz nada... acho que está ficando broxa! Como é, vamos entrar ou não? Se tiver se sentindo broxa, vamos tomar um conhaque com café pro pau incruá!

– Sai, Didi! Eu sou homem de precisar destas coisas? Se respeita, magro!

O salão estava repleto. Vários rostos conhecidos voltaram-se em direção à porta. Do fundo, uma voz gritou entusiasmada: Viva Nilmário! Foi o estopim para a farra ter início. O primeiro abraço foi de Tidinha. Apertou-o com força contra os seios firmes. Depois, afastou-se para que outras mulheres pudessem cumprimentá-lo também.

A recepção preparada por Tidinha e os amigos foi esfuziante: música, alegria, estouro de champanhe, risos, beijos, abraços maliciosos! Um cochicho da anfitriã segredava-lhe haver gente nova. Estava reservada para ele.

Encheram-se os copos. O som da radiola foi aumentado; Carlos Gardel dominou o ambiente. Alguns pares aventuraram-se na pista de dança. Cedo, porém, desistiram das evoluções exigidas pelo tango, possibilitando mais espaço para um par esguio de rostos colados, mãos entrelaçadas dirigidas para frente. Didi estava inspirado. A cerveja libertava-lhe os movimentos, conduzindo a parceira como se ela estivesse solta do tabuado. De repente, um susto entre a assistência. A moça foi atirada de maneira violenta. Quando o corpo inclinava-se em direção ao solo, foi detido pelo rapaz.

Por alguns instantes, formou-se um ângulo cujo vértice eram seus próprios pés. Posteriormente, a mulher foi amparada pela cintura, escorregando para frente, tomando posição quase horizontal. Os olhos fechados, os lábios vermelhos sensualmente entreabertos, em total submissão de fêmea, deixou-se elevar pelo companheiro até ficar com a boca próxima de seu rosto. A plateia esperou o beijo. O erotismo da dança já se havia espalhado pelos presentes, aguçando-lhes os instintos. O casal mantinha-se estático. Somente a música rompia o silêncio. Não se deu o beijo, o amor da jovem fora recusado, seu corpo mais uma vez fora afastado, permanecendo ligado ao do parceiro apenas pela mão elevada que a fazia girar na ponta do pé, levantando a saia para mostrar a feminilidade e excitar os homens. Quando o bandônton encerrou a música, os corpos chocaram-se num abraço forte. As palmas soaram em sua direção.

O ambiente festivo embriagava Zilmário, retirava da sua mente os policiais da lisura, libertava o homem dos limites preconceituosos da sociedade, entregando-o às bacantes. Correu em direção aos dançarinos, orgulhoso do amigo. Elogiou-lhes a dança e a beleza do par. Se tivessem apresentado o número em algum teatro, teriam sido ovacionados de pé. Quem diria que o danado do Didi era tão bom dançarino... Até parecia que haviam treinado por muito tempo. O Magro, como era intimamente conhecido entre a turma, balançava a cabeça, transferindo os elogios para a companheira.

A euforia gerou uma discussão entre os componentes da mesa, com referência a quem era melhor dançarino. Se o Magro ou a dama. Foi até sugerido que fizessem nova apresentação, tipo um concurso, para a plateia fazer um julgamento.

O casal relutava em aceitar o desafio. Didi achava que era falta de cavalheirismo. Um homem nunca devia pôr à prova a graça de uma mulher. Os outros

discordavam dizendo que ele estava com medo de dançar de novo.

A discussão continuava. O casal fugia ao desafio. Começavam a sentir que não se livrariam da obrigação, quando a proprietária pediu um minuto de silêncio. Um dia tão importante como aquele não podia passar em brancas nuvens sem ter o destaque que merecia. O recinto sentia-se honrado em ter, entre tantos frequentadores importantes, um da qualidade do doutor Nilmário.

– Nilmário não! É Zil!

– Cala a boca, burro! Tá querendo me lenhar? Tá doído, Didi?

Zilmário tentou levantar-se para impedir a falação da mulher, mas nem a voz nem o corpo conseguiram alcançar o intento. O ruído das palmas e o esticão que Didi lhe deu no cinturão obrigaram-no a calar e sentar-se. A oradora, no entanto, continuava desdobrando a teia de elogios. Um homem assim é motivo de alegria para a Bahia e, quiçá, para o país. Dentro em breve, os senhores, não tenham a mínima dúvida, será um político de influência neste nosso Brasil gigante. Agora vamos continuar a festa, com muita alegria e muito amor. Para terminar, quero dizer, especialmente ao doutor Nilmário, que lhe reservamos uma grata surpresa, digna de sua personalidade. Tenho dito e muito obrigada pela atenção a esta humilde oradora...

– Viva Nilm... Nilmário!

– Viva!

– Viva Tidinha!

– Viva!

– Viva o mulherio todo!

– Viva! Viva!

A embriaguez tomava conta dos presentes. O tango foi substituído pelos boleros e rumbas, ritmos criados para libertarem as emoções do amor. Os pares colados quase não saíam do lugar. Numa reverência especial,

Zilmário dançava com Tidinha entregando-se à tepidez do corpo feminino. Alimentou a ideia de que iria com ela para a cama. Ao dar os primeiros sinais de que já se havia entregado aos seus encantamentos, pressionando-lhe a região genital, sentiu, na orelha, leves dentadas acompanhadas de sussurros. Ficasse calmo. Havia coisa melhor esperando por ele. Logo que terminassem a parte, levá-lo-ia até a surpresa.

Enquanto os pares voltavam às suas mesas, Tidinha levou Zilmário em direção ao seu quarto. Mais uma vez o rapaz acreditou que ela estava reservando-lhe alguma novidade na arte de amar. O quarto da dona do Cantinho somente era utilizado por ela mesma no atendimento de fregueses especiais. Como há muito se houvera entregado à alegria, continuava tentando carícias na mulher que delicadamente o afastava: Calma, calma, neném. Tenha mais um pouco de calma! Deixe-me abrir a porta, assim... Agora, veja! Não tinha razão?... Este é o nosso presente para o amigo mais importante de hoje.

A pouca luminosidade do ambiente dificultava a distinção dos objetos. De um abajur colorido, raios luminosos caíam sobre uma moça em íntimo abandono, folheando uma revista, sobre a cama bem arrumada.

– Tidinha! Ela é uma criança! Não deve ter mais de quinze anos... como veio parar aqui? Não tem pais? É muito criança...

– Devagar, devagar! Uma pergunta de cada vez! E fale baixo para não encabular a moça! Primeiro não tem quinze anos, e, sim, dezenove; segundo, está aqui para curar uma desilusão. Antes que me esqueça e antes que você se preocupe, não é mais virgem, tá bom? Até logo! A chave do quarto vai ficar comigo, ninguém vai incomodar os pombinhos. Na hora de ir embora, eu venho acordar vocês. Ah! Já ia me esquecendo – puxa vida! – o nome dela é Terezinha!

– Terezinha?

– Beijinhos para os pombinhos! Até logo...

O rapaz permaneceu parado enquanto a porta se fechava às suas costas. Mantinha-se na posição vertical com muito esforço. A respiração tornava-se ofegante na admiração da mulher que caminhava em sua direção. Através da camisola, pôde observar as linhas do seu corpo. Destacavam-se os seios pequenos, bem empinados. O rosto, apoiado no pescoço comprido, belo em sua forma arredondada, era ornado com olhos ligeiramente oblíquos, cuja cor era impossível definir.

O homem vibrou diante de tanta beleza. Tudo lhe era harmonioso.

O sangue agitou-se. Rapidamente o cérebro folheou páginas passadas, parando em uma, onde se podia ler a descrição de uma cena bem semelhante à do momento. Havia um rio, folhagem, um rapaz desnudado de alegria e uma mulher muito bonita bem à sua frente, mostrando-lhe o corpo nu, oferecendo-lhe amor. As duas mulheres ocuparam lugar na mistura do presente e do passado. Eram tão bonitas, tão semelhantes que se fundiram em uma só. Eram a Menina do Rio, a menina que um dia mostrou-lhe uma realidade que se mantivera incógnita em seu subconsciente. Ela voltava por algum motivo, mas... que motivo? Por que ela voltava agora? O que estava indefinido para ele a ponto de precisar que uma lenda se tornasse realidade e viesse ajudá-lo a tomar uma decisão? Estava prestes a concluir o curso de engenharia, casar-se com Carlinda. O quê, então? O que está para acontecer de tão importante, que necessito da presença da Menina do Rio?

– Você é a Meni...

– Até que enfim conheço você! O que ia dizendo?

– Nada... nada demais! É... demorei-me, um pouco! Você está falando como a...

– Não parece que está muito satisfeito! Algum problema? Alguma coisa que está desagradando você?

– Não, não está havendo nada demais! É que... deixa pra lá...

Sem conseguir livrar-se da angústia de que estava fazendo alguma coisa errada, sentia-se mal ante a juventude da companheira. Tal era o acanhamento que a iniciativa partiu de Terezinha. Tocou-lhe o rosto, passando a ponta dos dedos em volta dos olhos, da boca e do ouvido. Elevava-se sobre os pés para atingir uma altura que permitisse roçar os lábios pelo rosto do moço. Abriu os botões da camisa, introduzindo os braços em torno do corpo, atraindo-o para si, aumentando a pressão até sentir-se correspondida.

A orientação que Tidinha lhe dera perdeu-se aos primeiros carinhos do homem. Em sua mente, apagaram-se todos os ensinamentos profissionais. Não nascera para prostituir-se, sua existência fora formada em cima de alicerces de dignidade. Naquele momento, teve a certeza de que, se não tivesse aparecido dentro dela a emoção que estava experimentando, teria recusado entregar-se pelo dinheiro.

O ato sexual foi envolvido pelo ardor de dois seres que se amam. Não houve exagero nem necessidade de demonstrar o prazer. O homem que lhe fora reservado era educado e carinhoso. Dizia-lhe palavras amorosas que a excitavam ao limite de perder a noção do lugar em que se encontrava e dar-se como se estivesse em noite de núpcias. Sentia, também, que Zilmário estava com ela, na mesma estrada, cruzando os umbrais do horizonte até um ponto perdido, em meio à selva virgem, onde o canto dos bambus embalava-lhes os frêmitos.

– Agora está mais alegre?

– Sim! Você é maravilhosa! Tão jovem e bonita, tão delicada e perfeita... fiquei constrangido em vê-la aqui. E você está feliz também?

– Muito... muito... muito! Não pode imaginar quanto! Eu também estava com muito medo. Temia que não fosse assim! Ainda há pouco, tremia de medo, enquanto estava esperando você.

– Medo de mim?

– Medo de não corresponder aos favores que Tíndinha me tem feito. Não tinha muito medo de você, porque as meninas sempre disseram que você era diferente dos outros homens. Eu sei que é muito mais diferente do que elas disseram. Você foi o meu primeiro...

– Você quer dizer que eu sou o primeiro... aqui... ainda não...

– Acho que vai ser o único... Tíndinha não vai me obrigar! Ela é muito boa para mim. Esta noite foi a noite mais feliz de minha vida. Se morresse hoje, ia feliz. Mas... me diga! Por que ficou tão encabulado quando soube meu nome?

– Deixa isto para lá... já passou!

– Bem! Se não quiser dizer, não diga!

– Foi a maneira como Tíndinha disse!

– Como foi que ela disse? Terezinha é um nome feio? Não ligue para isso! Tíndinha disse assim, com aquela ênfase, foi de brincadeira!

– É mesmo! Uma brincadeira... Terezinha é uma brincadeira!

*Terezinha de Jesus*

*Tem nos olhos, tão azuis,*

*A tristeza do luar...*

– Ah! Isso é lindo! Quem fez? foi você?

– Foi um colega meu, para sua namorada.

– Ela é muito bonita?

– É linda! Meiga como uma criança!

– Então foi isso que entristeceu você, não foi?

Desculpe... eu não tive culpa, não sou culpada de ter

este nome. Tidinha diz que nós as mulheres... as outras mulheres... deveríamos ter números em lugar de nome. Assim não causava constrangimento aos homens, quando encontrasse uma de nós com o mesmo nome de suas namoradas. Desculpe!

A humildade que se refletia nos olhos de Terezinha era tanta que o levou a abraçá-la.





– Duvido que você tenha coragem de tal malvadeza. Ah, Tila, se soubesse como gosto de Linda! Só entendendo minha existência com ela ao meu lado. Nada de filhos logo, somente eu e ela. Ela adora você, sabe? Diz que gosta tanto de você como de mim...

– Num me venha cum tapiaçã. Essa cunversa mole é muito véia. Tá cum medo, tá? É isso mermo! Conto tudo a Carlinda! A muié de fibra qui é ela, num vai aceitá teu prucidimento. Tenho certeza qui acaba tudo de uma veis. Tô avisano... adespois num venha cum a cara de bezerro dismamado chorá na minha saia. Agora cumece a tomá o café! Inda num tocô em nada. Instudano do jeito qui tá, fazeno farra inté arta hora da madrugada, cuma esta noite, e sem cumê, num tenho dúvida qui vai pro beleléu uma hora dessa. Oia, ela tá chegano! Lembre da minha promessa!

– Olhe, Linda! O príncipe encantado acordou. Que estão vocês dois tramando?

Zilmário não teve nem tempo de preparar-se para receber a noiva, que chegava da missa, acompanhada pelos sogros. Ele fora desobrigado de acompanhá-los em atendimento ao pedido de Carlinda que achava melhor deixá-lo dormir mais um pouco, aproveitando o dia de domingo.

Enquanto as outras pessoas tomavam assento à mesa, beliscando nos pratos arrumados, Zilmário procurava socorro nos olhos de Tila que o negou desviando a vista. Teria, ele mesmo, de agir com naturalidade para não perceberem que estava encabulado.

– Olá, mãe querida! Cada dia, mais bonita do que o outro... e o pai sortudo que tem a mulher mais bonita desta terra? Espere... espere... mais bonita, não! Tão bonita quanto a noiva mais querida do mundo e esta outra mãe aqui! Donde apareceram dois anjinhos e um anjão para virem alegrar a vida de um infeliz estudante que tem as pestanas torradas e que tem de suportar os

carões da outra mãe que compõe o trio das mulheres mais bonitas desse mundo véio sem portera?

Durante o tempo em que falava, o jovem observava as reações de Tila. A cada careta de desaprovação, procurava esmerar-se mais ainda nos elogios.

– Dona Zilma, ele está doente?

– Pergunte a Deus por meus pecados!

– Uê! Não se pode ser feliz? Como pode, um homem que tem mães tão maravilhosas...

– Me tira desse samba, sabiá!

– ... duas mães maravilhosas, um pai prata fina e uma noiva como a minha, ser infeliz?

– O capeta anda aperparano alguma instripulia! Cruz-Credo!

– Sinto muito, Tila! Suas rabugices hoje não me afetam. Estou alegre pela visita que acabei de receber e, tem outra coisa, sabem que dia é hoje? Hoje tem Ba-Vi, a final do campeonato. Dr. Nélson me convidou para ir à Fonte Nova com ele. Disse-lhe que me sentia muito honrado, porém só iria se minha noiva – minha noiva! – fosse também! Você vai com a gente, Linda? Tenho certeza que o Bahia vai dar uma balaiada no Leão.

Carlinda, com os olhos arregalados, procurava explicação nos rostos dos presentes. Nunca fora ao futebol e, de repente, estava sendo convidada para acompanhá-lo. Lembrou-se que, uma semana antes, seu pai mandara dizer a Zilmário que gostaria de lhe falar. Poderia ter sido para acertarem a ida ao campo.

Procurando descobrir o motivo do convite tão inesperado, a moça foi atraída pelos sinais discretos que Tila fazia. Aconselhava-a a ir também. Deveria haver alguma coisa por traz de tantas surpresas. Se Tila recomendava que ela deveria ir, estava resolvido. Sorriu-lhe como resposta de que aceitaria o convite.

– Olhe que eu posso ser pé-frio! E depois, se eu for Vitória? Ninguém nunca me perguntou qual o meu

time! Vai ter zanga quando meu time fizer um tento? Você vai ficar bravo comigo, Zil?

– Eu não fico bravo com você por nada deste mundo! Agora... se você for Bahia, é muito melhor... Aí eu não fico triste quando seu time perder e vir seu rostinho com rugas de tristeza! Quem fica feliz vendo um anjo sofrer?

Mário sentiu a tonalidade de voz dos jovens tornar-se mais melosa. Segurou a esposa pelo braço obrigando-a a retirar-se da sala. Zilma ficava embevecida com a beleza dos filhos. Havia necessidade de que alguém a fizesse ver que eles preferiam ficar a sós. Tila também arranjou uma desculpa para ausentar-se. Saiu, renovando os sinais à Carlinda, aconselhando-a a acompanhar o noivo.

A vida sorria para Zilmário. Os dias eram ricos em alegria e amor. Na escola, gozava os rubro-negros com a retumbante vitória do Bahia. Ouvia-lhes as queixas contra a arbitragem, aconselhava-os a ir ao pé do Caboclo desafogar as mágoas. Na casa da noiva, mergulhava num mar de águas tranquilas. Viajava pelo mundo dos sonhos puros, através das palavras de Carlinda; cobria-lhe de carinho e amor. Aos sábados, o mar era de prazer ao lado de Terezinha. Nesta vida feliz, apenas um senão. Tila não acreditava em tanta alegria, quebrava-lhe a euforia quando estava a contar-lhe as aventuras. Fazia muxoxos. Ameaçava contar a Carlinda. Desconfiada, não correspondia aos beijos do filho. Em lugar de responder às perguntas, ficava a cantarolar modinhas que levavam alguma mensagem. Havia uma especial para os momentos em que achava que ele tentava enganar a si mesmo.

*O cueio saiu da mata,  
foi pra cidade passia.  
Lá perdeu as cueca,  
vortô pra casa a chorá!*

As semanas que antecederiam a data da formatura se esgotavam ao compasso da vida alucinante que o rapaz vivia. No Cantinho, sua presença era inalterável. As noitadas começavam com os amuos da noiva. Cada dia tornava-se mais difícil convencê-la da necessidade de sair um pouco com os amigos. Afinal, depois de uma semana com tanto estudo, havia necessidade de refrescar a cuca. Ela que se lembrasse do colega que ficou maluco de tanto estudar sem se distrair. Era uma necessidade fisiológica como beber e comer. Ou ela estava querendo que agora, tão perto da formatura, ele ficasse doente e botasse tudo a perder?

Depois de lutar e de conseguir o tradicional vá, corria para os braços de Terezinha, que o esperava ansiosa, sem dar atenção aos galanteios de outros homens. Apesar de estar liberada por Tidinha para recusar outros parceiros, sentia-se na obrigação de acompanhar as colegas, pelo menos, fazendo número entre os convidados. Os olhos, no entanto, não fugiam da porta à espera de ver o homem amado. Não pensava, não sofria, não sentia saudade. Vivia tão somente para os momentos de prazer que os aguardavam. Ao vê-lo surgir, corria ao seu encontro. As outras mulheres paravam, por instantes, admirando o par romântico. Elas também faziam parte do idílio. O amor de Zilmário e Terezinha alimentava o restinho de esperança que ainda havia em seus corações. Não sentiam ciúme pela exclusividade do rapaz. Terezinha era diferente, era a luz que voltaria a incandescer no limiar de suas vidas. Depois do casamento entre eles dois, cada uma delas ganharia forças para lutar pelo mesmo objetivo. Mesmo sem ter coragem para dizê-lo, elas alimentavam, escondida, bem no âmago, a esperança de um dia serem chamadas de senhoras. Terezinha era a esperança, a luz que as guiaria pelas trilhas que se descortinavam em seus futuros.

Tidinha também observava o casal. Diferentemente das outras mulheres, não suspirava enquanto se beijavam com naturalidade. Ao contrário, ficava inquieta e temerosa do futuro. Nilmário não era homem para a protegida. Via-se, a olhos nus, que ele era descendente de pessoas abastadas. Por várias vezes, já houvera sugerido que deveria mudar um pouco com relação às mulheres do Cantinho. Até já havia outras meninas muito bonitas, e ele nem percebia... Deveria dar-lhes uma vezinha. Depois, do ponto de vista administrativo, ela ficava embaraçada ao se desculpar perante outros homens que não entendiam a exclusividade. Estavam obrigando Tidinha a tomar uma atitude mais séria. Quem sabe dar umas férias à menina. Talvez assim, os dois se curassem. Aquilo não estava certo. Quando a família dele soubesse, seria o diabo!

Retornando à casa ainda saboreando os beijos da amante, relembra as palavras da dona do castelo. Agora havia duas mulheres a fustigar-lhe a mente: Tila e Tidinha, ambas batendo na mesma tecla.

Os conselhos de Tidinha e as reclamações de Tila passaram a acompanhar Zilmário sem lhe dar tréguas. Exasperava-se, principalmente, com a dona do Cantinho. Não havia motivos para tanta preocupação, afinal ele estava pagando todas as despesas de Terezinha.

Durante as aulas, o calor do fim de ano servia para aumentar a angústia. Comparou-se a uma ilha rodeada de problemas por todos os lados. A consciência começava a pesar; não podia continuar fazendo pouco das palavras de Tidinha. Novamente via-se numa encruzilhada. Os caminhos apresentados à escolha, qualquer um deles, poderiam levá-lo ao desespero. Talvez, até, já estivesse entrando no mais perigoso. Ele que nunca fora castigado duas vezes por um mesmo erro, servindo-se dos enganos praticados por outras pessoas para dirigir sua própria vida, que sempre aconselhara

os colegas em situações semelhantes, via-se a um passo de um erro desastroso. Já não era uma simples atração física, começava a ter necessidade da presença da amante mesmo em momentos fora do sexo.

Perto de Carlinda, mostrava-se inquieto. A alegria dos encontros, as brincadeiras diminuía a cada dia. Julgando tratar-se de problemas ligados aos estudos, ela procurava compreender, esperando, ansiosa, o término do ano letivo.

A compreensão da moça aumentava a angústia na mente do homem. Olhava-a envergonhado. Ela era tão humana e bondosa, não merecia estar passando por tal situação. Flagelava-se, então, com perguntas cujas respostas não possuía. Onde iria encontrar explicação para uma mudança tão radical na própria vida? Carlinda merecia ser tratada assim? E Terezinha, era culpada de alguma coisa? Entrara em sua vida por uma circunstância casual, uma armadilha do destino, ou da Menina do Rio? E agora? Como resolver este problema? Como teria sido resolvido o problema de outras pessoas que passaram por esta mesma situação, vivendo um duplo romance de amor? Ela merece ser abandonada, mais uma vez, depois de tanto sofrimento? Tão jovem ainda e já passou por tanta coisa ruim na vida... Eu não vou me entregar... Tila não me verá chorando em sua saia, não agora! Tenho de arranjar uma saída sozinho. Se Terezinha me pedir para irmos embora, não hesitarei um segundo, mas... o pior é que ela também começa a ficar diferente. A culpa só pode ser minha... sempre está acontecendo um desastre comigo!

Dominado pela angústia, via, na figura da noiva e da amante, duas derivadas da encruzilhada, na qual, caminheiros sem personalidade deixam-se dominar pela incerteza. Ao lado de Carlinda, aspirava o perfume delicado emanando dos lábios. Beijava-a com ardor na tentativa de purificar-se. Resolvia, então, não mais

voltar ao Cantinho! Teria de tomar uma decisão, mesmo sabendo que qualquer caminho escolhido o faria sofrer. No silêncio do quarto, no entanto, na ausência das duas mulheres, voltava a suar frio. Continuava amando Carlinda do mesmo modo que antes de haver conhecido Terezinha. Era o mesmo amor puro de um homem por uma mulher. Se ela soubesse de tudo, se pedisse para não ir mais ao Cantinho! Isso ela já me pediu demais. Gostaria de casarmos logo. Fariamos uma viagem bem longa. Assim, talvez pudesse me livrar do outro amor. Coitada! Eu te amo de verdade, Terezinha! Não sei por que não a conheci antes de Carlinda... Por que a Menina do Rio fez isto comigo? Foi ela quem me botou nesta trama, quer se vingar porque vim embora. Ah, meu Deus, já estou começando a dizer bobagens... Realmente, sou um grande idiota!

Os dias de alegria foram substituídos por prolongados períodos de melancolia. A cabeça passou a ser o campo onde se desenrolavam constantes lutas. Carlinda, Terezinha, Tila, Tidinha. Menos frequentemente, os pais, os amigos, os sogros e, até mesmo, o padre Dilermando, agora fazendo parte do passado, esquecido entre as paredes frias do colégio. Poderia procurá-lo, mesmo tendo sido tão ingrato em nunca tê-lo procurado. Nem sei se ele ainda me conhece! Quando a aula acabar, vou dar uma passada no colégio e ver se ainda está por lá.

A lembrança do amigo trouxe-lhe um pouco de paz. Esqueceu que estava na sala de aula. Durante vários dias não conseguia dar atenção às palavras dos mestres. Neste dia passou por sua primeira decepção como estudante. Didi chamava-lhe a atenção, futucando-o com a ponta do pé, para a solicitação do professor. O quadro estava repleto de riscos brancos ao lado de figuras geométricas, referentes a um problema de cálculo estrutural. Sua presença era sugerida para terminar o problema.

Foi um despertar desagradável. Quando a esperança começava a substituir alguns sentimentos tristes, acontecia um fato de relevante infelicidade. A turma aguardava. Não havia como recusar o chamado do professor. Somente um milagre poderia salvá-lo. Aproximou-se do quadro sem poder se concentrar no emaranhado de riscos.

– Tudo bem com você, Zilmário? Nos últimos dias anda muito calado e preocupado; não participa das aulas como antes! Calma, rapaz! Não há por que se preocupar com a formatura. Você vai indo muito bem. Olhem! Vamos deixar este problema como está. Amanhã nosso amigo fará uma excelente demonstração. Estou certo, Zilmário? Agora vamos a um pequeno intervalo de quinze minutos.

Não houve resposta. Ao retornar, sentia as pernas trêmulas, afundando a cada passo. Temeu não conseguir chegar até a carteira.

Mesmo com o término da aula, permaneceu sentado. A vergonha era mais um incriminador a associar-se às demais acusações. Nunca sofrera tamanha humilhação na frente dos colegas. Imaginou-se caindo no meio da sala. Somente Carlinda apareceu para lhe dar apoio. Quando estirou o braço tentando tocá-la, sua imagem foi substituída pela de Terezinha, imediatamente afastada por Tila e Tidinha.

Nestes momentos, o dilema sobrepujava o restante das forças. Voltaram a aparecer o padre vestido de negro e a mulher de branco, disputando uma criança parecida com ele. A seguir, encontrava-se diante de duas portas abertas, sem saber em qual penetrar: uma luxuosa e cheia de ornamentos, outra, simples, mostrando sinais da ação do tempo. Desabafou em voz alta: Terezinha não tem culpa! Terezinha não tem culpa! Ela não! Preciso dar um jeito nesta situação. Poderia lhe dar dinheiro para que se mudasse do Cantinho e ar-

rumasse sua vida. Arre! Que pensamento! Não quero que outros paguem por seu amor, contudo eu quero lhe pagar os momentos de felicidade que ela me ofereceu sem pedir nada, nem querer saber do futuro. Não! Não! Não vai ser assim! Ela não sofrerá por minha causa! Não tem culpa de ter encontrado um homem fraco, que se julga curado da incapacidade de ver a vida com toda realidade e fica neste dilema, sem coragem de seguir um único caminho. Tila tem razão! No fim de tudo, estarei chorando agarrado à sua saia à procura de socorro. Mas, este problema não é tão difícil de se achar a solução. Carlinda entenderá, ela me ama... Entenderá minha decisão. Foi o destino quem me fez conhecer Terezinha... Linda é bonita, jovem, filha de uma família rica... Nada lhe faltará. Será fácil me esquecer. Logo arranja um bom casamento, conhece um homem de verdade. Só espero não vir a me arrepender. Ah! Querida Carlinda! Carlinda... como te amo! Deveria ter morrido no rio! Por quê? Ora! O rio... Ainda posso voltar ao Rio Subaúma, meu amigo, e terminar o que a Menina do Rio impediu naquele dia. Muito fácil, não é, Zilmário? Desta forma você vai fazer sofrer Carlinda, Terezinha, Tila, seus pais, Dr. Nelson e dona Haydée... E mãe, coitada! Quando tomar conhecimento do meu estado de depressão, nem sei como vai suportar mais uma decepção com o filho doente. É tão fraquinha! Eu preciso de Terezinha! Tenho de aceitar isto como condição principal. O problema crucial é o medo... Meu grande problema é medo! Tenho medo de perder Terezinha e ficar maluco. É, é este o ponto supremo da história. Medo, receio, pena estão todos ligados à minha segurança, ao meu bem-estar. Não quero perder Terezinha nem carregar o remorso de ter ferido Carlinda... Carlinda terá coragem de se matar? Deus me livre! E Terezinha? Ela faria uma coisa dessas? Ela já sofreu tanto nesta vida... é capaz de não ter forças para resistir. Terezinha, que estará fazendo numa hora dessas?

Deve ser um porre ficar a semana toda me esperando. Tenho receio que algum dia Tidinha possa obrigá-la a aceitar outro homem. Ela sabe que eu não posso ir lá durante a semana, é bem capaz de obrigar Terezinha a fazer vida. Terezinha não vai me trair! Nunca.

Quando a turma voltou à sala de aula, Zilmário havia saído. O ciúme tomara conta de sua mente e o levava ao Cantinho.

Dirigindo completamente distraído, permitiu o carro derrapar ao cruzar os trilhos do bonde. No cérebro, antecipavam-se visões das possíveis cenas que o aguardavam no Cantinho. Procurando pela amante, alguma mulher diria com insegurança: Terezinha não está... ela... saiu, ou, sinto muito, Nil, mas ela não pode atender você agora. Não pode receber? E por quê? Está com outro homem, não é? De nada adiantou eu estar pagando todas as despesas, basta virar as costas e ela já está com outro homem! É... É isto mesmo! Estou alegando! O dinheiro é meu, e não quero que tenha outro homem. Mulher minha não pode ter mais ninguém! Eu fui idiota! Afinal, já poderia esperar isto de uma... Dinheiro, dinheiro, sempre estou falando em dinheiro. A única coisa que prende Terezinha a mim é o dinheiro que lhe dou? Não! Ela me ama!

Em casa, os pais começavam a questionar se havia algo errado com ele. Mário andava perguntando à esposa se ela sabia de alguma coisa. Zilmário nunca mais aparecera na loja para um bate-papo. Quando aparecia era para pedir dinheiro. Zilma desculpava-o utilizando pequenas mentiras ligadas à proximidade de eventos tão significativos como a formatura e o casamento. Ela mesma, quando estava perto de se casar, tornara-se intragável. Somente Tila tivera paciência de suportá-la. Teria uma conversa mais seria com ele.

As preocupações com Zilmário começavam a criar situações embaraçosas entre os familiares. As conversas sobre suas atitudes geravam pequenas discussões

entre os pais. Mário já demonstrava vontade de agir como pai. Zilma temia um atrito entre eles. Nesta noite, preocupada com a demora do filho, observava o marido com o jornal aberto, fingindo ler, tentando demonstrar tranquilidade. Foi à procura de Tila.

– Você acha que houve alguma coisa errada, Tila? Ele está demorando muito! Carlinda já esteve aqui duas vezes. Disse que todos lá em sua casa estão preocupados.

– Esse minino tá apercisano uma sova! Quarquê dia desse perco a carma e faço o qui tem de sê feito! Deus, Nosso Sinhô, num permita qui tenha acunticido nada de mar pra ele!

– Olhe! É Carlinda de novo! Não sei mais o que dizer a ela.

– Oia, Zirma! Vô lá pro meu quarto. Mande ela lá qui eu merma falo. Ela vai se acarmá...

– Está certo!

– Ainda nada, dona Zilma?

– Bom...

– Eu estou deveras preocupada! Zil nunca demorou tanto! Não deveríamos fazer alguma coisa?

– Não se preocupe, Linda! Logo ele chega! Tenho certeza que terá uma excelente desculpa. Olhe! Veja! Mário saiu. Deve ter ido à Faculdade ver se não é alguma prova mais demorada. Tila quer conversar com você. Pode dar um pulinho ao quarto dela?

– Está bem! Tomara que a senhora tenha razão!

Carlinda, em sua inocência, desconhecia os motivos que estavam perturbando seu noivo. Não escondia que era ciumenta e ficava muito preocupada quando, por algum motivo, ele demorava a chegar. Talvez Tila pudesse tranquilizá-la. Se alguém sabia algo sobre a atitude anormal do rapaz nos últimos dias, ela era a mais indicada.

Ao entrar no quarto e aspirar o costumeiro odor de incenso e da vela ardendo, suspirou profundamente. O

aroma fazia-a sentir-se amparada, transmitia-lhe energia. Tila pediu que se sentasse, sem ao menos ter voltado o rosto.

– Já vamo cunversá!

A frase curta resumia todo o palavreado necessário para lhe pedir que esperasse terminar as orações.

– Tá tudo bem! Pode se acarmá, mia fia! Tá tudo bem... Nossa vida é uma viagem de barco. Na hora que o vento tá carmo, a gente fica numa malemolência que dá gosto. Mai quando ele tá brabo, aí, sim, as coisa muda de figura um pouco... É pra gente vortá a pensá em Deus! Aí é que a gente mostra a Deus Nosso Sinhô que somos bão e podemos confiá Nele. Carece que a gente seja forte pra num se intregá ao vento. Oia! No dia que Zir tava mermo que morto, lá no hospitar, eu tava morreno mai do que ele lá em Entre Rio. Foi aí que um vento marfazejo veio me apoquentá cum notícia da morte. Ficô zunino nos meu ovido que a mardita tava rondano minha casa. Se eu fosse fraca, tinha ficado cum medo da danada e tinha intregue a bataia. Que fiz eu? Hem! Que fiz eu? Ajuntei todos os Santo que cunheço, me apeguei cum Nossa Senhora do Perpeto Socorro e inxotei a mardita pra longe de nós. Indagurinha mermo tava mandano um recado pra ela.

– Dona Tila!

– Carma! Num se avexe não! Eu faço isso de veis em quando pra ela ficá longe da gente.

– Desculpe, dona Tila, estou tão nervosa... Fico tão preocupada quando Zil demora assim! Fico com o coração batendo feito doido. Eu queria tanto que ele voltasse logo. Mesmo se estivesse em alguma farra, eu o desculparia. Só a alegria de vê-lo são e salvo, eu desculpo tudo.

– Linda, ocê é muito novinha ainda, num sabe nada da vida. Num sabe ainda o que é sê muié... Sê muié casada é diferente de noiva. Tem mai responsabilidade. Muita responsabilidade! Tem de sê muito forte

pra sustentá o home qui vive cum ela. Os home são mai fraco qui nós. Eles se jurgam forte, mai são besta e quarqué amizade bota um dele a perdê. Vô contá um segredo qui poca gente sabe! Maro, o pai de Zir, num era este home bão qui tá veno agora, não senhora! Zir-  
ma sofreu muito cum ele. Podia vê nos oio dos dois qui num era filizes. Num iscondo qui ela tombém tinha sua curpa, mai, veja, o casamento deles foi esculhido pelos pais das duas fazenda. Ela, coitadinha, nem pensava em casamento. Cum Zir e ocê é diferente, ocês mermo é qui se acertaro... houve uma ajudinha de Zirma e tua mãe, mai num foi nada imposto. Num é mermo?

- Ê, a senhora tem razão!

- Mermo assim, mia fia, tem coisa qui ocê ainda num sabe. As muié qui num são casada num são de cunfiança! Tô lhe dizeno, Linda! Elas tentam toma os home, os marido das otra. Só pur inveja e pra fazê o mar. Tenha sempre na mente isso qui tô lhe dizeno agora. S'alembra do dia qui mandei ocê pro jogo cum ele? As veis a muié tá cansada, num tá cum vontade de saí, mai deve fazê um sacrificuzinho e acompanhá o seu marido. Cuma acabei de dizê, ele se dexa levá, faci faci, por amizade ruim. Pro isso, inquanto tá do nosso lado, num corre pirigo.

- Dona Tila, Zilmário não é assim, ele é diferente, não vai fazer uma coisa dessas comigo!

- Zir é um home de carate. Ê diferente dos otro, mai é home! Oia! Um home pode oiá pra uma muié, só pru oiá. Quando isso ocorrê, num reclame, não, pode piorá! Mai, quano a muié tombém oiá pra ele, ocê tem qui mostrá qui é superiô a ela sem apercisá dizê nada. Cum o tempo, ocê aprende essa manha! Zir me disse qui ocê tinha dúvida de qui eu num queria teu casamento cum ele! Num é isso não, mia fia! Eu tinha era medo de que num se realizasse... tem ispritos mau rodano ocês, venho aluitano cum eles todo o tempo, mai aperciso de sua ajuda...

– Eu?

– Sim! Ocê tem de ajudá! Acunteça o qui acuntecê, num pode disisti da luita, tá certo? Doje indiante venha todo dia aqui, na hora da Ave-Maria, pramode de nois rezá junta. Eu ocê e Zirma.

– Está bem, eu ajudo no que for possível! Vou rezar em minha casa também, todos os dias, para Deus ajudar ele.

– Tila, Linda, Zilmário chegou!

– Vá! Vá lá vê ele! Trate cum carinho. Num esqueça de minhas palavra. Adespois a gente cunversa mai. Hoje tenho de tê uma acertação muito sera cum ele. Se aperciso fô, chego uma paulada na molera pra botá juízo na cabeça dele!

– Paulada? Cuidado, dona Tila! Não vá quebrar a cabeça de meu noivo!

– Pé de galinha num mata pinto!

– Mas... paulada?

Carlinda recebeu o noivo com frieza. Apesar das promessas empenhadas, não podia deixar de ficar entristecida e preocupada ao vê-lo abatido daquela forma. Aumentando-lhe os temores, Tila deixara transparecer estar aflita também. Agora, tão perto de alcançar a realização do sonho, crescia e tomava forma a dúvida que sempre a acompanhara. Por isso, não podia demonstrar alegria em vê-lo. Olhava-o entristecida. Dirigiu os pensamentos a Deus, pediu-lhe que não permitisse acontecer qualquer desentendimento entre ela e Zilmário. Não o deixasse perder o amor que sentia por ela. Por favor, Senhor! Prefiro morrer a perdê-lo, Senhor! Não teria forças para resistir, vivendo sem ele. Se houver necessidade de eu lutar contra qualquer inimigo, como diz Tila, farei com todas as forças de meu coração. Aumenta-me as forças, meu Deus! Faça-me forte! Deus me dará força, e eu conseguirei vencer quem ou qualquer coisa que esteja tentando destruir nosso amor!

Os noivos mantinham-se calados. Zilmário era uma fisionomia triste e abatida. Em poucas horas, fora obrigado a mudar de vida, passando por várias fases: a alegria que ficara com o aroma de Terezinha, que permanecia em seus lábios; a preocupação em chegar em casa às escondidas evitando ser visto pelos demais e ter de dar explicações embaraçosas e, finalmente, a prostração ao ouvir a mãe dizer que Mário saíra à sua procura. Como teria sido se tivesse encontrado Terezinha em outro ambiente, fora do Cantinho? Sentiria a mesma sensação que ao lado de Carlinda? Quem poderia dar-lhe tal resposta? Como saber essa resposta? Se quiser descobri-la terá de obter por si mesmo. Mas, como fazer isso com Linda? Ela não merece... É tão pura, tão meiga e... eu gosto tanto de estar com ela. Temo destruir nosso amor. Eu não quero perdê-la. Linda! me ajude a vencer esta fase!

Como se tivesse ouvido os pensamentos do rapaz, Carlinda aproximou-se, abraçando-o com força. Zilmário permitiu as lágrimas se aninharem nos cabelos da moça.

– Não me deixe, Linda! Ajude-me! Ajude-me... me abrace com força!

– Não o deixarei, Zil! Meu amor, nunca o deixarei. Nunca. Se necessário for, darei minha vida para vê-lo feliz!

Somente após o prolongado beijo, Carlinda se deu conta de que estava na casa da sogra. Afastou-se preocupada. Felizmente estavam sozinhos. Zilma fora se plantar próxima à porta, aguardando a chegada do marido. Temia que seu temperamento estabonado prejudicasse o encontro dos jovens.

Mário chegou, como já era esperado pela esposa. Empurrou a porta, encontrando Zilma a lhe pedir silêncio e calma. Afastou-a com firmeza, indo diretamente ao encontro do filho.

– Ah! Finalmente você chegou! Bonito comportamento! Deixando sua mãe e sua noiva em tempo de ficarem malucas por sua causa! Procurei por toda parte e não encontrei você! Aquele seu colega amalucado, Mimi, Didi, sei lá como é o nome dele, me disse que você podia ter ido...

– Pai!

– Venha, Mário! Peço-lhe, por favor. Vamos tomar uma bebida!

Carlinda percebeu que o sogro fora interrompido, propositadamente, impedido de dizer onde o noivo estivera. Algum fato estranho acontecera, e eles sabiam. Começava a entender as preocupações de Tila. Fizeram tudo para o senhor Mário não dizer. Amanhã vou conversar com dona Tila. Dona Zilma deve estar com medo de eu saber e fazer alguma loucura. Não farei loucura alguma! Quero é saber como proteger meu casamento e o homem que eu amo. Continuam julgando-me uma criança. Deixei de ser criança. Agora sou uma mulher! Saberei defender Zilmário.

– Vamos, Carlinda, vou levá-la para casa. Seus pais devem estar preocupados. Vá falar com mãe!

Chegando à casa da noiva, Zilmário demonstrou vontade de retornar imediatamente, alegando dor de cabeça. Ao ultrapassar o portão, ouviu-a recomendar-lhe que não fosse discutir com o pai.

– Está bem, prometo! Até amanhã querida!

Antes mesmo de ouvir o pedido da moça, Zilmário já estava propenso a jogar-se na cama e, se possível, tomar uma decisão. Não estava disposto a discussões, principalmente com o pai, cujo gênio estourado bem conhecia. Nunca teriam uma discussão em alto nível. A tendência seria agravar, mais ainda, o problema embaraçoso em que estava metido. Passando pela sala de visitas, observou Mário sentado, com um copo de uísque ao lado da poltrona.

Em casa, Zilmário sentiu-se amparado. À sua volta, estavam as pessoas queridas. Faltava apenas Carlinda. Quando ela também pudesse viver em sua família, a felicidade estaria completa. Dirigia-se ao quarto, quando foi atraído pelo aroma de café recentemente feito. Na cozinha, a mesa forrada com toalha branca tinha somente uma xícara com café. Tila continuou suas tarefas sem ligar para o filho. Estava muito magoada, não adiantaria tentar apaziguar sua ira. Sorveu o café, beijou-a na testa.

– Vou ver se durmo!

As horas passavam com vagar. Zilma fingia dormir. Ao lado, o marido estava inquieto. Percebeu-o levantar-se. Mentalizou os passos: primeiro em direção à sala de jantar, depois, ao quarto do filho. Agradeceu a Deus. Se bem o conhecia, iria pedir desculpas a Zilmário.

O peito de Mário estava livre de rancor. Arrependeu-se da cena de brutalidade diante da futura nora. Contudo, como não ficar zangado? Não era pelo fato dele estar em alguma farra, ao contrário, até gostava de saber de suas estripulias. Porém, fazer Zilma, Tila e Carlinda ficarem naquele estado... Só pode ser mulher! Dar tamanho susto nelas? Só pode ser mulher! E daí? Homem é pra isto mesmo! Eu mesmo não posso censurar, também tenho minhas quengas pras horas que Zilma está incomodada. Até aí, tudo bem, nada demais! Mas, desse jeito? Que diabo de mulher é esta que está tirando o sossego dele? É burro! Vinha jantar, tapeava a noiva e depois ia fazer sua artimanha. A não ser que esteja em situação mais difícil! Hum! O menino pode estar em perigo. Será que tirou alguma moça de casa? Meu Deus! Será? Esse menino sempre foi encabulado pra essas coisas. Por suas conversa, é capaz de querer casar com alguma safada, dessas que eu bem conheço. Lhe deu os três vintém e agora tenta engabelá

ele pra casá! Eu? Nem conto quantos cabaço já tirei. Às vezes nem foi ele. Mulhé tem arte do diabo, são capaz de enganar até os mais sabidos. Um grito pra dizer que tá sentindo dor, uma tinta qualquer e o besta fica pensando que tá devendo sua honra. Se for isso, se eu descobrir qual a vagabunda que está tentando enrolar ele, mando se pipocar no inferno! Algum dinheiro serve pra dar um paradeiro e cobrir qualquer honra de debaixo de saia.

Enquanto Mário fazia suas conjecturas, o filho permanecia envolvido em lembrar os últimos acontecimentos. Ouvindo ruído em frente à porta do quarto, cerrou os olhos pensando em enganar o visitante. Não estava disposto a conversar nem mesmo com a mãe ou Tila. Somente um ser poderia servir-lhe de lenitivo e companhia naquele momento, Carlinda. Ela, no entanto, era impossível. Havia toda uma secular sociedade que os impedia de se darem inteiramente.

– Zilmário! Ei! Está dormindo?

– Pai! Ainda está acordado?

– Ê! Tava sem sono... Posso conversar um pouco com você, meu filho? A gente não tem tido muito tempo pra conversar ultimamente, não é mesmo? Você quase não aparece mais na loja! Garcia todo dia pergunta se você está zangado por algum motivo.

– Ê nada não, pai! Tenho andado muito ocupado: provas, casamento, muita coisa para um homem só!

– Outra mulher, também?

– Que é isso, pai?

– Olha menino! Não me venha com desculpas! Não sou contra suas aventuras, ao contrário, acho você até um pouco mole! Quando tinha sua idade, não podia ver rabo de saia. Cumi até uma chinesa que apareceu lá em Entre Rios com um circo... boazinha, a danada, apertada! Olhe aqui! Não esqueça! Já tive sua idade. Seu colega me disse que você tinha ido para um tal de Cantinho de Tidinha. Tem muita mulher boa por lá?

Era difícil alguém conter-se ante a simplicidade de Mário. Para ele as necessidades de um homem estavam na mesa e na cama.

– Senta aí, pai! Se quer conversar estou disposto. Não tenho um pingão de sono. Depois do susto que o senhor me deu, quase contando a Carlinda...

– Desculpe!

– Tem nada! Deixa pra lá!

– Olhe! Se está em alguma dificuldade de dinheiro, seus boi já estão em ponto de venda. Vão dá um bom capital. Seja quanto for, a gente dá um jeito. Se é caso de desafeto, a gente resolve também. Se for cabaço tirado, nem se preocupe, todo home faz dessas coisas. Agora, por favor, não maltrate Carlinda! Gosto dela como se fosse minha filha também. Por nada deste mundo, maltrate ela. Ela não merece. Não seja bruto como eu fui com sua mãe e até hoje carrego remorso. Mas, isso é sem importância, minha vida você já sabe toda. Agora, quero saber é da sua. Me conte tudo sem esconder nada! Esta é uma conversa de home pra home, franca e sem segredo! Ninguém vai saber de nada que for dito aqui. Desabafo faz bem!

As horas avançavam acompanhando a narrativa de Zilmário. Vez em quando, era interrompido pelo pai, repetindo a mesma frase: O caso era muito mais complicado. Muito pior do que o caso com Creusa. Ao fim da narrativa, prontificou-se em ajudar no possível, caso necessitasse. Contudo, manteria a palavra de, somente interferir, se fosse solicitado.

A palavra foi empenhada. Zilmário deveria resolver o problema sozinho, como ele mesmo fizera na briga com o mulato, porém ficaria alerta. Seu pai, o Velho Gallego, também não tomara alguns providenciamentos? Caso ele não tenha capacidade para resolver a questão, de alguma forma eu resolverei este problema. Agora estou mais tranquilo. De certa forma lhe dei algum

conforto. Se tivesse agido assim, há algum tempo, não teria corrido o risco de perder meu filho. Ele é mais bobo do que eu. Eu sei tudo o que aconteceu com ele. Depois que melhorou e saiu do hospital, fui ao colégio, onde estive internado para saber o que fizeram com meu filho. Conheci um tal padre Dilermando que era seu grande amigo. O padre me contou que você tinha uma preocupação com sua rola, pensando ser anormal. Só me contou isto porque você disse tudo quando estava com febre e não foi em confissão. Talvez até você já estava de pneumonia. Acho que só quem sabe disto é eu e – quem sabe? – Tila... Aquela negra sabe de coisa e esconde de nós!

No mesmo momento, outro coração batia acelerado, enquanto se retirava apressadamente da porta.

– Coitado de Zir, em que sinuca foi se metê neste tar de Cantinho de Tidinha! Eu tombém vô tomá minha providença.



## XIV

Passos solitários ressoavam pelo corredor em silêncio. No assoalho ficavam os restos de chuva que pingavam da capa ensopada. Um homem atemorizado, diante da solidão noturna do hospital, tinha a impressão de ouvir os azulejos vibrarem com o bater de seu coração. Enquanto isso, no cérebro cansado, piscava em flash o número do quarto procurado.

Não foi difícil encontrar o local desejado. Uma mulher correu em sua direção, abraçando-o desesperada.

– Ela está aí, Nilmário! Não tive coragem de entrar e ver a coitadinha morrendo. Está tão pálida! Tidinha também está lá dentro... Tá uma cobra! Entre logo!

Tidinha agiu exatamente como o rapaz esperava. Nem ao menos lhe permitiu qualquer saudação.

– Finalmente você aparece! Está satisfeito agora? Vê em que estado você botou a infeliz? E agora? Veio para rir ou para se penalizar? Não sei como teve coragem de vim até aqui! E eu, não sei por que não chamo o doutor ou a polícia e mando você pros quintos do inferno; lá, sim, é onde devia estar, ao lado do cão.

– Calma, Tidinha! Ele não teve culpa. Nós mesmas somos culpadas, onde já se viu uma...

– Diga! Não tenha medo! Por que parou? Uma puta, um resto imprestável, asqueroso e nojento? Pode dizer sem medo nem vergonha! Uma fubana é menos pejorativo?

– Tá certo! Uma puta! Onde já se viu uma... de nós ter direito a amor de verdade?

Alheio à discussão, o homem olhava penalizado o corpo feminino estirado na cama. Resto de batom não escondia a aparência cadavérica dos lábios.

– Meu Deus! Coitadinha! Como está pálida... Eu não tive culpa, não queria que isso acontecesse! Eu não tive culpa, meu amor! Você vai se salvar, vamos ser felizes novamente, somente nós dois...

Falando à enferma, não percebeu a aproximação de Tidinha. Sua voz explodiu, obrigando-o a se afastar. No ar ficava o bafo acre das bebidas ingeridas. Perguntou-lhe o que estava fazendo ali. Sua visita só podia ter um significado: ver os restos humanos à beira da morte!

– Tidinha! Não fale assim! Qual a culpa que tive?

– Ainda pergunta qual a culpa que teve? Com essa cara de... de...

– Sim! Que culpa tive? Eu a tratava bem, nunca lhe neguei o respeito... Nunca a maltratei...

– Nunca lhe faltou com o respeito! Nunca lhe maltratou! Hipócrita, fingido! Pura hipocrisia! Falsidade para engabelar a coitada; uma pobre de espírito cheia de ilusões. Tem graça! Olhe, se não tivesse dormido com você, até teria dúvida se é um...

O impropério foi cortado pela solicitação de outra mulher, implorando-lhe que se acalmasse. Estavam em um hospital, sua atitude só iria aumentar o sofrimento de Terezinha. Além do mais, Nilmário não tinha tanta culpa assim. Sempre fora tão bonzinho.

– Olhe aqui, sua frouxenilda! Ele, eu xingo! Você, eu tampo-lhe o tapa na fuça. É melhor ficar fora desta briga e nem se meter comigo. Do jeito que estou arretrisca, topo qualquer parada. Deixe isto comigo, eu vou resolver do meu modo! Ninguém ouse se interferir!

– Mas, Tidinha!

– Tidinha, uma ova! Agora para você, para gente de sua laia, eu sou dona Matilde!

– Está bem, dona Matilde!  
– E tem mais, se a menina morrer, vai ser o diabo! Pode ficar certo. Mesmo com todo dinheiro, não vai se sair dessa sem pagar caro. Gente da sua laia já está acostumada a ficar sem punição, depois de um crime como este. Vai se arrepender, pelo resto da vida, por ter enganado a gente!

O escândalo de Tidinha, a respiração ofegante da doente foram aos poucos desaparecendo, dando lugar a outras imagens, a outros sons, tão reais como se o passado substituísse o presente e, então, voltasse a vivê-lo normalmente.

Em pensamentos, declinou sobre a própria vida, verificando se ainda estava lúcido. Chamava-se Zilmário... Ou na realidade era Nilmário, como se fizera conhecer no Cantinho? Nilmário seria o real, e Zilmário a imaginação criada por uma mente doentia? Não! Não! Eu sou Zilmário. Meu pai é Mário e minha mãe é dona Zilma. Zilma e Tila, duas mães... eu tenho duas mães. Tenho vinte e seis anos... Sou noivo de Carlinda e esperamos somente terminar meu curso de engenharia para casarmos... Carlinda foi a culpada. Deixou-me frequentar o Cantinho... Tenho necessidade de alguma distração depois de uma semana de tanta chateação com aulas e mais aulas... Uma semana inteira estudando tanta matemática por egoísmo de alguns professores, que se afirmam vendo a preocupação dos estudantes. Por isso precisamos de alguma distração! Tidinha é safada, sua organização é bem dirigida. Ela não abre mão da prerrogativa de ser a dona e, ela mesma, fazer o cadastramento dos novos sócios. Depois, então, todos são de todas. Todas, menos Terezinha! Ela será somente minha! Não será de mais ninguém. Ah! Como sou tolo! Como posso estar dizendo tais bobagens? Que direitos tenho dela ser somente minha?

Zilmário fora levado ao Cantinho por Didi, que via nele um homem necessitado de orientação para as

coisas boas da vida, melhor relacionamento com o bicho bão. Quando lhe dava carona, passava por vários sustos com os gritos do colega, mandando parar o carro ao passarem por alguma moça bem feita de corpo: Para, homem! Eta bicho bão é muié! A primeira vez que entrou no Cantinho, admirou-se com a intimidade do magro. Deu-se a conhecer com o nome de Nilmário. Fora esta pequena mentira, era sincero e gentil para com as moças. Com pouco tempo, as meninas foram cativadas. Dava-lhes recompensas avantajadas. Chegou a enviar, no dia das mães, um arranjo de rosas vermelhas a uma delas que tivera um filho. Nesta noite, o Cantinho quase não funcionou. O gesto sensibilizou as garotas, até mesmo Tidinha, a mãe grande de todas elas, o termômetro sentimental e o aviso constante: deviam se cuidar contra homem bom.

Enquanto Terezinha continuava desacordada, Zilmário entregava-se à procura de fatos passados de onde pudesse tirar alguma luz que o permitisse entender os acontecimentos dos últimos dias. A mudança processada em sua vida fora rápida, sem qualquer lógica. Mudara também o comportamento da amante, levando-o à cólera despertada pelo ciúme. Ela passara a agir de maneira diferente. Suas carícias começavam a esfriar. Nem mesmo fazia questão de excitá-lo a novo ato amoroso, alegando que não se realizara. Eram tentações irresistíveis. Terezinha aplicava muito bem os ensinamentos de Tidinha. Após o ato sexual, retirava-se do quarto por algum tempo, retornando banhada e apenas de calcinha. Dançava à sua frente, envolvia a cabeceira da cama com as pernas, agindo como se o móvel fosse um produtor de prazer. Depois, tendo-o entregue, deitava-se sobre ele e ali, frequentemente, dormia após o gozo saudável.

As conclusões de Zilmário sobre o comportamento da amante tinham fundamento, porém não conseguia

identificar o motivo que causara mudança tão radical. Lembrava-se exatamente de como começara. Fora num dia que passaram juntos, aproveitando uma viagem de Carlinda à fazenda do deputado Guedes, onde seria madrinha de uma criança. Habilmente, desculpou-se por não poder acompanhá-la. Estava próximo das provas e teria de estudar muito, se quisesse se formar logo. Ficaria morrendo de saudades, mas era importante conseguir a aprovação sem nenhum incidente, para não atrasar a formatura e o casamento. Foi um dia feliz! Sem precisar me preocupar com Carlinda. Terezinha teve a primeira oportunidade de poder sair comigo. Ela é muito meiga. Ausente do Cantinho, parecia uma moça igual a todas as outras. Na praia, andamos de mãos dadas, comemos aquelas maluquices nas barracas, namoramos igualzinho a dois namorados comuns... Então ela me fez um pedido estranho... Por que ela me pediu aquilo? Lembro-me como se fosse agora.

- Nil, posso lhe pedir um favor?
- Um só?
- Não! Dois... posso?
- Diga!
- Depois eu digo! De noite, tá bem?
- Ah! Terezinha, diga logo! Não gosto de ficar preocupado. Tá precisando de alguma coisa?
- No momento, estou sim! Um beijo...

Um movimento da enferma tirou o rapaz das recordações. Tocou-lhe a testa. A temperatura continuava fria. A morte tentava roubar uma vida; sua proximidade inquietava-o. Do lado de fora do quarto, ouvia-se o lamento das mulheres; Tidinha culpava-o. Se ela morresse, ele seria o único responsável. Culpado por ser fraco e não ter tomado uma decisão definitiva, por não tê-la obrigado a fazer o pedido. Talvez tudo isto tivesse sido evitado. Ela ficou chateada com minha insistência. Não demorou muito, pediu para ir embora. De noite,

me recebeu com seriedade, não tinha pintura no rosto e vestia-se discretamente. Novamente ouço sua voz dizendo-me que desejava apenas ouvir-me chamá-la de meu amor e ficarmos ouvindo música a noite toda.

– Só? Ouvindo música? Está doente? Não gostou do passeio? Tidinha está metendo coisas em sua cabeça, não é mesmo? Eu já avisei a ela! Não adianta querer se meter em nossa vida. Não vou permitir que ela lhe faça mal!

– Não há nada disso! Não estou doente e adorei o passeio. Não posso dizer que foi o dia mais feliz de minha vida, porque todos os dias ao seu lado são de felicidade. Venha, sente-se aqui!

– Tá bem, meu amor!

Zilmário obedeceu. Esperou-a ligar a radiola e sentar-se em seu colo. Fechou os olhos ao abraço, enfiou os dedos nos cabelos lisos, comprimindo contra o peito o rosto que se aconchegava carinhosamente.

– Nil? Diga que me ama, mais uma vez, com toda sinceridade, de uma maneira que eu não deixe de crer, de uma maneira que possa me sentir amada por um homem como você. Faça-me sentir com direito à felicidade. Diga que me ama, como se eu fosse digna de seu amor!

– Eu te amo, Terezinha! Eu te amo... amo mesmo! Não há provas suficientes para quantificar o quanto te amo... apenas eu, meu coração batendo assim deste jeito e mais alguma coisa...

– Não! Não! Por favor... hoje não! Você me prometeu. Hoje é um dia muito importante em minha vida. Todo meu futuro dependerá dele, da maneira como você me tratar hoje. Quero ver se é possível dar às ilusões uma pequena dose de realidade. Quero me sentir uma mulher normal, que tem direito de amar um homem e olhar a vida com respeito e tranquilidade.

– É!

– Temos de ser muito sinceros um com o outro, de hoje em diante. Quando você souber o que tenho para lhe dizer, terá de ter certeza de me amar, realmente! Continue falando, da mesma maneira que agorinha... suas palavras são como remédio para mim. São as mãos seguras me guiando na vida futura. Você me prometeu! Hoje vamos ficar ouvindo música, somente!

– Tá bem, malvada! Minha linda malvada... me aperte com força... me dê condições para acreditar que me ama também, tanto quanto eu a você! Terezinha! Terezinha!

– Nil, me beije!

Os lábios permaneceram unidos por muito tempo. A língua da mulher acariciava o homem, levando-o ao auge da excitação. Percebendo a camisola levantada, afastou-se reprimindo o desejo.

– Meu amor, você se lembra de um verso que disse para mim na nossa primeira noite?

*Terezinha de Jesus,  
tem nos olhos, tão azuis...  
tem ...*

...não me lembro do resto, diga outra vez! É lindo, quero ficar pensando que você fez para mim... Não me importa se foi para outra mulher. Saindo de seus lábios, serão verdadeiramente para mim...

– Eta! Agora está pedindo quase o impossível! Eu sou péssimo declamador, nunca aprendi a recitar poesias. Era a minha grande dificuldade nas aulas de português. Chegava a me tremer todo de medo quando a professora me mandava falar alguma coisa, principalmente, recitar poesias...

– Não quero saber! Se é bom ou mal recitador, pouco me interessa! Tudo que você faz, para mim, é como se fosse feito pelo melhor artista. Fale bem baixinho,

bem perto de meu ouvido. Não quero que sua voz se espalhe para fora de nosso quarto e seja vulgarizada pelas risadas do salão. Faz isso para mim? Faz, Nil! Você me prometeu!

– Você fica assim falando com esta voz e depois quer que eu cumpra a promessa, não é? Veja como já estou!

– Não disse que não há prova suficiente para demonstrar o amor que sente por mim? Pois bem, tem uma! Não tente me possuir hoje, por favor! Se fizermos isso hoje, não poderei me livrar da sensação que não mereço você...

– Fique tranquila, meu amor, estava brincando. Um pedido seu é uma ordem. Bem, vamos à poesia. O que um homem apaixonado não faz por sua rainha? Vamos lá!

– Está bem!

*Terezinha de Jesus,  
tem nos olhos, tão azuis,  
a tristeza do luar.  
Tem na vida uma ilusão,  
uma dor no coração,  
um amor para esperar.*

*A menina Terezinha  
Sofre tanto, coitadinha!  
Mas não deixa de rezar...  
Pede a Deus Verdadeiro  
Pra que seu amor primeiro  
Possa logo regressar...*

Novamente as palavras tornaram-se desnecessárias aos amantes. Somente à música foi permitido desfrutar da intimidade entre o casal. A mulher que se negara sexualmente dera-se inteiramente em espírito

ao abraço do homem. Durante o beijo, manteve-se de olhos fechados, impedindo à realidade do Cantinho descolorir tanta felicidade. Muitas mudanças haveriam de acontecer depois da certeza de haver um elo muito forte entre eles.

Terezinha não pôde impedir a realidade da marcha do tempo. Chegava a hora de se despedirem. A alegria cedia lugar ao medo, sempre dominante quando se afastava de Zilmário. Entregou um pedaço de papel, cuidadosamente enrolado, pedindo-lhe que só abrisse quando tivesse chegado em casa.

– Prometo!

Durante o trajeto de retorno, analisava o comportamento da amante. Terezinha recusara-se a fazer sexo com ele, chegara às lágrimas implorando-lhe compreensão. Era realmente um comportamento estranho para uma mulher apaixonada por um homem. Ou talvez a realidade fosse outra. Estivesse pensando em se livrar dele. Ela quer se livrar de mim? Idiotice! Puxa vida! Isso são pensamentos? Se ela quisesse se livrar de mim, bastava dizer e pronto! Não! Não posso acreditar que ela seja tão falsa assim... não posso acreditar em tanto fingimento. Uma mulher que trata um homem carinhosamente, como me tratou há pouco, não pode estar fingindo. Deve ser outro o motivo que está modificando sua maneira de agir comigo.

As dúvidas dissiparam-se na brancura do papel. As lágrimas, muito tempo contidas, correram livres ao chegar ao final do poema. Releu em voz alta:

De Terezinha para meu amor.

### **Poema**

*Minha vida é como um poema...  
É cheia de muitos temas...  
Ê só ver, nos meus olhos, o tema!  
O tema que você quer...*

*Tem o tema da tristeza,  
O tema da beleza...  
E outros quaisquer*

*Tem o tema da solidão,  
Que está sempre de plantão...  
Pra o que der e vier!*

*Tem o tema dos temas,  
Que sou eu,  
Um triste poema!*

Nos dias seguintes, Terezinha continuou a se negar a Zilmário, aumentando suas preocupações. Ausente do Cantinho, via-se obrigado a carregar, com desagrado, o fardo da vida cotidiana. Nem ao menos conseguia encontrar-se nas aulas. Os pensamentos agiam como uma fonte geradora, jogando ondas de ciúmes, derrotando as forças defensoras da moral. A cada dia ficava mais nervoso. Quanto maior era a angústia, mais transferia a Terezinha a culpa de tanta infelicidade. Tem algo errado! A maneira como se comporta está me levando à loucura. Até mesmo o amor de Carlinda está se transformando em tortura. Mãe também já demonstrava sinais de doença. Somente Tila fica impassível, aparentemente sem dar a mínima importância. Ela é diferente. Quando acha que merece um castigo, e isso é para o meu bem, não abre mão de fazê-lo. A indiferença dela é o pior castigo. E pai? Coitado! Fica doido para me falar. Se ele soubesse como estou passando, nem sei do que seria capaz! Realmente estou numa pior. Além dos problemas na escola, vem Terezinha, minha única válvula de escape, querendo acabar comigo. Há muitos dias vem me evitando na cama, sempre com uma conversinha de subterfúgio. Me dá vontade de abandonar tudo e pronto! No próximo sábado, não

vou lá! Ela está muito enganada comigo! Vou rasgar esta poesia. Carlinda é muito melhor do que ela. Meu Deus! E se Carlinda souber disso tudo e não me quiser mais também? Tila já disse alguma coisa a ela? Tila é capaz de uma coisa dessas... Aí seria azar demais. E eu imaginava ter problemas no internato. Estes que tenho hoje, sim, podem levar qualquer um à loucura! Coitada de Terezinha... sempre que a comparo a Carlinda leva a pior. Mas, mesmo sem querer compará-la, ela não está sendo legal comigo. Ou, na realidade, está querendo se livrar de mim? É por isso que, em algumas horas, chego a pensar que ela é igual a todas as outras. Desgraça! Estes pensamentos sempre estão me atormentando! Ela não é igual a ninguém!

O redemoinho de emoções acompanhou-o durante toda a semana, até a véspera do sábado. Com o coração cheio de contradições, deitou-se e foi, imediatamente, envolvido por sonhos desagradáveis. Acordou com a boca amarga.

Tila assustou-se ao ver a figura do rapaz parado à porta da sala de refeições. Com as mãos nos bolsos da saia, olhava-o com pesar. Chamou-o para perto de si. Passou a mão pelo rosto barbado. Abraçou-o carinhosamente, dando muxoxos. Aconselhou-o a ir barbear-se antes do café. Tivesse fé em Deus, tudo se resolveria. Os santos protetores já estavam a caminho. Espero qui ocê aprenda a lição e aceite o qui Deus Nosso Sinhô arresolvê!

O abraço da mãe reconfortou a mente sofrida. Foi uma pequena dose de energia que se esvaiu ao verificar as características do céu. Anunciava-se um dia chuvoso. Começava a trama, influenciando na decisão de não ir ao Cantinho. Só podia ser um sinal levando-o a mudar de opinião. Iria, pela última vez, dar nova oportunidade a Terezinha de explicar-se?

Após o café, ainda sob o olhar vigilante de Tila, já se havia imposto outra decisão. Não daria mais chance

nenhuma, o mal teria de ser exterminado como se faz a um tumor maligno.

Afastou-se, pedindo a Tila um almoço bem gostoso. Na sala de visitas, aparentemente distraído lendo um jornal, ouviu os primeiros pingos de chuva bater nos vidros da janela. Em poucos minutos, a tempestade desabou sobre a cidade. Viu-se então em duas tempestades: uma externa e outra interna. Tornava-se muito difícil fazer o premeditado. Terezinha ficava muito triste em dias frios e chuvosos! Ao levantar-se e verificar que estava chovendo, deitava-se novamente, completamente desanimada. Deixá-la esperando num dia assim, sem ao menos uma explicação, seria um castigo muito grande. Não posso fazer isto hoje! Vou lá, como se estivesse tudo igual aos velhos tempos. Se as coisas continuarem da mesma forma, aí, sim, deixo-a definitivamente.

Um gemido mais forte interrompeu as recordações. Nada havia mudado. Para ele não foram alguns minutos ausente do quarto do hospital, mergulhado em lembranças, mas, sim, vários dias; os últimos dias repletos de amor, tristeza, satisfação, dor, tédio, pavor. Ah! Como seria bom se tudo aquilo fizesse parte de um sonho, até mesmo de um pesadelo, pois mesmo os piores pesadelos têm um despertar. A voz de Tidinha afirmava o contrário. Nem fora sonho nem pesadelo, era uma triste e penosa realidade.

– Vai morrer! Você é o culpado!

– Olhe, Tidinha, você está sendo injusta...

– Tidinha, não, dona Matilde!

– É Tidinha! E cale essa boca! Agora você vai me ouvir! Você também é culpada, foi quem contribuiu para esta situação, metendo coisas na cabeça dela. Imagino o que deve ter dito à pobrezinha...

– Era para o bem dela... temia que isto acontecesse. Você deve ser de boa família, educado, nunca poderia

fazer ela feliz. Ela lhe ama de verdade. Mesmo contra minha vontade, mesmo contra meus conselhos, mesmo contra minhas promessas de mandar ela embora. Ela lhe ama.

– Me ama de verdade, como você diz, e não queria mais nada comigo?

– Você é um idiota, como todos os homens! Então acha que o amor de uma mulher por um homem se restringe apenas a sexo? Tem coisas mais importantes. Vocês homens são todos uns brutos!

– Que circunstâncias são estas? Hoje sofri muito! Amanheci o dia jurando que não iria mais vê-la. Depois resolvi o contrario. Cheguei lá, doido, pensando em ficar com ela e novamente me recusou. Há muito tempo, vem sendo assim. Perdi a cabeça. Sei que ela detesta dias de chuva. Disse que nunca mais a procuraria e fui logo embora. Estúpido! Estúpido! Estúpido! Por que não consigo entender? Saí louco de raiva, resolvido a nunca mais voltar. Depois Didi me procurou, disse que ela passou mal e você a levou para o hospital.

– Ela chegou a lhe dizer mais alguma coisa?

– Não! Só ficava me dizendo que tinha uma coisa muito importante para me dizer, mas nunca disse nada.

– Pois agora você vai saber de tudo! Vai saber por que ela tomou todo o vidro do remédio pra dormir.

– Acuda, Tidinha! Veja, ela está morrendo! Chame o doutor, pelo amor de Deus! Não deixe ela morrer!

Zilmário correu para a enfermaria à procura do socorro.

O desespero das mulheres, diante da companheira moribunda, dificultou a entrada do médico. Tidinha tirou as amigas do quarto. Neste momento sua fisionomia era de resignação. Entregara-se ao choro. Zilmário mantinha os olhos fixos na porta, aguardando notícias.

O médico demorou-se pouco dentro do quarto. A figura de branco era o alvo de todos os olhares. Aumentavam as dores nas almas compungidas. O silêncio do profissional foi tomado como sinal de desgraça.

– Nilmário é o senhor?

– Sim, sim!

– Podem ficar tranquilos, ela está fora de perigo. O senhor está muito abatido, aconselho-o a ir para casa descansar.

– Doutor!

– Fique tranquilo! Pode ir!

– O médico arrependeu-se da mentira. Fora um pedido da enferma e, no estado em que se encontrava, qualquer irritação poderia agravar o quadro. Ela não queria vê-lo.

– Vá, Zilmário. Você aqui só vai atrapalhar. As meninas também vão embora. O doutor tem razão, você está com uma cara! Agora ela vai tomar um banho, trocar a roupa.

– Cuide bem dela, Tidinha!

– Fique tranquilo, meu amigo. E me desculpe se fui muito rude com você. Mas, acredite nesta sua amiga, eu gosto de Terezinha como se ela fosse minha própria filha. Quando vi a coitadinha neste estado lamentável, é como se eu mesma estivesse morrendo. Vá!

– Está bem!

Ao chegar em casa, o rapaz sentia-se mais despreocupado. Saber que Terezinha estava fora de perigo amenizou os sofrimentos. Encontrou a mãe aflita a esperá-lo. Depois de lhe dar um beijo, pediu permissão para se deitar. Estivera no hospital visitando um colega acidentado. Estava com muita dor de cabeça... Como a senhora sabe, detesto hospitais, fico com dor de cabeça. Pode desfazer esta cara de preocupação. Depois de dormir um pouco, fico em forma outra vez. Espere aí! Ouvi mesmo me chamarem de Zilmário? Devo

ter me enganado... Devo ter ouvido mal, em meio a tanta confusão! Só me faltava esta!

– Só me faltava esta!

– Que foi, meu filho?

– Nada, mãe! Parece que estou ficando maluco com tanta confusão. É muito problema na cabeça de uma pessoa só.

– Tenha fé em Deus, meu filho!

– Ah, mãe, como estou precisando ter fé. Como estou precisando da ajuda de alguém muito poderoso. Ando tão triste com tudo isto. Chego a temer pelo meu casamento com Carlinda.

– Deus haverá de lhe ajudar, meu filho! Ele vai lhe ajudar. Tenha fé em Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.



Novas mentiras acumulavam-se na fala de Zilmário, na tentativa de justificar o procedimento irregular. Dormia mal. No outro dia, verificava estar mais debilitado. O despertar era apenas o reconhecimento de que teria um dia pior

Depois de algum tempo mergulhado em pensamentos, recebeu a visita da mãe. Perguntou-lhe as horas, fazendo uma careta ao saber que já passava das nove. Precisava se apressar para ir ver o amigo hospitalizado. Dirigiu-se ao banheiro, enquanto Zilma cuidava de arrumar a cama. Com a boca cheia de dentifício, pediu um café simples. Já estava muito atrasado, poderia perder a hora de visitas. Não vai querer nem um pedaço de queijo ou de bolo? Você não está comendo nada! Não vejo a hora disso tudo terminar. Está com uma cara de doente! Meu maior desejo é voltar a vê-lo sadio novamente!

– E Tila, saiu? O café está cheirando! Vou comer um pedaço de bolo...

– Meu querido! Nossa Tila parece estar caducando. Só mesmo ela para sair com uma chuvarada dessas. Aliás, eu não sei como ela se acostumou a sair sozinha. Vez em quando, está dando umas fugidas por aí! Ela está muito preocupada com você. Talvez tenha ido comprar alguma coisa nova, na tentativa de abrir o apetite do filho querido.

– E ela já sabe andar pela cidade?

– Sei lá! Só sei que ela andou pedindo a Carlinda para levá-la a dar uns passeios pelo centro.

– Tila é a mais certa e sadia de todos nós. É forte como ébano. Eu vou até a casa de Carlinda, ela deve estar preocupada. Depois, vou ao hospital. Se demorar, é porque o rapaz piorou.

– Que tristeza, hem! Perto da formatura! Acho que o mal que você está sentindo é igual ao de todos os seus colegas. Veja se toma o exemplo deste pobre rapaz e se cuide. Não quero vê-lo doente também. Deus nos livre e guarde! Cuidado com a chuva, não vá se resfriar. Veja! A chuva está melhorando, espere mais um pouco! Quem sabe ela passa?

– Não é necessário! Levo a capa e o guarda-chuva!

O encontro com a noiva foi rápido, o suficiente para um breve relato sobre o acidente ocorrido com o colega. Nos seus olhos, marejados de lágrimas, pôde perceber o quanto ela ficara sentida. O remorso assomou-lhe as faces, tornando-as frias e trêmulas. A custo controlou-se para não fugir, envergonhado pelas mentiras. Recusou o oferecimento da moça para acompanhá-lo, alegando que o colega poderia piorar e, até mesmo, morrer. Não gostaria de vê-la presenciar cenas desagradáveis.

Um beijo frio, uma despedida rápida. Nem mesmo os momentos ao lado de Carlinda tinham o poder de aliviar o tormento. Sentiu-se criança, atormentado pelo pavor das figuras construídas nas paredes pelas sombras, correndo à procura dos braços de Tila... Tila, Tila, quando eu voltar vou desabafar tudo com você! Pelo menos espero ter coragem.

Afastado de Carlinda, podia raciocinar melhor. Evidentemente passava por momentos difíceis, todavia o importante mesmo era salvar a vida de Terezinha.

Aproximando-se do hospital, antecedeu-se em pensamentos, vendo-a totalmente refeita, esperando-o com o mesmo sorriso de antes.

A chuva passara. O céu azul, o ar limpo e agradável chegaram, transformando a manhã chuvosa em um dia bonito, típico de Salvador, talvez a única terra do mundo a possuir um azul-celeste próprio e, em pouco tempo, livrar-se das chuvas, permitindo o aparecimento do sol. Admirou as mudanças sofridas pelo tempo. Aspirou com força o vento fresco, na tentativa de adquirir paz, um pouco de felicidade. Bom presságio! O sol era amigo de Terezinha. Sentir-se-ia melhor quando fosse banhada por seus raios.

A espera do elevador fazia-se angustiante. Ansioso, subiu as escadas. No andar onde a companheira estava internada, notou que o corredor estava diferente da noite anterior. Havia vida. Crianças, alheias às alegrias dos que encontraram os parentes em estado melhor e às infelicidades de quem se via prestes a perder um ente querido, tentavam se livrar das mãos dos adultos. Felicitou-se por estar entre os sorridentes. Dentro de mais alguns instantes, teria a amada nos braços. Aí então, tudo seria esquecido.

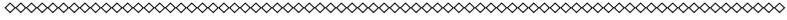
A porta do quarto estava fechada. Não houve respostas às batidas. As mulheres deveriam estar preparando uma surpresa. Tidinha arrependera-se da cena que fizera. Também, ela ouvira boas verdades: Não me chame de Tidinha, sou dona Matilde. Idiota!

– Meu Deus, será que entrei no quarto errado? Não, o número é este mesmo, tenho certeza absoluta. Que terá acontecido? Será que ela...

Uma frase alucinante invadiu o homem atormentado: Terezinha morreu! Terezinha morreu! Suas pernas foram dominadas pelo medo. Em um instante, deixava o mundo da alegria para mergulhar num denso nevoeiro. Quando se reencontrou, a tarde ia pelo meio.



## XVI



Chegara finalmente o dia do casamento de Zilmário e Carlinda, depois de ter sido adiado por dois meses em consequência do acidente sofrido por ele. A Igreja da catedral encontrava-se repleta de pessoas. O Altar-mor e os bancos da Igreja estavam enfeitados com angélicas. O tapete, por onde passariam os noivos, parcialmente coberto por pétalas de rosas brancas.

O calor do ambiente aumentava. Os homens começavam a ficar impacientes. Na esperança de fazer o tempo passar mais rápido, olhavam as paredes enfeitadas, o teto, as imagens da Igreja e, quando possível, a mulher mais próxima. As damas exibiam leques importados e se preocupavam em ser pilhadas pelos fotógrafos, em alguma atitude menos elegante. O casamento marcado para dezembro, somente dois meses depois foi possível ser realizado.

A música se fez ouvir mais alto. Iniciavam-se os preparativos das bodas.

Tomaram lugar no altar, além do padre, várias pessoas: Mário, Tonho, Laurentino e Garcia. No rosto de Mário, um sorriso matreiro de alguém que conseguira uma vitória, subjugando o adversário com esperteza. Na verdade, fizera uma sujeirazinha, coisa sem muita importância. Um segredo que teria de guardar, compartilhado com Tila, pela vida toda. Ninguém, além de nós, poderá saber o que fizemos para salvar o casamento tão

esperado por Zilma e – por que não dizer? – por mim também. Zilmário ainda é muito bobo. Tem de ter uma mulher como Carlinda. Eles vão ser muito feliz. Foi melhor assim... Muito melhor do que ter de apelar pra violência... É! Não nego. Se tivesse de fazer alguma coisa mais dura, para ajudar meu filho, não teria meio termo. Assim aprendi com pai. Mulher desgraçada, aquela Tidinha! Devia ter conhecido ela muito antes. Acertou tudo comigo e levou o jornal com a notícia do casamento para a moça ver. Me levou muitos contos de réis e ainda por cima enganou Tila. Ah! Mulherzinha danada, inrolá Tila não foi fácil. Se Tila descobre a tramoia antes dela partir, nem quero pensá! Depois de tudo passado, quando descobriu que fomos enrolado, quase morre de tanto ri. Zilma não sabe de nada nem nunca poderá saber.

A plateia agitou-se. O noivo entrava na Igreja. Vinha ladeado por duas senhoras, uma branca e outra negra. As mulheres seguiam ao lado do rapaz. Tila encarava as pessoas com seriedade, obrigando-as a desviarem o olhar. Depois, sorria zombeteiramente a quem enrugava a testa, vendo-a passar ao lado de doutor Zilmário, em direção ao altar principal do templo mais importante da Bahia. Bom seria se pudesse fazer umas brincadeiras, umas caretas para encabular os otários, mas prometera a Zilma não fazer nada que pudesse estragar a festa, por isso, bastava sorrir. Como eram tolos! Dava mais valor a Tidinha, soubera enfrentá-la com sagacidade. Ela, sim, foi uma mulher danada. Não se impressionou muito nem ficou com medo. Vencerá-a ou fora vencida?

Tila recordava a fisionomia dura assumida por Tidinha, quando soube que ela era a mãe de criação de Zilmário. Suas palavras foram pesadas, enquanto a encarava com firmeza. Não queria contato com nenhum amigo de Nilmário, ou Zilmário. Ambos, eram a mesma coisa. Considerava-o perverso e medroso.

Logo ao chegar, fora recebida com indiferença. Ainda se admirava do próprio controle, evitando responder, à altura, os desaforos de Tidinha. Sentia-se presa, obrigada a ser moderada, esperando o momento certo do ataque. Por isso, conduziu a conversa com cautela, esperando a outra desabafar toda a raiva contida no peito e, então, convencê-la. Afastou-a com delicadeza. Entrou no salão, sentando-se diante de uma mesa.

– Quando vosmecê tivé mais carma, sente aqui, qui nós tem muito qui cunversá... Sê qui tá sentino grande sofrimento pela dô de sua fia. O mermo tô sentino eu pelo sofrimento de Zir, meu fio! Prutanto nós semo duas muié cum o mermo probrema. Num carece qui fique uma contra a otra. Qué me dá um copo d'água? Nosso Sinhô Jisus Cristo dixé pra dá de bebê a quem tem sede!

Percebendo ter influenciado a outra mulher, Tila pôs-se a procurar o que lhe abrandou a natureza. Opotou pela comparação com o sofrimento das mães. Era uma esperança e, talvez, a única chance. Teria de apegar-se a ela e explorá-la sem despertar desconfianças. Se cometesse algum erro, poderia estragar a manobra.

Antes de beber a água, segurou o copo com a mão esquerda e executou alguns movimentos sobre o conteúdo antes de beber. Observou Tidinha alçar as sobrançelas deixando ver o branco do olho.

Sorriu. Sempre aproveitava a fraqueza humana, o temor pelo desconhecido. Não conhecia muitas pessoas que ficassem impassíveis ante suas artimanhas. Notou modificações na voz da interlocutora. Ficara mais branda ao pedir-lhe ser breve no que tinha a dizer. Estava muito agitada e preocupada com a saúde da filha. Não tinha tempo a perder.

Tila suspirou. Ganhara a primeira batalha. A vitória final, no entanto, ainda dependia de muito tato. Não podia se descuidar e cometer alguma bobagem.

– Cuma tava dizeno... vosmecê sabe, essa vida dá vorta e revorta... Eu vim aqui jurgando sê a muiê mais infeliz e incontro otra qui sofre tanto quanto eu, ou mais inté do qui eu! Cunheço quaje nada dessa terra... Mai de mês, pode acreditá nessa luz qui nos lumeia, qui ando catucando, pergunta daqui, pergunta dali, na tentativa de discubri a casa de vosmecê. Passei pur esta porta um bando de veis. Discurpa minha ignorança, viu? Nunca sube qui era esse tar de difice! Um moço foi qui me dixeu qui era cá em riba. Fico inté cum medo dessa casa caí em riba de mim! Finarmente, hoje... cum toda essa chuva... saí bem cedo e consegui chegá inté vosmecê. E veja qui nem dei o café de meu minino!

– Olhe, minha senhora! Sinto muito por tudo, mas tenho muita coisa para providenciar. Gostaria que a senhora dissesse logo os motivos desta visita!

– Agora, sim, vosmecê falô dereito! Eu tombém num gosto de subteufúgios. O que me traz aqui é pra lhe dá uma incumenda... Tome! Pode abri, num repare, não! É pra vosmecê...

Tidinha assustou-se ante os objetos postos na mesa. Eram joias valiosíssimas. Transformadas em dinheiro, compraria vários Cantinhos. A dono de tanta fortuna poderia considerar-se economicamente tranquila pelo resto da vida. Não pôde falar. A garganta fechava-se, impedindo a voz. Sorveu o resto da água deixada por Tila, dando murros no próprio peito, tentando livrar-se do bolo estagnado no esôfago.

– Tem mais uma coisa! Veja! Vosmecê sabe, uma nega vêia cuma eu, qui só tá esperano a hora de Deus me levá, pra qui qué tanta bestera? Tem uma cabecinha de gado, lá na fazenda de minha terra, qui dizem qui é meu. Agora, veja vosmecê! Num tenho nada pra fazê cum ele... tô falano do dinheiro. Intonses ficava matutano cumigo merma. Tila – era eu falano – pra

que guardá tanta riqueza? Era bem mió proveitada se fosse impregada pur arguém qui fizesse mió proveito! Vosmecê num acha?

– A... se... senhora... a senhora está me dando isso tudo? É pra gente sair da vida do filho da senhora, não é? Não quer o doutor Nilmário... Desculpe, tinha o hábito de chamar ele assim... Não quer que se misture com gente pobre como a minha filha, não é?

– Nada disso! Vosmecê num vá se ofendê. Me diga uma coisa, sem subteufúgio, cuma eu fiz pra vosmecê. Esse dinheiro num é mai proveitoso no caso de vosmecê? Diga cum sinceridade, de coração de mãe pra coração de mãe...

Tidinha fez uma pequena pausa enquanto guardava os objetos espalhados sobre a mesa. Ouvira ruídos vindos dos fundos. Apesar de haver pedido que as meninas ficassem lá dentro, alguma mais curiosa poderia vir até o salão e ver as joias. Esta atitude foi a palavra final. Tila vencera.

– Desculpe a interrupção. Eu estava dizendo que uma mãe sente ódio, não foi? A gente cria uma filha com tanto mimo, com tanta esperança e, um dia, zás!, minha filha quase morre de desgosto por causa dele! Não foi por falta de conselhos, não senhora! Eu dei até demais. Todo dia aconselhava ela e as outras. Amor é coisa séria, amor não é pra todo mundo. Quem não via que o moço era distinto, diferente dos estudantes frequentadores da casa? Olhe, minha senhora, precisamos esclarecer uma coisa. A senhora já sabe o que é isso aqui... Fico morrendo de vergonha em ter uma dama distinta como a senhora, aqui, neste ambiente, porém fique sabendo: Terezinha não fazia vida como as outras, não senhora! Ela era uma namorada de doutor Zilmário, somente dele... Se amavam de verdade... Eu sabia, nunca poderia dar certo tal romance...

Tila guardava dentro de si as gargalhadas que gostaria de soltar. Era ardilosa, a Tidinha. Sabia muitas artimanhas. Outra pessoa, boba de espírito, seria enrolada em papel de presente com fita e tudo. Ela também não se sentia inferiorizada em sabedoria. Eram dois macacos no mesmo galho. Se um vacilasse, seria derrubado pelo outro. Até a voz de Tidinha mudara o tom de falar. Rogou paciência para ser ouvida em seu desabafo. Não queria guardar rancor de ninguém nem podia negar que gostaria de poder levar uma vida diferente com a filha, em qualquer lugar longe de Salvador, onde os dois apaixonados não pudessem jamais se encontrar.

– Tudo foi por causa do jornal de ontem. Nem sabia da notícia do casamento. Como ia imaginar que trazia o retrato dele ao lado da noiva, falando do casamento? A senhora acha, com meu amor de mãe pra uma verdadeira filha, eu seria capaz de tal atrocidade?

Tidinha respirou profundamente, temendo trair-se pela mentira. O futuro farto, tão almejado, não poderia ser perdido em apenas um minuto de conversação. Se Tila desconfiasse de suas palavras, os sonhos iriam por água abaixo. Desde alguns dias, a viagem se tornara possível, quando o pai do rapaz, naquele mesmo salão, possibilitara-lhe as condições. Juntando com as economias que ela mesma possuía poderiam levar uma vida tranquila. A oferta de Tila aumentava as possibilidades de dar a Terezinha, e a ela mesma, uma vida de burguesas, sem necessidade de trabalharem. Não sentia remorsos. Se estava tirando alguma coisa de alguém, era de gente abastada, que não teria falta nenhuma das riquezas que lhe ofertara, ao contrário dela e de Terezinha que nunca conheceram o sabor da vida rica. A ideia de terminarem com o romance de Terezinha e Zilmário partira do pai do moço. Chegou sem cerimônia e foi dizendo o que estava planejando. Logo

de início, percebeu tratar-se de um homem decidido. Não haveria vantagem alguma em tê-lo como inimigo. Não podia esconder como ficara preocupada vendo a protegida à beira da morte, todavia, agora, fora de perigo, não via nada de mal em aliviar um pouco a carga de riqueza dos ricos. Também temos direito a uma vida melhor. Terezinha será minha filha. Eu nem tinha mais esperança de voltar a ser gente, ela entrou em minha vida como luz, me fazendo querer deixar esta vida. Agora somos a senhora Matilde e sua filha viúva. Meus amigos da vida me serviram nesta hora. Arranjaram todos os papéis, transformando nós duas em mãe e filha. Vamos morar em rua de grã-fino e ser chamadas de senhoras. Eu disse que um dia seria assim! Quando meu neto, ou neta, nascer, será filho de damas do soçaito... É pena que nunca poderei contar a Terezinha como engabelei os dois bobocas que me encheram de dinheiro. Só queria ver a cara deles quando descobrirem. A negra tem cara de ser muito sabida. Deve até ter parte com outras forças. Só para beber a água, fez tanto mistério! Eu, hem!

– ... Nem que fosse a pió das muié!

– Obrigada... Fique tranquila! Vamos sair daqui, talvez até pro estrangeiro, ninguém vai saber onde. Nem li o maldito jornal. Deixei sobre essa mesma mesa, onde estamos agora, e fui cuidar dos afazeres. De repente ouvi o grito de umas das meninas. A infeliz deu um tamanho grito de espanto que chamou a atenção de todo mundo, até da coitadinha... Ela mesma terminou de ler a notícia em voz alta. Fazia dó ver os olhinhos dela se enchendo de lágrimas. Nem pôde terminar de ler tudo. Se não fosse meus braços, esses mesmos que carregou ela quando era um bebezinho, esses braços que um dia a terra há de comer, se esborracharia no assoalho. Quando voltou a si, ai, meu Deus, não gosto nem de lembrar! Veja! Fico toda arrepiada! Fez o gesto tresloucado... Coitadinha!

Tila refreava-se, evitando explodir em risos, diante de tanto cinismo por parte da outra. Zilmário lhe contou que a moça fora encontrada na rua carregando uma mala. Se ela demorasse mais com aquele teatro, tomaria tudo e ainda faria umas arruaças: prumode dela aprendê. Estava certa de que, por trás da tal verdade, havia outra muito mais verdadeira. Aumentando sua ira, Tidinha usava palavras desconhecidas, ainda não ouvidas nem dos lábios de Zilma, nem dos de Laurentino, bem podiam ser algum xingamento.

– Como é mesmo o nome da senhora?

– Tila! Fia e protegida da Nega Camila! Mai, não carece de chorá tanto assim! A menina já tá sarva de pirigo, num tá? Se ainda tivé apercisano de alguma coisa, posso fazê um trabaio prumode ela ficá boa logo.

– Um trabalho? A senhora quer dizer... Não! Não é preciso! O médico disse que ela já está fora de perigo, mas ainda necessita de muito cuidado. É tanto remédio! Até agora já gastei todas as minhas economias na compra de remédio, pouca coisa, uns mil-réis mingua-dos na caderneta. Olhe, dona Tila, não fique pensando que sou alguma interesseira. Só vou aceitar sua oferta, por sinal muito generosa, porque estamos precisando e não temos a quem recorrer. Só eu sei quanto estamos precisando. Pra piorar a situação, minha filha não queria ficar mais morando aqui. Disse que, se ficasse aqui, morreria na certa. Coisas do coração são muito sérias, não é? Nem imaginava como ia fazer pra levar ela daqui. A senhora foi nossa salvação, como posso agradecer?

Por mais algum tempo, o diálogo tático continuou no mesmo tom. Ao despedir-se, recebeu a palavra de honra de Tidinha. Nunca mais ouviriam falar delas duas. Tinham motivos muito fortes para pensar assim. Ela e Terezinha, sua filha, nunca mais veriam o doutor Zilmário. Nem procurariam saber notícias! Nem notícias...

A senhora pode ficar descansada, mesmo porque estou vendo que a senhora é uma mulher de poder. Deus me livre de brincar com estas coisas!

Só fiz uso de meu poder uma veis, quando um vagabundo me mintiu! O desgraçado secou! Ficou parecido coró de sapo...

– Lhe juro pela felicidade de minha filhinha! Tinha certeza, ela esquecerá tudo algum dia. Não vai ser fácil, ela vai sofrer muito, mas, com a ajuda e muito amor dessa velha mãe, esquecerá tudo. Quem sabe não será feliz com outro homem? Desejo ao doutor Zilmário e sua esposa todas as felicidades do mundo. Qualquer mãe ficará muito feliz em ter um genro como ele. Essa moça que vai casar com ele também vai ser muito feliz, ela vai casar com um bom homem, delicado e amoroso.

Os sorrisos de Tila, que os espectadores julgavam dirigidos a eles, realmente, dedicavam-se às últimas palavras de Tidinha: É um homem bom, delicado e amoroso. Não podia esconder a raiva por ter-se rebaixado a negociar com uma mulher sem escrúpulos. Logo, porém, voltava a sorrir ao saber que não era a única a conhecer a arte da artimanha. Mulher sabida, aquela! No príncipe, Zir num valia nada. Quando viu as riquezas, mudô d'água pro vinho. Era dona Tila pra lá, dona Tila pra cá... Eu qui num tivesse dado tanta coisa pra ela. Inté era capaz de vim pertubá na Igreja, na hora do casamento. Filha da... adescurpem, santo todo! A infame imbromô Maro como uma criança. Dexa pra lá! As coitada inté qui merece uma vida mió...

As recordações foram interrompidas ao atingirem o altar. Estava muito perto de Deus, guardaria os pensamentos profanos. Colocou-se ao lado de Zilma. Ali, ficaria à disposição dos curiosos, como uma boneca numa vitrine, pronta a ser admirada ou criticada.

Tila não ouvia os comentários espalhados pela nave, contudo se lhe perguntassem seria capaz de enumerá-los. Ah... se estivesse em outro lugar, pediria permissão aos santos e jogava-lhes uma pequena praga!

As senhoras procuravam esconder-se por trás da discrição. Os homens, mais descontraídos, cutucavam-lhes as cadeiras, curiosos pela presença de uma negra ao lado dos pais do noivo e, também, pela fisionomia do felizado, ou melhor, de quem deveria se considerar como tal. Não podiam entender o porquê de tanta tristeza estampada no rosto de um homem prestes a casar-se com uma linda donzela, filha de ilustre advogado. Havia no seu rosto resignada tranquilidade, como se aceitasse uma situação desagradável, sem a mínima condição de se rebelar.

Não eram somente os espectadores a julgar esdrúxula a situação. Zilmário também se achava estranhamente anormal. Era uma nova prova de sua fraca personalidade, que seria obrigado a carregar pelo resto da vida. Fora uma grande ilusão pensar estar curado dos traumas infantis. Tornar-se homem não foi suficiente para quebrar a cadeia aprisionante, companheira de todas as horas.

Procurou desviar as recordações, dedicando-se à admiração da catedral. Olhava detalhadamente as colunas, os altares secundários, suas paredes pintadas a ouro. Observava a massa humana se transformando em um todo uniforme, sem rostos ou outros detalhes quaisquer que diferenciassem uma pessoa da outra.

Depois de rever cada detalhe várias vezes, os olhos cansados pelo brilho dos pontos dourados, entregou-se ao hábito de remexer em livros velhos, repassando suas folhas, relendo momentos vividos, desencavando tristezas mortas. Dificilmente recordava momentos felizes quando se encontrava assim. Para Freud, isso é alguma forma de masoquismo. Que outra explicação

pode haver? Isso é masoquismo! Oh, meu Deus! Perdoe-me! Permita-me ao menos fazer Carlinda feliz. Não peço nada. Não quero mais nada da vida. Sinto-me como a terra árida, donde já foi retirada toda a possibilidade de produzir vida. Terezinha foi-se... quando voltar é machado... Deixa de brincadeiras, Tila! O caso é muito sério. Terezinha foi embora, e eu nem ao menos tive coragem de lutar por ela. Uma criança trilhando por caminhos espinhentos, exclusivamente, por minha culpa. Eu não tenho mais coração. Me diga, Senhor, por favor, me diga! O que houve com Terezinha? Qual o motivo dela ter feito isto comigo? Ninguém pode me responder? Pelo menos, me permita fazer Carlinda feliz... Não tenho merecimento para almejar voltar a ser feliz. Amo Carlinda, amo-a, sim! Se me tirassem ela também, nem a Menina do Rio poderia me salvar dessa vez. Se me tirarem Carlinda, dou fim a esta vida cheia de sofrimento! Perdoe-me! Perdoe-me! Mas, é tal a certeza de que nunca mais serei feliz, que chego a blasfemar. Como poderei esquecer o pecado, este mal por mim cometido, quase destruindo uma vida, por meu egoísmo, pela minha covardia... por achar que, para eu estar bem, as outras pessoas podem e devem abandonar suas próprias vidas em função da minha? Quando poderei esquecer aquela imagem, lívida pela presença da morte, sobre a cama do hospital. Quando? Nunca... nunca! Ah! Se eu pudesse fazer alguma coisa por ela... Onde se encontrará agora? O que estará fazendo? Pensando em mim? Como ela se sentiria feliz se pudesse estar, neste momento, aqui ao meu lado. Terezinha! Terezinha! Você levou a metade de minha vida, levou meu lado alegre, levou minha esperança. Sinto-me como se estivesse cego. Seja feliz, meu amor! Seja feliz! Foi melhor assim! Se nos tivéssemos visto antes de sua partida, não sei como esta história teria continuado. Ficou-me como companheiro tão somente o sofrimento.

Ele será como a febre que alimenta o enfermo... Nunca lhe esquecerei, nem mesmo Carlinda poderá exigir isso de mim. Nunca falarei seu nome, nunca mais verei nada que tenha feito parte de nossas vidas! Mas, não arrancarei sua lembrança de minha mente. Ao contrário, diariamente será regada, a mantereí viçosa... Ah, querida, gostaria de saber o que você queria me dizer! Nunca saberei! Era uma coisa muito importante, não tenho dúvidas... que me amava? Não! Não é possível que fosse apenas isto. Seu gesto já foi prova suficiente do grande amor por mim. Deus, me perdoe! Será mais um pecado a me acompanhar, mas tenho quase certeza que foi tudo obra de Tidinha, foi ela quem levou o jornal! Ela não aprovava nosso amor. Não lhe tiro a razão... Se fosse Terezinha que estivesse se casando comigo agora, eu estaria pensando em Carlinda? Eu não te mereço, Linda! Eu não te mereço, Linda! Não te mereço... Uma coisa, porém, eu juro! Juro, por este momento, por este lugar diante de Deus. Eu vou fazer o possível e o impossível para fazê-la feliz. O mesmo não posso dizer por Terezinha, mas posso fazer um juramento, também solene, desta vez. Juro, pelos mesmos motivos. Terezinha, meu amor, nunca te esquecerei. Sempre pedirei a Deus por você. Tiraram sua presença de mim, meu amor, mas ninguém vai conseguir tirar nossas recordações. Tidinha vingou-se. Nem ao menos permitiu nossa despedida. Levou-a do hospital durante minha ausência! Quando saí do hospital e fui ao Cantinho, elas já tinham ido embora. As meninas disseram que ela esteve lá sozinha, pegou algumas coisas e saiu. Antes, recebeu uma visita de mulher e foi embora dizendo que elas agora seriam as donas do Cantinho. Mulher desgraçada! Ninguém soube dizer onde estava escondida. É como se tivesse aberto uma fenda no chão e se meteu. Quando vi o jornal sobre a mesa, aberto na pagina social, lá estava o meu retrato e o

de Carlinda anunciando nosso casamento... Foi você a causadora da maior dor de minha vida, minha Linda, mas como culpar você se era apenas uma fotografia? Quando acabei de ler o noticiário, as mulheres caíram sobre mim, mesmo que urubu na carniça. Cedo, elas esqueceram dos presentes que lhes dava... muito cedo fui esquecido... de um momento a outro, passei a ser o pior dos homens, ninguém gostava mais de mim... Cida ainda tentou me consolar, mas as outras impediram. Não me disseram para onde Tidinha a levou. Nem mesmo me vendo chorar, elas tiveram a mínima pena de meu sofrimento. Diziam que sentiam pena era de quem estava sofrendo de verdade. Nos rostos, só havia ódio e desprezo. Lançavam-me culpas que nem mesmo eu sabia ter. Fui o culpado delas perderem a esperança. Repetiam isso em conjunto querendo me levar à loucura. Mesmo quando estava na escada, podia ouvir os gritos: Você destruiu nossa esperança! Merece ir pro inferno! Você acendeu uma luz dentro de nós e, depois, a apagou com um sopro. Quando despertei no hospital, Didi me contou que elas me viram sair como louco, jogando-me na frente de um carro que ia passando. É porque ninguém nem ele mesmo pôde imaginar a dor que estava sentindo naquele momento.

Tila observou o filho levando a mão à cabeça. Ele estava sofrendo muito... Fizeram-lhe muita maldade. Ela também tivera grande parcela de culpa, todavia não se maldizia, pois fizera o mais correto para todos. A vida dele seria bem melhor ao lado de Carlinda, uma moça fina e educada. Gente muito fina... A outra num conheci adereito. Pudia até sê uma boa muié, coitada... ninguém tem culpa de passá pur estas coisa, inda mais se a mardita estivé mutretano... Mai, num ia dá certo. Aderne o principi qui já sabia qui ia acuntecê coisa triste entre ele e Carlinda. Agora já tudo no fim, ninguém pode mais fazê nada. Aquela muié num tá

doida de parecê aqui e estragá a felicidade dos dois... Farta pouco, meu fio... Pru meu gosto, inté qui já tinha acabado de uma vez... Num sê pra qui tanta confusão, tanta gente oiando pra gente! Parece um bando de desocupado.

Tila não podia imaginar o que levou o filho a pressionar as têmporas. Era uma dor aguda, que se arrastava pelo tempo, desde quando saiu do Cantinho e foi atropelado. Lembrava as cenas remanescentes da manhã marcada pela perda de Terezinha. Ouvira zoadas de freios, a dor no peito e, logo depois, o mergulho numa nuvem escura... Novamente sentira-se como uma aranha pendurada pelo próprio fio da vida. Antes tivessem morrido naquele dia, assim já teria acabado com tanto sofrimento! Contudo, teria de se resignar. Assim aprendera no colégio e nos ensinamentos de Tila... Deus sabe o que faz! Tenho de ficar vivo e reparar o mal que causei a tantas pessoas que gostam de mim. Agora só me resta dedicar-me a meu pai, minha mãe, Tila, Carlinda... Será que Tila andou metendo o bedelho e teve a ver com a fuga de Tidinha? Não! Ela nem sabia de nada... só pai. E ele me prometeu não se meter no assunto, a não ser que eu pedisse ajuda. Tila? Não acredito! Se ela soubesse de alguma coisa, seria capaz de tudo para me ajudar, isto é verdade... Meu pai não deve ter dito nada a ela... Apesar de que, durante alguns dias, ela andou saindo muito, como mãe me disse. Por coincidência, no dia em que Tidinha passou no Cantinho, recebeu a visita de uma mulher. Teria sido Tila? Não! Ela não sabia de nada... Quem arrumou tudo foi a peste da Tidinha. Um dia ainda encontro com ela, frente a frente! E vai fazer o quê? Tidinha tem culpa de você ser um covarde, estar sempre na dúvida de qual caminho deverá seguir? É, é isto mesmo. Eu sou um caminheiro sem rumo... Você foi o único culpado! Não teve capacidade nem para descobrir o que Terezinha queria lhe dizer...

Neste estado de transe, conseguia manter os pensamentos afastados dos outros sentidos, vivendo-os em realidade. Assim, mesmo recordando todos os momentos sucedidos ao dia do passeio, na praia com Terezinha, na tentativa de descobrir o que ela queria lhe dizer, ouviu os acordes fortes da Marcha Nupcial de Mendelssohn anunciando a entrada da noiva. As pessoas voltaram-se para a entrada da Igreja.

No cérebro de Zilmário, apareceu a imagem de Carlinda, bem pequena, como se estivesse muito distante. Pouco a pouco sua vista acomodou-se e pôde observar como Carlinda estava bonita, na beleza natural das noivas. Apoiava-se ao braço do pai, demonstrando a todos que tivera quem a protegesse e educasse. A brancura da renda que envolvia o vestido e o longo véu simbolizavam a pureza da alma. Quatro meninas, apresentando nove anos, ajudavam-na a arrastar a cauda; eram as guardiãs da honra a ser transferida à senhora Carlinda, após o encerramento da cerimônia.

Ao contrário do primeiro séquito, este segundo não provocou comentários incomuns. A expectativa em relação à noiva foi perfeitamente atendida. Pai e filha apresentavam-se harmoniosamente equilibrados. À sua passagem, as pessoas espichavam-se, oferecendo-lhes sorrisos. Comentavam os detalhes do vestido; algumas solteironas chegavam às lágrimas.

Lentamente, a passos cadenciados, seguindo o ritmo da melodia, o cortejo se aproximava do altar. Carlinda não sorria. Porém, todos percebiam sua felicidade.

Tila olhava os noivos atentamente, dedilhando o terço. Com ele, a ajuda de Nossa Senhora, de dona Cândida e de sua mãe, a Nega Camila, nenhuma força maligna seria capaz de destruir a felicidade de uma virgem sonhando ser mulher.

Zilmário recebeu a noiva das mãos do Dr. Néelson, sorrindo timidamente. A cabeça continuava a doer. Haveria de descobrir, na memória, um detalhe que esclarecesse a atitude de Terezinha. Que fato poderia ser tão importante para eles dois, além do amor? Por que passou a recusá-lo como amante? Fora propositadamente para levá-lo à aquela loucura que o dominava.

O missionário prolongava-se no discurso de exaltação ao amor. Após ter lido um trecho de uma Carta de São Paulo enaltecendo a caridade, falava da necessidade dos jovens pensarem mais em Deus, como símbolo do amor e de toda beleza do universo. O matrimônio era a salvação para todos aqueles que se viam atraídos pelo mundanismo. A família era uma fortaleza contra a tentação do demônio. Se ela fosse destruída, o mal venceria...

Zilmário perdia-se nas palavras do padre. A dor aumentava, atingia um estágio quase insuportável. Carlinda tomava forma diferente, parecia-lhe estar engordando; o ventre crescia, a ponto de rasgar o delicado vestido. A noiva sumia, em seu lugar aparecia outra mulher, Terezinha... Grávida! Grávida? Meu Deus, ela estava grávida? Era isto que ia me dizer, por isso passou a me evitar? E agora! E agora? Meu Deus, não posso continuar nesta cerimônia, não devo abandoná-la, assim, e ao meu filho! Como fui idiota, como fui egoísta!

– Senhor Zilmário, aceita para sua legítima esposa...

– Sim! Sim! Fui!

Os flashes obrigaram-no a contrair mais ainda as pupilas doloridas. Por alguns momentos, perdeu a visão. Os lábios de Carlinda tocavam os seus, obrigando-o a permanecer ao seu lado, transformando-os em marido e mulher.

– Meu Deus! Meu Deus!

Produção gráfica e editoração eletrônica:

**Couto Coelho**

Tels. (071) 34394-4384 / 9915-5969

E-mail: [coutovsk@yahoo.com.br](mailto:coutovsk@yahoo.com.br)

